

Eva G. Sáenz de Urturi

O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA

O THRILLER REVELAÇÃO

— 300 mil exemplares vendidos —





Ficha Técnica

Título Original
El silencio de la ciudad blanca

© Eva García Sáenz de Urturi, 2016

© La vieja familia SLU, 2016

Publicado originalmente pela Editorial Planeta, S. A., 2016

Extratos da letra da canção Abrazado a la tristeza nas páginas 464 e 480

Autores: Roberto Iniesta, Iñaki Antón, Manuel Muñoz e Adolfo Cabrales

© Extrechinato y tú

1.ª Edição / Julho de 2018
ISBN: 9789892342610

[Uma chancela do grupo LeYa]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

luadepapel@leya.pt

www.luadepapel.pt

Blogue: obloguedepapel.blogspot.pt

Para o meu avô.
Não há razões que cheguem.

O mundo precisa de homens maus. Somos nós que mantemos os outros homens maus à distância.

> ***Rust Cohle, True Detective***

PRÓLOGO

Vitoria, agosto de 2016

As câmaras de televisão perseguiam sem parar o meu grupo de sempre. Precisavam de uma manchete e estavam convencidas de que os meus amigos lha podiam dar. Seguiram-nos por Vitoria inteira desde que saiu a notícia de que o assassino tinha disparado sobre mim: a partir daquele momento não houve descanso para ninguém.

De manhã bem cedo, plantados à porta das suas casas. À tarde, quando se encontravam no Saburdi, na rua Dato, para comerem umas tapas em silêncio. Naqueles dias ninguém tinha vontade de conversar, e a presença obstinada dos jornalistas não ajudava.

– Lamentamos muito o que aconteceu ao inspetor Ayala. Vai à manifestação desta tarde? – perguntou-lhes um jornalista, enquanto lhes esfregava na cara um jornal com a notícia em primeiro plano e a minha imagem a ocupar quase mais espaço do que o título.

O homem grande e moreno que procurava, sem sucesso, ocultar o seu rosto das câmaras era eu, dias antes do disparo.

As minhas amigas baixaram a cabeça, os meus amigos voltaram as costas para a câmara.

– Estamos em estado de choque – acabou por dizer Jota, observando o seu vinho tinto. – A vida não é justa, não é justa.

Talvez tenha pensado que aquilo seria suficiente para que os deixassem em paz, mas naquele momento os jornalistas viram Germán, o meu irmão, impossível de ignorar com o seu metro e vinte de altura, uma características indistigável por ser anão. Germán tentou escapar para a casa de banho. O jornalista, com os olhos a brilhar pensando no exclusivo que ia conseguir, avisou o operador de câmara assim que o reconheceu.

– É o irmão, sigam-no!

O meu irmão voltou-se antes de lhe fechar a porta da casa de banho na cara, gesto que se reproduziu em todos os canais nacionais naquela mesma noite.

– Vão à merda – limitou-se a dizer, nem sequer aborrecido, nem sequer ofendido. Simplesmente esgotado.

Sei que todos os vitorianos estavam consternados por eu ter acabado com um tiro na cabeça, e se tivesse conseguido pensar naqueles momentos, algo que era fisiologicamente impossível, ter-me-ia sentido comovido com tanta emoção.

Um polícia nunca espera desvendar um caso, tornando-se a última vítima do assassino em série que tem vindo a aterrorizar a cidade, mas a vida tem formas muito criativas de brincar connosco.

E... é verdade: eu não acabei bem nesta história. Acabei, como digo, com uma bala no cérebro. Mas talvez deva contar os pormenores daquilo a que inicialmente se chamou “O duplo crime do dólmen”, e acabou por ser uma matança programada ao mais ínfimo pormenor, durante muitos e muitos anos, por uma mente criminosa, com um quociente intelectual muito superior a qualquer um de nós que o tentámos caçar a tempo.

Quando aquele que começa a matar em cadeia é o raio de um génio, apenas podes rezar para não caíres na rifa e seres um dos escolhidos.

A Catedral Velha

Domingo, 24 de julho

Estava a apreciar a melhor tortilha de batata do mundo, com o ovo mal passado e as batatas cozidas mas crocantes, quando recebi o telefonema que mudou a minha vida. Para pior, devo dizer.

Era a véspera do dia de Santiago e, em Vitoria, preparávamo-nos para celebrar o dia de Blusa¹, uma homenagem aos jovens, com que louvávamos as festas que estavam por vir no início de agosto.

O restaurante onde tentava acabar de comer aquela pequena delícia estava tão abarrotado e era tão ruidoso que tive de sair para a rua do Prado, quando reparei que o meu telemóvel vibrava no bolso da camisa, junto ao coração.

– O que se passa, Estíbaliz?

A minha colega não me costumava incomodar nos meus dias de folga, e na verdade o dia e a véspera de Blusa eram demasiado sagrados para uma pessoa pensar em ir trabalhar, com a cidade virada de pernas para o ar.

O barulho das bandas de música e do mar de gente que as seguia, a brincar e a cantar, impediu-me de ouvir à primeira o que Estíbaliz estava a tentar dizer-me.

– Unai, tens de vir à Catedral Velha – pediu-me.

Aquele tom de voz, aquela nuance, entre o desconcertado e o urgente, também não eram habituais numa mulher que vestia as calças melhor do que eu, por assim dizer.

Percebi de imediato que acontecera algo de muito grave. Procurei afastar-me do ruído onnipresente que naquele dia inundava a cidade e dirigi-me inconscientemente ao parque da Florida, procurando deixar para trás os decibéis que me impediam de ouvir e manter uma conversa de maneira minimamente produtiva.

– O que se passou? – perguntei, procurando aclarar as ideias pois não devia ter bebido o último gole daquele vinho Rioja.

– Não vais acreditar, está tudo igual, como há vinte anos.
– De que estás a falar, Esti? Estou um pouco tocado.
– Uns arqueólogos da empresa de restauração da catedral encontraram dois corpos nus na cripta. Um homem e uma mulher, com as mãos apoiadas na cara um do outro. Soa-te familiar, não é verdade? Vem já para aqui, Unai. Isto é sério, isto é muito sério. – E desligou.

“Não pode ser”, pensei.

“Não pode ser.”

Nem sequer me despedi do meu grupo de amigos. Continuariam no restaurante Sagartoki, no meio daquele mar de gente, e era pouco provável que algum deles prestasse atenção ao telemóvel, se lhes ligasse para dizer que o meu dia de Blusa tinha acabado naquele momento.

Encaminhei-me, com as últimas palavras da minha parceira a ecoarem-me na cabeça, até à praça da Virgen Blanca, passei diante da porta da minha casa e continuei para a entrada da Correría, uma das ruas mais antigas da cidade medieval.

Foi uma má escolha. Estava repleta de gente, como qualquer sítio no centro naquele dia. A Malquerida e todos os outros bares que proliferavam a cada porta da parte antiga da cidade estavam a abarrotar de vitorianos, e demorei mais de um quarto de hora até chegar à praça da Burullería, o pátio traseiro da catedral onde combinei encontrar-me com Estíbaliz.

A praça chamava-se assim porque no século xv tinha sido o mercado dos burulleros², os tecelões de panos que tornaram a cidade uma das artérias comerciais de passagem obrigatória no norte da península. Caminhei pelos passeios empedrados, e a estátua de bronze de um preocupado Ken Follett observou-me ao ver-me passar, como se o escritor antecipasse as tramas obscuras que se tinham começado a tecer à nossa volta.

Estíbaliz Ruiz de Gauna, inspetora da Divisão de Investigação Criminal, tal como eu, esperava-me enquanto fazia milhares de telefonemas, nervosa, a andar de um lado para o outro na praça, como uma barata tonta. Com o seu cabelo ruivo pelo queixo, e o seu escasso metro e sessenta, esteve a ponto de não conseguir cumprir os requisitos de admissão à força policial, e Vitoria esteve prestes a perder uma das suas melhores e mais inteligentes investigadoras.

Éramos ambos incrivelmente bons a resolver casos, apesar de não sermos assim tão bons a cumprir as regras. Tínhamos os dois mais de uma advertência por desobediência, por isso tínhamos aprendido a encobrir-nos um ao outro. Em relação a seguir as normas... Estávamos a trabalhar nisso.

Estávamos a trabalhar nisso.

Eu fazia vista grossa a certos vícios que ainda faziam parte da vida de Esti. Ela olhava para o outro lado quando eu não obedecia aos meus superiores e investigava por minha conta.

Tinha-me especializado em Perfis Criminais, de modo que me costumavam chamar quando apareciam criminosos em série: assassinos, violadores... Qualquer escória que reincidisse. Se houvesse mais de três crimes num curto espaço de tempo, então era para mim.

Estíbaliz focara-se nas vítimas, os grandes esquecidos. Por que razão aquela pessoa em concreto e não outra?

Manejava com mais à vontade do que qualquer outra pessoa as bases de dados do SICAR, que reunia pegadas de sapatos e marcas de pneus de todos os veículos possíveis e imagináveis, ou a SoleMate, um compêndio com todas as marcas e modelos de sapatos e de ténis de fabrico internacional.

Assim que deu pela minha presença, esqueceu o telemóvel e olhou para mim com ar de enterro.

– O que há ali dentro? – perguntei.

– É melhor veres com os teus próprios olhos – murmurou, como se o céu nos pudesse ouvir, ou talvez quem sabe o inferno. – O comissário Medina em pessoa chamou-me. Querem um especialista a traçar perfis como tu, mas também me requereram para me centrar na vítima do caso. Já vais perceber. Quero que me digas qual é a tua primeira impressão. Os técnicos da Polícia Científica já chegaram, bem como a equipa forense e o juiz. Vamos entrar pelo acesso da Cuchi.

A Cuchillería era outra das ruas antigas, onde os grémios se agrupavam na Idade Média. Em Vitoria tínhamos uma lembrança perene dos ofícios dos nossos tetravôs: a Herrería, a Zapatería, a Correría, a Pintorería³... O traçado original da Amêndoa Medieval permaneceu intacto, apesar do passar dos séculos.

Não deixava de ser curioso que se pudesse aceder a uma catedral a partir do que, à primeira vista, parecia ser a porta de entrada de uma casa normal.

Tínhamos já dois agentes a guardar a entrada, uma porta grossa de madeira no número 95. Cumprimentaram-nos e deixaram-nos passar.

– Já interroguei os dois arqueólogos que os encontraram – informou-me a minha colega. – Tinham vindo hoje para adiantar trabalho, pois pelos vistos estão a ser pressionados pela Fundação da Catedral Santa Maria para terminarem a zona das criptas e do fosso ainda este ano. Deixaram-nos as chaves. A fechadura está intacta, como podes ver. Não foi forçada.

– Dizes que vieram trabalhar na véspera do dia de Santiago à tarde? Isso não é um pouco... estranho para um vitoriano?

– Não reparei em nada estranho nas suas reações, Unai. – Abanou a cabeça. – Estavam chocados e espantados. Esse tipo de horror não se finge.

“Está bem”, pensei. Confiava tanto nas impressões de Estíbaliz como a roda traseira de uma bicicleta se fia na dianteira. Assim funcionávamos, assim pedalávamos.

Atravessámos o portal restaurado e a minha colega fechou a porta atrás de nós. O barulho da festa terminou finalmente.

Até ao momento, a notícia da descoberta dos dois cadáveres ecoava-me na cabeça sem chegar a entrar completamente, pois era demasiado oposta à atmosfera alegre e despreocupada que me cercava. Assim que a porta se fechou, no silêncio do claustro, com os focos das obras a iluminar tenuemente as escadas de madeira que davam acesso às criptas, tudo me pareceu mais real. Mas não desejável.

– Põe o capacete. – Estíbaliz passou-me um dos capacetes brancos com o logótipo da Fundação que obrigam todos os turistas que visitam a catedral a usar. – Com a tua altura, de certeza que vais bater com a cabeça.

– Dispensso. – Ignorei-a, ocupado a observar tudo à minha volta.

– É obrigatório – insistiu, estendendo-me de novo o objeto branco e roçando no canto da minha mão com os dedos.

Era um jogo a que jogávamos com uma única regra muito clara: “Só vamos até aqui.” Na verdade, havia outras, complementares: “Não perguntes. Só até aqui.” Eu considerava que dois anos sem qualquer avanço era um status quo, uma maneira já estabelecida de nos tratarmos, e eu e Estíbaliz dávamo-nos muito bem. Também ajudava que ela estivesse mergulhada nos preparativos para o seu casamento e que eu tivesse enviuvado há... bem, isso agora não importa.

– Fraca – murmurei, e peguei no capacete de plástico.

Subimos as escadas curvas e deixámos para trás as maquetes da aldeia de Gasteiz, sob a qual se ergueu depois a cidade. Estíbaliz teve de parar de novo para procurar a chave certa que nos daria acesso ao recinto interior da Catedral Velha, um dos nossos símbolos. Restaurada e remendada mais vezes do que a minha bicicleta de infância, fomos recebidos por um sinal fechado para obras do lado direito.

Conhecia todos os emblemas da minha terra, tinha-os memorizado no lóbulo temporal desde que o duplo crime do dólmen abalou toda uma geração de vitorianos vinte anos e quatro meses antes do presente.

O dólmen Chabola de la Hechicera, o local arqueológico celta de La Hoya, as Salinas romanas de Añana, a Muralha Medieval... Foram estes os locais escolhidos por um assassino em série para colocar Vitoria e a província de Álava no mapa mundial das notícias de abertura dos telejornais. Até rotas turísticas

tinham sido criadas na altura, pois a encenação no local do crime recriada pelo assassino era demasiado mórbida e macabra.

Eu já devia ter perto de vinte anos quando aquilo aconteceu, e fiquei de tal modo obcecado que foi isso que me fez entrar para a Polícia.

Seguia a investigação diariamente com uma ansiedade que só se pode compreender quando se é um pós-adolescente monotemático, analisando os poucos dados que eram revelados no El Diario Alavés, e pensava: “Eu posso fazer melhor. Estão a ser lerdos, estão a ignorar o mais importante: a motivação, o porquê.” Sim, com quase vinte anos achava que era mais esperto do que a Polícia. Como tudo aquilo me parece ingénuo agora.

De seguida, a verdade atingiu-me na cara como um murro que me deixou KO, completamente aturdido, tal como ao resto do país. Ninguém esperava que Tasio Ortiz de Zárate fosse o culpado. Ter-me-ia sido indiferente se fosse qualquer outra pessoa: o meu vizinho, uma freira franciscana, o padeiro, o próprio presidente da Câmara... Ter-me-ia sido indiferente.

Mas não ele, o nosso herói local, mais do que um ídolo: um modelo. Mediático arqueólogo, apresentador de um programa de televisão com recordes de audiência, autor de livros de história e mistério que esgotavam edições em apenas semanas, Tasio era o homem mais carismático e encantador que Vitoria vira nascer nas últimas décadas. Inteligente, muito atraente, segundo a opinião unânime de qualquer mulher e, além disso, em duplicado.

Sim, em duplicado.

Tínhamos dois para escolher. Tasio tinha um gémeo verdadeiro, idêntico até na maneira de cortar as unhas. Era impossível distinguir um do outro. Otimista como ele, de boas famílias, alegre, bon vivant, educado, com bons modos... Com apenas vinte e cinco anos tinham Vitoria a seus pés e um futuro que se adivinhava brilhante: estelar, estratosférico.

Ignacio, o seu gémeo, enveredou pelo caminho da lei: tornou-se polícia nos anos duros, é a pessoa mais íntegra que já tivemos no corpo. Ninguém esperava que a história entre eles acabasse como acabou. Tudo, e digo “tudo”, foi demasiado sórdido e cruel.

Que um irmão encontre provas irrefutáveis de que o seu gémeo é o assassino em série mais procurado e estudado da democracia, que ele próprio tenha de dar a ordem de prisão quando, até à data, eram inseparáveis como siameses... Ignacio converteu-se no homem do ano, num herói a respeitar, que teve a coragem de dar a cara e fazer o que poucos fariam: entregar o seu próprio sangue a uma vida atrás das grades.

O que me conduzia a uma questão inquietante: tanto El Diario Alavés como El Correo Vitoriano, os nossos dois jornais locais e rivais até à morte, não

paravam de nos lembrar naqueles dias que Tasio Ortiz de Zárate saíria dentro de duas semanas, graças à sua primeira licença de saída especial da prisão, ao fim de vinte anos preso. E agora, precisamente agora, a cidade com o índice de criminalidade mais baixo da zona norte somou dois cadáveres ao macabro marcador das estatísticas?

Abanei a cabeça, como se aquele gesto fosse afastar os meus fantasmas. Obriguei-me a deixar as conclusões para mais tarde e a focar-me no que tínhamos diante de nós.

Entrámos na cripta recém-restaurada e, efetivamente, tive de baixar a cabeça devido à pouca altura dos tetos. O espaço ainda cheirava a madeira recém-cortada. Pisei com apreensão as pedras cinzentas, polidas, retangulares, perfeitas, que só podiam ser obra de uma máquina do século XXI. Pareciam novas e dava pena sujá-las. Duas colunas grossas à nossa frente aguentavam o melhor que podiam o passar dos séculos, os verdadeiros alicerces daquela antiga catedral que se dobrava.

Ao ver os dois corpos inertes ali estendidos, senti o estômago às voltas. Mas controlei-me.

Controlei-me.

Os técnicos, vestidos com os seus macacões brancos e sapatos próprios, analisavam o local do crime há já algum tempo. Tinham colocado vários focos para terem mais visibilidade na cripta escura e parecia que já tinham acabado de tirar fotografias, porque vi vários sinalizadores postos no chão. Estíbaliz pediu um croqui do local do crime e, depois de o estudar com muita atenção, passou-mo.

– Diz-me que não têm vinte anos, Estíbaliz – pedi em voz alta.

“Qualquer outra idade, mas vinte não.”

O número de vítimas do anterior assassino em série parou há quinze anos: quatro casais, homens e mulheres, nus, cada um deles a apoiar carinhosamente a palma da mão na face do outro, num gesto incongruente cheio de ternura que ninguém conseguira explicar até à data, visto que se comprovou que as vítimas não se conheciam em nenhum dos casos. Todos eles tinham apelidos compostos de Álava: López de Armentia, Fernández de Retana, Ruiz de Arcaute, García de Vicuña, Martínez de Guereñu...

No dólmen de Chabola de la Hechicera, perto do município da província de Álava, Elvillar, apareceram os corpos sem vida dos recém-nascidos. Pouco tempo depois, no local arqueológico celta de La Hoya em Laguardia, um menino e uma menina de cinco anos. As mãos a consolarem o outro, o olhar perdido no céu.

No Valle Salado de Añana, próspera exploração de sal desde os tempos dos

Romanos, encontraram os cadáveres de um menino e uma menina de dez anos. Mas quando os crimes chegaram a Vitoria e se encontrou um jovem e uma jovem de quinze anos junto à entrada da Muralha Medieval, a paranoia era tal que nós, os jovens de vinte anos, ficávamos em casa a jogar às cartas com os nossos avós. Ninguém se atrevia a passear por Vitoria se não fosse em grupo. Era como se a idade das vítimas avançasse em paralelo com a cronologia da História da nossa terra. Tudo muito arqueológico, tudo muito Tasio.

Depois apanharam-no. O inspetor Ignacio Ortiz de Zárate ordenou que prendessem Tasio Ortiz de Zárate, o arqueólogo mais famoso e querido do país. Julgaram-no, declararam-no culpado de oito assassinios premeditados e prenderam-no.

A colheita de crianças vitorianas parou.

A voz da minha colega trouxe-me de novo para o presente. A médica forense, a doutora Guevara, uma mulher magra de cinquenta anos, com as maçãs do rosto lisas e vermelhas, falava em voz baixa com o juiz Olano, um homem mais velho de ombros largos, tronco grosso e pernas curtas, que ouvia com um pé posicionado em direção à porta, como se quisesse sair dali a correr. Preferimos não nos aproximar de imediato, não pareciam querer ser interrompidos.

– Ainda não os conseguimos identificar – disse-me Estíbaliz, baixando a voz –, estamos a cruzar os dados com denúncias de desaparecimentos. Mas ambos, tanto o rapaz como a rapariga, pareciam ter vinte anos. Estás a pensar no mesmo que eu, não é verdade, Kraken?

Às vezes chamava-me pela minha alcunha de adolescente, era uma daquelas confianças que tinham chegado com o tempo.

– É impossível que tenha acontecido o que estou a pensar – sussurrei, enquanto cerrava os dentes.

– Mas está a acontecer.

– Ainda não sabemos – interrompi-a, obcecado.

Ela ficou em silêncio.

– Ainda não sabemos – repeti, talvez para me convencer. – Vamos focar-nos no que temos à nossa frente. Depois, no meu gabinete, e com a cabeça fria, trocamos impressões sobre as nossas conclusões, se achares bem.

– De acordo. O que vês?

Aproximei-me do corpo das vítimas, ajoelhei-me diante deles e recitei o meu mantra em voz baixa:

“Aqui acaba a tua caça, aqui começa a minha.”

– Três eguzkilores, as flores do sol – disse, por fim. – Colocados entre as suas cabeças e de ambos os lados dos pés. Não percebo o seu significado neste quadro.

O eguzkiloire era um antigo símbolo de proteção na cultura basca que se colocava nas portas das casas para impedir a entrada de bruxas e outros demónios. Mas, neste caso, claramente não os tinha protegido.

– Não, eu também não percebo o que querem dizer – concordou Estíbaliz, agachando-se ao meu lado. – Vou continuar com as vítimas: mulher e homem de raça branca, ambos entre os vinte e vinte e muitos anos. Deitados de barriga para cima, numa posição de decúbito dorsal, e nus no chão da catedral. Não apresentam cortes, nem feridas, nem sinais de violência. Mas... olha: têm ambos um pequeno orifício de entrada na parte lateral do pescoço. Uma picada. Injetaram-lhes alguma coisa.

– Temos de esperar pelos relatórios da toxicologia – disse. – Terão de enviar amostras para serem analisadas no Serviço de Laboratório Forense de Bilbao, para verem se encontram drogas ou psicofármacos. Mais alguma coisa?

– Uma das mãos de cada um dos indivíduos está pousada na face do outro. A equipa forense estabelecerá a data da morte, mas ainda não apresentam rigor mortis, por isso assumo que tenham morrido há poucas horas – acrescentou. – Vou pedir aos técnicos que preservem as mãos em sacos de papel, não me parece que se tenham defendido, mas nunca se sabe.

– Aproxima-te – indiquei-lhe com um gesto. – Acho que cheiram a... gasolina. É bastante subtil, mas diria que cheiram a gasolina ou a petróleo.

– Tens mesmo um olfato apurado. Eu não tinha reparado – assentiu ela, depois de cheirar os seus rostos.

– Ainda temos de averiguar a causa da morte. Achas que desta vez também foram envenenados, como nos crimes anteriores? Talvez os tenham obrigado a ingerir gasolina?

La responder, depois de me aproximar do rosto da jovem. O rictus da dor tinha ficado congelado. Morreu a sofrer, tal como ele. Observei o cabelo da jovem. Fora cortado recentemente dos lados e a poupa ainda se aguentava de pé, graças ao gel de cabeleireiro caro. Parecia que cuidava bem de si. A jovem também fora bonita, atraente. Tinha as sobrancelhas arranjadas, poucas imperfeições no rosto, não apresentava marcas de acne, parecia fazer parte daquelas gerações que cresceram a usar amaciador para o cabelo e tratamentos cosméticos.

“Jovens betos”, pensei. Como da outra vez. Mas então apercebi-me do nosso erro.

– Estíbaliz – parei-a –, temos de reiniciar e começar tudo de novo. Não estamos a analisar o local, começámos ambos de imediato a comparar com os outros crimes. Já chegaremos lá, mas primeiro vamos tratá-lo como se fosse o único, depois faremos as comparações.

– Mas penso que é precisamente isso que procura o assassino. A encenação é

idêntica à dos outros crimes. Se me perguntares pelas vítimas, Kraken, dir-te-ia que segue a série de há vinte anos.

– Sim, mas há diferenças. Não acho que tenham morrido envenenados. Apesar de a imprensa nunca ter chegado a divulgar que tipo de veneno foi. Também não acho que tenha sido por ingestão de gasolina. O cheiro seria muito mais forte, teria sido necessária uma quantidade muito maior, além das queimaduras químicas de que nem sequer há rasto. É como se só tivessem estado em contacto com uma ou duas gotas.

Aproximei-me do rosto do jovem. Tinha uma expressão estranha, a boca fechada com os lábios levemente apertados para dentro, como se os estivesse a morder.

Vi então alguma coisa, e aproximei-me também da rapariga.

– Taparam a boca de ambos com fita adesiva e depois arrancaram-na de uma só vez. Olha.

Na verdade, a marca retangular da fita adesiva com que lhes tinham tapado os lábios deixara a pele um pouco mais pigmentada devido à fricção.

Naquele momento, rodeados pelas pedras da igreja, que nos acolhiam horrorizadas, pareceu-me ouvir algo.

Um zumbido, um som leve mas incómodo.

Fiz um gesto a Estíbaliz para que permanecesse em silêncio e aproximei o ouvido do rosto do jovem, apenas um centímetro. O que raio seria aquele ruído? Fechei os olhos e concentrei-me unicamente naquele som, na anomalia, em localizar a origem, onde o levíssimo zumbido era mais intenso. Quase rocei com a ponta do nariz na vítima, de seguida desci pelo músculo orbicular e cheguei aos lábios.

– Tens uma caneta?

Ela tirou uma do bolso de trás das calças e passou-ma, com uma expressão inquisidora.

Com a ponta da caneta abri a comissura dos lábios e, de repente, saiu uma abelha furiosa e caí de costas.

– Bolas, uma abelha! – disse, já no chão.

Todos os presentes se viraram para nós, os técnicos lançaram-me um olhar de reprovação por ter caído tão próximo do centro do local do crime.

Estíbaliz reagiu bastante rapidamente e tentou apanhá-la, mas o inseto saiu a voar por cima das nossas cabeças e deixou de estar ao nosso alcance numa questão de segundos, afastando-se em direção às ruínas cobertas da antiga aldeia de Gasteiz.

– Devíamos apanhá-la – disse a minha parceira, procurando-a com o olhar. – Pode ser determinante para a investigação, se for a arma do crime.

– Apanhá-la, numa igreja com noventa e seis metros desde a abóbada até à porta? Não faças essa cara – justifiquei-me, ao ver como olhava para mim –, de cada vez que vem um amigo de fora de Vitoria trago-o às visitas guiadas à catedral.

Estíbaliz suspirou e voltou a aproximar-se dos corpos.

– Muito bem, esqueçamos a abelha por agora. Diz-me, vês motivo sexual? – perguntou-me.

– Não – aproximei-me –, à primeira vista a vagina da rapariga parece intacta, mas vamos perguntar à médica forense, acho que já acabou de falar com o juiz.

– Meritíssimo... – disse Estíbaliz, apanhando o cabelo que se tinha soltado do seu rabo de cavalo.

– Boa-tarde, se é que se pode dizer tal coisa – respondeu o juiz Olano. – O meu secretário vai deixar-vos a ata da inspeção ocular para assinarem. Pela minha parte, já tive que chegue para um dia festivo como o de hoje.

– Nem me diga nada – murmurei.

O juiz desapareceu rapidamente da cripta e deixou-nos com a médica forense.

– Encontraram restos biológicos, doutora? – perguntei.

– Examinámos tanto os corpos como o local com o CrimeScope – disse, apontando para o aparelho de luz forense. – Não há qualquer vestígio de sangue. Também procurámos sémen com a lâmpada de Wood, mas não me parece que haja. De qualquer maneira, temos de aguardar pelos resultados da autópsia, serão mais precisos. Receio que isto vá ser muito complicado. Precisam de mais alguma coisa, inspetores?

– Não, doutora. De momento não – despediu-se Estíbaliz, com um sorriso. Assim que a médica forense desapareceu, virou-se para mim. – Então, Unai, o que me dizes de toda esta encenação criada pelo assassino?

– Digo que estão nus, é verdade, e que há um claro teor sexual em tudo isto, ao deitá-los como se fossem um casal, e ao pôr as suas mãos naquele gesto tão particular, apesar de achar que isso aconteceu post mortem, quando o assassino os trouxe para aqui e dispôs os corpos para...

Tirei o telemóvel do bolso e abri uma aplicação que fazia as vezes de uma bússola. Agachei-me e demorei algum tempo até ter a certeza.

– Estão orientados para o local onde nasce o Sol no solstício de inverno – informei-a.

– Traduz-me, porque eu não sou uma alma selvagem que se funde com a Mãe Terra aos fins de semana como tu.

– Não me fundo com nenhuma força telúrica aos fins de semana, simplesmente vou à aldeia ajudar o meu avô no campo. Se tivesses um avô com noventa e quatro anos empenhado em não se reformar, tenho a certeza de que

farias o mesmo. E respondendo à tua pergunta, os corpos estão orientados para noroeste.

“Como o primeiro duplo crime no dólmen”, pensei, preocupado.

Essa informação, sim, saiu nas notícias.

Mas não disse nada.

Não me queria contradizer nem que Estíbaliz se apercebesse de que, apesar das minhas tentativas para afastar esse caso da cabeça, continuava a compará-lo com os nossos terrores de adolescentes. Provavelmente, tal como ela.

A verdade é que alguma coisa me fazia tremer por dentro. Não conseguia deixar de pensar que estava a respirar o mesmo oxigénio que o assassino. Que poucas horas antes, uma besta com um transtorno psicopático por tratar ocupara o mesmo lugar que eu, naquele local, e observei o ar encapsulado da catedral, como se tivesse deixado vestígios visíveis no nada. Conhecia os seus movimentos, conseguia vê-los a passar em imagens rápidas na minha cabeça. O que teve de fazer para transportar os corpos, como os colocou na cripta, sem deixar quaisquer vestígios. Sabia que era meticoloso e que já o tinha feito antes.

Aquele crime não era o primeiro.

Faltava-me apenas ver o seu rosto, porque me negava a acreditar que a solução fosse tão simples e ao mesmo tempo tão impossível para a ter ali mesmo à minha frente: um enigma resolvido ainda antes de ter acabado de pronunciar o enunciado.

Estíbaliz observava-me, esperando que eu regressasse das viagens mentais onde por vezes me perdia. Conhecia-me bem, respeitava os meus silêncios, os meus rituais.

Levantei-me por fim, olhámos um para o outro e soube que estávamos dez anos mais velhos do que o par de investigadores que entrara, meia hora antes, naquele templo.

– Muito bem, Unai, o que te diz o teu cérebro de especialista em perfis?

– Quem fez isto tem o perfil de um assassino organizado. Não foi uma agressão espontânea, podia apostar que não conhecia as vítimas, para ele são meras coisas. Além disso, há um controlo total e absoluto do cenário. Mas o que mais me inquieta, Estíbaliz, é esta ausência desconcertante de vestígios ou qualquer marca. Encaixa no perfil, o assassino tem uma consciência forense quase profissional, e isso é muito preocupante.

– E que mais? – insistiu ela, pois sabia que eu ainda não terminara, que estava a pensar em voz alta à frente dela. Costumávamos fazê-lo, pois assim os pensamentos fluíam melhor.

– As vítimas têm os olhos abertos, por isso não há arrependimento nem pena por parte do assassino. É um sinal muito próprio de um psicopata – continuei.

– Não viste nenhum sinal misto?

– Não, não tem um único rasgo de assassino desorganizado. Sabes como isso é pouco comum? Os desorganizados costumam deixar atrás deles um local do crime marcado por uma violência explosiva. Costuma haver ataques no rosto, caras desfiguradas e golpes com armas que estejam à mão, como paus ou pedras. Isto é diferente. Esta pessoa não é psicótica, parece um psicopata ou sociopata: minucioso e planificador, não tem problemas mentais, por isso felizmente é totalmente imputável. O que me deixa de pé atrás é o tipo de arma que usou, se é que foi essa: abelhas? É uma arma fetiche.

– Objetos que normalmente não são armas, mas que para ele têm um significado especial – pensou Esti em voz alta.

– Receio bem que sim – confirmei. – É preciso descobrir que veneno usou o assassino há vinte anos, temos de pedir os relatórios dessa altura assim que chegarmos à esquadra. De qualquer forma, se aceitarmos que este assassinio é uma continuação da série de quatro crimes de 1996, estamos a falar de um período de pausa de duas décadas. Quando falamos de assassinos em série organizados, quanto mais longo for o período de pausa, mais calma é a personalidade do psicopata, mas estatisticamente costumam ser semanas ou meses. Fazes ideia do que enfrentamos, se estivermos perante um indivíduo que conseguiu estar parado durante vinte anos?

– Então diz-me tu, Unai. Mas diz em voz alta. Porque Vitoria inteira vai fazer essa pergunta assim que isto se transformar no assunto quente nacional dentro de algumas horas e temos de estar preparados para dar uma resposta quando a imprensa nos cair em cima.

Suspirei.

– Tens razão. Farei as perguntas adequadas, mas vamos ver se as consigo formular.

– Continua.

E naquele momento uma ideia pousou no meu ombro esquerdo, como uma borboleta negra. Era uma certeza, soube: se tivesse uma bola de cristal, um instrumento para ver o futuro, se tivesse sabido que me ia calhar a mim resolver aquele caso, nunca me teria tornado investigador de homicídios.

Claro como a água.

Teria ficado em Villaverde, a semear trigo com o meu avô.

Porque não queria enfrentar aquilo. Aquilo não. Para qualquer outro caso... estava mentalizado, tinha-me preparado durante anos e correria tudo bem até agora. Boas estatísticas, casos solucionados num prazo razoável, felicitações e palmadas nas costas por parte dos superiores. Mas não aquele, não com Tasio Ortiz de Zárate pelo meio.

Mas tinha de o verbalizar, tornar real, para deixar de ser um zumbindo incômodo nas nossas cabeças.

“Muito bem”, rendi-me. “Vou dizê-lo.”

– Como é possível que o Tasio tenha continuado com os seus assassínios, vinte anos depois e de forma idêntica, se neste preciso momento está preso na penitenciária de Zaballa? Pode uma pessoa, por mais demoníaca que seja, estar em dois sítios ao mesmo tempo?

- [1.](#) O dia de Blusa é uma festividade que se celebra na cidade basca de Vitoria, a 25 de julho. Nesse dia, os Blusas, os jovens da cidade, vestidos com o traje tradicional, participam na homenagem aos mortos no cemitério de Vitoria. (N. da T.)
- [2.](#) Antiga palavra espanhola medieval que significa tecelão de panos. (N. da T.)
- [3.](#) Nomes de ruas da cidade de Vitoria que significam Ferraria, Sapataria, Correaria e Tinturaria. (N. da T.)

Os Arquillos

Dia de Santiago. Segunda-feira, 25 de julho

A estranha simetria dos acontecimentos fascinava-me. Vítimas pares, com idades acabadas em zero ou cinco... Um assassino e um polícia idênticos... Que os crimes tivessem parado quando Tasio entrou na prisão, que os crimes se reiniciassem quando estava prestes a sair...

Fascinava-me e tirava-me o sono, devo confessar.

Levantei-me da cama às seis da manhã, incapaz de dormir mais. Em parte, porque as pessoas continuavam a celebrar o dia de Blusa mesmo debaixo da minha varanda de madeira, na praça da Virgen Blanca, como se não houvesse amanhã. Em parte, porque esse dia se adivinhava complicado: lidar com a imprensa, ouvir as diretrizes do comissário Medina... Ia ser um longo dia com muita burocracia, precisava de apanhar ar para me preparar para o que estava por vir.

Calcei uns ténis de corrida e saí escada abaixo, em passo rápido até à porta da entrada que me separava do coração de Vitoria. Dois anos antes tinha conseguido uma boa renda por um apartamento mesmo no centro. Uma amiga que trabalhava na Perales, a imobiliária de referência da cidade, devia-me um favor depois de eu ter apressado o processo para conseguir uma ordem de restrição com caráter de urgência contra um ex-namorado. Ele, diga-se de passagem, era uma grandessíssima besta.

Begoña estava-me mais do que agradecida, e sabia que eu procurava casa depois do que aconteceu a Paula e aos meus filhos, por isso ofereceu-me aquela pechincha antes de pendurar o cartaz na montra do escritório. Uma casa totalmente remodelada com um quarto. Vizinhos idosos, encantadores mas surdos que nem uma porta. As melhores vistas que um terceiro andar pode ter, se bem que sem elevador. Só para mim, sem espaço para partilhar com mais ninguém, ou seja: perfeito.

Saí de repente para a rua, cruzando-me com magotes de gente que regressava às suas casas, quase em procissão. As conversas diminuía, os passos pesavam, um ou outro andava aos esses na rua da Zapatería com a chave na mão.

Desviei-me da multidão e procurei as ruas mais calmas. Desci pela praça até à rua da Diputación, continuei pela Siervas de Jesús, dei a volta a toda a Amêndoa Medieval até que voltei a descer de novo a encosta de San Francisco, meia hora depois, mais fresco e com as ideias mais claras, e meti-me pelos Arquillos... e ali estava ela, a corredora misteriosa com quem me andava a cruzar todas as madrugadas na última semana. A única pessoa suficientemente louca ou motivada para correr às seis da manhã como eu.

Nunca ia por becos estreitos, afastava-se das sombras, corria sempre no meio das ruas, parecia unir-se aos candeeiros e levava um apito bem visível pendurado ao pescoço. Uma pessoa precavida. Mais do que isso, demasiado consciente dos perigos. Ou já a tinham atacado antes, ou temia um ataque. E, ainda assim, ia correr e ver o nascer do Sol quase todos os dias da semana.

Abrandei a marcha quando alcancei o troço final das arcadas cobertas pelos arcos, não queria que pensasse que a estava a seguir. Não queria assustá-la, não era um perseguidor, se bem que aquela jovem, que ia sempre penteada com uma longa trança castanha e com um boné incongruente, me intrigava mais do que queria admitir. Distraí-me a observar um cartaz gigantesco que estava colado na parede, a anunciar um musical da Moby Dick no Teatro Principal.

“Tratem-me por Ismael”, pensei, lembrando-me das primeiras linhas do romance. “Há uns anos, não interessa quando, achando-me com pouco ou nenhum dinheiro na carteira, e sem qualquer interesse particular que me prendesse à terra firme, apeteceu-me voltar a navegar e tornar a ver o mundo das águas. É uma maneira que eu tenho de afugentar o tédio e de normalizar a circulação”.⁴

Foi ela quem, para minha surpresa, quebrou o gelo e me fez regressar ao presente. Quando parou na esplanada em frente à entrada da igreja de San Miguel, deteve-se junto à estátua de bronze de Celedón e apoiou a perna na grade para começar a alongar.

Passei diante dela, fingindo ignorar a sua presença por pura educação, mas ela levantou a cabeça.

– Não saiu para celebrar num dia como o de hoje? – Riu-se, com uma energia pura que me alcançou e me fez parar. – Ou não é um blusa ou gosta demasiado de correr.

“Se soubesse”, mas calei-me.

– Receio que nem uma coisa nem outra – respondi, sem revelar demasiado. – Ou talvez ambas.

Nunca a tinha visto de frente, com atenção. O seu rosto estreito, a expressão amistosa, uma cor de olhos impossível de adivinhar à luz escassa dos candeeiros. Bastante alta, muito branca de pele. Agradável, desejável. Tudo ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo, distante.

– E qual é a sua história? – perguntei sem me aproximar. – Gosta de funcionar ao contrário do resto do mundo?

– Ou talvez seja o único momento ao longo de todo o dia que posso dedicar a mim própria.

“Ou tem responsabilidades familiares ou um trabalho stressante. Possivelmente trabalha de manhã e à tarde. Muitas horas extra, um cargo de responsabilidade”, deduzi, mas guardei as conclusões para mim.

– Fico feliz por não ser uma espécie em vias de extinção – respondi.

Sorriu e aproximou-se para se apresentar.

– Chamo-me... Blanca.

Houve uma hesitação de um ou dois segundos, e um olhar fugaz para a estátua da Virgem Blanca que tínhamos à nossa frente. Demasiado tempo para decidir qual era o seu próprio nome.

“Porque me mentes?”

– E tu? – perguntou.

Tratem-me por Ismael.

– Ismael.

– Ismael... muito bem. Prazer em conhecê-lo, Ismael. Se continuar tão ocupado para se levantar e vir correr a estas horas, imagino que nos veremos por aí – disse Blanca, antes de voltar a apressar o passo e desaparecer escadas abaixo.

Fiquei ao pé do Celedón, vi-a passar à frente da porta da minha casa e virar em direção ao parque da Florida.

Duas horas mais tarde pedalava até ao meu trabalho no bairro de Lakua, onde tinham construído a nova esquadra da Polícia, num imponente edifício de cimento. Fechei o cadeado da bicicleta numa das barras do parque de estacionamento e respirei fundo antes de entrar.

O que me reservaria o dia, com que pensamento iria dormir naquela noite?

“Concentra-te no que encontras hoje, vai correr tudo bem”, procurei animar-me a mim próprio, sem acreditar numa única palavra.

Subi as escadas e entrei no segundo andar. Diante do computador, comecei a reunir os dados todos e a ordenar as ideias. Foi o comissário Medina, um homem com sobranceiras escuras espessas e barba branca e grossa – por vezes duro, por vezes compreensivo – quem bateu à porta com dois golpes secos e irrompeu com um semblante sério.

– Bom-dia, inspetor Ayala. Leu os jornais de hoje?
– Ainda não tive oportunidade, senhor. A guerra já começou?
– Temo que sim. – Suspirou, passando-me um exemplar do El Diario Alavés.
– Alguém deu com a língua nos dentes em relação aos cadáveres encontrados na Catedral Velha e ontem à noite fizeram uma edição especial.

– Uma edição em papel à noite? – repeti, espantado. – Já não se publicam edições extra em papel. Pelo que sei, hoje em dia tudo o que não se publica na edição matutina atualiza-se na versão online do jornal.

– Pois é precisamente isso que nos dá uma ideia da cobertura que o El Diario Alavés vai dar a este caso. Por outro lado, não é de espantar.

Ninguém falava de outra coisa nas ruas de Vitoria desde a meia-noite. Já me tinham ligado dezenas de rádios e várias estações de televisão nacional. Todos queriam saber, todos queriam mais pormenores.

– Venha ao meu gabinete. A inspetora Gauna espera-nos. Hoje a subcomissária Díaz de Salvatierra começa a trabalhar connosco, e ela será a responsável por esta investigação, a quem terá de prestar contas. Claro que esperávamos que o seu primeiro dia fosse mais calmo, mas a atualidade manda, como dizem os jornalistas. Venha comigo, por favor.

Assenti, enquanto lia de relance a manchete do jornal: “Dois jovens encontrados mortos na Catedral Velha”.

Suspirei, aliviado. O título era bastante descritivo e o tom surpreendentemente neutro, longe da batalha de manchetes em que se tinha enredado no passado com o seu eterno rival, El Correo Vitoriano.

Entrei no gabinete com paredes forradas a madeira, um pouco expectante, admito. As novas nomeações eram sempre um segredo de Estado, e era inútil tentar descobrir algo mais de antemão. Os superiores guardavam segredo, e ninguém conhecia os cargos que lhes estavam reservados; normalmente vinham designados de outras esquadras. Estíbaliz esperava-me, vestida com a sua farda e sentada na gigantesca mesa de reuniões. Olhei para a nova subcomissária e durante alguns segundos não soube como reagir.

– Subcomissária Alba Díaz de Salvatierra, apresento-lhe o inspetor Unai López de Ayala.

Diante de mim, estendendo-me a mão, encontrava-se uma mulher elegante, vestida com fato e casaco, que me sorria, fingindo que era a primeira vez que me via, apesar de ambos sabermos que não era verdade. Porque era a mesma mulher que tinha conhecido naquela manhã com o nome de Blanca.

– Subcomissária... – respondi, no tom mais neutro que consegui. – Bem-vinda

a Vitoria. Espero que goste de trabalhar connosco.

Ela olhou-me fixamente meia décima de segundo mais do que o esperado, escudou-se num sorriso de cortesia e apertou-me a mão pela segunda vez em menos de cinco horas.

– É um prazer conhecê-lo, inspetor Ayala. Receio que tenhamos de improvisar a nossa primeira reunião agora mesmo.

– Inspetora Gauna – interrompeu o comissário Medina –, já tem o relatório dos técnicos que analisaram o local do crime?

– Sim – disse Estíbaliz, levantando-se e distribuindo três cópias pelos presentes. – Resumindo: o assassino ou assassinos não deixaram uma única impressão digital, nem parciais, nem palmares, apesar de terem tentado encontrar vestígios lofoscópicos com todos os reveladores de que se lembraram, dada a superfície escura e porosa das pedras da cripta, desde cerusa a ninidrina. Também não há qualquer vestígio de pegadas. Os corpos estavam mortos apenas há duas horas quando foram depositados na cripta da catedral. Não há sinais de abusos sexuais nem de resistência por parte das vítimas. O que podemos já adiantar, enquanto não temos o resultado das autópsias que se realizarão durante o dia de hoje, é que a causa provável de morte foi a asfixia provocada por várias picadas de abelhas na garganta das vítimas.

– Abelhas? – repetiu a subcomissária. – E como chegaram a essa conclusão?

– O inspetor Ayala e eu encontrámos indícios de que ambos tinham sido amordaçados com fita adesiva. Penso que o assassino lhes introduziu à força várias abelhas na boca e depois tapou-as com a fita. É verdade que cheirava a petróleo ao lado do rosto das vítimas. Este tipo de cheiro enfurece-as, por isso achamos que o assassino procurava que as abelhas lhes picassem a garganta e que o inchaço provocado nas membranas mucosas tapasse as vias respiratórias e lhes provocasse a morte, apesar de ele ter tido de lhes tapar também o nariz. Receio que tenha sido uma morte bastante dolorosa.

Observei a subcomissária: ela cerrou os dentes, disfarçando de seguida.

– O que se sabe sobre a identidade de ambos? – perguntou, afastando uma madeixa preta do rosto.

– Queria falar-lhe sobre isso. Estamos a cruzar as descrições com as denúncias de pessoas dadas como desaparecidas em Vitoria ou na província nos últimos dias. E até ontem à tarde não havia qualquer pessoa dada como desaparecida recentemente, mas a manchete do jornal que saiu ontem à noite está a ter um efeito dominó que, se me permite antecipar, continuará ao longo da manhã e terminará à tarde.

– Não compreendo.

– Trocando por miúdos, subcomissária – respondeu Estíbaliz –, os pais leram

ontem à noite no jornal que um rapaz e uma rapariga apareceram mortos na Catedral Velha. A noite passada foi a véspera do dia de Blusa. Muitos jovens de vinte e poucos anos ainda não voltaram para casa depois da noite de farra. São onze da manhã. Os pais ficaram histéricos, ligaram para os seus telemóveis e eles não atendem. É normal que os rapazes e as raparigas desliguem os telemóveis à noite ou não atendam os pais e depois digam que não tinham rede ou que ficaram sem bateria. A esquadra da rua Olaguíbel está neste momento a transbordar de pais aflitos que não conseguem localizar os seus filhos. É algo que, infelizmente, acontece com frequência nestes casos. Quando se deu a tragédia no Madrid Arena sucedeu o mesmo. Temos as linhas do 112 praticamente colapsadas. Até há cinco minutos, tínhamos contabilizado quase trezentas chamadas de pais a dar conta do desaparecimento dos filhos. Mas não podemos oficialmente dá-los como desaparecidos até terem decorrido 24 horas. A imensa maioria das pessoas liga, nervosa, porque os filhos ainda não regressaram a casa e ouviram a notícia enquanto tomavam o pequeno-almoço. Ao longo da manhã, os jovens vão regressando a casa, e muitos desses pais não vão voltar a ligar para o 112 para nos informar de que os seus filhos apareceram; vão simplesmente ficar tão aliviados que tentarão esquecer o assunto o mais depressa possível.

– O que dá uma margem de horas preciosa ao assassino ou assassinos – pensei em voz alta. – Não foi por acaso que os matou na véspera do dia de Blusa. Penso que era exatamente isto que queria: estar à nossa frente, mas também penso que procurava este efeito de psicose coletiva pós-festa.

– Primeiras impressões? – sondou-nos a subcomissária.

– São ambos muito baixos – adiantei-me.

– Como?

– As duas vítimas. São ambas muito baixas. E nada corpulentas – acrescentei.

– E o que é que isso nos diz? – quis saber a subcomissária Díaz de Salvatierra, interessada. – Porque o menciona, Ayala?

– Porque falamos sempre do “assassino”, assumindo que é um homem. Mas, de momento, não descartaria a hipótese de ser uma mulher, pelo menos se for alta ou tiver alguma força; parece-me possível que os pudesse matar à vez. Até hoje, as vítimas foram bebés e crianças de cinco, dez ou quinze anos, e agora, se as nossas suspeitas se confirmarem, dois jovens de vinte anos. Não muito altos, não muito fortes. Continua a ser possível que tanto um homem como uma mulher o tenham feito. Se os assassinios continuarem, será interessante ver qual será o número e constituição das próximas vítimas.

– Próximas vítimas... – repetiu a subcomissária. – Está assim tão certo de que isto voltará a acontecer?

– Oh, por favor! Temos de parar de fingir que este crime é único – afirmei, levantando-me. – Estamos a dar vantagem ao seu autor. Temos de aceitar que estes assassinios fazem referência expressa aos que aconteceram há vinte anos. Não faz sentido começar do zero. Reapareceram. Vão continuar. A minha opinião é que avisemos o quanto antes a população de vinte e cinco anos com apelidos compostos. Não podemos montar um dispositivo que proteja cinco mil jovens, mas podemos dar-lhes conselhos de segurança. Que não andem sozinhos na rua, que não voltem sozinhos para casa quando vão sair à noite, que andem sempre acompanhados. Que não abram a porta de casa sozinhos, que nos próximos fins de semana não vão para as montanhas sem companhia. Não fazemos a mínima ideia de como os escolhe ou rapta antes de os matar. Devemos simplesmente tentar dificultar-lhe a vida.

Alba pôs-se à minha frente com os braços cruzados.

– Não vamos fazer nada disso – limitou-se a dizer.

– Como? – respondi, sem conseguir acreditar.

– Não vamos alarmar ainda mais a população. – Abanou a cabeça com uma calma que me exasperou. – Se divulgarmos esses conselhos de autoproteção, espalharemos o pânico na cidade e vai tornar-se muito difícil para nós trabalhar. Não quero que se crie o caos.

– O caos já está criado, montou-o ele, o assassino. Está a dizer-me, subcomissária, que o seu objetivo agora mesmo, hoje mesmo, não é tentar prevenir o próximo mais que provável assassinio de um jovem e de uma jovem de vinte e cinco anos?

Era disso que se tratava, de o caçar antes de ele apanhar o seguinte.

Era disso que se tratava.

Mas olhei para os três e vi uma expressão estranha nos seus olhos, como se eu me tivesse passado e desatado aos gritos. Talvez o tenha feito, não me lembro.

Nesse momento entrou Pancorbo, um dos nossos inspetores mais antigos, a coçar o emaranhado de fios de cabelo branco sobre a sua careca redonda e lúzida.

Murmurou algo ao ouvido do comissário e lançou-nos um olhar de preocupação antes de fechar a porta e de desaparecer tão silenciosamente como tinha entrado.

O comissário Medina apertou os dedos nas sobrancelhas grossas e fechou os olhos por momentos.

– Têm os computadores ligados? – perguntou-nos.

Estíbaliz e eu encolhemos os ombros, sem compreender.

– Sim, claro – disse ela.

– Pois vão agora mesmo para os vossos gabinetes, saiam da internet e

desliguem-nos. Bem como a ligação à internet nos vossos telemóveis. Esta esquadra está a ser alvo de um ataque informático.

Corri para o meu gabinete, fechei todos os documentos onde tinha escrito as minhas primeiras impressões sobre o caso da Catedral Velha e estava prestes a sair do meu email quando vi uma mensagem nova por ler que me gelou o sangue: From jail, ou traduzido do inglês, “Da cadeia”.

Sei que a ordem do meu superior era para não abrir nenhum email novo, sei que o risco era elevado. Sei que...

Abri-o. A mensagem era curta e deixou-me preso à cadeira.

Kraken:

Eu e tu podemos formar uma equipa e caçar o assassino. Vem visitar-me ainda hoje. Isto é urgente, e sabes bem. Vai continuar a fazê-lo.

Com todo o meu respeito pelos teus métodos de investigação,
Tasio

[4.](#) Citação retirada da edição portuguesa de Moby Dick, Relógio d'Água. (N. da T.)

Zaballa

Segunda-feira, 25 de julho

Kraken? Como é que Tasio Ortiz de Zárate sabia qual era a minha alcunha da adolescência? Como é que um homem que estava há mais de vinte anos atrás das grades me tinha investigado e me enviara um email se, na prisão, não tinha acesso à internet? Seria mesmo ele ou alguma armadilha?

Dirigi-me para o gabinete de Estíbaliz o mais depressa possível e fechei a porta.

– Vais ter de me encobrir e de mentir por mim – disse-lhe de chofre.

– Uma vez mais – respondeu, enquanto apanhava o rabo de cavalo ruivo. – Sou toda ouvidos.

Estíbaliz não falhava nunca. Era fiável e segura como o motor de um velho Cadillac cubano.

– Vou à penitenciária de Zaballa falar com a diretora da prisão. Penso que o Tasio Ortiz de Zárate entrou em contacto comigo, se bem que pode ter sido um imitador. De qualquer maneira, tenho de descartar essa hipótese pessoalmente, é a única forma. Quero começar a traçar um perfil do assassino; se ele for o mandante, há certos traços que não vai conseguir dissimular. Como já vimos que os de lá de cima não têm tanta pressa como nós, por enquanto não os vamos informar de nada. Oficialmente, passei a manhã toda contigo a recolher as declarações das pessoas relacionadas com a Catedral Velha: pessoal religioso, contínuos, pessoal da limpeza, arqueólogos e os guias que fazem as visitas. Fiz alguma investigação esta manhã, e a empresa que faz a manutenção chama-se Alfredo Ruiz, S. L. Fala com o gerente, para que te dê os dados de todos os que têm a chave para entrar na catedral. Encontramo-nos às três em ponto no bar Toloño, para almoçar e fazermos um ponto da situação.

Levei um dos carros da unidade, um Patrol branco, e arranquei para a N-1, em direção ao Centro Penitenciário de Álava, uma prisão enorme para onde tinham

transferido Tasio e todos os presos desde o encerramento da antiga prisão de Nanclares de la Oca.

Tasio teve vinte anos para refazer a sua vida a partir da prisão e reinventar-se. Já não era arqueólogo, e não pensava voltar a trabalhar como tal; agora era criminologista e guionista de séries negras e policiais. A notícia de que tinha vendido o guião de uma série policial por um montante de seis zeros para a HXO, a cadeia norte-americana famosa pelas suas séries de culto, trouxera-o de volta às manchetes dos jornais. Mais lucrativo do que trabalhar para a Delegação Foral de Álava, sem dúvida.

Pouco tempo depois, recuperado o protagonismo mediático de que aparentemente tanto gostava, tinha surgido uma conta misteriosa no Twitter com um estranho nome de utilizador: @scripttipsfromjail.

Chamou a atenção, pois a foto de perfil era uma imagem de Tasio nos seus tempos áureos, pouco antes da sua detenção: com o seu cabelo louro-escuro, rosto retangular, sorriso branco e rasgado, ar confiante. Um homem atraente, um vencedor.

A imagem de abertura da conta era o skyline de Vitoria. As quatro torres das igrejas mais altas: a Catedral Velha, São Vicente, São Miguel e São Pedro. Uma imagem icónica que se repetia por toda a cidade, até mesmo nos autocolantes dos carros.

A biografia da conta era bastante inquietante: “Sou apenas um guionista no lado equivocado da realidade. True serial addict, fake serial killer. Tasio Ortiz de Zárate”.

Algo como “@conselhos para guiões desde a prisão”. E um jogo de palavras que se podia traduzir como: “Verdadeiro viciado em séries, falso assassino em série”.

Costumava dar conselhos do género: “O espectador tem de adorar odiar o antagonista”. “A melhor maneira de produzir ironia dramática é deixar que o espectador saiba mais do que o protagonista no primeiro ato.” Ou “Quando estiveres a construir o teu antagonista, tem em conta que os vilões não sabem que são vilões. São personagens que se vão deitar à noite de consciência tranquila, com a certeza de que fazem o mais correto.”

A conta tinha mais de meio milhão de seguidores, e a verdade é que quem escrevia aqueles cento e quarenta caracteres acreditava ser Tasio, mas ninguém sabia como é que ele conseguia twittar a partir da prisão.

O mundo estava dividido quanto aos sentimentos que a sua existência provocava: de modo geral, Vitoria inteira odiava-o, mas o resto do planeta e as novas gerações que não viveram o horror dos quatro crimes duplos, fascinados pela lenda do assassino em série que vendia os seus guiões por valores

milionários, idolatravam-no por cada gota de sabedoria que partilhava na rede social.

Quando me aproximei do enorme parque de estacionamento da prisão, percebi que estava nervoso, a tamborilar os dedos no volante.

“Deixa-te de parvoíces, agora és um adulto.”

Passei em revista a lista de recomendações que nos deram na academia de Arkaute para neutralizar aquele tipo de personalidades, manipuladoras e egomaniacas.

Mostrei a minha identificação de funcionário à entrada a um tipo de rosto redondo e olhos muito juntos, com a intenção de lhe pedir uma reunião com a diretora da prisão e de a informar do sucedido. Mas ele, ao ver o meu nome, olhou para a sua lista e disse-me:

– Vá ao módulo das comunicações. O recluso Tasio Ortiz de Zárate está à sua espera na sala três.

Disfarcei a minha surpresa e deixei-me ir. Saí do edifício principal e encaminhei-me para onde ele me indicou.

Avancei por um corredor verde e entrei na sala três, mas de seguida compreendi que me enganara. Do outro lado do vidro de segurança, além de um funcionário entediado a guardar a porta, havia apenas um recluso com ar de viciado em drogas sentado numa cadeira de plástico preta. Um esqueleto com um olhar vazio, ensimesmado, à espera da visita de algum familiar.

Dei meia-volta e agarrei na maçaneta da porta para a abrir. Ouvi então os seus nós dos dedos ossudos a bater no vidro. Virei-me, distraído. O preso indicou-me com o dedo que pegasse no telefone da prateleira de aço inoxidável e me sentasse na cadeira vazia, idêntica à sua.

– O que queres, uma dose? – perguntei-lhe, mesmo sabendo que não conseguia ouvir a minha voz através do vidro grosso.

Peguei no telefone e aproximei-o do ouvido, ainda de pé, com um sapato virado para a porta, com a intenção de me ir embora.

– Kraken... – sussurrou uma voz grave, lenta, que me perfurou o cérebro e me atingiu como uma bala num recanto da memória.

A estátua em que me transformei esqueceu-se de respirar durante alguns segundos, o tempo que Tasio demorou a levantar os seus olhos de louco e cravá-los nos meus.

Custou-me fazer a ligação entre a imagem do homem bonito e poderoso com a daquele desperdício humano. Apesar de Tasio já ter feito quarenta e cinco anos, o homem que tinha à minha frente parecia ser muito mais velho. Dizer que

envelhecera mal era demasiado amável, porque aquele Tasio não passava de uma imitação grosseira de um preso de uma cadeia americana. Um toxicodependente, só pele e osso, com o cabelo apanhado num rabo de cavalo mal feito, atrás das orelhas. Um bigode em forma de U invertido, típico dos anos setenta, tão descabido que era tétrico e cómico ao mesmo tempo.

Não, minto: era perturbador.

Aquele homem não estava bem. Estava perturbado. Parecia que andava há mais de vinte anos a dar no cavalo ou algo pior.

“O que a vida te fez, homem?”

Foi a primeira coisa que pensei.

Por alguma razão, que não consigo compreender, saiu-me assim mesmo, de chofre. Como um bêbedo ou uma criança, pois esses nunca mentem.

– O que a vida te fez, homem? – ouvi-me dizer, como que hipnotizado.

Fechei os olhos quando me apercebi de que falara demais. Que bela maneira de começar.

– É o que vamos tentar consertar, Kraken. O que a vida me fez... – Falava deliberadamente devagar, com uma voz que parecia vir do além-túmulo e que se cravava nos meus tímpanos e os arranhava.

Pensei que aquela maneira de falar arrastada seria efeito da heroína, e pensei também que aquela voz, vários tons mais grave do que me lembrava, era o fruto de um par de décadas de tabagismo.

Tasio inspirou o fumo de um cigarro, e expulsou o ar calmamente, enquanto brincou durante algum tempo com o maço de tabaco negro que tinha ao seu lado na mesa. Tinha outro maço, ainda por abrir. E dois cinzeiros. Dois.

Convidou-me a sentar com um gesto, e os nossos reflexos sobrepuseram-se no vidro de segurança como se fossem um duplo holograma.

– Muito bem – suspirei, por fim. – Vamos ao cerne da questão. Porque me fez vir aqui?

– Estou muito preocupado – disse, demorando uma eternidade. – Saio por bom comportamento daqui a duas semanas. Se os crimes continuarem, o assassino vai encontrar uma maneira de tornar a incriminar-me.

– Incriminá-lo? Está na prisão. Como poderia alguém incriminá-lo?

– Não me minta, já pensou nessa hipótese, tal como Vitoria inteira a esta hora. Pensam que sou o mandante. Foi por isso que o chamei. Se o ajudar a apanhá-lo, Vitoria voltará a aceitar-me.

– Aceitá-lo? – repeti, incrédulo. – Depois de ter matado oito crianças de Vitoria? Faz ideia de como isso soa?

Tasio olhou para mim com aquele seu olhar perdido. Levou o seu tempo, como se não valesse a pena responder-me.

– Vou desistir de tentar convencê-lo de que não sou o culpado desses primeiros oito assassinios. Sei que, da sua parte, já estou condenado. Como para o resto da humanidade. Durante os primeiros anos tentei, com todas as minhas forças. Durante o julgamento contratei a melhor defesa que pude pagar, mas não foi suficiente. Depois, quando me condenaram e mandaram para Nanclares, com os outros presos, com os funcionários... Todos me tinham condenado. Custou-me compreender que não havia nada que pudesse fazer, que a verdade não importava a ninguém. Apenas os factos: havia um culpado na prisão, e os assassinios pararam. Mas eu fiquei obcecado, precisava de compreender o que tinha acontecido, o que sucedera para que as pessoas deixassem de me pedir autógrafos e passassem a odiar-me no espaço de apenas algumas horas. Matriculei-me em Criminologia, estudei perfis, procedimentos, todos os casos que pude de assassinos em série. Comecei a gostar de filmes policiais, aos poucos a que tive acesso na prisão. Depois vicie-me nas séries negras. Comecei a perceber que a realidade e a ficção são irmãs gémeas, uma alimenta-se da outra. Em todas as histórias há uma abordagem, uma trama e um desenlace. Um protagonista, uma força antagónica, os aliados, os inimigos, as provas... e um mentor. A que me refiro, agora? Hã, Kraken? À ficção ou à realidade?

– Por isso se tornou guionista...

– Descobri que tenho jeito para revelar as estruturas das histórias. São como andaimes. Depois, basta embelezar o edifício, não acha? A verdade é que vou sair da prisão daqui a menos de quinze dias, e isto parece muito mal parado para o meu lado. Por isso quero que nos ajudemos mutuamente.

– E como vai ajudar-me? Vai resolver este novo crime a partir da prisão?

– Sabe, tenho uma vantagem na qual você não acredita. É que eu sei que não sou o mandante do assassino, e também sei que não fui o assassino há vinte anos, por isso vou concentrar-me em descobrir quem é que o poderá ter feito. O inspetor, pelo contrário, acredita que eu sou o culpado da primeira vaga de assassinios, e agora vai ter de investigar o meu círculo para me descartar ou não como mandante dos que estão por vir. Isso vai levar-lhe um tempo precioso que, não duvide, vai ser aproveitado pelo assassino.

“Muito bem, Tasio, vamos jogar. Vamos ver aonde nos leva tudo isto.”

– Imaginemos que, contra todos os prognósticos, acredito em si – afirmei, com o auscultador a queimar-me o ouvido. – Não foi o culpado, incriminaram-no, foi vítima de uma armadilha, tal como proclamava nas suas primeiras declarações...

– Muito bem – assentiu. Fez um gesto circular com o cigarro na mão para que continuasse.

– Diga-me, acha que os assassinios de ontem são obra da mesma pessoa?

– Não vi as imagens. Podia trazer-mas.

– Não se arme em esperto, Tasio – interrompi-o.

– Está bem – recuou, recostando-se na cadeira preta de plástico. – Vejamos, vou tirar o arqueólogo da gaveta. Os primeiros assassinios eram uma representação da cronologia de Álava. O dolmén da Chabola de la Hechicera: da Idade do Cobre, há cinco mil anos. Os bebés eram recém-nascidos. Como se fossem as primeiras idades do Homem; consegue ver o paralelismo?

Estava a deleitar-se com a sua obra? A que ponto aquele cérebro era retorcido?

– Sim, Tasio. Tive vinte anos para conseguir ver o paralelismo. Eu e todo o país.

– Então já sabe o que está por vir. O povoado celtibero de I a Hoya, 1200 a. C. Crianças de cinco anos. O Valle Salado, século I a. C. Crianças de dez anos. A Muralha Medieval, século XI. Um jovem de quinze anos e uma jovem da mesma idade.

Registei uma expressão mínima de dor, franziu o canto do lábio, levando de seguida o cigarro à boca para disfarçar. Também reparei que trocou um genérico “crianças de” para “uma jovem de quinze”. Haveria algo de pessoal em relação àquele último crime? Teria de investigar a fundo os relatórios dos primeiros assassinios.

– O que nos espera, Tasio? Sabe? Fez-me vir até aqui para me iluminar?

Ignorou a minha última frase e aproximou-se com o telefone até tocar no vidro com a testa.

– As coordenadas temporais de ontem, se as encontraram na Catedral Velha, marcam o século XII. Daí em diante. O que podem esperar agora é que os cenários dos próximos crimes tenham lugar em locais emblemáticos da nossa História a partir da Idade Média. A Casa dos Anda, as ruas do Grémio: a Pinto, a Cuchi e o antigo bairro judeu. Talvez a Casa do Cordón. As vítimas terão vinte e cinco anos. Depois passaremos para a Vitoria renascentista. Cuidado com os palácios: Bendaña, Montehermoso, Villa Suso... Uf, há demasiados. O que vai fazer, vai montar um dispositivo de vigilância?

Tive de me rir perante o descaramento da sua pergunta.

– Acha mesmo que vou partilhar informações consigo? Seria como dar-lhe uma lista dos desejos. Buffet gratuito para assassinar à sua vontade em cenários livres.

– Não é capaz de compreender que lhe estou a oferecer a minha ajuda, que pode ser valiosa, que sou umas das pessoas que mais pormenores sabe sobre os crimes anteriores porque os analisaram detalhadamente à minha frente durante o julgamento? E ainda não sabe que provavelmente sou a pessoa mais disposta a falar de tudo o que vai encontrar na sua investigação. Ainda não sabe, mas vai

voltar a esta sala para me pedir o que agora mesmo lhe estou a oferecer.

– De acordo – interrompi-o com a mão –, vou repetir a premissa: imaginemos que acredito em si. Dê-me algo que eu não saiba, um sinal de boa vontade.

– Algo que não saiba... Mas eu não sei o que sabe, Kraken. Tenha tomates para dar um passo em frente e perguntar.

– Muito bem, você é que pediu: qual foi a causa da morte dos primeiros crimes?

– Teixo.

– Teixo? – repeti, sem compreender.

– Sim, veneno de teixo. – Encolheu os ombros. – Os povos anteriores aos Romanos usavam-no para se suicidarem. Há a certeza de que os Celtas o utilizavam como veneno desde o terceiro milénio antes de Cristo. Nestas terras é um daqueles segredos que não se contam em voz alta, mas toda a gente mais velha que vive no campo sabe. A casca, as folhas... tudo no teixo é venenoso exceto o arilo da semente. Para os Celtas era uma árvore sagrada, atribuíam-lhe a imortalidade devido à sua longevidade extrema, e quando o cristianismo chegou a estas terras, os teixos continuaram a ser colocados ao lado das igrejas e dos cemitérios. As antigas crenças sobreviveram. Até hoje.

Por momentos pareceu-me ver uma centelha do Tasio que conhecera, o divulgador que amava o seu trabalho, que sabia tudo sobre a nossa História e no-lo apresentava em pacotes didáticos.

– Soa muito arqueológico.

– Foi isso que disse o juiz – respondeu, esmagando o cigarro num dos cinzeiros com um gesto de frustração. – Durante o julgamento, fizeram-nos ver um dos primeiros programas que gravei para a televisão autónoma, quando a guerra pelas audiências ainda não tinha explodido. Nesse programa falava precisamente do teixo. Explicava com bastantes pormenores que cinquenta gramas de folhas de teixo fervidas em água serviriam para matar uma criança ou uma pessoa não muito grande.

Compreende agora porque acredito que o assassino me investigou antes de começar a onda de crimes e que os executou daquela maneira para me incriminar? O mesmo aconteceu com os eguzkilores. Naquela época tomei as flores como símbolo de proteção pessoal e mencionava-as sempre que me era possível. Costumava usar pulseiras e colares de eguzkilores de prata. Havia um colar no meu gabinete, algo que milhões de espectadores viram ao longo de vários programas... Quer que continue?

Olhámos um para o outro, não lhe respondi. Há vinte anos a imprensa não falou nos eguzkilores; Tasio parecia disposto a não poupar detalhes comigo... mas a edição especial do jornal da noite anterior também não mencionou que

tínhamos encontrado três desses cardos junto aos cadáveres.

– Não... não acredita em mim – murmurou, como se fosse uma antiga ladainha. – Como poderia? Seria o único a fazê-lo em duas décadas.

De seguida acendeu outro cigarro, ficou a olhar para ele como se fosse de ouro, e passado algum tempo pareceu lembrar-se de que eu ainda ali estava.

– Muito bem... se me pergunta qual foi a causa da morte e não sabia que era o teixo é porque o assassino mudou a arma do crime?

“Cuidado, Unai.”

– Não vou partilhar consigo essa informação.

Assumi que era um sim.

– Isso muda muita coisa... O que raio estará a procurar agora? – perguntou-se, falando consigo mesmo. – O mais fácil seria imitar os crimes, executá-los exatamente como da outra vez. Porquê variar agora?

Tasio pensava em voz alta, seguindo com o olhar as figuras de fumo, sem pressa, como se eu não estivesse ali. O que tornava a cena um pouco inquietante, porque era como ver um louco a alucinar através de um pequeno buraco na parede.

– Então, temos acordo? – perguntou-me, de repente, voltando-se para mim.

– Que acordo, Tasio? Que acordo?

– Eu ajudo-o quando ficar bloqueado, fornecendo-lhe todos os detalhes do caso antigo. Em troca, mantém-me informado do que acontecer com os novos. Quero ajudá-lo a resolvê-lo antes que o assassino continue a matar.

“Pelo menos nisso estamos de acordo”, tive de reconhecer.

– Pois pode começar por me explicar como sabe que me chamam Kraken, como acedeu ao meu email, como tem uma conta no Twitter e como lançou um ataque pirata à esquadra hoje de manhã. Diga-me, quem é que tem lá fora a fazer os seus trabalhos sujos?

– Acha que sou estúpido? – perguntou, sorrindo com uns dentes cinzentos e desgastados.

– Sim, deve ser um pouco estúpido, para estar há vinte anos na prisão se é inocente, não acha?

Naquele momento ficou vermelho de raiva, levantou-se de um salto e esmagou o cigarro aceso contra o vidro de segurança, à altura do meu olho. Não estava habituado a que o insultassem.

– Fora daqui! – gritou, com os tendões do pescoço tensos. – Fora daqui, ou vai sair desta prisão em caixas numeradas.

Por um momento fiquei sem reação, surpreendido com o ataque de raiva do meu antigo herói. De seguida levantei-me lentamente, vi que um funcionário abria a porta do prisioneiro, alarmado pelo barulho, e preparei-me para sair da

sala. Antes de desligar, manteve o olhar fixo no meu, com o queixo a tremer.

Apontei mentalmente os seus pontos fracos: soberba, ataques de ira e, acima de tudo, um desejo doentio e pouco realista de limpar o seu nome em Vitoria. Ser-me-ia muito útil conhecê-los quando tivesse de o pressionar.

Se bem que o mais importante para um especialista em perfis como eu, o motivo por que tinha querido falar cara a cara com ele, era verificar se o seu perfil se encaixava no de quem praticou o crime da Catedral Velha. E um ataque de raiva por algo tão insignificante não encaixava de todo no perfil de um assassino extremamente organizado e psicopata como o que tínhamos em mãos. Aquela resposta tão violenta era típica de um desorganizado, de um psicótico.

– Não. Não se engane comigo. Não pense, nem por um momento, que me pode ameaçar. Tenha cuidado, Tasio – avisei-o e saí da sala.

Mas por um segundo fugaz, ao observá-lo, deu-me a impressão de que Tasio estava desesperado. De que, sob aquele disfarce de recluso adaptado à vida na prisão, havia um beto apavorado que tinha posto aquela máscara durante vinte anos para sobreviver.

O Palácio de Villa Suso

Vitoria, novembro de 1969

Há várias ruas que a seguia pelo colapsado Casco Antigo, depois de ver, com surpresa, a sua figura quando regressava a casa após ter ido atender uma emergência. O que fazia uma mulher tão distinta como ela a andar sozinha de madrugada, com aquele nevão que paralisara toda a cidade?

Blanca Díaz de Antoñana, a noiva do poderoso industrial Javier Ortiz de Zárate, o dono das Ferrerías Alavesas, avançava com dificuldade pelo caminho estreito que os varredores da Câmara tinham estado a limpar.

O seu olho clínico de médico bem treinado dizia-lhe que alguma coisa não estava bem. Observou, preocupado, o leve coxear da jovem. Por que razão Blanca não tinha ido à clínica para que um colega a observasse?

Um vento gélido atingiu-o na face quando passou ao lado do Cantão de Santa Ana e puxou as lapelas do seu novo casaco de lã. Tinham-no contratado para trabalhar na clínica Vitoria há pouco tempo e gastara grande parte do seu ordenado em roupas de médico bem na vida. A sua mulher, Emilia, queixara-se. Ela queria que poupassem para matricularem os seus dois filhos no colégio Corazonista. Mas Emilia não percebia como funcionava o seu trabalho, os seus novos relacionamentos na capital. Não percebia que, se ele queria deixar de ser um médico de província, tinham de se relacionar com as pessoas mais influentes da cidade de igual para igual, com os mesmos gestos, a mesma roupa, as mesmas namoradas e esposas elitistas.

Como Blanca.

Escondia, sendo o mais educado possível, quão nervoso ela o deixava de cada vez que ia à sua consulta. No final de contas, um médico era um médico, antes da sua condição de homem. Mas quando Blanca abandonava a sua consulta, tão educada, tão bela, tão elegante, ele esperava sempre cinco minutos antes de

atender o paciente seguinte. A sua enfermeira, uma mulher já madura que se antecipava às suas ordens só de olhar para ele da porta do seu novo gabinete, percebeu-o desde o início. Era a sua cúmplice silenciosa e discreta.

Gostaria de ter chegado antes, gostaria que se tivessem conhecido quando ainda não tinham amarras, nos bailes do Elefante Branco, ou no hotel Canciller Ayala, onde nas tardes de domingo as proibições eram levantadas e hordas de jovens sem anel de compromisso tentavam, o melhor possível, aproximar-se torpemente das meninas da sociedade, que se protegiam umas às outras, procurando manter o decoro, no outro extremo da sala.

Blanca avançou pela rua de Santa Maria, como se soubesse claramente qual era a sua meta, como se o seu tornozelo não lhe doesse nem receasse escorregar sob a fina camada de gelo que se formara sob a neve dura.

Ele acelerou o passo, temendo perdê-la de vista. Manteve o olhar fixo na cabeleira loura daquela mulher esbelta até que ela fez algo estranho.

Parou no alto da escadaria do palácio de Villa Suso. Cerca de cinquenta degraus e três andares de desnível a separavam da praça da Machete.

Ele aproximou-se por trás, em silêncio, sem compreender as intenções de Blanca. As escadas de San Bartolomé estavam sem neve no centro. Alguém as tinha varrido e a parte lateral das escadas acumulava tanta neve que chegava ao antigo corrimão de ferro.

Ela voltou-se, lentamente, com os olhos fechados. Levantou os braços e colocou-os em forma de cruz, mas já não parecia um anjo. O seu rosto inchado pela tarefa, o olho fechado, o lábio partido, o sangue seco no pescoço.

Ele correu para o evitar, mas Blanca deixou-se cair de costas, escada abaixo, como um peso morto. Mas não conseguiu, ele segurou-a firmemente pelo pulso, num último segundo em que escorregou com ela. Giraram abraçados ao longo de vários degraus, ele amparou a queda com o seu corpo, e pararam a poucos metros do chão.

Blanca não percebia nada, a morte não deveria ser mais violenta? Não deveria doer mais?

Por fim, atreveu-se a abrir o olho que não tinha sido espancado e ficou espantada ao ver aquele rosto vagamente familiar tão perto de si. Reconheceu-o pelo seu cabelo ruivo, e pelo seu rosto afável. Um homem educadíssimo e tímido.

– Doutor Urbina? – gemeu, desconcertada. – O que estás a fazer?

– A impedir que se despenhe. Que pretendia, mulher? Que pretendia? – gritou, com a voz alterada.

“Calma, Álvaro. Ela não deve perceber que estás nervoso. Calma”, recriminou-se.

Ambos se levantaram, incomodados por aquele contacto tão inapropriado entre médico e paciente. Olharam instintivamente à sua volta, mas acabava de amanhecer e ninguém na parte alta da cidade tinha ainda acordado.

– Assaltaram-na, foi vítima de um roubo ou de uma sova? Ah... violentaram-na? Preciso de a levar para a clínica agora mesmo – disse ele, preocupado.

– Não, nem pensar! – respondeu Blanca, agarrando-o pelo braço, num ato reflexo.

Álvaro Urbina demorou alguns segundos a compreender. De seguida olhou para ela, horrorizado.

– Não foi um assalto, pois não? Foi alguém conhecido que lhe fez isso.

Blanca desviou o olhar, pensando em ficar em silêncio, como sempre fazia. Mas ainda se sentia alterada pela sua tentativa frustrada de acabar com tudo. Talvez por isso disse mais do que o devido.

– Conhece o meu prometido, saído de um conto de fadas? Dirão que me saiu a sorte grande, e em parte é verdade, ele não sabia da minha reputação. – Blanca começou a subir de novo as escadas, preocupada com a hora. Falava mais para ela do que para o médico, mas estava demasiado nervosa para se conter.

Álvaro seguiu-a a uma curta distância, preocupado com o seu coxear.

– A que se refere, Blanca?

– Não sabe? Pois prefiro que saiba por mim antes que outros lhe contem – respondeu ela, detendo-se.

“Porque não?”, pensou Blanca, ainda muito alterada. Parecia um bom homem e nas suas consultas como ginecologista já devia ter ouvido de tudo.

– Cometi um erro na minha juventude. Namorisei com um rapaz, um rapaz da aldeia nas festas de Salvatierra, e ele disse-me que o acompanhasse a casa para ir buscar um agasalho. Soprava um vento de norte e fazia frio, mas fui bastante inocente e acompanhei-o a uma casa nos arredores da aldeia. Não aconteceu nada de inapropriado entre nós, esperei por ele cá fora, mas houve alguém que nos viu a regressar sozinhos e contou que nos tinha visto a sair juntos do celeiro, a fofoca espalhou-se, chegou aos ouvidos da minha família, do meu pai, de toda a gente. Ninguém acreditou em mim quando lhes disse que tinha sido um simples passeio. No fundo, ninguém queria saber se era verdade ou não. Era-lhes indiferente que eu não tivesse feito nada. Na verdade, até acho que acreditavam em mim, mas o que importava era o circo que se tinha montado, o facto de eu e a minha família estarmos marcados. Ir com um rapaz para o celeiro é o pior erro que uma rapariga solteira pode cometer na sua vida naquela terra. O meu pai estava furioso e foi muito duro comigo. Castigaram-me, nunca mais voltei a ir a nenhuma festa, nem pude ir às Festas da Virgen Blanca. Começaram a fazer piadas, chamavam-me a “virgem Branca”, por causa do

duplo sentido, pois aqui inventam-se alcunhas por muito menos. Desde então, a minha reputação ficou manchada e há sempre a dúvida se sou virgem ou não. O Javier não sabia nada desta história quando começou a cortejar-me, e eu também não lhe contei. Assumi que sabia, que gostava de mim de verdade, e que não se importava com as más-línguas, mas há um mês ficou a saber de tudo. Assim que chegou ao nosso encontro perguntou-me qual era a história da “virgem Branca”... Disse que era demasiado tarde para romper o nosso noivado, que os convites já tinham sido enviados aos sócios, que não valia a pena voltar atrás, pois o escândalo seria pior para a sua empresa e para a sua família. Já estávamos comprometidos e... ficou furioso, foi aí que começou a bater-me. Até então tinha sido sempre encantador. Nunca carinhoso, mas sim atento, educado. Pensei que não queria casar-se comigo; no meu íntimo confesso que preferia, se bem que sei que se rompesse comigo nunca mais me voltaria a casar. Mas...

– Está apavorada – interrompeu-a Álvaro Urbina. Já ouvira o suficiente.

– Estou magoada, não consigo ver mais além do medo. Medo de que ele chegue, se aborreça com alguma coisa e me dê outra tarefa.

– Não se case – disse ele, sem pensar. E corou até à raiz dos cabelos; não tinha por hábito ser tão direto, mas a bÍlis estava a subir-lhe à boca depois de ouvir a história da “virgem Branca”.

– Não sou ninguém sem o apelido da minha família, vou ficar para tia solteirona. Também não tenho qualquer profissão, apesar de que sempre quis estudar. Gostava de livros, mas as freiras insistiam em que me seria mais útil saber bordar o enxoval. Esta não é a vida que esperava – disse Blanca, em tom de confissão. Talvez estivesse há demasiado tempo sem uma amiga com quem desabafar. Todas as que teve desapareceram a seguir àquela última festa em Salvatierra.

– O que é que a impede? – perguntou Álvaro, com uma expressão sombria.

– O senhor também, doutor Urbina?

Ele voltou a subir a lapela do casaco, estava gelado, mas não queria deixar aquela rua deserta por nada deste mundo, não enquanto tivesse Blanca Díaz de Antoñana tão próxima e tão pendente das suas palavras.

– Cheguei mais longe do que os meus pais alguma vez imaginaram, mesmo que o tentassem fazer. Escapei à pobreza e à ignorância de uma vida dedicada ao gado e ao trabalho agrícola. Mas, como todas as pessoas, sou escravo das escolhas que fiz, talvez demasiado jovem. Conheço a minha esposa desde o berço, sempre fomos os mais próximos em idade. Éramos companheiros de brincadeiras, não havia muitas crianças na minha aldeia. Imagino que pensei que era o meu destino natural. Quando vim para o seminário de Vitoria, com catorze anos, todos pensavam que éramos namorados – disse, levantando a cabeça e

olhando na direção do imponente edifício onde passara vários anos. – Escrevíamos cartas, mas quando decidi acompanhar o padre Luis Mari nas missões, o pai da Emilia começou a impacientar-se. Eu ainda não tinha visto o mundo, acreditava que voltaria a Vitoria como operário, com o curso terminado. Mas foi ali que a minha vocação para médico despertou, tive de ajudar em dois partos de urgência em condições de higiene muito precárias e o padre Luis Mari percebeu que eu tinha demasiado jeito para desperdiçar o meu talento numa fábrica. Os padres pagaram-me o curso, a minha família estava orgulhosa e o pai da Emilia também. Um genro com estudos, que levaria a sua filha para Vitoria, era o máximo a que podia aspirar.

– Porque se casou com a Emilia? Por responsabilidade?

Álvaro cerrou os dentes e desviou o olhar. Quando regressou do Equador era mais homem, mais adulto, e ela continuava a ser praticamente analfabeta. Alegre, sem muitos modos, gritava um pouco, demasiado espontânea... Mas ela era assim, não tinha mudado. Se tivesse terminado com Emilia, ela não teria conseguido casar-se.

– Para as pessoas da aldeia – acabou por dizer –, ela era a minha namorada de sempre, nenhum homem queria ser a segunda escolha. Infelizmente os nossos costumes marcam uma mulher com demasiada dureza. Não quis ser irresponsável e abandoná-la. A Emilia não tinha culpa de que eu tivesse visto mais mundo e me tivesse tornado mais refinado.

– O senhor é um homem com consciência.

“Se tu soubesses”, calou-se Álvaro.

– Não me santifique, Blanca. Guardo muitos pecados de pensamento e de omissão.

– Mas não de obra – disse ela.

– Mas não de obra.

– Penso que isso é o que importa.

– Não, eu penso que o que importa nestas terras é ser bom e, além disso, parecê-lo. Foi isso que disse Júlio César a respeito da sua esposa, Pompeia Sila, sabe? “A esposa de César não só deve ser honesta, como parecê-lo” – disse o médico.

Aquela frase foi como uma bofetada de realidade para Blanca. Lembrou-se da razão por que ali estava e de tudo o que confessara ao doutor Urbina. Talvez demasiado. Sim, como é que podia ter voltado de novo a ser tão ingénua?

– Doutor, peça-lhe que não fale a respeito do que acaba de ver e ouvir hoje, não pode contar nada a ninguém. Estou protegida pelo segredo profissional que deve respeitar – disse, quase com dureza. Quase zangada, talvez mais consigo própria do que com o médico.

Álvaro deu um passo atrás, contrariado.

– Não precisa de se preocupar com o que aconteceu hoje, não vou contar nada a ninguém, nem dificultar-lhe ainda mais a vida. Já tem muito com que lidar. Mas deixe-me ajudá-la.

– Ajudar-me? Não o poderia fazer, é um assunto que só a mim me diz respeito. Imploro-lhe que não se meta, esqueça este incidente, e não volte a falar deste assunto da próxima vez que for à sua consulta.

– Permita-me a sua companhia – atreveu-se a dizer, por fim. – Gostaria de ser um amigo, um confidente, um alívio. Alguém que a ajude na sua situação. Pode vir à minha consulta, para que a trate, apesar de não ser a minha especialidade. Prometo-lhe descrição.

– Casados e amigos? O doutor ainda não conhece esta cidade, as más-línguas acabariam comigo, mas também com a sua carreira. Não, doutor. Não o posso permitir. – Blanca negou com a cabeça. – Por favor, não conte o que viu.

E desapareceu pela rua, descendo pelo Cantão das Pulmonías, a coxear e com a cabeça baixa, enquanto o médico a observava, tremendo de frio e de raiva.

Álvaro Urbina acabava de regressar do passeio em que levava os filhos e a esposa a verem as figuras em tamanho real de Belém no parque da Florida. Nos últimos dias tinha andado nervoso, Blanca não aparecera na sua consulta, e já passara quase um mês desde o incidente nas escadarias do palácio de Villa Suso. Temia por ela. Será que a besta do seu prometido tinha voltado a pôr-lhe as mãos em cima?

Forçou aquele passeio com as crianças e com Emilia, comprou-lhes castanhas assadas num posto de rua a imitar o vagão preto de um comboio e, depois de comprar algumas bandeirinhas, dirigiu-se para a rua Dato, à hora em que os sócios do Círculo Vitoriano, o clube mais seletivo da cidade, saíam depois de terem passado a tarde a beber café e a deixar-se ver por trás das janelas do luxuoso local.

Emilia, uma mulher rechonchuda e morena, com as bochechas coradas, não parava de tagarelar sobre as compras para o almoço de Natal. Leitão ou cabrito assado? Não conseguia decidir-se. Álvaro assentia, distraído, atento aos casais que atravessavam o umbral daquele mundo de cortinas grenás e douradas, um universo que todavia ainda lhe estava vedado, mas que esperava conquistar em breve.

Ficou tenso quando reconheceu o industrial, moreno, alto, de costas largas. A sua noiva, Blanca Díaz de Antañana, saía do clube presa ao seu braço, enquanto trocava sorrisos discretos com os outros casais. O seu cabelo louro estava

penteado como ditava a moda, rígido de laca e com uma madeixa em grandes cachos a chegar-lhe ao queixo.

Álvaro afastou o braço de Emilia e aproximou-se para cumprimentar ambos.

Não deixou de reparar num novo hematoma que tinha sob o olho, mal disfarçado por uma camada de maquilhagem demasiado artificial. Doeulhe por ela, mas doeulhe ainda mais que Blanca não tivesse ido à sua consulta, tal como ele lhe implorara que fizesse.

– Boa-tarde, minha senhora – disse, inclinando levemente a cabeça.

– Doutor Urbina, que agradável surpresa – respondeu ela, naquela voz tão comedida. – Espero que esteja a ter umas ótimas festas com a sua adorável família.

– Estamos, sim. Sem dúvida. Estamos, sim. Vejo-a na consulta, se algum dia precisar.

Ela sorriu, sob o olhar atento do seu futuro marido, que controlava tudo o que se passava sem se aborrecer ou intervir. Despediram-se em silêncio e o doutor Urbina pensou “e isto foi tudo, não há mais nada que eu possa fazer”.

Mas houve algo, um olhar, um segundo a mais, por parte de Blanca. Uma promessa, um “voltaremos a ver-nos”, um pedido de ajuda silencioso. Uma cumplicidade entre eles que nunca partilhara antes com nenhuma mulher, muito menos com a sua.

Depressa o industrial se esqueceu da sua presença. Não se apercebeu de que a família do médico não tinha outro remédio senão segui-los bem de perto pela rua a abarrotar de gente, e que o médico e a sua esposa estavam a ouvir tudo:

– Conheces? – perguntou Javier Ortiz de Zárate à sua noiva.

– É impossível uma pessoa esquecer-se dele. Penso que é o único médico ruivo em toda a cidade de Vitoria e arredores.

– Sim, chama a atenção. Ele e os seus filhos, com aquele cabelo tão cor de laranja. É de boas famílias?

– Não sei.

– Então é porque não é – concluiu, com um tom de desprezo que não se preocupou em disfarçar.

Já de noite, a porta fechada do seu escritório na sua casa na rua das Honduras, Álvaro tirou da gaveta trancada o caderno de desenhos anatómicos do curso. Nas últimas páginas desenhara o rosto de Blanca, tal como o recordava, e os hematomas e as fraturas que, como médico, intuía que o seu arrogante noivo lhe provocara.

Aquela data ficar-lhe-ia gravada na memória, porque foi nessa noite que se

decidiu. E aquele pensamento, contra todas as probabilidades, acalmou-o. Deitou-se no seu lado da cama, procurando não tocar no corpo quente de Emilia, e soube que finalmente ia conseguir dormir.

Durante muito tempo, antes de se deixar ir pelos caminhos do sono, invocou, repetindo vezes sem conta, como se fosse um mantra, as palavras que o reconfortavam:

“Vou matar o Javier Ortiz de Zárate.”

A Casa do Cordón

Segunda-feira, 25 de julho

Consegui chegar pontualmente ao bar onde combinara encontrar-me com Estíbaliz. Julho castigava-nos com um sol abrasador, que queimava as ruas recentemente limpas do mar de copos de plástico que os festejos da noite anterior tinham deixado para trás. A meteorologia prognosticava uma onda de calor para as próximas semanas, se bem que em Vitoria as altas temperaturas nunca duravam muitos dias seguidos.

Desci pela Encosta de São Francisco, por baixo dos Arquillos, que naquele dia estavam cheios de vendedores de alhos em cordas, o que deixava o ar empestado de um cheiro persistente a enxofre e a calçada coberta por um mar de peles brancas e secas. Centenas de reformados com as suas camisas aos quadrados e as suas boinas regressavam a casa satisfeitos com uma longa corda pendurada em cada ombro. Assim era desde sempre, tal como me recordava desde pequeno, quando o avô nos trazia a Vitoria no dia de Santiago para se abastecer de alhos para o ano inteiro.

De seguida cruzei a porta de vidro do Toloño. Era um sítio com tetos pretos, e os pinchos⁵ escritos a branco nas paredes de ardósia. Muito popular, mas tranquilo. Acalmava-me sempre, era como um pequeno reduto de paz, onde costumava parar antes de ir para casa. Às vezes deixava-me ficar por lá, jantava e voltava para o meu apartamento com a barriga cheia e a questão da comida resolvida.

Estíbaliz já me esperava, sentada num banco em frente ao sinuoso balcão de madeira clara.

– Pedi por ti – adiantou-se. – Cogumelos à irlandesa, ninho de vieiras com enguias e santola no forno. E mosto para beber. Sentamo-nos ou ficamos de pé?

– Sentamo-nos e, se possível, bem afastados, para que ninguém ouça a nossa conversa.

Por fim, escolhemos a mesa mais solitária do bar, na esquina do fundo. Esti devorou um brick de frutos do mar, enquanto eu rapava com a colher a mousse dos cogumelos à irlandesa.

– O que aconteceu com o ataque informático? – perguntei.

– Passou ao fim de duas horas, mas ainda não se sabe a sua origem. Já podes voltar a ativar a internet no telemóvel. E tens de dar parte da mensagem que Tasio Ortiz de Zárate te enviou, para que localizem o IP. Ainda não contei nada a ninguém, mas é melhor que te apresses: os da informática estão a passar os nossos computadores a pente fino. Têm de saber por ti.

– Eu sei, eu sei. – Suspirei, enquanto mexia no telemóvel. Tinha vinte e quatro avisos de contactos diferentes no WhatsApp. Procurei abstrair-me da urgência com que todos eles me requeriam. – A nova subcomissária não vai gostar nada de saber que o fui visitar à prisão sem a ter avisado primeiro.

– Dá-lhe um desconto, é o primeiro dia dela. Eu também teria medo de me enganar.

– Não, se por causa da sua falta de reação podem morrer mais duas pessoas – insisti.

Nesse momento, as melodias dos nossos telemóveis cruzaram-se. Esti foi mais rápida e atendeu primeiro. Enquanto recebia a notícia, olhou-me fixamente com os seus pequenos olhos castanhos e desenhou-se no seu rosto uma expressão estranha.

– És um maldito bruxo – disse-me, muito pálida, assim que desligou.

– De que estás a falar?

– Apareceram outros dois corpos aqui ao lado, na Casa do Cordón.

Assim que ouvi a última frase, o pedaço de enguia que acabara de devorar caiu com um profundo baque no fundo do meu estômago. E ali ficou, incomodando-me como uma enorme pedra num sapato minúsculo.

– Estás bem? – perguntou Estíbaliz, preocupada.

– Sim – respondi por inércia. – Quero dizer, não, não estou nada bem. Espera aqui por mim.

Dirigi-me para a casa de banho, procurando manter uma expressão inalterada, a disfarçar a pressa e, uma vez ali, vomitei todos os pinchos.

Não queria. Não queria ter de identificar os cadáveres das vítimas, não queria ver de novo dois jovens nus e mortos, em parte por minha culpa. Lavei a cara e olhei fixamente para o inútil que me observava do outro lado do espelho.

“És um fraco”, disse para o Kraken que me observava. “Não estás a fazer o suficiente. Quem é o inteligente agora? Essa besta ou tu?”

Meio minuto depois chegámos ao número 24 da rua da Cuchillería. A Casa do Cordón era um edifício de finais do século xv, dos tempos em que os reis católicos tinham expulsado os judeus. Mas houve um deles, o rico comerciante de panos Juan Sánchez de Bilbao, que não só se converteu ao cristianismo e ficou na cidade, mas também construiu uma casa senhorial que, com o passar dos séculos, se manteve intacta e gloriosa, e ganhou um lugar de honra entre os edifícios mais destacados de Vitoria.

Devia o seu curioso nome à corda franciscana que rodeava um dos enormes arcos ogivais à entrada. Era uma das fachadas mais fotografadas pelos turistas, mas para mim tinha outras lembranças mais prosaicas... aqueles cones de batatas fritas com ketchup, gordurosas e quentes, que devorávamos às duas da manhã no Amairu, o bar que ficava em frente.

Sentava-me no degrau da pequena porta entre os dois arcos da Casa do Cordón, com o cone entre as mãos geladas. Depois de me tornar adulto, interessei-me pela história – cortesia de Tasio –, e descobri que o rico cristão-novo, Juan Sánchez de Bilbao, a mandara construir com aquelas proporções ridículas para obrigar os cristãos velhos a inclinarem-se diante dele para poderem entrar em sua casa, se quisessem fazer negócio. Uma bonita e subtil vingança. Não sei por que razão, mas nos momentos mais difíceis vinham-me à cabeça as memórias mais triviais. Não sei porquê.

Naquele dia maldito, nada parecia estar igual. Já tinham posto a zona num alvoroço com a fita de plástico vermelha e branca. Dois grandes carros da funerária Lauzurica estavam à espera na parte de cima da rua.

Esti e eu cumprimentámos Ruiz, um dos nossos agentes, à entrada, e atravessámos a grossa porta de madeira medieval.

– A entrada foi forçada? – perguntei-lhe.

– Não, a fechadura está intacta – respondeu Ruiz, encolhendo os ombros.

O edifício pertencia à Obra Social da Caja Vital, e assim que se entrava podiam ver-se duas mesas de escritório que atravessavam o primeiro andar, uma mistura curiosa de vitrais e de madeiras pesadas nos tetos e nas colunas.

O juiz Olano desceu as escadas que conduziam à sala abobadada, uma magnífica sala quadrada, com uma cúpula pintada de um azul profundo e pequenas estrelas esculpidas nos grossos pilares que sustentavam aquele lugar impressionante.

– Vêm ver o local do crime? – perguntou-nos, com uma expressão séria.

– Sim, senhor. Acabámos de ser avisados – respondeu a minha colega, pondo-se em sentido.

– Muito bem, já terminei. Os técnicos estão a tirar fotografias, podem trocar impressões com a equipa forense e falar com o meu secretário para assinar a ata.

Que maneira mais desagradável de interromper uma sobremesa – murmurou para si mesmo, bastante aborrecido.

Estíbaliz e eu trocámos um breve olhar e subimos pelas escadas a conter a respiração.

No centro da sala, rodeados por vários técnicos da equipa científica e pela doutora Guevara, os dois corpos descansavam estendidos, nus, mais uma vez orientados para noroeste. Três eguzkiloires à sua volta, como um pequeno sistema solar a reivindicar a sua importância na cena.

– Pelas barbas de Odín... – murmurei, impressionado, ao ouvido de Estíbaliz.
– Mataram um deus nórdico.

Porque, na verdade, o homem despido que tínhamos à nossa frente parecia recém-chegado de Walhalla. Era bastante alto, incrivelmente louro, tinha os olhos claros a olharem para o céu estrelado da abóbada medieval e os braços cheios de tatuagens tribais.

– Este rapaz gastou a herança do papá em tatuagens – disse a minha colega. – Qual é a tua opinião, Unai?

Agachei-me ao pé do corpo de Thor e repeti o meu mantra mentalmente:

“Aqui termina a tua caça, aqui começa a minha.”

Esperei alguns segundos, de seguida observei-o e respondi.

– Apesar do ar de mau, acho que estamos diante de mais um menino bem. Tem o peito e as pernas depiladas, bem como o púbis... Nunca mexeu uma palha na vida. Cuidava bastante de si e isso é caro. Mas não combina absolutamente nada com a companheira que o assassino escolheu para ele. Não acho que tenham tido o prazer de se conhecer em vida. Parecem ser opostos.

A rapariga era mais baixa, tinha o cabelo castanho curto, num penteado que parecia à monge. Não era nada de espetacular, fiquei com a impressão de que fora aquele tipo de pessoa que passava despercebida na vida, ao contrário do pseudomauzão que lhe acariciava o rosto com a sua mão gigantesca. Podiam ter vinte e cinco, podiam ter vinte e dois, podiam ter vinte e sete.

– O que temos aqui, doutora Guevara? – perguntei, pondo-me ao lado da médica forense sem deixar de olhar para o casal deitado aos meus pés.

– Resumindo em poucas palavras: duplo homicídio idêntico ao de ontem. Já enviei para o email da sua colega o relatório da autópsia das outras duas vítimas. Estas apresentam semelhanças em todos os pormenores: parece que ambas as mortes se deram por asfixia provocada pelas picadas de várias abelhas na garganta. Foram trazidos para esta sala já mortos, e colocados nesta posição antes de entrarem em rigor mortis. Morreram há menos de três horas. Vou levá-los para fazer as autópsias, tenho curiosidade para ver o resultado do teste toxicológico. Se esta noite saíram para festejar, pode ser que encontremos

alguma droga no seu organismo.

”Tal como os anteriores, as mãos e as unhas estão intactas, embora tenha ordenado que sejam analisadas. Não me parece que tenham resistido, mas eles também têm uma marca no pescoço compatível com uma picada de agulha. De resto, não consigo encontrar nenhum sinal de violência nos seus corpos, tirando o facto de que as suas bocas foram tapadas com fita adesiva e depois arrancada, possivelmente antes de terem sido aqui depositados e assim que o assassino se assegurou de que estavam bem mortos. Mas fiz uma ótima descoberta, vejam só.

A doutora Guevara estendeu-nos um saco de plástico transparente com uma abelha imóvel no seu interior.

– Perdeu o abdómen e os órgãos internos, por isso foi uma das que provocou a morte da rapariga. Conheço o diretor do Museu do Mel de Murguía, vou tentar saber mais junto dele. Envio-vos o relatório assim que o tiver. Também vão analisar os eguzkilores, o Carlina acaulis, mas já tentámos o mesmo com os que apareceram na cripta da Catedral Velha e vai ser difícil descobrir a sua origem. É um cardo comum e cresce nas encostas das montanhas, nos campos, nos prados... Podem tê-los trazido de qualquer lugar – disse, dando uma última vista de olhos aos corpos estendidos. – Precisam de mais alguma coisa da minha parte?

– Penso que não – respondeu Estíbaliz. – Mas mantenha-nos informados de qualquer novidade que lhe pareça interessante.

– Assim farei. Boa-tarde.

Sáímos da Casa do Cordón, enquanto os funcionários da funerária entravam para levar os corpos, e na rua os curiosos abrandavam o passo disfarçadamente, sem que ninguém se achesse a parar, mas lançando olhares furtivos para o palco de operações que se montara à entrada da rua da Cuchillería.

Estíbaliz parou para falar com uma conhecida e despedimo-nos com um gesto de “espero por ti lá em baixo”. Estava a descer a Encosta de San Francisco, ainda animada pelos vendedores de alho que resistiam em abandonar os seus postos para irem almoçar, quando um homem moreno, bem vestido e com um andar calmo se aproximou para me cumprimentar.

Era Mario Santos, o braço direito do diretor do El Correo Vitoriano e, reconheço, um dos jornalistas com quem tinha mais afinidade. Demos um aperto de mão, sorri. Era o mais parecido com ter um amigo jornalista. Era discreto e os seus artigos estavam sempre bem escritos. Elegante com a caneta, mas, sobretudo, dono de uma atitude elegante. Nunca irritava ninguém, disfarçava as minhas tiradas mais desagradáveis, quando podia provocar sangue com elas e

arranjar polémicas nas conferências de imprensa. Já me tinha provado, em mais do que uma ocasião, que o off the record existia para ele de verdade, para meu alívio. Ao longo dos anos tinha começado a apreciá-lo e, apesar de ser mais velho do que eu, de vez em quando encontrávamo-nos no centro para tomar um café no El Pregón ou nos 4 Azules, para conversar sobre tudo e mais alguma coisa, ou seja: o último jogo do Baskonia ou as obras no novo centro cívico, sem darmos demasiados pormenores sobre as nossas vidas privadas. Era o meu homem na imprensa.

- Como vão as coisas, inspetor Ayala?
- Ocupados, Mario. Muito ocupado, como podes ver.
- E preocupado, imagino.
- O que vais publicar?

Com ele costumava ir direto ao assunto, não era como com outros jornalistas, com quem era preciso andar com pés de lã. Era uma espécie de acordo de cavalheiros que existia entre nós.

– Temos pouca informação sobre o crime de ontem e nada sobre o de hoje. Muitos rumores e muitos telefonemas. O diretor parece louco, a pressionar-me, já sabes como isto funciona, mas acho que se trata de um assunto muito grave para uma cidade como esta, não quero publicar nada que não esteja confirmado. Ontem foi a véspera do dia de Santiago, e hoje começaram oficialmente as pré-festas. Não me parece que seja benéfico instalar-se uma psicose coletiva numa data tão importante e festejada. Podes dar-me alguma coisa agora, ou espero um pouco?

– Dá-me algum tempo para me reunir com os meus superiores. Ligo-te em primeiro lugar, combinado?

– Confio em ti. Se te ligarem os do El Diario Alavés podes avisar-me antes que se adiantem a nós? – perguntou-me, olhando-me fixamente com os seus olhos pardos. Tinha um olhar inteligente, os seus olhos muito juntos pareciam inspecionar tudo calmamente. – Nem imaginas o estrago que fez na redação o suplemento extra que publicaram ontem à noite.

Hesitei por momentos, mas era melhor assim.

– Estamos combinados. Podes contar com isso.

O El Diario Alavés pecava por ser tão sensacionalista e as suas manchetes épicas eram sempre bastante polémicas. O El Correo Vitoriano seguia uma linha mais sóbria e rigorosa, e a maior afinidade do corpo policial com a segunda publicação era uma questão de bom senso. Só que Lutxo, um dos meus amigos de toda a vida e membro destacado do meu grupo, era o encarregado dos artigos de maior sucesso do El Diario Alavés, e não era a primeira vez que chocávamos devido a um conflito de interesses: basicamente porque ele tentava aproveitar os

nossos jantares para conseguir exclusivos para a sua secção, e não se importava se eu tinha problemas com os meus superiores por fugas de informação. E eu tinha a certeza de que eu e ele íamos ter problemas por causa deste caso. Não porque eu fosse um bruxo, como dizia Esti, mas porque dez das vinte e quatro mensagens no WhatsApp eram de Lutxo, por isso adivinhavam-se fortes tempestades na nossa relação.

Estíbaliz e eu chegámos à esquadra meia hora depois. Subimos diretamente ao terceiro andar, e entrámos no gabinete da subcomissária. Tivemos de esperar bastante, enquanto ela atendia uma chamada atrás da outra, até que se apiedou de nós e pôs o telemóvel no silêncio.

Então, quando nos prestou toda a sua atenção, eu e ela olhámo-nos fixamente nos olhos durante um segundo.

“Já viste o que temos agora, quatro cadáveres? São suficientes para ti?”, quis perguntar-lhe. Mas havia ainda muitas questões por esclarecer entre nós, e era melhor começar pelo início.

– Subcomissária – disse, enquanto me sentava –, acabámos de chegar do local do duplo crime na Casa do Córdón, mas antes tenho de a informar a respeito de algo que aconteceu hoje de manhã. Quando ia desligar o meu computador, durante o ataque informático, alguém que afirmava ser Tasio Ortiz de Zárate enviou-me um email a pedir uma reunião na prisão hoje mesmo. Fui à penitenciária de Zaballa para confirmar que ele tinha escrito realmente aquele email e para investigar a sua possível implicação neste novo caso. Basicamente, queria perceber se o perfil psicológico do recluso coincide com o perfil que estou a traçar para os crimes de ontem e de hoje. Far-lhe-ei chegar um relatório completo da conversa que tivemos. Mas aqui fica um resumo: apesar de não o ter reconhecido abertamente, estive de alguma maneira por trás do ataque informático, penso que o seu objetivo foi distrair-nos e manter a equipa de crimes informáticos ocupada para que não conseguisse rastrear o IP do computador de onde enviou o email.

Contei-lhe toda a nossa conversa, falei-lhe da conta de Twitter com milhares de seguidores e que proclamava ser sua, e da sua oferta para colaborar comigo na resolução dos crimes.

– Quer voltar a ser de novo um herói em Vitoria – acrescentei –, de modo que pretende ajudar-nos a apanhar o culpado.

– Se o Tasio for o mandante – interrompeu-me Estíbaliz –, se um dos seus seguidores for o autor dos assassinios, pode ser que o próprio Tasio tenha disposto assim as coisas para montar uma armadilha ao autor material dos crimes

com a intenção de que nós o paremos.

– Queres dizer que seria capaz de jogar com os seus próprios acólitos? – perguntou a subcomissária.

– É possível. – Esti encolheu os ombros. – Para ele são meros instrumentos, como as vítimas dos crimes. Todas tinham muito de impessoal, eram pontos sucessivos de uma série. Pode ser que tenha conseguido convencer algum dos seus seguidores, um bastante manipulável, a agir como um imitador. Alguém que também encaixe no perfil de há vinte anos, para que quando ele nos der provas do que está a acontecer agora, haja alguma que possa encaixar com os crimes do passado e ele seja ilibado. Seria um herói por nos ter ajudado agora, tal como quer.

– Mas por que razão precisamente agora, se vai finalmente sair em liberdade? – insistiu Alba.

– Porque não quer apenas recuperar a liberdade – intervim. – Acima de tudo, não quer ser um pária, o inimigo número um. Não quer ser o assassino em série que saiu da prisão porque cumpriu grande parte da sua pena. Quer que as coisas voltem ao momento anterior à sua queda. Quer regressar ao ponto em que as coisas estavam antes, e cito literalmente “umas horas antes” da detenção. Quer ter Vitoria a seus pés mais uma vez: a fama, a adulação, a posição social. Não quer ter de se esconder quando sair.

– Isso bate certo com o facto de, em duas décadas, não ter vendido o seu apartamento na rua Dato – interrompeu Estíbaliz. – Acabei de o confirmar hoje de manhã no registo de propriedades. Poderia tê-lo feito, se tivesse designado um representante, mas a propriedade continua em seu nome e não houve nenhuma mudança de proprietário em vinte anos.

– Pode significar que quando sair da prisão quer continuar a viver ali. Alguém consegue imaginar como vai ser para ele de cada vez que sair à rua? Está mesmo no centro, na rua pedonal mais concorrida de Vitoria. Toda a gente vai olhar para ele, toda a gente vai saber que regressou. E ele não vai suportar ser o vilão na sua própria cidade – disse.

Alba Díaz de Salvatierra mordeu o lábio num gesto de frustração, enquanto me ouvia, e levantou-se, incomodada.

– Sabe perfeitamente que me devia ter avisado antes e, naturalmente, devia ter-me consultado a respeito desta visita ao preso. Esperem por mim aqui, vou avisar a equipa dos crimes informáticos. Inspetor Ayala, o seu computador vai ser monitorizado até nova ordem – disse, enquanto abotoava o blazer azul do seu fato cintado e abandonava o gabinete.

Deixei escapar um longo suspiro quando a vi sair. Fiquei a olhar durante alguns segundos para a porta que a subcomissária fechara atrás de si. Obriguei-

me a manter-me operacional, apesar de me sentir bastante frustrado.

– Muito bem, Esti. Avancemos. Que novidade me ias contar quando nos interromperam em Toloño?

– Tenho uma lista de todo o pessoal que tem as chaves da Catedral Velha, mas o diretor disse-me uma coisa que pode ser interessante. Há duas semanas, uma das arqueólogas encarregadas de fazer as visitas guiadas aos turistas pediu que lhe fizessem uma cópia, porque não conseguia encontrar as suas. Ela afirmava que não as tinha perdido, que é muito cuidadosa e que não as perde de vista durante todo o percurso. Estava convencida de que tinham sido roubadas. Isso aconteceu durante a última visita da tarde, às oito menos um quarto. Quando acaba, uma hora mais tarde, já é quase de noite. Consigo pensar em muitos lugares ao longo do percurso da catedral onde há muito pouca visibilidade e alguém hábil pode ter-lhe roubado as chaves.

– Temos os nomes dos visitantes daquele dia?

– Sim, o diretor deu-mos. Mas não te esqueças de que só escrevem um nome por cada grupo de pessoas, e que não se pede identificação. Se alguém foi fazer a visita com a intenção de roubar as chaves para mais tarde lá deixar dois cadáveres na catedral, é provável que não tenha dado o seu nome verdadeiro. Seria um erro de principiante, e não bate certo com o modo como estes crimes foram executados, de forma tão meticulosa.

– De qualquer maneira, teremos de confirmar as identidades de cada um – insisti. – Por falar em identidades, já sabemos quem são as vítimas de ontem?

– Tivemos o sistema informático em baixo durante toda a manhã, Unai. Não conseguimos adiantar nada. Há centenas de avisos por confirmar e temos de cruzar os dados com os dois cadáveres, mas penso que em breve os teremos. Por agora, e para ir adiantando trabalho, vou tentar procurar uma base de dados de todos os apicultores da região. Apesar de haver muitas outras pessoas que não se dedicam profissionalmente à apicultura nem têm produção própria para vender mel. No vale de Gorbea, muitas pessoas têm colmeias como hobby; fazer uma lista exaustiva de todas elas seria impossível. O meu próprio pai tinha algumas colmeias na sua casa de campo, bem, antes do Alzheimer – murmurou, baixando a voz, como se assim o diagnóstico não a magoasse tanto.

Apesar de ser ainda bastante jovem, o seu pai tinha ingressado recentemente nos cuidados especializados do lar de Txagorritxu, onde atendiam casos como o seu.

– Penso que o meu irmão mais velho se terá desfeito das colmeias – continuou, enquanto girava a caneta entre os seus dedos esguios. – A mim sempre me deixaram nervosa e nunca me aproximava delas. Sinto muito se ontem não fui suficientemente rápida quando aquela abelha saiu da boca do

rapaz. As abelhas conseguem sentir a adrenalina que nós, humanos, produzimos em situações de stresse. Sentem-se atacadas e picam, por isso os apicultores têm de ser pessoas tranquilas e com uma inteligência emocional alta, para serem capazes de manter a calma quando se aproximam delas. Já eu, que sou muito nervosa, custou-me várias picadas até perceber que era melhor não me aproximar.

Naquele momento, a subcomissária voltou a entrar. Vinha com uma expressão grave e parecia cansada, mas todos nós sabíamos que ainda tínhamos um longo dia pela frente.

– Os peritos informáticos já estão a analisar o seu computador, inspetor Ayala. E agora, gostava que me dissessem resumidamente quais são as vossas primeiras impressões destes quatro assassínios.

– Em linhas gerais, existem três possibilidades – disse, pondo-me de pé. Não sei por que razão, mas assim conseguia expressar-me melhor. – Ou três teorias, se preferir. A teoria A: o Tasio foi o autor dos crimes anteriores e agora é o mandante. Isso implicaria que está a exercer a sua influência sobre alguém que se encontra fora da prisão, o que encaixa com o Tasio com quem me encontrei hoje de manhã: é um indivíduo extremamente inteligente, persuasivo e tem-se em grande conta. Tem o perfil de um líder messiânico.

– Qual seria o motivo do crime? – perguntou ela.

– Quer atribuir as culpas dos crimes a outro, tal como diz que lhe fizeram a ele. Agora está na prisão, por isso não pode ser o autor material dos crimes.

– Muito bem – suspirou. – Qual é a teoria B?

– A seguinte é mais óbvia: que o assassino seja o seu irmão.

– O seu irmão, Ignacio? – repetiu a subcomissária, incrédula. – Isso é impossível, é um dos nossos, tem um historial impecável e...

– Eu sei, eu sei – interrompi-a. – Mas deixe-me pelo menos explicar a teoria, visto que é possível. A teoria B seria que o Ignacio é e foi o assassino tanto há vinte anos como agora. E que retomou os crimes precisamente umas semanas antes de o seu irmão gémeo sair da cadeia, para que o Tasio seja de novo acusado e não possa sair em liberdade. Não sabemos se o Tasio o ameaçou, dizendo que se iria vingar ou matá-lo quando saísse. Mas é muito impressionante que estes assassínios tenham parado durante duas décadas e que agora a série tenha recommçado. Por muito que o Ignacio não encaixe no perfil do assassino, não podemos ignorar o que nos diz o cronologia dos acontecimentos.

– Passemos à teoria C. Não quero mais ouvir falar desse assunto – disse a subcomissária, cruzando os braços.

– A última opção que nos resta é tratar-se de um imitador sem qualquer relação com o Tasio. Um independente, alguém novo que entrou no jogo, que

não tem nada a ver com os gémeos. Mas, para mim, isso não bate certo. Quem quer que o tenha feito montou todo o cenário e a parafernália que o rodeia de maneira muito elaborada e os crimes foram executados de forma minuciosa. Não se consegue isso logo à primeira, normalmente os primeiros crimes são trabalhos mal feitos e quase todos os assassinos inexperientes cometem erros crassos. Por isso, não é a primeira vez que mata e, que eu saiba, não houve crimes semelhantes, pelo menos em Álava.

– Muito bem – interrompeu a subcomissária. – Procurem crimes semelhantes que envolvam casais nus, ou mortos por picadas de abelhas. Alguma coisa que nos tenha escapado, talvez mais descuidada e não tão minuciosa.

– Kraken, ficas encarregada disso – murmurou Estíbaliz.

– Kraken, o que é isso? – perguntou Alba Díaz de Salvatierra, interessada.

Lancei um olhar assassino a Estíbaliz.

– É o Kraken? – insistiu, e pareceu-me que estava um pouco pálida.

– Sim, foi uma alcinha que me deram em adolescente. Porquê, é importante?

– Pelos vistos, sim. Por causa do ataque informático, começámos a monitorizar a conta de Twitter de que nos falou. Penso que o Tasio lhe deixou uma mensagem.

Pegou no seu telemóvel e mostrou-nos o último tweet da conta de Tasio, escrito apenas há meia hora:

O herói precisa de um mentor, alguém com experiência que tenha percorrido o caminho antes. Só de ti depende que seja um mentor branco ou negro, #Kraken

Pressionei a cana do nariz com os dedos. Aquilo não me agradava nada. Não me agradava mesmo nada.

– Meu Deus, que arrogante – murmurei para mim mesmo.

– Temos de voltar à prisão e falar com a diretora – disse a subcomissária. – Precisamos de descobrir como se põe em contacto com o exterior e ordena que lhe publiquem esses tweets. Precisamos também de perceber se está a violar a lei ou se alguém na prisão o está a proteger.

– Eu trato disso – interrompi-a, pois tinha-me lembrado de uma forma de avançar na investigação, talvez não muito ortodoxa, mas provavelmente mais eficaz do que interrogar a diretora da prisão de Zaballa.

– Pode ir, mas não quero que visite o Tasio Ortiz de Zárate.

– Como não? – repeti, sem lhe dar importância. – É a única pista sólida que temos até agora, e proíbe-me de falar com ele?

– É perigoso.

– Perigoso? Há um vidro duplo de segurança entre nós e funcionários a vigiar a porta. O que poderia ser menos perigoso do que um encontro com ele?

– Não me referia à sua integridade física. Refiro-me à manipulação mental.

– Pensa que não estou preparado para isto, que não sou bom o suficiente profissionalmente? – Levantei a voz.

– Já lhe disse o que tinha a dizer. Não vou discutir isto consigo. E quero que ao fim do dia me entregue um relatório pormenorizado da sua conversa com o recluso.

Estíbaliz olhou para mim e o seu olhar dizia-me “deixa estar, não podes ganhar”.

Tinha razão, estava de pés e mãos atados. Não gostava nada que me limitassem os movimentos nas investigações. Aquelas reticências absurdas iam atrasar o nosso ritmo, e se o assassino ia continuar a matar com tão curtos intervalos de tempo, manter-me fechado no gabinete naquela tarde era como deixar uma criança sem supervisão numa geladaria.

Sentei-me, frustrado, e esperei que terminasse. Que outra coisa podia fazer?

– Por último – disse a subcomissária, estendendo-nos uma pasta –, aqui têm a nota de imprensa oficial que o nosso gabinete de comunicação redigiu. Os únicos pormenores que se revelam são as idades aproximadas das vítimas e a hora de descoberta dos corpos. Demos instruções para nos autoprotegermos, tal como o inspetor Ayala sugeriu. Não nos vamos afastar desta nota de imprensa, não daremos mais pormenores. Todos os avanços na investigação serão sigilosos até nova ordem.

– Muito bem. Enviá-la-ei ao meu homem de confiança na imprensa – disse.

– Peço-vos que me informem de qualquer novidade imediatamente. Podem ir.

Saí do gabinete da minha nova chefe com a sensação de que tinha levado uma tarefa de todo o tamanho, que doía muito e que me ia deixar paralisado durante dias. Estíbaliz também estava pensativa. Eu conhecia-a, sabia que o seu cérebro devia estar, naquele momento, a trabalhar a toda a velocidade.

– Por falar em papéis, Esti. Devíamos ter acesso ao relatório dos crimes de há vinte anos. O Tasio forneceu-me um dado que quero comprovar se é verdade.

– Já tinha pensado nisso, e ia dizer-te exatamente a mesma coisa. Vem comigo ao meu gabinete. Pedi ao Pancorbo para mo procurar.

– Porque pediste ao Pancorbo? – perguntei. Pancorbo era inspetor na Divisão de Trânsito, não percebia qual era a relação dele com o caso.

– Porque ele era o colega do Ignacio Ortiz de Zárate quando se deu aquela tragédia; dantes estava na Divisão de Investigação Criminal. Pedi transferência para a Divisão de Trânsito logo após o caso do duplo crime na Muralha Medieval. Imagino que aquilo afetou toda a gente.

– O Pancorbo? – repeti. Custava-me imaginar aquele investigador cinzentão com alguém tão brilhante como Ignacio Ortiz de Zárate. Não me parecia que fizessem uma dupla muito equilibrada.

– Sim, o Pancorbo – disse enquanto entrava no seu gabinete.

Em cima da sua mesa de fórmica branca encontrámos um arquivador castanho cheio de pastas lá dentro. Tanto eu como Estíbaliz atirámo-nos aos relatórios e passámos a meia hora seguinte mergulhados em papéis até que aquelas fotografias apareceram.

Penso que não estava preparado para o que vi. Queria estar. Queria pensar que estava. Mas ao ver a foto dos recém-nascidos, um menino e uma menina, nus, com as mãos apoiadas na cara um do outro e três pequenos eguzkilores à volta das suas cabeças cianóticas deitadas sobre a erva do dólmén... foi como se os visse a eles, aqueles que não chegaram a ser, aqueles que não pude conhecer, aqueles para quem havia milhares de nomes mas que não houve tempo para escolher.

Talvez tenha passado mais tempo do que me lembro, porque de repente o rosto de Estíbaliz estava muito próximo, ao meu lado, a olhar para mim, preocupada. Precisou das suas duas mãos para levantar a minha, que segurava com força na foto dos bebés mortos. Pelos vistos, cobri-a, e ali fiquei, especado, incapaz de avançar ou de retroceder, como a minha vida naquela maldita estrada dos pinheiros.

– Estás bem, Kraken? Queres acabar por hoje?

– Não... só preciso de beber um pouco de água e de me refrescar – disse, levantando-me de repente e saindo do gabinete.

Regressei passado algum tempo, mais calmo e mentalizado. Sabia que Estíbaliz jamais contaria as minhas recaídas a ninguém.

– Muito bem, concentremo-nos no que nos dizem os relatórios – murmurei, e ela assentiu em silêncio.

Quando acabei de lhes dar uma vista de olhos, olhei para ela espantado.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Há aqui qualquer coisa estranha com o relatório de uma das últimas vítimas, a miúda de quinze anos. No relatório do local do crime, há indícios de sémen e de uma possível agressão sexual, ou pelo menos de um contacto sexual antes da morte, pendente de confirmação na autópsia. Mas aqui não temos o relatório da autópsia.

Esti olhou para mim, procurou nos seus papéis e abanou a cabeça. Ela também não a tinha.

– Por que razão é que, dos oito assassínios, o único relatório da autópsia que falta é o da jovem de quinze anos?

“Jovem, tinha dito Tasio”, lembrei-me.

Tudo aquilo era novo e inquietante para mim... Não fazia a mínima ideia de que um dos crimes de há vinte anos tivera um cariz sexual, a imprensa jamais o mencionara. Aquela informação nunca saiu cá para fora.

Quem, a partir de dentro, tinha roubado a autópsia para que não se soubesse o que aconteceu realmente àquela rapariga?

Olhei para a minha colega e ela fez-me um gesto que dizia tudo.

Estava na altura de conhecermos pessoalmente Ignacio Ortiz de Zárate, o polícia íntegro que entregou o seu irmão.

Já de madrugada, voltei a calçar os meus ténis e percorri uma Vitoria serena e vazia, como se a cidade se quisesse manter à margem dos crimes que estavam a conspurcar as suas ruas. Mudei a minha rota habitual, não tinha vontade de me encontrar com... tanto fazia. Desci pela avenida Gasteiz, paralela à linha do elétrico, e dei a volta na rua Basoa. Estava a subir a Cercas Bajas quando a encontrei.

Não queria parar. Não naquele dia, em que me sentia tão constrangido pelas suas ordens.

Acelerei o passo e desviei o olhar quando me cruzei com ela ao pé da torre de Doña Otxanda. Foi ela quem me cumprimentou:

– Ismael...

– Blanca... – limitei-me a dizer, e continuei o meu caminho.

E assim ficaram estabelecidos os parâmetros da nossa relação dupla: inspetor Ayala e subcomissária Díaz de Salvatierra de dia.

Blanca e Ismael de madrugada.

5. Tapas típicas do norte de Espanha, em que a comida é colocada sobre uma fatia de pão. (N. da T.)

Rua Dato, 2

Sexta-feira, 29 de julho

O que têm em comum estas últimas mortes? Olha para o essencial e traça os perfis das vítimas, #Kraken

Foi com aquele tweet que tomei o pequeno-almoço na sexta-feira. A conta de Tasio tinha somado quase trinta mil seguidores nalgumas horas e #Kraken era um dos tópicos da moda do dia. O meu mentor obscuro estava relutante em perder a sua dose de exposição mediática e tinha a arrogância de me tentar guiar na investigação.

Mas naquela sexta-feira não era Tasio o protagonista, mas sim o seu irmão, Ignacio.

Foi uma pena ele ter deixado o corpo policial pouco tempo depois de Tasio ter ido para a prisão. Até então, o seu gémeo fora a personalidade mediática. Mas foi aquela foto, tirada à traição e publicada na primeira página do El Diario Alavés há vinte anos, que o transformou no herói que todos nós admirávamos.

Com um semblante sério, Ignacio tentava dissimular as lágrimas enquanto chegava aos tribunais para testemunhar. Com os dentes cerrados, tentando controlar-se naquele que provavelmente foi o pior momento da sua vida. Uma integridade resignada, um homem que foi capaz de perceber que o seu irmão era um assassino em série e que o entregou; isso emocionou-nos a todos.

Que polícia nunca se colocou essa mesma pergunta. Se a pessoa que mais amavas fosse um assassino, serias capaz de o entregar ou esconderias isso? E se o meu avô fosse um carrasco sádico da Guerra Civil?

Durante a minha formação na academia de Arkaute, estudei relatos de argentinos descendentes de alemães que descobriram, horrorizados, como os seus amados avós eram criminosos de guerra nazis. Como encaixar na sua vida duas perceções, duas realidades tão divergentes? Seria possível voltar a abraçá-

lo, dar-lhe um beijo afetuoso na testa, olhar para ele nos olhos? Ou denunciá-lo-ia? Uma pessoa deixa de tratar, de gostar, de amar alguém que tomou conta de nós, que nos deu tanto amor e carinho durante toda a vida?

Depois de tudo aquilo, Ignacio conduziu uma série de programas de crimes, muito em voga no final dos anos noventa. Era um homem muito rigoroso, estava longe das polémicas das outras cadeias de televisão, e assim conquistou uma reputação irrepreensível. Depois desapareceu dos meios de comunicação. Diz-se que, graças ao que a televisão lhe pagou, não precisava de trabalhar até ao resto da vida. Em Vitoria, era convidado para qualquer evento que tivesse a ver com a cidade. Costumava ir, sempre muito educado, muito envolvido no seu papel. Mas ultimamente tinha-lhe perdido o rasto, por isso, quando Estíbaliz me ligou de manhã para me contar as suas intenções, disse logo que ia, sem pensar duas vezes.

Estíbaliz e eu chegámos de carro à avenida Gasteiz e, por um estranho e raro milagre, conseguimos estacionar em frente ao edifício triangular dos Tribunais e dirigimo-nos para o restaurante Zaldiaran, o único na cidade que tinha uma estrela Michelin.

A minha colega conseguira o número de telefone de Ignacio Ortiz de Zárate, cortesia de Pancorbo, e ele combinou encontrar-se connosco duas horas mais tarde no seu apartamento na rua Dato, mas eu era um tipo morbidamente curioso por natureza e também por defeito profissional, e renunciar a um evento gastronómico que tinha o próprio Ignacio como imagem de marca era impensável. As Jornadas de Slow Food de Araba começaram às onze da manhã, e eu e Estíbaliz chegámos vestidos de uma forma um pouco mais formal do que o habitual, para não destoarmos. Esti, com um vestido de cocktail tão vermelho como o seu cabelo, e eu com um fato azul-escuro.

Atravessámos a porta de vidro do templo gastronómico e avançámos pelos corredores com paredes revestidas a madeira. A sala de convenções do restaurante estava a transbordar. Centenas de flashes de telemóveis erguiam-se acima da altura média das cabeças e brilhavam como se fossem os fogos de artifício das festividades de Donosti.

– Consegues ver alguma coisa? – perguntou-me a minha colega, frustrada.

Dei algumas cotoveladas elegantes e deixei que Estíbaliz se pusesse à minha frente, num dos extremos da sala.

– Sim, penso que é a nossa estrela que está lá à frente – disse, sem ter a certeza absoluta.

Ergui a cabeça e foi então que o vi, posando com um gesto decidido diante

dos fotografos: ali estava o herói da minha adolescência, vinte anos depois. Alguém que envelheceu bem e não o detrito humano que se encontrava na prisão. Tasio parecia o avô mendigo do seu irmão gêmeo.

No rosto de Ignacio não havia qualquer vestígio de rugas ou olheiras profundas sob os seus olhos. Tinha o cabelo com um bom corte, do mesmo tom louro-escuro de que me lembrava, e não com as madeixas prateadas do seu irmão. O corpo fibroso e musculado, trabalhado, de um atleta bem treinado. Fato feito sob medida, calças justas e caras. Gravata fina mas bem escolhida. Sapatos de pele, ingleses, um relógio de marca. Perfeitamente barbeado, como se tivesse saído de uma barbearia das antigas.

Era difícil não o admirar; também era difícil, para uma mulher como Estíbaliz, não ficar impressionada. Talvez eu tenha sentido uma pontada de ciúmes que não combinava comigo.

Ignacio sorria diante do logótipo de um caracol e dos rótulos da Slow Food de Araba. Ao lado dele, artisticamente colocados em cima de uma mesa, estavam expostos uma série de produtos gourmet da região. De onde me encontrava, pude ver latas de trufas pretas de Álava, frascos de mel de Gorbea, pequenos sacos de ráfia de feijão-frade e várias garrafas de txakolí da região.

Ignacio falava sobre todos os produtos com o entusiasmo comedido de um calejado vendedor de joias. Piscava o olho, enriquecia o discurso com histórias divertidas para a plateia, convidou vários espectadores sortudos na primeira fila para provar o txakolí e concordou, no meio de piadas elegantes, em tirar várias fotografias com os escolhidos, que não conseguiam parar de sorrir embaçados diante daquela exibição de charme.

Quando os flashes terminaram, Ignacio olhou para o relógio, agradeceu a todos os presentes com um grande sorriso e preparava-se para abandonar o estrado.

Foi nesse momento que uma chuva de perguntas desconfortáveis da imprensa lhe caiu em cima.

– Ignacio, para a Europa Press: o que acha dos crimes na Catedral Velha e na Casa do Cordón? Pensa que o seu irmão teve alguma coisa a ver com isso?

Ficámos todos hirtos, talvez a jornalista tenha sido demasiado direta. Houve alguns segundos de silêncio, mas o rosto de Ignacio não se alterou. O seu sorriso autêntico continuava lá, como se nada tivesse acontecido.

– Mireia, sabe muito bem que não farei declarações sobre esse assunto. Não me diz respeito. Agora, se me desculpar...

– Uma última pergunta – adiantou-se um jovem com um forte sotaque britânico. – Para o The Sunday Times...

Todos se viraram expectantes para o jornalista inglês. Se a imprensa europeia

já estava em cima do assunto, a pressão sobre o caso ia asfixiar-nos, a mim e a Esti. Mas Ignacio não pareceu importar-se com a presença dos media internacionais.

– Insisto – interrompeu-o com um elegante aceno com a cabeça. – Não tenho nada a declarar. Estou fora deste lamentável assunto. Agradeço a todos o vosso interesse e a vossa presença num evento tão importante para a nossa gastronomia como este. Tenham um ótimo dia.

Ignacio conseguiu finalmente descer do estrado, mas foi rodeado por uma multidão, por entre gravadores para a rádio, câmaras de televisão e público anónimo que insistia em tirar uma selfie com ele.

– Esti – murmurei para a minha colega –, aproxima-te dele e diz-lhe que vá até à casa de banho dos homens. Aqui vão comê-lo vivo.

Saí da sala de convenções do restaurante e perguntei onde ficava a casa de banho. Uma vez lá dentro, esperei vários minutos até que Ignacio entrou, fechou a porta atrás de si e apoiou as costas na parede, ao mesmo tempo que fechava os olhos, levantava a cabeça para o teto e soltava um longo suspiro.

– Sou o inspetor Ayala – apresentei-me, estendendo-lhe a mão. – Combinámos encontrar-nos à uma em sua casa, mas parece-me que vai ser complicado para si sair daqui inteiro. Veio de carro?

– Não, vim a pé – respondeu, apertando a minha mão com força. – Desde o dia de Santiago que as pessoas enlouqueceram e param-me na rua para me dizerem a primeira coisa que lhes passa pela cabeça, mas nunca imaginei que um evento culinário se pudesse transformar numa armadilha mortífera. Receio que vá ser como há vinte anos e que eu deixe de ter vida novamente.

– Eu e a minha colega temos o carro estacionado ao lado do Tribunal – intervim, obrigando-me a ser pragmático.

– É um carro-patrolha? A última coisa que preciso neste momento é que me vejam a entrar num carro da polícia. Isso despoletaria ainda mais teorias da conspiração.

– Não, não é um carro-patrolha.

Então, o antigo inspetor que foi em tempos tomou conta da situação.

– Muito bem, és mais alto e corpulento do que eu, e estás vestido à paisana – disse-me. – Avisa a tua colega para que saia antes e tenha o carro à espera em frente ao restaurante. Quando sairmos, tapa-me com o teu corpo e vira a cabeça na direção oposta das câmaras para que não te identifiquem. Vamos tentar evitar a fotografia de capa que todos estão à procura hoje.

– Percebido.

Cinco minutos depois de ter avisado Estíbaliz, arriscámo-nos a atravessar a barreira humana que nos esperava à saída do Zaldiaran. Protegi Ignacio com o

meu corpo, já a lutar com a servidão da fama, e lançámo-nos para dentro do carro assim que vimos a porta de trás aberta para nós.

– Ainda quer ir para sua casa? – perguntou Estíbaliz, em jeito de cumprimento, enquanto se dirigia para a ponte azul.

– Sim, vamos deixar o carro no parque de estacionamento da Catedral Nova, e daí podemos ir a pé até à rua Dato.

Muito tempo depois chegámos à porta da sua casa, o número 2 da rua Dato. Era do conhecimento geral que os gémeos Ortiz de Zárate tinham herdado a fortuna dos pais e venderam à melhor oferta a siderúrgica Alavesas depois de eles morrerem, quando tinham apenas dezoito anos. Nenhum deles queria continuar com o negócio dos pais; na verdade, não precisavam de trabalhar, mas cada um tinha uma vocação e chegaram a exercê-la: um deles queria ser polícia, o outro queria ser arqueólogo. Ambos eram os melhores na sua área.

Os dois compraram um apartamento na rua mais soalheira da cidade: a rua Dato. No início desta, quase na esquina com a Postas. Um em frente ao outro. Como se cada um quisesse reinar ou dominar numa das margens. A esquerda, para ti. A direita, para mim. Ignacio dominava sobre a praça da Virgen Blanca, Tasio reinava nos Fueros. Ninguém duvidava, naquela época, de que iam conquistar o mundo.

Subimos ao terceiro andar num elevador moderno e Ignacio abriu-nos a porta blindada do seu espaçoso apartamento. Toda a decoração era masculina, em tons cinzentos e ocres, parecia obra de um profissional, se bem que de seguida apercebi-me de um pormenor que me pareceu inquietante. Registei-o, e arqueei-o para mais tarde, e obriguei-me a concentrar-me na investigação estratégica que tinha por diante.

Não gostava de conduzir as entrevistas a testemunhas ou suspeitos como se fossem interrogatórios. Com a experiência aprendera que, numa cidade pequena como Vitoria, as pessoas tinham tendência para se fechar em grupo e abraçar a maldita lei do silêncio. Por isso preparava sempre uma série de assuntos que iam desde os menos comprometedores até aos mais difíceis de abordar. Eram como boias de salvação a que me segurar durante a travessia até chegar ao porto que me interessava.

Passei mentalmente em revista o meu guião para aquele dia, os pontos que queria ter esclarecido quando saísse da toca de Ignacio: conhecidos daquela época, o tema mediático, a autópsia desaparecida e a saída em liberdade de Tasio.

– Obrigado por nos receber em sua casa.

– Podes tratar-me por tu, pelo amor de Deus, pois devemos ter dois anos de diferença.

– Cinco – deixei escapar.

Ele registou aquela informação com um rápido franzir das sobrancelhas; penso que deduziu que eu conhecia os pormenores do caso.

Cinco, de acordo – repetiu, observando-me com atenção. Fez-se um silêncio tenso entre os três, de pé no enorme salão cujas janelas brancas restauradas davam para a rua Dato. – Querem um copo de vinho tinto? Estou a trabalhar, juntamente com o pessoal da Slow Food, com uma adega da Rioja Alavesa que está a ter muito sucesso no mercado internacional. Gostava que provassem.

– Não, obrigado, Ignacio. Sabes que estamos de serviço – respondi.

– Eu cá quero provar – apressou-se a dizer a minha colega.

Lancei um olhar assassino a Estíbaliz. Era tão má como eu a cumprir as normas, mas pelo menos tentávamos disfarçar em público.

– Podem sentar-se. Tu aqui e tu ali – disse, e indicou-nos duas poltronas idênticas pretas de design, uma em frente à outra, dispostas à volta de uma elegante mesa baixa de centro. – Vou buscar o vinho.

Deixou-nos sozinhos e foi à cozinha buscar a garrafa.

Quando regressou, serviu um copo a Estíbaliz e sentou-se no meio do sofá, como se nos tivesse dividido, mantendo a simetria da cena. Foi uma atitude estranha, como se estivéssemos numa peça de teatro com o cenário muito bem montado.

Ignacio provou o seu vinho e pousou o copo na mesa diante dele, mas tinha trazido outro copo vazio, que no início pensei que era para mim, mas ele não me ofereceu. Durante algum tempo entreteve-se a colocar os dois copos, o vazio e o cheio, à sua frente.

Objetos pares.

Naquela casa estava tudo decorado aos pares, como se ali vivessem duas pessoas, e não um homem solteiro.

– Também estás envolvido na direção da Slow Food? – perguntei com um interesse genuíno. – Deve ser apaixonante trabalhar com produtos locais.

– É verdade. Trabalhamos sem intermediários com produtores locais: trufa negra, batata da montanha Alavesa...

– Também trabalham com produtores de mel? – interrompeu Estíbaliz, no tom mais casual que consegui.

– Sim, precisamente, eu estou encarregado desse produto em concreto – disse, distraído. – O mundo das abelhas é fascinante, não vos parece?

– Sem dúvida – respondeu a minha colega. – Na casa de campo dos meus pais tínhamos sempre umas quantas colmeias para uso próprio e para ajudar com os rendimentos da agricultura. Na zona de Gorbea, praticamente toda a gente sabia um pouco sobre apicultura por herança familiar.

Ignacio sorriu para si, como se tivéssemos contado uma piada que apenas ele compreendia. Pousou o seu copo, agora vazio, ao lado do seu duplo, levantou-se e ficou parado junto a uma das janelas, a olhar em frente com a cabeça apoiada na trave branca de madeira.

– Se vos parece bem, vamos deixar-nos de rodeios. Façam-me as perguntas que vieram fazer. Não tenho nenhuma intenção de obstruir a investigação.

Suspirei aliviado, aquilo fazia-nos poupar umas quantas boias.

– Agradecemos-te por seres tão direto, Ignacio.

– Uma pessoa pode deixar de ser polícia, mas no seu cérebro continuam gravados os esquemas mentais que nos ensinaram na academia – disse, mais para si próprio, sem deixar de observar a fachada que tinha à sua frente. – Com os quatro assassinios que têm por resolver e os antecedentes de há vinte anos, a esta hora têm de certeza uma série de questões sem resposta.

– Começamos, então – disse. – Gostaria de te perguntar sobre o lado mediático. Sabes, não se pode negar que os primeiros crimes deram uma popularidade enorme ao programa do Tasio. Pelo que sei, o seu programa de arqueologia passava despercebido na programação da televisão autónoma. Mas quando começou a elaborar teorias sobre o aspeto histórico de cada assassinio, transformou-se numa estrela. Quem estava à frente do programa, quando o teu irmão...?

– O meu gémeo – corrigiu-me Ignacio, como um autómato, como se fosse uma falta de consideração.

– Claro, o teu gémeo. Perguntava-te quem dirigia o programa quando o teu gémeo assinou um contrato com a televisão nacional. Não deve ter achado graça nenhuma em ter apostado no Tasio para ele depois se ir embora para a televisão nacional quando as audiências se tinham transformado em ouro.

– Estás à procura de um motivo?

– Neste momento, procuro ter uma ideia de todas as pessoas que trabalhavam no programa. Podes dar-me um nome?

– Inés Ochoa – murmurou. – Era a Inés Ochoa quem mexia os cordelinhos no canal.

– Conhecia-la?

– Antes que o descubras pelos teus próprios meios, prefiro dar-te a minha versão dos factos. Inés Ochoa era e continua a ser a diretora da programação do canal autónomo. E vou adiantar-me à tua próxima pergunta: sim, foi ela quem me propôs os programas de crimes que gravei depois de ter prendido o meu gémeo. No início rejeitei a sua oferta, não queria ter nada a ver com aquele assunto. Sabia que me criticariam muito em Vitoria, a prisão do meu gémeo era ainda bastante recente. Mas ela insistia em que era a melhor maneira de explicar

o sucedido, que os jornalistas, ao fim e ao cabo, iam escrever o que lhes fosse mais conveniente. Pensei que se fosse eu a escolher os conteúdos, podia fazer alguma coisa digna.

– Arrependes-te? – perguntou Estíbaliz.

– Todos os dias – murmurou, com uma expressão derrotada.

– Então a Inés Ochoa beneficiou com os assassinios?

– No início, com o meu gémeo, claro que sim. Depois a maré virou, ficou sem a sua estrela e depois trocou-a por mim. Um gémeo pelo outro. O vilão pelo herói. O share das audiências e o frenesim com que os anunciantes investiram compensou-lhe o que me pagou.

– Deduzo que não tens uma boa memória dela – tateei.

– Não tenho boa memória de nada do que se passou naquela época – respondeu, evasivo.

– Sabes onde a podemos encontrar? – insisti.

– Essa pergunta é desnecessária – replicou, um pouco cansado. – És um investigador no ativo, em dois minutos podes arranjar o seu contacto sem a minha ajuda. Se o que, na verdade, queres é saber se hoje em dia continuamos em contacto, a resposta é não. Pergunta na televisão pela Dama de Pedra. Mas tem cuidado, é uma dessas pessoas que cai sempre de pé, como os gatos. E não lhe dêes cumprimentos da minha parte.

“Interessante, pelo menos.”

– Vejo que em vinte anos muita coisa mudou – disse. – O que nos pouparia muito tempo e seria de grande ajuda era uma lista dos amigos que tu e o Tasio tinham naquela época. Amigos comuns e amigos de cada um de vocês. Colegas de profissão, familiares... Podes dar-me uma lista de uns... quinze, digamos?

– Querem rever o caso.

– Não vamos fingir que a chave para resolver estes novos crimes está no caso antigo. Isso é claro para ti também. Gostaria que me passasses um número razoável para que os possamos entrevistar.

Assentiu, com o olhar perdido, pensativo. O brilho da sua personalidade tinha desaparecido há algum tempo. Desde o momento em que atravessou a porta do seu refúgio.

– Parece-me bem – concordou por fim. – Hoje mesmo vos facilito essa lista, se fosse eu estaria a dar os mesmos passos que vocês. Mais alguma coisa?

– Tivemos acesso aos relatórios dos primeiros casos. Falta a autópsia da jovem de quinze anos – interrompeu Estíbaliz.

Ignacio encolheu os ombros, não parecia muito interessado.

– Perguntem ao Pancorbo. Posso garantir-vos que, quando deixei a Polícia, todos os relatórios e as autópsias estavam nas respetivas pastas. Não faltava

nada.

– Desconfias do Pancorbo? – quis saber a minha colega.

– Não, não – apressou-se a responder, com um sorriso que me pareceu ensaiado. – Não o disse no sentido de pensar que o Pancorbo pode ter tido alguma coisa a ver com o desaparecimento da autópsia da jovem. Mas não se deixem enganar por ele ser um homem calado com ar de quem não faz mal a uma mosca. É muito mais brilhante do que parece, mas precisam de passar muitas horas com ele para que se mostre. Queria dizer que há quase vinte anos que não piso a esquadra. Devem ter havido milhares de mudanças de localização, imagino. Ele estava à frente do caso comigo, foi uma ajuda imprescindível para o resolvermos. É a única pessoa de quem me lembro capaz de nos dar uma pista sobre como se pode ter perdido.

– Não dás muita importância a essa autópsia em concreto. Não achas que o seu desaparecimento pode ter sido de propósito, que alguém na Polícia pode querer que não se saiba o que aconteceu a essa jovem?

– Foi uma série de oito assassinios – murmurou, como uma ladainha, como se o tivesse repetido centenas de vezes no passado –, e aconteceram há quase vinte anos. Desculpem se procurei esquecer os pormenores durante este tempo, e sobretudo dadas as circunstâncias que rodearam este caso. Não suporto esta sensação de déjà vu.

– Mas esse corpo apresentava um dado diferente. Não te podes ter esquecido. O teu irmão conhecia a jovem?

– Não, que eu soubesse.

– Conhecia algum dos jovens que assassinou?

– Não, que eu soubesse.

– Alguém das famílias dos assassinados?

Negou com a cabeça.

– Não, que tu soubesses – adiantou-se Estíbaliz.

– Foram assassinios com rituais. Não procurem mais além. Eu também investiguei as possíveis ligações entre as vítimas, o que me tirou um tempo precioso que teria servido para evitar as últimas mortes. – Pronunciou as duas últimas palavras como se estivesse a comer um limão, o travo era amargo. – Foram assassinios com rituais. Os eguzkilores, o veneno ancestral, os corpos orientados para noroeste, como os pagãos fizeram desde a Pré-história...

Por fim, estávamos a aproximar-nos do cerne do caso.

– Acreditaste que tinha sido o teu irm... o teu gémeo?

Ignacio levou as mãos à cana do nariz como se tivesse uma enorme enxaqueca.

– O Tasio passou por um período negro, quando preparava a tese da

licenciatura. Empenhou-se em estudar os acontecimentos de Zugarramurdi. Vocês sabem, os autos de fé de Logroño de 1610, em que condenaram onze vizinhos à fogueira, acusados de bruxaria. Durante aqueles anos em que estudou em Navarra, dava-se muito com um colega, agora não me lembro do nome dele, mas era um rapaz muito mais novo e radical, gostavam destes assuntos esquisitos. Paganismo, ocultismo, sincretismo... todos os “ismos” obscuros de que se consigam lembrar. Tinham alguns anos de diferença, e ao início aquela amizade chocou-me muito, até que o Tasio me contou como o conhecera. – Olhou para nós pelo canto do olho, como se estivesse a ponderar se devia dar-nos mais informações ou calar-se.

Incentivei-o com o olhar e, felizmente, ele continuou.

– O Tasio fumava marijuana e outras substâncias ilegais, de vez em quando. Eu não gostava nada que ele fizesse isso, sempre fui muito mais respeitador das normas, mas nunca o censurei. Preferia que continuasse a confiar em mim, para assim saber sempre em que confusões é que ele andava metido. Isto coincidiu com aquela altura em que andava a experimentar drogas; o rapaz era o seu traficante habitual, um daqueles que vendia erva em certos bares de Kutxi. Simpatizaram um com o outro, apesar de ele ser apenas um adolescente e de o Tasio estar quase a terminar os estudos.

Ficou em silêncio, como se lhe custasse regressar àquela memória.

– Continua, por favor – incentivei-o, temendo que se calasse. – Estavas a contar-nos que o amigo dele era muito radical em relação aos temas pagãos...

– Sim, era. Num fim de semana foram à gruta de Akelarrenlezea, ou Songinen Lezea, como preferirem. A gruta do Sabat⁶ ou a gruta das bruxas. As pessoas da terra não conseguem chegar a acordo quanto ao nome. Queriam recriar o ritual de um sabat, baseando-se nas descrições de textos que estavam a estudar na universidade, e que eram basicamente as declarações originais das testemunhas do processo do século xvii. Levavam com eles todo o tipo de parafernália pagã: bebidas, tinturas naturais para gravarem símbolos... Também tinham eguzkilores, não só para se protegerem, mas também porque a sua raiz, com água destilada, tem supostamente propriedades afrodisíacas... Foram com duas raparigas com quem andavam a sair naquela altura, eu recusei-me a ir. Não gostava nada do amigo dele, era muito de extremos e andava em ambientes que... vocês compreendem. Por causa do meu trabalho como polícia, éramos inimigos naturais. Não sei o que lhes aconteceu na gruta naquele fim de semana, mas sei que incluiu o consumo de drogas. O Tasio veio muito alterado, diria mesmo aterrado. Pupilas dilatadas, os membros um pouco rígidos, teve bradicardia e palpitações, o seu coração parecia uma montanha-russa. Não saí do lado dele durante uma semana. Quis interrogar o amigo, mas o Tasio impediu-me. Não me

quis contar nada, mas sei que alguma coisa muito grave aconteceu, porque não voltaram a ver-se. Não sei se isto responde à tua pergunta. Uma pessoa nunca quer ver o que está mesmo à sua frente até ser obrigado a isso.

Era agora a altura certa para fazer a pergunta mais difícil.

– Como estás a reagir à sua iminente saída da prisão? Têm mantido o contacto ao longo destes vinte anos, alguma comunicação? – disse, mas custou-me manter o tom neutro enquanto pronunciava aquelas palavras.

Negou com a cabeça e olhou para mim com uma expressão triste, como se estivesse a falar com uma criança da primária.

– Entreguei-o às autoridades, como é que achas que ele reagiu?

Fiquei em silêncio deliberadamente. Queria que continuasse a falar comigo daquele assunto.

– Não podes compreender – continuou, por fim. – Conheci duas vidas. Uma, como irmão gémeo da minha outra metade. Outra, como filho único. Aquela data partiu-nos em dois a todos.

“Muito bem, agora é quando aparece o Ignacio que eu queria ver, e não a personagem que me queria mostrar”, pensei.

– Se ele sair em breve, tal como está programado, vocês voltarão a ver-se, retomarão o contacto?

– Isso é um assunto entre mim e o meu gémeo. – Voltou-se para nós e ficou de pé, já não disfarçava o seu mal-estar. – Não quero ser brusco ou mal-educado, mas têm de respeitar a minha intimidade. Não sou muito dado a falar das minhas coisas, e este é um assunto muito duro para mim. Esta semana toda a gente enlouqueceu, ninguém fala de outra coisa nos bares, não sei se quero passar por tudo isto de novo. É terrivelmente incómodo. Tenho vários compromissos para as Festas da Blanca: jantares com amigos e patrocinadores de marcas que represento, corridas de touros, touradas... Tenho entradas compradas há meses, mas no final pode ser que vá para fora, para a casa de campo que tenho em Laguardia, e que passe lá o verão até isto tudo acalmar.

– E agora é quando nos indicas amavelmente a saída – adiantei-me.

– Assim é. Obrigado por me poupares à cena em que me armo em ofendido.

– Cortesia profissional – disse, levantando-me e estendendo-lhe o meu cartão.

– Podes enviar-me a tal lista para o meu email?

Contava que os informáticos já tivessem posto o meu computador a salvo e que Tasio não conseguisse aceder de novo ao conteúdo do meu email.

– Daqui a duas horas já lá tens. Sabem que vou colaborar em tudo o que me pedirem – disse, mais uma vez. Como se tivesse de nos deixar claro que ele estava do lado do bem.

Esti e eu caminhámos pela rua Dato numa manhã tão quente, que as roupas que tínhamos vestidas eram demasiadas, bem como os saltos altos de Estíbaliz. Fazia uma expressão ao andar que me deixava adivinhar que estava prestes a atirá-los à estátua do Caminhante, um homem em bronze de três metros de altura, que se havia transformado no ícone e no souvenir mais querido da cidade.

– Vem comigo – pedi-lhe em frente à pastelaria Goya. – Preciso de um pouco de açúcar para pensar melhor.

Entrámos numa das pastelarias mais antigas de Vitoria, que se tornara famosa pelos seus Vasquitos e Nesquitas, bombons de chocolate em forma de quadrado, que se fabricavam desde 1886 e que a gula dos nossos avós tinha mantido no top de vendas dos doces do Norte daquela época.

– Meio quilo de bolos de chá. Mas, por favor, quero todos de marmelada – pedi à empregada, uma mulher de meia-idade e cabelo grená, que ignorou a minha súplica mais uma vez e me colocou na caixa de papel as variedades que lhe pareceram mais convenientes, como sempre fazia.

Saí da loja resignado com a minha caixa de bolos e metemo-nos pela rua San Prudencio em direção ao parque de estacionamento da Catedral Nova, para irmos buscar o carro. Passámos diante da ótica Fernández de Betoño e esperámos que não houvesse muita gente à nossa volta, para não ouvirem a conversa.

– Porquê quinze, Kraken? – disse Estíbaliz de supetão. – Porque lhe pediste uma lista de quinze amigos?

– Ninguém tem quinze amigos íntimos, algumas das pessoas que ele vai colocar na lista não serão assim tão próximas. Vou começar pelos últimos nomes da lista, aqueles que lhe terão dado mais trabalho a arranjar. Descarto de imediato entrevistar os primeiros, só vão falar bem dele. Vamos ver se todos se fecham em copas para proteger o Ignacio ou se encontramos alguma brecha no paraíso.

– E qual é a tua opinião sobre o que vimos ali, Unai? – perguntou. – Do ponto de vista de um especialista a traçar perfis. O que raio foi aquilo que vimos ali dentro?

Suspirei e tentei dar um pouco de ordem aos indícios que me tinham chamado a atenção. Não era simples, estávamos diante de uma psique complicada à qual se unia um passado com um trauma pessoal importante.

– Penso que o Ignacio tem uma espécie de dupla personalidade. Em público, na rua... brilha. Uma pessoa não consegue deixar de olhar para ele, é puro carisma. Aquele sorriso tão aberto... será que se consegue fingir? Mas em privado, na sua casa... é como se estivesse vazio por dentro. Torna-se cinzento,

não sorri, nem sequer se dá ao trabalho de fingir um sorriso de circunstância. Até mesmo a sua voz baixa meio tom, reparaste? Como se fosse mais velho do que aparenta. Notei vários gestos que parecem quase patológicos, como a sua obsessão pelo dois. Reparaste que tudo em casa dele é simétrico? A distribuição dos quartos de ambos os lados do corredor, os sofás, as mesas, os objetos decorativos. Todos os quadros pertencem a séries de dois. Como se fosse a metade de um todo e estivesse à espera de que o seu gémeo voltasse para ocupar a parte do espaço que lhe pertence. E não parava de olhar pela janela, como se fosse uma muleta. Como uma espécie de tique ou de apoio psicológico, ou uma pequena evasão, quando apertávamos mais com ele. Mas não olhava numa direção qualquer, olhava para a porta em frente. Sabes o que há aí?

– Antes havia uma dependência do Banco Vitoria; agora é o Banco Santander.

– Não, Esti. Refiro-me ao que está ao lado do Banco Santander.

– A porta da casa do seu irmão, perdão, gémeo – disse com ironia.

– Isso mesmo. Como se estivesse à espera de o ver chegar, parecia uma vigilância cerrada. O que é que tu achas? – perguntei, enquanto atravessávamos os jardins traseiros da Catedral Nova.

– Que estes dois estão mais afetados pelo que aconteceu há vinte anos do que querem admitir. Agora a pergunta para um milhão de euros é saber se estão afetados ao ponto de continuar com o jogo?

– Não sei, Estíbaliz. Diria que o Tasio de hoje em dia é capaz de qualquer coisa, até mesmo de se vingar do irmão e querer vê-lo atrás das grades. É um tipo muito mais estranho do que a versão dourada dos gémeos que acabaste de ver.

Estíbaliz parou finalmente ao pé da estátua do crocodilo com mãos humanas que estava no tanque nas traseiras da Catedral Nova. Olhou para ambos os lados, descalçou os sapatos de salto alto e sentou-se na borda do pequeno tanque.

– Estás bem? Sei que estás cansada, mas... Passa-se mais alguma coisa?

– O fim de semana está a aproximar-se e vou ficar em Vitoria com o Iker. Devia ir visitar o meu pai a Txagorritxu... isso está a deixar-me um pouco tensa.

– Tens tudo controlado? – sondei.

– Sim, Kraken, tenho tudo controlado. E tu, tens? Preocupa-me que te afete tanto ver cadáveres de crianças mortas.

– É sempre duro. – Suspirei, tirando a gravata e sentando-me ao pé dela. – Sabíamos que íamos ver coisas desagradáveis, afinal viemos para a Investigação Criminal. Devíamos ter mais sangue-frio nestas alturas, e os nossos fantasmas controlados numa masmorra... Esti, achas que estamos preparados para este caso? Achas que não nos vai passar por cima e derrubar?

– Eu tomo conta de ti e tu tomas conta de mim. Juntos somos duas máquinas.

Precisamos apenas de nos centrar e de manter os esqueletos dos nossos armários lá trancados à chave.

Fiquei em silêncio. Éramos frágeis, éramos dois bancos coxos que se apoiavam um no outro para não cair.

Estíbaliz garantia que superara os seus vícios, e eu confiava na minha colega, mas ela ainda não tinha digerido bem o diagnóstico de Alzheimer do pai, a sua rápida deterioração e o seu recente internamento. Digamos que estava em alerta laranja.

– Mudando de assunto e recapitulando – disse enquanto se levantava e começava a andar em direção ao parque de estacionamento com os sapatos de salto alto na mão. – O que temos agora que não tínhamos esta manhã?

Suspirei e obriguei-me a concentrar-me de novo nos duplos crimes.

– Duas novas personagens a quem vou adorar fazer uma visita assim que as localizarmos: Inés Ochoa, a Dama de Pedra, e o misterioso companheiro de rituais do Tasio. Em segundo lugar, uma ligação entre o Ignacio e a arma do crime: as abelhas. Tem ligações com muitos apicultores e conhece esse mundo, é possível que ele soubesse como as meter num recipiente e passar-lhes um cheiro que as tornasse agressivas. Não podemos esquecer-nos de que o pormenor das abelhas ainda não chegou à imprensa. E por último, temos também uma mentira, a de que não se lembra do que aconteceu ao sémen que havia na jovem. Disfarçou muito bem a sua indiferença quando abordei o tema da autópsia.

– Ou há vinte anos que tem vindo a preparar a resposta.

– É preciso investigar os gémeos: a sua família, o seu passado, tudo o que os rodeia – disse, pensativo, enquanto pagava o bilhete do parque de estacionamento. – Ninguém o fez antes, precisamente porque o Ignacio prendeu o Tasio de surpresa e desse modo encerrou o caso.

– Temos então muito trabalho por diante. Amanhã vais a Villaverde?

– Se não houver nenhum aviso nem ninguém a reclamar a minha presença, sim, faço tensões de ir. Não gosto de deixar o meu avô sozinho durante tanto tempo, como sabes. Mas se achas que tenho de estar em Vitoria este fim de semana, diz-me.

– Vou passar os dois dias com o Iker. Há milhões de pormenores para decidir do maldito casamento, bem como a visita ao meu pai. Vou estar ocupada. Não vou ter tempo para pegar no caso.

– Muito bem, afasta-te dos teus fantasmas.

– Afasta-te tu dos teus.

– É o que eu faço sempre.

“É o que eu faço sempre, Esti. É o que me mantém a caminhar entre os vivos.”

6. Reunião de bruxas que, segundo a crença popular, se reuniam ao sábado à meia-noite, sob as ordens de Satanás. (N. da T.)

Villaverde

Montei a estrutura como se o assassino nos quisesse contar uma história. O que há por trás dos ritos destes novos crimes? #Kraken

Sábado, 30 de julho

No dia seguinte parti de madrugada para Villaverde, a diminuta aldeia de dezassete habitantes onde os meus avós nos tinham criado, a mim e a Germán, quando os meus pais morreram, há já umas quantas vidas.

Gostava de conduzir de madrugada em direção a sul, atravessar o porto de Vitoria, e travar nas curvas de Bajauri, depois de ignorar a linha reta dos pinheiros onde, em tempos, a minha vida mudou.

Villaverde ficava a 40 quilómetros de Vitória, na cordilheira da montanha Alavesa, em frente à serra de Cantábria, ou à serra de Toloño, como tinha começado a chamar-se ultimamente. Nós, os locais, não chegávamos a acordo com o que publicavam os mapas do Conselho Municipal de Álava. Habituei-me a crescer a olhar para a parede de faias, carvalhos e avelãs que tinha diante de mim sempre que assomava ao robusto portão de madeira da casa com mais de três séculos dos meus avós. Um desses casarões com paredes de pedra com um metro de espessura, onde o frio glacial dos invernos ficava lá fora, alheado do lume que crepitava na nossa cozinha baixa.

Estacionei debaixo da varanda que o meu avô se empenhava em manter florida, com vasos de begónias vermelhas, apesar de o vento sul secar as pobres plantas, e o meu avô ter de começar tudo de novo. Mas ele estava habituado a começar e recomeçar. A grande característica do meu avô era que ele, tal como o seu coração quase centenário, continuavam sempre a trabalhar.

“Deixa-te de tretas e continua”, limitava-se a dizer. E fazia-o. Continuava.

As ruas inclinadas de Villaverde estavam desertas àquela hora, mas uma buzina interrompeu o silêncio e a camioneta do padeiro de Bernedo subiu a encosta até parar à minha frente.

– Olá, Unai. Um pão da avó e uma baguete?

Eu mesmo ia pegar no pão quente e a fumar, quando alguém se pôs atrás de mim.

– Também te tinha encomendado três pães com chouriço – disse a voz gasta do avô.

– E aqui estão eles, bom proveito – despediu-se o rapaz, fechou as portas de trás da carrinha e deixou-nos com o cheiro a pão de Bernedo, acabado de fazer.

Dei meia-volta e sorri. O avô sabia exatamente o que eu e Germán mais gostávamos. Aqueles pães acabados de cozer, recheados com chouriço quente e empapados no suco do próprio chouriço eram a melhor coisa para recarregar baterias depois de uma manhã passada a trabalhar no monte.

– O que há hoje para fazer, avô?

– Vamos, o teu irmão foi mais madrugador e já está há um bom bocado de roda das avelãs.

O avô entrou no portão da casa e tirou de lá de dentro um par de foices.

– Tudo bem. Deixa-me só mudar de roupa e vamos ter com ele.

Subi as escadas duas a duas, entrei no meu quarto de infância e vesti umas calças de ganga gastas, uma t-shirt branca e as botas do monte.

Atravessámos as ruas empedradas da aldeia em silêncio, com as foices ao ombro, enquanto o avô ajeitava a boina. Ele caminhava sempre inclinado para a frente, metido na sua roupa para trabalhar no campo, corpulento e vigoroso. Não era um homem de muitas palavras, não precisava das palavras para ter razão, normalmente tinha. A razão dos sensatos.

– Avô, trouxe-te bolos de Goya, mas tens de me mostrar primeiro o resultado das análises – disse-lhe enquanto caminhávamos. – Como está o teu colesterol?

O avô encolheu os ombros e olhou em frente.

– Não vi – mentiu.

– Claro – respondi, sem acreditar nele. – Isso quer dizer que o tens novamente alto. Tens de cuidar de ti, avô. Não vou deixar a caixa de bolos em Villaverde, tenho a certeza de que os vais comer todos de uma vez.

Fez um trejeito com a boca de fingida indiferença, sem deixar de olhar em frente.

– Terei de provar algum – sentenciou e ajeitou a boina mais uma vez na cabeça.

Sorri para mim.

– Sim, avô. Algum.

Passámos por trás da igreja, e atravessámos a eira, a parte alta da aldeia onde antigamente se debulhavam os cereais e se separavam até obter o grão. Agora os celeiros da zona estavam restaurados, apenas graças ao empenho dos vizinhos

em mantê-los de pé. À saída da aldeia, descendo por uma encosta depois de se passar por um caminho, chegámos à ponte do rio Ega e entrámos no terreno que rodeia o rio, onde demasiadas avelãs faziam sombra umas às outras, e onde os ramos e as ervas daninhas estavam a crescer tão rapidamente que mal conseguíamos passar.

Foi ali que encontrámos Germán, com o seu macacão azul feito à medida da sua baixa estatura, cortando ramos com a foice como se não houvesse amanhã.

Eu e o meu irmão trabalhávamos arduamente, se o nosso avô nos pedisse. Era o mínimo que podíamos fazer por ele. Tinha quase cem anos e continuava a educar-nos, com uma sabedoria sem espalhafato que eu aspirava a herdar um dia.

– A Martina vem hoje? – perguntei a Germán, olhando para o telemóvel para ver as horas.

– Sim, passa por cá ao meio-dia e fica para almoçar.

– Perfeito – disse, a sorrir. A nossa pequena família agradecia muito o toque feminino que a minha cunhada trouxe com ela.

Martina era a namorada de Germán há mais de quatro anos. Trabalhava na Mediação Familiar dentro dos Serviços Sociais, perto do meu escritório em Lakua, e muitas vezes íamos almoçar juntos. Tinha a voz doce e paciente daqueles que distribuem o amor sem dar por isso, uns olhos cor de kiwi e o cabelo cortado à rapaz que já estava a crescer. Martina tinha acabado de vencer um cancro bastante agressivo que a deixara careca e sem massa muscular, mas o mal-estar que as suas sessões de quimioterapia lhe provocaram obrigaram-me a sair do meu mundo de apatia, no qual mergulhara depois de passar pelo meu próprio inferno, há dois anos.

Ver Martina a cortar o seu longo cabelo preto sem se queixar e ir trabalhar para mediar divórcios e custódias alheias, enquanto eu e Germán a íamos buscar de carro feita num farrapo, foi o que me fez pôr de lado o meu lado cínico e a minha pouca vontade de viver e voltar a apreciar o que tinha ao meu redor: saúde, amigos, um avô, um irmão, uma cunhada, um trabalho que me permitia tirar da rua indivíduos com vontade de fazer mal aos outros...

Limpei a minha cabeça dos assuntos negros que a ensombravam e concentrei-me em arrancar todos os ramos baixos que me apareciam à frente. Quatro horas mais tarde, depois de ter dado conta de grande parte deles e com todas as ervas cortadas e empilhadas diante das avelãs, o avô tirou uma maçã vermelha do bolso.

– Mostra-me esse eczema, filho – disse a Germán.

O meu irmão enrolou a perna das calças para cima e mostrou-lhe uma mancha avermelhada que lhe tinha aparecido no gémeo. O avô tirou o canivete-suíço e

cortou a maçã em quatro partes iguais e esfregou-as na pele de Germán. De seguida, uniu as quatro partes com uma corda e enterrou a maçã na terra.

– Já podes apodrecer depressa – murmurou para a maçã.

Segundo ele, dias depois de a maçã apodrecer, o eczema de Germán desapareceria. Na verdade, o avô usava as maçãs para qualquer coisa: verrugas, queimaduras... Eu tinha estudado ciências durante demasiados anos para acreditar nesse tipo de coisas e, na verdade, o meu avô também era demasiado pragmático para acreditar em superstições, mas a verdade é que o seu remédio natural costumava funcionar muito bem.

Quando terminou a sua cura ancestral, estendeu-se aos pés de um tronco, acomodou-se e começou a roncar pesadamente durante alguns minutos.

Eu e Germán também nos sentámos, apoiados na avelleira mais antiga, exaustos mas relaxados.

– Li sobre os duplos crimes – comentou, enquanto arrancava um pedaço de erva e o punha na boca.

– Quem é que não leu? – perguntei, olhando para a montanha.

– Ficaste tu encarregado do caso?

– Sim.

– Queres falar sobre isso?

– Ainda não.

– Ainda não? O que é que isso quer dizer?

– Significa que pode ser que queira falar mais para a frente, quando o caso se complicar, quando as chefias apertarem comigo porque não há resultados rápidos, quando estiver mais stressado... nessa altura precisarei de ti. Precisaréi que vistas a batina de confessor, precisaréi que me ouças, porque não poderei partilhar com mais ninguém aquilo que vou ter para te contar, apenas contigo e com a Estíbaliz. Mas agora, neste momento, não. Consigo aguentar. Prefiro guardar para mim, está bem?

Germán ficou a pensar durante um momento e passou a mão pelo cabelo preto.

– Como queiras, irmão – suspirou. – De qualquer forma, tenho uma coisa para te dizer, por isso serei rápido.

“Não, Germán. Não comeces”, pensei, revirando os olhos.

– Tens tendência para ficar obcecado com as coisas, sei que entraste para a Investigação Criminal porque achas que os assassínios se podem prevenir, que tu os podes prevenir. Mas isso parece-me patológico e megalómano. Alguém tem de te dizer isso; depois do que aconteceu com a Paula e com os teus filhos, nunca mais voltaste a ser o mesmo. Dizias que devias ter visto, que devias ter percebido os sinais, e não sei quantas parvoíces mais. Desabafa comigo se

quiseres, és o meu irmão mais velho, não te vou julgar. Mas deixa de dizer essas coisas em público, ou ao nosso grupo. São os nossos amigos, mas as pessoas falam quando não estás. Não fiques obcecado com este caso, está bem? Protege-te, hoje em dia todos têm os nervos à flor da pele em Vitoria, e até mesmo os teus conhecidos vão fazer-te exigências. Isso vai trazer à superfície o pior das pessoas. Chegados a este ponto, nada é inocente.

“Não, nada é inocente.” O que podia dizer?

Sou neto do meu avô, o mesmo que no pós-guerra, quando era presidente da Câmara de Villaverde, entrou na casa do ferreiro com o cinto na mão e o imobilizou porque alguém na aldeia o avisou de que estava a bater na sua mulher.

Aquilo aconteceu nos anos quarenta, quando não se falava em violência de género e ninguém ligava para a Polícia quando se ouviam gritos nas casas dos vizinhos, porque as pessoas respondiam sempre: “Entre marido e mulher, não se mete a colher.” O meu avô não pensava assim e quando lhe perguntava por aquele episódio, ele encolhia sempre os ombros e murmurava: “Era um cobarde. Onde já se viu, bater assim numa mulher”, e continuava a comer o seu queijo curado de ovelha com o seu copo diário de vinho de Rioja, como se nada fosse.

Não é que eu me considerasse um herói, mas gostava de deixar o Universo como estava. Sem mortes a acontecer quando não deviam, simplesmente isso. Compreendia o mecanismo lógico que se escondia por trás da ordem natural das coisas, incluindo as mortes: um acidente, uma doença, a velhice... Mas nada de pessoas retorcidas a espalharem o pânico e a fazerem o mal para que a Morte batesse à porta de inocentes antes do tempo.

– Muito bem, obrigado por teres a coragem de me dizer o que mais ninguém se atreve.

– Às vezes tornas as coisas difíceis, Unai. Sei que sofreste muito, mas o mundo continua a girar e as pessoas depressa se esquecem dos teus problemas, não podes ficar estagnado.

– Não, outra vez não, Germán. Outra vez não. – Parei-o, pondo-lhe uma mão no braço.

Germán parou de falar, com aquela inteligência que têm os que sabem quando é altura de se calarem.

O meu irmão não era inteligente, era mais do que isso. Apercebeu-se de que o que lhe faltava em termos físicos lhe sobrava em lábia e ironia, e que se ele conseguisse aproveitar os sete segundos de estupor e de surpresa da sua audiência feminina perante as suas piadas inteligentes, daquelas pouco habituais e que fazem rir a sério, o resto acontecia por si mesmo. O seu aspeto físico também influenciou. Era baixo, sim, mas bem-parecido. Era um dos homens

mais elegantes e sedutores que eu conhecia. Germán conseguia diferenciar quatro tipos de nós de gravata e repreender-me por ter escolhido mal as meias.

Com uma visita semanal ao cabeleireiro, o seu corte de cabelo estava sempre um ano à frente em termos do último grito da moda do que o meu. Agora era hipster, por isso usava as têmporas quase rapadas e a franja preta penteada para trás. Tinha sucumbido às barbas, mas a sua estava mais bem cuidada do que uma sebe do palácio de Buckingham.

E também era um verdadeiro relações públicas. Conhecia toda a gente em Álava, e todos o conheciam a ele, onde a quantidade de pessoas com acondroplasia era bastante reduzida.

Sim, é verdade que tive de dar uns quantos murros para o defender de algumas bestas – agora chamam bullying – quando era adolescente e todos nós tínhamos mais meio metro do que ele... Mas sim, dei-os. E voltaria a fazer o mesmo por ele. E isto para alguém que nunca dá murros, porque odeio violência, e também porque, em termos práticos, já se sabe que quando nos envolvemos em lutas, acabamos também por levar.

Também influenciou muito a educação que o nosso avô nos deu, pois jamais fez diferenças entre estaturas nem o deixou ter pena de si próprio.

Se era preciso subir para o trator e o primeiro degrau estava a cinquenta centímetros do chão, o meu avô dizia-lhe: “Deixa-te de tretas e sobe.” Germán conseguia empoleirar-se na roda traseira e esgueirar-se para a cabine.

Se os pedais da debulhadora estavam demasiado longe dos seus pés, o avô ajudava-o a fabricar uma espécie de salto de madeira de buxo que se atava às botas de Germán. Encontravam simplesmente uma forma de ajustar as suas dimensões ao mundo e de seguir em frente.

Germán assumiu a normalidade que vivia em casa e alargou-a a todas as facetas sociais, transformando-se num homem sem complexos, brilhante e generoso. Foi-lhe difícil arranjar a primeira namorada, mas a seguir as coisas aconteceram naturalmente para ele.

Em termos laborais, depressa se apercebeu de que destacar-se no curso de Direito o fez estar acima da média, e não abaixo, e gostou dessa sensação. Abriu o seu escritório na praça Amárica com o que eu e ele juntámos a trabalhar nos verões na colheita dos cereais, e ao fim de poucos anos tornou-se um advogado de referência e um chefe democrático e querido pelos seus doze empregados. Não havia segredos em relação ao seu sucesso empresarial.

A sorte de ser procurado por novos clientes sempre o surpreendeu, por isso costumava ficar mais horas do que qualquer outra pessoa no escritório.

Imagino que formávamos um trio estranho: o meu avô com a sua boina, o meu irmão e a sua inteligência aguçada, e eu e a minha... sei lá. Nunca me analisei. Não sei qual é a minha característica predominante, nem como é que o mundo me conhece.

Bem, agora sim. Agora sou o polícia que apanhou o assassino em série mais famoso da história de Vitoria e que acabou com uma bala na terceira circunvolução cerebral do hemisfério esquerdo.

Amanhã desligam-me das máquinas.

Passaram dez dias e continuo em coma. Sou uma pessoa previdente e tinha os papéis com instruções. Fiz o meu testamento vital quando entrei para o corpo de polícia. Deixei escrito que queria que as minhas cinzas fossem espalhadas do alto de San Tirso, um monólito de pedra que se destaca no cimo da nossa serra, em frente a Villaverde.

Sei que vai ser duro para o avô e para Germán terem de subir com a minha urna ao alto de uma rocha maciça com quarenta metros de altura. O primeiro troço, se uma pessoa começar a subir desde o arbusto que fica a uns dez metros no lado sul da rocha, é fácil. A seguir, começa a ficar mais difícil, e descer, nem vos conto. O melhor é saltar, mas são demasiados metros e uma pessoa pode cair pela colina abaixo sem parar. É bastante complicado, digo-vos já.

Mas fá-lo-ão.

Encontrarão a sua engenhosa e lógica maneira de o fazerem.

Fá-lo-ão.

O Matxete

Analisa as diferenças em relação aos crimes anteriores, em que direção é que o assassino te está a apontar agora? #Kraken

Domingo, 31 de julho

Entrei na churrasqueira Matxete por volta das dez da noite. O grupo praticamente em peso já lá estava, íamos celebrar o aniversário de Xabi, o mais jovem de nós, e tínhamos reservado uma das salas ovais de pedra.

Assim que entrei apercebi-me de que não ia ser um jantar fácil: os meus amigos deixaram todos de falar assim que eu entrei.

– Boa-noite, Xabi. Felicidades – disse, no tom mais descontraído que consegui.

Ele fez um sorriso amarelo e desviou o olhar.

Sentei-me no único lugar vago que restava, à cabeceira da mesa, entre Nuria e Martina, a minha cunhada, que me sorriu como quem me tentava transmitir coragem.

Pedi costeletas para repor as forças e esperei que as bombas caíssem. Estavam todos tensos, a olharem de soslaio para os telemóveis e a verem as últimas atualizações do Twitter assim que o pássaro azul piava.

– Não nos vais contar nada, Kraken? – perguntou Jota, iniciando as hostilidades.

Não levei a mal: vi o seu copo de cuba libre quase vazio, poderia apostar que já estava no terceiro.

– Não sejam chatos – adiantou-se Martina, sempre conciliadora. – Sabem que ele não pode falar dos seus casos.

– Mas deveria falar, se nos diz respeito a todos – disse Nerea, uma das minhas melhores amigas.

Nerea era pequena e rechonchuda. Tinha cara de lua cheia e usava uma franja que cortava da mesma maneira desde a Primeira Comunhão. Geria o quiosque da

esquina de Postas com a praça da Virgen Blanca, junto a La Ferre; uma herança dos seus pais, apesar de no quarto estar emoldurado o seu diploma em Biologia, que nunca chegou a exercer, pois nunca se quis afastar mais de dez quilómetros de Vitoria.

– O que se passa, Nerea? – Suspirei, olhando-a nos olhos.

“Que críticas me vais fazer?”

– Há um assassino em série a matar vitorianos aos pares, e ele, que foi condenado há vinte anos, comunica-se contigo enviando-te tweets. Porque és tu o Kraken a quem aquele psicopata se dirige, não és?

Fiz um gesto óbvio, para quê negá-lo?

– O que se está a passar, Unai? – continuou, a soprar a franja, como fazia sempre que estava nervosa. – Não o vais travar, não o vais obrigar a parar? Está a deixar-me louca, morro de medo quando saio às seis da manhã para abrir o quiosque. Não podes fazer com que isto acabe?

Nerea falou sem parar, na sua voz aguda. Ela ainda não se tinha dado conta, mas já há algum tempo que me tinha pegado no pulso e deixara a marca das unhas nas minhas veias, onde os suicidas as cortavam.

– Devolves-me o braço, Nerea?

– Desculpa – disse, recuando como um caracol. – É que... é que estou muito nervosa, Unai. E toda a gente fala do mesmo. Não posso vender um jornal sem que as pessoas me perguntem pelos crimes, como se eu fosse o próprio telejornal.

– É verdade o que dizem sobre as patas? – perguntou Asier, o farmacêutico.

– Que patas? – disse sem compreender.

– As patas do bode. Nas redes sociais dizem que é um crime ligado ao oculto, falam de um enorme pentagrama desenhado no chão da Casa do Cordón, de gatos pretos mortos à entrada da Catedral Velha... Há todo o tipo de teorias e de suposições, mas a mais repetida é a de que vocês encontraram patas de bode junto aos pés dos jovens assassinados.

Lutxo, Nerea, Xabi... todos eles me olhavam fixamente, à espera de uma resposta.

– Sei que esta situação é excecional, que não é normal haver um tipo à solta a matar nas ruas, sei que a cidade está a entrar em pânico, como há vinte anos. Nós já passámos por isso, lembram-se? É verdade que agora estou encarregado do caso, mas em relação às mensagens no Twitter, não vos posso dizer nada. Não tenho autorização para falar do caso com ninguém e vocês sabem-no perfeitamente. São todos pessoas cultas e inteligentes para o compreender. Querem ajudar-me a resolver o caso? Eu compreendo, e é por isso que vou precisar que se comportem como bons amigos, de modo a que sempre que

combinarmos coisas, o caso não domine as nossas conversas e eu possa relaxar fora da esquadra para que, quando tiver de voltar ao trabalho, esteja focado e livre de preocupações. Isto não vai ser fácil. Só vos pergunto se estão à altura da tarefa, como sempre estiveram.

Todos se calaram, um ou outro limitou-se a acabar de comer o robalo. Por fim, Asier, sempre pragmático e até um pouco frio, quebrou o gelo.

– Por mim, tudo bem. Já não quero ouvir mais falar sobre os crimes, estou saturado.

– Obrigado, Asier. Não esperava outra coisa de ti – respondi, aliviado.

Passámos o resto do jantar a falar dos planos para as festas de Vitoria, alguns deles faziam parte de grupos de blusas e neskas e estávamos a tentar conciliar as nossas agendas e decidir a que eventos ir.

Pouco tempo depois, o empregado trouxe o bolo de aniversário com uma vela a dizer trinta e cinco anos. Xabi fez cara de caso quando viu o número a brilhar à frente dele, mas encheu as bochechas de ar, cumpriu o seu dever e apagou as velas. Comecei a cantar os Parabéns a Você em tom desafinado, mas Nerea deteve-me com o olhar.

– O que se passa, é um aniversário ou um funeral?

– Parece mentira, Unai. O Xabi acaba de entrar no grupo de risco. Agora tem trinta e cinco anos e um apelido típico de Álava composto. E tu ainda o felicitas? – murmurou-me ao ouvido, furiosa.

Calei-me, estavam todos pendentes da minha reação, por isso limitei-me a terminar de comer a costeleta e fingir que era um domingo igual a outro qualquer.

O jantar acabou como tinha começado, com um silêncio denso e com Lutxo a contar piadas não publicadas da secção de sociedade do seu jornal. Fazia-o sempre que o ambiente azedava. Lutxo era muito hábil socialmente e tinha mais jogo de cintura para contornar situações tensas do que um toureiro.

Quando chegou a altura das despedidas, Martina aproximou-se de mim por trás e abraçou-me pela cintura.

– Está tudo bem, Unai? – perguntou, apoiando a sua cabeça de duende no meu ombro.

– Sim, está tudo bem, Martina. Como estás de trabalho? Almoçamos esta semana?

– Em agosto diminuem as separações e toda a gente se vai embora de Vitoria. Vou aproveitar para pôr a papelada em dia. Setembro é quando nos chega a avalanche de divórcios – contou-me, com um piscar de olho cúmplice. – Mais trabalho para mim e para o escritório de advogados do Germán. Por isso, eu e o teu irmão vamos aproveitar a calma de agosto para estarmos tranquilos em

Vitoria e abrandarmos um pouco o ritmo. E claro que podemos almoçar esta semana. Ligo-te, está bem?

– Está combinado – despedi-me, dando-lhe um beijo na testa.

– E... Unai. Força. Tu podes com isto e com muito mais.

Lançou-me um beijo para o ar, ajeitou o cabelo desgrenhado e desapareceu em direção às pedras da calçada.

Antes de sair da churrasqueira, fui à casa de banho, com a sã intenção de aliviar a bexiga, e ali estava eu, virado para a parede, quando um rapaz com um chapéu de cozinheiro se aproximou de mim e me estendeu um guardanapo de papel rabiscado.

– É o Kraken, não é? – perguntou-me.

– Tens de esperar que eu acabe para poder pegar nesse papel – respondi, ainda com a braguilha aberta.

– Eu espero – disse o rapaz, olhando nervoso para os dois lados.

Assim que subi o fecho-éclair, e mal acabei de lavar as mãos, entregou-me o guardanapo de papel com um gesto demasiado trémulo para a sua idade.

– Demasiados charros – murmurou, em jeito de desculpa.

– Antes que me digas mais qualquer coisa, prefiro que te identifies e que me expliques quem é que te disse que me chamam Kraken.

– Chamo-me Roberto López de Subijana e trabalho aqui aos fins de semana. Sou vizinho da Nerea, a sua amiga. Os nossos pais conhecem-se desde sempre. Foi ela quem nos contou que é o famoso Kraken do Twitter do Tasio. Eu e a minha mãe elaborámos uma lista de nomes, gostávamos que a lesse e a tivesse em conta.

– E que lista é esta, Roberto? – perguntei, enquanto lia uma dezena de nomes e apelidos com as idades apontadas ao lado.

– São da família: a minha irmã tem trinta anos, o meu tio tem cinquenta e cinco, a minha avó tem setenta e cinco... Todos aqueles cujos nomes aqui pusei têm idade para ser vítimas, além de apelidos alavescos compostos.

“Ainda não se sabe se as novas vítimas têm apelidos alavescos compostos”, estive tentado a dizer-lhe, só para o acalmar, só para o tranquilizar. Mas não podia, não podia dar dados a respeito da investigação que se espalharia pela cidade em poucas horas.

– Porque estás a dar-me isto a mim?

– Porque estás à frente da investigação. Não lhes pode pôr escoltas policiais?

– Teria de o fazer com os outros milhares de alavescos que cumprem os requisitos tanto como a tua família.

– É que estamos todos a morrer de medo, a minha avó foi para a aldeia e não quer vir a Vitoria nem para a consulta com o médico... Não pode fazer nada?

Porque não prende o cúmplice do Tasio de uma vez por todas, não pode rastrear a sua conta de Twitter?

– Chamas-te Roberto, não é verdade? Olha, estamos a fazer o que podemos, mas não posso partilhar nenhuma informação contigo.

– Tudo bem. De qualquer maneira, fique com a lista. Ande sempre com ela, se algum deles morrer, terá sido porque o senhor...

– Basta, jovem – interrompi-o, pois não queria ouvi-lo dizer o mesmo que eu pensava. – Já chega. Querias fazer-me chegar uma mensagem e ela chegou-me. Clara como a água. Todos aqui temos alguém que cumpre os requisitos. Só uma coisa: não vás espalhar por toda a cidade de Vitoria que eu sou o Kraken. Não é bom para a investigação. A tua vizinha Nerea falou demais, mas isto não pode voltar a acontecer. Não me obrigues a ir atrás de ti por causa do que consomes e de onde o arranjas, de acordo?

O jovem concordou a contragosto e, quando saí da churrasqueira, apenas Lutxo me esperava. Olhou para mim com um ar preocupado e atravessámos em silêncio a praça do Matxete, assim chamada porque, desde os tempos dos reis católicos e até finais do século XIX, o procurador-geral teve de jurar a sua lealdade diante de um machete, sob a ameaça de que, se não cumprisse honradamente a sua promessa, o machete cairia sobre a sua cabeça.

Passámos mesmo em frente à montra onde se encontrava uma réplica do machete: uma relíquia que poucos conheciam e que, como tantas vezes aconteceu, estava tão exposta que passava despercebida. Atrás da abóbada da igreja de San Miguel Arcángel, atrás das grades que estavam lá desde 1840, uma réplica do machete exigia uma atenção que poucos vitorianos e turistas lhe prestavam.

Mas o que ameaçava a minha cabeça naqueles momentos pesava muito mais do que um machete e cortava-me a consciência em pedaços dolorosos. O jovem tinha razão: qual era o objetivo do meu trabalho, se eu não podia proteger as pessoas que se sentiam, e com razão, ameaçadas?

– Vamos, Unai. Acompanho-te até casa – limitou-se Lutxo a dizer, dando-me uma palmada nas costas.

Assenti e caminhámos em silêncio pela praça empedrada e subimos os degraus que a uniam à praça da Virgen Blanca.

Lutxo era uma verdadeira personagem, muito conhecido em Vitoria. Fibroso e enxuto, rapava o cabelo desde que tinha uso da razão e o único cabelo que deixava crescer era uma linha vertical desde o lábio inferior até ao queixo pontiagudo. Costumava pintar a pera de cores diferentes, conforme o seu estado de espírito, e a verdade é que normalmente era um bom indicador. Ultimamente usava-a branca. Não grisalha, mas sim de um branco brilhante, artificial e

imaculado.

– Foste a algum sítio este fim de semana? – perguntei-lhe, para mudar de assunto.

– Estive em Navarra, a escalar várias rotas para os Pirenéus – respondeu, distraído.

– Abriste alguma nova?

– Uma 7 c+.

– És uma máquina – sussurrei, a sorrir. Mas Lutxo não estava muito atento às minhas palavras e não sorriu. – O que se passa, Lutxo?

– Foi um fim de semana estranho, Unai. Veio o Iker, o namorado da tua colega, e trouxe o seu cunhado.

“O Ervas”, pensei, reprimindo uma careta.

O irmão de Estíbaliz era um velho conhecido da Polícia. Sempre fora um tipo estranho, tinha uma ervanária com decoração esotérica, mas tivera os seus problemas desde muito jovem por traficar substâncias no mínimo suspeitas. Na verdade, eu estava convencido de que Estíbaliz entrara para a Polícia para escapar aos excessos do irmão, assim que se reformou dos seus anos loucos a viver à margem da lei, mas eu suspeitava de que ele ainda tinha demasiada influência sobre a irmã mais nova.

Era dois anos mais velho do que ela, e eu conhecia-o desde os tempos em que ia com as suas rastas ruivas, e uma mochila ao ombro carregada, vender erva. Tinha no seu quarto de adolescente uma foto ampliada de Sacamantecas, o Estripador, o que era muito doentio, quando todos nós, com a sua idade, tínhamos a Samantha Fox em triquíni. Não sei, parecia-me perturbador que dormisse todas as noites debaixo da imagem de um aldeão assassino e violador em série com cara de mau.

O Sacamantecas era o nosso Jack, o Estripador de Álava, estrela imprescindível em todas as formações de Perfis Criminais que eu tinha feito.

Juan Díaz de Garayo Ruiz de Argandoña, nascido em 1821 em Eguilaz, uma aldeia da Llanada Alavesa, assassinou, violou e mutilou seis mulheres, quatro delas prostitutas, foi condenado à morte e morreu com uma injeção letal na antiga prisão de Polvorín Viejo.

Por esta e muitas outras razões, eu não gostava do Ervas, ou talvez eu fosse muito protetor em relação à minha colega. Também fiquei preocupado por Estíbaliz não ter passado o fim de semana com o namorado, tal como me prometera. Porque me teria mentido? Para quê?

– Quando estávamos a regressar da escalada, convenceu-nos a desviar-nos para Zugarramurdi, e acabámos na famosa gruta das bruxas, Sorginen Leizea – explicou-me, enquanto descíamos as escadas de pedra. – Passámos ali a noite e

ele não parou de falar dos duplos crimes, encheu-nos a cabeça de rituais pagãos. Segundo ele, o autor está a reclamar um regresso a uma outra época mais autêntica. Por isso está a percorrer os cenários históricos destas terras. Disse que não foi por acaso que começaram precisamente no dólmen da Chabola de la Hechicera. Contou-nos a lenda da bruxa que lá vivia, e que os moradores ainda contam à boca pequena que nas noites de lua cheia deixam pequenas pedras dentro do dólmen, uma oferenda à deusa Mari. Mas ninguém gosta de falar sobre o assunto na aldeia. Quando os arqueólogos encontraram um grande número de seixos em 1935, as pessoas ficaram em silêncio com medo de algum tipo de repressão por parte da Igreja, caso admitissem que as crenças antigas ainda persistiam.

"Também dizia que não é por acaso que os crimes recomeçaram precisamente na Catedral Velha, por todo o simbolismo que esta tem para a cidade, não só religioso, mas também porque é onde estão as ruínas do berço de Vitoria, a primeira aldeia de Gasteiz. Ele diz que é um aviso para todos os habitantes de Vitoria, que os corpos estão rodeados de símbolos que é preciso interpretar – disse de uma só vez, parando finalmente para respirar. – De que símbolos é que ele está a falar, Unai?

Lutxo não sabia sequer que o veneno usado nos primeiros crimes tinha sido o teixo, nem que a arma do crime eram umas abelhas furiosas. Também não sabia que a assinatura do assassino eram três eguzkiloires colocados à volta dos cadáveres. E assim devia continuar, por enquanto.

– Não posso dizer mais nada além do que veio na nota de imprensa, como tu bem sabes – limitei-me a responder, enquanto caminhávamos sem pressa pela praça da Virgen Blanca.

Era uma estratégia habitual de Lutxo: oferecia-me supostamente informação útil para a seguir me pedir que lhe desse mais dados do que aos outros jornalistas.

– O que se passa, Lutxo? O teu chefe está a pressionar-te mais do que é hábito?

O diretor do El Diario Alavés era um homem misterioso, sem vida social. Dirigia o jornal na sombra há décadas, e era bastante temido pela redação, segundo contavam os funcionários. Um perfil duro, dos de antigamente.

– O que se passa é que eu quero ser promovido, o cargo de subdiretor ficou vago desde que o Larrea se reformou e eu tenho de conseguir algo em grande. Quero este cargo e estou a pedir a tua ajuda, Kraken. Espero que me dê alguma coisa, porque eu vou dar tudo por tudo por com este caso, e se tu não me deres vou investigar por minha conta e risco – respondeu, nervoso.

Tínhamos chegado à porta da minha casa, estava desejoso de entrar e de me

esquecer do mundo, das costeletas e do meu grupo de amigos, mas Lutxo não parecia querer dar por terminada a nossa conversa, a julgar pelo pé que tinha colocado a bloquear a pesada porta de madeira, grades e vidro.

– E o que vais fazer, Lutxo? Escrever um artigo assumindo como verdade todas essas parvoíces pagãs do Ervas? – perguntei, encolhendo os ombros e voltando-me para dentro.

– O Ervas? Referes-te ao cunhado do Iker, o Eguzkिलore?

Estava prestes a perder-me no corredor escuro da minha casa, mas ao ouvir aquele nome arrepiei-me da cabeça aos pés.

– O Eguzkिलore? – repeti, enquanto me voltava, branco como a cal.

– Sim, é a sua alcunha de sempre, de quando era mais jovem. Há vinte anos tinha umas longas rastas, lembraste? Como é ruivo, parecia um eguzkिलore, um cardo cor de laranja. Era uma boa alcunha, bastante gráfica. Tinha graça.

– É verdade. Muito descritivo – murmurei, tentando disfarçar a minha surpresa. – Lutxo, estou muito cansado e espera-me uma semana muito longa. Podemos ficar por aqui por hoje?

Despedi-me de Lutxo e fiquei à porta de casa às escuras, com uma sensação de frio a percorrer-me o corpo em pleno mês de julho.

De todas as perguntas que me vinham à mente naquele momento, havia uma, a mais incómoda, a mais inquietante, a que mais me incomodava:

Porque é que Estíbaliz não mencionara antes que o seu irmão se chamava Eguzkिलore?

Será que a minha colega me estava a esconder alguma coisa?

Armentia

Vitoria, 28 de abril de 1970

O dia de São Prudêncio, para surpresa de todos os presentes, tinha amanhecido radiante, apesar de o padroeiro dos alaveses ter fama de mijão. Sempre se disse que o tempo não respeitava uma romaria que se celebrava há mais de cinco séculos, e que o santo acabava por regar com chuva todos aqueles que se aproximavam da basílica de São Prudêncio, nos campos de Armentia, para venerar as suas relíquias.

O doutor Urbina arrastara a sua esposa e os filhos pequenos logo pela manhã, juntando-se, no passeio da Senda, ao mar de gente que tinha saído à rua para ver o santo na peregrinação.

Quando passou diante do palácio dos Unzueta, mesmo atrás do hotel Canciller Ayala, deu uma rápida vista de olhos às janelas senhoriais da fachada, procurando adivinhar se os seus moradores se encontravam dentro do edifício ou se já tinham saído.

Soubera pela imprensa, por mero acaso, que aquele palacete construído no início do século xx pelos antepassados do industrial era agora a residência conjugal para onde os recém-casados Javier Ortiz de Zárate e Blanca Díaz de Antoñana se tinham mudado logo a seguir ao casamento.

Aparentemente, aquela casa senhorial afrancesada, quadrada e com umas claraboias ovais inquietantes e telhado cinzento pertencia à família do empresário. Perguntou-se, uma vez mais, que tipo de vida estaria Blanca a viver por detrás daquelas paredes luxuosas e decadentes. Será que o marido tinha parado de lhe dar tarefas de meia-noite, ao comprovar que todas as histórias da “Virgem Branca” eram apenas fruto das más-línguas da aldeia? Ter-lhe-ia ela perdoado?

Ficara também a saber pela imprensa, alguns meses antes, que o grande casamento tivera lugar na Catedral Nova, que o ilustríssimo senhor bispo de

Vitória oficiara a cerimónia e que as figuras mais influentes da cidade tinham estado presentes no evento do ano.

Guardou, ciumento, os recortes das notícias, pois eram as únicas imagens que tinha de Blanca. À noite, durante horas, perscrutava aquelas fotos a preto-e-branco com grão, procurando adivinhar se a jovem de rosto longo que sorria contidamente sob o véu de noiva era feliz ou estava aterrorizada.

A sua paciente não regressara à consulta. Ele tinha enlouquecido, esperando por ela todas as madrugadas junto ao palácio da Villa Suso, com uma promessa de encontro jamais proposta e que só existiu na sua cabeça.

Durante quase uma hora avançou de braço dado com Emilia, sem perder os seus filhos de vista, praticamente ocultos no meio da multidão, apesar do escandaloso cabelo ruivo que ambas as crianças partilhavam, e de lhe estarem a implorar, por entre beicinhos e birras, umas rosquinhas de anis. Álvaro Urbina não conseguia parar de levar a mão ao bolso do casaco, um gesto nervoso de que nem se apercebia.

Sim, estavam ali.

Não se tinha esquecido. Nunca o fazia, não fosse dar-se o caso de a encontrar por acaso nas ruas do centro.

No início da procissão ouviam-se as avé-marias dos devotos. No fundo do mar de gente, a banda de txistularis e de percussionistas animava os que estavam mais para trás e enchia o céu soalheiro daquele dia do ambiente festivo das antigas romarias.

Por fim chegaram aos campos de São Prudêncio, uma grande extensão de relva onde as pessoas estendiam as suas toalhas aos quadrados para almoçar, se o tempo assim o permitisse. A verdade é que as nuvens cinzentas tinham começado a ameaçar aparecer e muitos apressaram-se, com os olhos postos no céu, a tirar as coisas, não fosse a chuva interromper a sobremesa.

Escolheram estender a toalha deles num dos lados do campo, de onde se podia ver tanto a basílica como as bancas de venda de comida e de refrescos. O doutor Urbina observava dissimuladamente à sua volta, atento a qualquer mulher que se parecesse com aquela que nunca lhe saía da cabeça.

A sua esposa Emilia, excitada com o burburinho que os rodeava, não parava de tagarelar, talvez demasiado alto, sobre como estavam caros, naquele ano, os perretxikos⁷ no Mercado de Abastos. No entanto, estava feliz porque, pela primeira vez na vida, pudera comprá-los.

A mulher, um pouco desajeitada, começou a tirar do cesto, com os seus braços curtos, várias caixas de alumínio com os caracóis e os ovos mexidos com perretxikos. Levavam ainda vários pães sobaos⁸, que aguentavam mais do que os outros, e uma garrafa de Marquês de Riscal, para parecerem bem, caso se

cruzassem com algum colega do médico, e assim podiam convidá-lo a tomar uma bebida.

Álvaro Urbina distribuiu os pratos de plástico comprados no dia anterior na loja de ferragens e estava a tirar a faca para cortar os pães em fatias quando lhe pareceu ver Javier Ortiz de Zárate ao longe, junto do bispo de Vitoria, a entrar na basílica na companhia de outros cavalheiros bem vestidos.

Esticou o pescoço, expectante, esquecendo-se da faca que segurava na mão. Esquecendo-se dos filhos que corriam de um lado para o outro, nervosos, pedindo-lhe as rosquinhas de anis. Esquecendo-se do cheiro a tomate caseiro e a presunto do bom que vinha do molho dos caracóis que as amas de casa destapavam com orgulho de mães.

Viu-a sozinha, vestida com uma saia branca até aos pés, umas simples alpergatas, uma mala com margaridas estampadas e um elegante casaco da mesma cor. Esperava junto a uma das bancas de comida, distraída.

Álvaro guardou a faca no cesto, voltou a vestir o casaco e depois de dizer “vou comprar rosquinhas” com voz de autómato, perdeu-se entre a alegre multidão, atravessando em linha reta até às pequenas tendas verdes onde os vendedores ambulantes despachavam churros com chocolate e sangria enquanto se ouvia pelos altifalantes uma mistura incongruente de cânticos religiosos e Um Raio de Sol, uma canção de Los Diablos, que era o maior êxito nas festas populares e que todas as mulheres adoravam.

Chegou ao pé dela, decidido a esquecer timidez e gestos educados. Não tinha muitas oportunidades de a ver, por isso para quê disfarçar?

– Sempre se casou com ele – disse, em jeito de cumprimento. – Diga-me só uma coisa, para que fique mais tranquilo, agora é melhor do que antes?

“Agora é melhor...”, pensou ela, cerrando os dentes.

Como contar-lhe. Como contar a outro homem o que o seu marido lhe fazia desde a noite de núpcias. Não foi suficiente comprovar que, de facto, era virgem para que parasse de lhe bater. Não foi suficiente.

Regressou aturdida da sua lua de mel em San Sebastián. Será que ninguém no hotel María Cristina se apercebeu do que se passava na suíte? Ninguém, de entre o pessoal que limpava o quarto, disse nada sobre os móveis partidos?

A sua tia idosa fez-lhe a mesma pergunta quando a visitou na sua nova casa para a ajudar a arrumar o enxoval e todos os presentes de casamento.

– Como correram as coisas? – perguntou-lhe, sem a olhar nos olhos.

Blanca não respondeu, sabia que não era uma aliada.

– As coisas vão melhorar, com o tempo acabas por te habituar – dissera-lhe, num assomo de sinceridade a que não estava habituada vindo dela, uma dama habituada a manter as aparências. – Procura não o contrariar, ser uma boa

esposa, agradar-lhe em tudo, ter a casa a brilhar quando ele chegar do trabalho e os chinelos de casa aos pés da sua poltrona. Procura que não ganhe o vício de beber; se o fizer, será tudo muito pior.

Olhou para ela não dando azo a mais perguntas, e Blanca baixou o olhar, envergonhada. Nunca pensou que a sua tia também sofrera às mãos do seu tio. Quão cega tinha estado durante toda a sua vida.

Agora que era casada começava a ter amigas, todas elas esposas dos amigos do seu marido. Algumas sonsas, outras altivas, uma ou outra alegre, bem-disposta, divertida. Mas ninguém a quem pudesse contar, ninguém em quem confiar.

E ali estava ele, aquele médico tão solícito. O único com quem podia falar sem rodeios. Oxalá tivesse sido ele, e não Javier, a levá-la a San Sebastián. Aquela noite, sabia-o, teria sido muito diferente. Tranquila, amigável, íntima. Como ele.

– Por acaso acha que eu tinha outras opções, que fui eu quem escolheu isto? Diga-o ao meu pai e à minha família.

O doutor Urbina suspirou, ao compreender que nada melhorara.

– Não pode voltar a tentar fazer o mesmo que no palácio de Villa Suso, Blanca. Com tão pouca altura e com as escadas para lhe amparar a queda, não teria morrido, teria sim ficado parálitica. Neste momento estaria presa a uma cadeira de rodas. Não se quer aproximar de mim, mas continuo empenhado em protegê-la.

– Não vejo como, doutor – disse ela.

Foi nesse momento que, de repente, começou a chover. Dois trovões anunciaram que a tempestade estava mesmo por cima deles e a chuva desatou a cair violentamente, como se quisesse perfurar o chão.

Blanca apressou-se a procurar abrigo sob um toldo entre as bancas de comida. O doutor Urbina ficou diante dela, enfrentando o dilúvio sem dar por ele.

– Abra a sua mala e olhe para outro lado, como se não estivéssemos a conversar.

– Como?

– Abra a sua mala, Blanca. Confie em mim.

Ela acedeu, não muito convencida. Álvaro tirou os medicamentos do bolso do seu casaco e meteu-os com um gesto rápido na mala de Blanca.

– O que é que está a fazer, doutor?

– Os comprimidos brancos são para a dor, são para si. Tome-os depois de ele lhe... E se acha que ele lhe vai bater, tome também um antes. Não lhe vai doer tanto. A pomada é para que os hematomas passem mais depressa, e possa sair mais à rua, penso que está mais segura fora de casa do que dentro. O frasco com

os comprimidos vermelhos é para ele. Dissolva o pó do seu conteúdo em água, é insípido e incolor. Imagino que o seu marido é um homem ocupado que passa o dia imerso nos seus problemas laborais e chega a casa só à noite. Faça com que ele o beba, ficará mais calmo, sem forças e acabará por adormecer. Ele não desconfiará de nada, não a quero colocar em perigo. Não é uma droga usada frequentemente na medicina europeia, mas pode ser que lhe salve a vida.

Blanca olhou para o relógio, preocupada. O local tinha ficado vazio em apenas alguns minutos, por causa da chuva, e a multidão abrigava-se debaixo das árvores ou sob os toldos. O seu marido já estava há algum tempo reunido com o bispo e as restantes autoridades.

– Doutor, agradeço a sua preocupação, mas neste exato momento está a pôr-me em perigo. Qualquer pessoa que nos veja... – Olhou, aflita, à sua volta.

– Olhe para o outro lado, continue a fingir que não está a falar comigo. Sabe, Blanca, estou preocupado, não sabia que o seu marido era viúvo. Li-o no dia do seu casamento, na secção de sociedade do El Diario Alavés, mas a minha enfermeira contou-me que a primeira esposa dele era jovem, como a Blanca, e que vinha muitas vezes às consultas na clínica.

– Como assim, ia muitas vezes à clínica? Toda a gente sabe que morreu num acidente na montanha.

– A única coisa que sei foi o que a minha enfermeira me contou – respondeu o médico, olhando para o campo, à procura da sua mulher e dos seus filhos. – Não tenho acesso ao historial dessa paciente, mas sei que fraturou as costelas e outras lesões semelhantes às que o seu marido lhe faz a si.

Blanca ficou gelada. Quantas pessoas sabiam? A sua própria família tinha-lhe escondido isso, permitira que se casasse com um homem tão violento? O seu pai não se preocupava com a vida da sua única filha?

– São meras suposições, doutor. Ninguém, até agora, se atreveu a duvidar dele, pelos menos que eu saiba.

– Não o defenda. Ele vai matá-la, um dia destes descontrolar-se-á, como aconteceu com a primeira esposa, e uma pancada errada acabará por matá-la.

– E o que é que eu posso fazer?

– Já lhe disse noutra ocasião, e volto a repetir, Blanca. Aqui me tem, recorra a mim.

Olhou-a nos olhos e ela, por fim, atreveu-se a levantar o olhar e a fixá-lo no homem que tinha à sua frente.

Houve um ligeiro toque, a mão encharcada dele e a mão fina e seca dela. Pela primeira vez em muito tempo, ambos sentiram calor.

Depois, o doutor sentiu o seu casaco a ser puxado e voltou-se, separando-se de Blanca.

– Pai, a mãe está à sua procura. Os caracóis ficaram ensopados com a chuva – interrompeu o seu filho mais novo.

Não lhe escapou o olhar de ódio que o menino lançou a Blanca.

Mas não era o único. Atrás dele, e sem que eles se apercebessem, Javier Ortiz de Zárate cerrou os punhos com tanta força até ficarem brancos, num gesto instintivo que nem sempre dominava, ao ver a sua mulher, sob o aguaceiro, a falar tão próxima daquele médico campónio de cabelo ruivo.

[7.](#) Perretxikos ou cogumelos da primavera são um tipo de cogumelos muito apreciados no norte de Espanha, sobretudo no País Basco. (N. da T.)

[8.](#) Pão doce típico do norte de Espanha. (N. da T.)

Pela Senda

Não vais encontrar o assassino enquanto não descobrires a sua motivação. E a motivação, querido #Kraken, é sempre pessoal.

Segunda-feira, 1 de agosto

Eram seis da manhã de segunda-feira, tinha sonhado com mais eguzkilores do que era capaz de contar, e decidi começar a semana com uma corrida no parque da Florida. Rodeado de árvores pensava melhor, acalmavam-me.

De madrugada corria com as notas do piano de Ludovico Einaudi a soarem nos meus auscultadores. Nessa altura Vitoria era minha, como eu a imaginava. Um lugar tranquilo e seguro, eu velava por ela, o mal não se propagava pelos edifícios, um assassino não vigiava crianças e mulheres, jovens e idosos. As ruas não eram mais do que isso: calçadas desertas esperando que o dia chegasse para os seus habitantes as poderem percorrer sem medo. Sem tensões, sem incertezas.

O meu mentor do mal continuava a dirigir-me tweets com uma precisão alarmante. Às vezes só um, outras vários por dia, e o seu monólogo unidirecional era lido por milhares de olhos ávidos de progressos. Progressos que não chegavam. Progressos que se ficavam pelas boas intenções.

Por isso precisava de pensar, de modo que corri a bom ritmo para o velho quiosque, uma estrutura octogonal em ferro branca, onde aos domingos havia bailes sob o olhar benigno das enormes estátuas dos quatro reis góticos.

Foi ali que a encontrei, a fazer alongamentos nas escadas metálicas do quiosque.

– Blanca...

– Ismael...

Podia ter continuado com a minha rota labiríntica, mas ela fez um gesto para que me aproximasse. Obedeci, não muito convencido.

– Esclarece-me uma coisa – disse-me, calmamente, enquanto ajustava a sua trança preta. – Porquê “Ismael”?

Continuei a correr à frente dela, e respirei fundo antes de responder.

– Não é óbvio? Porque estou a tentar caçar o monstro branco. Porquê “Blanca”?

– Bem – encolheu os ombros. – É uma variação de Alba.

– Mas não é Alba. Porquê mentir?

– Queria um pouco de anonimato. Acabo de me mudar para esta cidade, não quero ser a subcomissária Salvatierra fora do escritório.

– Mas foste tu quem se apresentou, quem me disse o nome, quem me perguntou pelo meu.

– Foi simplesmente por mera cortesia. Não podemos simplesmente ser, a estas horas, Blanca e Ismael?

– Dás-te bem com o desdobramento de personalidade? – perguntei, um pouco aborrecido.

– Não te ponhas a traçar o meu perfil agora. Fazes com que pareça patológico.

– Porque, na verdade, é. E não tenho a certeza de gostar deste jogo. Daqui a algumas horas vamos ver-nos de novo, vais limitar-me, como todos os dias, vais rejeitar todas as minhas propostas. Preferes que eu fique no escritório a preencher papelada, onde não posso adiantar nada.

– É isso que sentes a meu respeito?

– Sim, Blanca, ou Alba. É isso que sinto. O que raio se passa contigo? Não o queres caçar? – perguntei, impotente, ao mesmo tempo que me segurava na grade branca do quiosque com mais força do que lhe queria mostrar.

– Caçá-lo? Queres dizer detê-lo.

– Como preferires. Mas a verdade é que é assim que me sinto. Porque não me dás mais rédea solta e liberdade de movimentos? Preciso que confies em mim.

Blanca pensou durante alguns segundos que me pareceram eternos. Depois, para minha surpresa, concordou.

– Muito bem, não vou estar tão em cima de ti, mas preciso de resultados. O comissário liga-me praticamente de hora a hora a perguntar-me pelos avanços da investigação. Consegues imaginar a pressão a que estou sujeita?

Baixei a cabeça, não me tinha posto no seu lugar. Até então só tinha visto um muro.

– Mais uma pergunta – disse – antes que desapareças a correr entre as árvores. Porque te chamas Kraken? Na esquadra dizem que é porque gostas de apertar bem com os suspeitos nos interrogatórios, mas quando te perguntei disseste-me que era uma alcunha da adolescência.

“Boa observadora”, pensei.

– Isso dos interrogatórios é um mito urbano. É verdade que consigo sacar mais informações do que os meus colegas, mas acho que tem a ver com o facto de eu

tentar abordar as testemunhas e os suspeitos de outras... perspectivas. Não sigo muito o manual. Não gosto da técnica cinésica, pois acho que fiarmo-nos apenas na linguagem corporal dá-nos uma informação demasiado vaga, e o observador nunca é imparcial, por mais que uma pessoa o negue e se considere um bom agente. Sinceramente, penso que é impossível entrar na sala de interrogatório sem uma ideia preconcebida sobre a culpabilidade do sujeito. Também não gosto da técnica de Reid, pois implica aplicar nove pontos demasiado rígidos. Na prática, uma conversa é muito mais orgânica e imprescindível. Mas é melhor não acreditares em tudo o que dizem a meu respeito nos corredores da esquadra. A verdade vai defraudar-te frequentemente. Acredita em mim, não sou um investigador excecional, e não é bom para ninguém que depositas demasiadas expectativas em mim. Pusete-me neste caso porque estamos diante de um assassino em série e um especialista em perfis como eu pode ajudar a dar outro ponto de vista, mas não sou infalível. De todo. Como vês, neste momento estou a enfrentar demasiadas incógnitas com este caso.

– Não é isso que diz o teu histórico. Mas ainda não me respondeste à questão do Kraken...

– A respeito do mistério do Kraken, a verdade é que me deram essa alcunha quando era adolescente. Como deves saber, o kraken era considerada uma criatura mitológica da antiga Escandinávia, um monstro marinho, uma espécie de polvo ou lula gigante, até que se descobriu que existe realmente por causa dos cadáveres que têm dado à costa nas praias de todo o mundo nos últimos anos. São muito difíceis de estudar porque vivem nas profundidades, mas espero que não procures uma relação direta com qualquer palavra que diga. Cresci aos poucos, como um boneco Lego com braços, tronco e pernas de tamanhos errados. Houve uma altura em que os meus braços eram monstruosamente grandes e longos em relação ao resto do corpo. Não durou muito, a fase seguinte de crescimento nivelou-me as proporções do corpo e este transformou-se na máquina perfeita de prazer que agora vês aqui... – Pisquei-lhe o olho, como que para mostrar a lógica da minha teoria. – Ou talvez esteja a imaginar tudo isto, e algum amigo bêbedo simplesmente tenha inventado esta alcunha e ma tenha dado como a podia ter posto a outra pessoa qualquer. É difícil passar uma vida em Vitoria sem que te batizem com uma alcunha engenhosa: Porco, Cascos, Estripador...

– Muito bem, essa explicação deixa-me muito mais tranquila, para te ser sincera – disse, com um sorriso.

– Ias até ao passeio da Senda? – perguntei. Não queria arrefecer nem abrandar o ritmo da minha corrida.

– Era essa a ideia, vamos.

E começámos a correr, caminho acima, ao mesmo ritmo, sem falar. Silenciei a música de Einaudi: não queria ainda criar recordações, daquelas que não se apagam, e aparecem quando ouves de novo as mesmas notas combinadas.

– Porque começaste a correr? – perguntei-lhe ao fim de algum tempo. – Tens uns ténis novos, calças novas, a indumentária conjugada na perfeição... És uma novata, é um hobby recente.

Ela olhou para cima, para o túnel verde que as árvores formavam sobre nós.

– Estive grávida durante alguns meses e queria recuperar a massa muscular.

Não esperava aquela resposta e cerrei os dentes, afastando fantasmas.

– Caramba... isso tem muito mérito – fui capaz de dizer.

– O que é que tem mérito, exatamente?

– Deves estar esgotada por causa do bebé, de certeza que não te deixa dormir à noite. Ainda agora voltaste ao trabalho e já te preocupas em estar em forma. Que idade tem, quatro, cinco meses? – Fiz contas de cabeça. – Devem estar a aparecer-lhe os primeiros dentes.

– Não, não é o que estás a pensar. Estive grávida até aos sete meses. Mas... o bebé não sobreviveu. Diagnosticaram-lhe osteogénese imperfeita de nível dois – disse, sem levantar os olhos dos ladrilhos vermelhos, brancos e azuis que faziam ondas debaixo dos seus pés.

– Não estou muito familiarizado com a terminologia médica.

– O meu filho não era viável. A cada dia que crescia, os seus ossos partiam-se dentro do meu útero e estava a sofrer muito. Fizeram-me uma cesariana programada, só viveu algumas horas. Não suporto olhar para o meu ventre, não suporto ter ainda corpo de grávida. E pensar que não me importei nada com as mudanças no meu corpo durante a gravidez, e não me teria importado se ele tivesse sobrevivido. Mas agora... quero apenas esquecer que o tive e não vê-lo de cada vez que me dispo.

Olhei de soslaio para os seus abdominais sob a t-shirt justa de licra. Era uma daquelas pessoas sortudas com uma barriga totalmente lisa, extremamente tonificada, um ventre plano sem curvas. Só ela via a tal barriga de grávida, ainda estava na sua cabeça, mas não no mundo real.

“Muito bem”, pensou o especialista em perfis. “Transtorno dismórfico corporal, possivelmente temporário. Assim espero. Para seu bem.”

“Isso importa-te realmente, Unai? Já te preocupas com ela?”, dei por mim a perguntar-me, surpreendido.

Pois sim, talvez. Talvez. Não devia, mas talvez.

– Por isso pediste transferência.

– O meu marido insistiu. Eu estava na esquadra de Laguardia, há uma vida, desde os vinte e quatro anos. Ele trabalha em Vitoria, muitas horas... Na verdade,

sem horários, para quê enganar-nos? Víamo-nos à noite, e dantes isso bastava-nos. Mas ambos passámos por um mau período. Sabes que estas coisas ou unem ou separam as pessoas, e eu não queria que nos separasse. Mas ele está distante desde então, estranho. Tenta disfarçar, mas está muito perturbado. Agora vivo aqui, não conheço praticamente ninguém, não quero que penses que sou uma chata, ou que interpretes mal o meu interesse em conversar contigo de madrugada. Mas é que não conheço muita gente.

– É o problema de Vitoria – disse, enquanto dávamos meia-volta e os nossos passos ecoavam pela Senda. – Os grupos formam-se no liceu; é complicado entrar num quando se vem de fora. É tudo muito endogâmico. Uma pessoa conhece uns quantos jovens com quinze anos, rapazes e raparigas, e alguns deles já estão envolvidos uns com os outros. Uns com outras, ou outras com outros diferentes... e quando os visitas vinte anos mais tarde, vais encontrá-los de novo envolvidos e misturados em casais que nunca terias imaginado antes, mas nenhum deles olhou para fora do seu microcosmos para ver se no mundo, que é enorme, haveria mais pessoas com quem pudessem formar um casal. Não, isso não acontece em Vitoria. A exogamia é vista com desconfiança. Todos aqueles que nasceram a mais de cinquenta quilómetros de distância são, como dizia a minha avó, “forasteiros”. Uma palavra curiosa, típica dos westerns, mas que se ouve em todas as terras de Álava. Quando passam dois peregrinos a caminho de Santiago: “forasteiros”, mesmo que sejam de Cuenca. Quando um vendedor de colchões vem na sua carrinha desde Salamanca vender colchões de algodão, daqueles que já não se usam: “forasteiro”, murmuram os mais velhos, encolhendo os ombros.

– Pois parece que agora sou eu a “forasteira” – comentou, olhando para o relógio. – Diz-me, e tu? Li o relatório da tua alta médica, continuas de luto ou já superaste a perda?

– Investigaste-me? – perguntei, um pouco incomodado.

– Sou tua superior, o que esperavas? Avisaram-me de que eras muito bom. Dizem que funcionas melhor quando fazes as coisas à tua maneira, que obténs resultados em casos complicados, mas que tinhas passado por um mau momento. Podes responder-me? Estás totalmente recuperado?

– Claro que sim, olha para mim. – Travei justamente ao pé de um desenho de uma concha amarela que assinalava o percurso do Caminho de Santiago por Vitoria. – O que queres de mim?

– Quero saber por ti, quero que me contes nas tuas próprias palavras, e não através de um relatório de um psicólogo ou de um atestado. Diz-me: porque te especializaste em perfis criminais depois da tua baixa?

Fiquei calado, sem vontade de falar, mas isso não era justo para ela. Quer

fosse apenas uma colega circunstancial de corrida, ou agisse como a minha superior hierárquica, ela abria-se completamente. Será que eu conseguia ter a mesma coragem?

– Por causa de um amigo.

– De que estás a falar agora?

– Da razão por que fiquei na Divisão de Investigação Criminal e me especializei em traçar perfis. Foi por causa de uma amizade. No próximo dia em que nos encontrarmos, conto-te, prometo. É justo. Mas não hoje, agora não me apetece pensar nesse assunto. Preciso de me mentalizar para isso.

– Muito bem, noutro dia. Mas estamos combinados – assenti, concordando. – Na verdade, esta forasteira prefere compartimentar os nossos encontros e que não falemos de trabalho enquanto corremos, penso que será melhor para ambos mentalmente.

– Concordo plenamente – assenti, mas vi que estava a pôr a mesma expressão de preocupação que lhe vira no seu gabinete. – Mas agora vais acrescentar que...

– Que daqui a uma hora espero por ti e pela inspetora Gauna no meu gabinete. Temos novidades importantes sobre o caso dos crimes na Catedral Velha.

– Combinado. Afinal não me parece assim tão mal a mudança de nomes – disse, já de melhor humor.

Despedimo-nos ao chegar à praça da Virgen Blanca com um:

– Ismael...

– Blanca...

E pouco depois, de duche tomado, barbeado e masturbado, peguei na bicicleta rumo à esquadra em Lakua.

Quando cheguei, Estíbaliz e a subcomissária Salvatierra já estavam à minha espera sentadas à volta da mesa, examinando cuidadosamente várias pastas.

– Temos as identidades das quatro vítimas, Ayala. Tal como temíamos, as duas primeiras têm vinte anos, e as últimas vinte e cinco – disse a subcomissária, passando-me um relatório com os dados pessoais delas.

– Já temos o resultado das autópsias? – perguntei.

– Das da Catedral Velha, sim. Ambas morreram por asfixia provocada pelas picadas de mais de uma dezena de abelhas. Não há agressão sexual em nenhum dos casos, nem marcas, nem vestígios de pelos ou fibras. Temos apenas a composição dos restos da fita adesiva de embalar polipropileno que o assassino ou os assassinos usaram para lhes tapar a boca. Era um adesivo acrílico, tão comum que será impossível rastrear a sua origem. Pelos vistos, esse tipo de fita adesiva para embalar é bastante comum e quase todas as pessoas a têm em casa.

Qualquer um a pode comprar numa loja de ferragens ou em grandes cadeias, como a Leroy Merlin, na avenida Boulevard. E aqui aparece outro facto interessante: ambos foram injetados no pescoço com uma variante líquida de flunitrazepam, cujo nome comercial mais conhecido é Rohypnol, isso soa-vos familiar?

– Date rape, ou a droga das violações – adiantou-se Estíbaliz. – Há anos que não se ouve falar de casos no nosso país.

– Felizmente – intervim.

O Rohypnol era um sedativo vinte vezes mais potente do que o Valium, e nos anos setenta tinha-se tornado famoso em Miami pelos seus efeitos quando misturado com álcool. Tinha muitos nomes: “Boa-noite Cinderela”, droga da violação, Valium mexicano...

– Isso é muito interessante – disse Estíbaliz. – Também se encontrou Rohypnol no sangue do corpo do jovem de quinze anos dos crimes anteriores, naquele caso misturado com álcool.

– Aproveito para a informar, subcomissária – disse – que o relatório da autópsia da jovem de quinze anos se extraviou. E poderia ser determinante para resolver estes novos crimes, visto o cariz que o caso está a tomar. Perguntámos por ele ao Ignacio Ortiz de Zárate, mas aparentemente não lhe deu qualquer importância. Aconselhou-nos a perguntar ao Pancorbo, que na altura investigava o caso com ele.

– Façam-no, reúnam-se com ele e ponham-lhe todas as dúvidas que têm sobre o caso antigo. É a testemunha mais fiável que temos daqueles acontecimentos.

– Concordo – disse, apesar de ser mentira.

Ainda desconfiava de Pancorbo, estava de pé atrás. Quando falei com Ignacio, fiquei com a impressão de que tentou insinuar que o seu antigo colega era mais do que parecia ser.

– E os nomes das novas vítimas? – perguntei, mudando de assunto.

– Todas têm um apelido composto alavês – disse. – Um apelido como Martínez, López, Fernández, Sánchez e o toponímico correspondente a uma cidade de Álava.

– Quer dizer que este assassino segue as pautas dos crimes de há vinte anos – resumi.

– Não completamente – interrompeu Estíbaliz. – Mudou a arma do crime.

– E pouco mais, Gauna. A assinatura deste assassino também são os eguzkilores – respondi, enquanto observava a sua reação.

– Ainda não sabemos se é uma assinatura – negou com firmeza.

– É um elemento pagão, do nosso folclore, ou como lhe queiras chamar, que se repete no cenário dos crimes porque o assassino os colocou expressamente à

volta das suas vítimas e não por ter sido necessário para cometer os crimes. Essa é a definição de assinatura nos manuais. E não nos podemos esquecer de que esse pormenor ainda não chegou aos ouvidos da imprensa. Na verdade, é um dos maiores indicadores de que estamos diante da mesma pessoa, ou pelo menos diante de alguém que tem ligações com o assassino anterior.

– De qualquer maneira – interrompeu-nos a subcomissária num tom conciliador –, é óbvio que esta série de assassinios tem um elemento inexplicável à primeira vista: parece ser obra do mesmo assassino, mas o assassino está na prisão, por isso não pode ter sido ele, pelo menos materialmente falando.

– Concordo – assenti.

– Então vamos avançar passo a passo – continuou ela. – Começemos pela jovem de vinte anos: Enara Fernández de Betoño, estudante de Ótica e Optometria na Universidade Complutense de Madrid. O seu pai tem uma loja de óculos com uma certa reputação na rua de San Prudencio há quase trinta anos. É uma família muito conhecida em Vitoria, pelo que me contou a médica forense. A jovem trabalhava na loja do pai, a atender ao público quando estava de férias, como era o caso nestas últimas semanas. Não se destacava por ser boa aluna, mas também não tinha problemas com a justiça nem com drogas, apesar de no relatório toxicológico se terem encontrado também antidepressivos no sangue, para além do Rohypnol. Têm de ver com o pai se ele estava ao corrente da situação. A mãe vem a caminho. Pelos vistos estava a viajar nos Estados Unidos, pelo que pude intuir com o seu namorado. Falem com amigas, amigos, familiares... Quero saber tudo sobre ela, e também se conhecia a outra vítima, se eram namorados, ou se havia algum tipo de relação entre eles. Quero saber por que razão o assassino a escolheu precisamente a ela.

– Onde vivia? – perguntei.

– Na casa da família, por cima da loja, em plena rua de San Prudencio.

– Que fácil – comentei.

– O que queres dizer com isso?

– Que se o assassino queria matar jovens de Vitoria com apelidos compostos típicos de Álava, não teve de se dar ao trabalho de investigar censos ou bases de dados: a ótica já indica o apelido do dono. Bastava seguir o dono durante alguns dias para ficar a saber que ele tinha uma filha daquela idade a trabalhar com ele. Vivem na zona centro pedonal; nem sequer precisou de a seguir de carro para ficar a saber as suas rotinas e horários de entrada e saída. No dia em que a assassinaram todos os jovens de Vitoria estavam na rua, ninguém ficou em casa. Possivelmente intercetou-a ao sair.

– Achas que pode ser alguém conhecido? – perguntou Estíbaliz.

– Isso, ou é um sedutor, ou pelo menos um homem que não mete medo e transmite confiança. Se fosse uma mulher a assassina, seria mais fácil de compreender que a vítima a seguisse e se metesse no carro com ela, mas começo a duvidar ao ver o tamanho do jovem de vinte e cinco anos assassinado na Casa do Cordón. De qualquer maneira, quem é que entra no carro de um desconhecido aos vinte anos?

– Em Vitoria, ninguém – disse a minha colega.

Estávamos os três de acordo.

– Penso que os obriga a subir para algum veículo, injeta-lhes um sedativo quando já conquistou a confiança deles, e uma vez fora de combate, leva-os para fora de Vitoria – continuei. – Possivelmente tem uma casa ou um chalet numa povoação aqui perto, onde pode estar tranquilo, sem testemunhas. Não nos esqueçamos de que tem abelhas vivas, ou acesso a elas e também a liberdade ou intimidade suficiente para as manejar. É difícil que isso aconteça em Vitoria. Lá, aproxima-lhes a gasolina da boca, para tornar as abelhas agressivas; é provável que as tenha fechadas num pote ou frasco, até pode ser que use um fato igual aos que usam os apicultores para se protegerem, introduz as abelhas na boca, tapa-a com fita adesiva, tapa-lhes o nariz com a mão e, passados poucos minutos, eles morrem asfixiados. De seguida, despe-os e tira-lhes todos os objetos pessoais, volta a pô-los no carro, e deixa-os num cenário histórico que escolheu previamente e que nos dá uma cronologia da história de Vitoria. Coloca-os orientados para noroeste, com as mãos numa posição muito particular, antes que o rigor mortis se apresente. É uma pessoa muito rápida, executa tudo com precisão. Possivelmente passou muito tempo a ensaiar ou a planear os passos, visitando a Catedral Velha, a Casa do Cordón. É imaculado, usa luvas, e é camaleónico, tanto se pode fazer passar por um trabalhador da Fundação da Catedral Santa Maria como por um empregado da Obra Social da Caja Vital sem chamar a atenção.

– Ambos os perfis são bastante parecidos – disse Estíbaliz.

– Mas também se pode fazer passar pela senhora da limpeza – interrompeu a subcomissária –, as possibilidades são mais amplas. Não se limitem à primeira opção, à que é mais óbvia. Esqueci-me de vos dizer que amanhã é o funeral de duas das quatro vítimas, no cemitério de Santa Isabel, com uma diferença de hora e meia. E agora, passemos ao jovem de vinte anos...

– No cemitério de Santa Isabel? – interrompi, espantado. – Em toda a minha vida só fui a um enterro nesse cemitério. Pensava que há décadas que ninguém era sepultado em Santa Isabel, que era sempre no cemitério de El Salvador.

– Ambas as famílias têm um jazigo que foi adquirido há quase um século, e têm espaço – respondeu Alba. – Nesses casos, a Câmara Municipal de Vitoria

permite que sejam lá enterrados.

Foi nesse momento que Pancorbo entrou no gabinete, depois de ter batido educadamente à porta.

– Está aqui um tal de Peio, um jovem que afirma ser o namorado de Enara Fernández de Betoño, e que diz ter uma coisa muito importante para nos contar sobre o crime.

Olhámos os três uns para os outros em silêncio.

– Deixe-o entrar – disse a subcomissária Salvatierra. – Inspetores, espero que lhe consigam sacar alguma coisa de útil.

– Está no meu gabinete, tive de o acalmar, está muito nervoso – disse Pancorbo.

– Muito bem, vão com ele. Vamos ver o que tem para nos contar.

Encontrámos o rapaz e os seus cento e vinte quilos de peso abraçados à caixa de lenços de papel que havia na secretária de Pancorbo. Chamava a atenção, não só pelo seu volume, mas porque tinha sardas espalhadas por toda a superfície visível da pele, como se alguém lhe tivesse pulverizado o corpo e o rosto com melanina. Tinha cabelo preto e encaracolado, dividido em duas cascatas simétricas, presas e brilhantes na cabeça, que lhe caíam longas até aos ombros que se convulsionavam a cada soluço. Calças à militar pelo meio das pernas e t-shirt preta com uma enorme imagem de Walter White, o protagonista de Breaking Bad, a cozinhar metanfetaminas, possivelmente o seu herói.

– Olá, Peio – adiantei-me. – Disseram-nos que queres falar connosco.

– O senhor é o Kraken? – perguntou, depois de soluçar três vezes seguidas.

– O mais importante agora é que nos digas o que nos vieste contar – disse enquanto me sentava. – Mas primeiro quero dar-te os nossos pêsames pela morte da Enara. Era a tua namorada?

– Sim, há um ano – disse, ficando na defensiva. – O que se passa, não combino com ela? É demasiado bonita ou beta para um tipo como eu?

– Ninguém disse isso. Na verdade, adoro os contrastes – disse Estíbaliz, conciliadora. – Não te queremos roubar tempo, Peio. Conta-nos.

– Os pais da Enara estão a ter problemas por causa da separação. Há três semanas a mãe dela saiu de casa com o seu novo namorado, ou com o antigo namorado, não sei muito bem como explicar.

– Tenta, porque já me perdi – disse Esti, com um sorriso cúmplice.

– Há um mês, a mãe da Enara teve uma daquelas reuniões de antigos alunos, velhos como ela que se juntam vinte anos depois de terem terminado os seus colégios de betos, e tudo isso.

- Muito bem, e que colégio era?
- Os Marianistas, acho.
- Podes confirmar-me?
- Sim, eram os Marianistas. Acontece que reencontrou o seu namorado de há vinte anos e voltaram a apaixonar-se. É um tipo espetacular, muito mais do que o pai da Enara, que é um beto presumido, insuportável e muito estranho.
- O dono da loja de óculos é estranho? – perguntei. – Como assim? Contam-nos.
- Tem a casa cheia de olhos de animais em formol, tudo muito elegante, de revista. Adora lembrar a quem o quiser ouvir que gastou uma pipa de massa nessas esquisitices. Põe-se todo emproado e diz que as antiguidades médicas estão muito valorizadas no mercado do colecionismo... Parvoíces. É uma pessoa muito difícil de se conviver.
- O que se passou depois da reunião de antigos alunos?
- A mãe da Enara encheu-se finalmente de coragem para deixar o estúpido do marido e foi viver com o novo namorado.
- Podes dizer-nos o nome dele?
- Gonzalo Castresana, acho eu.
- Muito bem, e o que é que isso tem a ver com a morte da tua namorada?
- A Enara adorou o seu padrasto, tanto que meteu na cabeça que o Gonzalo era o seu verdadeiro pai, e não o dono da ótica. Devia ser mesmo verdade, porque a mãe dela e o Gonzalo não o negaram. Pelos vistos, o oculista meteu-se na história de amor dos dois e passado pouco tempo casaram-se de rajada e nasceu a Enara, há vinte anos. E então começaram os problemas. A Enara tinha terminado os exames de Ótica na faculdade, voltou para casa dos pais, mas a mãe tinha acabado de ir viver com o Gonzalo. A Enara e o pai sempre se deram mal, ele é muito mandão, um velho dos de antigamente: até a obrigou a estudar Ótica e Optometria, e a Enara odeia o curso, ou melhor, odiava.
- Não queria ser optometrista?
- Já viu os apontamentos dela? – respondeu, com uma careta.
- Não, ainda não os vi.
- A Enara passava o dia infeliz, custava-lhe muito passar às disciplinas. O curso tinha demasiada química e física, mas o pai pressionava-a para seguir o seu legado na ótica de referência em Vitoria.
- Peio, a tua namorada tomava alguma coisa? – perguntou Estíbaliz.
- Não compreendo a sua pergunta.
- Vou colocá-la de outra maneira – disse a minha colega. – No corpo dela foram encontrados restos de antidepressivos, mas também de outras substâncias, digamos que à margem da lei. Não vamos atrás de ti por isto. O que nos contares

fica dentro destas quatro paredes e não vai constar de nenhuma declaração oficial, mas, pelo bem da tua namorada, preciso que me digas a verdade. Pode ser que me vejas como uma velha, mas, acredita, eu também vivi de noite e sei o que se passa. Não te preocupes, não te vou julgar, mas este dado é muito importante para encontrarmos o assassino da tua namorada. Ela tomava alguma coisa?

– Não, nem pensar. Era uma santa, super bem-comportada. Perguntem aos amigos dela: todos vos vão dizer que era a melhor pessoa do mundo. Demasiado ingénua, demasiado obediente... Até há duas semanas, quando enfrentou o pai pela primeira vez na vida.

– Sabias que ela tomava antidepressivos? – insisti.

– Sim, também era uma coisa do pai dela. Pagava-lhe uma psicóloga. Dizia que ela estava deprimida e que os antidepressivos a ajudavam, mas a verdade é que o pai só o fazia para que se concentrasse no curso e pudesse ficar à frente da ótica quanto antes.

– Como é que o pai reagiu ao ser abandonado pela mulher?

– É aonde quero chegar. Era um maldito esquizofrénico: às vezes era superviolento com a Enara, mas sempre em casa, claro... e outras vezes era tão calmo e tão frio que a Enara tinha medo de que ele estivesse a tramar alguma. Aquilo era um verdadeiro campo de batalha, todo o dia aos gritos ao telemóvel, com o pai a seguir a mãe e o Gonzalo... Tanto que foram de viagem para manter alguma distância até as coisas acalmarem, mas deixaram a Enara em casa com aquele louco.

– Pelo que me descreves, parece que se comportava como um bipolar.

– Isso, completamente bipolar. Aquela besta era bipolar.

– Uma última pergunta, Peio – disse. – Como é que o teu sogro te tratava?

– Como é que acha que ele me tratava? Ele queria uma pessoa de boas famílias para ela, não um gordo sem estudos nem um tostão como eu.

– Trabalhas? – perguntei.

– Claro, estou encarregado de cortar a relva do campo de golfe de Urturi desde os dezassete anos, e com muita honra.

– E fazes muito bem. Para mim, um jovem da tua idade que faz pela vida e trabalha tem todo o meu respeito – disse. – Voltando à tua visita à nossa esquadra, o que nos estás a tentar dizer é que achas que o pai tem alguma coisa a ver com a morte da tua namorada.

– Claro que tem alguma coisa a ver! – gritou, começando a soluçar. – É óbvio que foi ele! Quanto aos outros jovens mortos, só o fez para despistar e para que as pessoas pensassem que estava relacionado com os crimes do dólmén e tudo isso. Vão, vão a casa dele e vejam o circo dos horrores. Ele até tem bisturis e

escalpelos do século XIX.

– Tem calma, Peio. Toma – disse Estíbaliz, passando-lhe um pacote de lenços de papel que tinha no bolso das calças, ao ver que o jovem já acabara com os de Pancorbo.

Ele assoou-se várias vezes, enquanto esperávamos pacientemente que se acalmasse e pudesse falar.

– Na véspera do dia de Santiago, a Enara disse-lhe que ia viver com a mãe e o seu novo padasto assim que eles regressassem dos Estados Unidos. A Enara estava morta de medo, e o pai demasiado calmo, como se não a tivesse ouvido ou não quisesse perceber o que ela lhe estava a dizer. Quando ele ficava assim era quando a Enara se sentia mais assustada. Nesse domingo tínhamos combinado encontrar-nos à tarde, para sair e tomar uns copos, mas a última vez que tive notícias dela foi de manhã, falámos ao telemóvel por volta do meio-dia. Depois disso, não soube mais nada dela. À tarde não apareceu, nem voltou a atender-me o telemóvel. Tinha-o desligado quando lhe liguei para a avisar de que ia chegar atrasado. Tínhamos combinado às sete. Por volta das nove, já bastante chateado, fui até casa dela, bater-lhe à porta, mas ninguém atendeu.

– Onde é que tinham combinado encontrar-se?

– No El coño. Quero dizer, naquela escultura com o buraco do General Loma, ao pé da praça da Virgen Blanca.

– La mirada, Peio. Chama-se La mirada – disse, com um sorriso.

Não havia maneira de ninguém, em Vitoria, o chamar de outra maneira. Era um bloco ao alto com cinco metros e meio, de mármore cinzento e com um buraco de onde se via a estátua da Virgen Blanca, e também a porta da minha casa.

– Mais uma coisa que aprendi. A verdade é que voltei várias vezes ao... à estátua, para ver se a via. Liguei às amigas dela, mas era dia dos namorados, e ninguém a tinha visto. À meia-noite, cansei-me de andar pelas ruas e voltei para casa. Passei a noite no quarto, a ligar-lhe e a enviar-lhe mensagens pelo WhatsApp. Vejam – Tirou do bolso um telemóvel maltratado, com o ecrã partido e mostrou uma interminável quantidade de mensagens unidirecionais.

– Ninguém te acusou de nada, Peio – disse Esti, com voz doce, como se fosse uma mãe a acalmar o filho pequeno.

– Pelo sim, pelo não. Por causa do meu aspeto, e isso. Já sei que a bófia suspeita sempre do namorado, tenho muita cultura televisiva.

– Não te preocupes, Peio. Não encaixas no perfil do assassino – repliquei como se fosse um confidente de verdade, e não um miúdo atordoado pelas circunstâncias.

– Ai, não? – perguntou, surpreendido.

– Garanto-te que não.

– Ainda bem, porque tinha medo de que o pai dela me acusasse a mim, mas quem bate primeiro bate duas vezes, e prefiro que ouçam primeiro a minha versão, foi por isso que vim – respondeu, visivelmente mais relaxado.

– Fizeste bem. O que aconteceu depois, no dia de Santiago? – continuou Estíbaliz.

– Na manhã seguinte soube no Twitter dos crimes, ninguém falava de outra coisa, até comprei o jornal. Fui a correr a casa dela. O oculista estava fechado, porque era feriado, e falei com o pai dela pelo intercomunicador. Perguntei-lhe pela Enara, disse-lhe que não sabia onde ela estava, mas ele nem ligou; como se não se interessasse por ela, como se não se preocupasse, apesar de ser supercontrolador. Pedi-lhe que me abrisse a porta e me deixasse entrar, porque não me parecia bem falar daquele assunto ali, mas não me quis abrir a porta, por isso tive de lhe dizer ali mesmo, que não sabia nada da sua filha desde o dia anterior. Que tínhamos de ir à Polícia dizer que tinha desaparecido; que se não o fizéssemos íamos parecer suspeitos.

– Disseste-lhe isso? – interrompeu Estíbaliz.

– Sim, bem, é o que dizem sempre nas séries, não é? – murmurou, encolhendo os ombros. – Respondeu-me que o pai era ele, e que se encarregaria do assunto, que eu não era ninguém para ir à Polícia e que não me metesse nos assuntos familiares deles. Que besta... Era a filha dele, e nem se alterou ao saber que tinha passado toda a noite desaparecida. Eu sabia que lhe tinha acontecido alguma coisa má. A Enara não ia sozinha nem sequer à casa de banho das mulheres. Bem... penso que já vos contei tudo. Quando é que o vão prender?

Estíbaliz e eu trocámos um olhar em silêncio durante um segundo. Em seguida, a minha colega levantou-se e dirigiu-se para a porta.

– Penso que nos deste dados muito interessantes para a investigação. Peço-te que nos deixes o teu número de telemóvel, a tua morada e como te podemos localizar, se precisarmos de mais alguma coisa de ti. Volto a agradecer-te, Peio.

O jovem levantou-se, arrastando a cadeira, olhou para a secretária de Pancorbo sem a ver, transformada num mar de lenços de papel amachucados e húmidos, e sorriu-nos com os seus olhos diminutos, irritados de tanto chorar.

– Foi um prazer, sobretudo se prenderem esse ricaço.

Escoltei-o até à saída, observando-o pelo canto do olho em silêncio. Queria ter a certeza de que o seu sofrimento era verdadeiro e não tinha encenado um episódio do CSI. Mas não vi nada naquele miúdo que me fizesse suspeitar que tinha sido capaz de matar quatro pessoas da sua idade, mais ágeis, maiores, e que tivesse executado toda a delicada parafernália daqueles crimes só para culpar um sogro demasiado difícil.

Ao regressar ao segundo andar, fui pelo corredor e abri a porta do gabinete da minha colega.

– Impressões? – perguntei.

– Diria que diz a verdade. É um pouco excêntrico, mas...

– Um pouco? – sorri, erguendo a sobrancelha.

– Tudo bem, é o maldito rei dos excêntricos, e não combina com uma menina bem como a Enara. Talvez esse tenha sido o primeiro ato de rebeldia dela. Mas acho que aquela casa é um barril de pólvora e estava prestes a explodir.

– O que mais me chamou a atenção no testemunho dele foi a falta de reação emocional de um pai possessivo ao saber que a filha esteve toda a noite desaparecida – disse, apoiando-me na secretária. – Não bate certo. Não bate mesmo nada certo. O normal teria sido vir até à esquadra a correr para reportar o desaparecimento da filha; teria até sido normal que tivesse insistido connosco para que investigássemos o namorado da filha. Esti, podes ver a data em que comunicaram o desaparecimento da Enara?

– Sim, vou subir para ver. Fica aqui – disse, e desapareceu escada acima, à procura dos registos.

Regressou passados alguns minutos, com uma expressão de confusão.

– Isto é mesmo muito estranho, Unai. A denúncia do desaparecimento de Enara Fernández de Betoño foi a última que recebemos em termos cronológicos. Lembras-te da loucura que tomou conta de todos os pais de Vitoria, e que recebemos uma enchente de cerca de trezentas denúncias na primeira manhã? Bem, procurei entre elas e não encontrei nada. Ele só deu parte do desaparecimento da filha na passada sexta-feira, dia 29 de julho. Quase uma semana depois de a sua filha sensata ter desaparecido.

Entreolhámo-nos em silêncio. Era a nossa maneira de darmos força um ao outro quando antecipávamos o que estava por vir.

– Vamos num carro à civil e leva a tua arma, Esti – disse, olhando na direção da casa da vítima. – Acho que vamos ter um encontro muito interessante com o nosso papá da ótica.

Santo António

A maldição do investigador: ter a solução diante dele e não a ver. Cuidado, #Kraken, o assassino é um convencido. Já o deves ter conhecido.

Segunda-feira, 1 de agosto

– Como foi o fim de semana, Estíbaliz? – perguntei como quem não quer a coisa, enquanto conduzia em direção à rua de San Prudencio.

– Bom – respondeu, distraída.

– Adiantaste muitas coisas do casamento com o Iker?

– Sim, flores e ramos. Passámos o fim de semana a negociar entre ceder às gerberas cor de laranja ou aos jarros brancos, para não ultrapassarmos o orçamento. – Suspirou, aborrecida pelo tema. – Estamos nessa fase.

– Sim... flores e ramos – repeti.

Saí do carro assim que conseguimos estacionar na rua ao lado da ótica. A casa do dono da ótica dava para a rua de San Prudencio, mas entrava-se pela de San Antonio. Aproximámo-nos da porta e tocámos no número que o relatório indicava. Ninguém respondeu. Insistimos várias vezes antes de nos darmos por vencidos. Ou não estava em casa, ou o optometrista não queria ver ninguém naquela manhã, o que era compreensível.

– Vamos à ótica, pode ser que tenhamos mais sorte – disse Estíbaliz.

Entrámos ambos na loja, onde um empregado de bata branca com a cabeça em forma de lâmpada e uma careca brilhante e bronzeada se apressou a atender-nos, solícito.

– Queríamos falar com o dono – disse enquanto olhava à minha volta.

Não havia rasto dele. Só três outras pessoas, a atender os clientes, mas nenhum homem de sessenta anos que correspondesse ao perfil de Antonio Fernández de Betoño.

– Se são da imprensa, temos ordens para não vos atendermos. Peço-vos que compreendam que se trata de um dia muito duro para o nosso chefe – disse o

empregado careca, baixando a voz.

– Não somos jornalistas – respondi. – Na verdade, somos polícias. Poderia dizer-nos onde é que o podemos encontrar?

– São da Polícia? – repetiu, engolindo em seco. – Sim, claro. Assim imagino que posso dizer. Na verdade, passou toda a manhã a subir e a descer ao armazém da ótica, trazendo uma série de caixas de casa.

– Caixas? – interrompeu Estíbaliz.

– Sim, caixas grandes vazias, daquelas que nos trazem os fornecedores, como a Luxottica ou a Safilo, com os pedidos de armações. O armazém está cheio, temos sempre falta de espaço.

Com algumas pessoas acontecia aquilo mesmo: ficavam nervosas assim que nos apresentávamos como polícias e davam-nos informações que ninguém tinha pedido. Às vezes, eram irrelevantes, mero ruído verbal, outras vezes eram presentes inesperados na forma de informações importantes que nos teriam custado imenso a obter.

– Podem bater à porta, vive no segundo andar. Talvez hoje não lhes abra, não responda, mas podem ir até ao patamar por uma porta a partir do armazém. Passem, se quiserem. – Guiou-nos, solícito, sob o olhar espantado das outras empregadas.

Esti e eu olhámos um para o outro e seguimo-lo em silêncio.

Entrámos na escuridão do armazém, um cubículo estreito sobre o comprido com armações de óculos de todas as cores e feitios. De seguida, tirou um conjunto de chaves do bolso da bata e abriu-nos uma porta de alumínio branco que, realmente, dava para as escadas de incêndio do edifício.

– Se precisarem de mais alguma coisa, o que quer que seja... – Estendeu-me o seu cartão de visita.

– Muito bem, Luis – respondi, dando-lhe um aperto de mão. Ele segurou-me a mão com demasiada força, com aquela segurança fingida que se aprende nos cursos de vendas. – Podemos voltar a entrar em contacto consigo, se precisarmos de mais informações.

– Lambe-botas – murmurou Estíbaliz, assim que o empregado deu meia-volta.

– Com empregados como este, quem é que precisa de inimigos? – Pisquei-lhe o olho, enquanto subíamos pelas escadas. – Com que então o oculista está aqui e não quer abrir a porta a ninguém.

– Deixa-me ser eu. Estou a ficar cheia de vontade de conhecer esta personagem.

– Não te precipites, Esti. De acordo?

– Hum... – disse, em modo de resposta.

Quando chegámos ao segundo andar, Estíbaliz tocou à campainha e tirou a sua

identificação.

– Divisão de Investigação Criminal, sabemos que está aí dentro. Queremos fazer-lhe algumas perguntas de rotina – disse, elevando a voz para se fazer ouvir através da sólida porta de madeira de nogueira.

Aproximei o ouvido, ouviram-se vários barulhos. De seguida, para nossa surpresa, um homem com cerca de sessenta anos, bigode grisalho e um pouco espesso abriu-nos a porta com uma expressão tranquila que não esperávamos.

– Entrem, não pensei que viessem tão depressa.

– Pedimos desculpa por virmos num momento como este, talvez o estejamos a incomodar. Serão apenas alguns minutos – disse-lhe, estendendo a mão. – Sou o inspetor Ayala e esta é a inspetora Gauna. Em primeiro lugar, gostaria de lhe dar os pêsames pelo falecimento da sua filha.

– É melhor falarmos no meu escritório, se vos parecer bem – respondeu calmamente, enquanto nos indicava que o seguíssimos através de um corredor interminável com ilustrações do século XIX de desenhos anatómicos de olhos.

O escritório estava forrado com títulos de cursos e de mestrados em optometria, contactologia e treino visual; parecia-se bastante com um consultório de um médico. Havia instrumentos antigos nas estantes, e uma horripilante coleção de frascos de vidro com globos oculares de diferentes tamanhos em formol.

– É a minha coleção de olhos de vertebrados – respondeu, orgulhoso, ignorando a minha expressão de horror. – E naquela prateleira tenho os vermes, os insetos, os moluscos... É a coleção mais completa da evolução do olho que existe na Europa.

– Gosta de cronologias? – perguntou Estíbaliz, observando o olho de uma lula.

– Digamos que gosto de pôr as coisas em ordem – respondeu ao mesmo tempo que se sentava na cadeira que presidia ao seu escritório, e nos convidava a fazer o mesmo com um gesto.

– Tem olhos de abelhas?

– Não suporto esses antófilos, acabam sempre por me picar.

– Desculpe? – disse.

– Antófilos, “que adoram as flores” – esclareceu. – É o verdadeiro nome desses insetos tão desagradáveis. A palavra abelha é a sua denominação comum.

– Muito obrigada pelo esclarecimento – disse Estíbaliz, apesar de eu ter a certeza de que ela já o sabia. – Também nos falaram da sua coleção de instrumentos cirúrgicos.

– Sim: bisturis, lancetas, seringas de metal... Tenho peças que foram salvas de Pompeia, da Idade Média, da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, uma réplica de uma gravura com instrumentos egípcios do templo de Kom Ombo...

Abriu a gaveta direita da sua imponente secretária de nogueira e colocou umas luvas azuis de cirurgião. Pegou num pequeno bisturi com uma pega de nácar e mostrou-nos como se fosse uma barra de ouro.

– Alguns destes instrumentos ainda conservam vestígios de sangue, o que torna a peça muito mais cara no mercado de antiguidades. Consegue imaginar, sangue de uma pessoa do século XIX? Estes pormenores fascinam-me.

Estíbaliz lançou-me um olhar furioso. Conhecia-a bem, estava a ficar cansada do discurso sinistro do oculista.

– Falemos da sua filha – interrompi-o.

– Sim – disse num tom neutro –, já estava a tratar disso.

– Tratar disso?

– De deixar tudo em ordem. Acompanhem-me ao quarto dela. É o que faz a Polícia, visitar o dormitório das vítimas, não é verdade?

Seguimo-lo em silêncio por um longo corredor. Antonio não tirou as luvas de látex, como se estivesse habituado a usá-las durante longos períodos de tempo. Reparei que a porta da casa de banho estava semiaberta, depois deteve-se diante de um par de portas idênticas. Estíbaliz fez tentativas de abrir uma delas, mas ele deteve-a com a sua mão enluvada.

– Não, aqui não! – levantou a voz. Penso que foi a única vez que o vi alterado desde que entrámos na sua casa. – O quarto da minha filha era este.

“Que rapidez a assumir o era”, anotei na minha lista mental. Normalmente os pais demoravam dias até conseguirem falar dos seus filhos mortos no passado.

Abriu a porta e vimos um *sommier* e um colchão sem lençóis nem cobertores, umas estantes vazias presas à parede e as portas dos roupeiros abertas de par em par, com cabides vazios. Era a imagem da desolação. Não sei porquê, mas senti um arrepio na nuca, como se a Morte acabasse de passar atrás de mim, para garantir que acabara o seu trabalho.

– E os seus objetos pessoais? – consegui perguntar no meu tom mais profissional.

– Já não lhe fazem falta, como é óbvio – respondeu com um encolher de ombros. – Acho que vou voltar a decorar este quarto, retirar as prateleiras e colocar algumas vitrinas para passar a minha coleção de olhos para aqui.

– Certo – respondeu Estíbaliz, cerrando os dentes. – Passemos às perguntas: sabe se a sua filha conhecia um tal de Alejandro Pérez de Arrilucea? É o nome do jovem com quem foi encontrada quando descobrimos os cadáveres. – A minha colega tinha lido o breve relatório da subcomissária Salvatierra de cima a baixo antes de sair da esquadra rumo à ótica.

– Não faço ideia. Têm filhos?

Ambos negámos com a cabeça, apesar de o meu ser um meio “não”.

– Não tenham – disse, rotundamente.

– Deve concordar connosco que essa opinião é muito radical – disse, procurando manter-me neutro.

– É apenas um conselho bem-intencionado. – Tirou as luvas e guardou-as no bolso de trás das suas calças com pinças. – Sabem, se um dia tiverem filhos, o vosso centro de gravidade mudará, as vossas prioridades darão uma volta de 180 graus e passarão os anos seguintes a fazer o melhor que sabem. Depois, essa pessoa crescerá, olhar-se-ão nos olhos e descobrirão que são dois desconhecidos, que na verdade não sabem nada do que se passa na cabeça dela, nem são capazes de imaginar o mal que podem fazer um ao outro. Não são precisas lancetas; bastam umas quantas palavras para destruir vinte anos de confiança.

– Refere-se à decisão da sua filha de ficar do lado da mãe e do seu novo namorado? É por isso que está tão magoado com ela, porque duvidou da sua paternidade? – interrompi.

– Porque pergunta, se vejo que já foi informado?

– Gostávamos de conhecer a sua versão – disse, em tom conciliador.

– Não tenho nenhuma versão. Só tenho um quarto vazio que adorava começar a decorar neste preciso momento, se forem suficientemente amáveis para me deixar em paz.

– Compreenda que estamos a fazer o nosso trabalho. Não lhe interessa que apanhemos quem fez isto à sua filha?

– Sinceramente, neste momento estou a reorganizar as minhas prioridades. E insisto, poderiam sair, por favor? Vai ser um dia muito duro e ainda agora começou. Como chefe de família tenho de me encarregar de todos os aspetos práticos que implicam o falecimento de uma filha.

– Claro, já estávamos de saída. Importa-se que vá à casa de banho? – adiantei-me.

– Não tem outro lugar onde...

– Serei muito rápido – interrompi-o. – É aquela porta em frente, não é verdade?

E abandonei aquele quarto tão frio antes que ele tivesse oportunidade de me expulsar dali ao pontapé.

Tranquei a porta da casa de banho atrás de mim e procurei no chão. Ao passar no corredor, pareceu-me ter visto qualquer coisa nas sombras projetadas pela banheira.

Agachei-me, tirei as minhas próprias luvas de látex do bolso de dentro do casaco e apanhei-o: um rolo de fita adesiva de plástico.

– Muito bem, o que fazemos contigo? – perguntei para mim próprio, enquanto observava a possível prova.

Tinha a opção de levá-la comigo e de informar o oculista, mas tinha a impressão de que ele ainda podia dar-nos mais informações, apesar de não parecer muito disposto a falar da filha, e por isso não o queria pôr de sobreaviso. Também podia levá-la sem dizer nada, mas se estava a usar a fita quando tocámos à campainha e a atirou à pressa para a casa de banho, tal como eu suspeitava, seria o primeiro objeto de que iria à procura assim que eu e Estíbaliz nos fôssemos embora, e eu queria que ele continuasse o que estava a fazer e acabasse a sua tarefa.

Por fim, optei por arrancar com cuidado cinco centímetros de fita, meti-a num pequeno saco de provas, tirei a porta do trinco, abri e fechei a torneira da casa de banho e saí o mais depressa possível.

O dono da ótica e a minha colega estavam à minha espera com cara de caso no hall da entrada, com a porta aberta.

– Muito obrigado por tudo, Antonio. Se houver alguma coisa que nos queira contar, já sabe onde nos pode encontrar – disse eu, estendendo-lhe mais uma vez a mão.

– Sei, sei. E agora, se me permitem... – Alisou o bigode grosso e grisalho num gesto que me pareceu de impaciência mal reprimida.

Entrámos no elevador em silêncio, o olhar de Estíbaliz e o meu encontraram-se no espelho.

– É ele – murmurou, convencida.

– Ainda não sabemos.

– Aquela não é uma reação normal – insistiu, cruzando os braços no peito.

– É sim, está em negação. É a primeira fase do luto, por muito estranha que seja. Já o viste milhares de vezes nas formações e há documentação em barda de casos semelhantes ao que acabámos de ver lá em cima.

– Mas não desta maneira tão brutal. Não é normal, Kraken. Eliminou qualquer vestígio da vida da filha, apenas umas horas depois de saber que ela está morta. Quem é que faz isso?

– Um pai habituado a controlar tudo e que nas últimas semanas foi abandonado pela mulher, que o trocou por um ex-namorado dos Marianistas, e cuja filha primeiro lhe pediu uma prova de paternidade e a seguir apareceu morta e nua na Catedral Velha?

– Não te consigo compreender – murmurou enquanto soltava o rabo de cavalo e voltava a amarrá-lo. – Não o achas suspeito? É organizado, maníaco, meticoloso, fasninado pelo lado escabroso da morte, sabe manejar instrumentos cirúrgicos... Encaixa no perfil de psicopata que estás a traçar desde o início. E tem um motivo, Unai. Tem um motivo: pode ter matado a sua filha por puro ódio por ela, ou porque deixou de poder controlar a sua família, ou para magoar a sua

mulher. Já vimos isto antes: é assim que atuam, é assim que pensa um assassino. Toda esta encenação dos crimes rituais é para desviar a atenção, para fazer parecer que a sua filha é mais uma vítima dos crimes duplos da Catedral Velha e da Casa do Cordón.

Mas os meus pensamentos estavam focados noutros assuntos mais urgentes. Todos aqueles argumentos... não havia maneira de o provar, se não tivéssemos algo sólido.

– Vamos ficar no carro, a vigiá-lo até que saia. Se passou a manhã toda ocupado a empacotar coisas e a seguir escondeu as caixas tão bem que não as vimos no seu apartamento, aposto que vai sair de carro com elas pela garagem. Liga para Lakua e descobre todos os veículos que tem em seu nome.

– Achas que vai tirar as caixas agora? – perguntou Esti, enquanto saíamos pela porta, na rua de San Antonio.

– A seguir tem de se encarregar do funeral, e vão começar a chegar familiares. Penso que o momento para se desfazer de tudo é agora.

Passado pouco tempo, enquanto controlávamos a saída do carro pela garagem, Estíbaliz recebeu as matrículas dos dois veículos do oculista: um Audi A4 prateado e uma carrinha Mercedes Vito branca.

Duas horas mais tarde, depois de esperar em silêncio, Estíbaliz rompeu a trégua.

– Unai, vou sair. Vou sair porque é uma hora e ainda não comi nada durante toda a manhã. Vou entrar no restaurante perretxiCo e comer alguns pinchos. Queres que te traga uma sanduíche ou alguma coisa para aguentares a fome? De qualquer maneira, hoje temos muito que fazer. Se não saiu até agora, duvido muito que...

– Chiuu... – indiquei-lhe com um gesto. – Arranca.

Finalmente a carrinha branca saiu com os vidros de trás fumados e a matrícula correspondente aos dados que nos tinham dado. Estíbaliz esperou que avançasse vários metros e começou a segui-la a uma distância segura.

O veículo dirigiu-se para a saída sul de Vitoria, e o nosso carro seguiu-o durante menos de um quilómetro. Estíbaliz conduzia concentrada, e eu tinha muito em que pensar.

– Esti, eu e tu continuamos a encobrir-nos um ao outro? – perguntei-lhe à queima-roupa.

– Porque perguntas isso agora?

– Não me importo que me mintas sobre o que fizeste no fim de semana. Eu também não te conto tudo, mas... estás a contar-me tudo o que tem a ver com este caso?

– Não te estou a compreender, Kraken. É melhor dizeres de uma vez. Eu não

gosto de rodeios, e tu também não.

– Ótimo, porque isso poupa-me muita conversa de chacha. Esti, porque não me disseste que a alcunha do teu irmão é Eguzkilore?

Observei o rosto dela enquanto eu pronunciava aquelas palavras, mas era boa a fazer bluff.

– Vamos saltar a parte em que fico furiosa porque desconfias da minha família e tu explicas-me que não é simplesmente por acaso e que o meu irmão é um dos suspeitos.

– Não, não quero saltar nada, quero falar contigo e que tu me contradigas.

– Contradizer o quê, Unai? – ergueu a voz.

– Que o teu irmão tem a cabeça cheia de temas pagãos, que é o dono de uma ervanária e que é muito provável que saiba preparar uma infusão de veneno de teixo, que tem um fascínio especial por outros assassinos em série como o Sacamantecas desde que era pequeno, que passou toda a sua vida entre colmeias e sabe manipular as abelhas perfeitamente...

– Como é que vou contradizer isso? É verdade, da mesma maneira que tem antecedentes por posse de droga. Era aí que querias chegar?

– E por tráfico, Estíbaliz. Também tem antecedentes por tráfico.

– Muito bem, também tem por tráfico. Mas já está reabilitado. Isso torna-o mais suspeito do que outro comum natural de Vitoria?

– Estatisticamente, sim. Mas não é isso que o torna suspeito neste caso. Não podes ignorar tantos indícios. Para não falar do Rohypnol. Não seria fácil para ele ter acesso a essa droga, conhecer as suas consequências?

– Unai, reconheço que o Eneko é muito particular, mas a sério que achas que estás a falar com a irmã de um assassino em série?

– Olha, por enquanto não vou dizer nada à subcomissária. Mas vou falar com ele. Tu não irás, nem o vais avisar de nada, porque estarias a obstruir a investigação e afastar-te-iam do caso.

– Só se tu contares. Como é que começou esta conversa...? Ah, sim, perguntavas-me se ainda nos encobrimos um ao outro.

– Eu faço-o, Esti. Acredita que o faço. Sei que estás a passar por um mau momento por causa do Alzheimer do teu pai, imagino que o Erv... que o Eneko, apesar de não ser a minha pessoa preferida, também está a ser afetado por isso. Mas tenho de investigar, tal como tu o farias se o meu irmão Germán fosse um dos suspeitos. Quero apenas descartá-lo e esquecer-me dele, está bem?

– Não consegues ver que este homem é mil vezes mais suspeito? – disse apontando com o queixo para a carrinha branca que tínhamos a uns cem metros à nossa frente. Tinha começado a diminuir a velocidade, e Estíbaliz fez o mesmo.

– Infelizmente estamos neste ponto, Esti. Quem me dera que fosse ele e que

esta sangria acabasse. Mas só vejo um pai em negação, possivelmente uma besta na sua vida familiar, é verdade, apesar de me parecer excessivo que fosse capaz de assassinar outros três jovens para disfarçar que o seu único objetivo era matar a sua própria filha e montar uma imitação perfeita dos crimes do Tasio em tão poucas semanas.

– Penso que, de qualquer maneira, as nossas dúvidas vão acabar agora mesmo – disse Estíbaliz.

A carrinha desviou-se para a rua de Pañacerrada, aproximando-se do aterro de Gardelegi, para onde iam parar todos os resíduos dos vitorianos. Várias aves carniceiras sobrevoavam em círculos as pilhas de lixo que os camiões municipais traziam das ruas sujas da cidade.

– O que está ele a fazer? – murmurou Estíbaliz, enquanto se desviava também pelo caminho de terra batida.

– Penso que está a tentar entrar na parte mais antiga do aterro, aquela que já está em desuso.

Algumas centenas de metros à nossa frente, a carrinha parou finalmente. O nosso veículo ficou semiescondido antes da última curva que nos separava dela.

Antonio Fernández de Betoño saiu da carrinha, abriu as portas traseiras e começou a descarregar grandes caixas quadradas castanhas de papelão. Empurrou uma pequena porta de emergência ao lado da cerca com as costas, ao carregar uma caixa e, para nossa surpresa, a porta cedeu e abriu-se.

Tirei do porta-luvas os pequenos binóculos Konus que usávamos quando estávamos a vigiar alguém, e segui os seus passos dentro do recinto.

– O que vêes? – perguntou Estíbaliz, frustrada. – Não consigo ver nada daqui.

– Agora está a abrir a caixa que leva com ele e a atirar para a montanha de escombros o que está no seu interior: roupa, sapatos de salto alto...

– Está a desfazer-se das provas, Kraken. Temos de o deter já – disse, enquanto abria a porta do carro com a intenção de sair.

– Não, espera! – parei-a.

Todas as caixas tinham o logo da ótica, eram as mesmas que o empregado da loja nos tinha dito que o patrão levava do armazém naquela mesma manhã. Mas o nosso suspeito regressara à carrinha e estava a descarregar outras caixas mais pequenas. Eram diferentes, pretas, não parecia queoubessem muitos objetos pessoais lá dentro. Queria ver o que estava no seu interior.

– Unai, se não o paras tu, paro eu – ameaçou Estíbaliz. – Dou-te dois minutos.

– Não estou de acordo, inspetora. É mais inteligente esperar para ver de que é que se quer desfazer, não podemos deter um homem por isso.

– Inspetor Ayala – sussurrou furiosa –, um minuto e quarenta segundos.

Concentrei-me nas caixas mais pequenas, que o oculista manejava com pressa,

absorto.

– Não são caixas! – exclamei. – São arquivos de escritório. Voltou a entrar no recinto e está a aproximar-se de novo do monte de escombros.

– Pois então vamos...

– Espera! Meu Deus, está a atirar...

– O quê?

– Parecem recortes de jornais antigos.

Estíbaliz pôs o carro a trabalhar e acelerou até onde o oculista estacionara. Agora estávamos à vista dele. O homem sobressaltou-se quando viu o nosso carro a aparecer pelo caminho, e desatou a correr para a carrinha, mas Estíbaliz travou e saltou do carro.

– Alto, polícia! – gritou.

A minha parceira sacou da HK, a sua pistola semiautomática de 9 milímetros, e apontou-a à cabeça dele. Conhecia Esti bastante bem, e sabia que não fazia tenções de disparar naquele momento, mas ele fez bem em levantar as mãos. Nos treinos de tiro trimestrais era impossível vencê-la quando estava focada. Tinha um olhar de lince e nunca falhava o alvo.

Antonio Fernández de Betoño permaneceu imóvel, a suar e a tremer até no bigode.

– Não disparem! É apenas um delito para o meio ambiente, não me parece que mereça um tiro por causa disso.

– É melhor que esteja quieto, quanto ao resto cabe ao juiz decidir – disse Estíbaliz, sem deixar de lhe apontar a arma.

Corri para dentro do recinto, calcei uma luva e apanhei do chão os recortes dos jornais a sépia que o oculista tinha largado ao tentar fugir.

Os recortes eram do duplo crime do dólmén, do povoado de La Hoya, do Valle Salado... Tudo material relacionado com os antigos crimes, mas também recortes recentes da libertação próxima de Tasio Ortiz de Zárate.

Aproximei-me do oculista e mostrei-lhe os pedaços de jornal. Ele assentiu e baixou a cabeça, num gesto de derrota.

– Antonio Fernández de Betoño, vamos ter de requisitar todo este material, além de lhe pedir que nos acompanhe à esquadra. Está detido por suspeita de ter assassinado a sua filha e Alejandro Pérez de Arrilucea.

O Anel Verde

Estás a chegar à fronteira do mundo mágico, que é como quem diz ao cérebro do assassino, com as suas regras, #Kraken

Segunda-feira, 1 de agosto

O suspeito estava algemado e à espera na sala de interrogatórios da sede em Lakua. Estíbaliz olhava para ele fixamente através do vidro do corredor, com a testa franzida. Antonio Fernández de Betoño parecia atordoado por ter sido preso, mas mesmo assim mantinha aquela estranha serenidade que tanto irritava a minha parceira.

Observava as algemas com curiosidade, como se fosse um dos seus instrumentos cirúrgicos do século XIX, como se estivesse a tentar perceber o mecanismo para as abrir e sair dali, com a sua calma exasperante.

– Deixa-me sozinho com ele, Estíbaliz.

– Não, é meu. Tu não estás convencido de que é ele o culpado, vais ser brando.

– Estás a falar comigo, Estíbaliz. Comigo. Se este tipo for o culpado, garantote que o farei falar, mas tu não lhe vais dar nenhuma opção. Estás demasiado obcecada com a ideia de ser ele o culpado, admite.

Estíbaliz fez um gesto de impotência e olhou-me fixamente com os seus olhos castanhos. Havia dias em que chispavam, e aquele era um desses dias.

– Não tem nada a ver com o meu irmão, se é isso que estás a pensar.

Neguei com a cabeça, com a testa apoiada no vidro, sem deixar de olhar para o oculista.

– O que eu e tu achamos não vai mudar a realidade de quem o fez. E agora... deixa-me entrar sozinho na sala de interrogatórios. Contigo, vai-se fechar em copas, foste demasiado hostil com ele desde o início. Tem um perfil bastante apático, não vai ser fácil...

“Não vai ser fácil.”

A minha colega deu-me o seu consentimento com a cabeça, em silêncio, e entrei na sala.

– Estamos aqui para que me esclareça certos pormenores, por isso irei direto ao assunto – disse, ao mesmo tempo que me sentava diante dele. – Não consigo compreender a parvoíce que acabou de tentar fazer. Se queria desfazer-se de uns simples papéis, podia simplesmente tê-los queimado.

– Era essa a minha intenção – disse, olhando-me fixamente. Aquilo era estranho, os assassinos nunca olham nos olhos, a não ser que sejam do tipo que gosta de desafiar, o que não era o caso. – A primeira paragem era em Gardelegi, para deitar fora a roupa e as más recordações da minha filha. Para mim era lixo. Depois queria seguir caminho até Treviño, conheço um sítio onde se pode fazer fogueiras e churrascos. Imaginei que numa segunda-feira de manhã não haveria ninguém, mas por ser agosto não podia ter a certeza de que não houvesse grupos a acampar, e sinceramente... estava cansado de tudo e não queria que a família nem os empregados dessem pela minha falta durante demasiado tempo. Por isso tentei livrar-me de todos aqueles recortes, pois sabia que se revistassem a minha casa e os encontrassem, seria muito difícil justificar a sua presença nas mãos do pai de uma das vítimas.

– Tente lá fazê-lo.

Virou as mãos algemadas e olhou fixamente para as unhas, como se esperasse encontrar nelas alguma coisa fora do normal. Depois deu um longo suspiro. Estava a elaborar uma resposta: ou era mentira ou tinha a ver com um passado demasiado remoto para ele e precisava de fazer um esforço para se lembrar.

– Fiquei obcecado com o caso há vinte anos – rompeu finalmente o silêncio. – Um dos recém-nascidos assassinados no duplo crime do dólmén de Chabola de la Hechicera era filho de um amigo do meu grupo. O bebé desapareceu da clínica de Vitoria. Foi muito traumatizante para todos. Passado pouco tempo nasceu a minha filha. Tínhamos o mesmo seguro e o mesmo médico, nasceu na mesma clínica. Eu estava apavorado com a ideia de a raptarem e de o assassino fazer o mesmo com ela. Todos nós, que tínhamos filhos, estávamos. Lia tudo o que saía nos jornais, como toda a gente, caramba. Não sei porque guardei os recortes, imagino que me custa muito desfazer-me das coisas que coleciono.

– Terá de me dizer o nome do seu amigo, para corroborar a sua história.

– Quando quiser. Ele não gosta de falar do assunto, já sabe como nós, os homens, somos. Agora está separado, não conseguiram superar o que aconteceu.

– Digamos que acredito em si – obriguei-me a continuar –, o que agora preciso é que me dê um bom álibi de onde estive no passado dia 24 de julho. O namorado da sua filha disse que a última vez que falou com ela foi de manhã, por volta da uma.

– Estive com o grupo veterano de blusas, no local. Preparámos a comida, comemos, bebemos um pouco, jogámos à sueca e saímos para dar uma volta, deviam ser umas oito da noite.

– Pode dar-me uma lista de todas as pessoas que estiveram consigo? Vai ser fundamental para o manter na esquadra ou para deixá-lo ir para casa.

– Dê-me uma caneta, acabemos com isto o quanto antes. Amanhã é o funeral da minha filha. Ninguém deve saber que me trouxeram para cá. Já sabe como é esta cidade.

Eu observava-o, tentando entrar no seu cérebro com os poucos dados que me transmitia a sua linguagem corporal. Mas não havia qualquer vestígio de que estivesse a disfarçar, penso que nem sequer temia que o prendêssemos oficialmente; ele estava noutro mundo, com outras preocupações. Que a Polícia pudesse achar que ele era o assassino, era apenas circunstancial para ele, havia uma despreocupação desconcertante em como não o íamos considerar culpado.

Naquele momento entrou Estíbaliz, lançou-me um olhar urgente, que eu conhecia bem, desculpei-me em tom formal e saí da sala.

– O comissário está furioso. Quer ver-nos – sussurrou-me ao ouvido, como se o suspeito nos pudesse ouvir.

– Agora que estou no meio de um interrogatório? – perguntei.

– Agora!

Subimos ao terceiro andar, ao gabinete com a melhor vista. Ali esperava-nos o comissário Medina e a subcomissária, ambos muito sérios. Eu ainda não tinha compreendido o motivo da gravidade das suas expressões.

– Pode saber-se por que raio é que estão a interrogar Antonio Fernández de Betoño? – explodiu.

– É o nosso trabalho, senhor. O namorado da vítima apareceu esta manhã e transmitiu-nos as suas suspeitas de que o pai era o culpado. A inspetora Gauna e eu fomos a casa dele e comprovámos a sua versão dos factos e, dada a sua conduta suspeita, seguimo-lo até ao aterro de Gardelegi, onde se estava a desfazer de objetos pessoais da sua filha e de uma enorme quantidade de recortes de jornais sobre os duplos crimes de há vinte anos.

– E isso faz dele culpado? Pelo amor de Deus! – resmungou enquanto desapertava o botão do casaco e soltava um pouco o nó da gravata.

– Temos simplesmente de comprovar o seu álibi: ele afirma que esteve desde o meio-dia até à noite com o seu grupo veterano de blusas. Assim que me escrever os nomes...

– É claro que esteve no nosso local, inspetor Ayala! É claro que esteve! É um dos meus melhores amigos, não nos separámos desde que entrou na cozinha e pusemos o avental para preparar o robalo no forno. Façam o favor de o soltar, e

com descrição! Esse homem não merece o mau bocado por que estão a fazê-lo passar; apenas há algumas horas lhe comunicámos a morte da Enara, quero dizer, da sua filha. Quero que sejam proativos, mas que não voltem a cometer um erro de apreciação como este e que se centrem nos suspeitos que encaixam realmente no caso. E deixem de incomodar as famílias das vítimas! Não nos podemos equivocar desta maneira, estamos sob o foco da imprensa internacional e qualquer erro vai aparecer nas capas dos jornais de todo o mundo. O nosso gabinete de comunicação está a lidar como pode com o Le Monde, o Washington Post e até com o Sunday Telegraph, da Austrália. Mostrem-me avanços, inspetores, e não asneira da grossa como a de hoje. Já podemir-se embora.

Sáímos os três em silêncio. Estíbaliz olhou para mim com uma expressão derrotada.

– Vou informá-lo de que pode voltar para casa.

Assenti com o olhar.

– Inspetor Ayala, acompanhe-me ao meu gabinete – disse-me a subcomissária Salvatierra.

Segui-a pelos corredores sem dizer uma palavra. Tinha a impressão de que todos olhavam para nós de soslaio: os agentes, outros inspetores... Sentia-me como um pequeno peixe dourado num aquário. Uma estranha atração que deixava os outros fascinados.

– Feche a porta.

– Com muito gosto, subcomissária – disse, bloqueando a visão de vários colegas que ao passar olhavam disfarçadamente para dentro do gabinete.

– Não vale a pena dizer que isto não pode voltar a repetir-se. Não me podem trazer suspeitos sem um motivo de peso – repetiu as palavras do comissário enquanto se sentava. – Com mais peso – enfatizou.

Naquele dia tinha o cabelo preto solto. Favorecia-a, dava-lhe um ar mais jovem e pareceu-me muito mais atraente do que me podia permitir. Ainda assim, distraí-me durante alguns segundos com aquele pormenor.

– Concordo plenamente – assenti, e obriguei-me a focar-me de novo.

– Está a dar-me razão só para me agradar? – perguntou, talvez um pouco surpreendida pelo meu tom manso.

– De modo algum. É que em nenhum momento acreditei que estes crimes foram circunstanciais, por isso não batia certo que o oculista fosse o assassino. Insisto, uma vez mais, que a chave para tudo isto está nos gémeos. Temos de nos deixar de distrações e começar a investigá-los a eles.

– Era precisamente sobre isso que queria falar consigo. Liguei pessoalmente à diretora da prisão, e ela insistiu em que o preso não tem privilégios nem acesso à internet, tal como os outros reclusos. Perante o meu argumento de que está em

contacto com alguém do exterior que escreve os tweets em seu nome, disse-me que só com uma ordem do juiz podia limitar as visitas que o preso recebe. Não é legal fazê-lo sem essa ordem e vai contra os direitos que tem na prisão.

– Com que impressão ficou?

– Foi muito cordial, mas penso que, por algum motivo, o está a proteger. Seja como for, a verdade é que não podemos fazer nada por essa via. Por isso estamos a tentar de diferentes maneiras. Há dias que pedimos o encerramento da conta de @scripttipsfromjail através do Departamento Central de Delitos em Tecnologias da Informação da Polícia. O serviço de atenção ao cliente do Twitter respondeu favoravelmente, dando instruções a respeito da documentação judicial que é necessário apresentar nestes casos, mas informou-nos de que o processo pode demorar semanas.

– Está a perder o seu tempo. Mesmo que consiga encerrar a conta, isso não vai servir para nada.

– Porque diz isso, inspetor?

Meu Deus, como me excitava ouvi-la chamar-me “inspetor”.

– Porque o Tasio, ou melhor, o seu cúmplice, está a usar o hashtag #Kraken e a ideia está a fazer furor nas redes sociais. Toda a gente que quer comentar alguma coisa relacionada com os duplos crimes está a usá-la. Isso não se pode parar. Não se pode pedir ao Twitter que anule todos os tweets que tenham esse hashtag. Se fechassem a sua famosa conta, o Tasio voltaria a comunicar com os seus seguidores, abrindo outra conta e usando esse mesmo hashtag. Conseguiria convencê-los com poucos tweets de que continua a ser ele. Podíamos fechar uma segunda conta, e uma terceira, mas como disse e muito bem, o processo demora semanas. E nunca terminará. Como diria o meu avô, não se podem pôr diques no mar ou portas no campo. Acredite, se há alguém que não acha graça nenhuma a que o nome Kraken esteja em todos os ecrãs dos telemóveis de Vitoria e nacionais sou eu, mas compreendi rapidamente a sua jogada. No campo das redes sociais não podemos ganhar. O que se sabe sobre o IP de onde ele me enviou o email?

– Más notícias, também. Os informáticos ainda estão a investigar, mas dizem que é impossível de rastrear.

“Impossível de rastrear, está bem. Se não houver outro remédio, vou ter de lhe pedir ajuda.”

– O Tasio tem um bom hacker à sua disposição, se compreendo bem.

– Sim, compreende bem. Na verdade, compreende muito bem mesmo – disse, olhando para mim fixamente com aqueles olhos escuros. Queria dizer-me mais alguma coisa? Estava Alba ao comando, ou Blanca lutava por aparecer naquele gabinete com a porta fechada?

Obriguei-me a olhar para a sua aliança de casada, não ficava bem na sua mão. Pelo menos não aquela aliança.

– Tem de me dar autorização para voltar a falar com Tasio Ortiz de Zárate. Há muitas chaves de todo este caso que ele parece estar disposto a partilhar. Não deveríamos abandonar essa linha de investigação.

– Sabe que tenho medo de que ele o manipule.

– Isso não vai acontecer, e mesmo que aconteça, farei um relatório pormenorizado de tudo o que falarmos em cada uma das minhas visitas. A inspetora Ruiz de Gauna conhece-me bem, quero que ambas me monitorizem. Se alguma coisa no meu comportamento vos fizer pensar que o preso me está a levar para o lado dele, ou que começo a padecer de sintomas da síndrome de Estocolmo, simplesmente dê ordem para que pare de me comunicar com ele. Prometo acatá-la.

Nunca me tinha exposto daquela maneira a um superior. Por alguma razão, acreditava que as suas costas eram largas o suficiente e que poderiam aguentar com o seu peso e com o meu.

Alba ficou séria, estalou os dedos, enquanto tomava uma decisão.

– De acordo. Contacte a penitenciária e peça uma visita para hoje mesmo. A ver se me traz alguma coisa que nos faça avançar na investigação.

– Tenho a impressão de que ainda hoje lhe poderei trazer alguma coisa – disse, olhando-a de soslaio. – E agora, vai-me desculpar, mas combinei encontrar-me com uma das pessoas que fazia parte do grupo de amigos dos gémeos há vinte anos. Foi o próprio Ignacio quem me deu os nomes, por isso não espero surpresas. Mas quero formar uma ideia mais precisa de como eram antes. Como são agora... – suspirei – penso que tenho uma boa ideia.

– E como são agora, Ayala? Partilhe comigo.

– Agora são dois homens fortes, contrariados com o destino que lhes calhou viver desde há duas décadas, que à sua maneira sobreviveram ao tsunami, muito inteligentes e hábeis. Lembra-se da frase de Relações Proibidas, aquele filme com Jeremy Irons?

– “As pessoas feridas são perigosas, porque sabem que podem sobreviver” – dissemos ao mesmo tempo.

– Bem, não pensei que... – murmurei, coçando a nuca.

– Que a conhecesse? Nunca teve uma subcomissária cinéfila?

– Nunca tive esse prazer, tenho de reconhecer. – Levantei-me para me obrigar a quebrar o feitiço. – Tenho de ir.

Fazia calor, demasiado calor.

– Claro que sim. Boa-tarde, inspetor.

Meia hora depois esperava-me, para minha surpresa, uma mulher no fim da gravidez com um carrinho de bebê ocupado por um menino de um ano. Era um dos últimos nomes que Ignacio tinha posto na sua lista, e interessava-me conhecer um ponto de vista feminino sobre o universo dos gémeos.

Investigara-a um pouco. Pelos vistos, era filha do antigo chefe do Departamento de Dermatologia do Hospital de Santiago, e atualmente ela era uma das que lutava pelo cargo.

Aitana insistira ao telefone para que nos encontrássemos nalgum ponto do anel verde de Vitoria, uma espécie de corredor de parques que rodeia a cidade e onde toda a gente aproveitava para passear, andar de bicicleta ou correr.

Tínhamos escolhido Zabalgana, a oeste, uma ilha-bosque com lagoas, atravessada por caminhos e muito discreta.

Aitana tinha cerca de quarenta anos e era uma mulher um pouco obesa, para além das suas formas arredondadas, naturais numa gravidez; o seu cabelo estava esticado e era louro artificial, o rosto bronzeado do solário e continuava a fumar, com o cigarro preso entre os dedos muito tensos que apontavam para o céu sem nuvens, fazendo um v de vitória.

Apresentei-me brevemente e começámos a caminhar, por entre carvalhos e zimbros, enquanto ela tentava, nervosa, acalmar a criança que levava no carrinho.

– Chama-se Markel, e são os meus pais que o estão a criar. A verdade é que eu passo muitas horas no hospital e mal o vejo. E não gosto de crianças – disse, em modo de desculpa, enquanto afastava uma nuvem de fumo do cigarro de cima da criança.

– Estou a ver – comentei.

Reconheço que conhecer aquela testemunha – uma médica grávida com aquele desapego e fumadora – desconcertou-me um pouco: apesar de se notar à distância a sua classe e educação, havia alguma coisa nela que não batia certo, era como se estivesse muito danificada por dentro.

– O Ignacio avisou o grupo de que um investigador nos ligaria. Se lhe parecer bem, faça-me as perguntas que tinha preparado e eu respondo-lhe. Acho que ele tem fome. Se continuar a chorar desta maneira, tenho que o levar à minha mãe para lhe dar de comer.

– Compreendo. – Suspirei, cerrando os dentes. – Pertencia ao grupo do Ignacio ou ao do Tasio?

– Mais ao do Ignacio. Fui namorada dele durante alguns meses, quando tínhamos dezoito anos. Tínhamos amigos em comum, mas sempre fui mais próxima do Ignacio.

– Como eram?

– O Ignacio era um cavalheiro. O Tasio fazia o que queria, era muito de excessos, sobretudo anos depois, quando começou a tornar-se famoso por causa dos programas de televisão. O Tasio era bastante promíscuo, tinha todas as mulheres de Vitoria a seus pés, e quando íamos aos bares da Cuesta podia voltar a casa cada noite com quem quisesse, e era precisamente isso que ele fazia. E depois... depois havia os mitos urbanos relacionados com os gémeos.

– Mitos urbanos? – perguntei. Felizmente parecia que Aitana tinha muita vontade de falar sobre o assunto, como se tivesse estado amordaçado durante anos.

Caminhávamos calmamente pelo parque, procurando uma sombra entre as árvores e a vegetação fresca que rodeava uma pequena lagoa, onde as libelinhas se perseguiam em pleno ritual de acasalamento.

– Sim, mitos urbanos eróticos. Dizia-se que gostavam de gémeas, que todas as que havia num raio de cem quilómetros tinham passado pela cama do Tasio. Trios, ménage com o Tasio e o Ignacio... A verdade é que desde crianças sempre brincaram a enganar as pessoas com a sua aparência física. Fingiam ser o outro nas aulas, pelo menos era o que me contava o Ignacio. Os professores do colégio Corazonista cansaram-se das suas brincadeiras e puseram-nos em turmas diferentes. Eles reagiram bastante mal, só piorou as coisas, eles consideravam-se siameses. O Ignacio dizia-me que quando isso aconteceu, aos dez anos, não lhe entrava na cabeça que pudesse passar várias horas separado do irmão, que achava que não era fisicamente possível, que ficou confuso e doente durante semanas, a vomitar e com febre, e que o médico não sabia que diagnóstico dar aos seus pais.

"Depois, mais uma vez, o Tasio teve uma ideia para tirar partido da situação. Estudavam apenas metade das disciplinas. Nos dias dos testes alternavam entre eles, e cada um fazia o teste duas vezes. Tinham milhares de truques: pediam autorização para ir à casa de banho à hora combinada, e ali trocavam de bibe com o nome bordado de cada um e entravam na sala de aula do gémeo, faziam o teste e voltavam a trocar de roupa. Gostavam de levar este jogo até ao limite, no nosso grupo estávamos habituados às brincadeiras deles. As pessoas aborreciam-se por estarem sempre a ser enganadas, mas eram eles, ninguém os parava, eram intocáveis. O pai deles era um dos empresários mais ricos de Vitoria, e em casa diziam-nos sempre para nos darmos bem com eles, que não perdêssemos aquela amizade, para os convidarmos para os aniversários. Os meus pais ficaram muito orgulhosos quando comecei a namorar com o Ignacio. Socialmente era o máximo a que se podia aspirar nesta cidade.

– Que lembrança guardou deles?

– Do Tasio, a que toda a gente tem. Que era uma besta egocêntrica, além disso estava louco e gostava de matar crianças. Do Ignacio, que foi duríssimo para ele ter de entregar o seu gémeo. Foram tempos muito difíceis para ele. No nosso grupo, tentámos apoiá-lo o mais que pudemos, mas o assunto era tabu, como é hábito nesta cidade. Pode falar-se de tudo, menos do que é importante. Do importante nunca. As mães educam-nos dizendo: “Pela paz, uma avé-maria.” O que basicamente quer dizer que olhemos para o outro lado e que nos calemos como cobardes. É isso que fazemos. Voltando ao Ignacio, depois houve aquilo da televisão. Ficámos todos surpreendidos. Ele era mais para o tímido, um falso extrovertido, que se esforçava socialmente para estar ao nível que o seu irmão lhe exigia. Mas o Ignacio transformou-se no novo herói, toda a gente o parava na rua com respeito. Tomou um pouco a personalidade do Tasio, mas mais comedido. Sempre foi um cavalheiro, já o disse antes. Não é que sejamos amigos íntimos, depois de a nossa história ter acabado, mas continuámos a fazer parte do mesmo grupo durante mais de vinte anos, de modo que nos vemos semanalmente, nos jantares e assim.

– Muito bem – disse, quando chegámos ao fim do caminho que ia dar à cidade. – Queria apenas ter uma ideia de como era o ambiente e o grupo de amigos dos gémeos. Agradeço a sua colaboração. Deixo-lhe o meu cartão, sintase livre para me ligar, caso se lembre de mais alguma coisa... e boa sorte com o parto.

Depois de comer umas sanduíches de presunto no bar de Luis Mari com a minha cunhada Martina, e de desanuviar um pouco a cabeça do caso com as suas histórias mirabolantes de separações, peguei no carro em direção à prisão de Zaballa.

Tasio esperava-me do outro lado do espelho, na sala três. Um guarda prisional com o olhar fixo nalgum ponto em frente que eu não via manteve-se desta vez a escoltar a porta.

– Finalmente – disse a voz rouca, arrastando as palavras sob o seu bigode. – Já fez os trabalhos de casa?

– Fizemos as pazes desde a última vez que nos vimos? – sondei.

– Estamos condenados a entender-nos, Kraken. Voltaste a esta mesma sala, logo precisas de alguma coisa de mim. E eu, escusado será dizer, preciso que resolvas o caso, daí que me empenhe diariamente em guiar-te na direção certa – disse, num tom conciliador que ainda não lhe tinha ouvido.

– Referes-te aos tweets que me envias e que o país inteiro lê, bem como muitas pessoas no estrangeiro?

- Isso – assentiu.
- O que entendes exatamente por conduzir uma investigação de forma discreta? Não te ensinaram isso no teu curso de criminologia à distância?
- Estás aborrecido – disse, com um meio sorriso.
- Posso deixar de estar, e a ti convém-te, como disseste e muito bem, que avance na direção certa.
- O que precisas de mim? – perguntou, olhando para as unhas amarelas de nicotina.
- Tens acólitos, admiradores que te escrevem há vinte anos.
- Foi isso que te disseram? – sorriu, soprando o fumo na diagonal, para o chão. Gostava de ser bajulado, que reconhecessem o seu estatuto de estrela.
- Fala-me de todos eles.
- Não temos tanto tempo – respondeu, já a encarnar o seu papel de divo. Aquilo, simplesmente, cansou-me.
- Tasio, ofereceste-me a tua colaboração, estou a dar-te espaço para teres o teu minuto de fama nas redes sociais. Dir-te-ei porque quero que me fales dos teus admiradores: há pontos em comum, elementos que coincidem entre os crimes de que foste acusado e os presentes. Isso significa que é o mesmo autor, ou que teve contacto com a investigação de há vinte anos, ou que partilhaste pormenores do julgamento com alguém e que essa pessoa está a imitar o primeiro assassino para voltar a incriminar-te. Acorda, Tasio, porque isto está a acontecer de novo, e é real. Se não encontrarmos outros suspeitos, a opinião pública e os meus superiores continuarão a ter-te na mira deles. Tens muito a perder. Isto não é um jogo de poder entre tu e eu. Eu estou fora, tu estás dentro. És suficientemente inteligente para parar de fazer bluff comigo.
- Olhámos um para o outro fixamente durante alguns segundos. O tempo suficiente para ele quebrar o silêncio.
- De acordo – acabou por dizer, esmagando meio cigarro num dos cinzeiros. – O que queres exatamente?
- Dá-me todas as cartas que guardaste das pessoas que se puseram em contacto contigo desde que entraste na prisão. Seria um bom ponto de partida para que eu continuasse a vir visitar-te e comesse a confiar em ti. É-me indiferente quantos tweets escreves por dia, posso ignorá-los, não tens um poder real, posso deixar que sejas uma voz a gritar no deserto. Compreendes isso, não compreendes?
- Sabes bem que sim. Terás essas cartas, acho-as desprezíveis. Dar-tas-ei todas.
- Achas que posso encontrar alguma coisa no meio de tanto lixo?
- A maioria é de loucos, pessoas que se excitam com crimes, borderlines

sociais. Não me queria encontrar com eles na rua nem que me pagassem. Mas estás a fazer o teu trabalho, eu também o faria.

– De acordo.

– Kraken... – disse, depois de um silêncio, com um gesto inquieto. – Isto vai piorar.

– O que queres dizer com isso?

– Quanto mais tempo demorares a caçá-lo, mais difícil vai ser de antecipar o cenário. Já estamos na Idade Média tardia: sobram, no meu entender, vários candidatos dentro da Amêndoa Medieval. Mas vai tudo piorar quando chegar ao século XIX: quanto mais se aproximar do presente, mais vestígios há em Vitoria dessas épocas, mais cenários por escolher, e chegará um momento em que não poderão antecipar nada.

– Isso preocupa-te, Tasio?

– Quero sair, maldito seja! – ergueu a voz. – Quero sair e ele vai arranjar maneira de me culpar outra vez. Estás cego? Esta semana começam as festas de Vitoria, desta vez está a manchar os nossos rituais, todos os nossos costumes, ou será que não te apercebes? As festas vão ser a porra de uma sangria.

“Não, Tasio, espero simplesmente que não tenhas razão.”

– Diz-me uma coisa – interrompi-o. – E, por favor, acalma-te. Sereno metes mais medo.

Olhou para mim como se me fosse arrancar as tripas à dentada, um olhar assustador, daqueles que provocam pesadelos recorrentes.

– O que for – acabou por dizer.

Ganhei coragem. Tinha nadado de boia em boia, mas estava diante do tema tabu. O dobro ou nada.

“Em frente, Kraken.”

– E se foi o teu irmão? E se foi ele quem te montou uma armadilha? Diz-me que não pensaste nisso ao longo destes vinte anos. Tornaste-te criminologista, ficaste obcecado com o caso, passaste duas décadas numa cela a analisar as razões, as motivações, os suspeitos, os perfis. Porque é que não me estás a tentar convencer do mais evidente? Não seria normal que lhe tentasses fazer o mesmo que ele te fez a ti? Não seria normal que me dissesse: “Foi ele, tem inveja de mim. Era polícia, colocou as provas, conhecia os relatórios, manipulou tudo”? O Ignacio podia fazê-lo, ele tinha tudo ao seu alcance. Tudo para que parecesse teres sido tu. Diz-me que não o ameaçaste, diz-me que não juraste vingar-te dele assim que saíesses da prisão. Diz-me que o Ignacio não tem razões para ter medo com a tua saída, quando se encontrarem cara a cara, sem câmaras, sem grades.

Parei para respirar e observei a sua reação. Tasio era uma estátua de pedra.

Continuei a apertar com ele, teria um ataque ali mesmo ou era demasiado cedo

para Tasio se partir aos pedaços?

– Diz-me que não pensaste que podia ser ele outra vez, a tentar incriminar-te precisamente agora para que não saias. Que encontrará uma maneira de fazer com que pareça que és o mandante. Estás a ajudá-lo com os ataques informáticos e a tua conta de Twitter, passas o sinal de que és o diabo omnipresente e ubíquo que manipula as pessoas para que façam coisas por ti. Diz-me, Tasio: se for verdade que há vinte anos alguém te montou uma armadilha, quanto tempo é que achas que vai demorar até manipular de novo a opinião pública para fazer com que pareças de novo culpado? A sério que não pensaste, nem por um momento, que pode ter sido o teu próprio irmão a quem, na verdade, a vida corre muito bem em Vitoria sem ti?

Ficou em silêncio, recusou-se a olhar para mim. Fumou um cigarro com uma lentidão exasperante. Estava prestes a levantar-me da cadeira preta de plástico quando falou de novo.

– Tens irmãos, Kraken?

– Não disfarces, sabes a minha alcunha de adolescente. Também sabes se tenho irmãos.

“Deixa o Germán fora disto, Tasio. Ainda não me viste em modo kamikaze.”

– Mas não são gémeos idênticos.

– Não, não somos.

– Então não podes perceber o que eu e o meu gémeo temos. Não tem nada a ver com o sentimento fraternal que vos pode unir, a ti e ao Germán.

– Disseste o nome dele. – Reprimi a raiva que me subia pelo peito. Não gostava que ameaçassem veladamente os meus: o avô, Germán e Estíbaliz eram intocáveis.

Sagrados.

Inegociáveis.

Estavam fora do alcance. Aquele jogo não os incluía a eles.

– Eu sabia que me ias apontar isso. É a minha maneira de te mostrar que estou mais à frente. Deixa-me continuar.

– Ilumina-me.

– O que procuro deixar claro, e isto é muito importante que percebas, é que não vamos falar do meu gémeo, nem do que eu e ele temos pendente quando sair da prisão. É demasiado íntimo, e vamos resolver os nossos problemas em privado. Somos os únicos habitantes de um planeta que não tens o direito de visitar, nem tu nem ninguém. Quero que isso fique bem claro porque não vamos voltar a falar deste assunto. Se quiseres investigá-lo, fá-lo à vontade. Cumpre o teu dever, nem eu esperava outra coisa. Mas eu não te vou dar um único motivo para o investigares.

“Ou talvez sejas tão retorcido que tudo o que fizeste até agora foi precisamente para chegarmos a este ponto: para que eu pense que partiu de mim investigá-lo, que eu o veja como culpado, e não tu, porque uma vendetta da tua parte era demasiado óbvio.”

– De acordo, Tasio. Percebi perfeitamente. Agora quero que voltes para a tua cela e reúnas toda a correspondência que recebeste. Seria útil se me adiantasses trabalho e me desses a tua própria lista de suspeitos. Dá prioridade aos mais prováveis, mas não te esqueças de nenhum. E que o teu contacto no Twitter te passe também uma lista das contas que mais interagem, dos comentadores mais veementes... tudo aquilo que diga ao teu instinto que por detrás há um sujeito gravemente tarado.

Na verdade, a conta de Tasio era um incrível isco, apesar do incómodo que estava a ser a minha perda de anonimato por causa do famoso hashtag. Por isso não tinha apressado a subcomissária a fechar a conta. Se o assassino era um indivíduo convencido, estaria a ver tudo aquilo que se publicasse sobre os crimes e a investigação.

– Dominas isto. Vou acelerar a petição para que me dês as cartas dos teus admiradores, por isso despacha-te. Estamos às portas de uma grande desgraça, consegues senti-la tanto como eu.

– É um prazer que fales a minha língua. – Sorriu finalmente.

– Vemo-nos em breve, Tasio – despedi-me ao mesmo tempo que me levantava. – Desta vez és tu quem tem trabalhos de casa para me entregar.

Devia ter-me ido embora da prisão, mas ainda não tinha acabado. Ainda me faltava recolher alguma informação, e sabia que os canais oficiais não me iam ajudar. Por isso, aproximei-me do funcionário da entrada com um ar propositadamente despreocupado.

– Já me ia embora, mas antes queria cumprimentar o Jose Mari. Sabe se o encontro na cafetaria a estas horas?

– Vá lá ver.

Dizer “Jose Mari” em Álava era nomear dez por cento da população com mais de quarenta e cinco anos. Não havia maneira de nos enganarmos.

Aproximei-me do edifício que o funcionário me tinha indicado e entrei na sala onde o pessoal se reunia para beber café ou comer qualquer coisa. Não havia muita gente àquela hora, às cinco da tarde. Do balcão do bar, distraído, observei os pequenos grupos e decidi-me por um funcionário que estava sozinho, magro que nem um espeto, que acabava de beber uma lata de refrigerante enquanto olhava absorto para o ecrã alto da televisão sem som.

Os funcionários da prisão não são boas fontes de informação. Não costumavam contar-nos nada. A pior coisa numa prisão, independentemente de que lado das grades se estivesse, era ser um chibo. Não era bem visto. Por isso sabia que precisava de encontrar um ângulo mais criativo.

Esperei que se aproximasse do balcão para pagar e nesse momento intercetei-o.

– Sabes se há alguma máquina de café por aqui? – perguntei. – O empregado não me liga nenhuma.

Ele levantou cabeça, distraído com o telemóvel.

– És novo aqui? Nunca te tinha visto antes.

Em dois segundos registei vários pormenores: não usava aliança de casado, foto no telemóvel de uma rapariga gira, podia ser sua filha ou sobrinha pela idade, mas não era. E pela pose, muito menos.

– Não trabalho aqui, pelo menos ainda. – Sorri. – Vim fazer uma permuta, vamos ver se tenho sorte. Trabalho no Centro Penitenciário de Basauri, mas agora gostava de ser transferido para cá. Tenho uma namorada em Vitoria, estamos juntos há pouco tempo... bem, sabes como é.

– Claro que sim. Claro que te compreendo. Pode ser que tenhas sorte e acabemos por ser colegas. Há uma máquina à saída. Vem, eu mostro-te onde é.

Sáímos do edifício. Felizmente não havia funcionários à nossa volta.

– Olha... e como é o trabalho aqui? – perguntei, interessado, enquanto metia uma moeda.

– É preciso adaptarmo-nos às mudanças. É uma prisão muito grande, tem as suas particularidades – disse, sem se comprometer.

– Todas têm, acredita em mim. Passei por Ávila e por Logroño. Olha, e como é ter um famoso aqui atrás das grades?

– Estás a falar do Tasio? – Olhou para ambos os lados.

– Sim, a imprensa não vos chateia?

– A imprensa, por enquanto, é controlável. Mas aqui dentro ele é como um deus. Está mais do que protegido, é uma lenda. Há quem diga que é boa pessoa, apesar de ser duro, e de vez em quando faz uma ostentação de poder. Os outros reclusos respeitam-no, mas alguns temem-no. Basta olhar para ele, com aquele olhar irado, parece um lunático, daqueles que te vão cortar aos pedaços e pôr na salada. É como Charles Manson: há mulheres que lhe escrevem e lhe pedem para se encontrar com ele. Ele deixa que o adorem, mas não costuma repetir. É muito ativo no que diz respeito às mulheres, na verdade, é um dos presos mais ativos.

– O que tem é fama.

– Também. – Encolheu os ombros.

– E essas coisas que escreve no Twitter? – continuei, dando voltas ao copo de

café, que queimava como tudo. – Eu não acredito, de certeza que é uma conta falsa.

Olhou para ambos os lados para se assegurar de que ninguém o ouvia.

– Tenho uma teoria. Isso foi aquele puto giro, aquele génio precoce.

– Que génio precoce?

– Tu sabes, homem, ele apareceu em todos os jornais por causa de uma fraude na internet com cartões de crédito. O miúdo hacker, não te lembras?

– Sim, agora que falas nisso, acho que sim. Como é que essa história acabou?

– Tentei lembrar-me, mas os crimes informáticos não eram a minha praia, apesar de me lembrar de ter lido uma breve notícia sobre isso há meses.

– O miúdo começou a sua brilhante carreira de delitos com a tenra idade de dezasseis anos, arruinando qualquer pessoa que deixasse os dados do seu cartão num site falso de t-shirts de futebol assinadas por jogadores da Primeira Divisão. Depois de uma série de queixas, conseguiram apanhá-lo, mas era um hacker escorregadio e deve ter-lhes custado bastante. Mas nessa altura já era maior de idade e trouxeram-no para cá. Tinhas de o ver. Parecia ter doze ou treze anos, um daqueles miúdos que ainda não se desenvolveu, sem pelos na cara ou nos tomates. Moreno, de olhos azuis, um querubim, parecia um modelo de capa de revista. Acho que se tivesse começado a cantar qualquer parvoíce no YouTube teria ficado famoso, com aquela cara de anjo. Mas escolheu o lado negro.

– E estás a contar-me isso porque...

– Sim, estou quase a lá chegar: a diretora da prisão nomeou o Tasio como preso de confiança, e bem. Aqui a carne fresca está muito cotizada e o miúdo ia ser comido vivo, se é que me entendes. O Tasio tomou-o sob a sua alçada e ninguém lhe tocou durante os seis meses em que aqui esteve. A história do Twitter começou logo a seguir, por isso acho que está relacionado, que se mantêm em contacto e que encontraram uma maneira de comunicar.

– Como é que disseste que se chamava o miúdo?

– Não me recordo, era um nome vulgar. Mas lembro-me de que o seu nickname como hacker era MatuSalem. Sim, era isso: MatuSalem, por causa de Maturana. Já me lembro. O seu apelido era Maturana, como a povoação perto do pântano, e gostava que lhe chamassem MatuSalem, com “eme”, por causa daquela história das bruxas. Era um miúdo um pouco esquisito, um pouco sinistro. Com um ar gótico ou algo assim.

Assim que cheguei ao parque de estacionamento da prisão, liguei a uma velha amiga.

Às vezes não tinha outro remédio senão recorrer a certos colaboradores... à

margem dos canais oficiais.

A minha colaboradora tinha sessenta e seis anos, cabelo branco pintado de violeta e um dom para piratear que lhe tinha servido para entregar uns papéis falsos de um casamento que nunca existiu com o seu defunto companheiro depois de quarenta anos de convivência. A Câmara Municipal tinha-lhe negado a pensão de viuvez e tivera problemas para continuar a viver na casa que haviam partilhado a vida toda.

Descobri as suas falsificações numa operação para encontrar um agressor fugitivo que se hospedou num dos quartos que ela arrendava.

Pu-la a par da situação e, graças a ela e à coragem que demonstrou, consegui capturar o homem que tinha feito aumentar no ano anterior o número de assassinios de violência de género na cidade.

O seu nome de guerra era Golden Girl, ou Rapariga de Ouro, Urrezko Neska em basco... Nos fóruns de black hack era uma lenda, muitos duidavam de que existisse de verdade. Tinha trabalhado até se reformar numa empresa de segurança subcontratada pela Cysco Systems, e o pior erro que se podia cometer com ela era subestimar os seus conhecimentos informáticos por causa da sua idade ou da sua aparência de velha meio destrambelhada.

– Preciso que me rastreies uma entrada no meu email e uma conta de Twitter.

– Assim é que eu gosto. Direto ao assunto, como se não houvesse amanhã – respondeu Golden Girl, com a sua voz de idosa venerável.

– Talvez não haja. Já ouviste falar do MatuSalem?

– Gostas de me complicar a vida, não é? Esse miúdo é o melhor dos melhores, vai ser difícil. O que é que tens?

Dei-lhe os dados que me pediu. Golden Girl tinha aquele olfato que vinha com a idade para conseguir distinguir à distância quando o assunto era tão urgente como importante.

– E outro favor: vou investigar no meu portátil, e tenho a certeza de que o MatuSalem encontrou uma maneira de lá entrar ou que fez uma cópia de tudo. Gostava que não visse o que faço. Põe-me uma proteção esta noite. Consegues fazê-lo?

– A dúvida ofende-me. O assunto é assim tão sério? – perguntou.

– O suficiente. A terceira idade vai deslumbrar-me de novo?

– Sabes que tens esta rapariga de ouro aos teus pés, Kraken. Ligo-te assim que encontrar esse franganote.

A Clínica Vitoria

Vitoria, junho de 1970

O doutor Urbina estava a ver o prontuário no seu gabinete quando Felisa, a sua enfermeira, bateu à porta. Olhou para o relógio, espantado. Já tinha terminado a última consulta do dia, e estava prestes a ir-se embora.

– Doutor, tem aqui uma paciente que o deseja ver – disse a mulher com a sua voz vigorosa. – Deixo-a entrar ou marco-a para outro dia?

– De quem se trata, Felisa?

Felisa tinha o olho direito descaído, sem parte do osso que segurava a órbita, fruto de uma operação desastrosa à sinusite, segunda ela própria tinha contado. Usava sempre o cabelo preto com alguns fios grisalhos preso num penteado complexo à base de pequenos caracóis. Era um pouco entrada em carnes, como quase todas as mulheres que passaram por vários partos e uma menopausa.

– É a senhora de Ortiz de Zárate, dona Blanca.

As folhas do pesado manual passaram sozinhas pelas suas mãos e a capa vermelha de couro do livro fechou-se sem que ele desse por isso.

Pigarreou, aclarando a garganta, e voltou a abrir o tomo.

– Diga-lhe que entre, hoje planeava ficar até mais tarde.

A enfermeira olhou para ele com a sabedoria discreta fruto de quase um quarto de século a trabalhar em hospitais.

– Não se importa que me vá embora, pois não?

– Pode ir, Felisa. Eu encarrego-me de fechar tudo – apressou-se ele a responder.

A enfermeira saiu e Blanca entrou, por fim, no seu gabinete.

Estava muito diferente. Talvez por já ser verão e usar um vestido leve com um estampado psicadélico de cores vivas, talvez porque a sua expressão, por uma vez, não era de dor ou contenção. Pela primeira vez em muito tempo, desde que começou a ser sua paciente, via Blanca com uma expressão que quase parecia

ser de alegria.

– Blanca! Não sabe quanto me alegro de a ver. Está melhor? Já sabe a que me refiro. – Com ela tinha aprendido o que nunca fizera com ninguém até então: a ser direto, a olhar nos olhos, a aproveitar os poucos encontros que o destino lhe oferecia.

– Venho agradecer-lhe tudo o que fez por mim. Nestes meses está a ser tudo muito mais... suportável.

Baixou a voz por instinto, embora ninguém os pudesse ouvir pois o gabinete estava com a porta fechada.

– Usou o que lhe dei?

– Assim fiz e, tal como me avisou, talvez o seu gesto me esteja a salvar a vida. Já não preciso do comprimido branco nem da pomada, mas os comprimidos vermelhos estão a acabar. Mantêm-no sedado à noite. Assim que chega, deita-se. Ele atribui o cansaço à carga de trabalho com a empresa, não suspeita de nada.

O médico abriu uma pequena gaveta que mantinha fechada à chave.

– Já tinha pensado em tentar encontrá-la, por acaso. Poupou-me vários passeios – disse ele a rir-se.

– Podes tratar-me por tu, Álvaro, pelo menos na intimidade. Penso que és a pessoa que melhor me conhece neste momento.

Ele gostou muito daquele “na intimidade”, talvez demasiado. E ainda mais que Blanca soubesse e se lembrasse do seu nome.

Álvaro passou os dedos pelas sobrancelhas ruivas, procurando afastar esses pensamentos e não olhar para ela; um gesto que Blanca pareceu adorar, porque sorriu abertamente, sem medo, como uma criança.

– Aqui tem outro frasco, deve dar-lhe para dois meses. – E passou-lho.

Blanca roçou-lhe deliberadamente na mão ao pegar no frasco, e ambos ficaram parados, cada um de um lado da secretária do médico, sem saber muito bem o que fazer a seguir, mas sem quererem separar-se e acabar com aquele toque que lhes trouxera a ambos gemidos solitários à noite.

– Não quero que penses que vim apenas buscar os comprimidos, Álvaro. Também vim porque te queria ver – atreveu-se a dizer.

Estava cansada de pagar pelo que não tinha feito, cansada de interpretar o papel que todos os que a conheciam queriam que representasse, sem lhes importar que Javier a destruísse durante uma das suas cargas de pancada.

Cansada de obedecer a homens duros, sérios e fortes. Cansada de estar triste, apavorada. Houve um tempo em que ela era uma menina alegre, para onde é que isso teria ido? Estava cansada de ser apenas um apelido e um saco de boxe, um recipiente de sémen. Aquele ia ser o seu primeiro ato de rebeldia, e queria que fosse com Álvaro Urbina.

“Por uma vez”, disse para si mesma. “Por uma vez não quero pensar no que os outros dirão; será que não o mereço, à custa de muitas lágrimas e sangue?”

Álvaro olhou-a nos olhos, com uma expressão interrogativa, mas neles não viu outra coisa além de uma mulher que tinha tomado uma decisão.

De modo que se levantou em silêncio, dirigiu-se lentamente para a porta e trancou-a. Depois virou-se e pendurou a bata no cabide.

Blanca sentou-se na maca e começou a desapertar os botões da parte da frente do vestido. Ficou nua, apenas com os saltos altos de madeira que a deixavam da altura de Álvaro, que lhe pegou na mão e começou a beijá-la sem pressa, desde a falange ao dedo indicador.

Continuou depois pelo tendão do mesmo dedo e subiu pelo braço, seguindo o rasto da veia cefálica. Girou com a língua para explorar a curva do cotovelo e depois, muito depois, chegou por fim ao deltoide. Perdeu-se na linha desenhada pela sua clavícula e, quando percorreu o trapézio, a sua ereção era quase dolorosa.

Foi nessa altura que Blanca percebeu a diferença entre estar preparada para um homem ou não, porque quando Álvaro a penetrou, suave e quente como ele era, tudo o que desejou foi ficar naquele gabinete assético e nunca mais voltar para a sua vida de casada.

San Vincentejo

Ele aponta a direção e tu segues. Sempre atrás, sempre atrás, #Kraken

Segunda-feira, 1 de agosto

Já anoitecera, mas o meu dia ainda não tinha acabado. Troquei de carro e conduzi o meu Outlander até Villaverde, pelas estradas escuras que percorrera milhares de vezes desde criança. Atravessei o porto de Vitoria em direção a sul e entrei no condado de Treviño e das suas aldeias praticamente desabitadas com pequenas igrejas românicas que resistiam ao passar dos séculos cercadas por campos de trigo já colhido. A silhueta escura da minha serra apareceu por altura de San Vincentejo. Acelerei, talvez o avô ainda estivesse acordado. Passei por baixo dos arcos formados pelas árvores das curvas de Bajauri, aquele cenário de troncos altos que desciam pela encosta cheia de folhas e que parecia saído de um conto de fadas de manhã e de um conto de bruxas à noite.

Quando cheguei a Villaverde, a luz dourada de meia dúzia de faróis escoltou-me pelas encostas até deixar o carro estacionado por baixo da varanda.

Assobieei enquanto subia as escadas com o meu portátil na mão, e o avô respondeu-me com outro assobio. Encontrei-o na cozinha, a descascar um saco de amêndoas. Depois costumava cobri-las com água, anis de Las Cadenas e açúcar, e dava-as a mim e a Germán para que as levássemos para Vitoria. “Para os dias duros”, dizia-nos sempre, de seguida encolhia os ombros e saía para fazer outra tarefa qualquer.

– Como estás, avô?

– Aqui a estas horas e a uma segunda-feira, filho? Perdeste-te no caminho?

Sentei-me à frente dele, numa cadeira de vime remendada milhares de vezes.

– Posso usar o sótão para uma investigação, avô? Tenho muito material gráfico e não o quero ter na minha casa em Vitoria.

O avô nunca dizia nem que sim, nem que não.

– Vamos e já vemos – murmurou, levantando-se curvado e encaminhando-se para as antigas escadas que, de tão gastas pela passagem de doze gerações de sapatos, até faziam uma cova no centro como um pequeno vale de madeira.

O avô mantinha o terceiro andar da casa aberto, com as vigas de madeira escuras à vista, bem vedadas, e as pedras das paredes originais à vista. Ali guardava ainda algumas peles estendidas de pequenas raposas e de javalis, da época em que a fome do pós-guerra o tornou um caçador furtivo. Ninguém conseguia explicar como é que ele as mantinha intactas meia vida depois; ele também não se dignava a explicar a quem lhe perguntava.

Também ali estavam as minhas caixas, recordações que não quis deitar fora, objetos com alma que não queria voltar a ver porque me deixavam o coração apertado, mas que sabia instintivamente que devia guardar.

– Avô, podes abrir a mesa de pingue-pongue enquanto procuro aquilo de que estou à procura?

– Claro, filho.

A mítica mesa de pingue-pongue fazia parte da filosofia de normalidade com que o avô nos educara a mim e a Germán.

O meu irmão mal chegava à altura da mesa verde durante a sua adolescência, e aos meus braços desproporcionados faltava-lhes espaço para rematar comodamente. Sentia-me constrangido a praticar exercício físico em lugares fechados, mas isso obrigou-nos a ambos a compensar as nossas carências e a centrar-nos nas estratégias de jogo. Também em não ceder um milímetro nem deixar o outro ganhar: o mundo não nos ia fazer a vida tão fácil como a família, já o adivinhávamos nessa altura, e passávamos o verão a desafiar-nos mutuamente até cairmos de cansaço e, então, o avô trazia-nos o velho cantil de vinho e deixava-nos dar um gole.

Levantei as caixas todas até que, bem no fundo, encontrei uma delas marcada com a minha caligrafia de miúdo: “Tasio”.

– Meu Deus, há quanto tempo aquilo aconteceu! – deixei escapar, em voz alta, enquanto olhava para a caixa de cartão quase com reverência.

O avô já montara a mesa de pingue-pongue no centro do sótão. Eu abri a caixa e comecei a tirar jornais e cassetes de vídeo VHS.

– Achas que consegues pôr cá em cima a funcionar o vídeo e a antiga televisão?

Encolheu os ombros, adorava desafios eletrónicos arcaicos.

– Vamos experimentar – disse, disfarçando um sorriso.

Dirigiu-se para uma esquina e tirou de baixo de vários plásticos opacos um vídeo e uma televisão que tinham sido substituídos há anos por outros modelos mais modernos.

Aproveitei para começar a dispor sobre a enorme mesa de pingue-pongue as fotos das primeiras páginas que tinha recortado décadas antes.

O que pensaria Estíbaliz se descobrisse as provas da minha obsessão por Tasio? Será que também me teria prendido, como ao oculista? Teria entrado para a sua lista de suspeitos?

Tinha fotos de Tasio de quando o detiveram; de Ignacio quando entrou para testemunhar em tribunal; de todos os cenários onde apareceram as crianças: o corredor do dólmén, o local arqueológico de La Hoya, as salinas do Valle Salado e os ferros irregulares do portão da Muralha Medieval, no cantão das Carnicerías.

Controlei a náusea quando me lembrei das fotografias forenses dos cadáveres das crianças. Durante todos estes anos, tinha pensado apenas nos gémeos e na rota histórica dos cenários dos crimes. Mas agora eu era o investigador, não um mero espectador extasiado com a morbidez dos duplos crimes, e os flashes frios da equipe forense retratavam muito bem a crueza daqueles corpos que não deviam estar a repousar no chão, nus, envenenados.

– Estás com o caso dos gémeos, não estás, filho? – perguntou o avô, atrás de mim.

Assenti com a cabeça, sem ser preciso olhar para ele.

Ele aproximou-se da mesa, pegou numa imagem de Tasio e noutra de Ignacio, que naquela época eram literalmente idênticos.

– Qual dos dois era o manso? – perguntou.

– Nenhum dos dois parecia manso. Eram ambos bastante donos do seu nariz, penso que eram dois betos arrogantes quando eram jovens.

– Mas um dos dois domina o outro. Quando duas ovelhas nascem no mesmo parto, uma delas leva a outra para onde quer. A outra é mansa. Sempre. Qual é o dominante?

– Não são ovelhas, avô. As ovelhas são tontas como tudo, mas este fulano é a pessoa mais inteligente com quem já me cruzei na vida – respondi, apontando para a fotografia de Tasio. – Não me parece que seja submisso. De todo.

– Então é o outro. Um deles domina o outro, de certeza absoluta. Já sabes o que te digo sempre: todas as boas perguntas começam com um “e se?”.

Era um jogo a que o avô me submetia desde a infância, uma maneira de me fazer compreender o senso comum dos López de Ayala.

– De acordo, vou jogar ao: “E se...?”. – Mas fui incapaz de continuar, ainda não me sentia preparado.

– Não sejas cobarde agora. Diz em voz alta aquilo que não te deixa dormir à noite. No sábado deste mais voltas na cama do que um javali ferido.

Suspirei. “Muito bem”.

– E se, na verdade, o dominante fosse o Ignacio, e tivesse montado uma armadilha ao Tasio, incriminando-o com provas que ele mesmo preparou?

– Faltam-te mais “e se”... – insistiu o avô.

– E se o Ignacio o tivesse feito por ciúmes? Se o dominado se torna mais famoso do que o dominante, não quereria o Ignacio a fama, o êxito do Tasio?

O avô deu-me uma palmada nas costas, satisfeito.

– Penso que já tens por onde começar. Vou deitar-me, o vídeo está pronto, caso o queiras usar. Boa-noite, filho.

– Boa-noite, avô – murmurei, demasiado concentrado para me aperceber dos seus passos cansados a descerem escada abaixo.

Liguei o portátil e conectei-me à internet. Golden Girl tinha-me enviado uma mensagem para o telemóvel com um simples “caminho livre”, por isso comecei a investigar os pais dos gémeos: a empresa do pai deles, a família da mãe. Moradas, datas de nascimento e de óbito, clínicas, colégios, universidades, clubes de que eram sócios...

Havia uma série de notícias de sociedade sobre os seus ilustres pais: o pedido de casamento, o enlace, as fotos da mãe, Blanca Díaz de Antoñana, uma mulher magra e loura, etérea como uma sereia ou um elfo nórdico. Parecia que os gémeos tinham herdado a sua estrutura facial e a sua pose régia. O industrial tinha ombros largos, e aparecia altivo em todas as fotos dos anos setenta, sempre com uma expressão tensa, como se vivesse concentrado nos seus objetivos empresariais e não lhe importasse minimamente olhar para o fotógrafo.

Alguns dos antepassados de Javier Ortiz de Zárate eram, além de ricos e influentes, personagens saídas de histórias macabras. Don Enrique Unzueta, pai do tetravô dos gémeos, partiu de uma pequena cidade de Álava, no início do século XIX, e tornou-se um grande proprietário de terras em Cuba, chegando a ser presidente da Câmara de Havana. Casou-se três vezes, duas delas com as suas próprias sobrinhas; ao regressar ao seu país de origem, recebeu o título de marquês, mas em Cuba deixou a sua reputação de comerciante de escravos, um dos mais ricos e um dos mais poderosos. Não só comercializou milhares de escravos africanos pelas Caraíbas durante mais de vinte anos como também, ao sentir a pressão dos navios ingleses que perseguiram o tráfico humano, abriu novas rotas e ainda levou mão de obra chinesa. Era um verdadeiro empresário do tráfico de escravos. Medonho.

Encontrei um documentário sobre a antiga fazenda de Álava em Cuba, onde tinha um dos seus negócios de escravos. Atualmente viviam lá quase três mil pessoas; setenta por cento delas africanas e mestiças. Cerca de vinte e cinco por cento tinha o apelido Unzueta, pois pelos vistos o homem também era muito pródigo nas atenções que dava às escravas. No dia 21 de agosto de cada ano

continuava a celebrar-se “A festa do alavés ausente”. Pelos vistos, não deve ter deixado muito boas recordações.

Quando me dei por satisfeito com toda a informação recolhida, desliguei o computador e comecei a ver as cassetes de vídeo onde tinha gravado todos os programas de história e de arqueologia de Tasio.

– Muito bem – incentivei-me a mim próprio. – Vamos lá.

Meti a primeira cassette, e senti uma sensação de déjà vu ao ver Tasio a falar, a partir do seu escritório, da aldeia fantasma de Ochate.

No programa, Tasio falava do mito de Ochate. Face às lendas mirabolantes com que crescemos, que contavam que a aldeia tinha ficado desabitada por causa de três epidemias de cólera, tifo e varíola, mais os anos de observação de OVNI nas ruínas das redondezas, os grupos de turistas neopagãos e as revistas esotéricas que regressavam todas as noites com fenómenos de voz eletrónica gravados, Tasio posicionou-se como um arqueólogo científico e refutou com dados concretos todas as mentiras que a transformaram na aldeia fantasma mais famosa de toda a península. Ao longo do programa falou, sim, de uma curiosa descoberta por parte um topógrafo, depois de fazer algumas medições com o seu equipamento profissional. Entre as ruínas da igreja de San Pedro de Chochat de Ochate e as ermidas de duas aldeias vizinhas, San Vicentejo e Burgondo, formou-se um triângulo isósceles perfeito: 2.000 metros de distância exata entre os templos de San Vicentejo e Burgondo e 1.012 metros exatos entre estes e as ruínas de Ochate.

De seguida centrou-se na ermida de San Vicentejo, uma pequena maravilha românica que atraía especialistas há décadas. Descreveu as marcas na pedra e o estranho olho da providência: uma curiosidade arquitetónica que consistia num pequeno óculo de pedra gravado num triângulo sobre a abside.

Foi então, ao ver as imagens do exterior da pequena ermida, que reparei num pormenor que me pareceu familiar. Lancei-me para o vídeo a fim de parar a imagem, o avô não tinha conseguido resgatar o comando depois de tantos anos em desuso. Mas havia ali qualquer coisa. Não se distinguia claramente, até mesmo Tasio ignorou enquanto entrevistava o idoso canteiro que se encarregou da última restauração, em finais dos anos oitenta.

Apaguei todas as luzes e desci as escadas a correr, verifiquei que o avô ressonava no seu quarto e arranquei de carro rumo a San Vicentejo, na estrada de regresso a Vitoria.

Quando cheguei à aldeia com apenas meia dúzia de casas, meti-me pela encosta que descia até à pequena pradaria, onde se destacava a ermida. Saí do carro, diria que não havia ninguém na aldeia. Apenas os ruídos da noite, um céu

completamente livre de poluição luminosa, tanto que se podiam ver galáxias que explodiram há milhões de anos.

Tirei a minha pequena lanterna de montanha do porta-luvas e iluminei a pedra calcária, cercando-a. Na parte de trás, sobre a abside, estava o que me parecia ter visto naquele programa com mais de vinte anos: a figura de pedra de um casal deitado, homem e mulher, ambos com as mãos apoiadas na cara um do outro, num gesto amoroso.

A Estrada dos Pinheiros

A chave para os novos crimes vai estar naquilo que desta vez é diferente; o que te sussurram os mortos, #Kraken?

Terça-feira, 2 de agosto

Naquela noite dormi pouco, a cama parecia-me pequena, o meu apartamento diminuto. Precisava de apanhar ar e fui até à varanda, mas parecia que não me entrava oxigénio suficiente nos pulmões. Estava entusiasmado com a minha nova descoberta, porque às vezes, só às vezes, uma pessoa sabe que está certa, que reconhece um padrão e ali está: a certeza.

Ainda era de noite quando desci as escadas a correr, com o impulso da adrenalina a bombear-me as veias. Conseguia senti-la, como se estivesse dentro de uma coluna gigante de um concerto de percussão.

Gastei energia a subir e a descer várias encostas dos cantões, para me motivar, e terminei a toda a brida na zona da Ciudad Jardín. As ruas estavam tão desertas àquela hora que podia ter corrido no meio da rua em contramão que ninguém teria ficado ferido.

Encontrei-a ao pé dos edifícios da universidade. Esperou por mim; eu já estava completamente suado, ela começava apenas a aquecer.

– Vamos pelos chalés da rua Álava – sugeri, recuperando o fôlego. – Hoje devo-te uma história.

– A história do teu amigo – disse, diminuindo o passo.

– Sim.

Tinha-me mentalizado para me abrir com ela naquele dia, quando a visse. Era justo.

Era justo.

Ela concordou, começámos a acertar o passo até passarmos pelas casas mais

admiradas da cidade. Construídas nos anos vinte, ao estilo das elegantes mansões de Biarritz, já valiam algo como dois ou três milhões de euros, se bem que poucos vendiam e ainda menos compravam. Os arbustos altos impediam que se visse para o interior; só se podiam adivinhar telhados vermelhos, alguns verdes, paredes brancas, madeiras robustas como as fortunas daquelas famílias.

– Chamava-se Sergio – comecei. – Fazia parte do meu grupo de San Viator, de rapazes. Éramos amigos desde o primeiro ano, desde os seis anos. Era boa pessoa, tímido, gordinho, calado, um pouco desajeitado a jogar futebol. Ninguém conseguia explicar como é que tinha sido o primeiro a arranjar namorada no liceu, quando o colégio se tornou misto e as raparigas chegaram para perturbar o nosso ecossistema sólido, estritamente masculino. A Sara era muito diferente do Sergio, caracóis pretos, muito faladora... muito mandona, muito determinada.

– Continua – incentivou-me.

– Contra todos os prognósticos, tornaram-se um dos casais mais estáveis do nosso grupo, casaram-se bastante jovens. Ela era de Bajauri, perto da minha aldeia, costumavam ir a casa dos avós da Sara quando tinham um dia livre. Ela dizia sempre que queria conhecer todas as terras de Álava, insistia para que fossem de carro visitar uma diferente aos fins de semana. Mas o Sergio era calmo e caseiro como poucos, aos sábados preferia tomar um copo em Vitoria, comer uns pinchos aos domingos ao almoço e passar a tarde a dormir em frente à televisão, vendo maratonas de séries norte-americanas.

Desacelerei um pouco para recuperar o fôlego, estava moído, mas aquela sensação era boa. Distraía-me da dor de lhe contar.

– Há três anos, a Sara teve um ataque de asma. Foi num sábado à noite, estavam sozinhos na casa de Bajauri, tinham deixado os inaladores em Vitoria e os telemóveis praticamente não tinham cobertura naquela zona, nessa época. O Sergio bateu de porta em porta, desesperado, até encontrar um telefone fixo e ligou para o 112. A ambulância demorou quarenta minutos a chegar. Devem ter sentido uma angústia tal que nem consigo imaginar. Encontraram a Sara Acianótica, não puderam fazer nada por ela.

– Sinto muito – murmurou.

– Todos nós sentimos. Mas estávamos todos muito preocupados e com medo da reação do Sergio. Era ela quem mandava na relação, ele simplesmente deixava-se levar. Não fazíamos a mínima ideia se ia conseguir recuperar daquilo. O Sergio, simplesmente, não reagiu. Não o vimos chorar, nem no velório, nem no funeral, nem quando a enterraram no cemitério de Bajauri. Era como se não se tivesse apercebido da morte da Sara.

– Estava em negação?

– E nem imaginas de que maneira. Na quinta-feira seguinte, enquanto jantávamos no Tximiso, informou-nos de que ia conhecer as trezentas e quarenta e sete vilas da província. Começaria pelo noroeste, e iria começar a descer na diagonal, desde Ugalde, em Araia, até terminar a sudeste, em Oyón. Faria isso cada fim de semana. A todos nos pareceu uma boa ideia, queríamos estar com ele, apoiá-lo, e no primeiro fim de semana foi o grupo em peso. Tivemos tempo de visitar cinco vilas: Ugalde, Llodio, Zubía... Começou assim uma rotina que durou muitíssimos meses.

Olhei para Alba, ela seguia a minha história sem deixar de olhar para mim, pendente dos meus gestos.

– Uma vez visitei a casa dele, parecia um mausoléu depois da morte da Sara. Havia fotos dela por todo o lado, conseguias sentir os olhos dela na nuca enquanto percorrias o corredor ou ias à cozinha. O Sergio tirara a televisão da sala e em seu lugar pendurara na parede um mapa de Álava, onde ia colocando pins pretos nos sítios que já tinha visitado. Passou o primeiro aniversário, ele fingiu não dar por isso, nem sequer lhe organizou uma missa. Nessa altura, já poucos de nós o acompanhávamos aos domingos para visitar as vilas. Apeteciá-nos mudar de planos, mas a Paula, a minha mulher, insistiu para que não o deixássemos sozinho.

– A tua mulher.

– Sim, a minha mulher – repeti. Fazia tempo que não pronunciava aquela palavra tão comum. – Como te estava a contar, o mapa do Sergio foi-se enchendo de pins pretos à medida que os meses iam passando, pois cada domingo ia visitando uma média de cinco localidades. Apenas nos restavam as de Rioja Alavesa, as últimas da esquina sudoeste do plano: Oyón, Moreda, Yécora, Laguardia e Viñaspre. Nunca me esquecerei. Para nós tinha sido uma semana muito especial. Há alguns anos que estávamos a tentar ter um filho. Por fim, acabámos por ter de recorrer a uma clínica. Para Paula foi um inferno, uma autêntica montanha-russa, e eu sentia-me a pessoa mais impotente do mundo porque a única coisa que podia fazer era apoiá-la naquele calvário. Um dia chegou a boa notícia. Semanas depois, a notícia transformou-se em duas: estávamos à espera de gémeos. De três embriões, dois tinham sobrevivido. Não contámos nada a ninguém do grupo, estávamos apavorados, tínhamos medo de os perder. Mas foram os melhores meses da minha vida. Tínhamos um segredo, não queríamos partilhá-lo, tínhamos o futuro aos nossos pés. Ninguém sabia de nada, a não ser o avô e o meu irmão Germán.

Ela fez-me um gesto, incentivando-me a continuar. Olhei para o céu, aquele tom índigo tão típico do amanhecer de Vitoria começara a perder a intensidade.

– A Paula era uma grande desportista – continuei. – Fazia escalada com a

Estíbaliz. Estava bastante tonificada. Nos primeiros meses mal se notava a gravidez. Às doze semanas estavam já tão formados, eram tão perfeitos... Queríamos saber o sexo de ambos, o meu avô já estava a restaurar o meu berço e o do meu irmão; a Paula e eu éramos um turbilhão de atividade. Queríamos que o quarto dos nossos filhos estivesse pronto o mais depressa possível, para o tornar real. Fomos à consulta das catorze semanas, a sua barriga tinha começado a crescer um pouco, os abdominais começaram a ceder. A ecografia mostrou mais do que esperávamos: um menino e uma menina. Gémeos. Estávamos tão entusiasmados, histéricos e alterados que sabíamos que tínhamos de contar de uma vez por todas. Naquele fim de semana íamos dizer a toda a gente, e ofereci à Paula o seu primeiro vestido de pré-mamã. Era real. Finalmente, era real.

Alba assentiu em silêncio, sei que as minhas recordações eram demasiado parecidas com as dela.

– Naquele domingo, o Sergio estava muito silencioso, mais do que era habitual – continuei. – Penso que estava a dar demasiados sinais que eu ignorei. A Paula tentava conversar com ele, e eu não conseguia deixar de perguntar a mim próprio: “O que vais fazer no próximo domingo, quando já não restarem mais vilas para visitar?” Mas não me atrevi a falar com ele sobre isso, ele era demasiado reservado. Naquele dia, o Sergio caminhava mais devagar, tocava nos edifícios, olhava para o pórtico da igreja de Oyón como se as pedras lhe sussurrassem palavras que eu e a Paula não conseguíamos ouvir. A minha mulher sugeriu que fôssemos a Logroño, à rua de Laurel, para uns pinchos e voltarmos comidos a Vitoria. O Sergio implorou-nos que o acompanhássemos a Bajauri. Íamos no carro da sua mulher, um Seat 127 velho, mas que o Sergio se negava a mandar para a sucata. Acompanhámo-lo ao cemitério, ele parou em frente à campa da Sara, e ali fez um gesto... um gesto que agora é claro como água, mas que na altura não percebi, salvo que o meu amigo estava a sofrer muito. Deixou-se cair de joelhos, com os braços abertos, era como o quadro de Goya, Os Fuzilamentos de 3 de Maio. Foi um gesto de rendição, mas eu não o soube interpretar. A Paula correu para o levantar, procurou consolá-lo, mas o Sergio não a via, nem sequer chorava. Pensámos que o melhor era regressar a Vitoria.

– Chegaram a fazê-lo?

– Não, nem todos chegámos a Vitoria, apesar de ser essa a intenção – disse. – Entrámos no carro dele, o Sergio insistiu em ir a conduzir, estava obcecado e não conseguimos fazê-lo mudar de ideias. Acabei como copiloto e a Paula sentada atrás. Os três incomodados, os três em silêncio, sem saber muito bem o que dizer. A viagem não durou muito tempo. Assim que entrou na reta dos pinheiros, o Sergio acelerou e deu uma guinada com o volante a 110 quilómetros por hora.

Fomos chocar contra um dos pinheiros mais grossos, do lado direito, depois dos corta-fogos. Não sei se sabes qual é, mas destaca-se bem dos outros. O Sergio teve morte imediata, no último instante tirara o cinto de segurança e bateu contra o volante. O Seat não tinha cintos de segurança nos assentos de trás, não sei como pudemos ser tão inconscientes, nunca me hei de perdoar. A Paula saiu disparada pelo vidro da frente e a sua cabeça estatelou-se contra o pinheiro, metade do seu corpo ficou sobre o meu ombro esquerdo. Eu era o único que levava o cinto de segurança. Estava consciente mas sem me conseguir mexer, preso naquela carnificina até que a ambulância chegou e nos trouxe de volta para Vitoria. Eles os dois, e os meus filhos, mortos. Eu, apenas com uma dor na cervical e arranhões dos vidros partidos.

– Eu... sinto muito.

– Eu sei. Deixa-me acabar, chegado a este ponto tenho de te contar tudo. Não sei se perdi o conhecimento, estive cerca de quarenta minutos sozinho, pelo que me disseram. Mas vi o avô, estava a caçar com a espingarda, no bosque dos pinheiros. Aproximou-se a correr, assim que viu o acidente, acalmou-me, disse que não olhasse para a Paula, que olhasse fixamente para ele, que respirasse calmamente, que a ambulância estava quase a chegar. Eu tinha frio na cabeça, o avô tirou a sua boina, algo que nunca faz, e colocou-na na cabeça. Depois, já no hospital, quando o meu irmão Germán chegou, perguntei-lhe pelo avô, disse que estava a caminho de Vitoria. Naquele fim de semana tinha ido às termas de Fitero, em Navarra, a muitos quilómetros de distância da reta dos pinheiros. O avô tinha o hábito de ir às termas uma vez por ano por causa do reumatismo. Quando chegou não me disse nada, nem eu a ele, da ajuda que me prestou junto aos pinheiros. Mas acho que... e isto vai parecer uma loucura. Não acredito em milagres, não sou uma pessoa religiosa, nem acredito que uma pessoa possa estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas acho que uma parte do avô esteve ali comigo, sem dúvida, uma espécie de consciência, não sei como explicar. Não saiu de ao pé de mim até me darem alta. Ele não falava muito, estava simplesmente ali. Deixou tudo a meio, em Villaverde. Mas às vezes olhava para mim e ambos sabíamos o que tínhamos partilhado na estrada dos pinheiros. Nunca tinha contado isto a ninguém, não sei porque é que to estou a dizer agora.

– Alguém tem de to dizer. Imagino que ponderaste a hipótese de a pancada na cervical te ter provocado uma hipoxia e a falta de oxigénio no cérebro ter causado uma alucinação.

– É o que digo a mim mesmo todas as noites. Só que...

– O quê?

– O avô chegou sem boina. Nunca o tinha visto assim, com o cabelo grisalho a descoberto. Até o Germán comentou, espantado.

– E...?

– Quando me deram alta do hospital de Txagorritxu e me devolveram a minha roupa e a da Paula... estava lá a boina do avô. Explica-me o que é que fazia uma boina da Elosegui, a marca que o avô usa sempre, num velho Seat 127.

– Há milhares de explicações. És um investigador. Tens imaginação e senso comum para isso e muito mais – disse, mas nem sequer ela acreditava nas suas palavras.

– Não estive sozinho, Alba. Ele esteve comigo, não me deixou sozinho. Nunca o fez, e tenho a impressão de que nunca o fará.

– Algum dia partirá, imagino que seja um homem já com uma certa idade, é a lei da vida que vá antes de ti.

– Não, não compreendes. A minha família vive muito tempo. A minha tia-avó tem cento e dois anos e não tem intenções de morrer. O tio do meu avô, o tio Gabriel, morreu com cento e quatro anos nos anos sessenta, quando a esperança média de vida neste país era de sessenta e poucos anos. Podes não acreditar em mim, mas está gravado na placa do cemitério de Villaverde. Viveu mais quarenta por cento do que os seus conterrâneos. O avô será um dos primeiros supercentenários que vamos conhecer, eu vou ter noventa anos e ele continuará a assar castanhas com cento e cinquenta anos.

Alba olhou para mim quase com ternura, sem acreditar nas minhas palavras.

Como é que poderia, se não conhecia o avô.

– Depois dos funerais, deram-me baixa e voltei para Villaverde, com o avô. Pensei muito no Sergio, na sua negação em fazer o luto, naquela maneira tão patológica de o atrasar, de tal modo que não se importou de nos levar com ele, a nós, os seus amigos, o seu apoio, só para não enfrentar uma vida sem um objetivo traçado pela Sara. Não foi apenas um suicida, matou três outras pessoas ao mesmo tempo, transformou-se num assassino em massa. E obriguei-me, com todas as minhas forças, a aprender alguma coisa com aquelas experiências. Passei conscientemente, com crueza, pelas cinco fases do luto: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. Por todas. E doeram muito. Cada uma delas doeu, mas nunca pensei que a minha vida acabava ali, na reta dos pinheiros, só porque o meu amigo e a minha família tinham morrido naquele acidente.

"Eu não morri, o que senti foi que o suicídio do Sergio se podia ter evitado e, com ele, a morte da Paula e dos meus gémeos. Foi nessa altura que decidi seguir a Investigação Criminal e especializar-me em perfis. Mas alguma coisa mudou, desde então não suporto ver cadáveres. És a minha superior, e não devia estar a contar-te isto, mas... dá-me vômitos, passo mal fisicamente.

– Vais voltar a habituar-te, isso acontece com a maioria das pessoas em algum momento.

– Não me quero habituar. Esse é o problema, para mim é uma penitência, o preço a pagar por fazer mal o meu trabalho, por não chegar a tempo.

Estava a falar demais. Estava a falar demais e sabia-o. E numa conversa manda, por direito próprio, quem fala menos. Era um dos meus mantras nos interrogatórios, e agora estava a cair, a cair conscientemente.

Não podia parar, não queria deixar a meio aquela confissão integral que lhe estava a fazer.

– Comecei a formar-me em Perfis Criminais, comecei a estudar a linguagem não verbal e as motivações, às vezes tão previsíveis e transparentes, que parece que andamos pela vida com balões escritos sobre as nossas cabeças, como na banda desenhada, mas sem que ninguém se dê ao trabalho de levantar o olhar e ler o que gritamos. Sabes o que é a resiliência?

– A capacidade que algumas pessoas têm de conseguir tirar o lado bom das más experiências.

– Trabalhei muito para ser melhor investigador desde então, empenhei-me muito para que aquilo me transformasse em alguém melhor, mas não sou um santo; também há um lado obscuro em tudo isto, pois já não me fio nos meus amigos, e penso que nunca mais vou voltar a confiar naqueles que me rodeiam. Não porque ache que me querem magoar intencionalmente. A Paula e eu fomos os únicos que continuámos a apoiar o Sergio ao fim de quase dois anos, os únicos que o continuávamos a acompanhar na maioria dos domingos, e o Sergio não pensou em nós quando bateu contra aquele pinheiro. Simplesmente o seu instinto suicida, a sua necessidade de acabar com a vida foi maior do que uma réstia de humanidade, ou gratidão para com os seus melhores amigos. Não vimos que aquilo ia acontecer, e no início dizia a mim mesmo que foi imprevisível. Mas depois passei em revista as estatísticas do modus operandi dos suicidas. A maioria prefere morrer por precipitação, jogando-se no vazio. O Sergio morava num segundo andar e trabalhava num sítio que dava para a rua. Não tinha, em Vitoria, uma forma humana de subir a uma altura que o matasse sem sair da sua zona de conforto. A seguir vêm os que se autoflagelam com uma faca: nunca na cara e tiram sempre a roupa antes de se ferirem. O Sergio tinha belonofobia, pânico de agulhas e não suportava ver sangue. Logo, esta hipótese estava descartada. Restava-nos o enforcamento. O Sergio não era pessoa de dar nós, era especialmente desajeitado com tudo o que fosse manual, nunca conseguiu distinguir muito bem a direita da esquerda. Não tinha muito jeito para seguir instruções concretas, fugia de todo o trabalho físico.

– Aonde queres chegar?

– Quero chegar a um ponto onde ainda não estou. Quero ser tão bom a ler perfis que eu próprio saiba, sem mentir a mim próprio, que se o Sergio estivesse

aqui hoje à minha frente, o teria posto sob vigilância intensiva perante o risco iminente de suicídio. E nunca o teria deixado conduzir o carro. Por isso, gosto do meu trabalho mais do que nunca. Os assassinos, os criminosos, os que maltratam... são previsíveis, e isso está bem para mim. Sinto-me, paradoxalmente, seguro diante deles, porque estou sempre à espera da pior reação possível e normalmente não me costumam desapontar.

– Nisso somos opostos. Tu acreditas na prevenção e eu sou muito mais fatalista.

Olhei para ela, confuso.

– Explica-te.

– Acredito piamente que quando um assassino decide matar, não há nada que possamos fazer – explicou-me, mexendo, sem se aperceber, no apito que levava sempre pendurado ao pescoço. – Encontrará a maneira e o momento de o fazer. Todos vamos desprevenidos pela vida. Uma facada no estômago numa rua ou num portão, à traição? Um copo com uma bebida envenenada, uma simples troca de um vinho branco por um detergente industrial? Um assassino contratado que te dá dois tiros num semáforo? O carregador do telemóvel a rodear-te o pescoço? Em termos gerais, para o cidadão comum, não há maneira de evitar que alguém o mate, se decidir fazê-lo. Gosto de estudar os casos que vemos, os locais do crime que me chegam, e pensar na maneira prática como teria escapado com vida se estivesse em frente ao agressor, mas não me engano: por mais preparada que me sinta, penso sempre que a sua motivação vai ser mais forte.

– Precisamente por isso acredito na prevenção dos crimes – insisti, obcecado. – É por isso que estou determinado a caçá-lo antes que continue.

– Não podemos proteger todos os vitorianos de trinta anos com apelidos compostos de Álava. São quatro mil seiscentos e trinta e dois. Apesar dos avisos de segurança, vai encontrar uma falha. O assassino já contava com isso. E encontrará maneira de os matar.

– Uma subcomissária não devia pensar assim – disse, incomodado. – Que margem resta para o meu trabalho?

– Tu vais atrás do assassino, e é óbvio que ele vem planeando os seus crimes há muito tempo. Não acredito que possas evitar o próximo assassinio, acho sim que podes resolver os anteriores, o que, paradoxalmente, vai evitar os próximos.

– Não tenho a certeza se isso é um elogio ou uma crítica. De qualquer maneira, não estamos a cumprir o nosso pacto.

– Estou consciente disso, Kraken. – Olhou para o relógio. – E vou-me embora antes de continuar a quebrar promessas. Vemo-nos daqui a duas horas.

E desapareceu rua abaixo, quando já amanhecia e o dia se adivinhava quente, com as suas calças brancas e a sua passada própria.

Fiquei a observá-la a afastar-se e senti-me mais sozinho do que nunca. Se fosse outra mulher, tinha-a convidado para tomar um bom pequeno-almoço e repor as forças.

Às vezes acontece. Apaixonas-te. Apaixonas-te por quem menos esperas, apaixonas-te por quem não deves. Não tem nada a ver com a tua vontade, com as intenções, ou com a idoneidade da pessoa em questão. Tinham de ser as feromonas, algum elemento fugidio mas real. E era isso que estava a acontecer ali. Tinha a ver com o facto de eu, que me achava emancipado e autónomo, estar à espera do ruído que os seus ténis faziam ao correr, do ritmo da sua passada que sabia reconhecer quando se aproximava pelas ruas desertas e escuras da nossa Vitoria paralela e silenciosa. Tinha a ver com acordar excitado todos os dias como um adolescente, tinha a ver com masturbar-me no duche sempre que voltava da corrida, e sabia que estava prestes a retomar as minhas noites de francoatirador sexual em busca de amores de uma noite. Estava a duas sextas-feiras de fazê-lo e sabia-o.

Pedir transferência agora não era uma opção. Era o caso mais importante da minha carreira e sabia, na verdade estava dolorosamente consciente, que as matanças iam continuar. Por isso, como podia deixar o caminho livre àquela besta?

Mal sabia, nessa altura, que o indivíduo em questão também não fazia a mínima intenção de me deixar a mim em paz.

O Anjo de Santa Isabel

Estás no segundo ato: as provas, os aliados, os inimigos. A etapa mais subjetiva do herói. Fia-te na tua primeira intuição, #Kraken

Terça-feira, 2 de agosto

Aquele dia estava abrasador desde que amanhecera, não corria a mais pequena aragem, como se a cidade estivesse metida num frasco de vidro abandonado ao sol. Aqueles que previam uma onda de calor não avisaram que seria tanto.

Montámos, logo de manhã cedo, uma operação com carros à paisana a vigiar o cemitério de Santa Isabel, no bairro de Zaramaga.

Estíbaliz estava à minha espera junto ao portão de ferro da entrada, vestida com roupas à paisana, e com óculos escuros de funeral. Logo a seguir passou Antonio Fernández de Betoño, o oculista, acompanhado por vários representantes da Câmara Municipal. Mal se dignou a olhar para nós; continuou a caminhar, imperturbável, como se estivesse encarregado de uma das visitas guiadas que se tornaram moda no cemitério.

Atrás dele seguiam membros da família que escoltavam aquela que provavelmente era a sua ex-mulher, apoiada em várias amigas, inconsolável por trás de uns enormes óculos de sol que mal deixavam ver as suas feições. As amigas de Enara também choravam. Peio estava sozinho, apertado num fato demasiado justo para o seu tamanho e com o cabelo preso num rabo de cavalo. Pelo caminho, foi parando de caixote em caixote do lixo, deitando fora lenços de papel molhados. Parecia profundamente infeliz e perdido.

Eu e a minha colega caminhámos em silêncio, enquanto observávamos tudo atentamente.

O cemitério era antigo, do início do século XIX, e caminhar por entre aqueles túmulos de outra época era como viajar para um passado em que as estátuas de crianças a rezarem e virgens carpideiras murmuravam histórias que não deixavam dormir.

– Ontem à noite estive a ver vídeos antigos dos primeiros programas do Tasio Ortiz de Zárate. Falava de igrejas, de arqueologia...

– E encontraste alguma coisa? – interrompeu-me, em voz baixa, enquanto nos mantínhamos a alguma distância diante do jazigo da família do oculista.

– Pode ser que sim, Esti. Pode ser que sim. A seguir, quando voltarmos para a esquadra, com mais calma, conto-te a minha descoberta. Mas antes, diz-me, que recordações tens de Ochate?

– A aldeia fantasma? Fomos visitá-la quando éramos pequenos, como toda a gente, depois do avistamento do suposto OVNI. Lembro-me dos calafrios que senti à medida que me aproximava. Quer tenham sido as epidemias ou outra razão qualquer que levou ao despovoamento daquele lugar, a verdade é que se sentia no ar... algo de muito maligno, suponho. Lembro-me que quando começaram os duplos crimes no dólmén e o da La Hoya, as pessoas de Treviño comentaram que voltaram a ver-se luzes estranhas à noite, à volta da famosa torre abandonada de Ochate.

– Foste... com toda a tua família?

Estíbaliz tirou os óculos de sol e lançou-me um dos seus olhares duros.

– O que me estás a perguntar é se o meu irmão tem alguma relação com Ochate, Kraken. Não brinques comigo, não me sondes, não sou uma das tuas testemunhas, sou a tua parceira. Se tens alguma coisa que relacione o meu irmão com os crimes, deves dizer-me agora.

– Ainda não tenho nada, mas nessa zona, numa área de poucos quilómetros, há vários fenómenos que talvez tenham alguma relação com os crimes. O nome do teu irmão aparece sempre quando se fala de temas pagãos e esotéricos. Isto incomoda-me tanto como a ti, quero apenas descartá-lo de uma vez.

– Ou incriminá-lo.

– Não, não quero, mas chegou a hora de lhe fazer uma visita. Prefiro informar-te, mas não quero que o avises, já te disse. Descarto-o e perseguimos outras pistas, de acordo?

A minha colega emitiu um grunhido em resposta, e eu afastei-me para uma das ruas. Queria encontrar o jazigo onde a imprensa de 1989 publicava que a mãe de Tasio e Ignacio tinha sido enterrada.

Passei diante de uma das epígrafes mais famosas do cemitério, a célebre “Para que conste, eu não queria”.

“E quem queria, amigo, quem queria?”, perguntei em silêncio ao habitante da tumba.

Por fim, encontrei o que procurava. A porta encontrava-se em muito mau estado, mas o bloco de granito da família Unzueta continuava de pé, imponente, apesar do passar dos séculos.

Naquele lugar senti, incomodado, um desagradável formigueiro na nuca. Abanei os ombros, mas a sensação não se foi embora, e não tinha a certeza da sua origem. Foi ao erguer a cabeça que vi o anjo.

A coroar a cúpula, um anjo de pedra seguia-me com o olhar. As suas asas estavam dobradas, uma trombeta na mão, uma túnica clássica e o braço direito erguido para o céu limpo daquele dia de verão.

Movi-me dois metros para a esquerda, mas o anjo continuou a olhar para mim. Eu sabia que se tratava de uma ilusão de ótica, embora não fosse o seu olhar que me incomodava, mas o sentimento de desconforto que me percorria por dentro, como uma paragem de digestão ou o início de um ataque cardíaco.

– É preciso ter coragem para se colocar diante dele. Não tem medo de que o anjo aponte para si? – perguntou uma voz atrás de mim.

Voltei-me e dei de caras com um homem com os seus sessenta anos, um uniforme da Câmara Municipal e um regador na mão. Faltava-lhe o outro braço e tinha o rosto todo enrugado, por passar muitas horas ao ar livre.

– Devia ter medo de uma estátua? – perguntei, aliviado. A presença do funcionário interrompera aquela corrente fria que me atravessava de cima a baixo.

– Vejo que não está familiarizado com as lendas deste cemitério. Então não sabe que este é o famoso anjo do jazigo dos Unzueta, que baixa o braço e aponta para aqueles que vão morrer num futuro próximo?

Estava a lembrar-me daquela história, mas nunca lhe tinha prestado muita atenção.

– Conte-ma, parece interessante.

– Na verdade, mete bastante medo. Venha comigo e não se ponha diante do anjo, que as pessoas levam a mal – disse, afastando-me com o seu único braço. – Como pode ver, aqui em frente ao cemitério há prédios onde vive muita gente. Pessoas cuja vista que têm das suas varandas e dos seus quartos são as ruas deste cemitério, os túmulos, os panteões. Graças a Deus que já não se enterram pessoas aqui diariamente e que agora vão para o cemitério em El Salvador. Consegue imaginar como deve deixar uma pessoa em baixo testemunhar todo o santo dia a dor dos outros?

Parámos depois de andarmos alguns metros. Apesar de faltar um braço àquele homem, pareceu-me que levava a cabo as suas tarefas bastante bem. Arrancou várias ervas daninhas que cresciam com rapidez enquanto caminhávamos e não parecia incomodado pelo sol da manhã que nos queimava as costas.

– Se assim o diz, já que este é precisamente o seu trabalho.

– Reagi muito mal quando abriu o outro cemitério. Não escolhi este trabalho, mas não encontrei mais nada quando cheguei vindo da minha terra, só percebia

de agricultura, mas era o mais novo de quatro irmãos, por isso não havia mais terras para mim. Além disso, depois de uma debulhadora me ter deixado sem braço, na aldeia consideraram-me inútil para o trabalho do campo, e já não podia conduzir tratores ou ceifeiras, por isso que ia fazer? Agora já estou habituado, sou praticamente um jardineiro, mas não me posso esquecer de que isto é um cemitério, um ilherri. Se percebe algumas palavras de basco, sabe que significa “a cidade dos mortos”; são eles que vivem nesta cidade, eu sou apenas quem a mantém bonita. Tenho as minhas ferramentas na casa dos fundos, o mais longe possível das campas, prefiro ficar longe deles.

– O que me estava a dizer a respeito da lenda deste anjo? – perguntei, procurando voltar ao tema que me interessava.

– É desagradável, mas vou contar-lhe. Diz-se que uma criança que vivia naquele edifício em frente, um dia viu do seu quarto este anjo a baixar o seu braço de pedra e a apontar para um homem que acabava de passar por ali, pela rua à entrada do cemitério. Nesse mesmo instante, um camião subiu o passeio e atropelou o homem, que teve morte instantânea. A menina ficou histérica e contou tudo à mãe, que não acreditou nela. Algum tempo mais tarde, a menina voltou a ver o anjo de pedra a baixar o braço para apontar para um homem que estava nesse banco que aí vê, a ler o jornal. A menina quis descer para o avisar, mas não teve oportunidade de o fazer, porque a enorme cruz que estava neste jazigo, dos Atauri, desprendeuse e caiu em cima do pobre homem, matando-o. Desde então, a menina começou a ter ataques de pânico e a sua mãe estava muito preocupada com ela. O pior foi quando, tempos depois, caiu uma tempestade daquelas que nos assolam de vez em quando, com trovões e relâmpagos. A menina estava no quarto e foi à janela para ver o cemitério. Naquele dia, o anjo voltou-se e a menina viu-o a apontar para ela. Começou a gritar e chamou pela mãe para lhe contar o que tinha visto. A mãe fez o possível para a acalmar e adormecer, mas na manhã seguinte... adivinhe. Encontrou a menina morta na sua cama. Não se sabe se de puro terror, se de um ataque de ansiedade.

– É um interessante mito urbano. – Olhei para o anjo de soslaio. – E o senhor, acredita nestas histórias vindas da tumba?

– Não acho graça nenhuma aos mortos, mas os piores são os vivos, como aqueles gémeos, os culpados de hoje isto estar cheio de famílias a chorarem a morte de dois jovens... Sabia que são descendentes do comerciante de escravos que descansa neste jazigo?

– Sim, já tinha ouvido dizer – respondi.

– Saíram ao pai do seu tetravô. Estes miúdos eram uns demónios. Se tivesse tido de testemunhar o que me calhou ver neste mesmo cemitério, quando enterraram a sua mãe, não negaria que o sangue ruim corre nas veias e passa de

pais para filhos.

Fiquei hirto, finalmente uma testemunha direta daquela época.

– O que lhe calhou presenciar exatam...? – estava a perguntar-lhe, quando Estíbaliz chegou a correr com o telemóvel na mão e nos interrompeu.

– Tens de ver isto, Kraken! – disse enquanto parava à minha frente para recuperar as forças.

Pode dar-nos um momento, por favor? – Virei-me para o coveiro, mas o homem desaparecera no meio das campas, como se nunca tivesse existido.

Fulminei-a com o olhar.

– Acho que tínhamos uma testemunha importante. O que se passa? – perguntei, mais chateado do que queria admitir.

Ela olhou-me fixamente, enquanto recuperava o fôlego, não sabia dizer se feliz, mas não me passou despercebido que havia nos seus olhos um brilho de triunfo, ou de alívio, que minutos antes não estava lá.

– Uma testemunha, referes-te ao jardineiro? Esquece-o, tens de ver isto – repetiu. – Isto muda tudo, temos de falar com os gémeos, com os dois. Há vinte anos que nos andam a esconder a verdade.

– De que se trata, Esti? – perguntei-lhe, procurando parecer interessado. Mas a verdade é que as palavras do homem ainda me ressoavam na cabeça.

– Vê por ti mesmo – respondeu, aproximando o ecrã do telemóvel – e vamos agora mesmo comprar um exemplar.

– Outra edição especial do El Diario Alavés? O que publicaram agora?

Olhei para o ecrã e fiquei petrificado.

Li o título, mas no início não o compreendi. Não percebia bem do que se tratava, o que nos vendia aquela frase lapidar:

CRIME DA MURALHA MEDIEVAL: PROVOCADO POR CIÚMES ENTRE DOIS IRMÃOS POR CAUSA DE UMA MENOR?

– É melhor veres as fotos, Kraken. Desta vez não há dúvidas, não são especulações. O jornal fornece-nos evidências gráficas. A jovem de quinze anos que foi assassinada teve um relacionamento romântico tanto com o Tasio como com o Ignacio. E eles mentiram-nos, ambos negaram conhecê-la. O Ignacio até disse na nossa cara que não se lembrava do que dizia o relatório da rapariga. Como é que não se lembra dela?

– Espera, espera... – Detive-a com a mão. – É muita coisa para processar, Estíbaliz. Dá-me um minuto.

– Tudo bem. Olha para as fotos, olha para esses dois anjinhos de vinte e cinco anos a abusarem de uma menor de quinze.

Abri o link da edição online do jornal. Não havia dúvidas, não parecia uma montagem. Ignacio Ortiz de Zárate, vestido com o uniforme da Polícia, falava ao ouvido de Lidia García de Vicuña atrás de um tronco do passeio da Senda, como um casal de namorados furtivos. Noutra das imagens, via-se Tasio, à noite, a entrar na porta número 1 da sua casa, numa rua Dato deserta, e a agarrar Lidia pela cintura, aos beijos e abraços.

O Monte da Tortilla

Vitoria, julho de 1970

Era a primeira vez que Blanca conduzia. O velhinho Citroën Sapo de Álvaro não lhe metia tanto respeito como o enorme Isotta Fraschini verde do seu marido. Ela sabia que Javier jamais concordaria que uma mulher conduzisse o seu carro. Ulises, o seu fiel secretário – um tipo com um andar torcido, um ombro mais alto do que o outro porque, segundo ele, lhe removeram um rim devido a uma forte pancada numa briga – fazia as vezes de motorista quando era preciso. Blanca achava que ele fazia lembrar um corvo, era um sujeito um pouco sinistro que se limitava a responder-lhe com uma espécie de grasnido. Era ele também quem a controlava, quando se encontrava com as suas novas amigas, como se fosse uma criança, como se pudesse perder-se caso ficasse sozinha na cidade.

Com Álvaro era diferente. Desde que a relação entre ambos começou na consulta, tinham de se ver fora de Vitoria. Optaram por fazer pequenas escapadelas no carro do médico ao monte da Tortilla: um pequeno promontório a apenas um quilómetro de distância da saída sul da cidade, de onde, nos dias sem nuvens, se viam os montes da Llanada alavesa.

Como tantos casais jovens que não tinham uma casa para partilhar, iam de carro até àquele descampado, tapavam os vidros com toalhas e faziam amor nos assentos de couro. Então, despidos e com a pele a brilhar de suor, ouviam na Rádio Vitoria as dedicatórias do Clube de Amigos, em que acabavam sempre por pedir o Let It Be de uns Beatles que já ameaçavam separar-se, e El Condór Pasa, uma melodia dos Andes de uma estranha dupla com um nome impronunciável.

– Não podemos continuar assim – disse Blanca, enquanto olhava para o teto do carro, deitada no banco de trás.

– Porque não, se isto é a melhor coisa que me aconteceu na vida? Não sentes o

mesmo? – perguntou ele, vestindo as cuecas brancas no banco do copiloto.

– Sim, claro que sinto. Sabes bem que sim. É a isso que me refiro, não podemos continuar a encontrar-nos num carro no meio de um monte. Um dia destes ainda aparece a Polícia e prende-nos por atentado ao pudor. Não podemos deixar que isso aconteça.

– E o que sugeres?

– Já te contei que a minha tia morreu na semana passada e que, apesar de não sermos muito próximas, sou a sua única sobrinha e deixou-me uma das suas casas de herança. Está mobilada, se bem que a decoração seja um pouco pesada demais para o meu gosto. Disse ao Javier que a quero remodelar, que gostaria de modernizar a sala para convidar as minhas amigas a virem passar as tardes comigo quando nos aborrecermos do Círculo. Ele adorou a ideia, tranquiliza-o muito saber-me fechada entre quatro paredes enquanto ele está a trabalhar.

– Então tens a casa à disposição? – perguntou Álvaro, interessado.

– Sim, o único problema é a sua localização. Fica no número 2 da rua General Álava, é um edifício modernista que faz esquina com a rua San Antonio. É muito central, Álvaro. Toda a gente nos pode ver a entrar. Eu tenho a desculpa de estar a restaurar a casa, tu podes sempre dizer que tens de visitar um paciente naquela zona. Não podemos entrar nem sair ao mesmo tempo, temos de deixar passar mais de meia hora. Deves aparecer sempre com a tua mala de médico, fingir que estás a trabalhar. Se ligar para o teu consultório, deixar tocar quatro vezes e desligar, quer dizer que nesse dia te posso ver e espero por ti no apartamento.

– Quatro toques – repetiu Álvaro.

A ideia agradou-lhe.

– Quatro toques – confirmou Blanca. – Arriscamos muito. Se o Javier desconfiasse... nem quero imaginar o que ele seria capaz de fazer, mas tenho uma ideia. Tu queres... achas que devíamos continuar com isto, correndo esse risco?

Álvaro passou para o banco de trás, com as cuecas e as meias postas. Era um dia quente de julho e ele tinha o cabelo empapado dentro daquele forno de carro.

– Sabes que sou incapaz de pensar racionalmente quando te tenho à minha frente, Blanca. Fui um homem cinzento com uma vida cinzenta, não me obrigues a mudar de cor agora. Se quiseres continuar, eu também quero. Teremos tempo para nos lamentarmos das consequências – disse, enquanto tirava de novo a roupa toda e se colocava entre as pernas de Blanca.

Virou o corpo e ela começou a lambe-lhe o pénis ereto enquanto ele se perdia de seguida nos pelos claros da sua pélvis.

A Estátua da Rua Dato

Temos de falar. Não te deixes influenciar por nada do que ouças a meu respeito, #Kraken

Terça-feira, 2 de agosto

Alguém tinha informado Tasio, alguém dentro da prisão já lhe dera a notícia, porque quando o encontrei na sala três estava no meio de uma crise. Andava de um lado para o outro, ignorando a presença da cadeira. Tinha a boca fechada com tanta força que pensei que o seu crânio ia sair a voar disparado de um momento para o outro, desfeito em mil pedaços. Demorou algum tempo até se aperceber de que eu estava ali, esperando com alguma impaciência que ele se sentasse.

– Agora é que não posso voltar de todo a Vitoria, mesmo que prove que não sou o assassino. Para eles sou um maldito abusador de menores: ninguém me vai perdoar isto – disse, com o auscultador na mão e o olhar fixo nas suas unhas.

– Devias ter pensado nisso antes. Tu eras um adulto mediático de vinte e cinco anos, ela tinha quinze. A sério que pensavas que ias escapar incólume?

– Não compreendes. Ela era diferente, era uma jovem adiantada para o seu tempo. Íamos esperar dois anos e sete meses até ela ser maior de idade e então íamos assumir publicamente a nossa relação. Ter-me-iam perdoado. Assim que a Lidia tivesse feito os dezoito anos, ter-me-iam perdoado a diferença de idades.

– Claro – respondi –, como perdoaram ao pai do teu tetravô ter-se casado com duas das suas sobrinhas. É disso que se trata, podes fazer qualquer coisa por direito de nascimento, por teres nascido na família em que nasceste?

– Isto é uma luta de classes e eu não dei por nada? – contrapôs, levantando o olhar. – Vais agora começar a sentir-te inferior por seres neto de agricultores?

Nem sequer devolvi o ataque. Naquele dia, Tasio perdera todo o seu poder e disparava às cegas.

– Cuidado, Tasio. Sabes tão bem como eu que acabaste de revalidar o título de

vilão nacional. Talvez ainda não te tenham contado o que se está a passar hoje no Twitter, mas está a haver uma deserção em massa de seguidores da tua conta. Antes era subversivo seguir-te, agora é simplesmente repugnante. Há um novo trending topic: #TwinMurders. “Gêmeos assassinos”, é como vos chamam agora. Um epíteto mais suave do que aqueles que circulam pela internet: violadores de crianças, perversos, assassinos de menores...

Semicerrou os olhos, aquilo não lhe agradava nada.

– Posso deixar-te aqui e nunca mais voltar para ouvir as tuas teorias – continuei. – Ou agora, mais do que nunca, podes contar-me tudo o que quero saber. A decisão é tua. Pensa bem. Ainda tenho muitas pessoas para ir visitar hoje.

Tasio era uma raposa velha, sabia reconhecer uma derrota a tempo.

– Muito bem, vieste por alguma razão – acedeu finalmente. – O que queres saber?

– Conta-me a vossa história com a Lidia García de Vicuña, a de ambos. Tenho a certeza de que nos próximos dias vou ser obrigado a ouvir várias versões, que tal se começassem por me contar a maldita verdade?

– A verdade... – repetiu, e acendeu um cigarro para de seguida o esmagar contra um dos cinzeiros. – A verdade é que a Lidia andou primeiro com o Ignacio; para ele era mais um passatempo, se bem que o meu gêmeo era muito de respeitar as normas. Até eu fiquei espantado por ele andar a sair com uma rapariga tão jovem. Mas apresentou-ma, apresentou-ma e... segundo o seu bilhete de identidade, a Lidia tinha quinze anos, mas de cabeça era mais velha do que nós os dois. O que eu e ela tivemos foi diferente, não sei como explicar. Perdi a cabeça, mas decidi arriscar tudo por ela. Manter a relação em segredo, para não a prejudicar...

– Não a prejudicar? Acabou assassinada, Tasio.

– É verdade. Infelizmente foi isso que aconteceu. Certo dia, a meio da manhã, ela desapareceu, no meio de toda a tempestade mediática em que eu estava metido, com os programas de televisão a terem cada vez mais audiência, com a cidade num estranho estado de terror por causa do assassinio dos jovens. As pessoas aclamavam-me como se fosse um herói porque procurava desvendar as possíveis pistas históricas dos locais do crime. Lembro-me perfeitamente do último programa que gravei. Ela tinha aparecido morta debaixo da Muralha Medieval, ao lado do jovem de quinze anos, uma criança comparada com ela. Eu estava em estado de choque, mas tinha de disfarçar. Não podia contar nada a ninguém, nem sequer ao meu gêmeo, por isso tive de fazer das tripas coração para seguir em frente. A diretora insistiu comigo para gravar o mais depressa possível aquele maldito programa em que tinha de analisar por que razão o

assassino escolhera aquele local. Os antecedentes da Vitoria medieval, a restauração das ameias... Não faço a mínima ideia do que gravei, sei que a gravação foi interrompida porque chegaram vários agentes, prenderam-me diante de toda a equipa. Perguntei pelo Ignacio, não percebia nada do que se estava a passar. E disseram-me que a ordem tinha partido dele.

– Na altura, pensaste que era uma vingança. Que tinha descoberto que lhe tinhas roubado a namorada – disse, estreitando o laço e esperando que ele caísse na armadilha.

“Anda, dá-me qualquer coisa com que possa trabalhar.”

– Enganas-te. O Ignacio jamais teria coragem para a matar. Tu próprio já te fartaste de estudar perfis de assassinos. O Ignacio não encaixa no perfil, é...

“É o teu beta, é isso que não me estás a dizer? Que como alfa não concebes que um beta como o teu irmão faça um trabalho sujo por ele mesmo?”

– Continuas a defendê-lo, ao fim de vinte anos?

– Acredita em mim, neste momento estou sozinho neste barco que se está a afundar e estou a olhar pelos meus interesses. Não estou a defendê-lo, mas se te deixo acreditar que foi ele, vais voltar a perder o teu tempo e não vais encontrar o verdadeiro assassino. Diz-me, génio, quem é que deu as fotos ao jornal, quem é que sai beneficiado com o aparecimento destas imagens? Eu? O Ignacio? Pelo amor de Deus, esta foi a machadada final para ambos! Estamos acabados! A pessoa por trás disto está hoje a brindar com Dom Pérignon.

– Tens inimigos, qualquer familiar das crianças que mataste, qualquer pessoa próxima delas que não esteja feliz por te teres transformado numa estrela de novo. Foste condenado por oito assassinios, vais sair em liberdade em breve, achas mesmo que as pessoas te vão aplaudir na rua só porque te reinventaste profissionalmente na prisão? Consigo pensar em milhares de razões para que as pessoas te façam a vida num inferno, Tasio.

Olhou para mim com uma expressão que me pareceu de frustração.

– Tento apenas que vejas as coisas de modo diferente da maioria. És a minha única oportunidade de sair daqui com garantias, consegues perceber isso?

“Muito bem, não há maneira de que me fales mal do teu irmão, mudemos de direção ou esta visita vai ser completamente inútil”, pensei.

– Falemos então agora de algo que tem a ver com ver as coisas de modo diferente da maioria. E agora estou a falar com o arqueólogo. Lembras-te do programa que dedicaste ao triângulo formado pelas ermidas de Ochate, San Vicentejo e Burgondo?

– Sim, claro. Não teve muita audiência, estávamos a começar e ainda não sabíamos bem que tom dar ao programa, mas o tema era muito interessante, mais na linha do que eu queria, na verdade.

– A que te referes? – incentivei-o.

– Sabes, mais do que os avistamentos de OVNI ou as supostas pragas bíblicas, continuo convencido de que esta zona de Treviño foi um enclave importante para as pessoas que lá viveram, um enclave do tipo místico, telúrico. Apesar de eu ser demasiado racional para pensar que ainda é, acredito que para os seus habitantes e para aqueles que construíram aquelas igrejas, o lugar tinha algo de especial e foi o centro de algum tipo de reuniões ou encontros de certos grupos do passado.

– Entrevistaste um homem mais velho, uma espécie de mestre canteiro, que se tinha encarregado da restauração da ermida de San Vicentejo, mas no programa não mencionas o seu nome e de todas as vezes que falas com ele, só aparece de costas. Foi uma opção de edição?

– Pediu-nos para não ser identificado nas imagens. Era um homem discreto, isso acontecia-nos muito com convidados mais velhos. Porque me estás a perguntar tudo isso?

“Porque uma das gravuras é uma representação exata dos crimes, seu maldito egocêntrico demente, e quero saber se foste tu que tiraste a ideia de lá, ou se o verdadeiro assassino nos leva uma vantagem maior do que pensamos.”

– Não estás em condições de fazer perguntas. Tu é que decides se me queres ajudar com a investigação, Tasio – repliquei, cansado de tanta oposição. – Lembras-te ou não?

Deu um longo suspiro, frustrado.

– Sim, lembro-me. Vejamos, chamava-se... Tiburcio. Tiburcio Sáenz de Urturi, natural de Ozaeta. Lembro-me dele porque sempre pensei que não batia certo com o seu perfil.

– Como assim?

– Porque ele não era um simples pedreiro, mas sim um erudito em construções medievais. Sabia imenso sobre a simbologia medieval, era um livro aberto quando começava a falar do significado de todas as imagens da ermida. Uma espécie de sábio ignorante, ou de génio bronco, se me permites dizê-lo.

– Sabes onde posso encontrá-lo?

– Perguntas-me a mim, vinte anos depois? Se não está morto, pode ser que continue a viver na aldeia, ou que esteja nalgum lar. Não deve haver muitas pessoas com o mesmo nome que ele. Aposto que consegues a morada antes mesmo de arrancares com o carro do parque de estacionamento.

– Só há uma maneira de o saber – disse, levantando-me. – Diz-me uma coisa, o que vais fazer com a tua conta de Twitter, agora que toda a gente vai desprezar tudo o que escreveres?

– Sabes bem que não tenho nenhuma conta de Twitter para alimentar, mas se tivesse continuaria a enviar-te mensagens e a comunicar-me contigo para te

tentar guiar na tua investigação. Sim, era isso que faria, Kraken.

Assenti em silêncio e abandonei a sala.

∴∴∴

Liguei para Estíbaliz assim que entrei no carro. Tínhamos enviado dois agentes à casa de Ignacio, na rua Dato, para lhe pedir que se apresentasse na nossa sede em Lakua para falar dos últimos acontecimentos.

– O que disse o Ignacio? – perguntei, assim que me atendeu.

– O Ignacio não disse nada. Não está em casa, ou pelo menos não dá sinais de vida, nem atende o telefone ou nenhum dos outros números de contacto que temos. Estou a ir para o seu chalé em Laguardia com dois agentes. Se não o encontrarmos lá, temos de falar com o juiz Olano para nos emitir um mandado de busca e captura.

– Já lá vamos, Esti. Não me parece que tenhamos material suficiente para convencer o juiz.

– Parece-te pouco que nos tenha mentido quanto à sua relação com uma das vítimas? – gritou-me ao ouvido, perdendo a paciência.

– Penso que nos deve uma conversa, mas temos apenas umas fotos em que se vê ambos a partilharem um gesto carinhoso. Não é uma prova de assassinio.

– O que se passa contigo e com os gémeos, Unai? Nem sequer agora te parecem suspeitos?

– Vais perceber tudo quando te explicar hoje à tarde, na esquadra. Agora vai lá buscar o Ignacio, e se o encontrares aperta com ele o máximo possível. Tenho umas quantas visitas para fazer.

Quase uma hora mais tarde cheguei ao centro de Vitoria, entrei num portão enorme na rua General Álava e subi ao último andar, onde estava sediada, desde o início dos tempos, a redação do jornal El Diario Alavés.

O rapaz da receção olhou para mim com uma expressão de pânico, imagino que me reconheceu, que me deve ter visto alguma vez com Lutxo ou talvez o hashtag Kraken estivesse a tornar-me mais famoso do que eu pensava.

– Estou à procura do Lutxo.

– Está na sua secretária – disse, com ar de quem não sabia o que me responder. – Posso avisá-lo, se quiser.

– Não, não precisa de o avisar. De certeza que vai ficar feliz por me ver – respondi, metendo-me por um corredor em que todas as cabeças se levantaram à minha passagem e me seguiram em silêncio.

Encontrei-o sentado na última mesa, com o telemóvel praticamente a deitar fumo, a falar a uma velocidade de cem palavras por minuto, mergulhado no seu

próprio pico de popularidade. Diria que estava feliz, exultante.

Demorou algum tempo a reparar na minha presença, ou talvez tenha sido o silêncio expectante que se formou à nossa volta que fez com que levantasse a cabeça e me visse.

– Olha... ligo-te mais tarde. Tenho um assunto urgente na redação – disse ao seu último interlocutor assim que me viu. Desligou. – Não demoraste nada, Kraken.

– Tu é que não demoraste nada, Lutxo.

– Vamos para aquela sala, está vazia. – Guiou-me com um gesto ao mesmo tempo que se levantava.

Os seus colegas voltaram a fixar o olhar nos ecrãs, fingindo que estavam concentrados em entregar a notícia da sua secção antes das sete, a hora de fecho.

Fechou a porta da sala atrás de si. Das janelas viam-se os telhados da Amêndoa Medieval, coroados pela torre da igreja de San Miguel.

– Vá, anda, podes desancar-me, amigo – disse-me. – Mas não grites muito, porque aqui as paredes têm ouvidos.

– Amigo? Só podes estar a gozar comigo, amigo. Publicaste o que publicaste sem me consultar para ver se era conveniente para a minha investigação. Diz-me, em que termos fica a nossa colaboração agora, amigo?

– Colaboração, Unai? Chamas a isto colaboração? Não me estavas a passar nada, absolutamente nada.

– Porque não temos nada, maldito sejas! – gritei, esquecendo-me de onde estava e com quem estava.

– Pois agora dei-te com que te entreteres, começa a fazer o teu trabalho. Tens Vitoria inteira e meio planeta à espera. Eu já fiz a minha parte.

Voltei-me de costas para ele e procurei acalmar-me, olhando para o perfil dos telhados da cidade.

– Muito bem. Não vim cá para fazer uma cena. Vim na qualidade de inspetor de uma investigação que está a decorrer. No jornal onde trabalhas publicou-se um artigo assinado por ti com provas de imagens do condenado de um assassinio com uma das suas vítimas. Como é que essas fotografias te chegaram às mãos?

– Sabes o que dizemos sempre a respeito das nossas fontes.

– Não me aborreças, Lutxo. Nessa maldita fonte pode estar a chave para deter os assassínios. Não te importa que continue a matar? Quem foi, o Eguzkilore?

– O Eguzkilore? – repetiu, espantado. – Claro que não. Bem, acho que não, pelo menos que eu saiba.

– Que tu saibas? Não sabes? Não sabes quem é que te enviou as fotos, é isso? Acariciou a pera branca, frustrado.

– É difícil mentir-te, Unai.

– Pois então não tentes, Lutxo. É simples. Não tentes. Quem é que te deu essas fotos?

Naquele momento, uma pancada na porta interrompeu-nos. Entrou um homem com uma expressão austera e bem vestido. Lutxo levantou-se assim que o viu.

– Tudo bem, Lutxo?

– Tudo bem, chefe. A minha visita já estava a ir-se embora – respondeu, enquanto me pedia com o olhar que me calasse.

Finalmente estava diante do mítico e hermético diretor do El Diario Alavés, um homem com poder, mas cujo rosto poucos tinham visto nas últimas décadas. O seu aspeto físico era demasiado normal e discreto comparado com a terrível lenda que se criara à sua volta.

Abandonei a sala de reuniões sem olhar Lutxo nos olhos, e descí os sete andares do edifício pelas escadas, como fazia sempre que precisava de pensar com rapidez. A atualidade mandava, pelo menos para o resto do mundo, mas eu continuava obstinado em ver mais além do que aquela primeira página de jornal.

Tempo, precisava apenas de tempo. Que me dessem tempo para reunir alguma coisa sólida.

O meu telemóvel tocou, olhei para o nome que apareceu no ecrã e preferi aceitar a chamada.

– Olá, inspetor Ayala. Tens um momento?

– Não muito. O que vais publicar no El Correo Vitoriano?

Mario Santos fez uma pausa para pensar, depois respondeu à sua maneira, com calma.

– Estás no centro? Talvez nos possamos encontrar. Eu hoje também estou cheio de pressa, o meu diretor parece que vai subir pelas paredes.

– Encontramo-nos daqui a cinco minutos no Usokari, se te parecer bem – sugeri. – Ainda não almocei.

Passado pouco tempo, estava eu a terminar os meus cinco pinchos, apareceu Mario e sentou-se à minha frente, na mesa mais discreta do bar, a que dava para a rua da Arca.

– Imagino que leste a edição especial do El Diario Alavés – disse, em modo de cumprimento.

– Sabias de alguma coisa, Mario?

A ele, sim, podia perguntar, sem medo de que me escondesse alguma coisa.

– Se te dissesse que não, estaria a mentir. São rumores que circularam pela redação durante vinte anos. Sabia-se que ambos gostavam delas juvenis. Quando incriminaram o Tasio, o Ignacio jogou bem a sua cartada junto dos media e com a televisão, e todos ficaram em silêncio, mas sempre se suspeitou em certos círculos que a rapariga de quinze anos podia ter sido uma das suas

amigas. Naquela época, as pessoas fechavam os olhos ao que eles faziam. O Tasio era intocável até ao dia em que foi preso, tal como o Ignacio passou a ser. No El Correo Vitoriano não quisemos dar eco às fofocas ou entrevistar pessoas que pareciam dispostas a falar. Para quê chafurdar mais na porcaria, com os cadáveres de oito crianças na mesa de autópsias? O importante foi que os crimes pararam.

Esperou que eu acabasse de comer a minha tortilha, enquanto mexia calmamente o seu café com leite.

– Mas temos de dar continuidade a isto. Compreendes, não é verdade? Estamos a seguir uma linha muito menos agressiva, mas os nossos leitores estão à espera de, ao comprarem o jornal, terem mais informação do que a pouca que lhes estamos a dar. Inspetor, não quero ignorar a explicação oficial.

– Não te posso impedir que publiques a notícia, as imagens existem. Só te posso dizer que estamos a seguir outras linhas de investigação, para além desta.

– Pensei que isto seria suficiente para se centrarem nos gémeos – comentou, bebendo o seu último gole de café.

Não era hábito que Mario falasse mais do que devia, olhei para ele com estranheza.

– Diz-me, Mario, o teu chefe está a apertar assim tanto contigo?

– Estou a tentar travá-lo, mas ele quer sair hoje com a história do crime passionai a ocupar a primeira página, como é natural. Liguei-te por uma questão de consideração pessoal: não quero fazer nada que aborreça os canais oficiais. Para mim, este é um relacionamento a longo prazo, o mundo não acaba amanhã nem com este caso, não quero queimar-me publicando alguma coisa que nos torne inimigos da Polícia.

– Acredita que é um alívio encontrar um jornalista que pense como tu. Olha, vou-te mantendo atualizado, e se tiver alguma coisa que possa ser publicada, ligo-te, como sempre faço.

– Estou a contar com isso, inspetor – disse ele, olhando para o relógio.

De seguida, aproximou-se do balcão, pagou o seu café e os meus pinchos e foi-se embora. Decidi ir à geladaria Breda, na mesma rua Dato, para terminar o meu almoço com um gelado de baunilha e caramelo. Era a única coisa que me podia salvar o dia.

Estava a sair do Usokari quando recebi um telefonema de que não estava à espera. Era Aitana, a ex-namorada grávida de Ignacio.

– Inspetor Ayala, preciso de falar consigo, há uma coisa que não lhe contei – murmurou, com a sua voz rouca de viciada em tabaco.

– É importante? – perguntei.

– Para mim, muito. Penso que para si também. Leu o jornal?

“Quem é que não leu?”

– Está relacionado com os gémeos?

– Sim, claro que está.

– Sei que talvez esteja a pedir demasiado, mas hoje não me parece que vá ter tempo para me encontrar consigo. Pode contar-me ao telefone, ou pelo menos adiantar-me do que se trata?

Demorou alguns segundos antes de responder.

– Está bem. – Ouvi-a a soltar o fumo do outro lado da linha. – O Tasio e o Ignacio trocaram-me entre eles.

– Desculpe, pode explicar-me melhor?

– Nunca contei isto a ninguém em vinte e sete anos, mas trocaram-me. Era um dos seus jogos, eles sempre se vangloriaram de que poderiam fazer-se passar um pelo outro com as namoradas que elas nunca dariam por nada, mas quando comecei a namorar com o Ignacio, nunca o achei capaz de fazer isso, pelo menos não comigo. Nós tínhamos dezoito anos, mas a nossa relação era um pouco mais séria, pelo menos do que as histórias do Tasio de uma noite. Aquela época coincidiu com a morte da mãe deles, o Ignacio passou um mau momento e eu estive sempre do seu lado. Simplesmente... nunca imaginei que o Ignacio me faria tal coisa. Essa foi a razão por que acabei com ele.

– O que aconteceu exatamente? – perguntei, enquanto caminhava pela rua Dato.

– Num dia, como outro qualquer, o Ignacio ligou-me para que fosse a casa dele: ao palácio dos Unzueta, onde cresceram. Costumava fazê-lo quando sabia que não estaria ninguém durante algumas horas. Aproveitávamos e fazíamos sexo que nem loucos no seu quarto. Naquele dia, o Ignacio abriu-me a porta pelo intercomunicador e pediu-me para entrar diretamente para o seu quarto, estava um pouco às escuras e eu encontrei-o na cama. Deitámo-nos em silêncio, senti que ele estava um pouco estranho: algumas reações que não conhecia, gestos que não eram habituais nele... mas deixei-me levar. Foi só depois, quando terminámos e ele começou a falar que me apercebi de que não era o Ignacio.

– Mas como... Espero que não interprete isto como uma pergunta depravada, mas tenho de lhe perguntar.

– Não há problema, não é uma questão tão íntima como parece. Assim que abriu a boca, soube que era o Tasio. A voz era diferente, a maneira de falar mais rápida, mais despreocupada, mais à Tasio. Foi aterrador estar deitada numa cama, nua, com alguém e aperceber-me de que afinal era outra pessoa.

– O que fez?

– Desatei a gritar que ele não era o Ignacio, ele riu-se, confirmou-me que era o Tasio, que queria muito estar comigo e que o seu irmão concordara, que eram

dívidas que eles tinham entre eles e que cobravam um ao outro. Saí dali a correr, peguei nas minhas roupas e fui-me embora. Fiquei muito alterada durante alguns dias. O Ignacio nem sequer se defendeu quando acabei com ele. Limitou-se a dizer-me que eu sabia com quem estava a namorar quando decidi estar com ele, como se toda a gente contasse tacitamente com aquela troca, menos eu.

Respirei fundo, já não me apetecia ir comer um gelado de baunilha e caramelo ao Breda. Já não me apetecia nada. Dei alguns passos e sentei-me no banco do toureiro de bronze. Pelo menos ele parecia ser de confiança.

– Não o denunciou?

– Denunciar? – Riu-se, como se eu tivesse contado uma piada de mau gosto. – Denunciar o quê? Como desfrutámos do momento? Era uma violação com a qual eu colaborei?

– Aitana, foi enganada para ir para a cama com alguém com quem não escolheu ir.

– Eu sei, repito isso para mim própria todos os dias, quando me levanto. Repito-o para mim mesma, é o que me manda o meu psicólogo, e estou a cumprir. Agora estou disposta a testemunhar contra ambos. Desde os dezoito anos que carrego este peso, calada, porque eles eram intocáveis, disfarçando o nojo que me davam, de cada vez que saía com o nosso grupo de amigos e eles estavam presentes. Agora não me quero calar mais.

– Porque continuou a dar-se com eles? Porque continuou a defender o Ignacio até hoje?

– O que queria que fizesse, que ficasse sem o meu grupo de amigos? O inspetor vive nesta cidade, sabe muito bem como é.

– Certo. O que vai fazer agora?

– Na verdade, se houve crime, já deve ter prescrito. Mas contar-lhe isto já foi um grande passo para mim. Sinto-me... aliviada, e não envergonhada pelo que aconteceu, como até agora. Simplesmente sinto que, por uma vez na vida, fiz o que tinha de fazer. Penso que isso me basta.

– Não sei se lhe servirá de consolo, Aitana, mas o que acabou de me contar foi uma grande ajuda. Agradeço-lhe muito a sua sinceridade – disse, ao despedir-me dela.

O toureiro de bronze olhou para mim, podia jurar que ele também tinha ficado maldisposto.

Quando cheguei ao meu gabinete, Estíbaliz ainda não tinha regressado, por isso fui ao gabinete de Pancorbo.

– Gostava de falar contigo a respeito do caso da Muralha Medieval e do que te

lembras desse crime.

– Não há problema, pergunta – disse, como se estivesse há tempos à espera daquela conversa.

– O sémen que se encontrou na vagina da rapariga de quinze anos era do Ignacio ou do Tasio?

– Do Tasio.

– Foi por isso que o Ignacio prendeu o irmão?

– Cronologicamente, foi o detonador, claro.

– Explica-te, por favor.

– Eu sabia que o Ignacio andava com uma rapariga muito mais jovem, mas não que ela era menor, na verdade ela não parecia. Estava muito desenvolvida, e nunca imaginei que o Ignacio fosse tão estúpido ou estivesse tão doente, na verdade. De qualquer modo, ele era incrivelmente discreto e tomava todas as precauções para não ser descoberto, mas sabes como é entre colegas. Passas demasiadas horas com alguém, notas as suas mudanças de humor, as suas mentiras, quando está distraído...

– Sim, eu sei. Todos passamos por isso – interrompi-o, incomodado.

– No dia em que recebemos o resultado da autópsia, estava muito afetado, fora de si, apesar de não termos falado do assunto. Ele jamais o teria reconhecido, teria ido parar à prisão por corrupção de menores. Depois houve a descoberta do veneno de teixo e tudo se precipitou.

– Que descoberta?

– O Ignacio tinha as chaves da casa do Tasio na rua Dato. Entrámos enquanto o seu irmão estava no canal de televisão a preparar o programa. Eu próprio encontrei um saco de plástico com folhas de teixo no seu escritório. Estava muito bem escondido, atrás de um eguzkilore de barro que tinha pendurado na parede. Foi o suficiente para o Ignacio ordenar a sua detenção. De seguida, a Unidade da Polícia Científica encontrou impressões digitais do Tasio no saco, obviamente, e também houve correspondência entre as folhas de teixo e o veneno encontrado nos oito cadáveres. Em relação à rapariga e ao rapaz de quinze anos, ambos foram drogados antes, imagino que para não resistirem na altura em que os obrigaram a beber o veneno.

– E os pais da rapariga? Porque não falaram com a imprensa? Porque não foi do domínio público, até agora, que o Tasio teve relações com ela antes de morrer? Estava toda a gente furiosa com o Tasio, teria sido normal que os pais tivessem colocado mais lenha na fogueira.

– Tenho a certeza de que os pais sabiam que a filha andava com um dos gémeos, ou talvez soubessem que tinha estado com os dois. Não disseram nada por causa do estigma social. A filha deles estava morta, era uma mártir, uma

vítima. O Tasio foi para a prisão, sem que o escândalo sexual fosse descoberto. Percebo que não tenham querido remexer naquele assunto.

– Sim, também consigo perceber – tive de reconhecer. – Diz-me uma coisa, depois de tudo o que aconteceu, não achas que o Ignacio fez desaparecer a autópsia da rapariga para que não se soubesse a motivação sentimental?

– Quero ser justo com ele. Não lhe devo nada, nem ele a mim, mas quero ser justo com o meu antigo colega. Seria muito simples deixar-me levar pela onda de indignação que se sente em cada café desta cidade e dizer mal dele. Mas para ser um bom polícia, tenho de te dar uma resposta honesta e a verdade é que não faço a mínima ideia.

– Foste uma grande ajuda, Pancorbo. Agradeço-te muito.

– Sempre que quiseres – murmurou e deixei-o sozinho no seu gabinete, olhando para o ecrã à sua frente que eu sabia que ele não estava a ver. Pouco depois convoquei uma reunião; a subcomissária Salvatierra e a minha colega esperavam-me na sala de reuniões do segundo andar. Foi Estíbaliz quem começou.

– O Ignacio continua impossível de localizar, a casa de Laguardia estava fechada a sete chaves, mas ainda não conseguimos convencer o juiz Olano a emitir um mandado de busca e captura. Vamos dar-lhe mais algumas horas, mas devíamos centrar-nos em conseguir provas que o incriminem.

De seguida fiz-lhes um resumo das minhas conversas com Tasio, Aitana e Pancorbo.

– O que preciso é que todos nós demos um passo atrás e olhemos para tudo o que está a acontecer desde a véspera de Santiago como meros espectadores a quem lhes é indiferente o assassino ser um dos gémeos ou qualquer outra pessoa.

– A que se refere, inspetor? – interrompeu Alba.

Olhei para ela durante alguns segundos a mais do que o necessário; percebi que ela estava cansada, eu também estava.

– Subcomissária, estamos perante um crime em série, premeditado e frio com vítimas anónimas, cuja única ligação é cumprirem dois requisitos: idade e apelido, e agora estão a tentar vender-nos como um crime passional. Mas a vítima também se encaixa nestes dois requisitos, por isso esta montagem é falsa, não acredito em nada disto.

– Explica-te, Unai – disse Estíbaliz, de sobrolho franzido.

– Há mais alguém por trás disto, e não são os gémeos: se o último crime foi passional, qual o papel das primeiras vítimas? Porquê esta coincidência de idades e de apelidos de Álava? Aquela rapariga ia ser uma das vítimas desde o início.

– De acordo, mas isso não iliba nenhum dos gémeos – replicou a minha

colega.

– Imaginemos que foi o Tasio. Não faz muito sentido que quisesse, desde o início, matar a sua própria namorada, que já tinha andado com o seu irmão, e que para disfarçar matasse outras sete crianças de antemão, montando um complexo cenário pagão. E que, além disso, deixasse o seu próprio sémen. Esse pormenor não vos parece demasiado atabalhado?

– Mas bate certo se tiver sido o Ignacio – disse Estíbaliz. – Imaginemos que o Ignacio queria matar a ex-namorada por dormir com o seu irmão. Poderia ter premeditado tudo desde o início. Matar as outras sete crianças, encenando os crimes históricos, deixar que a ex-namorada dormisse com o Tasio para a matar a seguir, fazendo com que a autópsia revelasse que ela tinha o sémen do Tasio. Colocar a prova do veneno de teixo num saco de plástico com as impressões digitais do Tasio no escritório dele para que o Pancorbo as encontrasse e assim incriminá-lo... As peças encaixam todas agora.

– Tudo bem, até aí é verosímil, mas e o que aconteceu hoje? Na minha opinião, o que aconteceu hoje foi o maior erro que o verdadeiro assassino cometeu em vinte anos. Quem enviou aquelas fotos ao jornal andava a seguir os gémeos antes do assassinio da jovem, e guardou-as durante duas décadas para as mostrar ao mundo precisamente hoje. Isto não partiu do Tasio nem do Ignacio. As fotos não só os prejudicam, destroem-nos. Não há maneira de recuperarem desta situação: agora são ambos pedófilos, ninguém os vai perdoar por isso. Daí achar que não foram eles. Há uma terceira pessoa empenhada em incriminá-los e acabar com ambos. Primeiro tratou do Tasio, e agora quer que todos pensemos que o Ignacio é o assassino. Temos de nos adiantar às suas ações, e não andar atrás.

– O que sugere então, inspetor? – perguntou Alba.

– Precisamos de localizar o Ignacio, como é óbvio, e verificar o álibi que nos dê para justificar onde esteve no dia e na véspera de Santiago, mas devemos continuar a investigar o ambiente à volta dos gémeos desde o seu nascimento até aos vinte e cinco anos: temos de encontrar o verdadeiro motivo de tudo isto, porque há alguém muito inteligente e muito paciente que pensa ter motivos para os destruir. Creio que este é o perfil mais complexo com que me deparei em toda a minha vida: um período de pausa de vinte anos significa que o assassino é um psicopata capaz de controlar as suas emoções durante muito tempo. Não penso que ele esteja equivocado, não me parece que o vamos apanhar por um passo em falso que dê, e não acho que saibamos mais agora do que no início do seu plano.

Txagorritxu

Não sigas o jogo dele nem lhe permitas reformular numa altura destas. Reagrupa as tuas pistas iniciais. Agarra-te a elas, #Kraken

Quarta-feira, 3 de agosto

Eram seis da manhã quando saí de novo para correr. No dia seguinte começavam as Festas da Virgen Blanca, e as ruas não iam estar tão desimpedidas como eu desejaria. Na verdade, preferia que estivessem quase desertas.

Quase.

Mas naquele dia não a encontrei a correr pelas ruas do centro com a sua trança preta, de modo que me foquei na minha rotina e uma hora mais tarde voltei à praça da Virgen Blanca com intenção de voltar para casa. Mas antes lembrei-me de um assunto pendente e aproximei-me do quiosque na esquina da rua Postas, onde a minha amiga Nerea já estava a abrir portas e a pôr os jornais e revistas nos escaparates.

– Bom-dia, Nerea – disse, aparecendo por trás dela. Ela deu um salto e voltou-se, sobressatada.

– Kraken! Quero dizer, Unai. Que susto me pregaste – respondeu, levando a mão ao peito.

– Sim, era precisamente sobre isso que queria falar contigo. Do Kraken, dos sustos... e de que não consegues manter a boca fechada e que por isso me estás a transformar numa celebridade sem o meu consentimento.

– De que é que estás a falar, Unai? Não é que tenha andado a falar com muita gente a teu respeito... Bem, um pouco, como toda a gente – disse, afastando a franja.

Aproximei-me ainda mais dela, deixando muito pouco espaço entre o meu corpo e o balcão. O quiosque tinha apenas nove metros quadrados. Estava a tentar intimidá-la à grande. Éramos amigos e eu gostava muito dela, mas não

podia continuar a permitir que continuasse a ser uma inconsciente.

– Nerea, tens de parar com isso. Percebo que as pessoas te façam perguntas no quiosque. A cidade inteira de Vitoria fala do assunto, mas daí a mostrares uma fotografia minha no telemóvel a qualquer pessoa que aqui passe e lhe contares que sou o Kraken... Dás-te conta do perigo em que me estás a colocar?

– Perigo? – Encolheu os ombros. – Um pouco de fama não faz mal a ninguém, muitas pessoas até gostam. Não fiques assim.

Aproximei-me mais um pouco dela, apesar de a minha t-shirt estar empapada em suor.

– Não estás mesmo a perceber, Nerea. Isto não é uma historiazinha da imprensa cor-de-rosa. Não pensaste que o assassino pode ter falado contigo e que tu, ao mostrares-lhe a minha foto, o levaste até mim? Podes ter-me posto em perigo. Podes ter contado a alguém, que contou a alguém, que contou a alguém. Diz-me, se me acontecer alguma coisa, como é que vais conseguir dormir à noite?

Engoliu em seco.

– Unai, sinto muito. Não tinha pensado nisso. Estás a falar a sério?

– Infelizmente, sim, estou a falar a sério. O meu trabalho não é uma brincadeira, e isto são crimes de verdade, não são simulações. O que estás a fazer não constitui um delito, mas estás a um passo de eu deixar de te considerar minha amiga. Da minha parte, se tornar a saber que continuas a mostrar a minha foto, terás ultrapassado os limites e podes esquecer a nossa amizade, porque não faço tenções de voltar a falar contigo na vida.

– Caramba, sinto muito... – respondeu, corada até à raiz dos cabelos. – Não fazia a mínima ideia.

– Eu sei, Nerea, eu sei. Mas tens de parar com isso.

Baixou a cabeça, bastante envergonhada.

– Tens a minha palavra, Unai. Não vou abrir mais a boca a partir de agora.

“Vai ser complicado”, pensei. Mas pelo menos sabia que ia tentar. Nerea tinha bom fundo, apesar de ter muitas dúvidas a respeito da sua força de vontade.

Despedi-me dela e retomei o meu caminho de regresso a casa.

O meu destino nessa manhã era o lar de Txagorritxu. Depois de uma pesquisa rápida nos registos do meu computador, tinha localizado Tiburcio Sáenz de Urturi, natural de Ozaeta, viúvo de oitenta e sete anos e sem família neste mundo.

Não quis avisar Estíbaliz para não lhe estragar o dia. O seu pai estava no andar dos casos de Alzheimer de Txagorritxu, e eu sabia como as visitas eram difíceis

para a minha colega. Estíbaliz vinha de uma família bastante disfuncional, nunca falava disso, mas constava-me que o seu pai tinha sido um homem violento com os filhos, e ela própria recebera o diagnóstico de Alzheimer precoce com uma mistura de alívio e preocupação.

O lar ficava muito perto do meu trabalho, mas decidi ir de carro e estacionar dentro do recinto, rodeado de pinheiros e de outras árvores que davam sombra a vários dos residentes que conversavam ou dormitavam espalhados pelos bancos de madeira.

Entrei e dirigi-me ao balcão. O quarto do senhor Tiburcio ficava no segundo andar, que foi para onde me encaminhei, depois de subir num elevador que ia tão lentamente como os moradores daquele microuniverso de reformados.

Quando a porta do elevador se abriu, fiquei diante de três corredores, sem saber muito bem para onde me dirigir, de modo que empurrei uma das portas de metal com claraboias de vidro para perguntar a um enfermeiro.

Vi um rapaz com um uniforme azul-claro a empurrar uma cadeira de rodas vazia e fazia tentativas de me aproximar dele, quando ouvi o meu nome a ser sussurrado atrás da minha nuca.

– Kraken... – disse uma voz muito grave.

Voltei-me alarmado, tinha-me assustado. À minha frente vi um homem que ainda não parecia ser idoso. Calçava uns chinelos de andar por casa e vestia um casaco de fato de treino do Deportivo Alavés. Só o reconheci porque tinha o cabelo ruivo misturado com alguns grisalhos nas têmporas. Os seus olhos castanhos, iguais aos da sua filha, observavam-me com, diria eu, malícia. Pareceu-me que por trás daquele doente havia uma pessoa inteligente, ou por vezes inteligente, que lutava por vir à superfície.

– É o senhor Ruiz de Gauna, não é? – perguntei, sem saber muito bem o que fazer. Também não me lembrava do nome do pai de Esti. Será que deveria?

– Kraken... – repetiu ele. Pelos vistos lembrava-se de mim de quando eu e Esti éramos adolescentes e os nossos grupos de amigos às vezes combinavam subirmos ao monte Gorbea ou a San Tirso juntos.

– Desculpe, jovem! Não pode estar aqui, a não ser que seja familiar de um dos pacientes – repreendeu-me uma enfermeira magra e mais alta do que eu, enquanto se aproximava do pai de Estíbaliz e o conduzia para que se sentasse de novo na cadeira de rodas.

– Estou à procura do quarto 238, mas acho que não é por aqui. Será que me pode ajudar? – respondi, e olhei uma última vez para o pai da minha colega, mas pareceu-me que diante da enfermeira fingiu ficar com o olhar perdido.

– Saia desta ala e dirija-se ao corredor azul, fica mesmo em frente – limitou-se a dizer a mulher.

Fui-me embora obedientemente, e passado pouco tempo encontrei o quarto.

Bati à porta e esperei um pouco, mas ninguém respondeu. Tornei a fazer o mesmo, desta vez com mais força, e por fim tive resposta.

– Quem é?

Tinha a voz gasta, rouca, como se carregasse com ele uma pneumonia eterna. Atrevi-me a abrir a porta e vi um idoso encolhido na sua cadeira de rodas metálica. O cabelo era branco e forte, as maçãs do rosto salientes num rosto que em tempos foi afável mas que agora estava consumido pela idade. Mantinha a cor tostada daqueles que trabalharam a vida toda no campo, mas estava vestido com um incongruente fato e gravata, como se esperasse visitas ou fosse o convidado de honra de algum evento municipal.

– Senhor Tiburcio?

– Quem quer saber? – respondeu expectante.

– Sou o inspetor Unai López de Ayala. Estou a investigar um caso e penso que o senhor e os seus conhecimentos da ermida da Concepción de San Vicentejo me poderão ser úteis.

– Aconteceu alguma coisa de mal à ermida? – perguntou-me, um pouco alterado.

– Não se preocupe, o edifício está em perfeitas condições e continua de pé. Lembra-se do Tasio Ortiz de Zárate?

– O arqueólogo da televisão? Claro, como me poderia esquecer. Era um verdadeiro turbilhão, não descansou enquanto não me convenceu a aparecer no seu programa. Um bom rapaz, ninguém imaginava que ia acabar assim. Pertencia a uma dessas famílias que... Sabe como é, uma dessas famílias que existem desde sempre e ninguém pensa que lhes vai acontecer alguma coisa de mal. Eu... sempre acreditei na igualdade, com letras maiúsculas. Mas não fique aí parado, sente-se aqui comigo – convidou-me, apontando para uma pequena cadeira de madeira junto à janela, que dava para um telhado plano coberto de pedras brancas.

Disseram-me que o senhor se encarregou da última reforma do templo, e que é uma espécie de mestre canteiro, dos que já não existem, além de ser um especialista na iconografia do templo de San Vicentejo.

– Sim, digamos que a minha família vem de um antigo ramo de construtores...

– disse, mecanicamente, como se tivesse dado a mesma explicação milhares de vezes no passado.

– Se me pudesse dar uma aula magistral sobre o assunto, seria de grande ajuda.

– Aula magistral? – Sorriu para si mesmo, como uma criança travessa. – Jovem, pode abrir aquele armário?

Obedeci sem compreender, e por baixo dos três fatos do ancião encontrei uma caixa decorada com as conchas do peregrino.

– Traga-me a caixa, ande.

Tiburcio abriu a caixa e tirou de lá de dentro uma pesada chave de ferro, parecida com a que nós, em Villaverde, rodávamos entre os poucos vizinhos que, em cada mês, ficavam encarregados de subir ao campanário para tocar o sino.

– É uma réplica. Deu-ma um representante da família proprietária durante a restauração. Ficaram tão satisfeitos com o resultado que me deixam lá ir sempre que quiser, apesar de não a ter ido visitar desde que deixei de conduzir. Rapaz, por acaso não tem um carro com um porta-bagagens bem grande? – perguntou, com cara de malandro.

Meia hora mais tarde chegávamos a San Vicentejo.

O senhor Tiburcio sorria sentado no banco, enquanto o meu Outlander percorria a estrada, rodeada de carvalhos, pinheiros e faias. A paisagem foi-se tornando mais verde, mais cerrada, e trouxe um pouco de frescura àquela manhã de verão.

Estacionei o carro numa rua lateral, tirei a cadeira de rodas do homem mais velho e empurrei-o para o campo de erva brilhante onde se erguia a pequena ermida românica.

– Muito bem, jovem. Esta ermida é única, o que quer saber exatamente sobre esta estranha maravilha?

Empurrei a cadeira do senhor Tiburcio até à parte traseira da ermida, diante da abside curva e apontei para a imagem do casal deitado que segurava o rosto um do outro numa atitude carinhosa vários metros acima da nossa cabeça.

– Pode falar-me deles e do que significa aquele relevo?

O seu rosto encheu-se de rugas, que eu sabia serem de estranheza, e lançou-me um olhar que não soube interpretar, como se estivesse a tentar decifrar-me ou catalogar-me.

– Deles, precisamente?

– Sim, simbolizam alguma coisa? – insisti.

O ancião ficou a olhar para eles, como se os conhecesse desde sempre e acabasse de os reencontrar, ou talvez se estivessem a despedir, não saberia dizer.

– Claro que simbolizam alguma coisa. Eles são a alma do que esta construção quer dizer ao mundo. Tudo o que vê à sua volta está à disposição da sua história. Esta é uma representação iconográfica do casal hermético ou do matrimónio alquímico. Só há uma figura parecida em San Bartolomé del Río Lobos, em Soria.

– Essa igreja não é templária?

– Sim, é da Ordem. Em relação ao que temos diante de nós, é um edifício

próprio de uma ordem militar. Nisso todos os estudiosos estão de acordo. Mas as suas pedras guardam muitos outros segredos. Veja-a como se fosse um livro. No ano de 1162, data provável da sua construção, as pessoas comuns não tinham acesso à leitura, por isso liam as imagens. Nós, os descendentes daqueles agricultores, perdemos essa capacidade, em parte porque nos faltavam dados, mas posso fazê-lo ver o que eu vejo, não é difícil. Na verdade, este é um relato básico, primitivo. Fala do casal original, de Adão e Eva, do Pecado Original e das suas consequências. Como vê, é simplesmente uma recriação da Génesis. Entremos, o relato começa na parede do presbitério.

Tirou a chave enorme de dentro do casaco e passou-a. Voltei a empurrar de novo a sua cadeira de rodas e aproximei-o do portão de madeira. A fechadura rangeu um pouco, mas cedeu e abriu-se.

O interior era muito pequeno, cerca de quinze metros do lado mais comprido, mal cabiam quatro bancos de madeira. A luz era filtrada através de três janelas estreitas e a pedra ocre aquecia o pequeno espaço.

Tibúrcio sussurrou umas palavras que não consegui compreender, uma espécie de oração que guardou para si mesmo. Depois, ele próprio começou a girar as rodas da sua cadeira e a percorrer o perímetro do interior da ermida, como se o simples facto de ter entrado naquele recinto sagrado lhe tivesse redobrado as forças.

– Basta seguir com o olhar o percurso das mísulas da abside interior: em primeiro lugar, a figura de um rosto jovem, imberbe. É Adão na sua primeira idade. O suporte seguinte é uma flor em forma de hélice. Aqui vê-se um rosto feminino com uma touca: é Eva. O casal original está a passar pelos diferentes estágios da vida. A seguir são duas figuras irreconhecíveis mutiladas, nunca soube o que significavam e não adicionei nenhum elemento à sua restauração. O que ali vê é outra flor, uma roseta a abrir-se e a girar com o sol. Depois, outra flor em forma de hélice ou cruz suástica e por fim aparecem dois seres que nascem de uma flor.

Durante alguns segundos esqueci-me de respirar: todas aquelas flores pareciam eguzkilores. Flores de sol.

– Qual é a simbologia de tantas flores?

– É o Jardim do Éden que rodeia o casal antes do deserto, de serem expulsos do Paraíso. Aqui trata-se de algo universal, mas muito íntimo. Diga-me lá, jovem, nunca se sentiu a ser expulso do seu próprio paraíso? Toca-nos a todos alguma vez.

Afastei da memória a estrada dos pinheiros e disfarcei o melhor possível. Não sabia se estava diante de um mestre da Ordem ou diante de um simples erudito e preferi fingir que era um jovem sem passado.

– Por fim, aqui tem a mísula com a figura da abelha, símbolo da castidade. Com ela fabricava-se a cera do círio pascal do Sábado Santo para celebrar o triunfo sobre a Morte.

Tentei manter a compostura e que a minha voz disfarçasse o arrepio que me percorreu da cabeça aos pés.

– Então, tanto os animais como as plantas, neste relato...

– Têm uma função moralizante, tal como a nudez do casal. Estamos a falar das origens da humanidade, algo tão sagrado quanto isso. Meu jovem, esta é a narração do primeiro casal criado por Deus e das consequências do Pecado Original, por isso a ermida está cheia de rostos masculinos e femininos, desde imberbes até homens de barba rija: representam as idades do homem e da mulher. Até que pecam e são punidos, e aí caem literalmente em desgraça, tal como aparecem na abside da parte exterior: deitados e junto a uma árvore esquemática do Bem e do Mal. Uma árvore que pode ser uma macieira, um teixo... Na Idade Média, representavam-se diferentes espécies, não lhe consigo dizer qual é que está aqui simbolizada. Mas eles não estão sozinhos, o casal tem-se um ao outro, daí o gesto das mãos no rosto.

Lembrei-me das fotos de todos os duplos crimes: o casal despido, que se consolava carinhosamente, emoldurado por um triângulo isósceles, rodeados no seu jardim do Éden sob a forma de eguzkilores, de flores do sol e, por fim, os elementos exemplificadores dos reinos vegetais ou animais como armas do crime: o teixo, símbolo da imortalidade, e a abelha, símbolo da castidade.

Pela primeira vez tive a consciência de estar a ler, finalmente, a novela que o assassino estava a escrever para os iniciados que a soubessem ver: cada duplo crime era um capítulo.

Mas que final teria o assassino em mente? Continuar a contar, passar a assassinar jovens de trinta anos, casais de sessenta e idosos? Acabar com os alaveses mais velhos? Segundo o resgisto, em Álava tínhamos doze homens e cinquenta e oito mulheres com mais de cem anos. Nesse ponto, sei que era possível protegê-los, sobretudo os doze homens, sem eles não haveria casal e só alguns teriam apelidos compostos de Álava ou a idade exata para os planos do assassino. Mas se esse momento chegasse, eu teria de assumir uma derrota de quarenta e dois alaveses assassinados, e esse peso era muito mais do que a minha consciência podia permitir-se.

Ajudei o ancião a sair da ermida e fechei a pesada porta, apesar de as vigas de madeira se terem queixado de novo. Conduzi pelo caminho de volta a Txagorritxu olhando de soslaio para Tiburcio, que tinha aberto a janela e acariciava o ar com o braço, como se fosse o maestro de uma orquestra. Talvez se estivesse a despedir daquele caminho, talvez tivesse a noção de que aquela

podia ser a sua última viagem de carro. Nunca me tinha perguntado até então o que era viver com essa idade, estar na primeira linha da frente, como dizia o avô.

Chegámos ao parque de estacionamento do lar e tirei a sua cadeira de rodas, enquanto ele esperava com a paciência que a idade nos traz, no banco do copiloto. Carreguei com o seu peso, apenas pele e osso, e coloquei-o na sua cadeira.

– Senhor Tiburcio, acha que há mais pessoas que podem saber tanto sobre esta ermida como aquilo que partilhou hoje comigo?

– Vivas? Porque a mim isto foi-me transmitido há... – suspirou, frustrado, como se estivesse a tentar fazer cálculos mentais. – Há muitos anos.

– Sim, de preferência vivas.

– Bem, só me consigo lembrar do aprendiz que tive durante a reconstrução, um jovem ruivo, entroncado, ligeiramente desajeitado – disse sem pensar, mas depressa tive a impressão de que se arrependeu de me ter dado aquela informação.

– Um jovem ruivo? Lembra-se do nome dele?

– Não, não me lembro. Já foi há muitos anos. Além disso, não era uma pessoa que chamasse a atenção, era silencioso e calmo. Mas eu sempre achei que era muito inteligente, absorvia tudo quando eu me punha a falar do simbolismo que lhe expliquei a si, de modo que eu continuava a falar. Lembro-me de que era muito solitário, e fiquei com a sensação de que o pai o enchia de pancada, tinha o corpo cheio de nódoas negras. Antes, nas terras pequenas isso via-se mais habitualmente, os pais eram mais duros. Às vezes, simplesmente, eram umas bestas. Acho que, embora se esfalfasse a trabalhar ali comigo, carregando sacas e fazendo-me o trabalho pesado, para ele era um alívio vir.

– Acha que pode ter o nome dele escrito nalgum papel? – Detive-o. O homem estava a ser deliberadamente vago, eu sabia que não ia chegar a lado nenhum.

– Claro que não, a Câmara contratou-me a mim, tinha um convénio com os proprietários. Ele era menor, eu pagava-lhe sem contrato, num envelope. Apesar de parecer um mendigo, tinha a sensação de que ele entregava o dinheiro em casa e não ficava com nada. Agora vai ter de me desculpar, mas a viagem esgotou-me e não me parece que consiga continuar a responder às suas perguntas – disse, enquanto fazia um gesto a uma enfermeira para que o levasse.

Despediu-se de mim com um aperto de mão dos de antigamente, embora não me tenha escapado que o seu dedo mindinho se afastou dos outros e abraçou o dorso da minha mão.

Talvez tenha sido um descuido da sua parte, talvez o hábito de uma longa vida de rituais, talvez me tenha querido dizer aquilo que eu já sabia há algumas horas.

Assenti em silêncio e fui-me embora.

Sabia que o protegeria, que não havia maneira humana de aquele mestre me dar uma pista fiável sobre o seu discípulo.

“Muito bem, temos um fantasma sem documentos e ruivo”, pensei satisfeito, enquanto me dirigia para o meu gabinete. “E isso é muito mais do que tínhamos ontem.”

O Mural do Campillo

Já te estás a aproximar da caverna mais profunda? #Kraken

Quarta-feira, 3 de agosto

Estava a subir a escada em caracol da esquadra de Lakua quando recebi uma chamada de um número anónimo no meu telemóvel.

Fiquei a olhar para o ecrã durante vários segundos, sem saber se devia atender ou não. Devido ao meu trabalho, nunca sabia se aquele tipo de chamadas ia ser uma bênção em forma de denúncia ou o início de uma longa cadeia de novos problemas.

– Deixa tudo o que estás a fazer e vai agora mesmo para o Campillo.

– Golden, és tu? – disse, ao reconhecer a voz da velha dama.

– O jardim de Etxanobe, localizei-o, Kraken. E quando digo localizado quero dizer que te podes encontrar com ele fisicamente agora mesmo. Quem é que me havia de dizer que seria um polícia a encarregar-me do hack mais difícil da minha vida. Esse miúdo é demasiado para a minha cabeça, nunca na vida tinha visto nada igual.

– Tens de te explicar melhor, Golden. Não estou a perceber nada.

– O teu miúdo é impossível de rastrear, literalmente, nunca tinha visto nada assim. Mas a vida ensinou esta velha bruxa a ter uma visão panorâmica dos acontecimentos. O miúdo gere várias identidades falsas. Tem um nick, parecido com outro nick, que se parece com outro nick. Mas é um miúdo jovem, não é um eremita. Quero dizer que tem uma vida, que sai à rua, que faz atividades como qualquer jovem da sua idade.

– Atividades de que género?

– Como pertencer à Brigada de la Brocha da Ciudad Pintada⁹.

– Esses não são os voluntários que pintam os murais da parte antiga da cidade?

– Bingo, Kraken. Hoje estão a dar uma camada antigrafiti ao mural do jardim de Etxanobe, no Campillo, onde se joga às cartas.

– O Triunfo de Vitoria – recordei, era um dos meus preferidos.

– Isso mesmo.

– Fico a dever-te uma, Golden.

– Podes crer que sim. Já estou a pensar em formas criativas de te cobrar, se bem que os teus chefes não vão gostar nada. Porque será que tudo o que é divertido é ilegal?

Sorri e desliguei.

Demorei menos de um quarto de hora a chegar a correr ao Campillo, pela rua Fray Zacarías, a poucos metros da Muralha Medieval e da Catedral Velha.

Aproximei-me do jardim mais alto da cidade, e dali pude ver que tinham voltado a montar um andaime metálico de sete andares na fachada da rua de Santa Maria. Havia meia dúzia de pessoas, de escova na mão, que subiam a diferentes alturas do andaime. Fiquei a observar qual delas poderia ser o esquivo MatuSalem.

Foi então que o vi.

Um miúdo vestido de preto pintava o cabelo de uma das três figuras do mural.

Aproximei-me devagar e localizei aos pés do andaime a mulher que parecia estar à frente do grupo de voluntários. Pus-me ao lado dela e mostrei-lhe o meu crachá.

– Inspetor Ayala. Não diga nada, vou subir ao andaime e vou falar com um dos seus voluntários, mas não o quero afugentar, por isso preciso que continue a agir normalmente. – Falei em voz baixa e num tom deliberadamente lento para que me percebesse.

A mulher – uma jovem com cabeleira afro e calças com as sete cores do arco-íris – ficou atarantada durante alguns segundos, mas depois assentiu com a cabeça, em silêncio.

Comecei a subir pelos degraus laterais do andaime, enquanto vários voluntários olhavam para mim com estranheza. Cheguei então ao último andar e alcancei a plataforma. O miúdo estava concentrado em aplicar o verniz na parede, embora tenha levantado a cabeça e se tenha sobressaltado quando me viu a avançar na direção dele. Correu os poucos metros que havia rumo ao lado oposto da plataforma, numa tentativa de descer pelas escadas, mas eu segui-o e segurei-o pelo braço.

– Vamos falar, MatuSalem. Quero apenas conversar.

Rangeu os dentes, não gostava que um adulto lhe desse ordens, ou talvez não gostasse simplesmente de polícias. Não tinha grande figura, baixo e magro, não devia pesar sequer cinquenta quilos, mas é verdade que parecia um pequeno anjo

pré-rafaelita. Tinha uns olhos azuis rasgados e um rosto sem pelos tão perfeito, que qualquer pessoa se voltaria na rua para admirar aquela beleza tão pura.

– Então tu é que és o famoso Kraken.

– Andaste a passear pelo meu disco rígido como Pedro na sua casa. Por isso imagino que a tua pergunta seja retórica.

Apesar de o ter encurralado contra a parede da fachada, à altura de um terceiro andar, ele não parava de olhar de soslaio para uma saída lateral, como se estivesse a pensar em saltar.

– És um... polícia. É impossível que me tenhas localizado.

– Não és o único com superpoderes informáticos, MatuSalem. Vê isto como um indicador de que me estás a subestimar.

– Tudo bem, os meus colegas de pintura estão a olhar para nós e não quero que reveles uma das minhas identidades mais sociais. Podias fingir que somos velhos amigos e que estamos simplesmente a conversar? – disse entre dentes, sem deixar de olhar para ambos os lados.

– Parece-me bastante razoável. Já sabes que vim falar sobre o Tasio. Se quiseres saltamos a parte em que te fazes de desentendido, a seguir negas tudo, e quando te digo que o posso provar, admites e vanglorias-te disso. Já te fechámos uma vez na prisão, já passaste por isso, e eu também.

– Caramba, és mesmo rápido! Acostumado à velocidade normal dos outros adultos... – Coçou a nuca.

– É que não tenho muito tempo. Estão a matar pessoas a poucos metros desta fachada e o teu ex-colega de cela Tasio é uma parte importante desta tragicomédia.

O miúdo não me olhava nos olhos, era um desses jovens que não fixava nunca o olhar, um prisioneiro mental, alguém que punha barreiras entre a sua mente extraordinária e o exterior.

– Não é o Tasio, não foi ele naquela altura, e não mantém contacto com nenhum imitador fora de Zaballa, como algumas pessoas pensam – murmurou por fim. – Eu também não gosto que matem jovens e pessoas aos pares. Mas o Tasio não é o culpado. A ele tramaram-no, e bem, há vinte anos. Já lhe basta ter de sobreviver ao chilindró.

– Porque o defendes? O teu perfil é o de um criminoso económico. Gostas dos desafios intelectuais, desafias a autoridade infringindo a lei e, no processo, ainda obténs um prémio monetário que te permite viver, mas não tens perfil para simpatizar com outro tipo de criminosos e muito menos com um sociopata com crimes de sangue às costas. Vamos, Maturana, vais dizer-me a verdade?

– A verdade? Defendo-o porque ele me defendeu quando quem tinha de me defender não o fez – murmurou com raiva. – Na choça, os pedófilos queriam

montar uma festa em minha honra no meu primeiro dia. Tinha-lhes saído a lotaria, com um imberbe como eu. Ficaram todos excitados quando entrei no refeitório na primeira noite para jantar. Sabia que não sairia virgem daquilo, a única questão era se sobreviveria a ser tantas vezes enrabado. O Tasio travou-os de imediato, e nem consegues imaginar como o fez. Claro que não podes imaginar, porque és um bófia e tens pouca imaginação. Deixou-os apavorados, a rezarem à Virgem Maria. Devo-lhe a vida, literalmente, e nem tu nem a porra das Forças de Segurança do Estado estavam lá para me defender, por isso não me lixes, porque para mim ele é o próprio Padrinho, e por isso vou render-lhe homenagem até ter noventa anos e os tomates murchos.

“Muito bem, Kraken. Muda de estratégia, estás diante de um muro.”

– Não vim atrás de ti, se bem que o podia fazer, tenho a certeza de que sim. Foste preso por fraude com cartões, saíste e a primeira coisa que fizeste foi colaborar com um recluso condenado por oito assassínios. Não se pode dizer que a prisão te tenha feito desistir do teu passado criminoso. E imagino que agora mesmo estás a fazer alguma coisa à margem da lei, e eu podia ir atrás de ti por isso, como sabes, mas na verdade vim fazer um acordo contigo. O que eu quero é uma lista dos seguidores mais suspeitos do Tasio no Twitter.

– Isso é tudo o que queres? – perguntou, surpreendido. – Uma lista do top dos comentadores no Twitter?

– Já interagiste com todos eles, tenho a certeza de que o teu cérebro privilegiado já te deixou alerta em relação a algum tipo de seguidores. A mim ou à equipa informática levar-nos-ia imenso tempo a analisar tudo, mas tu já te fazes passar pelo Tasio há muitos meses, por isso conhece-los bem. Sabes quem é que se sente atraído pelo lado mórbido e quem é que é maluco de verdade. Não quero apenas os nomes de contas, quero IP, quero localizar os mais suspeitos, e quero fazê-lo o mais depressa possível. Cruza-os com os nossos registos, tenho a certeza de que fizeste uma cópia quando orquestraste o ataque pirata à esquadra. Avisa-me logo se algum deles tiver antecedentes criminais. O que me dizes, temos acordo?

– Dispensar ser um informador da Polícia. Ainda nem sequer tenho vinte anos, não quero começar a fazer isso tão cedo. Todos aqueles que conheci acabaram mal, alguém de um dos lados se aborrece e o informador acaba sempre mal – disse, cruzando os braços diante do peito.

– Não serias um informador, não falarei de ti às minhas chefias, ninguém saberá. Para mim és mais valioso se o teu nome não aparecer em nenhum relatório. É assim o meu trabalho, sabes que tenho outros colaboradores à margem dos canais oficiais, e são quase tão bons como tu. Mas tu... tu és único, miúdo.

Ele nem se moveu. O ego não era a sua fraqueza. Não... Ainda não tinha tocado no ponto-chave e eu sabia disso. MatuSalem ainda não estava convencido.

– E esta seria a maneira de devolveres o favor ao Tasio. Estás convencido de que ele é inocente. Se me ajudares a avançar com outras linhas de investigação que provem a sua inocência, estarás a ajudá-lo a sair o quanto antes – insisti. – Vamos, preciso de saber se posso contar contigo.

– Sabes de que trata este mural? – perguntou, apontando para a figura da jovem a quem estava a dar uma camada de esmalte.

– São três figuras a jogar uma partida de cartas. Qual a razão para esta mudança de assunto? – perguntei sem compreender.

– Trata das armadilhas, Kraken. E da vitória sobre elas, e da fidelidade. Esta é a minha figura, a fidelidade. Anda, vou mostrar-te porque tens de ver isto – disse, e começou a descer pelos degraus laterais.

Segui-o a pouca distância. Descemos alguns andares até ficarmos no centro das três figuras.

– O mural é inspirado num quadro do século XVI intitulado O Trapaceiro com Ás de Ouros. A grande Dama, que simboliza a Vitória, está a jogar uma partida de cartas com um homem, que não só tenta fazer batota como ainda goza com elas mostrando o que está a fazer ao público. Vê só.

Efetivamente, a figura superior da senhora tinha uma inscrição em letras góticas onde se podia ler: Victoria, o primeiro nome que o rei Sancho IV deu à nossa cidade. A figura do homem escondia duas cartas nas costas: uma com um cão e outra com três cães. Ao lado dele estava a inscrição: Fraudulentus.

– A criada, a personagem que me calhou, representa o povo de Vitoria, que avisa a sua senhora da batotice. Podes ler a inscrição dela? – Apontou para cima das nossas cabeças e tive de me afastar um pouco para ver.

– Fidelitas – disse em voz alta.

Voltei-me para o miúdo, mas ele já não estava no andaime, tinha desaparecido.

Soltei um palavrão e saltei de uma altura equivalente a um segundo andar até aterrar no jardim. Saí a correr pelo portão de metal para a rua de Santa Maria, mas o miúdo já estava a correr ao pé do palácio de Montehermoso, uma centena de metros à frente.

– Maldito sejam! – gritei, frustrado, depois de desistir de continuar a correr atrás dele.

O melhor hacker da cidade tinha-me enganado e eu tinha-o deixado escapar sem saber de que lado do jogo ele decidira jogar.

[9](#). Grupo de voluntários que pintam os murais da parte antiga da cidade. (N. da T.)

General Álava, 2

Vitoria, julho de 1970

Javier Ortiz de Zárate desapertou a gravata assim que chegou ao quarto e sentou-se em cima da colcha da cama matrimonial. Há dias que andava com um humor de cão: o maldito Apaolaza ia assinar com a empresa alemã, ele sabia. Por muito que lhe tivesse dito que não ao meio-dia, no seu escritório. Ia perder quinze por cento do negócio em ativos, se aquele acordo se materializasse. Quinze por cento.

Mas havia mais alguma coisa, mais alguma coisa... Demasiadas reuniões de outros sócios nas suas costas, demasiados comerciais a adiarem as suas apresentações de produtos com as mesmas desculpas mal amanhadas. Talvez devesse enviar Ulises e mais alguns dos seus amigos fazerem algumas perguntas entre o pessoal da Ferrarías Alavesas. Diziam que ele era desconfiado, mas isso tinha-o levado aonde estava.

– Blanca! – gritou do quarto, perdendo a paciência. – O que se passa, hoje não se come?

Ouviu os passos apressados da sua mulher a subir as escadas; a seguir a sua cabeça assomou à porta, sem se atrever a entrar.

– A Benita já pôs a mesa, podemos ir jantar quando quiseres – limitou-se ela a dizer, quase com indiferença.

Javier ficou a olhar para o vazio que ela deixou assim que desapareceu a correr, escadas abaixo.

O que se passaria com aquela estúpida que não lhe dava filhos? Era demasiado magra, sempre o soube. Com aquelas ancas não ia ser capaz de lhe dar um herdeiro, como María Luisa, a sua primeira esposa. Devia ter um íman para as mulheres estéreis como mulas. Já tinha falado do assunto algumas vezes com o seu advogado Joaquín Garrido-Stoker, mas não parecia que houvesse

muito que pudesse fazer. Para anular um casamento por fraude, precisava de provar que ela sabia que era defeituosa antes de se casar, e pelo que Joaquín lhe dissera, só era possível se houvesse relatórios médicos que o confirmassem. Já mandara Ulises procurar em todos os documentos no quarto de Blanca. Também tinham ido a casa dela, contando uma meia mentira ao pai, para os procurar no seu quarto de solteira, na casa da família do sogro. Mas não encontraram nada. Era inútil procurar, sabia disso. Se ela soubesse que era estéril antes do casamento, por que razão iria guardar o relatório de um ginecologista a confirmá-lo? Ter-se-ia livrado dele.

A única solução que via era falar de homem para homem com o médico da sua mulher e tentar que ele lhe tirasse as dúvidas, apesar de ter um profundo desprezo pelo doutor Urbina, e por tudo o que ele representava. Não compreendia porque é que a sua esposa escolhera um ginecologista rural, podendo pagar outros muito melhores. Através de Ulises sabia que ela o visitava com alguma frequência; talvez Blanca se estivesse a submeter a algum tratamento para engravidar. Essa era, sem dúvida, a sua obrigação, não tinha mais nada para fazer durante todo o dia.

Javier tinha quarenta e dois anos e nenhum filho. Sabia que era motivo de chacota por toda Vitoria, muitos até punham em causa a sua masculinidade nas suas costas. Mas não queria pensar nisso agora, talvez depois do jantar devesse tentar de novo... Ultimamente sentia-se muito cansado, com dores no corpo, o estômago pesava-lhe toneladas, e os sais de fruta não o aliviavam.

Olhou para as palmas das mãos e apercebeu-se, espantado, que elas tremiam. E que as suas unhas quadradas estavam azuladas. Foi nesse momento que se apercebeu de que os músculos do estômago lhe apertavam as entranhas e que lhe subiu um vômito de sangue escuro que empapou a colcha da cama e o tapete que pisava.

Não teve tempo de ver mais nada, a dor que sentiu na garganta impediu-o de respirar e caiu para trás, inconsciente.

O doutor Urbina acabava de atender o penúltimo vendedor de propaganda médica quando ouviu os quatro toques do telefone. Disfarçou um sorriso, naquele dia não tinha marcações à tarde, podia ir ao apartamento da General Álava e passar algumas horas com Blanca.

Mas o telefone voltou a tocar, e desta vez o toque não parou. Espantando, levantou o auscultador e respondeu.

– Consultório do doutor Urbina, diga.

– O Javier está na clínica – ouviu Blanca dizer, do outro lado da linha.

“Vem atrás de mim”, pensou, sem saber de onde lhe nascera aquela ideia tão aterradora. “Vem atrás de mim.”

– Pode desculpar-me, Jorge? – disse ao vendedor. – Tenho uma chamada urgente. Amanhã passo-lhe o pedido.

– Como... como é que ele descobriu? – perguntou, assim que ficou sozinho no gabinete. – Alguém nos viu, foi o teu motorista?

– Não, não estás a perceber. O Javier está internado por intoxicação. Está em estado grave. Não posso falar muito. A Polícia está mesmo aqui ao lado, numa das salas das Urgências do andar de baixo: vieram fazer-me perguntas. Estou a ligar-te da cabine pública da rua, disse que tinha de avisar a nossa família. Nem penses em vir cá ver-me. Não nos podem ver juntos. Diz-me apenas uma coisa, Álvaro, não tenho muito tempo e esta vai ser a última vez que falamos um com o outro: os pós que lhe tenho estado a dar durante os últimos meses eram apenas calmantes, ou deste-me alguma coisa para o envenenar aos poucos?

A garganta de Álvaro Urbina secou ao ouvir aquelas palavras, quis dizer alguma coisa, mas a sua boca não se mexeu.

– Álvaro, pelo amor de Deus! Nós envenenámo-lo? Somos culpados de uma tentativa de assassinio?

– Não... Não vão encontrar nada, por mais que investiguem. Aquilo que te dei não deixa rasto, é impossível de encontrar até numa autópsia. Respira fundo, Blanca, não nos vai acontecer nada.

Ouviu um soluçar nervoso do outro lado da linha, um cão ao longe a ladrar, e por fim a voz fria de Blanca depois de se recompor.

– Adeus, Álvaro. Não podemos voltar a ver-nos nem a falar um com o outro. A Polícia pensa que fui eu ou algum dos seus sócios. Não te quero voltar a ver, nem sequer se me deixaste viúva. Não te quero voltar a ver.

– Não, Blanca. Espera... vamos encontrar-nos no apartamento, Blanca!

Mas já não havia ninguém do outro lado da linha.

A notícia foi tratada com bastante descrição por parte da imprensa local. Algumas linhas sem fotografia do lado inferior da página de eventos:

O industrial Javier Ortiz de Zárate deu entrada ontem ao meio-dia na clínica Vitoria por causas ainda desconhecidas, apesar de fontes não oficiais falarem de algum tipo de envenenamento ou ingestão de tóxicos que estiveram prestes a provocar-lhe a falha de vários órgãos. O empresário ainda não teve alta, mas está a recuperar bem no primeiro piso da referida instituição hospitalar.

Álvaro voltou a ler as nove linhas do antigo recorte de jornal mais uma vez, para garantir que nenhum pormenor lhe tinha escapado. Tinham-se passado quatro semanas desde o último telefonema de Blanca. Não sabia nada do que lhe tinha acontecido, mas fizera algumas perguntas junto das enfermeiras e ficara a

saber que o industrial tivera alta após passar dez dias em repouso.

Verificava todos os dias os obituários nos dois jornais e na rádio Vitoria, mas dizia a si próprio, repetidamente, que se o homem mais rico da cidade tivesse morrido, toda a gente saberia.

Ganhou o hábito de se injetar todas as noites com um pouco de morfina, para conseguir dormir e render alguma coisa no dia seguinte. Custava-lhe concentrar-se nos seus pacientes, sabia que estava à beira de várias negligências médicas. Controlava as doses para não sofrer a síndrome da abstinência, eram as únicas horas suportáveis.

Uma tarde, quando regressava de um falso aviso de parto prematuro, passeava distraído pela rua Dato quando, minutos depois, deu por si em frente à porta número 2 da General Álava. Não se lembrava de ter caminhado até lá, era o primeiro lapso de memória de que se apercebia e isso deixou-o preocupado.

Os casais que passeavam de braço dado começaram a olhar para ele com estranheza, ao verem que não se afastava. Álvaro abanou a cabeça, tentando sair daquele transe. Meteu a mão no pequeno bolso interior do casaco, sabia que não se desfizera das chaves da porta da entrada e do apartamento de Blanca.

Subiu as escadas até ao segundo andar, um pouco aturdido, e abriu a porta, contendo a respiração. Talvez Blanca ainda ali fosse, quando queria estar sozinha, talvez esperasse por ele todas as tardes, quando sabia que terminava as consultas com as pacientes. Talvez lhe tivesse deixado uma mensagem que estava há semanas à espera de ser lida, como é que não tinha pensado nisso?

Talvez...

Mas o silêncio daquelas paredes forradas a tela deixou-lhe as têmperas a arder de tal maneira que só pensou num alívio rápido.

Por isso sentou-se no chão, encostado à parede cor de baunilha deslavada, de costas para a rua mais movimentada daquela cidade odiada, desapertou a gravata e com ela apertou fortemente os bíceps com sardas.

Abriu a volumosa mala de couro, demasiado gasta para um lugar tão elegante como aquele, e tirou um frasco praticamente cheio de morfina. Tinha um cartão falso de “dose extra” e o farmacêutico da rua Postas dava-lhe as quantidades que pedia de opiáceos sem lhe levantar tantas questões como na clínica.

Injetou a amnésia lentamente, desfrutando da sensação de frescura que lhe entrava pela veia. O teto desfocou-se um pouco, como se estivesse a suportar um terramoto silencioso.

E finalmente, depois de tanta viagem, chegou a esperada escuridão.

O Parque Natural de Gorbea

As apostas já aumentaram? #Kraken

Quarta-feira, 3 de agosto

Descia pela Amêndoa Medieval, em direção à esquadra, ainda furioso com a fuga de MatuSalem, quando recebi o telefonema de Estíbaliz.

– Unai, devias vir. Estou na casa do Ignacio, entre Murguía e Altube. Há um fogo posto.

– Mas o chalé onde foste ontem não ficava em Laguardia?

– É outra casa. Como continuava desaparecido, hoje de manhã procurei nos registos da concelhia, cruzei os dados com os registos de propriedade e descobri que tem outra casa e terras perto de Gorbea em nome da sua empresa de organização de eventos, por isso fui até lá para ver se o conseguia localizar e falar com ele, mas nada e não atende o telemóvel. Quando cheguei, encontrei a parte de trás do seu terreno a arder. Os bombeiros de Murguía já estão a tentar apagar o incêndio.

– Vou já para aí – disse e desliguei.

Pouco tempo depois conduzia por Abechuco em direção a Echavarri--Viña, atravessando uma estrada rodeada de carvalhos e azinheiras que davam sombra ao asfalto com as suas copas verdes.

Quando cheguei ao enorme edifício restaurado no sopé do Parque Natural de Gorbea, a norte da província, vários bombeiros encarregavam-se de combater as poucas chamas que resistiam na parte traseira da casa.

Toda aquela zona estava rodeada por faias enormes, e a casa não tinha nenhum vizinho nas proximidades. Estava construída à maneira tradicional, com um telhado pouco inclinado e uma varanda com barrotes de madeira na fachada de pedra do edifício. O portão de madeira terminava num arco e um eguzkilorre protegia a entrada, como em todas as casas bascas.

– O que se passou, Estíbaliz? – perguntei assim que cheguei.

Despi o casaco; o calor que emanava da terra recém-queimada impedia que me aproximasse demasiado.

Dois funcionários fizeram-nos sinal para nos afastarmos. Passado pouco tempo, só restava o cheiro a fumo e a terra negra.

– O que te contei ao telefone: que temos um fogo posto. Muito localizado, penso que deve ter sido o próprio Ignacio a atear-lo.

Olhei à minha volta. As terras em redor da casa estavam tão bem cuidadas que era óbvio que o dono gastava uma fortuna em manutenção.

– Porque queria o Ignacio incendiar a sua própria casa?

– Penso que não queria incendiar a casa, sabia que os bombeiros viriam rapidamente. Acho que queria queimar o que havia neste terreno.

– Não me parece que houvesse grande coisa neste terreno, Esti.

Ela abanou a cabeça, sem deixar de olhar para o terreno queimado.

– Agora, quando nos deixarem aproximar, já te mostro.

Esperámos pacientemente que os bombeiros refrescassem a área queimada e a seguir aproximámo-nos daquele que parecia estar no comando.

– Já podemos passar? Eu e o inspetor Ayala gostaríamos de aceder àquela zona – apontou Estíbaliz com o braço.

– Não vos aconselho a andar em cima da zona queimada, ainda está muito quente. – O homem abanou a cabeça. Tinha o rosto a pingar suor e passou uma manga pela testa enquanto falava.

– Será que tem dois pares de botas sobresselentes? – insistiu a minha colega.

– Talvez. Vou procurar no camião, pode ser que encontremos alguma coisa, se bem que não me parece que vá ser o seu número.

O bombeiro regressou de seguida com umas máscaras que não tínhamos pedido e umas botas que nos ficavam enormes, tanto a mim como a Estíbaliz, mas calçámo-las, colocámos as máscaras e contornámos a zona queimada até nos aproximarmos do centro.

– O que procuras exatamente, Estíbaliz?

– Estou a ver estes restos de madeira que sobraram, estás a ver?

– Sim, o que achas que eram?

– Quero que a Polícia Científica analise tudo isto, mas pelas marcas que o incêndio deixou no terreno, diria que havia quatro pequenas construções retangulares de madeira que arderam completamente e de que não resta nada.

– Não te estou a acompanhar, e olha que estou a tentar – disse, coçando a cabeça.

Tinha as costas empapadas em suor, estávamos a andar em cima de um inferno.

– Penso que eram colmeias, Unai. Colmeias layens de madeira de pinho, básicas, com doze quadrados. Acho que o Ignacio tinha quatro colmeias ativas e que as queimou para eliminar qualquer vestígio delas.

Olhei para ela sem compreender.

– E as abelhas?

– É um modo muito cruel de as eliminar, mas imagino que as terá adormecido com um fumeiro. O chefe dos bombeiros também acha que foi fogo posto e que o foco partiu do centro deste pedaço de terra para os lados. Não é nada habitual que alguém queime assim um terreno. Estas ervas, incluindo estes talos finos, caíram na direção da origem do incêndio. Tudo aponta para estes quatro pontos, até mesmo as pedras daquela pequena muralha que limita a casa. Estão mais negras do lado de onde o fogo veio. Além disso, há sinais da presença de aceleradores. Estás a ver estas manchas em forma de círculos concêntricos? Terão de analisar o local e procurar algum tipo de acelerador como gasolina, óleo de aquecedores, gasóleo, querosene... Aqui no monte toda a gente tem esse tipo de produtos nas casas.

– Querosene? Porque é que alguém teria querosene em casa?

– Acredites ou não, as pessoas mais velhas desta zona continuam a achar que é um bom remédio contra a artrite, e quando era pequena, as amatzos¹⁰ usavam-no para nos tirar os piolhos. Se usou um acelerador desse tipo, pela temperatura alcançada, não deve restar nenhum vestígio do corpo das abelhas, se bem que podemos ter sorte e encontrar alguma morta aqui à volta. Se encontrarmos um número invulgarmente alto, podemos deduzir que queimou quatro colmeias. Lembra-te do dia da apresentação da Slow Food? Disse-nos que apenas negociava com produtores de mel. Porque nos mentiu?

– Se tens razão e o Ignacio queimou estas colmeias propositadamente para eliminar qualquer vestígio delas, significa que é ele o assassino, ou que sabe que a arma usada desta vez foram as abelhas, o que é no mínimo curioso, pois esta informação não chegou à imprensa e não é do conhecimento público. O que temos de fazer é obter o mais depressa possível um mandado de busca para revistar a casa. Se tinha colmeias, deve ter mais material de apicultor. Percebes mais disso do que eu, mas imagino que precisaria de equipamento especializado para mexer nelas, ou não?

– Claro que sim. Espátulas, raspadores, perneiras... Não me parece que os tenha queimado, senão haveria vestígios do material e ele sabe disso. Temos de falar com o juiz Olano e conseguir o mandado. Concordo contigo mas, sinceramente, se o Ignacio quis apagar qualquer sinal das colmeias, não me parece que tenha deixado o material a poucos metros. Foi polícia, sabe que não pode eliminar todos os vestígios orgânicos de uma só vez, se os usou

assiduamente.

– Concordo. E tu, o que farias?

– Vem comigo, aqui não há mais nada que fazer, por enquanto.

Acompanhei-a até ao seu Nissan Patrol e ela tirou um mapa de Álava do porta-luvas.

– Vamos procurar nos contentores que há nas estradas do Parque Natural de Gorbea, mas eu quero que várias patrulhas procurem na A-624 em direção a Amurrio, outras vão para Villarreal, Miñano... Quero cobrir as quatro direções. O incêndio foi numa área muito pequena, e estava ativo quando cheguei, por isso começou há menos de uma hora. Talvez o Ignacio ainda tenha o material com ele no carro, que não quer que encontremos, ou alguma coisa relacionada com os crimes. Unai, talvez seja aqui que ele os traz e os mata. O lugar é bastante solitário, tem abelhas, tem espaço para trazer um veículo. Vou dar a matrícula do carro dele e vamos ver se tem outros em nome das suas empresas.

– Claro. Conduz tu, que conheces melhor a zona.

Embrenhámo-nos na floresta, parando de cada vez que víamos um contentor, para procurar no seu interior qualquer vestígio suspeito. Demorámos duas horas até dar com ele.

Encontrámo-lo numa das zonas para acampar. Um saco do lixo industrial escondia um fumeiro, uma máscara quadrada com rede, dois casacos de apicultor bastante usados e umas botas brancas com sola de borracha e perneiras com fecho.

[10](#). Mãe, na língua basca. (N. da T.)

A Procissão dos Faroles

Neste momento, o poder do vilão chega através dos seus sócios, marginais, assassinos... Cuidado, #Kraken

Quinta-feira, 4 de agosto

Aquele era o dia mais importante do ano para qualquer vitoriano. Celedón, um boneco com boina e vestido com o fato tradicional, que representava todos os alaveses, descia com o seu guarda-chuva da torre da igreja de San Miguel por um sistema de roldanas, e às seis da tarde um foguete dava início às Festas da Virgen Blanca. Tinha o dia livre, livre de gabinetes e reuniões, por isso aproveitei para madrugar e sair para correr um pouco.

Encontrei Blanca, ou Alba, quem sabe, a correr ao pé das Servas de Jesus. Não sei se foi um encontro casual, e já há dias que me perguntava se ela fazia tão de propósito como eu para que os nossos percursos de corrida coincidissem. Esperava que sim, se bem que não tinha a certeza.

– Tens uma rota definida para hoje, ou podes improvisar? – perguntei-lhe, em jeito de cumprimento.

MatuSalem tinha-me dado uma boa ideia no dia anterior, quando o vi a subir ao mural do Campillo.

– Posso improvisar, qual é a proposta? – Alba pegou na luva.

– Vou mostrar-te os meus murais preferidos. Parece-te bem? – disse, olhando para ela fixamente durante mais tempo do que o normal.

– Parece, vamos – respondeu, mantendo-se presa nos meus olhos castanhos. Não havia muito para ver neles, mas pareceu-me um bom sinal.

Começámos a correr rua abaixo até chegarmos à Fonte dos Patos. Alba era competitiva, de vez em quando desafiava-me para uns sprints e acabávamos ofegantes. Nem vale a pena dizer como aquilo me deixava louco.

Passámos pelo empedrado medieval da parte mais antiga da cidade até chegarmos à praça da Burullería. O enorme mural mostrava tecidos medievais

com padrões intrincados dos trabalhos dos artesãos daquela época.

– Chama-se Al Hilo del Tiempo¹¹.

– Bonito nome – comentou enquanto descansava inclinada para a frente, com as mãos nos joelhos. A sua trança comprida estava molhada e pegada às costas. – Apesar de... serem apenas tecidos antigos.

– Não o subestimes, é um dos trinta melhores murais do mundo – disse, com o meu orgulho um pouco ferido. Não a tinha impressionado.

“Vamos, Kraken, consegues melhor do que isto”, desafiei-me a mim mesmo.

– Muito bem, vou mostrar-te o meu preferido.

Subimos a correr até à Muralha Medieval, e ali obriguei-a a entrar nos jardins interiores. Aquele mural tinha qualquer coisa de especial. Não só pelo que representava, La noche más corta¹², a noite de São João, mas por causa dos seus tons de azul que dominavam toda a fachada como pano de fundo para o alegre colorido da procissão dos vitorianos medievais.

– É o solstício de verão, a festa pagã. Estás a ver as fogueiras, os desfiles...? Todos os pormenores são importantes. Repara na porta de entrada da muralha, não como está agora, mas como deve ter sido na Idade Média. Isto é pura magia, Alba – disse, sem pensar, e ao cruzar os braços sobre o peito, para admirar o mural, senti o seu braço a roçar o meu, numa postura semelhante.

Não me tinha apercebido de que estávamos mais próximos do que uma subcomissária e um inspetor deveriam estar. A todos os níveis.

Aonde é que aquilo nos levaria?

– Não te tinha dito, Unai, mas também é o meu mural preferido. Talvez por causa da noite de Alba.

Unai, tinha acabado de me chamar Unai. Não Ismael, nem Kraken, nem Ayala.

– Então esta noite vem ver a procissão dos Faroles do meu telhado – arrisquei.
– Vivo na praça, na porta ao lado do restaurante Virgen Blanca. Queres vir? É um ambiente mágico, quase onírico. A praça da Virgen Blanca está silenciosa, exceto pelas rezas dos devotos. Há um jogo de luzes espetacular graças ao colorido dos vidros das lanternas da procissão, da luz azul que ilumina o monumento da Batalha de Vitoria e da iluminação quente dos antigos candeeiros da praça. Até o mais ateu se sente crente.

– Que bem que a vendes. – Sorriu. – Estou quase tentada a aceitar o teu convite.

– É um momento único, a sério. Pensa nisso. A procissão começa às dez da noite, deves tocar às nove e meia, se quiseses entrar; a essa hora a praça já se esvaziou depois de o foguete ter sido lançado, mas mais tarde é impossível passar.

– Certo, deixa-me só...

“O teu marido, já sei. Tens de pensar onde estará o teu marido a essa hora e se lhe podes mentir para estar comigo.”

Mas apareceu. Às nove e meia em ponto ouvi a campainha a tocar e, entre cético e entusiasmado, esperei que subisse as escadas até ao terceiro andar.

– Vieste. – Essa frase memorável foi a única coisa que me lembrei de lhe dizer naquele momento.

– Penso que tens algo único para me mostrar – respondeu.

Nunca a tinha visto vestida de outra maneira a não ser com o seu equipamento de corrida ou o uniforme de subcomissária. Calças justas e t-shirt, ou saia e casaco justos. Tive a impressão de que naquela noite Alba, ou Blanca, quem sabe, estava vestida de si mesma: calças e t-shirt justa, cabelo preto solto, pouca maquilhagem.

– É verdade. Vamos subir ao quarto andar, o vizinho nunca cá está.

Veio atrás de mim, obediente e cúmplice, escada acima, e assim que lá chegámos, tirei uma escada da sala comunitária e coloquei-a debaixo do alçapão que dava para o telhado do prédio.

– Vens? – perguntei, mas sabia que viria.

Saí para o exterior do meu edifício, e sentei-me nas telhas cor de laranja inclinadas. Ela subiu atrás de mim, assomou a cabeça, depois o tronco e olhou para mim incrédula.

– Tens a certeza de que isto não é perigoso?

– Já subi milhares de vezes e nunca me aconteceu nada. Basta ser minimamente prudente.

– Talvez isto não seja – murmurou para si mesma.

Não soube se estava a referir-se àquele momento em particular, ou a toda a nossa inapropriada relação no geral.

Fez força com os braços, tomou impulso e subiu para o telhado, ao meu lado.

– Já viste o ambiente especial que se respira na praça? – perguntei-lhe, apontando com o braço. – A procissão vai começar em breve. No cimo da escadaria da igreja de San Miguel colocaram um altar. Quando todas as lanternas da procissão chegarem aos seus pés, celebrar-se-á uma pequena missa. Costumam cortar o acesso ao local onde está o nicho de mármore que alberga a figura da Virgen Blanca onde nós nos...

“Onde nos conhecemos”, interrompi-me a tempo, e não acabei a frase.

– Onde costumamos parar para alongar – reformulei.

– Eu lembro-me – disse, e eu soube que se referia ao mesmo que eu. Às vezes a memória grava momentos triviais do passado e fixa-os para sempre, apesar de “para sempre” parecer muito tempo.

– O que é aquilo que puseram aos pés da Virgen Blanca? – perguntou ela.

Olhei na direção para onde apontava, se bem que à distância a que nos encontrávamos e com a pouca luz que iluminava o pórtico via-se apenas uma mancha branca difusa.

– Não sei, parece um lençol ou um lenço. Talvez seja para assinalar a zona onde devem fazer a oferenda das flores.

– Pode ser – concordou ela.

A praça aos nossos pés foi-se enchendo até se formar um mar de gente no caminho que subia para a igreja.

– É estranho – disse, abraçando os joelhos –, estamos no centro de uma cidade em festa, vendo tudo e todos, e ninguém nos pode ver.

– Não te preocupes, é impossível que nos vejam da rua. Só se nos virem do edifício em frente, mas com tão pouca luz só se veem sombras, ninguém nos reconheceria.

– Eu sei, compreendo. Por um lado, sinto-me bastante exposta. Mas compreendo o que dizes, ninguém se vai aperceber.

Tive de novo a certeza de que não falava apenas daquele momento, mas sim de nós. As dúvidas, tudo o que tinha a perder, o pouco que tinha a ganhar.

– Lembras-te de Lau Teilatu, Cuatro tejados, a música de Itoiz que tocava em todas as festas populares das terriolas do norte há vinte anos? – perguntei-lhe.

– Claro, quem é que não conhece essa canção. – Sorriu.

– Quem é que nunca teve bom sexo a ouvir essa canção, daquele sexo que se tinha em adolescente, quando uma pessoa não pensava no antes, no durante, nem no depois.

– Sexo irresponsável e autêntico. Toda uma geração, imagino. – Riu-se ela, um pouco nostálgica.

– Isto é como estar dentro de um verso de Lau Teilatu. De cada vez que aqui subo, vem-me essa canção à cabeça: Sobre quatro telhados, a lua no meio e tu, a olhar para cima... Trouxe para ouvires.

Tirei o telemóvel do bolso de trás das calças de ganga e coloquei uns auscultadores. Pus um no ouvido dela e outro no meu. Agora estávamos unidos por uma banda sonora que apenas eu e ela ouvíamos, alheados do silêncio dos crentes que faziam parte da procissão vários metros abaixo dos nossos pés, e aquele foi o momento em que me senti emocionalmente mais próximo de alguém desde a estrada dos pinheiros.

– E seremos felizes outra vez nas festas de qualquer terra – acabou ela de traduzir.

– Era bom, era bom que nos tivéssemos cruzado nas festas de qualquer terra – atrevi-me a dizer. – Estive todos os anos nas festas populares de Laguardia,

como é que nunca te vi? Diz-me, agora é demasiado tarde? Tu és casada, eu sou viúvo, ambos com filhos enterrados que não criámos? É demasiado tarde, Blanca?

– Não sei. Nesta altura da vida não pensava ter coisas para considerar, mas agora...

Calou-se de seguida e ficou em silêncio. Esperei que acabasse a frase, mas não estava preparada. Tinham passado poucas semanas desde que se mudara para Vitoria. Poucos dias desde que corríamos juntos de madrugada e menos dias ainda desde que os primeiros crimes tinham unido as nossas preocupações.

Às vezes o tempo que o calendário marca não tem nada a ver com o tempo mental ou emocional que cada um vive por dentro.

– Porque não voltas a este telhado na noite das Perseidas? É uma experiência incrível deitarmo-nos no telhado às três da manhã, a meio de agosto... E espera até veres a chuva de estrelas. No ano passado contei quarenta e três.

– Não acredito em ti – olhou para mim, cética. – Não me parece que se possam ver daqui. Há demasiada luz.

– Sim, pode-se. Vitoria em Agosto fica vazia, não há tantas luzes nas casas e nota-se bastante. Vê-se perfeitamente o céu a 12 de agosto, e por volta das quatro da manhã até se veem as Lágrimas de San Lorenzo. Tens de acreditar em mim, Alba.

Ficou a pensar por momentos, ou pelo menos teve a delicadeza de fingir que pensava.

– Unai... sabes que não vou poder – disse, por fim, apoiando o queixo nos joelhos.

“Eu sei, nesse dia, a essas horas, estarás a dormir com o teu marido. Só estava a sonhar para não me sentir tão sozinho.”

– E eu sei quando não se deve insistir com uma senhora.

– Agradeço-te – disse, aliviada.

– Ouve, a procissão vem aí. – Tirei-lhe o auscultador do ouvido. Pude então tocar-lhe levemente no rosto e naquele cabelo feito de sombras, e ela ficou quieta, recebendo o toque. Da rua do Prado começaram a chegar os primeiros confrades, vestidos de branco com um lenço vermelho ao pescoço, carregando as lanternas em filas de dois. As primeiras, com vidros azuis e dourados em forma de estrela. Depois, lanternas verdes, vermelhas e amarelas. Por último, algumas atrasadas, vermelhas e azuis. Lá do alto onde nos encontrávamos, pareciam uma espécie de Santa Compañia, mas mais bela, colorida e solene do que a sua homóloga galega.

– Sabes, quando aqui estou gosto de me ver como uma espécie de sentinela. Quero pensar que posso proteger toda a gente – disse, num arrebatado de

sinceridade.

Ela abanou a cabeça, com uma expressão preocupada.

– Como tua chefe, calha-me mesmo bem que sejas tão obsessivo. Sei que não pensas em mais nada para além dos duplos crimes, desde que começaram.

– Desde que recomeçaram – corrigi-a.

– Certo, desde que recomeçaram. É a tua teoria e acredito em ti. Mas como pessoa que começa a preocupar-se contigo, gostaria que não carregasses um fardo tão pesado, mental e emocionalmente, com o que está a acontecer. Não podes proteger, sozinho, a cidade inteira. Lembra-te do que te disse: se o assassino decidiu continuar a matar, apenas o conseguiremos apanhar por causa dos erros que cometeu nos crimes anteriores, mas não vamos conseguir evitar os próximos crimes. São demasiado elaborados, ele não deixa espaço para a improvisação.

– Este é o pior anticlímax que já tive com uma mulher em toda a minha vida. Achas que podemos voltar a ouvir Lau Tailatu e ficarmos místicos outra vez? – interrompi-a, frustrado.

Ela riu-se, com aquele riso branco da primeira madrugada em que a conheci, quando tentava ser outra, ou recuperar-se a si mesma, quem sabe.

E então fez algo que eu já não esperava naquela altura. Sentou-se entre as minhas pernas e apoiou as costas no meu peito. Pus os braços à volta dos dela, e apoiei a cabeça no seu ombro esquerdo. Como sabia bem aquela intimidade.

A seguir vieram mais carícias, carícias em silêncio, sem palavras pelo meio. Para quê, não queria ouvir as suas desculpas, tinha tantas boas razões para não continuar com aquilo que eu não teria tido outro remédio senão dar-lhe razão. Mas não queria dar-lha. Não ali, não naquela noite, naquele telhado que dominava Vitoria. O toque das suas calças por baixo da minha mão, a minha braguilha prestes a rebentar, o gemido da sua respiração no meu ouvido. Os meus lábios no seu pescoço, húmido de suor como quando corria.

Teríamos acabado a arder em cima do telhado, se não fosse pelo que veio a seguir.

Primeiro ouviu-se um grito desesperado, um grito de homem. Depois juntaram-se mais gritos de pânico, as rezas pararam e chegou o caos.

Blanca e eu aproximámo-nos da beira do telhado, aturdidos, sem compreender nada, como se nos tivessem arrancado do paraíso com o toque do despertador.

Vimos as batinas dos representantes da Igreja a descer a escadaria a correr até ao pé do nicho da Virgen Blanca, abandonando um altar que ficou vazio.

Pelo que pudemos adivinhar à distância a que nos encontrávamos, alguém tinha tirado o lençol branco, porque já não se via e várias pessoas, formando um círculo cerrado, rodeavam alguma coisa e gesticulavam, histéricas.

Olhámos um para o outro, perguntando-nos em silêncio o que fazer, mas o toque do telemóvel veio dar-nos a resposta.

– Subcomissária Salvatierra. Sim, diga.

A minha chefe voltara a assumir o controlo da situação, e naquele telhado a magia tinha-se evaporado e tudo o que acontecera segundos antes parecia agora fora do lugar. Incredivelmente fora do lugar.

Alba ouviu o que lhe dizia a voz urgente. Mas quando desligou, já era outra.

– Inspetor Ayala, encontraram os corpos nus de dois jovens aos pés do nicho da Virgen Blanca, nas arcadas da igreja de San Miguel Arcángel – informou-me, com voz neutra. – Disse-lhes que me encontro na zona, vou descer e aproximar-me do local do crime. Avise a sua colega. O juiz de serviço, a médica forense e a Polícia Científica estão a caminho e algumas patrulhas estão mesmo a chegar para tirar todas as pessoas do local. É preciso evitar as possíveis fotos com os telemóveis, não queremos que demasiados pormenores cheguem à imprensa, pois isso só iria prejudicar a investigação. Vou descer.

Separou-se do meu corpo, abriu o alçapão e começou a descer sem esperar por mim.

– Eu também desço.

– Não podemos chegar ao mesmo tempo. A cidade inteira está nesta praça, alguma pessoa conhecida pode ver-nos a sair da mesma porta, e ninguém na esquadra pode desconfiar que estamos juntos neste preciso momento.

– Sim, de acordo. Já disseste que estás na zona, por isso desce tu primeiro, e chega ao local do crime pela escadaria. – Custava-me deixar de tratá-la por tu, ainda não. – Eu saio dois minutos mais tarde. Subo pelo túnel que há sob os arcos, ao pé do Toloño, e chegarei pela direita. Direi que estava a ver a procissão dos Faroles.

– Muito bem, assim faremos, então – concordou, e desapareceu pelas escadas abaixo.

Aproveitei para ligar a Estíbaliz e informá-la do que acontecera. Ela estava a jantar com o namorado na La Riojana, na Cuchi, de modo que combinámos encontrar-nos nas arcadas de San Miguel e dois minutos depois atrevi-me a abrir a porta e a sair para a praça. A procissão tinha parado, os transportadores das lanternas esperavam por ordens, sem saber o que fazer.

Toda a gente falava em grupos improvisados, vi os rostos consternados, a confusão das pessoas que se atropelavam umas às outras a falar, e magoou-me que uma pessoa tivesse poder suficiente para arruinar aquele momento tão solene e único para Vitoria e o tivesse transformado em puro terror.

Abri caminho entre a multidão, e a muito custo consegui chegar ao pequeno arco que passava despercebido para muitos. Subi as escadas rapidamente e

passados poucos minutos cheguei ao local dos novos crimes.

Alba já lá estava, tivera o cuidado de se colocar do lado esquerdo e encontrei-a a dar odens a um par de agentes de uniforme que já se encontravam no local.

Começámos a esvaziar a área toda. Por norma, tínhamos de pôr uma fita a cinquenta metros do local do crime, mas dei-me conta de que seria impossível evitar as fotos. Viam-se flashes de telemóveis em todos os pontos. Por isso limitei-me a retirar os curiosos que olhavam para os dois corpos nus como se estivessem hipnotizados.

Quando finalmente conseguimos isolar a zona e me permiti focar nas novas vítimas, apoiei um joelho nas pedras cinzentas e repeti o meu mantra em silêncio:

“Aqui termina a tua caça, aqui começa a minha.”

Era a terceira vez que o rezava em poucos dias, quantas mais vezes me obrigaria aquele estupor a repeti-lo?

Mas pela primeira vez, quando olhei para a tela que o assassino nos preparara, pude interpretar com clareza o quadro que tinha à minha frente:

O casal jazia aos pés da Virgen Blanca, agora seguramente na casa dos trinta anos, nus, com as mãos a acariciar o rosto do outro, o veneno da pureza da abelha nas suas gargantas, castigando-os pelo Pecado Original e um triângulo isósceles formado por três eguzkilores indicando o Olho da Providência.

O olho que tudo vê.

- [11.](#) O fio do tempo, em espanhol. (N. da T.)
- [12.](#) A noite mais curta, em espanhol. (N. da T.)

O Rosário da Aurora

Vitoria, agosto de 1970

Álvaro Urbina acordou às seis da manhã. Emilia insistira em ir ao rosário da aurora. Ele não tinha forças sequer para lhe dizer que não. Há várias semanas que andava muito apático, nem sequer se assustou com a overdose que sofrera semanas antes, no apartamento de Blanca. Talvez desejasse que o tivessem descoberto deitado e em taquicardia, na casa da sua defunta tia. Agora era-lhe indiferente. Inverno ou verão, casamentos ou funerais.

Agora era-lhe indiferente.

Deixou-se levar pela multidão de fiéis que seguiam os blusas que carregavam a Virgen Blanca até à escadaria de San Miguel. Duas pessoas, de lado, com enormes bandeiras brancas, guiavam a procissão. Várias batinas pretas e acólitos com sotainas engomadas recitavam os cantos e as rezas com tal veemência que até incomodava àquelas horas.

Já estava de regresso a casa, a olhar para o chão distraído, de braço dado com a sua mulher, quando deu de caras com umas botas de salto de madeira que reconheceu. Levantou a cabeça, engolindo em seco, e viu Javier Ortiz de Zárate e Blanca Díaz de Antoñana.

Para sua grande surpresa, o industrial sorria-lhe abertamente. Não parecia ter ficado com sequelas da intoxicação que o levara às Urgências. Blanca também lhe reservou um sorriso de circunstância, mas o seu olhar tentava avisá-lo de alguma coisa que ele não conseguia adivinhar.

De qualquer maneira, o seu olho clínico percebeu instantaneamente que Blanca estava diferente. Já o vira centenas de vezes antes nas suas pacientes. Tinha o cabelo com mais volume e as veias que surgiam sob o seu decote pareciam mais azuis e grossas debaixo da pele fina de Blanca. Olhou para os seus tornozelos, estavam inchados, e a aliança de casamento que tanto odiava

ficava-lhe mais apertada.

– Doutor Urbina! Como me alegro de o ver! – disse o marido de Blanca, dando-lhe uma palmada no braço em tom jovial. – Imagino que a minha esposa já terá ido à sua consulta depois de saber a boa nova. Estou-lhe muito agradecido pelos seus cuidados, já quase tínhamos perdido a esperança.

Álvaro reagiu rapidamente à notícia, pôs a máscara de médico e sorriu com estudada contenção.

– Assim é, tenho de lhe dar os parabéns. Uma gravidez traz sempre felicidade ao lar dos recém-casados.

– Na verdade, tenho consulta com o doutor Urbina na próxima semana – interrompeu Blanca, sem deixar de olhar para o seu marido. – Vemo-nos lá, doutor, se achar bem. Íamos comer um gelado na La Italiana, vamos ver se já abriram a estas horas. Nestes dias só me apetece comer as tortilhas do Naroki e terminar com doce de leite merengado da Casa Quico.

– Cuide-se, senhora. E faz bem em hidratar-se. Está a reter muitos líquidos, e com o calor que nos espera nos próximos dias não se pode permitir uma lipotimia. E, por favor, use sapatos rasos – respondeu Álvaro, a encarnar o seu papel.

Javier sorriu, satisfeito, e despediram-se.

Blanca entrou no seu consultório logo de manhã, vários dias depois daquele encontro, e fechou a porta atrás de si.

Álvaro largou a caneta com que estava a escrever e tentou falar, mas ela adiantou-se:

– És médico, sabes que não há maneira de saber se o filho é teu ou do Javier.

– Blanca... deveria... – Tentou detê-la, mas ela já se sentara na cadeira à frente da sua secretária.

Começou a observar os manuais empilhados numa das pontas da ampla mesa do médico e falou rapidamente:

– A Polícia já deixou de aparecer. Concluíram que não se podia saber se houve uma ingestão accidental de um tóxico desconhecido, mas o Javier não se conformou. Vim avisar-te: temos de ter muito cuidado e não tenho outro remédio senão continuar a vir às tuas consultas por causa da gravidez, porque o Javier suspeitaria se mudasse de médico agora. Dois dos seus sócios foram espancados por pessoas desconhecidas. Eles não apresentaram queixa, ficou tudo em família, mas as suas mulheres são do meu grupo de amigas e contaram-me. Em ambos os casos, pareceram assaltos: vários homens encapuzados seguiram-nos e pediram-lhes dinheiro, mas depois espancaram-nos e marcaram-nos com uma faca. Sei

que o Javier suspeitava que um deles podia ter tentado envenená-lo, ouvi-o a dizer isso ao Ulises, o seu motorista, mas tenho medo, por ti e por mim. Se ele descobrir o que fizemos, Álvaro, não sei o que poderá fazer. Apesar de ele querer este filho mais do que qualquer outra coisa no mundo, está a respeitar-me desde que eu estou grávida e...

Foi nesse momento que saiu Felisa, a enfermeira, de trás do biombo branco e a interrompeu com um gesto.

– Já chega, dona Blanca. Já é suficiente. Permita-me que saia, não se preocupe por minha causa, não vou contar nada. Mas não quero ouvir mais nada, senão também eu vou ter problemas.

O seu olhar de caso encontrou-se com o do doutor Urbina, que apertou a cana do nariz e fechou as pálpebras com força. Depois suspirou e fez-lhe um gesto de permissão com a mão.

– Podes sair, Felisa. Falamos a seguir, se não te importares.

A enfermeira saiu em silêncio e fechou a porta com cuidado atrás de si.

– Meu Deus, não faço mais nada senão complicar as coisas! Acho que não aguento mais – disse Blanca, tapando a cara, assim que ficaram sozinhos.

– Penso que podemos confiar nela. Também não temos outra opção senão confiar na sua descrição. Não sei se é boa ideia ser eu a acompanhar-te durante a gravidez e a fazer o parto. E se o teu marido se apercebe do que.... do que tivemos?

Disse-o no passado e franziu os lábios, para esconder o quanto o magoava.

– Já te disse, para ele o mais importante agora é ter este filho, e penso que qualquer mudança lhe dá medo, quer que sejas tu o meu médico. Temos de aguentar estes meses. Sê simplesmente o meu médico, limita-te às consultas obrigatórias e depois do parto não nos voltamos a ver. Criarei este menino ou menina, independentemente de quem for o pai. Tu voltarás para a tua família, eu criarei a minha e esqueceremos o que aconteceu entre nós. É o mais seguro para todos.

Álvaro demorou um momento a processar toda a informação. Depois, cansado de tudo, simplesmente renunciou.

“Muito bem, Blanca. Este é o momento em que termina tudo.”

– Vou encarregar-me da sua gravidez, tal como a senhora e o seu marido desejam – disse por fim, empregando a sua voz neutra. – Vou pedir que faça análises para nos assegurarmos de que está tudo bem. Vamos tentar calcular a data provável do parto. Vá para trás do biombo e dispa-se da cintura para baixo. Tem um lençol para se cobrir.

Assim que Blanca saiu da consulta, Felisa entrou no gabinete e, pela primeira vez desde que o doutor Urbina trabalhava na clínica, sentou-se na cadeira

destinada às pacientes.

– Preferia não ter sabido de nada disto nem desta maneira, doutor, mas vivi a guerra civil e vi muito mais violência entre vizinhos do que pode imaginar, pois o doutor ainda era uma criança e, provavelmente, só se lembra da fome. O meu trabalho aqui é ver, ouvir e calar-me, mas às vezes calar-me não soluciona as coisas, até as piora. Já lhe contei que tratei da primeira mulher do senhor Javier com o doutor Medina. Contei-lhe das lesões que vi, disse-lhe que o doutor preferiu calar-se, como fazia sempre. Mas não lhe contei tudo.

"Ela veio à consulta porque não conseguia engravidar. O doutor examinou-a, eu estava presente. Tinha o útero do tamanho de um grão, era uma malformação genética. A pobre não tinha culpa, mas o doutor Medina pressionou-a dizendo-lhe que o seu dever de esposa era contar a verdade ao marido. Tinha consulta marcada na semana seguinte, mas não apareceu, e também não cancelou a consulta, o que me pareceu estranho vindo de uma senhora tão educada e cumpridora como ela. Li depois que tinha morrido, num jornal atrasado da sala de espera, e perguntei a algumas pessoas. Nesse mesmo fim de semana tinha-se despenhado na cascata de Gujuli. Sabe como é improvável isso ter acontecido? Era uma mulher com medo de tudo, de um tom de voz mais alto, encolhia-se perante qualquer ruído brusco, o doutor conhece esse tipo de mulheres, que pedem autorização até mesmo para espirrar, aterrorizadas para não incomodar? São como cães a quem os donos espancaram à paulada e que pedem autorização com o olhar até para morder um osso que encontraram na rua. Ela era esse tipo de mulher, não a vejo a atirar-se de um precipício com mais de cem metros.

– O que me está a tentar dizer, Felisa?

– Que as pessoas não mudam, que o marido dela sempre teve fama de lhe chegar a roupa ao pelo, mas por ser da família que era toda a gente fingia não saber de nada, e que Javier Ortiz de Zárate não é alguém com quem uma pessoa se possa meter, sem temer as consequências. Já falei demasiado, prefiro ir-me embora, se o doutor me der licença.

Uma consulta por mês. O corpo esguio de Blanca foi-se arredondando, a sua barriga foi aumentando com o peso da gestação. Mas quando o outono chegou, o acordo entre o doutor Urbina e a sua paciente já se tinha transformado da neutralidade incômoda do início para o calor afável de antigamente. O medo que tanto os paralisara era cada vez mais uma memória longínqua que os dois preferiam ignorar quando se viam. Olhavam em frente. Só em frente, pendentes de uma data provável para o parto.

Uma manhã, o doutor Urbina recebeu uma chamada. Quatro toques. De

seguida, silêncio.

“Espero por ti”, calava Branca ao auscultador, sem desligar.

“Espero por ti.”

Álvaro compareceu à tarde ao encontro. Olhou para ambos os lados da General Álava, por simples precaução, e quando se assegurou de que não via ninguém conhecido, tirou as chaves que nunca deixou fora e entrou na porta de entrada.

Blanca esperava por ele no apartamento, despida na cama, como ele se lembrava. Não foi uma tarde para palavras, não havia nada de que falar, apenas dois corpos que se refugiavam dos seus temores e se consolavam para resistir.

Aconteceu na noite seguinte, quando Álvaro voltava da sua última consulta. Tinha-se levantado um vento incómodo e frio, e pareceu-lhe ouvir sussurrar atrás de si enquanto descia pela avenida Generalísimo até casa. Tinham comprado um apartamento de noventa metros quadrados numa das urbanizações da zona da avenida, junto ao bairro de El Pilar. Vários prédios altos de cimento cinzento rodeados de árvores e zonas verdes na rua Honduras, por trás das obras daquilo que ia ser o colégio San Viator.

Quando chegou ao final da avenida, não pôde evitar olhar sobre o seu ombro direito, inquieto. Não havia muita gente na rua, mas parecia-lhe continuar a ouvir o som de passos por perto. Não viu ninguém, mas por precaução aproximou-se de um dos passeios onde alguns bares ainda serviam a última bebida do fim do dia a clientes antes do jantar.

Atravessou a última passadeira na zona iluminada e meteu-se por um caminho de gravilha rodeado por pequenos arbustos e sebes que o levavam diretamente ao seu prédio.

Tornou a ouvir barulhos atrás de si, e dessa vez assustou-se a sério.

– Quem está aí? – gritou alarmado, enquanto se voltava.

Contudo, o único farol nas proximidades devolveu-lhe apenas algumas sombras de folhas, e pouco mais, de modo que acelerou o passo e começou quase a correr pelo passeio que conduzia à porta da sua casa.

De trás de umas colunas saíram três homens com um lenço atado ao pescoço, que lhes tapava o rosto. Eram corpulentos e apenas se via os olhos. Um deles sacou de uma faca longa, com cerca de vinte centímetros. Golpeou-o devagar, sem a pressa e o nervosismo que os carteiristas ou os toxicodependentes costumavam ter.

Os outros dois homens rodearam-no e, apesar de o médico gritar por socorro, ninguém veio em seu auxílio. Uma sombra que pensou reconhecer estava

apoiada no muro do prédio, a vinte metros de distância, vigiando o que ali estava a acontecer.

As Arcadas de San Miguel

Pode o vilão ser também um embusteiro ou a figura que muda a história? Abre os olhos, #Kraken

Quinta-feira, 4 de agosto

Foi uma noite bastante intensa. Alguém publicou no Twitter uma imagem dos dois mortos e toda a gente da rede social começou a fazer de investigador e a tentar identificar as vítimas. Foi também a massa anónima quem batizou os últimos assassinios de “O crime da Virgen Blanca” e criou um novo hashtag: #CVB, que juntamente com #TwinMurders e #Kraken competiam por ser o trending topic a nível mundial. As contas de Twitter dos principais jornais internacionais também falaram do último assassinio, desde o Corriere della Sera em Itália até ao Clarín na Argentina. Um terceiro duplo crime em menos de duas semanas pôs-nos de novo no epicentro das notícias do dia a nível mundial.

Havia várias teorias nas cabeças das pessoas: para muitos, o assassino era claramente Ignacio. Naquela altura, apesar de eu não ter passado qualquer informação a Mario Santos e muito menos a Lutxo, era do domínio público que o seu paradeiro era desconhecido.

Os seus amigos de sempre afinal não eram assim tão amigos da discrição e começaram a contar aos quatro ventos que Ignacio não tinha aparecido nos jantares do grupo antes das festas. Sabia-se que o seu telemóvel estava desligado, e os empregados das lojas junto à porta número 2 da rua Dato contavam a quem quisesse ouvir que há vários dias que Ignacio não entrava nem saía do seu apartamento.

Muitos dos tweets pediam-me explicações: “Onde está o Ignacio, #Kraken? Porque é que ainda não prendeste esse pederasta?”

A verdade é que ninguém, nem familiares, nem amigos, tinham dado parte do seu desaparecimento, e ainda não tínhamos os resultados dos testes ao material de apicultura, de modo que não tínhamos motivos para podermos emitir um

mandado de busca e captura.

Outras tendências apontavam contra Tasio e apoiavam a teoria inicial de que ele era o mandante e tinha um acólito executor na rua. Há dias que haviam surgido iniciativas espontâneas de pessoas a recolher assinaturas para evitar que Tasio saísse no dia 8 de agosto, ninguém se importava que fosse uma saída temporária de menos de uma semana: todos tinham decidido que ia fugir e criticavam-nos por não iniciarmos os trâmites legais para o impedir. Claramente, a opinião nas redes sociais era a de que éramos uns inaptos, eu em primeiro lugar, e eu não deixava de lhes dar razão.

A subcomissária Salvatierra convocou-nos para uma reunião de emergência no seu gabinete, depois de prestar contas ao comissário, que apertou com ela até limites pouco saudáveis que se refletiam no seu rosto cansado.

As suas olheiras eram profundas, tinha as rugas de expressão mais marcadas, o olhar endurecido, o peso do mundo sobre aquelas costas quentes que se tinham apoiado no meu peito horas antes. Ainda nem sequer amanhecera quando eu e a minha colega entrámos na esquadra com o rosto tenso e cara de caso.

– Acabámos de identificar as duas vítimas – informou-nos, estendendo o braço e passando-nos dois relatórios, enquanto eu e Estíbaliz nos sentávamos em frente à sua secretária.

– Já? – perguntou Esti, espantada.

– Nem deu tempo para que os pais ou familiares dessem parte do seu desaparecimento – disse, sem compreender.

– Identificaram-nos nas redes sociais. E respondendo à pergunta que estão prestes a fazer-me, sim, ambos tinham trinta anos. Foram os seus amigos que deram o alarme ao verem as imagens que circularam de modo viral na internet. Eles mesmos contactaram as suas famílias, e chegaram à conclusão de que ninguém sabia onde é que eles estavam. Durante a madrugada publicaram-se várias fotografias dos seus rostos. Os próprios grupos de ambos estavam preocupados, pois ontem à tarde nenhum deles apareceu nos bares onde tinham combinado, nem atendiam os telemóveis. Assim que a notícia do aparecimento de novos cadáveres explodiu nas redes, foi uma questão de menos de uma hora. Os pais de ambos, tanto a mãe de Mateo Ruiz de Zuazo, o jovem de trinta anos, como os pais de Irene Martínez de San Román, a jovem, entraram em contacto connosco para nos informar. A pedido das próprias famílias, não esperámos até de manhã, não me pareceu necessário prolongar o sofrimento daqueles pobres pais, por isso levámo-los para identificarem os corpos. Infelizmente, ambas as identificações foram positivas. Agora estamos à espera de que as autópsias nos

digam, com quase toda a certeza, os resultados que já conhecemos: morte por asfixia causada pela introdução de abelhas na boca, a presença de Rohypnol no sangue e poucas outras novidades.

– De quem se trata desta vez? – perguntou Estíbaliz.

– O homem, como acabei de vos dizer, era Mateo Ruiz de Zuazo. Trabalhava até há algumas horas como professor de Marketing no Basque Culinary Center, ia e vinha todos os dias de Vitoria a San Sebastián. Vivia aqui no seu apartamento, sozinho, mas ia todos os dias almoçar ou jantar a casa dos pais, no bairro de El Pilar. Não tem antecedentes, a mãe diz que nunca teve problemas com drogas, nem sequer tem uma multa de trânsito. Em suma, um jovem normal, saudável e com um cadastro limpo. Muito sociável, muito aberto, desportista, montanhista e, novamente, demasiado confiante. A última vez que alguém viu ou ouviu falar dele foi ontem de manhã, quando combinou, via WhatsApp, com o seu grupo de amigos encontrarem-se depois do lançamento do foguete¹³. Aparentemente, ele nunca foi porque o fumo dos charutos o incomodava. Pelo que a mãe nos contou, o pai era um grande fumador e morreu de cancro no pulmão. Era o único tema em que era bastante radical.

– Certo, o perfil habitual. E a rapariga, mais do mesmo? – perguntou a minha colega.

– Temo que sim. Chamava-se Irene Martínez de San Román, um caso particularmente doloroso, pois fazia trinta anos precisamente ontem. Parece mentira que esteja morta por um único dia. A mãe dela não para de repetir que lhe adiantaram o parto há trinta anos porque a bebé estava numa posição transversal e não podia crescer mais, mas que na verdade estava previsto que ela nascesse a 15 de agosto e que se os médicos tivessem respeitado essa data, neste momento ela estaria viva.

– É curioso as coisas a que os pais se agarram quando perdem um filho – comentou Estíbaliz.

Alba e eu trocámos um olhar por um breve segundo, mas foi como um choque que queimou. De seguida olhámos para Estíbaliz, mas ela olhava concentrada para o relatório que Alba nos dera. Estava completamente alheia à nossa dor. Como é que ela nos poderia compreender? Era como falar com um soldado que nunca esteve no campo de batalha. Era demasiado virgem para nós.

– A Irene tinha combinado com o seu grupo irem ver a descida do Celedón juntos. Às cinco e meia não apareceu, o que deixou as amigas preocupadas, não pararam de lhe ligar e tentar localizá-la desde então. Avisaram os pais dela, que também não sabiam onde estava. Mas quando a notícia dos novos crimes se difundiu na internet, os pais já estavam prestes a vir à esquadra. Como quase todos hoje em dia, estavam praticamente obcecados com os duplos crimes e

estavam muito assustados por a sua filha poder estar... Bem, já sabem, na lista de possíveis vítimas. Recuso-me a aderir à terminologia que se está a usar na imprensa, nos meios de comunicação e na internet: a lista dos condenados, os escolhidos, os...

– A mesma história, começo a perguntar-me que perfil tem alguém capaz de sequestrar pessoas com vinte, vinte e cinco e trinta anos – disse Estíbaliz.

– O que me pergunto é como é que eles se tornam alvos tão fáceis – afirmei. – Apesar de ainda não termos o resultado das últimas autópsias, não houve luta ou resistência em nenhum dos casos. Este assassino é um superdotado social, um camaleão, alguém que sabe como levar as pessoas para o lado dele sem provocar receios ou suspeitas.

– É um psicopata, para de falar como se admirasses o que faz – interrompeu-me Estíbaliz.

– Limito-me a descrevê-lo, inspetora Gauna. Estou a tentar pôr-me na situação dos seis jovens que perderam a vida por se fiarem na amabilidade de alguém.

Esti olhou para mim, um dos seus olhares a pedir desculpa. Estava cansada, tal como eu. Não valia a pena começar uma guerra àquelas horas.

– Por uma vez na vida o Twitter serviu-nos de ajuda, e não ao contrário – disse, mudando de assunto e olhei para Alba durante um segundo.

Ela negou com a cabeça, preocupada.

– Não nos serviu nada de ajuda. Nestas imagens que foram partilhadas, o mundo inteiro pôde ver pormenores que nos esforçámos por esconder do público, pormenores como os eguzkilores. Isto deu origem a toda uma série de teorias neopagãs. Especialistas em mitologia basca começaram a opinar sem que ninguém lhes tivesse perguntado nada; as televisões vão encontrar um filão que as vai manter ocupadas durante semanas. É perigoso que isto crie um precedente, muito perigoso, e o comissário está a ver que ações podemos tomar para evitar que essas imagens continuem a circular; entre outras coisas que o juiz Olano as declare parte de uma investigação em curso. Mas é verdade que agora temos muitas horas, senão mesmo dias, de vantagem.

– Antes de voltar a matar – disse Estíbaliz. – São as festas de Vitoria, temos cinco dias por diante de puro caos, milhares de pessoas nas ruas. Não vamos decretar estado de sítio, mas isto pode ser uma sangria. As pessoas estão com medo. O que é que o assassino pretende alcançar ao escolher matar nestas datas? Que se cancelem as Festas da Virgen Blanca?

– Sem dúvida, está a atentar contra todos os nossos rituais, os nossos costumes, contra todos os lugares históricos. Este homem odeia tudo o que tem a ver com Vitoria – respondi.

– Nisso estou de acordo – disse Alba. – O local escolhido, uma vez mais,

parece avançar na história da cidade. O nicho onde está a Virgen Blanca é do século XVIII. Por outro lado, as vítimas parecem ser escolhidas unicamente por critérios de idade e de apelido, não parece haver um motivo pessoal por trás de cada assassinio.

– Isso se ignorarmos o assassinio e as circunstâncias que rodearam a morte de Lidia, a namorada dos gémeos – interveio Estíbaliz, cruzando os braços. – Ou vamos esquecer-nos dos principais suspeitos, mais uma vez?

– Continuamos sem ter nada, absolutamente nada que os incrimine – lembrei-lhe.

– Exceto a queima das colmeias por parte do Ignacio, além do bom senso – indignou-se a minha colega.

– Pois preciso que me tragam mais do que isso, e depressa, inspetores – disse Alba, levantando-se da cadeira com a intenção de nos despachar. – Esta situação não pode continuar. Ele não pode continuar impune. Temos os olhos de meio mundo à espera de que estes crimes não voltem a acontecer. O comissário não tem de lidar só com a pressão da imprensa nacional. A imprensa internacional também está a cobrir os duplos crimes, e os seus correspondentes vão cobrir toda a semana das Festas da Virgen Blanca. E não fazem ideia de como os jornalistas da BBC, Europa Press e Reuters se podem tornar insistentes quando se empenham em ir atrás de um caso. Vão-se deitar, nem que seja só por algumas horas. Amanhã vai ser um dia muito atarefado. Quero-vos operacionais e a cem por cento. Preciso que avancem em todas e cada uma das linhas de investigação que têm a decorrer. Passem-nas em revista, podem ter deixado passar alguma coisa. De agora em diante, só vou valorizar os resultados e não os esforços. Aproveito para vos informar de que vamos começar uma operação de dissuasão nos edifícios históricos do século XIX, embora seja praticamente toda a área de Ensanche, precisamente a mais concorrida nas festas.

– Tenho uma coisa para partilhar convosco – disse, apesar do cansaço. – É uma linha de investigação que mal comecei a traçar, mas com o ritmo dos acontecimentos, estou a demorar a pôr em prática. Este momento é tão bom ou mau como outro qualquer.

– De que se trata, Ayala? – perguntou a minha chefe, sentando-se de novo.

Falei-lhes das figuras de San Vicentejo e da minha visita à ermida com o senhor Tiburcio. Dizer em voz alta conceitos como o Olho da Providência, o casal original ou os animais moralizantes fez com que Alba levantasse o sobrolho mais uma vez. Estíbaliz também não ficou propriamente alegre quando falei do aprendiz ruivo.

– Não tens nada – limitou-se a dizer a minha colega, muito pouco interessada.

– Na verdade, a única relação com esse homem deve-se precisamente ao Tasio.

Isso não o incrimina ainda mais?

– Se o incriminasse, o Tasio não me teria dado o nome dele. Teria dito que ao fim de tantos anos não se lembrava, e eu não poderia ter feito nada para o identificar – expliquei-lhe.

– Qual é exatamente a tua conclusão? – insistiu, com ar de quem não estava a compreender nada.

– O senhor Tiburcio Sáenz de Urturi é maçom, provavelmente grão-mestre ou Grande Secretário. Não olhem assim para mim, não é segredo nenhum que em Vitoria há pelo menos uma loja chamada Manuel Iradier. Há várias décadas, começaram a encontrar-se numa casa em Respaldiza, no norte, perto de Amurrio.

– Estás a tentar dizer-nos que quem cometeu os crimes também é maçom?

– Não, se fosse um irmão, ou pertencesse a alguma loja, o senhor Tiburcio saberia e não me teria dado essa informação tão levemente. Acho que o assassino pode ser o aprendiz que ele teve a trabalhar consigo durante a restauração. Penso que foi muito influenciado pelas ideias que Tiburcio lhe colocou na cabeça e ele representou-as nos seus próprios cenários históricos. Pode ter querido implicar o Tasio devido ao seu trabalho como arqueólogo. Mas o local do crime com que nos deparamos de todas as vezes é a sua própria reinterpretação. O que vemos é o seu mapa mental, o seu mapa cognitivo, uma imagem fixa de como o seu mundo deve ser resolvido, os seus problemas, os seus traumas, sejam lá quais forem. Não se esqueçam de que os assassínios têm uma lógica de custo e benefício: para ele, tudo o que ele faz tem um sentido, desde a sua assinatura até ao *modus operandi*. Todo o esforço que faz, cada ação que empreende, compensa-o se vir o resultado que quer ver.

– Então, achas ou não achas que é um crime maçom? – insistiu a minha colega.

– Repito: não, apesar de estar diretamente inspirado na iconografia da ermida de San Vicentejo, e penso que foi a pessoa que descodificou o imaginário dos pedreiros medievais que lhe plantou, sem querer, a semente dos crimes com que nos estamos a deparar.

– Unai, com todo o meu respeito, acho que precisa de descansar. Quero continuar a tê-lo como o excelente especialista em perfis que é. Faça um favor a si próprio e durma um pouco. Há noites tão longas que parece que uma vida se passou desde que começaram. Hoje é uma delas – disse Alba, levantando-se novamente e dando a reunião por terminada, metade minha chefe, metade minha quase amante.

Assentimos em silêncio e despedimo-nos com um gesto. Éramos três zombies sem vontade nem forças para falar que abandonámos a esquadra, quando o dia

nascia na zona leste da cidade.

Arrastei-me como pude até à praça da Virgen Blanca. Os grupos regressavam a casa, mas em todo o lado faltava a alegria que conhecia, as brincadeiras, a picardia, os bêbedos a tentarem seduzir as miúdas.

As pessoas moviam-se em grupo. As mulheres voltavam aos pares, em grupos de três ou de quatro. Toda a gente caminhava com o olhar fixo no ecrã do telemóvel.

Aquilo não parecia nada as Festas da Virgen Blanca que eu conhecera nos meus trinta e muitos anos de vida.

Amaldiçoei o poder de um único cérebro para mudar a vida de tantas pessoas que nada tinham a ver com os seus motivos. Assustava-me a facilidade com que os esforços dementes de uma única pessoa podiam ter tamanho impacto em toda a cidade.

Mas sobretudo, amaldiçoei a besta que interrompera o que eu e Alba tínhamos estado prestes a começar naquele telhado.

[13](#). Chupinazo, no original em espanhol. Tradicionalmente, às seis da tarde é lançado um foguete que assinala o início das Festas da Virgen Blanca. Depois da descida do Celedón, na praça principal, acendem-se charutos e abrem-se garrafas de champanhe. (N. da T.)

O Passeio de Miraconcha

Está a agir demasiado depressa. Procura erros, porque se não tiver nenhum por esta altura, juro que me rendo perante essa inteligência, #Kraken

Sexta-feira, 5 de agosto

Acordei e desci para tomar o pequeno-almoço no Mentirón, em plena praça. Um café com um pouco de leite e um croissant. Fi-lo ainda meio a dormir, por hábito. Não pensava, não estava consciente de que aquele maldito caso também estava a alterar as minhas próprias rotinas.

A empregada, uma jovem com o cabelo preso num coque escuro e sobancelhas pintadas com um traço grosso, serviu-me o café que lhe pedi, mas entregou-mo com uma folha debaixo do prato de cerâmica branco.

– É o Kraken, não é?

– Vai servir de alguma coisa se disser que não? – repliquei distraído, cansado daquele assunto.

– Não, foi alguém de confiança que me disse. – Afastou uma madeixa que lhe estava a ir para os olhos.

– Imagino que seja a tua lista de familiares e conhecidos com trinta e cinco anos – disse, olhando sonolento para aquele pedaço de papel com o logótipo do bar.

– Quero apenas que olhe para os nomes. São pessoas reais, pessoas de quem gosto, não um nome no telejornal que daqui a alguns dias passará de moda porque há novas vítimas.

– Todos são pessoas reais, nenhum deles é apenas um nome – repeti, como se estivesse a falar com uma criança.

– Pois prenda os gémeos de uma vez por todas, aos dois, e ponha-os isolados. Não sei do que estão à espera.

Apertei a cana do nariz. Com sorte o despertador ainda não tinha tocado e aquela cena era apenas um daqueles sonhos que me lembravam os meus piores

medos, mas nesse caso o café não cheiraria tão bem como o que tinha diante de mim.

– Apercebes-te de que me estás a tirar toda a vontade de voltar a tomar aqui o pequeno-almoço?

– Talvez seja melhor. Está toda a gente a olhar, está a espantar-me a clientela.

“Basta”, pensei.

Bebi o café ainda a ferver de um só trago, o que me provocou uma queimadura de terceiro grau que me ia doer durante toda a manhã e engoli o maldito croissant em quatro dentadas. Deixei vários euros no prato e levantei-me, pronto para me ir embora da zona inimiga.

Estava prestes a agarrar a maçaneta da porta quando a empregada me segurou o braço. Voltei-me, espantado.

– Que raio pensas que estás a fazer?

– O meu namorado é uma das pessoas que está nessa lista. Estamos à espera de um bebé. Espero que se lembre disso. Não pode deixar uma criança sem pai antes mesmo de nascer. Consegue compreender porque estou tão nervosa?

Aquilo queimou-me como ácido nas veias.

– Queres um conselho? – disse-lhe, perdendo a paciência. – Que se vá embora de Vitoria. Neste preciso instante. Que não esteja cá nos próximos dias, até que...

“Até que outro casal de trinta e cinco anos apareça morto”, ia dizer-lhe, mas como podia pronunciar em voz alta o meu fracasso, como podia admitir diante de uma desconhecida que eu próprio não esperava que a matança tivesse terminado?

Ela ficou branca, depois pareceu pensar no que acabara de lhe dizer.

– Na verdade, tem razão – disse-me. – Que se lixe o trabalho e o chefe. Isto é uma questão de vida ou morte. Obrigada, Kraken.

E saiu do Mentirón como um furacão, à minha frente, com o telemóvel na mão.

....

Meia hora depois, acabava de me sentar no meu gabinete quando recebi um telefonema de um número que não tinha registado.

– Inspetor Ayala. O meu nome é Antonio Garrido-Stoker, do escritório de advogados Garrido-Stoker de San Sebastián. Ligo-lhe na qualidade de advogado do meu cliente, o senhor Ignacio Ortiz de Zárate.

– Estou a ouvi-lo – respondi, procurando disfarçar a minha surpresa.

– O meu cliente encontra-se desde o dia 3 de agosto no meu domicílio

particular na Duque de Baena, por trás do passeio de Miraconcha. Recebi instruções precisas para me comunicar consigo em concreto e gostava de os pôr a falar em videoconferência, se possível ainda hoje de manhã. Compreenderá que, com o rumo que os acontecimentos tomaram, o meu cliente tem o maior interesse em esclarecer a sua situação o quanto antes.

– O Ignacio está consigo? – perguntei.

– Sim. Na verdade, encontra-se neste momento ao meu lado.

– Muito bem. Parece-me que vai ser uma reunião em que vamos abordar aspetos legais. Por isso gostava que a minha superior imediata, a subcomissária Alba Díaz de Salvatierra, e a colega designada para investigar o caso comigo, a inspetora Estíbaliz Ruiz de Gauna, estivessem presentes.

Ouviram-se sussurros do outro lado da linha, em terras de Giupúzcoa.

– O meu cliente diz que já imaginava. Parece-lhe bem que falemos daqui a meia hora?

– Daqui a meia hora, então – respondi, e o advogado desligou.

Dirigi-me o mais depressa possível aos gabinetes da minha chefe e da minha colega para as informar do telefonema, e em poucos minutos preparámos a linha que íamos seguir junto ao advogado de Ignacio.

À hora marcada, os três esperávamos com uma expectativa mal disfarçada a ligação do advogado diante do ecrã do meu computador, tendo este sido previamente rastreado pelos informáticos, com direito também a um telefonema secreto para a Golden Girl, para garantir que MatuSalem não conseguiria registar a conversa e passar a informação a Tasio.

Quando por fim nos ligámos, pudemos ver Ignacio na imagem, de fato e gravata, elegante, como se fosse para uma reunião de negócios. O homem que estava a seu lado, o famoso Garrido-Stoker júnior, mais parecia um tubarão de Wall Street do que um jovem filhote de uma linhagem de advogados mítica em todos os tribunais do norte. Usava os caracóis do seu cabelo escuro penteados para trás, com muito gel, tinha umas entradas que lhe salientavam a testa enorme e o seu casaco teria feito as delícias do meu irmão Germán.

Os Garrido-Stokers vinham de uma linhagem de advogados experientes e preparados; representavam as grandes fortunas e um minuto do tempo dos advogados seniores não estava ao alcance de um salário médio, nem mesmo de um salário privilegiado. Eles jogavam noutra liga.

Atrás dele, podia ver-se toda a baía da Concha e um jardim com sebes quadradas deixava ver a ilha de Santa Clara.

– Sou a subcomissária Salvatierra. – Alba tomou a palavra. – Quero informá-los de que a nossa equipa da Secção Central de Delitos em Tecnologias da Informação organizou esta videoconferência de modo a que possa ser gravada,

visto estarmos mediante uma investigação criminal em curso. Tenho o seu consentimento expresso para gravarmos a conversa?

Ignacio e o advogado trocaram um rápido olhar.

– Não há problema – disse o advogado. – Da nossa parte, a empresa também a irá gravar, se não virem nenhum inconveniente. É pura rotina.

– Tem a minha autorização – disse Alba. – Pode explicar-nos a situação atual do seu cliente e os motivos pelos quais entraram em contacto connosco?

– Claro. Parece-me que vão estar muito ocupados esta manhã, e interessa-nos a todos que a investigação avance. Une-nos uma relação muito antiga com o nosso cliente, na verdade, o seu pai já era cliente do meu pai. O senhor Ignacio Ortiz de Zárate veio ter connosco no dia 3 de agosto, quando decidiu sair da sua casa em Vitoria, após a publicação de uma notícia de carácter difamatório por parte de um meio de comunicação social. Escusado será dizer que já levámos a cabo ações legais contra o jornal. Por outro lado, e antecipando que a série de crimes poderia continuar em breve, achámos que seria conveniente hospedá-lo na nossa residência privada, de onde estamos a falar neste momento. Estamos protegidos por rigorosas medidas de segurança, dada a natureza do nosso trabalho e a importância dos assuntos com que lidamos por causa dos nossos clientes, por isso temos câmaras de segurança que controlam todos os ângulos desta residência durante vinte e quatro horas, incluindo o exterior, como este jardim e outras áreas de lazer.

"O que estou a tentar deixar claro é que o senhor Ignacio aceitou voluntariamente a estar vigiado durante vinte e quatro horas por dia, além de ter renunciado a manter qualquer comunicação por telefone móvel ou fixo com quem quer que seja desde que aqui está. Também não aceitou à internet a partir de qualquer computador ou outro dispositivo, como poderão comprovar em breve. Hoje de manhã, o nosso serviço de entregas enviou-vos para Vitoria todas as gravações dos seus movimentos desde o dia em que chegou, para que os técnicos confirmem que não há qualquer falha nem um único minuto em que o meu cliente não tenha estado vigiado. Com isto pretendemos demonstrar, de modo fidedigno, que ele não poderia ter sido o autor material dos assassinios de ontem à noite.

Durante alguns segundos ficámos estupefactos, e nenhum dos três presentes no lado alavés da reunião soube como reagir.

– Este homem é esperto como tudo – murmurou-me Estíbaliz, quebrando o feitiço.

– Inspetora Gauna, limitei-me a adiantar-me – disse Ignacio, aproximando-se da câmara, com uma expressão semelhante à que me fazia o seu irmão quando o visitava na prisão. – Creio que todos nós aqui presentes estamos envolvidos num

longo e complexo jogo, e mesmo que não se sintam assim, também vocês são peões. Levo-vos vinte anos de vantagem e muitas horas de reflexão. E recuso-me a continuar a ser uma parte passiva neste assunto. No que me diz respeito, já paguei um preço excessivamente alto por algo que não tem nada a ver comigo. Infelizmente, era previsível que o assassino continuasse a matar, e não faço tensões de permitir que me culpem desses assassinios.

Alba lançou um olhar recriminatório a Estíbaliz. A minha colega cerrou os lábios e ficou em silêncio.

– Gostaríamos de fazer várias perguntas ao seu cliente. Entendemos que durante estes dias prepararam a vossa defesa, mas ajudar-nos-ia muito na nossa investigação se nos pudesse esclarecer alguns pontos que fazem o seu cliente parecer suspeito – disse, num tom conciliador. Que sentido faria atacá-lo com aquele tubarão à nossa frente?

– Podem perguntar – disse o advogado.

– Numa das propriedades da sua empresa, perto do município de Murguía, houve um pequeno incêndio a 3 de agosto, um dia depois da publicação das fotos que mencionou. Na mesma data em que, tal como acabou de nos dizer, o seu cliente foi para a sua residência em San Sebastián. O seu cliente estava ao corrente desse facto?

– Sim, foi ele mesmo quem queimou uma parte do seu terreno. O meu cliente afirma que o incêndio esteve sempre controlado e que quando se foi embora já estava apagado. Foi um dia com fortes ventos a sul e muita seca no ar, sei-o porque nas notícias daquele dia informaram que houve um pico de incêndios em todo o País Basco. O meu cliente não tem culpa que tenha escapado alguma faísca. De qualquer modo, se o querem acusar de algum crime contra o meio ambiente façam-no e o nosso escritório encarregar-se-á da sua defesa.

– Os nossos técnicos continuam a analisar certos pormenores desse incêndio, mas gostaríamos de saber se nessa área queimada havia quatro colmeias destinadas a uma pequena exploração de apicultura – indaguei.

– O assunto não nos parece relevante. Se não se importa, o meu cliente vai renunciar a esclarecer esse ponto.

“Isso é porque o Pancorbo te soprou ao ouvido que as abelhas são as armas do crime e não nos podes mostrar que já o sabes sem o comprometer?”, pensei em perguntar-lhe.

Mas calei-me, eram meras suspeitas e seria mostrar demasiado o jogo diante de um jogador tão exímio.

– Na semana passada não lhe perguntámos, mas agora parece-nos relevante – continuou Estíbaliz. – Onde esteve o seu cliente nos dias 24 e 25 de julho?

– Esteve na sua casa de Laguardia e depois na sua residência em Vitoria –

respondeu rapidamente o advogado. Era evidente que estava à espera daquela pergunta.

– Tem alguma testemunha que o possa confirmar? – insistiu a minha colega.

– Infelizmente não. Foi um dia tranquilo em que não combinou nem se encontrou com ninguém. Mas não ter álibi para esse dia não o torna culpado.

– Compreende que esta resposta o coloca numa situação muito delicada? – perguntou Estíbaliz.

– Se aceitei defendê-lo é porque tenho a certeza absoluta da sua inocência, inspetora. Esse facto não será um obstáculo intransponível no meu trabalho.

– Muito bem, falemos então do ponto mais delicado de todo este caso. O seu cliente conhecia Lidia García de Vicuña? – perguntou a minha colega.

– O meu cliente não vai responder a essa pergunta, de momento. Os pais da falecida não apresentaram queixa. Nem sequer depois da publicação de umas imagens que não demonstram nada.

– Não podíamos estar menos de acordo – respondeu Estíbaliz, abanando a cabeça. – No mínimo, demonstram que se conheciam e que tinham intimidade, algo que o seu cliente negou tanto a mim como ao inspetor Ayala. Houve obstrução à justiça.

– Fazem tenções de levar a cabo ações legais em relação a esse ponto em concreto? – quis saber o advogado.

– Reservamo-nos o direito de o fazer. Se for esse o caso, será informado pontualmente – interveio Alba.

– Ignacio – dirigi-me a ele diretamente e ignorei o advogado –, o Tasio admitiu a sua relação com a Lidia, e confirmou-me que em primeiro lugar foi tua namorada, mas que para ti era só mais uma. Disse-me que ele, sim, tinha intenções sérias, que era definitivo, que o teu irmão...

– Gémeo – corrigiu Ignacio, sem conseguir controlar o seu tique.

– Que o teu gémeo ia esperar os dois anos e sete meses que faltavam até a Lidia atingir a maioridade para tornar a relação pública. Ia apostar naquela relação e arriscava muito. Sabias disso?

Observei-o. Estava a ficar nervoso. A agradável brisa que parecia soprar em San Sebastián começou a incomodá-lo, porque não parava de prender uma madeixa de cabelo louro atrás da orelha.

Decidi continuar, a ver aonde é que aquilo nos levava.

– Ele acredita que decidiste prendê-lo no dia em que recebeste o relatório da autópsia atualmente perdida, que indicava que o sémen encontrado no seu corpo era do Tasio, que falsificaste as provas para o incriminar, como colocar folhas de teixo em sua casa, coincidentes com o veneno usado nos crimes. Claro que se entraste em casa dele como familiar que tinha as suas chaves, não há nada a

dizer, mas como levaste outro inspetor da Polícia e fizeste um registo domiciliário sem ordem judicial, passaste por cima de várias normas. Não consigo compreender como é que o juiz não considerou a tua atuação irregular. O que tens a dizer sobre isso? Foi o que aconteceu, Ignacio? Prendeste-o por teres descoberto que a tua namorada adolescente e o teu gémeo te estavam a trair? – insisti.

O rosto de Ignacio crispou-se e transformou-se num esgar de dor, levantou-se de repente, derrubando a cadeira, com os punhos cerrados. Começou a vociferar, mas o advogado foi mais rápido e tirou o som da videoconferência, logo, não conseguimos ouvir nada do que nos gritava.

Pouco tempo depois, a chamada foi interrompida e, atónitos, vimo-nos diante de um ecrã preto.

Os três entreolhámos em silêncio, esperámos meio minuto, e voltámos a receber a chamada do advogado no ecrã.

– Desculpem – disse, com um sorriso que parecia autêntico –, temo que tenha havido um problema técnico. Penso que agora podemos continuar do ponto onde ficámos.

– Um problema técnico, claro. Ficámos no ponto em que o Tasio Ortiz de Zárate admitiu a sua relação com uma menor e afirmou que o seu cliente também a teve – disse Estíbaliz.

– O meu cliente não vai responder de momento a essas acusações infundadas. Se for alvo de ações legais em relação a esse ponto em concreto, o meu escritório de advogados também se encarregará da sua defesa.

– Da nossa parte penso que esclarecemos praticamente todos os pontos – concluí. – Se bem que, diz-me uma coisa, Ignacio, e a ver se não voltamos a ter uma falha de ligação agora. O Tasio vai sair da prisão daqui a três dias. Também foste para San Sebastián e te escondeste num búnquer porque tens medo de que vá atrás de ti?

Mas naquele momento Ignacio estava preparado. Olhou para mim fixamente através da *webcam* e o seu rosto não deixou escapar qualquer emoção.

– O meu cliente não vai responder a essa pergunta.

– Insisto. Ignacio, tens medo ou não de que o teu gémeo se vingue de ti?

– Vamos dar esta reunião por concluída. Como vos disse, ainda hoje de manhã receberão as gravações, em nome do inspetor Unai López de Ayala. É um envelope com um CD. Todos os dias receberão um pacote com as vinte e quatro horas de gravação do meu cliente dentro do recinto das minhas propriedades. Em princípio não sairá daqui até todo este assunto ser esclarecido. Permito-me implorar-lhes que se apressem a fazer o vosso trabalho; ninguém gosta de se sujeitar a uma prisão domiciliária durante muito tempo, por mais bonitas que

sejam as vistas em San Sebastián. O meu cliente tinha uma vida, o meu trabalho é ajudá-lo a recuperá-la.

– Muito bem, meus senhores – adiantou-se Alba. – Agradeço muito a vossa colaboração neste assunto tão urgente. Se tivermos alguma novidade e precisarmos de falar convosco, entraremos em contacto com o seu escritório.

– Peço-lhe que o faça – disse o advogado. – Um bom dia para todos.

A ligação terminou, desta vez definitivamente.

– Conclusões? – perguntou-nos Alba, virando-se para nós.

– Por enquanto está descartado como autor material do crime – disse.

– Mas não está descartado como autor intelectual. – Estíbaliz abanou a cabeça, negando. – Pode ter pago a um assassino profissional para os executar da mesma maneira, para assim se ilibar e obrigar-nos a descartá-lo como suspeito.

– É demasiado retorcido – pensei em voz alta.

– Tudo neste caso é demasiado retorcido – replicou ela.

– Neste momento temo-lo controlado e localizado a cem quilómetros daqui. Isso já me parece uma boa notícia. Mas tens razão, todos estes truques legais não o descartam definitivamente como suspeito, nem dos crimes de há vinte anos, nem dos primeiros de agora – tive de reconhecer.

– E não nos esqueçamos de que não tem álibi para os dias 24 e 25 de julho – disse Estíbaliz.

– O facto de não ter estado com ninguém não significa que seja suspeito – insisti.

– Oh, por favor! Nem tu acreditas no que estás a dizer. É um tipo com uma agenda social sempre cheia. Até antes de ontem toda a gente o requisitava para atos oficiais, mas precisamente no dia e na véspera da Blusa não tem planos com ninguém, nem sequer com o seu grupo de amigos?

– Talvez, dadas as últimas traições dos seus amigos, não nos tenha querido dar nomes porque não se fia de que mintam e o incriminem – pensei em voz alta.

– De qualquer modo, vamos dar esta reunião por encerrada – disse-nos a subcomissária. – Todos nós temos imensas coisas para fazer hoje de manhã. Se houver algum avanço relevante na investigação, informem-me de imediato.

Ambos assentimos e Estíbaliz também se levantou.

Fiquei sozinho no meu gabinete e entrei na minha conta de correio eletrónico para ver os emails novos.

Entre as dezenas de mensagens que tinha por ler, uma delas chamou-me a atenção: o remetente era, de novo, Fromjail.

Abri o email e encontrei-me com um Tasio que me reclamava, urgente:

Kraken, penso que acabei de encontrar uma coincidência que te pode interessar. Espero que seja a minha última contribuição para o caso.

Vem visitar-me agora mesmo, receio que não haja tempo a perder.

As Torres de Honduras

Vitoria, outubro de 1970

O homem que segurava a faca colocou-se atrás dele antes de ter tempo de dar a volta e desatar a correr.

– Nada de gritos – sussurrou-lhe.

Álvaro largou a sua pesada mala de médico, que caiu ao chão com um baque. Levantou as mãos por cima da cabeça com cuidado, em sinal de rendição. Sentiu a ponta da navalha cravada do lado esquerdo do pescoço, a uns centímetros da artéria carótida.

– Não vou resistir, podem levar tudo o que tenho de valor.

Estava vestido com roupas escuras, como os outros. Sabiam o que estavam a fazer.

Nada digno de nota, nada identificável, exceto que o corpulento era braquicéfalo, tinha o crânio plano na parte de trás da cabeça.

– Primeiro o relógio, devagar – disse o mais alto, aproximando-se também.

Álvaro obedeceu, concentrado em dominar o pulso e não se deixar vencer pelos tremores da mão.

– Agora a carteira – exigiu de novo o que segurava a faca. – Vamos, não temos a noite toda.

Entregou-a, e nunca se sentiu tão aliviado como quando percebeu que tinha retirado recentemente um recorte de Blanca que, durante meses, levava dobrado no forro interior da sua carteira. Foi um pensamento lúcido, algo a que se agarrou durante aqueles momentos de terror cego.

Quando julgou que o assalto tinha terminado, chegaram os murros. Todos à altura do tórax, nenhum no rosto. Resistiu a dois golpes de pé, no ângulo esterno costal superior. O mais corpulento batia-lhe e os outros dois seguravam-no. O terceiro gancho, à altura das costelas flutuantes, dobrou-o em dois.

Depois, já no chão, começaram os pontapés. Protegeu a cabeça com ambas as mãos e dobrou-se na posição fetal, procurando minimizar os danos. Nas costas doía menos, nos testículos deixaram-no sem ar, aturdido, maldispuesto.

O homem da navalha agachou-se e pô-la diante do seu rosto. Álvaro pensou que era o fim, que não ia ter os trinta anos que assinara com o Banco de Vitoria para pagar a hipoteca da casa que estava por cima deles.

Depois espetou a faca na sua coxa esquerda, rasgando as calças de flanela, a pele com sardas, alguns vasos sanguíneos e dez centímetros de fibra muscular.

– Não toques no que não é teu, médico de meia-tigela – pareceu-o ouvir dizer a sombra que observara tudo à distância, quando desapareceram por trás das colunas.

Não conseguia ver muito nem se fiava nos seus sentidos naquele momento, mas poderia jurar ter reconhecido o andar torcido do motorista de Javier Ortiz de Zárate.

Quando desapareceram, concentrou-se em controlar a hemorragia da coxa. Rastejou até ficar escondido pelas sebes da estrada e abriu a sua mala, que os supostos ladrões não se tinham incomodado em levar. Tirou uma ligadura e envolveu nela a coxa com toda a força de que foi capaz. Ficou durante algumas horas deitado nos arbustos, até calcular que Emilia já se fora deitar. A sua esposa era muito assustadiça, se lhe contasse que uns homens o tinham roubado e espancado à porta de casa, ela não voltaria a andar sozinha pela urbanização.

Começou a viver em pânico, a inventar desculpas para andar sempre acompanhado, para não deixar a mulher e os filhos saírem sem ele. A desconfiar da cidade, das suas ruas, dos colegas mais prósperos que o convidavam para um copo de vinho na rua Dato ou umas tapas no Txapela, por melhor que cheirassem as lulas aos domingos depois de ir à missa na paróquia de San Mateo.

E a evitar qualquer rua que o levasse à General Álava.

No dia da consulta dos cinco meses, Blanca apareceu na clínica com o seu marido.

Álvaro baixou a cabeça. Sentia-se como o cão maltratado de que a sua enfermeira lhe falara, não tinha forças para confrontar Javier Ortiz de Zárate.

Já tivera o suficiente.

Era assim que se mantinha um homem, uma empresa, uma cidade sob controlo.

– Como está, doutor? Tudo bem? – O empresário estendeu-lhe a mão e apertou-a com uma força que a Álvaro pareceu excessiva.

– Tudo bem, senhor Javier – respondeu, sem olhar para Blanca em nenhum momento. Ela permanecia calada, também submissa perante a presença imponente do marido. – O que... o que o traz por cá?

O empresário sentou-se sem esperar pelo convite do médico. Blanca ficou de pé a seu lado, inchada com a sua grande barriga.

– Queria comprovar pessoalmente que está tudo bem. A gravidez da minha mulher, quero dizer.

– Claro que sim. Tenho os resultados das últimas análises e está tudo em ordem, apesar de haver alguns valores pouco habituais, que me surpreenderam. Com a sua permissão, vou examinar a sua esposa – disse, morto de medo. Levantou-se, disfarçando o coxear que a facada na coxa provocara.

– Continue, doutor.

Javier olhou-o nos olhos, e a Álvaro pareceu notar um desafio nas suas palavras. Uma espécie de desafio retorcido. O jogo enojou-o, sentiu o vômito a formar-se no esófago, mas conseguiu reprimi-lo.

– Dona Blanca, vamos ouvir o batimento cardíaco. Peço-lhe que se sente na maca. Pode desapertar a parte de baixo da blusa.

Blanca obedeceu sem dizer uma palavra.

– Deite-se sobre o seu lado esquerdo. Vou tentar ouvir o bater do coração do seu filho – disse, apalpando a linha entre o umbigo e a púbis de Blanca.

Apalpou a barriga, à procura de uma zona mais plana e dura que lhe indicasse que estava diante das costas do bebé, mas a que localizou pareceu-lhe demasiado pequena.

De qualquer modo, concentrou-se nessa área. Abstraiu-se do olhar inquisitivo de Javier e procurou com o estetoscópio algum barulho que se parecesse com o bater do coração.

Foi então que descobriu dois corações diferentes cujo ritmo era muito mais rápido do que o da sua mãe:

– Dona Blanca, está grávida de gémeos – conseguiu dizer em voz alta.

– Gémeos? – repetiu Javier, levantando a voz. – Gémeos! Como os meus tios. Tive uns tios gémeos, sabe? O tio Ignacio e o tio Anastasio... Isso é hereditário, não é verdade? Ouvi dizer que se o pai tem tios gémeos, tem mais probabilidades de conceber um casal.

Na verdade, as estatísticas diziam que era a mulher quem herdava as probabilidades, caso tivesse antecedentes na família, mas Álvaro calou-se e assentiu, convicto. Javier não duvidar da sua paternidade era o seu seguro de vida.

– Assim é, senhor Javier. Parece que perpetuou o seu legado familiar peculiar. Penso que já tem o nome dos seus filhos... – felicitou-o, sem se atrever a dar-lhe

uma palmadinha naquelas costas rochosas –, se forem ambos varões, quero dizer.

Javier olhou para ele, ofendido.

– E que outra coisa haviam de ser, doutor? Não me aborreça com prognósticos agourentos. Serão varões, como o seu pai.

– Era o que mais faltaria – murmurou, sem vontade de discutir.

Teve um ataque de ansiedade quando, finalmente, o empresário se foi embora com a esposa. Felisa socorreu-o, administrou-lhe um calmante, preocupada, e ajudou-o a deitar-se na maca até a taquicardia passar.

Dias mais tarde recebeu uma chamada com quatro toques.

Como podia ela saber pelo que ele passara?

Não apareceu no apartamento da General Álava. Passou as semanas seguintes letárgico, a contar os dias para a data provável do parto.

Esperava com ansiedade a visita seguinte de Javier e Blanca. Tinha tomado uma pequena dose de morfina antes da hora em que os esperava ver aparecer pela porta, mas não parecia que a droga estivesse a fazer efeito.

Ao meio-dia em ponto, Blanca entrou, com um vestido de mangas compridas, preto, laranja e castanho, que disfarçava as suas curvas.

– O meu marido não pôde vir. Surgiu-lhe uma viagem de última hora a Sestao, em Altos Hornos. Estamos sozinhos.

– Muito bem, passemos à mesma ao exame – respondeu ele, evitando olhar para ela.

– Não vieste ao apartamento quando te liguei... Deixaste-me, não é verdade?

“Eu deixei-te?”, pensou, impotente.

– Penso que ele sabe, pode ser que saiba – respondeu Álvaro.

Levantou-se da sua cadeira, cansado de tudo, trancou a porta e baixou as calças diante de Blanca.

– O que... o que estás a fazer? – perguntou ela, incomodada com aquela nudez improvisada.

– Há dois meses e cinco dias, vinte e quatro horas depois do nosso último encontro na casa da tua tia, três indivíduos assaltaram-me à porta de casa, deram-me um enxerto de pancada e deixaram-me esta cicatriz. Uma testemunha, o chefe, observou tudo. Penso que era o teu motorista. Não o denunciei, não quero ter nada a ver com a Polícia desde que o teu marido deu entrada nas Urgências.

Blanca levou as mãos aos rosto e cobriu a boca, sem conseguir deixar de olhar para o corte vermelho na coxa de Álvaro. O sangue sumiu-se-lhe do rosto.

– Pode ser que também te faça o mesmo, assim que tiveres os gémeos. Pelo

amor de Deus, Blanca! Pode ser que o teu marido saiba de tudo e que depois do parto acabe o que começou.

Blanca apoiou as mãos na mesa, fechou os olhos e sacudiu a cabeça, procurando acalmar-se.

– Não quero ter mais nada a ver com este assunto – continuou Álvaro, enquanto voltava a subir as calças e a apertá-las. – Cumprirei com a minha parte e farei o parto dos vossos filhos ou das vossas filhas. Depois, não quero saber de mais nada. Eu... estou a pensar em fugir para a América depois do parto.

– E a tua mulher e os teus filhos? – perguntou ela.

– Sou um médico registado, tenho seguro de vida, caso me aconteça alguma coisa. As viúvas e os órfãos dos médicos ficam bem na vida, ela receberá uma boa pensão e pode voltar para a aldeia com as crianças, para junto da sua família. Vivem sem grandes luxos, mas não lhes vai faltar nada, e na aldeia estão melhor sem mim.

– Mas... e os teus filhos? – insistiu Blanca. – Vais abandoná-los?

Não estava a pensar nas duas crianças ruivas que vira duas vezes, mas sim nos que ia ter com ele.

– Os meus filhos? Os meus filhos são dois mal-educados que se estão a habituar mal na cidade. Só sabem pedir, pedir e pedir. Eu... não sou um pai muito afetuoso, Blanca, custa-me muito, por timidez, mostrar o que sinto. Para eles sirvo apenas para me pedirem dinheiro. Na aldeia vão estar melhor: não há lojas, nem diversões, nem lojas de brinquedos, há já algum tempo que penso que estariam melhor lá. E a Emilia... olha bem para ela. Não se consegue adaptar; as esposas dos meus colegas riem-se dela nas suas costas e nem a convidam para beber café. É normal, deixou a escola antes de aprender a somar, fala pelos cotovelos... em Vitoria ela nunca será feliz. E sei que não queres vir comigo, foi por isso que não te perguntei. Há pessoas que sabem como aguentar a pancada, aprendem a recebê-la vezes sem conta, e essa é a sua força. Mas não sabem como fugir, a simples ideia de um mundo desconhecido paralisa-as, e acho que tu és desse tipo de pessoas.

Blanca ficou em silêncio, perturbada.

– Vês...? Não me digas que faço mal ao não te propor para vires comigo. Estou cansado de ser um cão maltratado. Não aguento mais.

O resto da consulta decorreu como previsto. O doutor Urbina verificou a última análise da paciente, ouviu o bater daqueles dois pequenos corações e aconselhou dona Blanca a descansar.

Zugarramurdi

Estou à tua espera, #Kraken

Sexta-feira, 5 de agosto

Tasio esperava por mim na sala do costume. Desta vez tinha diante dele uns quantos envelopes velhos e papéis escritos à mão espalhados pela mesa que nos separava. Tinha algo novo no olhar, um brilho que qualquer otimista definiria como esperança.

– Desta vez foi até ao século XVIII, às arcadas de San Miguel. Já pensaram em vigiar os próximos possíveis cenários?

“Estamos a tratar disso, mas de que serviria?”, pensei.

– O que é que encontraste, Tasio? – disse, ignorando a sua pergunta. – Parece-me que é importante. Não sabes o dia que tenho pela frente.

– Foi precisamente por isso que te mandei chamar tão depressa. Estou a par do teu encontro com o meu... colaborador, e também de que o encarregaste de um certo trabalho, tal como a mim. Bem, cruzámos os nossos resultados e fizemos uma descoberta que me parece importante partilhar contigo, se bem que a nível pessoal te vai custar aceitar. Quero que mantendas a mente aberta e penses como um investigador, combinado?

– A sério que me estás a pedir para ter a mente aberta? – Tive de me controlar para não rir. – Tens-me aqui, disposto a ouvir-te, enquanto toda a gente te toma por um assassino pederasta.

Fulminou-me com o olhar. Noutros tempos, aquilo ter-me-ia intimidado demasiado para falar, mas naquele dia Tasio estava menos negro do que era hábito.

– Ora bem, devia começar por explicar que há várias décadas tive um colega de aventuras esotéricas. Costumávamos ser amigos, mas a nossa relação não acabou bem, e ele escreveu-me durante os meus primeiros tempos na prisão,

expressando o seu apoio, o seu orgulho por aquilo que ele considerava ser uma certa servidão para manter a chama do paganismo acesa nestas terras. Ignorei-o e nunca respondi a nenhuma das suas cartas. Sabes, há toda uma gama de perfis entre os admiradores dos assassinos em série. Alguns só procuram aproximar-se do perigo, outros transmitem a sua admiração por termos tido a coragem de pôr em prática as suas fantasias, muitas mulheres insinuam-se e propõem sexo, assim, sem mais nem menos. Outras sofrem do complexo de enfermeiras: querem consertar pessoas danificadas, é o seu gatilho emocional. Têm normalmente no seu passado todo um historial de relacionamentos com alcoólicos, toxicodependentes, doentes crónicos ou terminais... E, às vezes, abordam presos condenados por crimes de sangue. Por último, há um tipo, felizmente muito pouco frequente, que é o mais perigoso. Aqueles que realmente o vão fazer, aqueles que gostariam de ser assassinos, e um dos seus primeiros passos é entrar em contacto com um deles, como aproximação ao meio criminoso. Ele era um deles. A partir de... certas divergências que tivemos, comecei a pensar que era realmente um tarado perigoso.

– Continua, por enquanto ainda não me deste nada.

– Tem paciência, Kraken. Já lá chegaremos. O MatuSalem encontrou uma coincidência no seu nickname e na sua conta de Twitter. Eu não sabia que ele também me seguia nas redes sociais, que é um dos mais participativos, e que a sua conta foi a primeira a publicar, na noite passada, a imagem das vítimas dos crimes da Virgen Blanca, logo temos a prova de que estava perto do lugar do crime.

– E porque seria tão estúpido ao ponto de chamar a atenção para si desse modo?

– Tudo neste crime tem um elemento muito visual. Está a torná-lo muito público com o único propósito de que admiremos a sua obra.

– É curioso, diz-se o mesmo de ti.

Ignorou o meu comentário e continuou.

– Acontece que este tipo tem antecedentes criminosos por tráfico de estupefacientes, por isso investigámo-lo.

– Vês? Isso já me interessa mais.

– Fiquei surpreendido quando o MatuSalem encontrou o seu nome completo e percebeu que é irmão da tua colega – disse, atento à minha reação.

– Desculpa? – consegui dizer.

Talvez aquela fosse a melhor notícia: ter finalmente indícios fiáveis da sua ligação com o caso. Também eram as piores, pois iam afetar Estíbaliz.

– O nome dele é Eneko Ruiz de Gauna, já teve várias alcunhas, segundo me consta. Conheci-o como Eguzklore e como Ervas, e, na verdade, ele continua a

usar a última, porque @oervas é a sua conta no Twitter. Não te vou esconder nada a esta altura do campeonato: o Eneko começou por ser o meu traficante há vinte anos e, embora na altura ainda fosse uma criança, partilhávamos o mesmo interesse pelo passado pagão desta terra, de modo que nos dávamos muito. Atualmente gere uma loja na torre de Doña Otxanda.

– Sim, eu sei que ele tem uma loja na torre de Doña Otxanda – interrompi-o, desconfortável. – Mas... podes dar-me provas que mostram que é verdade aquilo que dizes?

– Estarão no teu email antes de saíres deste recinto.

– Muito bem, Tasio. Se o conhecestes no passado, se achas que ele é capaz de ter feito tudo isto, fala-me dele. Diz-me, o que aconteceu para que a vossa amizade terminasse de maneira tão abruta? Neste momento preciso de o saber.

– Tivemos uma má experiência em Zugarramurdi. – Desviou o olhar. – Não é agradável.

– Ainda mais uma razão para que me contes.

– O Eneko era um fundamentalista de tudo o que era esotérico. Bem como um fiel defensor do consumo de drogas como porta de entrada para se ter outras percepções, muito ao estilo das experiências criativas de Aldous Huxley com o peiete ou a mescalina na década de 1950. Não sei se leste *As Portas da Percepção*, mas foi o seu livro de cabeceira. Eu estava muito interessado no aspeto antropológico de Zugarramurdi, mas ele levou-o ao limite. A verdade é que eu devia ter adivinhado que aquilo ia acontecer.

"Fomos dois casais, ele oficiou a cerimónia, uma espécie de ritual ancestral, seguindo as indicações das confissões dos acusados dos crimes de Logroño. Para mim aquilo não tinha qualquer credibilidade, a maioria das confissões era obtida sob coação, se não mesmo tortura. Na maioria delas, os acusados, aterrorizados, respondiam o que achavam que deviam responder para colaborar com o Santo Ofício. Eram as fantasias e a imaginação do homem do século XVII que estavam ali descritos, não a realidade. Mas o Ervas levou tudo à letra, por isso os casais despiram-se, demos a mão, e ele colocou eguzkilores no chão e deu-nos uma mistura para beber. Foi então que começou o pesadelo.

– Que pesadelo?

– O que quer que nos tenha dado para beber paralisou o nosso corpo e provocou-nos alucinações. Imagino que o ambiente tétrico da gruta deve ter influenciado, mas foi a experiência mais aterrorizadora que já tive na vida. Não conseguia mexer nenhum membro, se bem que, de um modo estranho, estava consciente. Notava sombras nos limites do meu campo visual, outras presenças que eu sabia que não estavam lá connosco, mas sentia-me muito vulnerável sem me poder mexer, e aqueles momentos pareceram-me muito ameaçadores... Para

ser justo com o passado, foram assustadores. Tinha medo de que os meus pulmões também paralisassem e morresse asfixiado. Aquilo durou várias horas, mas ele foi o primeiro a conseguir voltar a mexer-se, e nós continuámos ali deitados e despidos, vendo-o a passear no meio de nós com os seus cânticos, sem conseguirmos mover um músculo. Juro-te que naquele instante quis...

– Matá-lo?

Respirou fundo, não caiu na armadilha.

– Aquilo quase que nos matou. Quando nos conseguimos levantar, eu e as duas raparigas vestimo-nos e regressámos no meu carro. Nunca mais quis saber nada dele. Por isso, quando me escreveu estas cartas que aqui vês, ignorei-o por completo.

Mostrou-mas do outro lado do vidro de segurança. Apontei para elas:

– Também vou precisar que mas dês.

– São todas tuas. Não as quero. Nelas podes comprovar quão podre pode estar a mente de uma pessoa.

Olhei para o relógio, já se fazia tarde. Fiz tenções de me levantar e despedi-me.

– Agradeço-te pelo que acabas de contar-me. Sais daqui a dois dias, vais voltar?

– Estás a perguntar-me se vou fugir? – disse, sorridente.

– Quero simplesmente saber o que fazer, se precisar de mais alguma coisa da tua parte... extraoficialmente.

– Não vou deitar tudo a perder agora, já cumpri a maior parte do tempo de uma condenação por algo que não fiz, mas tenho quarenta e cinco anos, por isso ainda posso aproveitar e ter algo parecido com uma vida quando sair definitivamente – disse, como se a minha dúvida o ofendesse.

– Imagino que não seja a saída que esperavas.

– Não, não é. Nada é como esperava. Em Vitoria toda a gente me odeia agora por causa da Lidia. Não me parece que possa caminhar pelas ruas como tenho sonhado há vinte anos. Mas voltando à tua pergunta, Kraken, sabes perfeitamente como chegar até mim, se precisares. Nada que não tenhas feito antes.

E dito isto, levantou-se, fez um gesto ao polícia que vigiava a sala de visitas e desapareceu.

Saí da penitenciária e marquei o número da minha colega. Combinei com ela em frente à Catedral Nova. Não queria testemunhas da nossa conversa.

Encontrámo-nos com cara de caso junto à praça de Lovaina. À nossa volta, os

grupos de blusas continuavam a brincar pela rua, ao som da música alegre das charangas.

– Parece contraditório que as pessoas continuem a divertir-se, apesar do que aconteceu esta noite – disse. – Pergunto-me se não seria mais fácil para todos se as festas fossem canceladas.

– Talvez seja esse o propósito das tradições, das festas típicas, dos dias assinalados no calendário. A vida continua, apesar de acontecerem desastres, mortes, guerras... Talvez seja um ensinamento dos nossos antepassados: que o espetáculo deve continuar. Independentemente do que aconteceu, deve continuar a celebrar-se a noite de São João, o Natal, a Páscoa, um aniversário – respondeu Estíbaliz, pensativa. – Anda, Kraken. Vamos entrar.

Havia um jardim da rua Magdalena, um pouco escondido, que quase nunca tinha gente. Albergava uma sequoia de quarenta e dois metros, eram precisas cinco pessoas para abraçar a base do seu tronco. Estíbaliz mostrara-me aquele recanto há alguns anos, quando a palavra colega começou a significar algo mais do que mero “colega de trabalho” e deixei de a ver apenas como uma das amigas do grupo da minha defunta esposa.

Sentámo-nos no nosso banco, a olhar em frente. O barulho da festa chegava abafado, como se fosse apenas uma lembrança na minha cabeça. Na verdade, não sabia como começar aquela conversa.

– Esti, estive agora a falar com o Tasio. Não vais gostar nada do que ele me disse, mas prefiro falar contigo primeiro.

– Meu Deus, é a pior introdução a más notícias da história. Vá, dispara.

“De acordo.”

– Lembras-te do episódio de Zugarramurdi de que o Ignacio nos falou em casa dele?

– Sim.

– Hoje, o Tasio contou-me a mesma história, do seu ponto de vista. Falou-me de uma droga que os manteve paralisados durante horas, e o misterioso rapaz que lha deu foi o teu irmão, Estíbaliz.

– Desculpa?

– Sabias que o teu irmão e o Tasio foram amigos?

– É meu irmão, tem a vida dele. Nunca controlei todas as suas amizades, muito menos quando era jovem.

– Naquela época já era um fura-vidas, Estíbaliz. Consumia e traficava drogas. Todos nós sabíamos.

– Isso é tudo o que tens, Kraken?

– Não, tenho uma pessoa a quem apelidam de Eguzkilo, como a assinatura dos crimes. Tenho alguém que vive por e para tudo o que é esotérico. Tenho um

indivíduo que escrevia cartas de admiração ao Tasio quando este foi para a prisão e que agora é um dos seguidores mais ativos da sua conta de Twitter. Tenho alguém que ontem se encontrava no local do crime minutos depois de se terem encontrado os cadáveres e que foi o primeiro a partilhar na internet a imagem das vítimas.

Estíbaliz cerrou os dentes.

– E tu sabias desde ontem à noite e não me contaste nada – continuei. – Sabias que era a sua conta de Twitter.

– Isso não o incrimina. Houve mais utilizadores que publicaram outras imagens e não achas que eles são culpados.

– Estíbaliz, começam a ser demasiadas evidências. O Lutxo contou-me que no fim de semana passado o teu irmão insistiu em regressar à gruta de Zugarramurdi, que lhes falou dos duplos crimes e que a ninguém pareceu normal quão entusiasmado estava com o assunto.

– O Eneko é assim, Kraken. É demasiado radical, ou tudo ou nada. Fala com demasiada veemência, não põe um filtro entre aquilo que pensa e o que diz... É uma pessoa difícil, mas...

– Deixa-me acabar, Esti. Isto está a custar-me tanto como a ti. Mas ainda tenho mais pontos na minha lista: sabe mexer em abelhas, vocês foram criados com colmeias em casa e, tal como tu própria disseste, era ele quem tratava disso, porque tu tinhas demasiado medo e elas picavam-te.

– Isso não faz dele um assassino em série.

– Também lida e conhece os efeitos de muitos tipos de drogas diferentes. Para ele seria fácil ter acesso a Rohypnol. Agora tem uma loja muito central, na torre de Doña Otxanda. A partir de lá, com a sua carrinha de um negócio muito conhecido em Vitoria, conseguia facilmente transportar os corpos para a Catedral Velha, a Casa do Cordón e as arcadas de San Miguel, sem levantar suspeitas. E, por último, é ruivo. Ou foi. Tal como o aprendiz do maçom. O senhor Tiburcio partilhou comigo que suspeitava que o seu pai lhe dava cargas de pancada. Sinto muito trazer o assunto à baila, Estíbaliz, mas há demasiadas coincidências que não podemos ignorar. Sabes se o teu irmão trabalhou em San Vicentejo nalgum verão?

– Não posso afirmá-lo, mas também não posso garantir que não. O meu irmão começou a arranjar biscates desde muito novo. Às vezes ia para a zona de Laguardia para a vindima, às vezes consertava telhados nas aldeias. Não consigo seguir o teu raciocínio, Unai. A sério que não consigo. Achas mesmo que cometeu os crimes de há vinte anos, com apenas quinze anos?

– Com quinze anos o teu irmão já era tão alto como um homem, e as vítimas foram bebés e crianças de cinco, dez e dois miúdos de quinze, não muito

corpulentos. Pode tê-lo feito perfeitamente. Quem é que ia desconfiar que um miúdo de quinze anos pudesse pôr uma nação inteira em choque?

Ela abanou a cabeça mais uma vez.

– Não tens nada, não tens uma só prova física, nem uma folha, nada que o coloque realmente nos cenários dos crimes. O que vieste dizer-me são simples coincidências que insistes em deturpar para se adequarem à tua versão dos factos.

Suspirei e apoiei-me nas costas do banco do parque.

– Pensa como o especialista em perfis que és e dá-me um motivo – insistiu. – Dizes sempre que a motivação de um crime é algo pessoal, muito íntimo. Que motivo ia ter o meu irmão para matar tantas crianças e agora pessoas da nossa idade, podes dizer-me?

– Acho que o miúdo ruivo que ouviu as histórias do maçom embebeu todas aquelas práticas ocultistas, criou um cenário na sua cabeça com todas as imagens da ermida de San Vicentejo e está a representar a sua própria jornada iniciática com as idades do Homem. Aquilo com que eu e tu nos deparamos sempre que chegamos ao local do crime é uma projeção física de imagens mentais bastante elaboradas que tem na cabeça.

– Mas porque implicou os gémeos? Como é que isso encaixa na tua teoria?

– O teu irmão queria vingar-se do Tasio. Talvez por despeito por terem continuado a ser amigos e a praticar aqueles jogos relacionados com o oculto. Foram a Zugarramurdi com duas raparigas. Se uma delas era a namorada do teu irmão, tenho a certeza de que alguma delas era menor. O teu irmão conhecia os casos do Tasio, por isso assassinou a Lidia García de Vicuña. Era uma maneira brilhante de o implicar e de enfrentar os dois gémeos.

– Não me convences, Kraken. O teu raciocínio é demasiado débil. Para fazer o que está a fazer, se pensou em tudo isto para destruir a vida dos gémeos, precisa de os odiar de morte. São demasiados anos, demasiadas chatices para um motivo tão fraco.

Fez-me duvidar. As palavras de Estíbaliz fizeram-me duvidar.

– Tu também não estás convencido, pois não? – disse, pegando-me no queixo com a mão. – Olho-te nos olhos e sei que tens um resquício de dúvida, que não estás convencido a cem por cento. Unai, sei que vais rejeitar o que te vou dizer a seguir. Não gostas nada quando te chamam a atenção, e sei que vais reagir mal, mas o Tasio Ortiz de Zárate fez-te uma lavagem ao cérebro. Foste uma presa fácil, mas a tua síndrome de Estocolmo não te deixa vê-lo. Não te deviam ter dado a ti o caso, sempre tiveste uma paixão doentia pelo Tasio. Lembras-te de que entraste para a Polícia por causa dele, porque com vinte anos achavas que podias resolver o caso? A Paula contou-me, era uma dessas particularidades tuas

de que ela não gostava nada. Não te apercebes, mas o Tasio faz-te sentir que te escolheu, e acabaste por ir por onde ele te indica. Teve vinte anos para pensar em tudo. Achas mesmo que alguma destas coisas que aconteceram esta semana é pura coincidência?

– Não metas a Paula nisto – limitei-me a avisá-la. – Não tem nada a ver com isto.

– Então não metas tu o Eneko nisto, porque ele também não tem nada a ver.

– Parece-me que tem, Estíbaliz. A mim parece-me que o teu irmão tem muito a ver com isto.

– Não te apercebes? Vinte anos depois, volta a repetir-se a mesma situação: estou na posição de entregar o meu irmão. O Ignacio fê-lo, mas eu não sou o Ignacio, e não o farei, não me vou render como ele perante as primeiras evidências. Vou seguir outras pistas, que é o que se espera de uma irmã.

Levantei-me, olhei para cima, procurando descansar o olhar, e deparei-me com os ramos frondosos da sequoia.

– Deixa-me pensar durante o fim de semana, Estíbaliz. Preciso de descansar um pouco de tudo isto. Tenho estado a adiar o momento, mas temo estar a ser um mau investigador se demorar muito mais. Vou falar com o teu irmão. Apenas falar, mas tenho de informar a subcomissária. Se o Germán fosse suspeito, sei que o farias, sei que terias de o fazer, não podemos deixar que os assuntos pessoais nos ceguem.

Estíbaliz também se levantou, olhou para o chão, deu um pontapé numa pedra.

– Que os assuntos pessoais nos ceguem... Isso é curioso, Kraken. Curioso que sejas tu a pronunciar essas palavras.

E foi-se embora, apressada. Será que ela sabia o que eu e Alba tínhamos?

O Palácio dos Unzueta

Vitoria, fevereiro de 1971

Os vitorianos recordariam por muitos anos aquele primeiro dia de fevereiro, porque caiu o pior nevão do século.

Os limpa-neves não davam vazão à limpeza dos principais acessos da cidade. Os trabalhadores da DKV levantavam-se uma hora antes do habitual, desciam à rua com as suas pás e desenterravam os seus Fiat 600 e os seus Renault 12, que estavam completamente cobertos por um manto de neve de noventa centímetros. De seguida, armados com álcool, raspavam o gelo dos limpa-para-brisas dos carros com pedaços de plástico duro e muita paciência.

O doutor Urbina encontrava-se no seu gabinete, lendo um manual de patologia mamária, feliz por ter uma manhã mais tranquila pois todas as suas pacientes tinham cancelado as consultas dada a impossibilidade de se deslocarem à clínica. Felisa arrumava os instrumentos nas prateleiras pela terceira vez, um pouco nervosa pela inatividade.

De repente, o toque do telefone interrompeu a sua leitura e ele próprio atendeu, distraído.

– Consultório do doutor Urbina, é favor de dizer.

– Doutor Urbina! – gritou o vozeirão de Javier Ortiz de Zárate. – Preciso que venha a minha casa agora mesmo! A minha mulher entrou em trabalho de parto.

“Trinta e duas semanas”, calculou de cabeça. Não precisava de confirmar a data, não pensava noutra coisa há meses.

– Hoje, precisamente? Pelo amor de Deus! É cedo, até mesmo para gémeos. Traga-a imediatamente para a clínica. Vou marcar agora mesmo uma sala de operações – ordenou, tentando acalmar-se.

– Não compreendeu – replicou o industrial. – Disse-lhe que venha você agora mesmo: os carros não podem circular desde o passeio da Senda, as estradas têm

um metro de neve e os limpa-neves da autarquia ainda não passaram por esta zona.

– Não se preocupe, eu próprio chamarei uma ambulância. O pessoal sanitário está treinado para este tipo de situações.

– Já liguei antes, todas as ambulâncias saíram. Pelos vistos há muitas urgências e pessoas presas. Tem de vir e cuidar dos meus filhos! – gritou mais uma vez.

“Tudo bem”, pensou Álvaro. “Tudo bem.”

– Como... como está a parturiente? – perguntou, mudando de tom.

– Pois... em trabalho de parto, a gritar muito.

– As águas já romperam?

– Pode explicar-se melhor, doutor? Não estou muito por dentro destes assuntos. Pensei que ela tinha de se encarregar de tudo.

– Está rodeada de um líquido transparente? – perguntou.

– Transparente? Nada disso, está rodeada de sangue, muito sangue, ensopou a cama. É normal nos partos, não é?

O doutor Urbina levantou-se de um salto.

– Vou tentar chegar a sua casa com a minha enfermeira. Não deixe a sua mulher sozinha. Estamos agora mesmo a sair da clínica.

Vestiu o casaco, guardou todos os instrumentos básicos para um parto de urgência que couberam na mala e olhou para Felisa, que já estava a calçar as botas de neve com uma expressão preocupada

Levaram quase uma hora a percorrer o escasso quilómetro que os separava da clínica ao palácio dos Unzueta. Percorreram o passeio da Senda, abrindo caminho entre a neve nalgumas partes. Felisa parecia estar habituada a lidar com situações como aquela. Apesar da idade, a mulher vigorosa avançava com passos seguros sem hesitar. O doutor Urbina pensou para si que ela devia ter crescido nalguma aldeia da montanha e apercebeu-se do pouco que sabia sobre a vida da sua enfermeira.

Quando chegaram finalmente ao fim da avenida, o industrial esperava-os no portão de ferro da entrada principal.

A entrada para a casa fazia-se por uma rua lateral ao passeio da Senda. Um muro compacto de arbustos, agora cobertos de neve, escondia o jardim dos olhos curiosos dos transeuntes.

O motorista continuava a limpar os montes de neve espessa que cobria o caminho até casa com uma pá. O doutor Urbina levantou as lapelas do casaco, reprimindo um arrepio e evitou olhá-lo nos olhos quando passou por ele.

Subiu as escadas a correr, seguindo os gritos de Blanca. Quando chegou ao quarto, encontrou-a estendida na cama, praticamente desmaiada, rodeada por um charco de sangue e com a cabeça do primeiro bebé já a aparecer.

Blanca olhou para ele com alívio, com o cabelo pegado ao rosto suado. Não tinha forças para falar nem para se explicar, só para se preparar e aguentar a contração seguinte.

Felisa seguia o doutor Urbina poucos passos atrás, transportando a mala do médico. Quando viu o quadro, voltou-se para o industrial e disse-lhe com voz firme:

– Senhor Javier, os pais não podem estar presentes no momento do parto. Levar-lhe-ei os seus filhos assim que eles nascerem, não se preocupe. É um parto duplo, ainda vai demorar várias horas. Desça à cozinha e peça para lhe prepararem um chá de tília ou um conhaque.

– Não, faço tenções de ficar! Quero ter a certeza de que os meus filhos estão bem, acha mesmo que um pouco de sangue me mete medo?

– Tenho a certeza de que não, mas não aqui não há exceções, senhor. Os pais não podem entrar na sala de partos, e quando o nascimento se realiza em casa, é meu dever manter-vos afastados. É pelo bem dos seus filhos, senhor Javier. Não quer que fiquemos todos nervosos e eles saiam com falta de oxigénio.

– Não, garanta que eles vêm saudáveis. Não vou perdoar nenhuma negligência médica com os meus filhos.

– Então estamos de acordo que deve esperar atrás desta porta – concluiu Felisa, e fechou a porta sem lhe dar hipótese de replicar.

A mulher aproximou-se do leito, onde o doutor Urbina começara a dar instruções a Blanca para que fizesse força.

Também ele estava apavorado, nunca teria concordado em atender a um parto tão arriscado como aquele em casa. As possibilidades de que um dos bebés morresse ou que a mãe se esvaísse em sangue eram demasiado altas. Mas tinha visto o olhar de Javier. Um aviso velado, uma ameaça que não precisava de pronunciar. Sabia o que aconteceria se um daqueles bebés não nascesse saudável.

Naquele dia, a cicatriz na coxa estava a incomodá-lo mais do que era habitual. Sabia que era provavelmente por causa da humidade que a neve deixara, mas sentia uma dor metálica insuportável, e nunca coxeara tanto como nessa manhã.

Não se atrevia a falar livremente com Blanca, com medo de que o seu marido estivesse do outro lado da porta, a ouvir, por isso usou com ela uma linguagem silenciosa de olhares e apertou-lhe a mão com força quando foi necessário.

Ela pareceu compreender, e recusou-se a soltar-lhe a mão, apesar de estar praticamente sem forças.

O primeiro bebé era um menino, louro como a mãe, estreito e com o rosto longo. O doutor Urbina extraiu-lhe os fluidos da boca e entregou-o a Blanca.

Ela deitou-se, sorrindo, com o peso da criança pequena no peito. Tinha vontade de dormir, fechar os olhos e descansar de uma vez, com o calor daquele último presente que Álvaro lhe deixava: o primeiro filho de ambos.

– Tem de continuar a fazer força, dona Blanca. – A voz de Álvaro, fingindo ser apenas o doutor Urbina, trouxe-a de volta do mundo dos sonhos e obrigou-a a acordar. – Ainda falta um.

Felisa embrulhou Ignacio Ortiz de Zárate com uma manta e continuaram o trabalho de parto. Vinte minutos mais tarde, nasceu Tasio, um menino igual ao primeiro.

Ele pegou no cordão umbilical e cortou-o.

Colocaram os gémeos ao lado de Blanca, um de cada lado, e tanto Felisa como o doutor Urbina olharam um para o outro, um pouco mais relaxados. Os bebés choravam vigorosamente, tinham bom tônus muscular e uma frequência cardíaca acima dos cem; ambos deram oito no teste de Apgar que o doutor Urbina lhes fez, o que era bastante promissor para gémeos um pouco prematuros.

Ao ouvir o choro dos bebés, Javier começou a bater à porta.

– Está tudo bem? Porque não me mostram os meus filhos? – gritou, desesperado.

– Senhor Javier, estamos só a acabar de preparar a sua mulher e a seguir já lhe abrimos a porta – gritou Felisa, sem se mover do lado da mãe.

– Cuide dos bebés, Felisa, preciso de fazer com que expulse a placenta – disse o doutor Urbina, preocupado.

Alguma coisa estava mal, ele sentia.

Assistira a vários partos de gémeos, mas Blanca continuava com contrações.

– Não pode ser – murmurou, quando se apercebeu do que se passava. – Felisa, venha cá, acho que há um terceiro bebé.

– Um terceiro, como é possível? – murmurou ela em voz baixa. Não queria por nada que o senhor da casa tivesse um novo ataque de nervos ao ouvir a notícia.

– Penso que os irmãos dele me impediram de ouvir o bater do seu coração durante a gravidez, estavam mais expostos. Está num saco amniótico diferente dos seus irmãos. Também parece estar numa posição cefálica; espero que não seja preciso fazer uma cesariana – disse, esperançado. Preocupava-o o estado da mãe, tinha perdido muito sangue e não queria arriscar a abri-la fora da sala de operações.

Aproximou-se do ouvido de Blanca e falou-lhe devagar, assegurando-se de

que ela o compreendia.

– Blanca, vais ter trigêmeos. Tens de empurrar um pouco mais, o último bebé está quase a sair. Só um pouco mais. Em breve terá acabado tudo, prometo.

Permitiu-se dar-lhe um beijo na testa, enquanto Felisa fingia não ver nada.

O terceiro bebé, outro menino que ninguém esperava e para quem ninguém pensara num nome, nasceu poucos minutos depois. Álvaro ajudou a retirar a sua pequena cabeça e viu-o, e por momentos ficou branco que nem cal, esquecendo-se de que era o médico, de que estava no palácio de um traficante de escravos e de que um marido furibundo batia na porta para entrar. Pegou no bebé, ainda preso à mãe pelo cordão umbilical, e mostrou-o a Blanca, incapaz de reagir. Aquela criança não era nada parecida com os irmãos. Blanca e Álvaro ficaram a olhar, horrorizados e sem saber o que fazer, para o espesso cabelo ruivo do bebé, idêntico ao do doutor Urbina, enquanto Javier Ortiz de Zárate ameaçava do outro lado da porta que a ia deitar abaixo.

A Casa das Jaquecas

Esta é uma das piores etapas do herói: a noite escura da alma, a decisão mais difícil, eu sei.
#fazocorreto, #Kraken

Segunda-feira, 8 de agosto

Não estava de muito bom humor. Depois de ter passado o fim de semana a dar voltas à cabeça sobre como agir com o irmão de Estíbaliz, no final acabei por decidir fazer o que a minha ética profissional me ditava, mesmo que magoasse. Mesmo que a perdesse.

Não quis estar em Vitoria, refugiei-me em Villaverde, fugindo de um ambiente ruidoso e irreal onde me sentia um extraterrestre. Fugindo do tratamento desconfortável a que os meus amigos me tinham vetado. Fugindo a não pregar olho à noite durante o fim de semana grande das festas.

Pelo menos a onda de calor deu-nos uma trégua e as temperaturas desceram no domingo quase quinze graus, algo que todos agradeceram.

Germán e Martina vieram almoçar comigo e com o avô, com a desculpa de me trazerem o bolo da Virgen Blanca, uma delícia de mousse de morangos e nata com merengue tostado que eu nunca perdia. Agradei em silêncio aquele apoio que pretendia ser despreocupado, enquanto Martina nos contava que lhe tinham dado alta depois de tanta quimioterapia, e que só tinha uma nova consulta daí a seis meses.

– Porque não tiram uns dias de férias em agosto para celebrar? – sugeri-lhes. – Vão para um sítio onde faça frio a sério, sem o perigo de ondas de calor que derretam os passeios.

Queria afastá-los do horror diário que se vivia em Vitoria, queria afastá-los das festas, da ameaça velada a qualquer um de nós a que o assassino nos submetia.

– Sabes, se calhar vamos seguir o teu conselho, Unai – concordou Germán, pensando na ideia. – Vem connosco.

“Não posso, sabes muito bem.”

– Não é má ideia – menti. – Podemos combinar depois das festas.

Eu sei que não devia sair para ir correr naquela segunda-feira de madrugada. Que as ruas não seriam minhas, mas sim dos bêbedos e dos encontros sexuais de última hora, mas sobretudo não suportava que eu e Alba tivéssemos sido interrompidos, e muito menos suportava a frieza a que o cargo dela a obrigava quando estava comigo na esquadra.

Vesti uma sweatshirt fina com capuz e saltei da porta para a praça quando ainda era de noite e estava fresco. Saí disposto a encontrar-me com o amanhecer e com Alba.

Percorri as ruas do centro pedonal, contornei a Amêndoa Medieval, e acabei por escolher afastar-me da festa, metendo-me pelo passeio da Florida, deixando à minha direita o parque cujos troncos grossos protegiam dos olhares indiscretos os casais estirados que se tinham conhecido há meia hora e já se entregavam ao amor verdadeiro.

Ao fim de meia hora já me sentia um idiota, um pouco patético por estar com aquelas parvoíces na minha idade, de modo que, frustrado, dei meia-volta perto da Casa das Jaquecas, no início da avenida de Fray Francisco de Vitoria. As colunas brancas que sustinham as arcadas pareciam levar as mãos à cabeça num gesto de dor. Eu também estava com dor de cabeça de tanto pensar, de tanto ruminar, de tanto dar voltas à cabeça para não chegar a lado nenhum.

Foi então que a vi. A cidade ainda estava escura, com o céu naquele tom de anil profundo que anunciava que em breve começaria a clarear. Alba corria com os auscultadores nos ouvidos, ignorando os assobios e piropos indecifráveis que vários homens lhe dirigiram quando passou por eles a correr. Depois viu-me.

Depois viu-me.

– O que estás a ouvir? – perguntei-lhe, começando a correr a seu lado.

– “Wonderwall”, a versão de Ed Sheeran – respondeu, passando-me um auscultador.

“Tu, sim, és a minha wonderwall”, pensei.

– Porque é que a estás a ouvir? – perguntei, curioso.

– Faz-me abstrair. Esta semana vai ser definitiva, Kraken.

Parei, farto de tudo. O fio branco deu um puxão e obrigou-a a parar à minha frente no passeio, sob uns enormes castanheiros-da-índia. Não sei quantos anos teriam.

– Não quero ser o Kraken, agora! Não quero que me fales do caso agora, nem que me perguntes pelos meus traumas, nem pela minha mulher, nem quero saber

nada sobre o teu marido. Quero que cada madrugada seja como uma lufada de ar fresco e nos possamos esquecer por momentos de quem somos. – Praticamente gritei, e aquele discurso furioso até a mim me surpreendeu, porque nem sequer o tinha preparado.

– Sabes o que significa wonderwall, idiota? – perguntou, cruzando os braços.

– É um tipo de terapia que aplicam nalguns hospitais psiquiátricos britânicos – respondi automaticamente. – Um muro onde os doentes colocam fotos de familiares, amigos ou lugares pelos quais vale a pena viver.

– Não me referia a isso. Wonderwall é uma pessoa por quem estás completamente obcecada porque te inspira incrivelmente – disse, aborrecida, tocando-me com o dedo no peito, como se estivesse a falar de mim.

Depois pôs-me o capuz da sweatshirt na cabeça e fez o mesmo com a dela.

– É um convite para que te beije, ou algo assim? – perguntei, sem compreender.

“Desculpa, mas és a minha chefe e preciso de saber que da tua parte está bem claro que é isto que queres”, pensei.

– Meia Vitoria conhece-te, não podemos fazer isto no meio da rua – disse, a partir da sombra que o seu capuz projetava.

– De acordo.

“De acordo.”

– Então desafio-te para uma corrida até à porta de minha casa, encapuzada – propus-lhe. – Vamos depressa, porque as pessoas que andam nas ruas a estas horas estão demasiado bêbedas para repararem em dois corredores obcecados como nós.

Alba não se deu ao trabalho de responder e desatou a correr rua abaixo em direção ao centro. Era boa nos sprints, custou-me um bocado a alcançá-la e a manter-me ao lado dela. Percorremos os oitocentos metros em quatro minutos e vinte segundos.

Chegámos quase ao mesmo tempo à porta da minha casa e, ainda às escuras, tirei as chaves e concentrei-me em não parecer um inútil e conseguir abrir a porta à primeira tentativa.

Alba parecia disposta a atravessar o escuro corredor em direção às escadas, mas eu sabia que não podia ser como ela queria.

– Não, aqui – detive-a, com a minha masculinidade a arder.

– Aqui? – perguntou, cética, ainda a respirar ofegante do esforço da corrida.

– Não te preocupes com o barulho, os meus vizinhos têm uma média de idade de cem anos, são surdos que nem portas.

Penso que o fizemos com fúria, sem carinho, como soldados coléricos porque são enviados para a frente de batalha e sabem que vão morrer. Talvez nos

sentíssemos assim, um pouco ressentidos com a vida que levávamos.

Meteu a mão dentro das minhas calças, segurando firmemente a minha ereção. Eu fiz o mesmo com ela, deslizei os meus dedos por entre aquela humidade e aventurei-me.

– Vamos testar a elasticidade deste tecido – disse, em tom de desafio.

Masturbámo-nos mutuamente, com as mãos presas, sem deixar de nos olharmos nos olhos, quase com raiva, como se estivéssemos em dívida, como se fôssemos cobradores a acertar contas antigas.

Estava prestes a explodir. Até então tinha feito sexo sem alma com outras mulheres, mas o sexo com Alba era diferente, como se fosse mais uma das nossas conversas, a frio e sem anestesia, sem fingir nem nos preocuparmos em ficar bem na fotografia. “Isto é quem sou, e é assim que faço, nem sequer espero que gostes”, pareceu dizer-me.

Mas eu gostava, meu Deus, como gostava daquilo. Enlouquecia-me aquela maneira de ela me tratar, sem delicadezas nem olhares complacentes.

Alba não pedia autorização, simplesmente tirava o que precisava de mim para alcançar o seu orgasmo e depois tinha a delicadeza de permitir que eu fizesse o mesmo.

Imobilizei-a contra a parede, levantei-lhe os braços acima da cabeça, prendi-lhe as mãos com as minhas e pu-las contra a porta, quase como se estivesse crucificada. Com os joelhos separei-lhe as pernas, e ela ficou exposta aos poucos minutos de escuridão que entravam desde a praça da Virgen Blanca, onde centenas de vitorianos desciam em grupos, a escassos metros de nós do outro lado da porta, completamente alheios ao sexo que íamos fazer por trás daquela grossa porta de madeira, ferro e vidro.

– Isto é por me chamares idiota – murmurei-lhe ao ouvido, um pouco aborrecido, baixando-lhe as leggings. Em que é que estava a pensar quando me insultou?

Mordi o lóbulo de uma orelha que já ardia e subi com a mão pelo triângulo isósceles que as suas coxas formavam, voltei-a e deixei que a minha mão acariciasse aquela epiderme que ficava nas sombras, de seguida posicionei-me melhor no centro das suas pernas e extraí os sucos que queria, movendo a minha mão de novo, e deixei que os dedos abrissem caminho pelo seu interior. Senti a sua carne a palpar e não quis esperar mais para a penetrar de uma vez por todas. Alba deitou a cabeça para trás, bastante restringida de movimentos porque a segurei de novo pelas mãos formando uma cruz contra a madeira. Depois peguei-lhe no queixo, voltei-a para mim e encontrei-me com uma boca que procurava beijos enquanto gemia tanto como eu.

– Caramba, como te mexes bem, Unai. – Penso que grunhiu.

Não éramos super-heróis, por isso não durámos muito tempo, penso que ambos estávamos demasiado excitados porque terminámos quase ao mesmo tempo, e depois apenas restou a minha respiração ofegante no seu ouvido, e o meu abraço de Kraken a apertar o corpo daquela mulher que tinha derrubado todas as minhas defesas em menos de duas semanas e com quem acabava de fazer sexo gourmet numa porta de entrada antiga.

– Foi o sexo com melhor vista que já tive na vida – disse-me com um meio sorriso. E aninhou-se nos meus braços, como se me pedisse que a abraçasse com mais força.

– A minha era melhor: além da praça, ainda tinha as tuas costas – respondi risonho, apoiando a cabeça no ombro dela.

– Está a amanhecer – disse, como se não fosse evidente.

– A hora da alva, eu sei.

– Não me vais deixar subir?

Fim do feitiço.

– Se insistires muito, deixo, mas preferia que não o fizesses – respondi um pouco aborrecido, libertando-me do seu abraço. Para quê mentir?

– De acordo – disse, de novo distante, como se não se importasse com a minha resposta. Voltou a vestir as leggings, o sutiã de desporto, a t-shirt e a sweatshirt, alheia à minha presença.

Não se voltou quando pôs o capuz e saiu para uma Vitoria onde já era de dia, baixando a cabeça e correndo como uma runner fanática, que não deixava as suas rotinas de lado nem sequer durante as Festas da Blanca.

Deu-me com a porta na cara e o barulho ecoou durante um bom bocado, o tempo em que fiquei a olhar para o vazio com as calças pelos joelhos na penumbra do hall de entrada.

“És um idiota, Unai.”

Subi as escadas até ao terceiro andar, abri a porta e olhei à minha volta. Como é que a podia deixar entrar, para que visse em que ponto da minha vida me encontrava de verdade?

“E em que ponto é que estás, Unai?”, perguntei-me pela primeira vez em muito tempo.

Só então me apercebi de como ainda estava a sofrer. De como ainda não tinha seguido em frente. As fotografias emolduradas de Paula estavam em todo o lado. Ao longo do corredor, no móvel da televisão, na mesa de cabeceira ao lado da minha cama... Sentei-me na colcha e peguei noutra imagem emoldurada. Uma ecografia 4D dos meus filhos. Relevos a sêpia que deixavam adivinhar um nariz como o meu, uns lábios como os de Paula, umas mãos que eu pensei que se agarrariam ao meu dedo depois do parto.

Senti-me pessimamente, sujo, a suar, a cheirar a sexo rápido e a saliva partilhada. Meti-me no duche e só então me apercebi. Ainda não tinha superado, Germán tinha razão. Estava a enganar-me a mim próprio. Saí de repente do duche, molhado e com espuma, e nem sequer procurei uma toalha; voltei à sala, consternado, e olhei para a minha casa pela primeira vez com distanciamento: era um santuário, um santuário a Paula e aos meus filhos.

Deixei-me cair, horrorizado, a pingar no sofá, olhando pela primeira vez com o olhar profissional de um especialista em perfis para a casa onde pensava ter recuperado.

Tinha construído o meu próprio wonderwall, o meu próprio muro onde me podia evadir, convencendo-me de que Paula e as crianças continuavam presentes.

Não sou muito de ataques de fúria, nem de atirar objetos, sobretudo quando os paguei com o suor do meu trabalho perigoso, mas tenho de admitir que estive a ponto de me tornar num desses energúmenos que arrasa com tudo. Contudo, olhei para a família que tive em tempos e soube que não mereciam.

De modo que contive a raiva e as lágrimas e tirei uma caixa de baixo da minha cama, onde coloquei todas as fotografias da minha vida passada. Tinha de seguir em frente. Cruzar a linha. Deixar passar. Deixar que partissem.

Encontrei um marcador grosso, fechei a caixa e escrevi “Paula e as crianças”. Arranjei-me, tomei duche, vesti-me, tomei o pequeno-almoço e descí à garagem com a caixa; enfiei-a no porta-bagagens do Outlander, à espera que ganhasse pó no sótão da casa do avô em Villaverde.

Cheguei à sede em Lakua com um humor de cão, pensativo e apático, sem vontade de falar com ninguém. Subi diretamente para o meu gabinete, e comecei a preencher relatórios atrasados.

Estíbaliz apareceu à minha porta com a sua longa franja ruiva, e entrou, apalpando terreno. De seguida percebeu que havia mais qualquer coisa a pesar-me sobre os ombros, para além da nossa diferença de opinião a respeito do seu irmão.

Aproximou-se de mim, observando-me silenciosamente sem disfarçar, mas penso que me conhecia tão bem que preferiu não deitar lenha na fogueira.

– Já viste o que se passa com o Tasio? – perguntou.

– O que é que “se passa com o Tasio”?

– Vai sair daqui a cinco minutos da penitenciária de Zaballa. Estão lá todas as estações de televisão do país, bem como algumas europeias e americanas. Acho que até vieram duas da África do Sul.

– Estás a gozar.

– Não.

– Vá, não sei que bicho te mordeu hoje, mas vamos ver a saída dele em direto, assim distrais-te – disse, afastando-me da secretária com o seu traseiro e inclinando-se sobre o meu computador para abrir uma janela. – Vamos ver o super Tasio ao fim de vinte anos. Não podias ser só tu a ter o privilégio de o ver. Há muita expectativa em torno da sua aparência ao fim deste tempo todo.

– Se soubesses... – respondi, sem vontade.

Ficámos a ver no ecrã um canal nacional. Estavam em direto e podia ver-se a entrada da enorme prisão, apinhada de câmaras de televisão, microfones da imprensa de meio mundo e cartazes de cidadãos a pedirem a sua cabeça, mal deixando espaço para o prisioneiro.

Tasio, como sempre, deu a volta à situação e superou todas as expectativas.

Por trás das carrinhas brancas da CNN e da BBC News apareceu uma limusina preta de vários metros e vidros fumados. Nesse momento, saiu um homem com capuz. Era alto e usava um fato caro, mas não se conseguia ver-lhe o rosto pois tinha vestido um casaco grosso Barbour com capuz.

Ouviu-se vaiar e vários microfones tentaram interromper a sua caminhada para a liberdade, mas Tasio impunha-se, mesmo sem se ver o rosto dele. Deu vários encontrões e uma das portas traseiras da limusina abriu-se no preciso momento em que ele chegou ao pé do carro.

– Há que reconhecer que tem estilo – comentou Estíbaliz, contrariada.

– Nem sabes quanto – respondi, olhando-a de soslaio. – E agora, Esti, gostava de terminar este relatório. Falamos mais tarde.

Ela percebeu e saiu tão depressa como entrara. Não queria lidar com ela, não naquele dia, em que tinha decidido interrogar o seu irmão Eneko, apesar de não me sentir nada confortável com aquela situação.

Chegou a hora de almoço, mas não quis ir comer ao centro: limitei-me a picar alguma coisa pelos bares da avenida Gasteiz e, por fim, decidi ligar-lhe.

À minha chefe, não a Alba. Preferia ligar do que ter de subir ao seu gabinete e olhá-la nos olhos.

De modo que, olhando fixamente para as frondosas paredes verdes do palácio Europa, tirei o telemóvel do bolso e marquei o número dela.

– Estás sozinha? – perguntei.

– Não, mas podemos falar, inspetor Ayala – respondeu com voz neutra. – Conte-me tudo, se for importante.

– Temos um suspeito – disse, procurando centrar-me apenas no lado laboral. – Foi o próprio Tasio Ortiz de Zárate quem mo indicou, antes de sair da prisão.

– E fia-se no que o Tasio Ortiz de Zárate lhe diz?

– Subcomissária, penso que podemos ter alguma coisa em concreto.

– Fale-me então do indivíduo.

– Homem, trinta e cinco anos – resumi. – Foi colega de rituais pagãos de Tasio Ortiz de Zárate e hoje é dono de uma loja esotérica na cave da torre de Doña Otxanda. Até agora, o seu perfil encaixa ponto por ponto no que eu tracei.

– Vá detê-lo agora mesmo, precisa de um mandado do juiz? Porque para isso preciso de algum tipo de indício mais sólido, como sabe.

– Deixe-me ir falar com ele primeiro. Há... certas circunstâncias que preciso de esclarecer primeiro, mas informá-la-ei assim que terminar. Penso... penso que estamos perto de solucionar o caso. Pelo menos quero pensar que sim.

– Eu também desejo o mesmo, inspetor Ayala – disse, e na sua voz não havia nem rasto da doçura que já conhecia.

Alba desligou e subi a rua Badaya em direção a Cercas Bajas.

Nem mesmo eu tinha consciência do que acabara de desencadear com aquele telefonema.

A Torre de Doña Otxanda

Segunda-feira, 8 de agosto

A torre de Doña Otxanda era a sede atual do Museu das Ciências Naturais. Restaurada nos anos sessenta, a sua torre quadrada medieval era uma cópia fiel de outras semelhantes que tinham proliferado por terras alavesas noutros tempos, como a torre dos Mendoza e a dos Varona.

Ao lado da sua sólida porta de madeira, umas letras douradas anunciavam a ervanária e livraria de Eneko Ruiz de Gauna.

Através das suas montras escuras, podiam ver-se desde bolas de cristal, amuletos e saquetas de chá até livros de templários em segunda mão, mitologia basca e ovnilogia.

Assim que entrei, o tilintar de umas canas de bambu penduradas no teto anunciou a minha chegada. Havia um eguzkiloire pendurado na ombreira da porta, mas ao contrário de todos os que vira até então nos casarios do norte, desta vez estava pendurado do lado de dentro, como se fosse o mundo exterior que tivesse de se proteger do que estava no interior da loja.

O sítio estava atulhado de velas de santos, caixas de diferentes ervas etiquetadas à mão, colares para a proteção do mau-olhado, centenas de livros antigos dispostos em prateleiras que descansavam do chão até ao teto de madeira. Sentia-se um intenso odor a incenso, se bem que também houvesse um certo cheiro a marijuana.

Subi umas escadas curtas e muito íngremes, procurando no interior da loja. Não me lembrava de ter estado alguma vez naquela espécie de supermercado das ciências antigas.

– O famoso Kraken – disse uma voz atrás de mim. Tinha uma voz desagradável, como o grasnar de um corvo.

– O famoso Eguzkiloire – respondi, voltando-me.

– Já não me chamam assim, agora não há qualquer semelhança – disse, encolhendo os ombros enquanto dava uma passa num charro.

E era verdade. As rastas ruivas que Eneko usara durante anos tinham passado à história. Uma calvície demolidora tinha-as levado, e agora restava apenas uma

cabeça rapada que deixava à mostra um crânio tatuado com um eguzkiloire na nuca. Eneko era tão alto como eu, com as maçãs do rosto salientes e bastante corpulento. Usava umas calças de linho roxo e tinha os olhos avermelhados de quem havia fumado demasiadas substâncias estranhas ao longo de toda uma vida dedicada à causa. Mas os seus olhos castanhos estavam alerta, sempre alerta.

– Passa, não quero que os meus clientes me vejam a ser visitado por um bófia.

Olhei à minha volta, à procura dos clientes de que falava, mas não vi ninguém.

– Vieste por causa da mandrágora?

– Por causa de quê? – perguntei sem compreender.

– Da encomenda.

– De que estás a falar?

Olhou para mim durante alguns segundos, com o sobrolho franzido.

– De nada, bófia. Esquece.

Afastou uma cortina brilhante dourada e entrámos numa estranha sala ainda mais atulhada de coisas do que a livraria. Havia uma cama de casal com os lençóis desfeitos, milhares de fotografias de eventos paranormais nas paredes, uma mesa de madeira com recibos espalhados na superfície esculpida com runas e vários menorás com os seus sete braços e as suas sete velas acesas, que eram a única iluminação à nossa volta. Na mente daquele homem havia espaço para todos os credos.

– Este é o meu escritório. Aqui podemos falar à vontade. Porque vieste então, Kraken? Agradecer a minha ajuda na identificação das últimas vítimas? – Sentou-se na mesa enquanto dava uma última passa no charro.

– Não propriamente – repliquei, enquanto passeava pelo escritório mal iluminado procurando identificar algo útil por entre as imagens que forravam o quarto. – Uma das linhas de investigação em curso centra-se no triângulo de San Vicentejo, da igreja de Burgondo e da de Ochate. És um estudioso destes temas, Ochate não te deve ser estranha.

– A ninguém de cá. Faz parte do acervo cultural de várias gerações de alaveses.

– Como é que te influenciou?

– Estou convencido de que essa zona é um centro de poder. Fiz parte de vários grupos em que gravámos psicofonias. Conseguimos algumas de muito boa qualidade. Depois as pessoas perderam o interesse e esses grupos dissolveram-se – respondeu, e pareceu-me que estava a ser deliberadamente vago.

– Diz-me, trabalhaste na restauração da ermida de San Vicentejo?

– De que estás a falar? – respondeu, aborrecido. – Porque não vais direto ao assunto? Ainda não percebi porque vieste.

“Muito bem, não há maneira de te ligar a San Vicentejo”, pensei frustrado.

– Digamos que encontrei uma ligação entre ti, o Tasio Ortiz de Zárate e Zugarramurdi – disse, mudando de direção.

Desviou o olhar e voltou a sua cabeça rapada, como se evitasse olhar para uma má recordação.

– Era um miúdo. Não sei o que é que esse mentiroso te contou, mas aconteceu menos do que ele conta.

– Pois não me parece que se tenha esquecido facilmente.

– Ele nunca compreendeu o meu empenho em regressar aos antigos costumes. Dantes éramos bruxos e agora sou um simples ervanário. Tenho de admitir que esta perda de poder me deixa frustrado; é difícil para aqueles que, como eu, são mais sensíveis àquilo que os olhos não veem. Mas não consigo compreender porque estou a partilhar confidências contigo, por isso, se não tens mais nada para me perguntar, vou convidar-te delicadamente a saíres. Se suportei a tua presença aqui é pelo respeito que tenho pela minha irmã.

– Respeito? Se a respeitasses, nunca a terias envolvido nos teus esquemas.

– O que se passa, andas enrolado com ela? – disse ao mesmo tempo que se levantava e se punha à minha frente.

– De que falas, imbecil? Tento cuidar dela; já tu, só a corrompes e a puxas para o fundo do poço.

– Cuidado com o que dizes, tu não estavas lá quando o nosso pai nos dava cargas de porrada de caixão à cova. Eu protegia-a.

– Protegias? Foi por isso que a meteste no mundo da droga?

– Anestesiavam-na, tornavam-na mais forte. Não sejas básico, és um profano e só és capaz de ver que está à margem da lei.

– Deixa-te de tretas, transformaste-a numa profissional da autodestruição.

Naquele momento senti uma presença atrás de mim, voltei a cabeça e vi Estíbaliz.

Olhou para mim furiosa, cerrou os lábios com tanta força que ficaram brancos.

– É isso que pensas de mim, Kraken? Como estão enganados os dois. Como estão enganados.

Dei meia-volta e vi-a desaparecer escada abaixo. Corri atrás dela, mas saiu da livraria mais depressa do que eu, e quando cheguei à rua e olhei em todas as direções já não a vi. Subi o mais depressa possível pelo cantão das Carnicerías, passei pela Herrería, e minutos depois pela Zapatería, mas só encontrei pessoas ainda em festa ou preparando-se para o desfile dos blusas.

– Espera, Estíbaliz! – gritei para o vazio, se bem que não fazia ideia por onde tinha ido.

Marquei o seu número de telemóvel. Uma vez, duas vezes, três.

Ninguém atendeu. Eu sabia que ela estava, mais do que zangada, decepcionada comigo.

De modo que me encaminhei de novo para a torre de Doña Otxanda, disposto a terminar a minha conversa com Eneko.

Quando entrei de novo na ervanária, vi que a porta de vidro estava entreaberta, tal como eu a deixara quando saí a correr atrás da minha colega.

– Eneko! – gritei, uma vez lá dentro. – Fazes ideia para onde pode ter ido a tua irmã?

Mas ninguém respondeu.

Subi as escadas, desconfiado, e passei pela grossa cortina dourada que dava para o escritório do Eguzkilo.

Mas Eneko Ruiz de Gauna não estava em lado nenhum.

Desaparecera, deixando a sua loja aberta de par em par, e um polícia totalmente desconcertado.

Izarra

Vitoria, fevereiro de 1971

Álvaro Urbina olhou para trás, aturdido, em direção à porta do quarto. Os gritos de Javier tinham-no chamado de volta à realidade:

– Sei que fez alguma coisa de mal aos meus filhos, doutor. Faça o favor de me deixar entrar.

– Mas... como é possível? – Blanca conseguiu dizer, sem poder acreditar.

– Com os trigêmeos costuma ser assim: dois iguais e um diferente – explicou Felisa, em voz baixa. – Há alguma maneira de sair desta casa que não seja pela porta principal?

– Sim, pela porta a seguir ao closet. Aí desce-se umas escadas que dão a volta ao edifício e sai-se pela porta de trás – respondeu Blanca, sem compreender.

– Sabem, há... há casais que receberiam este bebé como se fosse deles, conheço um em Izarra – murmurou a enfermeira. – Não falo de uma adoção legal. Doutor Urbina, sabe que na clínica às vezes ignoramos os protocolos, há muitas situações que não são contempladas. Aparecem sempre mães solteiras de boas famílias que vêm às Urgências depois de terem escondido a gravidez, e não querem que as suas famílias descubram. Nesses casos, entregamos os bebés a casais que estão desesperados por ter filhos e a quem Deus não lhes deu esse presente. Eu conheço um casal que está à espera do nosso telefonema há muito tempo. O doutor Medina sempre fez isso, e eu... o doutor sabe: vejo, ouço e fico em silêncio. Mas se o senhor Javier vê que essa criança é tão ruiva como o doutor Urbina, vai matá-los a todos aqui mesmo: à sua mulher, ao três bebés, ao doutor e, se não tenho cuidado, a mim também. Levo-o para minha casa agora mesmo. Dê-me o dia de amanhã livre, para ver se consigo chegar à vila do casal e entregar-lhes o bebé, e nunca mais voltamos a falar do assunto. Nunca mais, doutor. Os outros dois louros são a cara chapada da mãe, poderão criá-los como

seus, e ninguém esperava um terceiro.

Álvaro olhou para Blanca, que tentava abarcar os três bebês com os seus braços cansados, sem o conseguir de todo.

Depois pegou no ruivo e observou-o de perto. Parecia-se muito com os seus filhos mais velhos no dia em que nasceram, sabia que ao crescer se pareceria com ele.

– Blanca, és a mãe, tu é que os vais criar – disse enquanto se inclinava para ela e lhe afastava o cabelo da cara. – Tens de tomar uma decisão.

– Também são teus filhos, os três – respondeu Blanca, sem forças.

– Ele vai matar-nos, Blanca. O teu marido não vai permitir que vivam, se os vir aos três.

Ela fechou os olhos. Não queria pensar, desejava apenas acabar com tudo, mas sabia que já não podia, que agora os dois bebês dependiam de ela os apresentar como filhos de Javier ao mundo.

– De acordo, leve-o, Felisa – acabou por dizer, a chorar, e depois deixou-se levar pelo cansaço e caiu rendida sobre a almofada molhada.

Felisa envolveu o bebé ruivo numa das mantas que Blanca preparara para os seus dois irmãos, esvaziou a mala de couro do doutor Urbina e meteu o bebé lá dentro.

Desapareceu rapidamente pela porta lateral do quarto, deixando Álvaro sozinho com a que podia ter sido a sua família: uma parturiente exausta e os seus dois gémeos univitelinos recém-nascidos.

Nesse mesmo momento entrou Javier, que rebentou com o trinco e abriu a porta com tamanho ímpeto que bateu com o puxador na parede. Procurou os seus filhos com o olhar, mas o médico colocou-se no seu caminho.

– Correu tudo bem: são dois meninos, que nasceram em perfeito estado de saúde, dadas as circunstâncias. Os primeiros testes dão-nos um bom prognóstico. Pode aproximar-se da mãe e vê-los. Ela fez um esforço considerável durante o trabalho de parto, temos de a deixar descansar. E feche essa porta, agora é importantíssimo que não percam calor.

Olhou para ele desconfiado e aproximou-se da cama, onde encontrou os dois bebês também a dormir, ambos embrulhados numa manta azul um pouco pequena para os dois. Javier não se atreveu a tocar-lhes, mas apalpou a manta para comprovar que não tinham nenhuma deformação nem lhes faltava nenhuma parte do corpo.

– De... acordo. Parece que correu tudo bem. Estavam tão calados que temi o pior.

– Fazíamos apenas o nosso trabalho, pelo bem dos seus filhos, senhor Javier.

– É verdade, onde é que está a sua enfermeira? Não a vi sair – disse, olhando à

volta.

– Foi a correr à clínica buscar o material que faltava – mentiu. – A sua esposa precisa agora de cuidados ambulatoriais básicos.

– Mas porque é que não saiu pela porta, como Deus manda?

– Não o quis ofender, mas o senhor estava tão nervoso, que não o podíamos deixar entrar nesse estado. Era um momento delicado para o bem-estar dos seus filhos. Ela preferiu sair pela porta das traseiras, espero que a compreenda, é uma mulher mais velha e o senhor intimidada-a.

– Está bem, está bem, eu compreendo – disse, não dando mais importância ao assunto. – Ela pode encarregar-se do que falta fazer?

– Sim, são trabalhos de enfermeira. Garantiu o bem-estar da mãe e dos bebés, agora os três precisam de descansar. Vamos deixá-los dormir algumas horas e assim que a neve o permitir, levamo-los para a clínica para que possam ser vigiados. Eles são prematuros, precisam de ir para a unidade neonatal até ganharem algum peso e os seus pulmões ficarem mais fortes.

– Mas eles estão bem? – insistiu Javier, pouco convencido. – Parecem tão pequenos.

– É normal num parto múltiplo, além disso são um pouco prematuros, mas têm o tamanho normal para gémeos.

– De acordo – acedeu, por fim. – Finalmente cumpriu a sua obrigação e trouxe-me dois filhos ao mundo, quem diria.

– Assim é, senhor Javier.

“E agora, Javier. E agora?”

– Penso que já não há necessidade de nos vermos mais, por isso pode sair agora mesmo da minha casa. O meu motorista levá-lo-á à clínica.

O médico deu um passo atrás, procurou sorrir, mas foi incapaz.

– Não se preocupe. Por maior que seja o seu carro, não me parece que possa andar na estrada com este nevão.

– Os limpa-neves passaram há meia-hora, os caminhos estão muito mais livres. Não tem outra opção, não me faça insistir mais, eu próprio o acompanho à porta.

Álvaro olhou para Blanca e para os dois bebés apoiados no seu peito. Os três dormiam, alheados de tudo.

Foi a última vez que os viu.

Uma semana mais tarde apareceu uma notícia mínima no El Diario Alavés a dar conta do desaparecimento do doutor Álvaro Urbina, a pedido da sua esposa aflita, Emilia Aranguren.

Ninguém voltou a vê-lo em Vitoria.

Um médico substituto chegou de Bilbao apenas um mês e meio depois, quando a direção da clínica compreendeu que o doutor Urbina não ia voltar a aparecer com vida.

O novo médico, jovem e sociável, pertencia à terceira geração de médicos de uma família basca de prestígio. Um homem encantador e eficiente. Quando substituíram a placa do doutor Urbina pela do doutor Goiri, já pouca gente em Vitoria se lembrava dele.

O Caminhante

Terça-feira, 9 de agosto

“Isto é apenas uma atração sexual, uma má decisão, uma aventura de verão, um erro laboral. Isso, é apenas isso. Hoje mesmo irei ao gabinete dela, e direi que não pode tornar a acontecer, nunca mais. Que volte para o insonso e silencioso do seu marido, o homem invisível, o senhor X”, disse para mim próprio quando acordei, como sempre, de madrugada.

Não conseguia parar de pensar no assunto. Enganando-me, fingindo que não me importava que dormisse com outro, que tomasse banho com outro, que fosse ao supermercado com outro, que lavasse a roupa com outro, que usasse uma aliança com as promessas que fez a outro.

Que não estava a desejar tornar-me invisível, inaudível, inalcançável, meter-me na cama dela, fazê-lo até a deixar exausta e morna, adormecida, mesmo que a seguir tivesse de voltar para o meu apartamento vazio.

Porque sim, desta vez, eu era o outro.

A porcaria do amante com direito a uns amassos e nada mais. Nem a pequenos-almoços preguiçosos na cama aos domingos, nem a jantares de apresentação ao grupo de amigos, nem a acariciar-nos na última sessão do cinema da rua San Prudencio.

Sei que não o devia fazer àquelas horas, que era imprudente, mas mandei-lhe uma mensagem.

“Hoje saíste para correr?”

“Sim.”

“Por onde andas?”, escrevi.

“O que é que isso interessa? Diz-me onde nos encontramos.”

“Nos jardins traseiros do palácio dos Unzueta, o portão de ferro lateral está aberto”, sugeri, e quando vi o emoji com o dedo levantado corri para ir tomar

duche, vestir-me, e saí à pressa, descendo as escadas.

Quando cheguei, Alba já ali estava, uma sombra que me esperava com os braços cruzados, ao lado das sebes que cercavam a propriedade. Não parecia estar de muito bom humor.

– O que queres, mais sexo para te aliviares? – atirou, assim que cheguei.

– De que falas? Não foi sexo para me aliviar.

– Não? Então que nome dás a penetrares-me por trás à porta da entrada do teu prédio e a seguir nem me deixares subir para tomar um duche? Não queria dormir contigo, Unai. Não te estava a exigir um compromisso.

– Não querias dormir comigo? – gritei, com raiva. – Obrigado pela parte que me toca, sinto-me muito lisonjeado. Diz-me, e tu deixas-me ir a tua casa?

Ficou pálida, sem saber o que responder.

– Vamos, Alba. Porque não ter sexo à porta da tua casa, que por acaso nem sei onde fica, e a seguir deixas-me subir, está bem? Assim meto-me na cama contigo e com o teu marido. Ontem não estava à tua espera para uma sessão de sexo matinal?

– Achas que me deitei com ele ontem, quando ainda tinha o teu sémen dentro no meu corpo? Não fazes a mínima ideia, Kraken. Não sabes nada sobre mim ou sobre o meu casamento.

– Não me chames Kraken, maldita sejas. Estou cansado de tantas identidades.

– Não? Então deixa de te comportar como um atrasado mental.

– Não te atrevas a julgar-me. Tu é que és casada. Não brinques comigo, Alba. Ou estás ou não estás, não quero ser o amante. É... é humilhante que me tenhas transformado nisto.

– Então para de olhar para mim como fazes na esquadra! – gritou.

– E o que tem a minha maneira de olhar para ti?

– Não me sai da cabeça, Unai – murmurou, aborrecida, aproximando-se de mim. – Não me sai da cabeça.

Mas havia uma impotência na sua voz que me fez render.

– A mim também não, Alba. – Suspirei. – Também não me sai da cabeça a tua maneira de olhar para mim. Não devíamos estar nesta situação, não somos crianças. Há pessoas no meio, não quero que ninguém se magoe.

Que ninguém se magoe...

Que ironia o que acabava de dizer, sobretudo se soubesse o que ia acontecer a todos os envolvidos.

Que ninguém se magoe.

– Vim pedir-te desculpa – atrevi-me a dizer finalmente. – E dizer-te que adorava que viesses a minha casa.

– Vamos chegar tarde ao trabalho – respondeu, olhando para o relógio.

– Eu sei, isto está a fugir ao nosso controlo, mas... apenas dormir, está bem? Nunca levei ninguém a minha casa, nunca. Mudei-me para lá depois de ficar viúvo, há mais de dois anos. Quero que te deites comigo na minha cama e que durmamos juntos, mesmo que seja apenas meia hora. É só isso que eu quero, Alba. Para mim não és apenas sexo, está bem?

– Sabes o quanto estou a arriscar?

– Muito mais do que eu, eu sei.

Ficou em silêncio, apoiou-se no tronco.

– Vamos, antes que amanheça – concordou, por fim.

E corremos de novo até à porta da minha casa, mas desta vez deixei-a subir ao terceiro andar, e nem sequer a beijei ou lhe dei a mão. Nem sequer a despi, virei-me no quarto e deixei que ela o fizesse, enquanto eu também me despia. Quando percebi que estava deitada entre os lençóis, meti-me também entre eles, e limitei-me a abraçá-la por trás e adormecemos bem juntos até que o despertador do telemóvel nos avisou de que aqueles minutos de ouro tinham terminado.

Alba voltou a vestir-se em silêncio enquanto ambos fingíamos, num acordo tácito, que eu continuava a dormir. Uma vez vestida, deu a volta e ajoelhou-se do meu lado da cama, obrigou-me a virar a cabeça na sua direção e deu-me um abraço em silêncio.

Depois fez uma trança e foi-se embora. Fiquei a olhar, pensativo, para a marca que o seu corpo deixara nos lençóis.

Há muito tempo que não via aquela marca.

Lembro-me que fui para o trabalho naquele dia negro com uma sensação de alívio: as festas estavam a terminar. Se o assassino fazia coincidir as suas atrocidades com datas importantes do calendário vitoriano, depois das Festas da Virgen Blanca era preciso esperar até depois de agosto, talvez até ao FesTVal, que se celebra na primeira semana de setembro, ou ao Mercado Medieval, no final do mesmo mês.

Só mais um dia. Vigilância intensiva nas ruas, e depois centrar-nos em encontrar Eneko Ruiz de Gauna.

Não se podia dizer que eu e Estíbaliz estivéssemos de boas relações. Nenhum dos dois era bom a disfarçar. Passar o dia a olhar para o seu rosto carregado de reprovação estava a ser demasiado para a nossa amizade.

Eneko não lhe atendia o telemóvel, mas ela recusava-se a comunicar o seu desaparecimento. Em primeiro lugar, porque ele desaparecera pelos seus próprios meios, estando provavelmente escondido nalguma casa ou gruta. Em segundo lugar, porque a minha colega não queria levantar suspeitas e pô-lo em

evidência.

O meu irmão Germán ligou-me perto da hora do almoço, e notei na sua voz um tom de preocupação que não se incomodou em disfarçar.

– Que tal ontem à noite, Germán? Saíste?

– Sim, o grupo todo saiu. O ambiente está muito estranho e só se fala do mesmo assunto. Para quê lembrá-lo a ti?

– Sim, é melhor falarmos de outro assunto. – Afastei o olhar do ecrã do computador.

– Hoje tirei o dia no escritório, combinei almoçar com a Martina no Desportivo Alavés, para comermos umas tortilhas com chouriço, apeteceu-me manter a tradição. A Martina ainda não chegou, ontem ficou até tarde, tinha vontade de festa rija. Acho que queria sair até de manhã e vir direta. Estou a ligar-te para ver se te queres juntar e vir comer uns pinchos de tortilha connosco.

– Fico sensibilizado pelo modo como cuidas de mim, irmão – sorri enquanto me espreguiçava –, mas hoje tenho um dia complicado. Pode ser que amanhã consiga, quando baixar o nível de alerta.

– Vá lá, Unai. Amanhã já se acabaram as festas. Vive um pouco, está bem?

– Diz o rei das madrugadas no escritório.

– Está bem, está bem. Pelo menos tentei. Tem cuidado contigo, vemo-nos no sábado em Villaverde.

– Sábado em Villaverde, combinado. Aproveita bem a tortilha.

– Não te preocupes, vamos dar bem conta dela – disse e desligou.

Eram cinco da tarde quando eu e Estíbaliz nos dirigimos para a rua Dato. O último desfile dos blusas era o mais popular de todos: o dia do porco.

Os primeiros desfiles começaram a ouvir-se à hora marcada. O primeiro grupo, os Bereziak, começou a desfilar desde a entrada de Postas com um veículo decorado para a ocasião: um velho camião enfeitado com motivos festivos, de onde começaram a atirar farinha a quem assistia no passeio de ambos os lados da rua.

Em poucos minutos, a rua Dato encheu-se de pessoas enfarinhadas e a própria calçada encheu-se de pó branco. Até os troncos das magnólias e os bancos robustos de madeira ficaram cobertos de farinha.

Eu e a minha colega tivemos de fazer um esforço para não nos deixarmos contagiar pela alegria que nos rodeava. Tínhamos montado um dispositivo tanto de agentes à paisana como de uniforme distribuídos pelos edifícios mais emblemáticos da cidade, em parte para acalmar o nervosismo das pessoas e para que se sentissem um pouco mais seguras nas suas próprias ruas.

Também havia mais televisões e imprensa do que era habitual. Parecia que toda a gente estava interessada nas Festas da Virgen Blanca; os jornalistas andavam de um lado para o outro com os seus microfones, seguidos pelos operadores de câmara, entrevistando qualquer pessoa que tivesse uma teoria, por mais estapafúrdia que fosse, sobre a identidade do assassino. As ruas do centro estavam repletas de carrinhas de diferentes meios de comunicação, estacionadas onde não deviam, o que implicava um trabalho adicional para a Divisão de Trânsito.

Depois dos Bereziak foi a vez dos Biznietos de Celedón, os Jatorrak e os Desiguales. O desfile durou apenas três quartos de hora, mas deixou a rua Dato coberta por um manto branco e fino, e as pessoas que o tinham testemunhado aparentemente de bom humor.

Estíbaliz e eu estávamos em silêncio, desconfortáveis com o muro que se tinha erguido entre nós. Percorremos a rua Dato enquanto as pessoas se dispersavam pela General Álava e San Prudencio.

Foi ao chegar à praça da Arca que vi um pormenor que me deixou os cabelos em pé. Aos pés da estátua do Caminhante estava um lençol branco que as pessoas ignoravam, passando ao lado para evitar pisá-lo.

– Viste aquilo? – perguntei à minha colega, com a garganta seca.

– Espero que seja uma brincadeira macabra dos blusas, porque parece que debaixo daquele lençol estão dois corpos.

– Vamos, isola a zona antes de destapar o lençol, mas vai ser difícil evitar que as pessoas vejam o que lá está.

– Mas temos de tentar. – Estíbaliz virou-se e começou a pedir reforços.

Pouco depois, tínhamos fechado todas as entradas da praça da Arca, desde a rua Dato até ambos os lados da rua de San Prudencio e a rua estreita que ia da Arca até à biblioteca e o JG.

Não conseguia deixar de olhar para os vultos com forma humana debaixo do lençol, inquieto.

– Esperemos que sejam manequins, Estíbaliz, porque começo a descartar a hipótese de serem pessoas a fazer uma partida, durante todo este tempo ainda não se mexeram.

Ela observou o lençol e confirmou com o olhar que tinha o mesmo medo que eu.

– Temos de averiguar, então – disse para mim próprio. – Se são cadáveres, é preciso chamar o juiz, a equipa forense e a Policía Científica.

Estíbaliz aproximou-se, passou-me umas luvas e levantámos o lençol por uma das pontas, na parte mais afastada dos enormes pés do Caminhante.

A primeira coisa que vimos foi um eguzkilore e uma cabeça calva de homem,

coberta de farinha. A brancura da farinha disfarçava os traços, como um boneco anónimo à espera de ser pintado.

A minha colega ficou a olhar para ele com uma expressão de estranheza espelhada no rosto.

– Não pode ser – disse para si mesmo.

– O que se passa, Esti?

– Não pode ser – repetiu, e com as mãos enluvadas pegou na cabeça daquele homem e girou-a, deixando ver a nuca. Na parte de trás, apoiado no chão e livre de farinha, podia ver-se uma tatuagem de um eguzkillo.

– É o meu irmão! – gritou, lançando-se sobre ele para o abraçar. – É o meu irmão!

O grito ouviu-se por cima das nossas cabeças, e à volta da zona isolada toda a gente começou a gritar também histericamente.

Peguei-a pelos braços e segurei nela.

– Não sabemos, Estibaliz. Não sabemos. Vamos, tens de te afastar, é um cadáver. Temos de esperar pelo juiz e pela equipa forense.

– É ele, Unai! É ele. Mais ninguém tem aquela tatuagem, é o meu irmão – gritou, e começou a beijar-lhe a testa, descontrolada, borrando a cara com farinha e lágrimas.

– Estibaliz, tens de te afastar. Não podes contaminar assim um cadáver. Anda, estou aqui contigo – murmurei-lhe ao ouvido, tocando-lhe na cara. – Anda, Esti. Foca-te, olha para mim. Respira fundo.

Obriguei-a a olhar-me nos olhos e a respirar comigo, mal tendo consciência de que à nossa volta, depois do dispositivo de segurança, as pessoas erguiam os telemóveis por cima da cabeça e tiravam-nos fotografias que em poucos segundos percorreriam o mundo.

Era como viver dentro de um infernal reality show. Era como levar uma câmara ao ombro e não poder desligá-la nunca.

O juiz Olano chegou passado pouco tempo; certificou as mortes de um homem e de uma mulher, também coberta de farinha, e deixei que a equipa forense se encarregasse de registar os restantes pormenores, que à partida pareciam semelhantes aos anteriores, exceto pela farinha que os cobria naquele dia.

Meti Estibaliz num dos nossos carros. Tinha o olhar vazio e não parecia disposta a responder às minhas perguntas.

Liguei para o namorado dela, expliquei-lhe a situação e ele veio buscá-la. Estava prestes a ir-me embora daquele maldito lugar e a escapar ao olhar do gigante de bronze quando recebi uma chamada do meu irmão.

Não devia atender num momento daqueles, não devia ficar emotivo, mas

precisava de um apoio firme como o dele.

– Acabei de ver no Twitter, Unai. A sério que é o irmão da Estíbaliz? – disse de rajada.

– Ainda não sabemos, Germán. Vou acompanhar a equipa forense ao Instituto Basco de Medicina Legal do Palácio da Justiça. Lá poderemos identificá-lo, espero.

– Como está a Estíbaliz?

– Penso que me vai odiar para o resto da vida. Eu estava convencido de que o irmão dela era o assassino.

Germán precisou de alguns segundos para responder.

– Como assim?

Sei que falei mais do que o meu trabalho me permitia, mas era Germán, caramba. Era o meu irmão.

– Ambos sabemos que não posso falar contigo sobre isto, mas é verdade. A pista que estava a seguir levava-me até ele. Agora nada faz sentido, Germán. Não tenho nada, voltei ao ponto de partida e a Estíbaliz não me vai perdoar nunca.

O meu irmão demorou mais algum tempo a assimilar tudo o que lhe estava a contar.

– Tudo bem, Unai. Não bloqueies agora, vai passo a passo, como o avô nos ensinou. Resolve uma coisa de cada vez e acaba a porra do dia o melhor que puderes. Por alguma razão tens esses ombros tão largos. Podes com isto, está bem?

– Sim – respondi, um pouco mais calmo.

– Sei que agora não te devia incomodar com os meus assuntos, mas liguei-te porque estou um pouco preocupado com a Martina, Unai. Não apareceu para almoçar e não me atende o telemóvel.

– Se saiu até de manhã, pode ter adormecido – disse, não muito convencido, e a verdade é que todos os alarmes dispararam. Com o choque de encontrar o cadáver de Eneko, não prestara atenção à identidade do cadáver da mulher.

– Não é habitual nela, sabes bem. Pode gostar de sair à noite às vezes, mas nunca falta ao que combina. E parece-me estranho que continue a dormir às seis da tarde. Fui a casa dela, mas não está lá ninguém.

– Pode ter ficado a dormir em casa de alguém do grupo? Hoje não trabalhava? – perguntei, engolindo em seco. Procurei disfarçar o meu nervosismo diante de Germán, para que ele não notasse a preocupação na minha voz. Porque não podia ser, era uma possibilidade demasiado remota. Demasiado... não, simplesmente não podia ser.

– Não, tirámos o dia de férias. Talvez tenhas razão, e pode ter ficado a dormir

em casa da Nerea. Não te quero roubar mais tempo. Liga-me se precisares de desabafar, está bem, Unai?

– Sim, não te preocupes. Vou agora ao Palácio da Justiça, vão levar os corpos para lá. Falamos mais tarde. – Apercebi-me de que estava uma pilha de nervos e que tinha repetido dados. Digamos que o meu nível de atordoamento estava alto e roçava um perigoso nove.

Meia hora depois reuni-me com a equipa forense na sala das autópsias.

O cadáver de Eguzkiloire estava estendido, ainda coberto de farinha, na mesa de aço inoxidável.

– E o corpo da mulher? – perguntei, olhando à volta, inquieto.

– Ainda não mo trouxeram – respondeu a doutora Guevara, concentrada em escolher os instrumentos que ia utilizar. – Vou começar pelo homem.

A médica forense começou a lavar a cabeça de Eneko com uma pequena esponja de banho, a farinha foi desaparecendo pouco a pouco do rosto dele e do pescoço, e aproximei-me para o observar.

– Ouvi dizer que é o irmão da inspetora Ruiz de Gauna – disse a médica, pondo-se ao meu lado. – Pode confirmar?

– Sim, é ele. No seu caso, a identificação dá pouca margem para dúvidas. O morto tem uma tatuagem muito característica na nuca, pode levantar-lhe a cabeça?

A médica forense segurou no defunto Eneko pelo pescoço e virou-o de lado. Aproveitou para passar um jato de água e a tatuagem do eguzkiloire ficou à vista.

– Tinha trinta e cinco anos? – perguntou.

– Sim, infelizmente estava na lista de....

– De possíveis vítimas – terminou ela a frase.

– Diga-me, doutora. Temos os mesmos elementos comuns que nos cadáveres anteriores? – Procurei focar-me. Mas estava à espera, à espera que a porta se abrisse e trouxessem finalmente o cadáver da mulher falecida.

– À primeira vista parece que sim. Veja, inspetor: um pequeno orifício de entrada num dos lados do pescoço, compatível com uma agulha. É preciso fazer uma análise rigorosa, mas temo que, mais uma vez, siga o mesmo padrão de sempre.

– Talvez encontrem nele vestígios de outras drogas no sangue – avisei-a. – Tinha antecedentes por tráfico de droga e era conhecido o seu fascínio por qualquer substância ilegal.

– De acordo, de qualquer maneira, penso que isso não mudará a causa de morte. As mucosas da sua garganta apresentam o mesmo inchaço que as das outras vítimas. Não espero grandes surpresas.

– De qualquer modo, o seu pai está incapacitado por causa do Alzheimer, a

mãe já morreu e o seu outro irmão saiu de casa há muitos anos, por isso a única família que tem é a inspetora. Vou ligar-lhe para que se encarregue da identificação oficial.

Naquele momento entraram os membros do Instituto Basco de Medicina Legal e depositaram com cuidado o segundo corpo na mesa de aço.

A médica suspirou e aproximou-se dela. Eu segui-a, creio que a tremer.

– Vejamos quem aqui temos – murmurou e começou a retirar a farinha do rosto e do seu cabelo curto com a pequena esponja de banho.

A médica forense foi lavando a testa, as pálpebras abertas, o nariz e a boca da mulher.

Por momentos, perdi o equilíbrio e tive de me apoiar na mesa onde descansava Eneko Ruiz de Gauna.

A última vítima do assassino era Martina, a minha cunhada.

O Parque do Prado

Terça-feira, 9 de agosto

A médica forense olhou para mim espantada, tinha-me sentado na mesa de aço inoxidável. Nem sequer me apercebi de que estava a tocar no corpo sem vida de Eneko, recém-lavado e ainda húmido.

Levantei-me de um salto, aturdido, com a parte de trás das calças de ganga molhadas.

– Está bem, inspetor Ayala?

– Esta mulher... é... Martina López de Arroyabe. É a minha cunhada, a namorada do meu irmão.

A médica empalideceu.

– Está cem por cento seguro?

– Acabou de superar um cancro, pode comprovar pela coloração escura das unhas por causa da quimioterapia, os pés inchados devido à retenção de líquidos e as sobrelanceiras em processo de crescimento – recitei num tom profissional, com o olhar fixo num azulejo branco quadrado. Tomei-o como ponto de referência para não vomitar. Estava perfeitamente montado e não se distinguia dos outros.

– Pode dizer-me onde fica a casa de banho, por favor? – consegui dizer, quando já não aguentava mais.

Tinha um peso morto no fundo do estômago que me obrigou a dobrar, era como uma grande pedra que raspava nas paredes dos meus intestinos.

– Subindo as escadas, à esquerda. Precisa que o acompanhe?

Saí a correr, maldisposto, sem conseguir responder.

Entrei na casa de banho e precipitei-me na retrete que encontrei com a tampa para cima, mas fui incapaz de vomitar. E a única coisa que queria era vomitar, e depois dormir durante cem anos seguidos, e esquecer-me de que tinha lixado a

vida ao meu irmão.

Lembro-me pouco da minha estadia naquela casa de banho. Sei que me deixei cair em cima dos azulejos brilhantes, que as minhas bochechas latejavam de sangue a ferver e que fazia muito calor ali, talvez aquilo fosse o meu inferno e eu fosse um demónio.

Porque era isso que o Diabo fazia, não é verdade?

Magoar todos aqueles que se cruzavam com ele.

Eu era a porra do Beijo da Morte, todos aqueles que caminhavam ao meu lado pela vida acabavam mortos. Os meus pais, a minha mulher, os meus filhos, a minha cunhada, até o irmão da minha melhor amiga estava morto por minha causa.

Não me lembro de a ouvir chegar. Sei que alguém me obrigou a tirar os braços dos joelhos e me segurou no queixo com muita força até me conseguir levantar a cara e obrigar-me a olhar para ele.

– Unai – murmurou Alba, agachada ao pé de mim –, tens de vir comigo. Estás há mais de duas horas na casa de banho das senhoras. A doutora Guevara avisou-nos, os teus gritos ouviam-se por todo o Palácio da Justiça. Sofreste um ataque de ansiedade e estás lá fora uma ambulância para te levar para o hospital.

– Não quero ir para o hospital, Alba. Não preciso – respondeu uma parte de mim, a minha parte autómata.

– Precisas, sim. Têm de te dar um calmante e controlar os teus sinais vitais. Não o tornes mais difícil do que já é. – A sua voz era doce, estranhamente doce, como uma mãe a falar com uma criança que não compreende nada.

– Não quero um calmante. Preciso de... – disse, regressando aos poucos ao mundo real. – Preciso de fazer uma chamada. Tenho de contar ao meu irmão antes que saiba doutra maneira.

– Unai, não estás em condições de fazer uma chamada dessa natureza neste momento. Os paramédicos estão à tua espera fora do edifício. Vamos devagar. Eu estarei ao teu lado, se quiseres. – Havia um pedido mudo nas suas palavras, um “deixa-te levar, agora estou eu ao comando”, a que não quis obedecer.

– Está bem, Alba. – Custou-me mais a levantar do que o meu ego estava disposto a suportar. – Tens razão, vamos embora. Acho que preciso de ser visto por um médico.

Entrámos num dos dois elevadores panorâmicos que dominavam a parte de fora dos tribunais. Uma cápsula de vidro saída de um filme de ficção científica levou-nos para baixo lentamente ao longo de dois andares, enquanto todos os oficiais que passavam pelos corredores olhavam para nós discretamente.

– Sente-se melhor, inspetor Ayala? – repetiu Alba, quando o elevador chegou ao destino. Deixara de me tratar por tu, estávamos rodeados de gente e Alba era

de novo a subcomissária Salvatierra.

Virei-me para ela e olhei-a nos olhos. Não era a primeira vez que lhe mentia, e ao ritmo a que seguíamos, não ia ser a última.

– Penso... que vou precisar do tal calmante. Muito obrigado, subcomissária, por ter vindo pessoalmente. Apreciei muito o seu gesto.

– Não o posso acompanhar ao hospital, inspetor. Com esta nova reviravolta no caso, o comissário chamou-me para uma reunião de urgência e está há algum tempo à minha espera na sede, em Lakua.

Na verdade, queria dizer: “Não me posso expor mais ainda e entrar nessa ambulância contigo.”

– Não se preocupe, penso que consigo andar pelo meu próprio pé. Obrigado pela sua ajuda, lá em cima, na casa de banho – disse, e aproximei-me dos paramédicos de Osakidetza, que esperavam por mim debaixo de um sol abrasador, a sufocar debaixo dos seus coletes refletos.

Olhei para trás disfarçadamente. Alba ainda me seguia com o olhar desde a porta de vidro do Palácio da Justiça, mas recebeu uma chamada no telemóvel e virou-se, procurando um pouco de intimidade.

– Estão à espera do inspetor Ayala? – perguntei a um dos jovens sentados na parte de trás da ambulância.

– Sim, já desceu?

– Parece que se encontra melhor. Sou o seu colega, o inspetor Ajuria. Se não descer em dez minutos, podem regressar sem ele.

– De acordo, vamos esperar – respondeu o jovem, encolhendo os ombros.

Ainda me sentia bastante aturdido, e custou-me caminhar normalmente, mas consegui escapulir-me do campo de visão de Alba e atravessei a avenida em direção ao parque do Prado.

Cruzei-me com famílias que se dirigiam para as rulotes de comida, empurrando os seus carrinhos de bebé, crianças que regressavam e traziam algodão-doce cor-de-rosa e atiravam ao ar discos luminosos.

Toda aquela luz era demais para mim. O meu mundo era muito mais escuro e estava prestes a apagar metade do universo de alguém. De alguém que eu amava muito. De alguém que eu amava mais do que tudo.

Procurei um banco afastado à sombra de uma árvore e marquei o número de telefone do meu irmão.

– Unai, como estás? Como está a Estíbaliz? – perguntou-me.

– Germán, onde estás agora? Gostava que nos encontrássemos... preciso de... preciso de falar contigo – consegui dizer.

Mas o meu irmão conhecia-me demasiado bem, conhecia todos os tons dos meus dias mais negros.

– Unai... O que foi, o que aconteceu? – perguntou, alarmado.

– Calma, Germán. Calma – tentei pará-lo, impotente. – Quero apenas encontrar-me contigo agora para falarmos pessoalmente. Não quero ter esta conversa ao telefone. Onde estás?

O cérebro incrível do meu irmão demorou apenas alguns segundos a ler as entrelinhas.

– Diz-me que não, Unai! – disse com a voz quebrada. – Diz-me que não foi a Martina que apareceu morta.

Levantei-me do banco, impotente, enquanto procurava acalmá-lo à distância.

– Germán, acalma-te e diz-me onde estás. Vou para aí agora mesmo, não quero que estejas sozinho.

– Não! Não! – gritou, em pânico. – Diz-me que não é ela, Unai. Diz-me, pelo amor de Deus!

Suspirei, rendido.

– Não queria que soubesses assim, Germán. Sinto muito, sinto muito. Mas tens de me dizer onde estás.

Deixei-o chorar do outro lado da linha. Aguentei o melhor que pude. Fechei os olhos, tapei a boca. Aguentei por ele, pelo meu irmão. Tinha de ser forte, no caso de ele vacilar.

Era justo, ele fez o mesmo quando eu fiquei viúvo.

Cuidar de toda a parte burocrática que envolveu a morte da minha amada cunhada manteve-me ocupado durante as primeiras horas após o assassinio de Martina. Para poupar telefonemas, marquei o número de Nerea, sabendo que no minuto seguinte todos os membros do nosso grupo, e uma grande parte de Vitoria, estariam ao corrente da notícia.

Falei com o avô, pedi-lhe que tomasse conta de Germán durante os primeiros dias. Chegou de Villaverde em menos de uma hora e encontrou-o, não sei como o fez. Admirei mais uma vez o seu dom para resolver problemas, quis tê-lo para mim.

Quis tê-lo para mim.

De seguida liguei a Alba, fingi que o fazia do hospital de Txagorritxu. Pedi-lhe autorização para voltar para casa e descansar. Sabia que ela estaria de acordo, estava a dar-me a quebra e não tinha forças para discutir com ninguém.

Apenas deixar-me levar, arrastar-me até casa às onze da noite, a uma hora em que o Celedón já se estava a preparar para subir pelo céu na praça da Virgen Blanca e ia dar por concluídas as piores Festas da Virgen Blanca de sempre.

A Cruz de Gorbea

Quarta-feira, 10 de agosto

Não lhe fizeram uma missa, Eneko nunca quis saber da Igreja e estávamos todos conscientes de que teria dado voltas na campa se tivesse sido enterrado num cemitério cristão.

Estíbaliz não informou o pai da morte do seu filho mais velho, seguindo os conselhos que lhe deram os especialistas em Alzheimer de Txagorritxu. Na ausência de outro membro da família, decidiu incinerá-lo e deitar as suas cinzas na cruz do monte Gorbea, uma das moradas da deusa Mari.

A fauna que acompanhou a subida da urna metia medo, até mesmo ao meio-dia: clientes alternativos da ervanária, ganzados, góticos e mulheres com cabelos coloridos vestidos com túnicas brancas a recitar preces indecifráveis.

A minha colega ia à frente, acompanhada por Iker, o seu noivo. Iam vestidos com roupa de escalada: calças e camisolas pretas de licra, a bolsa de magnésio à cintura.

Sabia que iam escalar a cruz, apesar de não ser permitido. Mas naquele momento eu era o único representante da lei naquelas bandas, e era como se Estíbaliz me estivesse a desafiar em silêncio: “Vais deter-me? Vais impedir-me de o fazer?”

A minha colega não respondera às minhas chamadas desde que no dia anterior tinha levantado o lençol branco em frente aos pés do Caminhante.

Fiquei a saber do funeral pagão porque Lutxo falou com o namorado de Esti. Soube por ele que não me queria ver. Eu sabia que tinha perdido a minha melhor amiga, e que se calhar também não ia recuperar a minha colega de trabalho.

Apesar de tudo, fui. Não sou pessoa de não enfrentar as coisas. Se é para mandar vir comigo, que o façam. Sobretudo quando têm razão.

De modo que segui a comitiva do inferno a uma distância prudente e

iniciámos a subida.

Aos poucos, as árvores foram desaparecendo até ficar apenas o maciço de rocha nua com a cruz de ferro de Gorbea em cima. A cruz, que fazia lembrar uma pequena Torre Eiffel de vinte metros, estava de pé há um século e era um marco recorrente para todos os montanhistas do norte da península.

Mas uma coisa estranha aconteceu à medida que nos fomos aproximando e tive de piscar os olhos para me assegurar de que não estava a ter uma ilusão de ótica.

– É o Eneko, é a sua aura! – gritou uma das velhas, dando uma passa num cigarro de enrolar que sabe-se lá de que era feito. – Está vermelha! Toda a gente consegue ver? Toda a gente consegue ver como a cruz se está a mexer?

Por mais incrível que parecesse, o que aquela sorgina gritou era verdade: a cruz estava vermelha e movia-se, tremia, como o efeito da chuva num ecrã de televisão avariado.

Engoli em seco e aproximei-me, como toda a gente, ficando a poucos metros dos quatro pés de ferro da cruz.

A explicação chegou quando me aproximei o suficiente: havia uma praga de joaninhas que se tinham apropriado da estrutura da cruz. As pequenas conchas vermelhas de milhares delas moveram-se, histéricas com o calor, o que dava ao monumento a aparência inquietante de estar vivo.

Estíbaliz não desistiu perante tantos bichos. Carregou a urna do irmão na mochila que levava às costas e começou a subir enquanto todos nós contínhamos a respiração. Fui pôr-me ao lado de Iker e implorei-lhe, com o olhar, que a acompanhasse.

Ele assentiu, começou a trepar também e passados poucos segundos estava junto dela, à altura dos últimos barrotes, vinte metros acima das nossas cabeças.

A minha colega não esperou por orações nem preces, abriu a urna e atirou as cinzas, que caíram sobre as joaninhas e fizeram com que muitas delas fugissem a voar em todas as direções.

Imaginei que Eneko encontraria um significado místico para aquilo tudo, ou que para ele aquilo seria a prova irrefutável da transmutação da alma, mas a única coisa empiricamente certa era que Eguzkilore já cá não estava para contar, pela obra e graça de um assassino que me deixou completamente desorientado.

De seguida descemos em silêncio. Esti e o namorado à frente com toda a comitiva atrás deles, e eu, um pouco mais afastado, a vários metros, perdido nos meus pensamentos.

Não me apercebi de que Estíbaliz tinha ficado para trás até a ter ao meu lado. Estávamos a atravessar a zona das faias, os seus ramos altos tapavam o sol e davam-nos um pouco de frescura num dia em que tanto o chão como a minha

cabeça ardiam.

Iker olhou para trás com uma expressão preocupada, mas Estíbaliz indicou-lhe com o queixo para continuar. Eu e ela fomos desacelerando o passo até todos estarem vários metros à nossa frente, e parámos numa clareira na floresta pintada em tons de verde.

– Diz o que tens a dizer, Esti. Anda, deita cá para fora.

Ela olhou para mim. Estava com raiva, tinha o rosto abatido de não dormir e o seu cabelo parecia mais ruivo do que o habitual.

– Se te disser tudo o que estou a pensar, é possível que não me voltes a dirigir a palavra, Kraken – cuspiu as palavras à minha frente.

– Diz, Estíbaliz. Pode ser que, por uma vez na vida, estejamos de acordo em relação a isto...

– A culpa foi tua! – gritou, batendo-me no peito. – O meu irmão está morto por tua causa! Foste tu que o meteste nisto, o assassino riu-se de ti.

Procurei acalmá-la. Estíbaliz tinha um maneira um pouco suja de lutar, como as gatas da rua. Era muito mais rápida do que eu, como se estivesse cheia de cafeína. Abracei-a por trás e encostei-a ao meu corpo, tentando evitar que me atingisse.

– Riu-se de mim, dizes tu? – murmurei-lhe ao ouvido. – Não, parceira. Não se riu apenas de mim, matou a mulher do meu irmão, matou o teu irmão... Isto vai muito mais além de uma brincadeira macabra. Implicou-nos aos dois, tornou isto pessoal.

– Kraken, se não me soltares, vou magoar-te.

– Eu sei.

– Tu é que sabes – disse, e levantou o joelho. A seguir deu-me um pontapé com toda a força ao longo da minha coxa e de toda a tibia, arrancando a pele de passagem.

Soltei-a quando o seu movimento terminou numa pisadela que me tirou o ar e me fez gritar de dor.

– Caramba, Esti. Vais deixar-me marca! – exclamei, olhando para a queimadura que me fez na perna.

Ela voltou-se, disposta a ir-se embora.

– Tu a mim já me deixaste marca, Kraken. A mim já me deixaste.

Estendi o braço e segurei-a pelo pulso, impedindo-a de se ir embora.

Foi então que tomei consciência de que os nossos gritos tinham atraído todos os amigos de Eguzkilore e que estávamos rodeados de pessoas que nos filmavam com os seus telemóveis.

– Dou um estalo naquele que tirar uma foto com o telemóvel – gritei para eles, perdendo a paciência. – Nada de telemóveis! Estou farto de telemóveis até aos

cabelos!

Aproximei-me de um dos góticos, furioso, com intenção de lhe tirar o telemóvel das mãos, mas ele retrocedeu e levantou as mãos, em sinal de redenção.

– Calma, meu. Qualquer pessoa tem dias maus. Da minha parte, podes estar descansado, não vou publicar nada na internet – disse ao mesmo tempo que punha um sorriso inocente.

– Está bem. O espetáculo acabou por hoje. Podem voltar para junto dos vossos carros e dar-nos um momento de privacidade, por favor?

A pequena multidão dispersou e voltou ao caminho de descida.

– Esta tudo bem, Iker. Já desço – disse Esti ao namorado.

Quando já não havia ninguém a alguns metros de distância, aproximei-me dela para que não nos pudessem ouvir.

– Temos de ver o que fazemos com o caso, Esti. Tens uns dias de folga por causa da morte de teu irmão, vais tirá-los?

– Não, nem por sombras.

– Diz-me, queres continuar com este caso, ou já tiveste o suficiente?

– Agora, mais do que nunca, eu quero apanhá-lo. Tu não? – perguntou-me, com uma voz tão raivosa que nem parecia ela.

– Não sabes... não imaginas... de que maneira.

– Então vamos atrás dele, vamos apanhar o Tasio de uma vez por todas.

– Achas mesmo que foi ele?

– A sério, Kraken? Ele deu-te o nome do meu irmão, saiu da prisão e um dia depois matou-o, a ele e à tua cunhada. Ainda não vês a relação, queres que te faça um desenho?

“Pode ser”, pensei. “Pode ser que tenha de me render à evidência e começar a pensar que o Tasio é o demónio que dizem que é.”

Do funeral de Martina nem quero falar. Há coisas que... que prefiro guardar para mim. Dói demasiado contá-las.

Só me lembro que quando todos os amigos do trabalho se foram embora, bem como os pais de Martina, a imprensa, os curiosos, as autoridades e o nosso grupo, Germán ficou de pé diante da pedra quadrada sem nome na sua campa. Eu encomendara uma placa de mármore a dizer: “Não te esqueceremos”, com o nome dela, a sua fotografia e as duas datas, de nascimento e morte, mas que ainda tardaria várias semanas a estar pronta e colocada no seu lugar.

O avô e eu resistimos ao lado dele, de pé, sem nos movermos, debaixo de um sol que enchia a testa do avô, debaixo da boina, de gotas grossas de suor, e que

me tinha encharcado as costas da camisa negra dos funerais há muito tempo.

– Agora somos os três viúvos – disse o avô, duas horas mais tarde, ainda imóvel.

– Talvez estejamos amaldiçoados – respondi eu.

– Não digas asneiras. É simplesmente a vida, que é uma cabra – disse Germán.

– Só nos resta seguir sendo dignos dela – disse o avô.

“Está a ser difícil, avô”, pensei. “Sou apenas um mau homem que não merecia uma família.”

– Vamos, filhos. Precisamos de regressar e de beber qualquer coisa. Parecem dois fantasmas. Germán, vamos almoçar os três juntos em casa do Unai. Trouxe txitxikis¹⁴ do talho do Paco.

Sei que a simples menção do seu prato preferido reconfortou o meu irmão. Que era bom ele não ficar sozinho em casa, onde tudo lhe faria lembrar Martina, e que connosco podia chorar à vontade, sem precisar de disfarçar. O avô já tinha passado por lutos e enterros meio milhar de vezes ao longo dos seus noventa e quatro anos; era um descanso deixarmo-nos levar pelas suas decisões sensatas e pragmáticas e deixarmos de ser adultos por algumas horas.

Para ser justo, e juro que tentei, a morte de Martina também me deu momentos em que voltei a recuperar a minha fé na Humanidade. Houve uma enorme onda de solidariedade e consternação à minha volta, e ninguém cujo nome estivesse apontado na minha agenda deixou de me ligar.

Ninguém.

As pessoas ligavam, preocupadas comigo e com o meu irmão, consolavam-me e deixavam-me arrepiado, porque compreendi que a dor também une as pessoas, talvez mais do que as alegrias, porque dessas, como bons ingratos que somos, esquecemo-nos depressa.

Houve um telefonema especialmente emotivo: de Mario Santos, o jornalista do El Correo Vitoriano. Até então tínhamos marcado a distância prudente de uma relação de troca, em que ele obtinha informação para o seu jornal, e eu garantia que, graças à sua prosa comedida, as nossas investigações não se viam ameaçadas. Mas não naquele dia, não naquele dia.

– Inspetor Ayala, é um bom momento para falarmos? – perguntou, quando atendi a sua chamada.

– Tão bom ou mau como outro qualquer, Mario. Precisas de alguma coisa?

– Na verdade, hoje não te estou a ligar como jornalista, Unai – respondeu, usando o meu nome próprio pela primeira vez em anos. – A edição de hoje do jornal já está fechada, a notícia já foi escrita e enviada. Liguei apenas para te dar os meus pêsames pelo que aconteceu à tua cunhada.

– Bem... – respondi, surpreendido. – Agradeço muito, Mario. Acredita.

– Não consigo imaginar o que estás a sentir neste momento. Ninguém está preparado para morrer tão jovem. Não sei como é que as famílias seguem em frente, a sério que não sei – murmurou, com a voz rouca, por uma vez, de emoção.

– Não deixa de ser irónico, mas penso que, de certo modo, todos nós achávamos estar preparados para a partida da Martina. Enfrentou um cancro devastador, lutou como uma leoa, mas houve ocasiões em que... Não sei se conheces esta doença, mas houve momentos duros em que pensávamos que tinha as semanas contadas, e a seguir recuperava, sempre. Aparentemente ainda sem forças. A Martina recuperava. Por isso é uma verdadeira partida do destino que a tenham assassinado precisamente agora, quando lhe tinham dado alta.

– Parece-me tudo demasiado cruel para ser verdade, Unai. Só espero, e confio em ti, amigo, que o prendas de uma vez por todas e que estas tragédias não se voltem a repetir.

“Também espero, amigo, também espero”, pensei.

[14.](#) Carne de porco ou aves, preparada como se fosse para rechear chouriço, mas que é frita. Típico do País Basco. (N. da T.)

Salburua

Quinta-feira, 11 de agosto

A subcomissária exigiu a nossa presença no seu gabinete logo de manhã. Deu-nos as condolências com uma expressão grave, convidou-nos a descer com ela ao parque de estacionamento e entrou num dos carros à civil.

– Aonde vamos? – perguntou Estíbaliz, sem compreender, enquanto se sentava no banco de trás.

– Vamos arejar um pouco a Salburua, o ambiente nos gabinetes pode ser asfixiante, não acham?

Aquilo não era bom sinal. Talvez aquilo que tinha para nos dizer fosse tão grave que não queria que o resto dos colegas visse as nossas reações ao sair do seu gabinete.

Sentei-me em silêncio no banco do copiloto, procurando antecipar-me à sua jogada, mas não me podia defender até que a subcomissária nos dissesse de que se tratava.

Passado pouco tempo chegámos à zona húmida de Salburua. Tenho de reconhecer que estar rodeado por todo aquele verde me fez espairecer bastante, e foi uma boa ideia porque depois das festas não havia ali ninguém, de modo que os três pudemos caminhar em silêncio durante um tempo, até que Alba nos conduziu por um caminho afastado.

– Receio que estamos hoje aqui reunidos graças à reviravolta dos últimos acontecimentos – começou. – Não vos vou esconder o alarme que estas duas últimas mortes provocou no corpo policial, nem as pressões que estamos a receber lá de cima. Não quero pecar por falta de sensibilidade para convosco, inspetores, mas prefiro ir direta ao assunto que me preocupa, porque tenho de dar uma resposta ao comissário assim que vocês entrarem de novo pela porta da sede de Lakua.

– Continue, estamos a ouvi-la – disse Estíbaliz, caminhando ao lado dela.

– Em primeiro lugar, inspetora Gauna, agradeço-lhe por ter regressado ao trabalho sem ter tirado os dias a que tem direito. A questão é: acham que devem continuar neste caso? Há sérias dúvidas quanto à vossa idoneidade para o retomarem. Emocionalmente, estão ambos afetados pela morte dos vossos familiares. Tanto a opinião pública como o juiz Olano vão examinar à lupa cada passo que deem.

– E o que pensa a subcomissária? – perguntei, olhando-a fixamente nos olhos.

– É a nossa superior imediata, gostava de saber a sua opinião pessoal.

– Sem panos quentes, Unai? – respondeu. Surpreendeu-me que pusesse de lado a formalidade, na presença de Estíbaliz.

– Por favor.

– Penso que não têm nada. Desde o início, sobretudo tu, descartaste os principais suspeitos, os gémeos, e, contudo, aquele que era o teu principal suspeito até anteontem acabou por ser uma das vítimas do assassino. Não podes estar mais perdido.

– Aprendi a lição – argumentei. – Vou rever tudo o que temos desde o início.

– Talvez devêssemos trazer um par de olhos novos, talvez já não sejam capazes de ver nada. É um caso muito complicado. Conduziram a investigação de maneira absolutamente correta, mas os resultados não chegam, e a verdade é que devem ter alguma coisa de muito errada para que ontem ambos estivessem em funerais, perdoem-me a franqueza.

– Não te apercebes de que isso é o que ele quer, que nos afastes do caso? – respondi, controlando o meu impulso de gritar. – Foi por isso que tornou isto pessoal.

– O que significa isso?

– Que é óbvio que o assassino nos monitoriza, e que nos quis desferir a machadada final para que nos afastássemos precisamente agora. Isso significa que estávamos perto, que sabe que descobrimos alguma coisa, e que o podemos caçar.

– Era bom que isso fosse verdade, era bom que pudesse acreditar no que me está a contar – disse, voltando ao seu tom profissional habitual. – Desta vez o assassino foi à rua Dato, na zona de Ensanche, por isso podemos concluir que já estamos no século XIX. Não consigo imaginar qual será o próximo cenário que vai escolher, porque temos, quase literalmente, Vitoria inteira, e isso inquieta muito o comissário Medina. Olhem... posso conseguir-vos mais uma semana. Se não houver resultados, terei de vos afastar do caso.

Quando nos deixou de novo no parque de estacionamento da sede de Lakua, estávamos ambos cabisbaixos e sem vontade de falar.

– Temos de rever todos os testemunhos e entrevistar todas as testemunhas com quem não falámos por falta de tempo – disse Estíbaliz, assim que ficámos sozinhos.

– Concorde, mas também vou continuar a cavar o passado dos gémeos. A chave tem de estar à frente do nosso nariz e passou-nos ao lado.

– O que vais fazer agora? – perguntou.

– Vou voltar ao cemitério de Santa Isabel. Gostava que viesses comigo.

Ela assentiu e pouco depois entrámos na silenciosa cidade dos mortos.

– O que procuras exatamente? – perguntou a minha colega.

– O único ser vivo que habita nestas ruas. Vamos, disse-me que tinha um barracão para as suas ferramentas na parte sul do cemitério.

Caminhámos um pouco desconfortáveis entre as campas. Talvez não tenha sido boa ideia começar por ali; tanto Esti como eu ainda tínhamos a lembrança do ritual da morte muito presente. A verdade é que, uma vez ali, me apercebi de que era o último sítio onde queria estar.

Foi então que me pareceu vê-lo, a subir umas escadas enquanto podava os ramos rebeldes de um cipreste grosso.

– Vejam só, você outra vez! Parece que começa a gostar do cemitério.

– Podia descer por um momento? No outro dia não me identifiquei, mas sou o inspetor Ayala e esta é a minha colega, a inspetora Gauna. Gostaria de continuar a conversa que começámos há dias.

O homem demorou alguns segundos a olhar-me de cima a baixo, e depois pôs a boina com um gesto obediente.

– Claro, deixe-me ir ter convosco.

Uma vez em terra firme, cumprimentou educadamente Estíbaliz, e olhou para mim com uma expressão expectante, à espera das minhas perguntas.

– O senhor começou a contar-me que foi testemunha de um incidente protagonizado pelos gémeos Ortiz de Zárate no dia em que enterraram a mãe deles. Podia ser mais concreto e descrever-nos o que aconteceu?

– Sim, claro. Essas coisas não se esquecem, apesar de ter acontecido há muitos anos.

– No ano de 1989, se os meus dados estão corretos – especifiquei.

– Isso mesmo, há muito tempo. O funeral da senhora foi muito concorrido, vieram pessoas importantes e jornalistas, parecido com aquele de há uma semanas. Mais tarde, quando o funeral acabou, ficaram apenas os seus filhos e as namoradas; pelo menos iam de mãos dadas com eles. Os filhos estavam vestidos de igual com fato e gravata e faixas pretas, eu não seria capaz de os distinguir.

– E o que aconteceu para que ainda se lembre disso?

– Claro que me lembro, como poderia esquecer? Pouco tempo depois de ficarem os quatro sozinhos, apareceu um rapaz, um jovem da idade deles, tinha menos de vinte anos. Estava vestido como nós, pessoas do campo, nos vestíamos naquela altura quando tínhamos folga, com calças de ganga e t-shirt branca. Era um pouco rechonchudo e muito ruivo, estava desgrenhado, parecia quase um mendigo. Olhe, não sei o que lhes disse, mas fosse o que fosse, não mereceu o que lhe fizeram.

– E o que lhe fizeram? – interrompeu Estíbaliz.

– Deram-lhe uma carga de pancada, ali mesmo, diante do jazigo dos Unzueta, diante do anjo. Venham, acompanhem-me para poderem perceber melhor. – Convidou-nos com a tesoura de podar ainda na sua única mão.

Seguimo-lo ao longo das avenidas de cimento e flores, até pararmos diante do tal anjo e da sua lenda. Afastei-me para o lado, desconfortável, e peguei em Esti pelos ombros e puxei-a para o pé de mim.

– Vê esta campa que está diante? Naquela altura estava vazia. Havia uma fossa comum para seis caixões e a Câmara Municipal ordenara que se esvaziasse porque tinha expirado o prazo. Presenciei a cena toda por trás daquelas lajes, um pouco agachado. Não sabia se devia desatar a correr ou chamar a Polícia.

– Era o que devia ter feito – murmurou Estíbaliz.

– Tinha medo de deixar o jovem sozinho, tinha a certeza de que o iam matar. Deram-lhe uns quantos murros e a seguir, quando caiu ao chão, um dos gémeos começou a dar-lhe pontapés enquanto o outro o incentivava. Sabe, não sei o que se passou entre eles, mas quando o rapaz parou de se mexer, encheram-lhe a boca de terra e atiraram-no para a fossa comum vazia. Gritaram qualquer coisa como: “Nunca mais ponhas os pés em Vitoria, saloio de merda”, apesar de não saber se ele os podia ouvir.

– Está a dizer-me que os gémeos mataram um rapaz aqui mesmo?

– Não, não o mataram, mas deixaram-no meio morto e depois de um bom bocado a olharem para ele e a discutirem entre eles, foram-se embora.

– Foi nessa altura que chamou finalmente a Polícia, a ambulância, alguém? Sabe se a denúncia está nalgum documento? – perguntou Estíbaliz.

– Como é que vai constar, minha boa mulher? – disse, com um sorriso triste. – Assim que os jovens se foram embora, saí a correr para ver se o rapaz estava morto ou vivo. Encontrei-o com a boca cheia de terra, espancado quase até à morte, com a cara desfigurada. Olhava para mim com uns olhos... como se esperasse que eu também lhe batesse, como se não esperasse outra coisa de ninguém. Não posso imaginar o que sentiu ali em baixo, quase asfixiado e com o anjo dos Unzueta a olhar para ele fixamente. Tirei-lhe a terra da boca como

pude, com a minha única mão podia ajudar menos do que queria. Dei-lhe água com a mangueira e lavei-lhe a boca até sair toda a terra e sangue e ele conseguiu respirar. Quis chamar uma ambulância para que o levassem às Urgências, mas o rapaz não me deixou. Parecia louco, disse que ninguém podia ficar a saber o que tinha acontecido, que seria pior para ele.

– Deixou-o ir? – perguntei.

– Nada disso, convidei-o a ficar no meu barracão. Fiquei com a impressão de que o rapaz não tinha sítio onde passar a noite, e ele aceitou e ficou vários dias, escondido. Levei-lhe comida todos os dias, sopas de alho e batatas com chouriço, para que ele recuperasse. Acreditem em mim, o rapaz era muito educado, um pouco desajeitado, mas não me deu problemas.

– Pode dar-nos o nome dele, dizer-nos como se chamava o rapaz?

– Não consegui que me dissesse, de maneira nenhuma. Ele respondia sempre: “Não me pergunte isso, peço-lhe.” Acho que tinha medo de que os gémeos voltassem ao cemitério a perguntar o que tinha sido feito dele e que eu lhes contasse o que sabia.

– Lembra-se de mais alguma coisa, algo que nos possa ajudar a localizar o rapaz?

– Não parava de repetir que o tinham desterrado, era assim que se sentia. Dizia coisas estranhas, que eu não compreendia, mas ele não me queria dar qualquer explicação, mas não parava de repetir que a sua própria família o desterrara, algo como se tivesse passado a vida a procurá-los e agora desterravam-no de Vitoria. O mais estranho de tudo foi que... sabem, sempre achei que o que mais o magoou não foi a pancada que lhe deram, ele nunca se queixava da dor nas costas, nem no rosto. Era o que aqueles meninos da mamã lhe tinham dito que o estava a deixar louco.

– Consegue descrever-nos as raparigas? – interrompeu Estíbaliz, sempre pragmática.

– Uma delas chamava muito a atenção. Era roliça, com o cabelo louro muito comprido e liso, era um pedaço de mulher, conseguia vê-la daqui. Da outra nem me lembro, já tinha muito com que me preocupar, tentando respirar e não ter um ataque de coração.

– Sabe o que aconteceu ao rapaz depois de ter passado estes dias no seu barracão? Sabe para onde foi a seguir?

– Ele dizia que se ia embora para Pamplona, que não ia voltar a Vitoria, mas uma manhã foi até à estação de autocarros da rua de Francia; lembram-se de quando ficava na rua de Francia, antes de a tirarem daquele edifício tão bonito? Quando voltou, escondeu o bilhete e... bem, uma pessoa aborrece-se muito e os mortos não dão muito trabalho, por isso procurei um pouco e vi que comprou um

bilhete para uma aldeia... Neste momento não me lembro do nome, mas o bilhete era da La Burundesa, os autocarros que vão para Amurrio. Percebi que me estava a mentir, mas penso que era porque tinha medo de que os outros voltassem e me perguntassem por ele, de modo que me fiz de desentendido e quando se foi embora desejei-lhe boa sorte em Pamplona.

Estíbaliz mostrou-lhe o seu telemóvel, onde se via o mapa da zona noroeste de Álava.

O coveiro tirou uns óculos em forma de meia lua do bolso do uniforme e colocou-os antes de se inclinar para o ecrã.

– Será que se lembra: Apodaca, Letona, Murguía, Lezama...? – tentou.

O ancião franziu o sobrolho, concentrado, e apontou com o seu dedo grosso para o ecrã.

– Izarra! É isso, o rapaz comprou um bilhete para Izarra – disse, triunfante.

Olhei para Estíbaliz. Ela conhecia a zona melhor do que eu, mas Izarra não era muito grande, devia ter cerca de quinhentos habitantes, e a esquadra da Polícia dependia da de Vitoria. Se bem que sem nome, ia ser praticamente impossível identificar aquele homem.

Despedimo-nos do coveiro e saímos do cemitério, quase à pressa, com vontade de deixar para trás as lápides e sepulturas.

– E agora, o que fazemos? – perguntou Estíbaliz. – Não temos grande coisa com esta declaração.

– Sei que será muito difícil o Ignacio reconhecer que há vinte e sete anos deu uma carga de porrada num desconhecido quase até à morte, se não houve queixa, e muito menos com o seu advogado ao lado, mas acho que posso conseguir alguma coisa junto da sua ex-namorada. Desde que o Ignacio caiu em desgraça, ela parece mais disposta a falar sobre as suas desgraças. Vou ligar-lhe, para ver se posso falar com ela ainda hoje. E vou tentar entrar em contacto com o Tasio, apesar de só lhe faltarem dois dias para voltar para a prisão, mas estamos numa corrida contra o tempo, dado o prazo que a chefe nos deu. De qualquer forma... há algo que me perturba. Não sei se te apercebeste, mas desde que ele saiu de Zaballa, não atualizou a sua conta no Twitter nem me enviou nenhum dos seus tweets.

– É normal, dada a sua quebra de popularidade. Nas redes sociais toda a gente pensa que ele é o culpado, por uma vez há unanimidade na escolha.

– Já aconteceu antes. Com os outros assassínios, a opinião pública também o atacou, mas ele, pelo contrário, nunca deixou de enviar vários tweets por dia – disse, encolhendo os ombros.

– A única coisa que se sabe desde que saiu da prisão foi que se encerrou na sua casa na rua Dato. Agora a sério, Unai, se eu estivesse presa há vinte anos e

saísse durante cinco dias pela primeira vez, ia mesmo ligar-me ao Twitter e às outras redes sociais. Ia, sim, dedicar-me a viver.

“Viver: isso pensamos todos, e nunca o fazemos”, pensei. Mas não lhe disse nada, quem era eu para dar lições sobre como viver a vida.

A verdade é que as redes sociais me tinham dado uma trégua. Chegavam-me condolências de toda a parte do mundo, dando-me os pêsames pela morte da minha cunhada. As pessoas tinham-se habituado a usar o hashtag #Kraken para se dirigirem a mim, como se eu fosse um serviço público aberto vinte e quatro horas por dia, mas pelo menos já não me chamavam inútil, se bem que continuavam a insistir para que detivesse Tasio antes que ele continuasse a matar.

Peguei no telemóvel e enviei um “quero ver-te, Tasio” para o email de Fromjail. Sabia que MatuSalem o estava a monitorizar e faria chegar a Tasio, um homem que, como tinha passado os últimos vinte anos atrás das grades, não saberia o que era andar sempre com um telemóvel ligado à internet no bolso.

A resposta de MatuSalem não se fez esperar:

Kraken, estou preocupado. O Tasio não entrou em contacto comigo desde que saiu da prisão. Não era isto que tínhamos combinado. Não sei como te explicar, mas aconteceu alguma coisa má ao Tasio.

A Passagem do Duende

Quinta-feira, 11 de agosto

Ia marcar o número de telefone de Alba, mas foi ela quem me ligou primeiro.

– Unai, queria falar contigo. Em privado.

– Eu também preciso de falar consigo, subcomissária – respondi, sem ter a certeza se devia falar com ela como amante ou como inspetor. – Onde?

– Não me deviam ver a entrar em tua casa, conheces algum lugar aberto onde não passe muita gente, em plena luz do dia?

– A Passagem do Duende – respondi rapidamente. – É um dos pontos negros da cidade, onde há mais ataques a mulheres e roubos. Toda a gente evita passar por lá. Para ti e para mim é o lugar mais seguro do mundo.

– Onde fica, exatamente?

– É uma passagem subterrânea que atravessa as linhas do comboio, no final da rua Rioja. Do outro lado vai dar ao passeio da Universidade, não há como enganar.

– Encontramo-nos então daqui a vinte minutos – disse e desligou.

Pouco tempo depois encontrámo-nos no túnel escuro da Passagem do Duende. Por precaução, entrei pelo lado oposto, pela rua Ferrocarril. Desci as escadas, Alba já lá estava à minha espera enquanto observava o grafíti da rapariga de olhos azuis e cabelo verde que soprava umas bolhas de ar.

Entreí na escuridão do túnel e percorri os seus escassos metros de comprimento, até sair pela outra entrada. Era a manhã do dia 11 de agosto, não havia absolutamente ninguém a passar e a rua Rioja parecia morta sob o calor de um asfalto que àquelas horas já queimava.

– O que se passa, Alba? Tu primeiro – disse quando me aproximei dela, para quebrar o gelo.

– Não consigo parar de pensar no que aconteceu no dia da procissão dos

Faroles – disse em voz baixa, sem deixar de olhar para a rapariga do grafíti. – Achas que alguém nos viu no teu telhado?

– Também pensei nisso. – Suspirei. – Àquela hora a praça da Virgen Blanca estava escura, e todas as pessoas olhavam para as lanternas. Mas se o assassino estava perto do local do crime, observando as reações, talvez nos tenha visto. Não ponho essa hipótese de parte. Na verdade, pensava que o Eguzkilore nos podia ter visto. Podia saber onde eu vivo, pela sua irmã, e estava a rondar por ali quando se descobriu o lençol, foi das primeiras pessoas a tirar fotografias aos cadáveres. Mas como vês, enganei-me. Aprendi da pior maneira que uma série de coincidências não te guiam necessariamente à verdade.

– Porque terá ido agora atrás das pessoas que te estão próximas? Não deixo de me perguntar. O que fizeste para o transformar nessa pessoa? O que mudou? – insistiu. – És especialista em traçar perfis. Disseste que para este assassino as vítimas são meras coisas, são simplesmente sujeitos que cumprem os requisitos de idade e de apelidos, mas neste caso quis magoar-vos, magoar-vos e muito.

“E consegui, Alba. Não sabes como me sinto pelo que ele fez à Martina. Nem podes imaginar.”

– É como te disse – respondi, no meu tom profissional –, tocámos nalguma tecla que ainda não sabemos. Descobrimos alguma coisa e sabe que se puxarmos o fio à meada, chegamos até ele. A forma mais fácil de nos tirar do caminho era implicando a nossa própria família, para que nos retirasses do caso.

– Não, Unai – disse –, essa não é a maneira mais fácil de te tirar do caminho, e foi por isso que te liguei.

– Como assim? – Apoiei-me na parede, olhando para ambos os lados.

– Unai... estou apavorada – disse lentamente, sem olhar para mim. – Quero tirar-te deste caso. Quando é que fazes quarenta anos?

Então era isso.

– Se me estás a perguntar, é porque já sabes – respondi, aborrecido.

– É amanhã, no dia das Perseidas, não é verdade? Foi por isso que me convidaste, para eu passar o teu aniversário contigo?

– Já sei que não podes vir, ser rejeitado uma vez é suficiente.

– Não tentes desviar a conversa, quero proteger-te, não tens medo de que o assassino vá atrás de ti desta vez?

– Oh, nem imaginas a vontade que tenho de que esse infeliz venha atrás de mim! – respondi sem pensar. Estava a ficar furioso, e isso não era bom, muito menos em plena rua, por mais deserta que estivesse. – Pelo menos assim saberia de uma vez por todas quem é.

– E talvez seja a última coisa que faças. Fazes anos amanhã, vais entrar na maldita lista dos condenados.

– E o que queres que faça, que emigre? Escondendo-me debaixo das pedras? Tu própria o disseste: se o assassino já decidiu, ainda por cima este, arranjará maneira de me encontrar. Alba, estou preparado para isso. Vou fingir que não é insultuoso não confiares em mim.

Olhou-me com raiva, ofendida.

– Não percebo como funciona a tua cabeça. Qualquer homem ficaria lisonjeado com a minha preocupação, e tu preferes sentir-te insultado.

– Sentir-me-ei lisonjeado no dia em que deixares o teu marido e me escolheres a mim! – explodi, sem conseguir conter-me. – Não quero ser a tua aventura de verão.

– Achas mesmo que arriscaria o meu trabalho e a minha reputação por uma triste aventura de verão?

– Triste? Achas triste? Penso que não deve ter sido contigo com quem estive nestes últimos dias, porque para mim foi tudo menos triste.

– Era uma maneira de dizer. É impossível discutir contigo quando estás assim, Kraken. Juro que não te vou perdoar se acabares morto – disse Alba, dando meia-volta de seguida e indo-se embora.

Saí para correr, sem pensar demasiado nisso, apesar do calor, apesar do risco de me desidratar. Precisava de arejar, deixar de pensar por um momento. Estava prestes a enlouquecer.

Enlouquecer de culpa pela morte de Martina.

Enlouquecer de ciúmes por causa do senhor X, o marido invisível de Alba.

Enlouquecer de impotência face a um enigma que se enredava mais a cada novo crime.

O assassino estava a falar comigo numa linguagem mais avançada do que a minha, incompreensível, como se eu pertencesse a uma espécie inferior, menos evoluída, e não estivesse ao alcance da sua inteligência.

Sentia-me um idiota.

Faltavam-me peças.

Faltavam-me dados.

Quando descarreguei toda a energia, ao fim de meia hora de corrida intensa que me deixou moído, peguei no telemóvel e liguei para Aitana, a dermatologista que tinha sido namorada de Ignacio. Ficou espantada por lhe estar a ligar de novo, mas concordou em encontrar-se comigo no parque de Zabalzana.

Tomei um duche e vesti-me como um inspetor elegante para a entrevista.

Encontrei-a de novo a fumar, sem o carrinho de bebé, com uma grande barriga

sob um vestido preto que lhe estava demasiado justo.

– Como vai, Aitana?

– Estou feliz pelo passo que dei ao contar-lhe tudo. Sinto-me forte pela primeira vez, estou a deixar de me sentir culpada pelo que me fizeram.

– Isso deixa-me feliz, isso deixa-me muito feliz. Mas... infelizmene vou ter de lhe pedir para fazer mais um esforço.

– O que for. Do que se trata? – perguntou interessada, acendendo outro cigarro.

– Há testemunhas que a situam ao lado dos gémeos no dia do funeral da mãe deles, dona Blanca Díaz de Antañana.

O seu rosto ficou tenso, mas não disse nada e continuou a caminhar ao meu lado, olhando em frente.

– Nesse dia, quando toda a gente se foi embora e só ficaram os quatro diante do jazigo dos Unzueta, os gémeos deram uma tarefa a um jovem. Esteve presente, ouviu a conversa. Diga-me, qual foi a razão? Porque lhe bateram e o atiraram para a fossa comum?

– Não sei, inspetor – disse em voz baixa, ante de atirar o cigarro para o chão e de o apagar com uma forte pisadela.

– Não vai ser cúmplice de nenhum delito. O jovem não apresentou queixa, já passaram vinte e sete anos, tudo o que aconteceu já prescreveu, se é isso que a preocupa – procurei acalmá-la.

– Insisto que não sei de nada.

Atravessei-me à frente dela no caminho, impedindo-a de continuar.

– Aitana, sei quando está a mentir. Tem um tique, apaga o cigarro, mesmo sem o ter fumado, e acende outro. Fê-lo mais do que uma vez durante a nossa primeira conversa, lembra-se? Quando só dizia coisas boas sobre o Ignacio.

– Tanto faz, mas não quero falar. Tenho o direito de não falar.

– Não, se estiver a obstruir uma investigação criminal. E se lhe prometer que não vai aparecer em nenhum relatório? Que o seu nome não vai ser mencionado? Que esta conversa não está a acontecer? Permita-me que seja claro: esta é a única pista que temos. A Aitana quer que isto acabe, quer o assassino seja o Tasio, o Ignacio ou outra pessoa. Há mais de vinte anos que permanece calada por algo que lhe fizeram, não chegou a hora de dar a cara e de se comprometer? Isto também pode acabar com a impunidade que tinham, não era isso o que mais odiava? Que lhe tivessem arruinado a vida?

Fechou os olhos e vi um gesto de rendição.

– Está muito calor – abanou-se com a mão. – Vamos sentar-nos no banco, estou muito cansada. No final, ainda vai acabar por me provocar um parto prematuro.

– Não é essa a minha intenção, de verdade.

Acompanhei-a ao banco mais próximo, escondido sob uma árvore que nos dava sombra. Esperei pacientemente, mas eu sabia que ela já se decidira, e que estava a recordar as suas memórias, as mesmas que talvez se tivesse empenhado em manter afastadas durante décadas.

– Não sei porque me pergunta por aquela história, foi um assunto quase surrealista, verdadeiramente estranho. Quando o funeral acabou, aproximou-se de nós um jovem da nossa idade. Estava sujo, vestido como se fosse um mendigo, pensámos que nos vinha pedir esmola. Parecia mesmo, coitado. Mas dirigiu-se ao Tasio e disse-lhe que precisava de falar com eles, que também era filho da mãe deles. Ele afirmou que a mãe lhe contou que ele era fruto da sua relação com outro homem, e o Tasio e o Ignacio calaram-no à pancada. Não permitiram que continuasse a insultar a sua mãe diante da sua própria campa, eles sempre tiveram orgulho em serem filhos do pai deles, inclusivamente de serem os descendentes de Unzueta, o traficante de escravos.

– E eles desataram a bater-lhe, assim sem mais nem menos?

– Não compreende, era ridículo. Não só disse que era irmão deles, como também que eram trigémeos. Imagine-se: Tasio e Ignacio tão magros, tão elegantes, e aquele rapaz, com o cabelo como uma cenoura, a cara redonda e bastante gordinho, afirmando que eram trigémeos. Acho que não os podia ter insultado mais. Tocou no que era mais sagrado para eles, meteu-se com o que não devia. Sempre se sentiram eleitos, diferentes, por serem gémeos verdadeiros. E aquele sem-abrigo chegava ali e dizia-lhes que era um deles. Era uma história delirante, e ele, um burlão de pouca monta, um abutre sem coração. É óbvio que estava atrás da herança da mãe dos gémeos, mas tudo aquilo era tão improvável que até era insultuoso fingir que acreditavam nele. E apareceu num mau momento, teve muito pouca sensibilidade: justamente depois de enterrarem a mãe, a quem adoravam. Não quero que pense que justifico a tarefa que lhe deram; na verdade, fiquei espantada ao vê-los serem tão violentos. Em todos os anos que os conheci, nunca se meteram em brigas, sempre foram suficientemente hábeis para as evitar. Como lhe disse, acho que aquele rapaz tocou numa tecla proibida e no dia errado.

– Preciso de mais detalhes, Aitana. Tenho de procurar esse jovem, pode dizer-me alguma coisa em concreto que me ajude a identificá-lo?

– Apresentou-se dizendo que se chamava Venancio, mas não nos disse o seu apelido. Os gémeos riram-se do nome porque ninguém em Vitoria se chama assim com dezoito anos, mas o meu avô chama-se Venancio, por isso calei-me, daí lembrar-me deste pormenor. Acho que não lhe posso dizer muito mais, se bem que posso confirmar que parecia ter a nossa idade, por isso devia ter

nascido por volta de 1971, como os gémeos. Não sei se isto basta para o ajudar a identificá-lo.

Finalmente havia um nome e uma data de partida a que nos agarrarmos.

“Muito bem”, pensei. “Posso trabalhar com isto.”

“Posso trabalhar com isto.”

O Caminho das Três Cruzes

Sexta-feira, 12 de agosto

Todas as minhas esperanças foram por água abaixo quando eu e Estíbaliz nos fechámos no gabinete à procura do esquivo Venancio.

Consultámos o Registo Civil na nossa base de dados, mas só encontrámos um Venancio Martínez, natural de Izarra, nascido em 1972, e que faleceu aos doze anos num acidente de carro.

Ampliámos a busca à região de Álava, mas os resultados voltaram a ser negativos.

– Pode ser que o fantasma ruivo tenha dito o primeiro nome que lhe veio à cabeça quando foi ao cemitério falar com os gémeos – disse Estíbaliz, sentada à minha frente no seu gabinete.

– É bastante provável, eu sei. Mas era o único dado concreto que tínhamos até ao momento – respondi, distraído.

– Estar fechada no escritório é pior do que ser morta lenta e dolorosamente, Kraken. Ou saio daqui ou vou rebentar.

– Não te preocupes – espreguicei-me na cadeira. – Acho que a partir de amanhã vamos ter de ir atrás do Tasio e capturá-lo.

– Estás assim tão convencido de que não se vai apresentar amanhã na prisão de Zaballa? Quem te viu e quem te vê.

– Acredito na minha fonte, e ele parecia mesmo assustado. Acho que aconteceu alguma coisa ao Tasio, ou talvez tenhas razão desde o início, e ele orquestrou tudo isto, assassinou o teu irmão e a Martina para se rir de nós, e nunca mais vamos tornar a ver a cara dele. – Levantei-me e olhei pela janela blindada do seu gabinete, procurando esconder a minha impotência. – O que mais me desespera é que a subcomissária não nos deixe ir atrás dele até amanhã. Estamos a perder um tempo precioso.

Alba não dera muito crédito à informação de MatuSalem. Após uma verificação rápida, a pulseira eletrônica que tinham colocado no tornozelo de Tasio emitiu sinais vindos do seu apartamento na rua Dato, e enquanto isso acontecesse, não podíamos intervir. Ele também entrou em contacto com a patrulha que vigiava a porta da sua casa na rua Dato, onde se trancou assim que foi libertado, e não saiu à rua ninguém com as características físicas de Tasio, por isso ele só podia continuar lá dentro.

Eu insisti em contactá-lo pessoalmente, mas Alba impediu-me, argumentando que não queria mais circo mediático, nem que Tasio apresentasse queixa contra nós por assédio.

Podia ser verdade e eu estar enganado, Tasio podia querer passar uns dias sozinho em casa, desligado das redes sociais, esquecendo-se de quem era e do escândalo mediático ao qual ia regressar em breve.

– Hoje não podemos fazer nada, tu próprio o disseste, Kraken. Mas se o Tasio não voltar amanhã, aí, aí é que vão ser elas. Tenho tanta vontade de ir atrás desse verme e de me apanhar uns minutos a sós com ele...

– Cuidado, Esti. Isto não é uma vingança pessoal. Vão observar-nos à lupa lá de cima, como bem sabes.

A minha colega levantou-se, pôs-se ao meu lado e apoiou a cabeça no meu braço.

– Eu sei – disse, dando um longo suspiro.

Sabia que estava tão frustrada como eu.

Passado algum tempo, voltámos a sentar-nos e continuámos a nossa pesquisa.

Odiava aqueles dias inglórios, aquelas pistas que não levavam a lado nenhum, os testemunhos redundantes, andar às voltas, os becos que iam dar a uma rua sem saída. Sabia que do outro lado não havia nada.

E começar tudo de novo. Trabalho de escritório, cruzar dados, nomes, cronologias. Nenhuma coincidência.

Quem é que me ia dizer que a solução para o enigma estava na minha própria casa, guardada durante décadas por alguém do meu próprio sangue.

Era o meu quadragésimo aniversário e era sexta-feira. Em qualquer outro momento da minha vida teria organizado uma grande festa, mas ninguém entre o meu grupo de amigos me perguntou se ia celebrar ou fazer um jantar quando me ligaram para me dar os parabéns. A morte de Martina tinha-nos deitado mesmo abaixo. E a verdade é que eu não queria ver ninguém.

Assim que acabou o meu dia de trabalho, meti-me no Outlander rumo a Villaverde. Sabia que Alba não viria ao meu telhado ver como as Perseidas

atravessavam o céu, e eu não sou de esperar demasiado de ninguém. É o que tem de bom um ego sofrido, espera muito pouco dos outros.

Por isso, fui para a minha casa de família, passar o meu aniversário com o avô e com Germán. Tinha tomado precauções: levava comigo a HK, a minha arma regulamentar, e não fazia tenções de me afastar dela.

No caso de o assassino me ter seguido para aparecer na minha festa de anos cheia de gente.

Ainda não era de noite quando cheguei a casa do avô e assobieei enquanto subia as escadas, mas o avô não estava no primeiro andar. Espantado, subi ao sótão, e encontrei-o ali, sentado em frente a todas as fotografias antigas do caso de há vinte anos que eu espalhara.

– Passa-se alguma coisa, avô?

– Nada, filho, nada. É só que eu gostava de te poder ajudar, mas não sei como.

“Continua a respirar, avô. Assim já me estás a ajudar”, pensei.

– Vamos ao caminho das Três Cruzes – disse, dando-lhe uma palmada nas suas costas fortes. – Esta noite caem as lágrimas de San Lorenzo e o céu está bastante limpo.

– Vamos, então.

Levantou-se da pequena cadeira de vime e pegou num dos bastões de buxo que usava para subir a montanha.

– Não devíamos esperar pelo Germán? – perguntei.

– O teu irmão não vem. Ligou-me a dizer que tinha não sei quê do trabalho. Se continuar enfiado naquele escritório de dia e de noite, irei eu próprio a Vitoria para o arrancar de lá, mesmo que tenha de o agarrar por uma perna.

Qualquer pessoa que ouvisse o avô a falar, podia pensar que ele estava a exagerar; acho que eu era o único com experiência suficiente para saber que falava literalmente.

Germán reagira à morte de Martina enterrando-se no escritório debaixo da montanha de casos pendentes. Pensava dar-lhe uns dias. Depois, tinha de intervir, se é que o avô não o fazia antes de mim e era mais eficiente.

– Vamos, então – disse, não muito entusiasmado.

Passámos pelo armazém e o avô pegou em dois sacos de ráfia vazios. Cheiravam a terra e a batata, mas serviriam para nos deitarmos no chão.

Subimos pelo caminho das Três Cruzes, um trilho que subia desde a aldeia até à serra em linha reta e se bifurcava em direção aos três pontos cardeais.

Àquelas horas não passava nenhum trator. Estávamos rodeados de pedaços de trigo já colhidos e outros em pousio, à espera de serem lavrados no ano seguinte. Parámos no mesmo cruzamento e estendemos os sacos no chão. E ali nos deitámos, rodeados pelo som monótono dos grilos. Nada mais.

– Unai, não te mexas nem faças barulho – sussurrou-me de repente o avô. Obedeci-lhe, atento, e vi-o levantar-se e apanhar com muito cuidado o seu bastão.

– É uma serpente, está enroscada, vês? No caminho. – Apontou-ma.

– Está muito quieta, avô. Deve estar morta.

– Morta? Nada disso. Só que a cobra é o animal mais inteligente do monte – disse, e deu uma pancada seca com o bastão no chão.

A serpente desenroscou-se a uma velocidade inumana e, antes que déssemos conta, desapareceu por entre as ervas.

– Acho que não se vai aproximar mais. Está a anoitecer e com o frio, vai meter-se debaixo de umas pedras para se resguardar.

Não me deixou muito convencido, de modo que estive bastante atento a todas as sombras que se mexiam ao pé de mim até que, duas horas mais tarde, esqueci-me do incidente com a cobra e relaxei.

Conseguimos identificar algumas constelações: Órion, Cassiopeia, Bootes, a Ursa Maior, à qual o avô insistia em chamar “A Carruagem”... Passado muito tempo, por volta das três da manhã, começaram a cair.

Passavam rápidas, às vezes uma a uma, e às vezes três a três, tão seguidas que não nos davam tempo de as contar. A visão dos meteoros durava pouco, apenas alguns segundos, e era preciso estar atento, porque se pestanejássemos, perdíamos. Talvez como com todas as coisas boas da vida. Como estar ali com o avô, deitados na terra que um dia nos ia receber a ambos no seu colo.

– Preparei-te um presente, filho. Como estás sempre a olhar para ela, pensei que a podias levar contigo. – A sua voz rouca interrompeu o silêncio que nos rodeava.

Estendeu-me um pequeno objeto de madeira. Apalpei-o às escuras, mas não soube identificar de que se tratava.

– Obrigado, avô. O que é?

– É o perfil da serra desde Villaverde. Do porto de Toro até San Tirso. Fiz em madeira de buxo, por isso não se parte, mesmo que a trates muito mal.

Procurei um foco de luz ao longe, por entre os poucos candeeiros que Villaverde tinha à noite, e ali deitado, pus a pequena serra do avô à contraluz para poder observar os seus perfis.

O avô fora um carpinteiro aficionado durante toda a sua vida. Costumava fabricar colheres de sopa e garfos de trinchar, mas aquela peça tão pequena e tão trabalhada tinha de ter implicado um enorme esforço, pois via mal ao perto.

– Fiz um buraco aqui. – Apontou para o sítio, procurando esconder o orgulho na sua voz. – No caso de a queres usar como porta-chaves, digo. Mas não é necessário, se não quiseses.

Tirei as chaves do bolso das calças, roçando na pistola carregada que levava no coldre. Encaixei a minha serra em miniatura, comovido. Nunca ninguém ia ser capaz de superar aquela prenda de aniversário, nunca, por mais que me conhecessem, ou por mais anos que vivesse. Ninguém.

Na manhã seguinte, o avô acordou-me com o cheiro a pão de Bernedo que tinha posto a torrar no forno a lenha. Tínhamos alguns frascos de doce de amoras pretas que fizéramos no outono anterior, e tomámos o pequeno-almoço em silêncio, dando cabo de um pão inteiro sem nos apercebermos, cada um perdido nos seus pensamentos.

– Filho, quero que vejas uma coisa. Acho que te posso ajudar.

– Com o quê, avô?

– Como com o quê? Com o teu trabalho.

Olhei-o nos olhos, com aquele cinzento leitoso que a idade lhe tinha pintado, e percebi que ele também estava afetado com aquilo tudo. Que a morte de Martina nos apanhara a todos de surpresa, até mesmo a ele. Que ele também sofria por mim e tinha medo de que eu fosse a próxima vítima.

– Avô, não precisas de te preocupar com isso. Estamos a tratar disso, eu estou a tratar disso, não me vai acontecer nada...

– Vá, anda – interrompeu-me, levantando-se da cadeira da cozinha.

– Aonde vamos?

– Ao sótão. Há uma fotografia que te quero mostrar.

Segui-o pelas escadas acima, sem perceber nada, e levou-me até à mesa de pingue-pongue.

Ali, de todas as imagens e recortes de imprensa dos anos noventa, pegou numa onde se via uma mulher apoiada num enorme carro.

Era uma nota na secção de sociedade que falava da mãe dos gémeos, Blanca Díaz de Antoñana. Li-a, duvidando que me fosse dar alguma informação valiosa pois falava de forma concisa de uma exposição de carros antigos que teve lugar em Vitoria em 1985.

– Reparaste no carro, filho?

– Sim, é enorme. Mas tu percebes mais de motores do que eu. Que carro é?

– É um Isotta Fraschini de 1925. Conheço-o porque um dos comandantes militares passeava-se num quando me mandaram para a Ciudad Universitaria em 1936. Este automóvel é gémeo do outro, e estive em Villaverde, bem como essa mulher.

– Como? – perguntei sem compreender.

– Digo que há muitos anos essa mulher apareceu ao volante desse carro em

Villaverde. Não é uma coisa que se esqueça, quase não cabia na encosta de Fermín e teve de o deixar estacionado ao lado do armazém da estrada. Esteve a fazer perguntas sobre a tua tia-avó e foi falar com ela. A tua tia não abriu a boca quando aqui na aldeia lhe perguntaram o que queria aquela senhora com ela, mas não se falou de outra coisa durante uma semana.

– Com a tia-avó? Não sabia que se conheciam.

– Ninguém sabia, mas talvez lhe queiras perguntar agora.

“Claro que sim.”

– Onde está agora a tia-avó? Acompanhas-me, avô? Sempre te deste bem com a tua cunhada.

– Claro que te acompanho, filho – disse, ao mesmo tempo que punha a boina. Feliz por me poder ajudar. – Veremos como tem hoje a cabeça. Deve estar na sua horta, estes dias tem andado ocupada com os pimentos.

– Achas que se vai lembrar? Já foi há muitos anos – perguntei, preocupado.

– Tem memória de velha, como eu. Não se lembra do que comeu ontem ao pequeno-almoço, mas lembra-se de que no dia em que o bispo de Vitoria veio às escolas, visitar as crianças, e tirar fotografias com todas as pessoas da aldeia, eu andava a vender contrabando em Laguardia. Disso já se recorda. E penso que foi em 1947 que a tua avó andava sempre a chatear-me para a levar a Vitoria pois queria ver aquele filme, Gilda. Lembro-me porque nessa altura passou a estar na moda ir aos bares de banderillas¹⁵ de Vitoria e Logroño comer gildas aos domingos, à hora do aperitivo, depois da missa. Diziam que a tinham batizado assim porque era picante como o filme: uma malagueta, uma azeitona e uma anchova. Quantas gildas não devorei eu já.

Observei-o enquanto descia as escadas, aparvalhado. Foi a maior tirada que disse desde o início do ano. Quando o meu avô estava falador, era porque se sentia extraordinariamente feliz ou entusiasmado com alguma coisa. Só então ia além das suas sete palavras habituais.

Descemos pela rua San Andrés, a maior da aldeia, até chegarmos ao caminho do cemitério. À direita do caminho havia um pequeno desvio e uma horta a que se acedia através de uma porta de madeira velha e desconjuntada, possivelmente resgatada de alguma mudança antiga.

Estava entreaberta, por isso entrámos na horta e avançámos por um estreito caminho de terra alisada, evitando pisar os sulcos onde as alfaces e as curgetes tinham sido plantadas.

Havia pratos com leite colocados nalguns cantos estrategicamente, onde o sol incidia mais. A minha tia-avó ainda acreditava que o leite atrai as cobras, e punha leite com veneno para as matar.

Encontrámo-la com a sua picareta a cavar inclinada sobre um montículo de

terra.

– Querem pimentos verdes? – perguntou, assim que nos sentiu chegar, com a sua voz aguda de menina, típica das centenárias. – Este ano vou ter de deitar muitos fora, não vou conseguir enfrascar e assá-los todos. No próximo ano não planto.

A minha tia-avó Felisa, por mais que tivesse completado cento e dois anos, não tinha a menor intenção de morrer. A sua noção da passagem do tempo funcionava de uma maneira muito diferente do que para o resto dos seres humanos.

Lembro-me de quando ficou viúva do meu tio-avô Sixto, que morreu com oitenta e nove anos. Ela não parava de olhar para o caixão durante o velório, incrédula, sem deixar de repetir: “Mas ele era tão jovem...” Ainda guardava roupa sem a pôr no armário, dizia que a estrearia “quando fosse mais velha”.

– Felise – adiantou-se o meu avô. – O Unai quer fazer-te umas perguntas, a ver se te lembras.

– Claro, filho – respondeu distraída, sem interromper o que estava a fazer.

– Tia, conheceu Blanca Díaz de Antoñana, a esposa do industrial Javier Ortiz de Zárate?

Ela parou de cavar por momentos, depois pôs os óculos, que escondiam um olho descaído, sabe-se lá por que traumatismo, e continuou a arrancar ervas como se não houvesse amanhã.

– Quem é que a procura? – disse, virando-se de costas para nós.

– Na verdade, tem a ver com os seus filhos, Ignacio e Tasio Ortiz de Zárate. Mas ouvi dizer que há anos veio a Villaverde à procura da tia, e que falaram. Pode contar-me o que queria? – perguntei.

– Isso já foi há muito tempo, filho. Quase me tinha esquecido.

– Tinha-se esquecido de quê, tia? Pode ser mais concreta? – insisti, mas sabia que estava a falar com uma parede.

Era muito difícil fazer com que as pessoas mais velhas das aldeias contassem alguma coisa. Tinham passado por uma guerra e por uma ditadura durante quarenta anos. Estavam habituadas a ficarem caladas e a serem evasivas. Tinham a prudência gravada no seu ADN.

– Unai, filho, podes ir num instante ao cemitério? – interrompeu o avô. – Na segunda-feira houve vento de sul e as flores da avó devem estar secas. Podes tirá-las?

Olhei para ele enquanto o via a ajeitar a boina.

Subi pelo caminho de terra batida e empurrei as barras do portão de ferro do nosso minúsculo cemitério. Uma parede albergava uma vintena de campas recentes, e de ambos os lados, terreno sagrado que ninguém de Villaverde, no

seu juízo perfeito, ousaria pisar. Terra que ocultava os ossos dos nossos antepassados, amontoados quando o espaço não deu para mais e se optou por construir uns nichos de cimento que ao fim de alguns anos ameaçavam novamente com problemas de sobrelotação.

A minha avó olhava para mim da sua fotografia emoldurada, pedindo-me, como sempre em silêncio, que tomasse conta do avô. Desta vez reparei numa expressão diferente, desta vez pedia-me que tomasse conta de mim.

Frustrado, voltei a descer à horta da minha tia-avó.

Nunca soube o que o meu avô lhe disse, nem que argumentos utilizou para a convencer a falar comigo; o avô limitou-se a encolher os ombros e a retirar importância ao assunto, sempre que lhe perguntei.

A única coisa que sei é que quando voltei, a encontrei sentada numa cadeira de praia antiga, com a picareta posta de lado, disposta a falar.

– Agora já se lembra – murmurou-me o avô ao ouvido quando peguei noutra cadeira de praia e me sentei ao pé dela.

– Tia, porque veio a Blanca Díaz de Antañana falar consigo?

– Queria encontrar o menino. O seu marido tinha morrido há pouco tempo e já não havia perigo.

– Perigo de quê?

A minha tia suspirou e olhou para o monte.

– O marido de dona Blanca era uma besta, ela viveu com medo a vida toda.

– Quer dizer que ela era vítima de violência doméstica? – perguntei, interessado.

A minha tia piscou um dos seus olhos, sem compreender.

– Chegava-lhe a roupa ao pelo, Felisa? – traduziu o avô.

– Penso que sim. Era o dono de Vitoria, no seu tempo podia fazer o que queria, ninguém se metia com ele.

– Disse que veio buscar um menino. A que menino se refere? Se o seu marido tinha morrido há pouco tempo quando veio a Villaverde, deve ter sido em 1989.

– Já não sei nada de anos, filho. Misturam-se todos na minha cabeça. É melhor deixares-me falar para acabarmos quanto antes – interrompeu-me, alisando a saia.

– Claro, tia. Explique-me toda a visita, se faz favor.

– Eu fui enfermeira do seu médico, o doutor Urbina. Também atendi na clínica Vitoria a esposa anterior do senhor Javier Ortiz de Zárate. A pobre Blanca veio a Villaverde falar comigo porque lhe tinham diagnosticado um cancro e queria deixar os seus assuntos tratados antes de partir deste mundo.

– O que queria ela consigo? – Aproveitei que parou para respirar para ir ao cerne da questão, no interrogatório mais caseiro de toda a minha vida

profissional.

– Queria saber o apelido da família, para tentar encontrar o rapaz.

– Que rapaz?

– Um assunto antigo, uma adoção. – Olhou para o avô.

Ele cruzou os braços e assentiu com a cabeça, incentivando-a a falar.

– Imagino que já passou muito tempo e que já posso falar do assunto – murmurou para si mesma.

– Por favor, tia, continue. Penso que estou a começar a ter uma ideia da situação. Diga-me, a dona Blanca teve trigêmeos e deu o ruivo para adoção?

Ficou surpreendida ao ouvir a minha teoria louca, a mesma que o rapaz ruivo tentara transmitir aos gémeos diante da cama da mãe deles.

– Como é que sabes isso, filho? Todos os que estávamos lá no dia do parto ou estão mortos ou aqui presentes.

– Tia, já sabe qual é o meu trabalho. Estou a investigar este assunto e é importante, muito importante. Pode dar-me uma data, para eu poder confirmar e procurar os papéis?

– Não há papéis, filho. Eu e o doutor Urbina fizemo-lo para salvar a vida dela e dos filhos da besta do seu marido, mas foi a última vez que vi o doutor Urbina. O pobre não percebeu bem com quem se estava a meter.

– A que se refere exatamente? Porque se envolveu o doutor Urbina numa adoção ilegal? Foi por dinheiro, cobraram pelo bebé?

– Dinheiro? Ali ninguém pensou em dinheiro, estávamos a tentar salvar a nossa pele.

– Não estou a perceber.

– Claro que não – bufou a minha tia, quase perdendo a paciência.

– Unai, o que a tua tia está a tentar dizer-te é que a dona Blanca teve um caso com o doutor Urbina e que os trigêmeos eram filhos do médico, e não do infeliz do seu marido – explicou-me o avô, com voz paciente, como se me estivesse a ensinar que o sexo era como aquela história das abelhas e das flores.

“Caramba”, pensei. “Então os gémeos não são nem Ortiz de Zárate nem descendentes de Unzueta. Ninguém pode aceitar isso aos dezoito anos e com uma herança para receber.”

– A quem deu o bebé, tia?

– A um casal de Izarra.

Finalmente uma coincidência, um sinal de que a minha tia-avó não estava a alucinar e de que as suas recordações eram verídicas.

– Lembra-se dos apelidos? – perguntei-lhe, inclinando-me para ela e pegando-lhe na mão.

– Eram os Lopidana, os do mel.

– Os do mel – repeti, sem compreender.

– Vendiam mel nas feiras. Eram boas pessoas, sabes, filho? Boas pessoas, estavam desejosos de ter um filho. Eram vizinhos do médico anterior e ele tinha-os metido na sua lista de espera por amizade. O doutor Medina às vezes entregava bebés que as mães não queriam a casais estéreis. E eu... já sabes: ver, ouvir e calar. Às vezes salvavam-se vidas, às vezes destruíam-se outras.

– Sabe se chamaram Venancio ao rapaz?

– Não sei, a sério. Eu deixei o bebé pequenino e ruivo numa casa, pensando que lhe estava a dar uma vida melhor do que aquela que ia ter se ficasse em Vitoria. Ali não teria durado muito, podes ter a certeza. Era demasiado parecido com o doutor Urbina e os seus outros filhos legítimos. Vitoria inteira se teria apercebido disso. Naquela época, toda a gente se conhecia, não era como agora, que quando vou ao ambulatório de Pilar não conheço ninguém – resmungou, frustrada. – Filho, a sério que não queres uns pimentos verdes? O Sixto não os quer ver nem pintados, diz que os frito demasiado.

A minha tia regressara ao presente, onde tudo era mais difuso para ela. Tremia-lhe um pouco o queixo e preocupou-me que pudesse ter forçado demasiado o seu cérebro. O avô também me avisou com o olhar para parar, assim que ela começou a falar do seu defunto marido.

– Dê-me dois sacos, vá lá. Que eu divido com os meus amigos e eles vão agradecer muito – disse enquanto me levantava.

Meia hora depois, voltávamos para casa carregados com alfaces, curgetes, pimentos verdes, cebolas e vários quilos de ameixas, uma fruta que sempre detestei. Mas, naquela altura do ano, a aldeia estava carregada com uma quantidade insana de ameixas maduras por todo o lado, e era impossível dar um passo em Villaverde sem que algum vizinho oferecesse, ou praticamente implorasse, que levássemos vinte quilos de ameixas prestes a transformar-se em doce.

– Foi útil, filho? – perguntou o avô assim que chegámos à cozinha e tentámos, sem êxito, guardar todos aqueles legumes no frigorífico.

– Acho que sim, avô. Com isto tenho material para continuar a investigar.

– É isso que tens de fazer, continuar a investigar, a ver se apanhas essa besta e se podemos dormir descansados à noite. Eu, se não te importas, vou continuar a subir ao sótão para ver as fotografias que guardaste do caso, para ver se te posso ajudar em mais alguma coisa – disse-me, sem olhar para mim, fingindo que tirava a terra a uma curgete na torneira.

– Claro, avô. Fico feliz por continuares a ajudar-me. – Engoli em seco e disfarcei. O avô não gostava de demonstrações de afeto nem se sentia confortável ao ver o seu neto tão comovido.

Conduzi de volta a Vitoria com um bom humor que há muito tempo não sentia, exaltado, desejando chegar à sede de Lakua para contar a Estíbaliz.

Ainda não era meio-dia quando cheguei e a minha colega já me esperava no meu gabinete, expectante.

– Como foi o teu aniversário, Unai? Ontem não te disse nada, não queria...

– Dar-me os pêsames por fazer quarenta anos e entrar na lista maldita, eu sei. Foi muito calmo, como eu queria, estive em Villaverde com o avô. Foi perfeito. E esses nervos? – perguntei-lhe, quando vi que não parava de bater com os joelhos.

– Falta menos de meia hora para terminar o prazo.

– O prazo.

– A hora marcada para o Tasio voltar para a prisão. A imprensa de todo o país, e talvez também a internacional, está à porta da penitenciária de Zaballa. Estão a transmitir em direto via Twitter.

– Temos um novo hashtag? – perguntei.

– Oh, sim. Vários, na verdade. #Tasioentra, #Tasiodáacara, #Tasiomissing... Há muita curiosidade para saber se desta vez se deixa ver com o seu aspeto atual.

– Não perdem nada, a sério.

– É curiosidade mórbida em estado puro, respeita isso. – Piscou-me o olho.

Assenti, sorridente. Aquilo parecia-se bastante com a normalidade. Talvez eu e Esti estivéssemos a recuperar daquilo. Talvez.

– Pois eu tenho muitas novidades, e de uma testemunha que nunca imaginei, juro. Senta-te, que vem aí bomba – convidei-a.

– Conta lá.

– Sabes que tenho uma tia centenária, não sabes?

– Aquela que nunca adoece?

– Sim, essa. A minha tia-avó Felisa. Irmã da minha avó, cunhada do meu avô. Foi enfermeira até ao dia em que se reformou, trabalhou durante décadas na clínica Vitoria.

– Certo. Até agora estou a acompanhar-te.

– E se te disser que a história do ruivo a quem os gémeos deram uma tarefa é verdadeira?

– A de que os gémeos têm um trigémeo pobre?

– Isso mesmo.

Prendeu e soltou o cabelo num rabo de cavalo várias vezes antes de continuar a falar.

– Vais ter de me traçar um mapa para me ajudar a compreender, senão vai ser

muito difícil não me perder.

– A minha tia-avó era a enfermeira de um tal doutor Urbina, no início dos anos setenta, quando nasceram os gémeos. A minha tia-avó afirma que o seu chefe teve um romance com Blanca Díaz de Antoñana, a mãe dos gémeos, e que Javier Ortiz de Zárate, o industrial, era um tipo perigoso que batia na mulher. A minha tia-avó esteve presente no parto em que nasceram os gémeos, parecidos com a mãe, pelo que vi nos recortes dos jornais, e um terceiro filho, ruivo, igual ao doutor Urbina. A minha tia diz que deu o bebé a um casal de Izarra, a pedido tanto da mãe como do doutor.

– Disse-te Izarra?

– Sim, já temos duas fontes diferentes a falarem do mesmo sítio. Sei que não nos podemos fiar apenas em casualidades, aprendi muito recentemente a lição – disse, tentando escolher bem as palavras –, mas aqui a única coincidência não é a aldeia. Foi o meu avô quem me avisou que Blanca Díaz de Antoñana tinha estado em Villaverde à procura da minha tia-avó pouco tempo depois de o seu marido ter morrido. Já não tinha medo de que a história fosse descoberta, e queria saber o que acontecera ao seu terceiro filho. A minha tia-avó deu-lhe o apelido do casal a quem o entregou. Eles estavam na lista de espera de adoções ilegais do anterior ginecologista, o doutor Medina.

– Esse dado parece-me muito verosímil. Há alguns anos, quando a imprensa começou a noticiar casos de crianças roubadas e de adoções ilegais por todo o país nos anos setenta, a clínica de Vitoria foi uma das que recebeu várias denúncias.

– Eu sei. Não disse nada à minha tia-avó, e é pouco provável que ela tenha ficado a saber dessas denúncias pelos jornais ou pela televisão. Deu-me a entender que o médico que foi substituído pelo doutor Urbina estava implicado no assunto, e que o casal a quem entregou o bebé era conhecido do médico. O apelido deles é Lopidana, e diz que tinham um negócio de mel. Temos de começar a procurar agora mesmo na base de dados.

– Outro ponto interessante de ligação com o caso – disse Esti.

– Vamos analisar estas ligações à lupa desta vez, mas agora não temos apenas o mel e Izarra, temos uma história, Estíbaliz. E o mais importante: temos um motivo.

– O do ruivo, o tal Venancio.

– Sim, tem um bom motivo. Não só não recebeu a herança a que tinha direito por parte da mãe, como os seus irmãos lhe deram uma tarefa de todo o tamanho e expulsaram-no de Vitoria. Penso que é suficiente para os odiar e querer destruir-lhes a vida – pensei em voz alta.

– Porque não subimos ao gabinete da subcomissária para lhe contar isto?

Gostava de lhe dar qualquer coisa, para, finalmente, não sentir que somos uns inúteis – disse, ao mesmo tempo que se levantava.

– Sim, também acho que a devíamos informar – concordei.

Quando entrámos no seu gabinete, encontrámos Alba a falar mais uma vez ao telemóvel.

– Hoje vou jantar a casa, prometo – murmurou, de costas para nós.

O tom que utilizava com o interlocutor não deixava margens para dúvidas: estava a falar com o marido.

Era controlador? Era carinhoso? Estava a reclamar e a exigir-lhe que chegasse a horas de jantar? Aquilo seria habitual entre eles?

Apercebi-me de que não queria formar nenhuma imagem dele, magoava menos ele ser tão etéreo e invisível. Para mim não tinha corpo nem forma, não ocupava nenhum lugar entre um metro e meio e dois metros no espaço. Se comesse a perguntar-me que tipo de relação mantinha com Alba, era provável que ficasse obcecado com o assunto e sofresse ainda mais.

Estíbaliz encarregou-se de tossir de maneira bastante ruidosa para ser notada, e a nossa chefe desligou o maldito dispositivo e concentrou-se em nós.

– Alegra-me ver-vos de novo centrados no trabalho. Temos alguma novidade?

– Parece que sim – adiantei-me. – Estamos a seguir uma nova pista. Tal como lhe dissemos, queríamos passar a pente fino o passado e o ambiente dos gémeos, pois achamos que, se não tiver sido nenhum deles, o culpado tem de ser alguém com um motivo suficientemente sólido para manter o empenho em incriminá-los ao longo de vinte anos.

– Até agora parece-me coerente. Sentem-se, por favor, e ponham-se mais cómodos para me contarem tudo.

Eu e a minha colega obedecemos.

– Temos motivos para acreditar que os gémeos tiveram...

Nesse momento o telemóvel de Alba voltou a tocar, tinha posto Lau Teilatu como toque, e aquele pormenor deixou-me preso à cadeira.

Olhei para ela, que corou até à ponta das orelhas.

– Subcomissária Salvatierra – respondeu em tom profissional, ao olhar para o ecrã e identificar o número.

Alba ouviu a voz de uma mulher que falava muito depressa e deixou-a acabar.

– Muito bem – disse, passado um bom bocado. – Vamos pôr em marcha o dispositivo adequado. Uma patrulha irá agora mesmo a casa dele ver o que se passa. Assim que tiver notícias, ligo-lhe. Peço-lhe que não faça nenhuma declaração à imprensa até sabermos realmente o que aconteceu. Diga que se trata de uma investigação em curso e que não pode falar.

Quando desligou, sentou-se de novo na sua cadeira, franzindo o sobrolho

enquanto tomava decisões sobre o que fazer a seguir.

– O Tasio não se apresentou à hora marcada na prisão, mas a sua pulseira eletrónica continua a dar sinais de que está na sua casa, na rua Dato. Vão com a patrulha, para ver se está em casa, se aconteceu alguma coisa ou se fugiu.

[15.](#) Banderillas são um tipo de petisco, normalmente azeitonas e pickles que se espetam num palito. (N. da T.)

O Teixo de Doña Lola

Izarra, março de 1989

Blanca Díaz de Antoñana sabia que o caminho para Izarra tinha ficado perigoso depois do último nevão, mas não podia dar-se ao luxo de esperar alguns dias até as estradas ficarem limpas. Desde a sua última visita ao médico, parecia-lhe que o mundo girava demasiado depressa e que ela se movia demasiado devagar. Tinha milhares de assuntos para resolver, e as horas do dia não chegavam. Suportava as dores à base de aumentar ela própria as doses que o seu oncologista lhe recomendara.

Acabava de despedir Ulises. O motorista estava quase na idade da reforma, mas desde que Javier morrera, Blanca sabia que era uma das heranças do seu marido de que se queria livrar. Entregou-lhe em mão vários milhões de pesetas em notas que Javier guardava nos cofres do palácio, disfarçando-o de agradecimento, mas na verdade era um “vai-te embora daqui, não te quero mais por perto agora que o Javier já cá não está”, que ambos disseram em silêncio, trocando olhares. O velho motorista acedeu, satisfeito, recolheu os seus pertences numa pequena mala e saiu porta fora nesse mesmo dia, caminhando como sempre com um ombro mais alto do que o outro.

Afinal fora fácil livrar-se daquela sombra que seguiu os seus passos durante décadas, a pedido de Javier. Quão leve se sentia ao passear pela rua Dato e pela General Álava sem aquele corvo a pisar-lhe os calcanhares.

Ainda mantinha o apartamento da tia, na General Álava. Mal tinha ido à casa nos últimos anos, com medo de que Javier suspeitasse de alguma coisa, não fosse acreditar que ela tinha um amante.

Sentou-se ao volante do seu carro, confiava nele, era robusto e o motor nunca lhe dera problemas. Saiu de Vitoria em direção a norte, até ao porto de Altube. Izarra ficava a vinte quilómetros, não tardaria muito a chegar. Os gémeos tinham

ido com o seu grupo de amigos passar o dia em San Sebastián. Desde que tinham tirado a carta de condução, não paravam em casa, e a ela sabia-lhe bem estar sozinha. Depois de tantos anos naquela prisão de barras de ouro, sabia-lhe tão bem...

Chegou por fim à casa em ruínas após ter perguntado na estação de comboios pelos Lopidana. Custou-lhe um pouco, há horas que tomara a sua medicação e a dor começava a toldar-lhe a razão.

– Vivem do lado oeste do rio, na aldeia, na parte antiga. É a casa que está ao lado do teixo de Doña Lola, entre os dois ribeiros. Não sei se estão cá hoje, penso que é dia de feira – tinha-lhe dito a mulher robusta da bilheteira através do vidro, depois de a olhar de cima a baixo, com o olhar fixo na gola de pele de marta do seu casaco.

– Sabe se têm um filho? – atreveu-se Blanca a perguntar, ao ver que o interior da estação estava vazio àquelas horas e ninguém as podia ouvir.

– Têm um filho e uma filha pequenos, de cinco anos. Uma riqueza, uns amores – disse a funcionária, feliz da vida por alguém lhe dar conversa.

– E não têm um filho de dezoito anos, um rapaz ruivo? – insistiu Blanca, desconcertada. Talvez houvesse mais do que uma família Lopidana em Izarra, ou talvez se tivessem mudado para outro sítio.

– Ah, o Nancho! Cresceu com eles, mas não é filho deles: é o trabalhador agrícola que lhes trata das colmeias.

– Mas vive com eles?

– Sim, sim, na cave da casa, penso eu – confirmou a mulher, maravilhada por ter algo que contar em casa à hora de almoço. Uma senhora rica a perguntar por Nancho, havia muito tema de conversa ali...

Blanca despediu-se quando percebeu que não havia muito mais que a mulher lhe pudesse acrescentar, arrancou e dirigiu-se para a ponte.

Encontrou uma velha casa em ruínas um pouco afastada das outras casas da aldeia. Não parecia que a vida corresse muito bem aos donos. Apesar de a casa ser bastante grande, um dos beirais do telhado estava praticamente em ruínas. À porta principal, protegida por um eguzkilore seco, faltavam várias tábuas de madeira. As telhas, que em tempos foram vermelhas, estavam enegrecidas sob o manto de neve; as paredes precisavam de uma mão de cal branca, a pintura estava a descascar-se à volta das janelas e nas esquinas, e alguns vidros das poucas fachadas da casa estavam partidos ou tinham sido substituídos por tábuas de madeira. Embora a neve lhe desse um aspeto mais puro, a verdade é que o cheiro a podre e a lixo sentia-se desde a estrada.

Blanca saiu do carro e encaminhou-se para a casa, subindo a parte de baixo do casaco de peles branco, para evitar sujá-lo com a lama que a neve derretida

provocara.

Aproximou-se da cerca maltratada e olhou lá para dentro, mas não viu ninguém.

– Está alguém em casa? – atreveu-se a gritar.

Ninguém respondeu, e Blanca esperou um momento, atenta ao mínimo barulho.

– Quem é? – respondeu passado pouco tempo a voz desafinada de um jovem.

– Estou à procura dos Lopidana, é aqui que moram?

Assim que o viu aparecer, quase deixou de respirar.

“É ele, é ele. Calma, Blanca, calma”, repreendeu-se a si mesma.

Um rapaz, não muito alto e um pouco roliço, saiu pela porta apodrecida vestido com um macacão azul cheio de graxa preta. Tinha o cabelo ruivo com um corte bastante desatualizado, como se ainda estivesse nos anos setenta, com uma longa franja a cobrir-lhe um dos olhos, talvez numa tentativa de esconder o seu rosto rechonchudo cheio de marcas de acne.

Mas tudo o que Blanca viu foi o andar calmo e os modos tímidos de Álvaro Urbina, foi como ver uma versão adolescente daquele homem que tanto amou.

Tapou a mão com a boca, emocionada.

– Senhora, está tudo bem? – O jovem aproximou-se, preocupado. – Os aitas¹⁶ estão na Feira de Bilbao a vender mel, mas voltam esta noite. Quer deixar recado?

– És o filho dos Lopidana?

Nancho cerrou a boca e olhou para o lado, incomodado. Como odiava não poder responder àquela pergunta.

– Senhora, o que deseja? Posso ajudá-la? – perguntou, evasivo.

– Chamas-te Nancho, não é verdade? O meu nome é Blanca Díaz de Antoñana, e o que te vou dizer a seguir vai parecer estranho, mas não tenho muito tempo e não posso estar com rodeios. Estou à procura de um rapaz ruivo que foi entregue aos Lopidana há dezoito anos por uma enfermeira chamada Felisa. Parece-me que és tu, se não é verdade, diz-me e eu continuarei à procura do meu filho.

Nancho deu um passo atrás, por instinto. Aquela senhora vestida de branco estava à procura dele? Levantou a cabeça e atreveu-se a olhar para ela. Não viu nela nenhuma semelhança consigo: era bastante magra, com um rosto longo e rugas à volta da boca, mas cheirava a dinheiro desde o momento em que passou a cerca. O que poderia ele ter a ver com aquela estranha?

– Senhora, já sei o que dizem de mim na aldeia, e já tenho de aguentar bastante. Se também veio para se rir de mim...

– Não, filho! – Blanca interrompeu-o, horrorizada. – Não vim rir-me de ti,

nada disso. Preciso que me confirmes que és esse bebé que entregaram, porque eu sou a mãe que o permitiu, e se vim à tua procura, é porque quero deixar tudo tratado antes de partir. Posso entrar?

– É melhor irmos lá para fora, aqui cheira mal e pode sujar o seu casaco. Vamos para junto daquele teixo, costume lá ir quando o aita¹⁷ não me dá trabalho – disse o jovem a gaguejar. Nunca tinha falado com uma senhora tão elegante, não sabia muito bem como tratá-la.

Blanca concordou encantada, olhando para o rapaz com uma mescla de orgulho e de preocupação. Tinha vivido naquela pocilga a sua vida toda?

Avançaram em silêncio por um caminho de terra lamacenta, contornando os montes de neve. Nancho a fitar o chão, Blanca sem parar de olhar para ele.

– É aqui – disse, quando já estavam a poucos metros do enorme teixo –, gosto muito de vir pensar para o pé do teixo. Esta árvore era adorada pelos antepassados, sabia?

– És bom aluno, gostas de História? O teu irmão Tasio é apaixonado por isso, quer ser arqueólogo, e inteligente como é, ninguém duvida de que será um dos melhores.

– O meu irmão?

– Sim, tens dois irmãos gémeos. Eles parecem-se comigo, tu saíste a cara chapada do teu pai.

– Do meu pai? – atreveu-se a perguntar, engolindo em seco. – Refere-se ao meu pai de verdade?

“Tenho um pai, outro pai que não é o aita? Talvez este não me trate como ele.”

– Sim, o teu verdadeiro pai chama-se Álvaro Urbina, era o meu médico na clínica Vitoria. Desapareceu depois do parto. Sempre suspeitei que foi o meu marido o responsável pelo seu desaparecimento, mas não tenho como o provar. Não te quero esconder nada a uma altura destas, se bem que nunca falei disto em voz alta com ninguém. Entregámos-te porque eras demasiado parecido com ele, e o meu marido era um homem muito poderoso em Vitoria, não teria permitido que vivesses.

– Espere, espere. Está a dizer que me entregaram a esta família por ser ruivo e que os meus outros dois irmãos gémeos foram criados por si?

Lá estava o cabelo ruivo outra vez. Detestava-o, detestava-o por ser tão diferente, os rapazes de Izarra chamavam-lhe “Panocha” quando se queriam divertir às suas custas. E agora esta senhora estava a dizer-lhe que se tinham visto livres dele à nascença por causa do seu cabelo. Passara a vida toda a perguntar-se o que tinha feito de mal para que os seus pais o abandonassem, e o motivo era, nada mais nada menos, do que o seu maldito cabelo.

Blanca corou, envergonhada. O seu filho tinha toda a razão do mundo para

estar zangado.

– O que fiz contigo foi um crime, e talvez seja a culpada do crime do teu pai verdadeiro. Talvez sejam demasiados crimes a pesar-me na consciência, já não posso mais com este peso. Vim tirar-te daqui e dar-te a parte que te corresponde da minha herança. Diagnosticaram-me um cancro muito agressivo e não me resta muito tempo. Voltarei na próxima semana com o meu advogado. Não contes nada aos teus pais até lá. Virei buscar-te e então falarei com o teu pai, quero que vivas comigo e com os teus irmãos em Vitoria a partir de agora, na nossa casa na zona da Senda, como é teu direito. Vais herdar a tua parte quando fores reconhecido como meu filho legítimo. Preciso que me dês o teu bilhete de identidade para ir adiantando as papeladas.

– Não tenho bilhete de identidade, o aita não quis que eu tirasse, por isso não posso conduzir fora de Izarra, porque também não me deixam conduzir, se bem que sei andar no quatro latas desde os dez anos – disse, apontando para o velho Renault 4 estacionado no caminho.

Blanca olhou para ele, horrorizada.

– Como é possível que não tenhas bilhete de identidade? Diz-me, filho, foste à escola?

– Não me deixaram, apesar de eu querer, mas os aitas sempre me puseram a tratar das colmeias. Aprendi a ler com as revistas velhas que a Hermógenes traz, é ela quem faz os caracóis à amatxo¹⁸. Tenho um amigo – disse, orgulhoso –, e ele é filho de um professor no colégio de Izarra, ele empresta-me os livros por onde estudou, escondo-os debaixo das pedras que tenho ao lado das colmeias para que o aita não os veja; ele não gosta muito de livros, diz que nos secam os miolos e nos dão ideias parvas.

– Já estiveste alguma vez em Vitoria?

– Sim, para ir comprar alhos, no dia de Santiago, e nas barracas das Festas da Blanca, a tomar conta dos... – Ia dizer dos seus irmãos, mas nem eles gostavam que Nancho os chamasse assim. – Da Idoia e do Andoni, os filhos pequenos dos aitas. Não me deixam sair à noite, dizem que é coisa de bêbedos.

– Pois vou levar-te para viveres em Vitoria, se quiseres sair daqui. Tens de conhecer os teus verdadeiros irmãos, o Ignacio e o Tasio. Mas, antes disso, tenho de falar com eles e contar-lhes tudo, eles não sabem que tu existes.

– Senhora... – interrompeu-a, preocupado, com a cabeça num turbilhão. – E os meus aitas, como é que eles vão reagir?

– Diz-me, Nancho, os teus pais tratam-te bem?

– Deixam-me comer com eles à mesa e tenho donde dormir – respondeu, humilhado, encolhendo os ombros com indiferença.

– Filho, tratam-te bem? – insistiu Blanca, pegando-lhe na cara e examinando-

o.

Reparou num par de nódoas negras antigas à volta do olho, mas que a franja se empenhava em esconder. Magoaram-na muito mais do que se fossem suas.

“Que vida levaste, meu filho.”

– Isso são assuntos nossos, minha senhora. Não vou falar mal do aita – disse Nancho, afastando-lhe a mão do rosto.

– Na aldeia dizem que não te tratam como se fosses filho deles, que és um trabalhador agrícola, uma mula de carga para eles.

Nancho corou dos pés à cabeça. Isso acontecera quando, sem que ninguém esperasse, nasceram os seus dois irmãos. Até então, os seus pais tinham-no criado como se fosse filho deles, tinham-lhe permitido que lhes chamasse aita e ama. Mas desde o dia em que a sua amatxo voltou do médico, vociferando que estava grávida, a vida mudou para ele.

– Foi por isso que veio, para se rir e esfregar-me isso na cara? – explodiu o rapaz, tentando afastar as más recordações. – Senhora, já tenho bastante com que me preocupar, e hoje estou atrasado com os pedidos. Se o meu pai souber que não entreguei a caixa de potes de mel no supermercado de Aurora, vai dar-me uma surra de todo o tamanho.

Blanca também explodiu. O que tinham feito aqueles desgraçados com o seu filho?

Aproximou-se do rapaz, um pouco mais baixo do que ela, e segurou-o pelo queixo, obrigando-o a olhar para ela.

– Filho, passei pelo mesmo que tu ainda antes de teres nascido, e se alguma vez te lembrares de mim, quero que seja pelo que te vou dizer a seguir: quando alguém te bate, a culpa nunca é tua. A culpa nunca é tua. Percebeste? Ele dirá que sim, porque precisa que não te vás embora, para continuar a fazê-lo, mas a culpa nunca é tua.

– A culpa nunca é minha – repetiu.

– Deixa-me dar-te um abraço, filho.

– Como diz? – replicou Nancho, aturdido.

– Deixa-me dar-te um abraço, há dezoito anos que o quero fazer. – Blanca não esperou que o jovem desconcertado a autorizasse. Estreitou-o com as poucas forças que reservara para aquele encontro, e Nancho rendeu-se ao calor que se desprendia daquele casaco branco e da mulher que o vestia.

Depois, quando o abraço acabou e Blanca se afastou, pôs suavemente a sua mão branca na face a arder do jovem. Nancho fechou os olhos, era o mais semelhante a estar no céu. E o jovem soube que aquele gesto ia ficar gravado na sua mente para sempre. A sua primeira carícia. A primeira carícia de alguém que o amava realmente.

– Diz-me, os teus pais estão bem de dinheiro? – disse Blanca finalmente, procurando manter a compostura.

– Não se fala desses assuntos, não é de boa educação. Isso, sim, ensinaram-me eles – respondeu, orgulhoso.

Blanca virou-se e observou a casa suja ao longe.

“Veremos se com dinheiro te deixam partir. Não me parece que esta gente me vá pôr obstáculos.”

Como deixara de temer o “diz que disse” desde que sabia que ia morrer em breve. Que fossem todos dar uma volta, o pároco de San Antonio, e Andresa Apaolaza, a mulher do presidente da Câmara, e toda a corte celestial do Círculo Vitoriano.

Que fossem todos dar uma volta.

Era domingo e a família Lopidana em peso vestiu-se para ir à missa das dez na igreja de San José.

Nancho sentou-se no último banco dos homens, como o aita lhe ordenara sempre. Não era batizado nem tinha feito a primeira comunhão, por isso não podia comungar.

Passara a manhã bastante nervoso, à espera do regresso de Blanca Díaz de Antoñana. Tinham passado os dias e o carro elegante não voltara à aldeia. Talvez ela tivesse recuado ao conhecê-lo, talvez a mulher tivesse boas intenções, mas tenha pensado melhor depois de ver que ele era apenas... bem, ele.

Vestira a única roupa decente que tinha: umas calças de ganga de mil pesetas, uma t-shirt branca praticamente nova que ganhou num sorteio da Coca-Cola, um casaco herdado do aita e uns ténis que voltou a branquear com o reparador de calçado da sua amatxo. Passou a sua roupa a ferro logo de manhã e vestiu-se para estar o mais elegante possível, no caso de ser naquele dia que Blanca o ia buscar com o seu advogado, se bem que ele tinha dúvidas quanto às calças de ganga.

Depois da missa, os seus aitas e as crianças foram ao bar da praça para comerem azeitonas com zurito. Ele seguiu-os, sem deixar de olhar em todas as direções, procurando localizar o carro de Blanca.

Distraído, aproximou-se do balcão e começou a folhear o El Diario Alavés. Foi aí que viu a notícia e ficou paralisado, engolindo em seco. Ao início pensou que era uma brincadeira de mau gosto. Quando se acalmou, quando se convenceu de que era verdade, concentrou-se para tentar compreender o que lhe dizia aquele obituário: Blanca Díaz de Antoñana, nascida em Vitoria, morrera em Vitoria no passado sábado, dia 18 de março de 1989, viúva do senhor Javier

Ortiz de Zárate, mãe dos enlutados Ignacio e Anastasio.

Em pânico, viu que o funeral era naquela manhã ao meio-dia, no cemitério de Santa Isabel. Olhou para o relógio de parede do bar, eram onze e meia.

Aproximou-se dissimuladamente da mesa onde os seus aitas conversavam enquanto acabavam de beber os zuritos que tinham pedido. Eles tinham deixado várias notas e moedas no prato de metal para pagar a conta. Nancho aproximou-se, aproveitando que o seu aita se levantava para cumprimentar um vizinho, e pegou em quatrocentas pesetas. Seria suficiente.

O pai virou-se naquele momento e ele saiu disparado para a estação de comboios, com o corpo a tremer de medo das consequências e pelo desgosto de aquela mulher, que durante as últimas noites se transformara num anjo branco que veio à Terra para o salvar, estar agora morta.

Chegou a correr à plataforma da estação de comboios, depois de comprar um bilhete só de ida perante o olhar estupefacto da senhora da bilheteira, que não tirou os olhos dele. Passados poucos minutos, o comboio chegou para o levar para Vitoria em meia hora, tempo insuficiente para ordenar as ideias.

Não sabia o que fazer a seguir; sabia apenas que tinha de chegar a tempo do funeral da sua mãe e de falar com os seus irmãos. Eles falariam com o advogado, o homem tinha de saber as intenções da defunta Blanca.

Olhou para a sua roupa, assim que se sentou nos assentos desgastados do comboio. Pelo menos uma vez na vida estava bem vestido, e alegrou-se.

O comboio parou na estação de Vitoria pouco tempo depois, Nancho atravessou a plataforma a correr e entrou atabalhoadamente no interior da estação em mármore vermelho. Aproximou-se a correr de um mapa de Vitoria, à procura do nome do cemitério que se lembrava de ter lido no obituário.

Pôs-se a observar as ruas, frustrado, sem encontrar nada semelhante com o que procurava.

– Estás perdido, rapaz? – perguntou-lhe uma senhora idosa que estava sentada no banco por baixo do mapa.

– Estou à procura do cemitério de Santa Isabel, é longe?

– Bem, tens de atravessar meia cidade, mas não te vais perder nas ruas. Vai pela rua Dato – disse, apontando para a rua com a sua bengala. – Atravessas a praça da Virgen Blanca e metes-te pela rua Zapa, e vais sempre em frente até a rua terminar. Na Fuente de los Patos, vais pela Portal de Arriaga, sempre em frente até chegares ao cemitério.

Nancho decorou o nome das ruas que não conhecia para ir perguntando pelo caminho.

– Quanto tempo demoro? – Olhou para o relógio que estava por baixo das grandes janelas. Era meio-dia e meia.

– Se fores a correr, meia hora. Acho que as ruas já estão todas limpas de neve.
– Obrigado, minha senhora. Que Deus lhe pague – ouviu-se dizer, e saiu para a rua, atravessando a rua Dato, onde famílias inteiras entravam nos bares de pinchos para fugir ao calor.

Com a pressa, caiu duas vezes, a mais humilhante aconteceu na praça da Virgen Blanca, onde escorregou diante de umas raparigas da sua idade que se riram dele. Maldisse mais uma vez ter nascido tão trapalhão, e olhou, desolado, para a t-shirt branca que estava agora suja e manchada de neve.

Pôs-se de novo a caminho pela zona antiga de Vitoria e, quase meia hora depois, chegou finalmente ao cemitério.

Soube que tinha chegado a tempo pela quantidade de automóveis grandes e novos estacionados em segunda fila à entrada do cemitério.

Procurou onde se encontrava a multidão elegante e esperou pacientemente que a cerimónia terminasse e que aqueles estranhos que o olhavam pelo canto do olho regressassem às suas casas quentes e acolhedoras.

A ele não lhe importava, ao fim de tantos anos a dormir na cave da casa, já não sentia o frio nem a humidade.

E por fim, quando o último casaco preto se retirou, viu os seus irmãos. Irmãos de verdade, irmãos de sangue.

Iam de mãos dadas com duas raparigas lindíssimas, tão bem vestidas como eles.

Custou-lhe controlar a emoção, ficou a olhar para eles, aparvalhado.

Afinal não chegara demasiado tarde, ainda podia mudar de vida, ter uma família que o amasse de verdade e que não lhe desse surras de meia-noite.

Aproximou-se deles, escondendo os nervos, e apresentou-se.

- [16.](#) Pais, em basco. (N. da T.)
- [17.](#) Pai, em basco. (N. da T.)
- [18.](#) Mamã em basco. (N. da T.)

Rua Dato, 1

Sábado, 13 de agosto

O juiz Olano assinou um mandado de busca para revistarem o domicílio de Tasio assim que recebeu a chamada da subcomissária. Esti e eu pegámos a meias num aríete de quinze quilos, para o caso de ser preciso deitar alguma porta abaixo, e entrámos no carro-patrolha em direção à rua Dato, onde já se tinham reunido vários jornalistas e muitos curiosos.

Era difícil trabalhar com aquele enxame irritante de gente sempre por perto. Estíbaliz cobriu a cabeça com uma máscara de esqui e passou-me outra antes de sair do carro. Não gostava nada de ter de a pôr, e por causa da minha altura sabia que toda a gente ia acabar por me identificar à mesma, mas acabei por ceder.

A porta do prédio, ladeada por uma loja Barbour e por outra de sabonetes franceses, era uma porta de metal verde e dourado com vidros que permitiam ver o mínimo possível lá para dentro. Peguei no aríete, mas antes tocámos à campainha, um botão fino de bronze dourado, polido pelo tempo, embora soubéssemos que ninguém iria responder.

– Inspetor, para o EFE: acha que Tasio Ortiz de Zárate fugiu? – perguntou-me um dos jornalistas, metendo-me o microfone mesmo em frente à cara.

Afastei-o com um empurrão e voltei a tocar à campainha do porteiro.

Muitos transeuntes tinham-se juntado aos primeiros curiosos e filmavam-nos com os seus telemóveis, sorridentes e excitados, como se fôssemos uma atração para mais tarde mostrar à família, nos bares, no trabalho.

– Kraken, o Tasio pregou-te uma rasteira? Achas que matou a tua cunhada? – perguntou uma jornalista metediça aproximando-me o gravador.

“É ruído”, obriguei-me a pensar. “Apenas ruído.”

– Deixe-nos fazer o nosso trabalho – acabou Estíbaliz por dizer, farta daquilo.

– Se ninguém sair, vamos pedir dois carros-patrolha com agentes para

desimpedirem a zona, de modo a podermos trabalhar. Assim não vai dar – sussurrou-me a minha colega.

Foi então que se nos abriu o céu, ou melhor, a porta, e saiu de lá uma venerável senhora idosa com um carrapito e bengala.

Ao ver-nos com as máscaras postas e o aríete na mão, retrocedeu alguns passos, mas de seguida compreendeu a situação.

– Minha senhora, podemos entrar? – perguntei, levantando a máscara, momento esse em que todos os presentes aproveitaram para me cegar com os seus flashes.

– Claro, passem, passem – disse com uma voz rouca que não esperávamos.

Perfeito, não precisávamos de deitar abaixo uma porta diante de todas aquelas câmaras a filmar. A senhora deixou-nos entrar, e depois de sair para a rua sorridente e a cumprimentar todas as câmaras, fechou a porta atrás de nós e todo o barulho da rua cessou de repente. Bendita calma.

Subimos pelo elevador, e quando chegámos ao quarto andar, voltámos a tocar à campainha da esquerda.

– Tasio! – gritei, enquanto batia à porta. – Podes abrir? Estás aí dentro?

Ninguém respondeu, e Estíbaliz perdeu a paciência, pegou no aríete e, à contagem de três, batemos com ele na porta blindada.

Senti os dentes a vibrar, mas a porta não se abriu. Só ao fim de várias investidas é que a entrada cedeu e entrámos no domicílio de Tasio.

Agimos ordenadamente. Estíbaliz inspecionou o primeiro quarto à direita, eu passei para o segundo e continuámos nas buscas.

Verificámos todos os quartos e, apesar de os móveis do apartamento parecerem caros, e mostrarem que o dono daquela casa se encontrava bem financeiramente, a verdade é que a decoração estava fora de moda há vinte anos.

Não soube o que pensar quando vi na sala tantas fotografias de Tasio com Ignacio, sempre juntos ou abraçados, vestidos de igual desde a infância. Tirei várias fotografias com o meu telemóvel de todas as imagens onde apareciam os pais deles. Talvez viessem a ser-me úteis no futuro.

Entrámos no quarto dele e abrimos armários e gavetas. Ninguém levava os fatos que Tasio usava até ao dia em que foi preso. A cama estava desfeita, um dado que me chocou, pois o resto da casa estava em perfeita ordem. Na cozinha, encontrámos restos recentes de comida entregue ao domicílio no caixote do lixo. Imaginei a frustração de Tasio, ao fim de duas décadas a desejar voltar a sair para a rua, a apreciar a sua cidade, e ter de ficar escondido no seu apartamento, sem poder sequer descer a um bar na rua Dato para comer um simples pincho.

O seu escritório – o famoso escritório onde se encontrou o saco com as folhas de teixo por trás do eguzkilore – parecia ter tido muito uso nos últimos dias. A

mesa brilhante não tinha uma única partícula de pó, o eguzkiloire de barro estava no caixote do lixo, e muitos dos livros de arqueologia de Álava pareciam ter sido recentemente consultados e estavam empilhados uns em cima dos outros num canto da mesa.

– Dá a impressão de que tem passado aqui estes dias, sem sair, tal como disseram os técnicos encarregados de monitorizar a pulseira eletrónica – disse Estíbaliz. – Meu Deus, a pulseira eletrónica, Kraken! Temos de a procurar. Segundo o sinal, deveria estar aqui.

– Segundo o sinal, deveria estar aqui com o Tasio – repliquei, preocupado. – Espero que não o encontremos emparedado, ou algo do género.

– Não sejas macabro – sussurrou Estíbaliz.

Mas pelo sim, pelo não, entrou numa das casas de banho e correu a cortina da banheira.

– Espera – disse, pensativa. – Deixa-me fazer um teste.

Segui-a pelo corredor até ao quarto.

Ali chegados, Estíbaliz destapou os lençóis amarfanhados da cama e foi ali que a encontrámos: a pulseira eletrónica e o dispositivo emissor, uma espécie de pequeno frasco preto.

– Liga para a Unidade Central de Vigilância, Kraken. Esta besta fugiu – disse, com as mãos nas ancas.

– Ou obrigaram-no a fugir, Esti. Vem cá ver de perto.

Acendi a luz da mesa de cabeceira para ver melhor, calcei uma luva de látex e pedi-lhe que se aproximasse da pulseira eletrónica. Era uma espécie de relógio digital preto de plástico, mas a correia fora cortada com um golpe limpo de x-ato ou outro instrumento afiado semelhante.

– Penso que isto é um rasto de sangue. Chama a Polícia Científica, é preciso analisá-lo. Têm o ADN do Tasio de há vinte anos, de quando encontraram o sémen da rapariga. Também podemos pedir uma amostra de sangue ao Ignacio e ver se há a correspondência de um familiar. Mas o sangue está na parte de dentro da correia, diria que foi alguém de fora que o provocou, ao tirá-la.

– Ou fez ele a si próprio – objetou a minha colega.

– Não terias bastante cuidado para não te cortares, se tivesses uma pulseira eletrónica apertada? É preciso uma pessoa ser desastrada para se ferir a si mesma com um x-ato, e não me parece que o Tasio seja desastrado.

– De qualquer maneira, vamos fazer esses telefonemas e informar a subcomissária. A diretora da prisão de Zaballa está à espera de notícias nossas. Aqui já não há mais nada a fazer.

– Muito bem dito – murmurei, preocupado.

– Muito bem dito.

Voltei a colocar a máscara de esqui, consciente de que me dava um ar terrível, e depois de selar a porta rebentada, descemos as escadas até à rua.

– O que quer que seja que aconteceu lá em cima, como diabo é que o Tasio pôde sair à rua, pelo seu próprio pé e pela porta do prédio, sem que a patrulha que o vigiava a partir da rua Dato desse por isso? – perguntei, enquanto chegávamos ao hall do prédio.

– A não ser que não tenha saído pelo número 1. Acabaste de me dar uma ideia. Vou consultar o Google Maps. – Pegou no telemóvel e tocou no ecrã a uma velocidade supersónica.

Estíbaliz acedeu à Internet e conseguimos ver uma fotografia de cima para baixo do bloco de edifícios onde nos encontrávamos. Formava um trapézio retangular, limitado pela General Álava e pela rua Postas em paralelo, e pela praça de los Fueros do outro lado. Mas o que nos interessava era o interior do bloco de edifícios, o que não se conseguia ver a partir da rua: a sua rede de pátios interiores, e percebemos que havia um corredor interno que ia desde a saída em Postas, diante do edifício dos Correios, e a rua General Álava, ao lado do antigo prédio envidraçado do Tesouro.

– Filho da mãe! – exclamou Estíbaliz. – Ele fugiu pelas Galerías Ítaca.

As Galerías Ítaca não era mais do que um pequeno corredor de mercearias e lojas várias localizadas na parte de baixo do edifício. Aquilo fazia algum sentido, mas eu não estava convencido.

Começámos a inspecionar a porta, até que encontrámos atrás das escadas uma porta escondida entre os painéis de madeira que cobriam as paredes.

Estíbaliz aproximou-se da porta e depois de dar alguns empurrões, ela cedeu e encontrámo-nos num pátio interior.

Assim que fomos para o pátio, vimos uma porta de vidro numa das esquinas, tapada com papel pardo. Estava ligeiramente aberta, empurrei com o ombro e entrámos. Dava para as traseiras de um andar que se encontrava para arrendar. Não entrava muita luz natural, mas mostrava o ar desolado dos estabelecimentos comerciais que são abandonados à pressa quando se acaba o dinheiro. Um balcão de plástico branco com as gavetas rebentadas, várias cestas de vime vazias, abandonadas sem graça a um canto, e muitos pósteres de flores e buquês colados na parede amarela.

– Acho que isto era uma florista, ou não? – perguntei à minha colega, sem ter a certeza.

– Temos de analisar todas estas fechaduras, para ver se há alguma impressão digital – disse Estíbaliz, aproximando-se da maçaneta da porta da loja.

Havia um cadeado do lado de fora preso a uma corrente, mas empurrei e a porta cedeu sem resistência e a corrente escorregou para o chão de mármore,

onde embateu com um ruído metálico e ficou a descansar, enrolada como uma cobra.

– Parece que tens razão. Devíamos avisar o dono deste local. Alguém cortou a corrente, possivelmente com uma tesoura de podar – disse, fechando de novo a porta. – Devíamos avisar também o administrador do condomínio do prédio número 1. Neste momento, qualquer pessoa pode entrar lá dentro a partir destas galerias.

– Estou tentada a sair pelas galerias e a deixar todos aqueles jornalistas à nossa espera eternamente – disse Estíbaliz com um sorriso malicioso.

– Hum... Esse teu plano soa-me maravilhosamente. Mas devíamos ser responsáveis. Se não sairmos pela porta da entrada, estamos a dar pistas de que descobrimos esta outra entrada. Se o Tasio ou quem o levou nos estão a vigiar, estaremos a dar-lhe uma vantagem preciosa. E cheguei a um ponto em que não quero dar a mais pequena vantagem a quem está por trás disto tudo.

– Que pena – suspirou.

Pusemos as máscaras e voltámos pelo mesmo caminho. Saímos, como jovens bem-comportados, pela porta número 1 da rua Dato, onde a imprensa ainda nos esperava, expectante.

– Podem então confirmar-nos que o Tasio não se encontra em casa? – gritaram todos os jornalistas, praticamente em uníssono.

Baixámos a cabeça e tentámos passar, quase às cotoveladas, por entre câmaras de televisão que não se desviavam.

– O preso fugiu? Podem confirmar-nos isso? – insistiram alguns, ainda esperançados de conseguirem alguma resposta.

Demos-lhes com a porta do carro da Polícia nos narizes e arrancámos rumo a Lakua, onde a subcomissária Salvatierra nos esperava, com os braços cruzados e dando voltas no seu gabinete como uma leoa enjaulada.

– O Tasio não está, portanto, em casa – disse-nos assim que entrámos.

– Encontrámos a sua pulseira eletrónica cortada, possivelmente com um x-ato ou algo parecido, e o que parece ser uma mancha de sangue. A estas horas, já estão a analisar o local à procura de impressões digitais e de outros rastos orgânicos – admiti de mau humor.

– Primeiras impressões? – perguntou-nos.

– A minha impressão é que alguém o levou, ou que deixou aquele rasto de sangue para nos fazer acreditar nisso – respondi, ao mesmo tempo que me sentava.

– Convenci o juiz a emitir um mandado de captura. Vamos reforçar a vigilância nos aeroportos, estações de comboio e de autocarro. Vamos controlar as empresas de aluguer de carros e já emitimos um alerta por causa das fronteiras

com França, Portugal e Melilla – disse Alba. – Aqui têm o comunicado que redigimos para enviarmos para a imprensa. É muito breve. Sem dúvida que o Tasio, ou quem o fez desaparecer, o vai ler. De qualquer maneira, há uma questão que me preocupa, não sei se pensaram nisso: o Tasio tem quarenta e cinco anos, não é verdade?

– No que está a pensar, subcomissária, que o Tasio pode ser uma das futuras vítimas?

Alba olhou para mim de soslaio, um daqueles seus olhares que pareciam queimar.

– Ainda falta um duplo crime que têm de evitar, o dos quarenta anos. Isto cada vez se complica mais.

Mas ainda faltava mais, ainda faltava mais.

Uma hora depois, recebia um telefonema da última pessoa que esperava naquele dia.

Era Garrido-Stoker, o advogado de Ignacio Ortiz de Zárate.

– Inspetor Ayala?

– Sim, de que se trata?

– Receio não ter boas notícias. O meu cliente, o senhor Ignacio Ortiz de Zárate, está desaparecido há vinte e quatro horas.

– Como diz? – perguntei, incrédulo. – Mas não estava vigiado com câmaras em sua casa? Como diabo é que isso pode ter acontecido?

– Eu também não consigo explicar, sobretudo porque eu e o Ignacio tínhamos estado a trabalhar nos últimos dias nas várias opções para a sua possível defesa. Por isso vou dar parte do seu desaparecimento na esquadra de San Sebastián. Apesar de ter abandonado a minha propriedade pelo seu próprio pé, pelo que pude ver nas gravações que consegui recuperar, o seu comportamento não faz sentido nenhum para mim. Tenho a sensação de que lhe aconteceu alguma coisa grave nas últimas horas. Também não entrou em contacto comigo para me dar uma explicação, nem atende os meus telefonemas ou responde aos meus emails. Sabe, pode ter-me enganado, pode ter-me manipulado; ninguém, nem mesmo os mais próximos, estão livres de o fazer. Dada a minha profissão, garanto-lhe que não sou de pôr a mão no fogo por ninguém, mas se me perguntar a minha opinião quanto a este assunto, tanto na qualidade de advogado como de amigo pessoal do Ignacio, penso que ontem deve ter acontecido alguma coisa muito inesperada que o fez sair à rua.

“Muito bem, e agora o Ignacio?”, pensei, procurando digerir a notícia.

– O que se vê exatamente nas gravações? – perguntei, obrigando-me a concentrar-me.

– Ontem de manhã estava no meu escritório, despedimo-nos depois de

tomarmos o pequeno-almoço, como era hábito. Ele esteve no ginásio da cave, a treinar durante uns quarenta e cinco minutos na bicicleta e com pesos, a sua rotina habitual. Quanto terminou, tomou um duche e trocou de roupa, como sempre. A seguir recebeu um telefonema ou uma mensagem no telemóvel, porque aproximou-o para ver o que estava no ecrã. Como já lhe dissemos, o seu propósito, desde o primeiro dia em que chegou a minha casa, era manter-se afastado de tudo. Posso dizer-lhe que pegou no telemóvel e ficou a olhar para ele atentamente, mas as câmaras de segurança não permitem ver com nitidez do que se tratava. De seguida levou o telefone ao ouvido e teve uma conversa bastante curta. Pela sua linguagem corporal, percebi que o conteúdo o deixou muito nervoso, porque andava de um lado para o outro no quarto e levou a mão esquerda à cabeça. Depois desligou, abriu a gaveta da mesa de cabeceira, pegou na carteira e no passaporte e saiu porta fora, atravessou o jardim da entrada e saiu da minha propriedade. As câmaras exteriores registaram que ele se afastou a andar em direção ao centro de San Sebastián. Vou enviar-vos as gravações agora mesmo.

– O que acha que aconteceu, senhor advogado?

– Penso que há duas opções: ou recebeu uma mensagem de um desconhecido que de seguida lhe ligou, ou então de alguém cujo nome tinha gravado nos seus contactos, mas que não estava à espera.

“É muito pouco provável que o Tasio tivesse telemóvel há vinte anos, de modo que não foi ele quem lhe ligou diretamente”, pensei.

– Posso contar com a sua descrição junto da imprensa, senhor Garrido-Stoker? Seja o que for que tenha acontecido ao seu cliente, sabe que os meios de comunicação social vão inventar mil e uma histórias, e sobretudo desde que foram reveladas as fotografias do Ignacio com a menor, não se pode dizer que tenha a opinião pública a seu favor. A nós, ajudar-nos-ia muito se não se soubesse por enquanto que o Ignacio está em paradeiro desconhecido. Apesar do que se possa especular, ainda não há, por enquanto, qualquer confirmação oficial. Dar-nos-ia mais espaço de manobra para agir.

– Estou totalmente de acordo, inspetor.

– Muito bem. Fiquemos por aqui. Peço-lhe que nos informe imediatamente de qualquer novidade ou se o Ignacio o contactar. Para nós vai ser essencial a rapidez para termos capacidade de resposta.

– Compreendo. Ficamos assim combinados – respondeu o advogado, e desligou de seguida.

Fui ao gabinete de Estíbaliz, que olhava, concentrada, para o ecrã do computador.

Levantou a cabeça quando me viu; pela maneira como franziu o sobrolho, a

minha cara devia ser de caso.

– Que novidades me trazes, Kraken? Parece que voltaste da guerra.

– Receio que agora, sim, estamos a lutar em guerra aberta, Esti – respondi, assimilando o que acabara de ouvir.

– Vá lá, Kraken. Vais matar-me de curiosidade.

– O Ignacio também desapareceu da sua reclusão em San Sebastián. Recebeu um telefonema ou uma mensagem e foi pelo seu próprio pé, deixando o seu advogado atónito e sem qualquer explicação. Isso aconteceu ontem de manhã, por isso agora temos dois gémeos desaparecidos de quarenta e cinco anos. O Tasio pode ter atraído ontem o irmão por telefone para acabar com ele, ou o Ignacio pode ter recebido uma mensagem do irmão para se encontrar com ele, e talvez tenha sido ele quem se encarregou de tirar a pulseira eletrónica ao Tasio e de o fazer desaparecer – pensei em voz alta.

– A questão é: o que temos neste momento, Kraken? – perguntou Estíbaliz. – Dois suspeitos, duas vítimas, ou um assassino e uma vítima?

O Porto de Aiurdin

Izarra, março de 1989

Tinham passado três dias, já era quarta-feira e o autocarro abanava pela estrada do porto de Aiurdin, desviando-se dos montes de neve que ainda havia nalguns troços do percurso.

Nancho olhava pela janela, nervoso. Doía-lhe uma costela de cada vez que se sentava, mas olhou à sua volta e percebeu que não podia fazer a viagem de pé: o condutor chamar-lhe-ia a atenção e os passageiros mandá-lo-iam sentar-se, de modo que aguentou e permaneceu sentado, apesar das dores.

Estava farto de aguentar, mas o que podia fazer?

Chegou a casa a meio da tarde. Os seus irmãos já deviam ter voltado da escola e os seus aitas estariam em casa, se não tivessem trabalho para fazer. Magoava-o ter desaparecido daquela maneira, sabia que deviam estar doentes de preocupação.

Na primeira noite, depois da sova, quando dormiu na cabana do maneta do cemitério, ficou acordado até tarde sem conseguir dormir, convencido de que o aita avisara a Polícia e estavam à procura dele. Tinha pensado numas quantas desculpas, mas sabia que não eram muito credíveis.

Não queria regressar a Vitoria, não queria saber nada daquela família de ricos que lhe tinha dado tantas esperanças para depois o atirarem para uma campa. Que ardessem no inferno, ele não tinha nada a ver com eles, ele pertencia à família que se encarregara dele desde que nasceu. Ia esforçar-se por ser um bom filho, por não ser tão desajeitado com os favos de mel, por ficar com Idoia e Andoni e tomar conta deles sempre que a ama ou o aita assim lho pedissem.

Mal abriu a cerca do pátio encontrou os pequeninos a brincar com cromos.

– Olá, Idoia! O teu irmão está de volta, dá-me um abraço?

A menina olhou para ele com uma expressão de nojo e continuou a brincar com o seu irmão, como se não o tivesse visto. Costumava fazer-lhe isso frequentemente, não lhe fazer caso. Nancho sempre achou que era por não ter jeito com as mulheres, e muito menos com meninas pequenas, se bem que a sua relação com Andoni também não era mais fácil. Não lhe obedecia quando o tentava pôr a dormir e tinha o hábito irritante de lhe dar pontapés nas canelas assim que ficavam sozinhos. Estava bastante mimado pela ama, que o desculpava sempre que ele tinha as unhas demasiado afiadas e arranhava a cara de Nancho.

Subiu as escadas, ouviam-se vozes no andar de cima. Bateu com a ponta dos dedos à porta do quarto dos pais. Parecia que estavam a discutir, como todos os dias.

– Aita, posso entrar? – perguntou, baixando a voz para não incomodar.

– Já te disse mil vezes que não sou o teu aita! – gritou o pai enquanto se levantava da cama. Tinha despido a camisa que usava para trabalhar e usava apenas calças e uma velha t-shirt de alças branca. – Como é que tens a lata de voltar a esta casa, depois de nos teres roubado no domingo e desaparecido? O que se passa, voltaste para sacar mais dinheiro, é isso?

– Não, ait... Venancio – disse, baixando a cabeça. Sabia que estava vermelho como um tomate de vergonha. – Posso explicar-vos, vou devolver-vos as quatrocentas pesetas, eu...

– Onde é que estiveste, a beber e a vagabundear por aí, não é verdade? O que se passa, sua excelência não gosta de trabalhar com as colmeias? – Aproximou-se dele enquanto enrolava o cinto de couro à volta do punho.

Nancho olhou-o de soslaio e engoliu em seco. Odiava o cinto, o metal da fivela deixava-lhe marcas nas costas e tinha de passar semanas a tapar-se com roupa para que em Izarra não o vissem marcado e fizessem pouco dele.

Venancio não era muito corpulento, mas nunca passara pela cabeça de Nancho que já tinha corpo e altura para começar a defender-se. Desta vez também não o fez, quando caiu ao chão concentrou-se em olhar fixamente para a figura da sua ama, que estava sentada na cama, a olhar distraída pela janela. Ele sabia que ela não ia interceder por ele, nunca o fizera e ele sempre a desculpou porque ela também levava de vez em quando. A ama levantou-se em silêncio, passou por ele e desceu as escadas sem fazer ruído, talvez para cuidar das crianças, prevendo que ele não seria capaz de fazer o jantar naquela noite.

Mas então o seu cérebro, procurando uma imagem agradável que o ajudasse a evadir-se, lembrou-se do que lhe dissera a sua verdadeira mãe, aquele anjo de branco: “A culpa nunca é tua”.

“A culpa nunca é minha”, pensou.

E pela primeira vez na vida não se importou com nada, e desatou a rir-se. Com força, como uma libertação.

Como lhe sabia bem.

Por momentos, Venancio parou de lhe bater com o cinto, desconcertado.

– Mas, que raio...? Será que és anormal, caramba...! Atreves-te a vir para esta casa bêbedo? – gritou. Agora tinha conseguido enfurecê-lo de verdade. Bateu-lhe, desta vez violentamente, como o seu pai fazia com as mulas quando se recusavam a continuar a andar por um caminho de pedra.

Nancho parou de rir, compreendeu que aquela besta não iria parar de lhe bater até que ele se calasse, mas pela primeira vez na vida sentiu-se forte. Forte para mudar as coisas. Nunca pensou que isso estivesse nas suas mãos.

Optou por ficar muito quieto, para ver se o assustava. Passado pouco tempo, Venancio apercebeu-se de que Nancho não se mexia e parou de lhe bater, talvez o rapaz não conseguisse aguentar tanto como ele pensava. Tocou-lhe com uma perna, metia-lhe um pouco de nojo agachar-se, o rapaz sempre lhe tinha provocado asco. O seu parente insistira que ele seria uma boa ajuda no trabalho da quinta, quando aquela enfermeira o quis entregar, mas agora nem isso.

Sem saber muito bem o que fazer, Venancio deixou-o ali estendido, aos pés da cama, e desceu para jantar. Depois pensaria em como o castigar para que não voltasse a roubar nem a fugir para beber.

Nancho ficou a olhar para o teto que em tempos fora branco. Mais uma vez, sentia que tinha sido expulso. De uma família, de outra, de Vitoria, de Izarra. De todo o lado. Como Adão e Eva, como o senhor Tiburcio lhe explicara, castigados por terem cometido aquele pecado vergonhoso.

Esperou que as colheres deixassem de fazer barulho contra os pratos, lá em baixo, na cozinha. Agora, na escuridão, já podia sorrir. Porque sim, porque ele tomara uma decisão e não havia ali ninguém que o pudesse impedir ou proibir. E como se sentia bem com isso.

E, pela primeira vez, permitiu-se recriar aqueles pensamentos sombrios que lhe vinham à cabeça sempre que o malvado Venancio o insultava, sempre que a sua mulher preguiçosa o mandava fazer o jantar ou milhares de recados, sempre que aquelas crianças mimadas se recusavam a responder-lhe.

E teve inveja, inveja daqueles gémeos, de ser como eles, tão bem-parecidos, tão asquerosamente ricos, com aquelas miúdas boas como o milho. E decidiu ser como eles: uma pessoa que não se importava de matar alguém ou não, porque sabia ser intocável, sabia que não lhe aconteceria nada.

Nancho queria aquilo, aquele poder para fazer e desfazer sem ter nada nem ninguém em conta.

Passado pouco tempo ouviu uns passos cansados a subir, fazendo ranger as

escadas que tantas vezes reparara. Ficou tenso instintivamente, mas depressa percebeu que era a ama.

A mulher entrou no quarto, às escuras, e agachou-se ao pé dele.

“Talvez ela se preocupe comigo”, pensou, arrependendo-se do plano que estava a montar na sua cabeça.

– Nancho, hoje estou com dor de cabeça, desce de uma vez por todas para ires deitar os miúdos, está bem? – disse a mulher, sem acender a luz. – E sai do quarto, que quero vestir a camisa de noite. O Venancio e eu estivemos a conversar, e vais devolver-nos as quatrocentas pesetas a trabalhar, por isso vamos mandar-te reparar telhados com Jose Mari, o das estradas.

– Sim, ama – respondeu ele. Mas, pela primeira vez, era diferente, agora sorria no escuro, e gostou da sensação de ela não saber de nada.

– Não me chames ama, que não sou tua mãe – repetiu ela mais uma vez.

– Não te preocupes, ama, será a última vez que te chamo isso – respondeu, quase divertido, e levantou-se com um certo esforço para sair do quarto.

“Depois volto”, pensou.

Passou a hora seguinte, a última que viveu naquela casa antes de a apagar do mapa, a lavar os dentes a duas crianças que se queixavam do sabor da pasta de dentes, a vestir-lhes os pijamas que pouco tempo depois lhes arrancaria, e acedeu a que dormissem juntas na mesma cama porque tinham ouvido na escola histórias sobre o Sacamantecas.

Quando finalmente a casa ficou em silêncio, aproximou-se das colmeias e resgatou os manuais escolares que decidira ler até os saber de cor. Jamais lhe voltariam a chamar campónio imbecil.

Partiria para uma cidade, imitá-los-ia, seria como eles.

Depois abriu a lata de bolachas Maria, de latão vermelho e dourado, onde o seu pai guardava os rolos grossos de notas de cinco mil pesetas que não queria pôr numa conta poupança na Caja Vital, e quando acabou de arrumar a sua bagagem na grande mochila de montanha que carregava quando toda a família subia até à cruz de Gorbea, regressou ao alpendre, pegou nos barris de gasolina e caminhou calmamente em direção às colmeias.

Murguía

Sábado, 13 de agosto

O Twitter explodiu assim que se soube que Tasio não tinha regressado à prisão. Alguns juntaram um pouco de humor ao assunto e o novo trending topic daquela manhã foi #viTasio. Toda a gente dizia ter visto um tipo com as características de Tasio nos mais variados lugares. Algumas pessoas publicavam fotografias desfocadas ou montagens toscas feitas no Photoshop, algumas eram divertidas, outras macabras.

#viTasio no bairro de Zaramaga, #viTasio a comer pinchos na rua de Laurel de Logroño, #viTasio com Elvis no lago Ness.

Maldito humor.

Dois gémeos desaparecidos em combate, a Polícia Nacional a vigiar as fronteiras, todo o operativo de buscas espalhado entre Álava e Guipúzcoa.

O pior era a sensação de impotência, de não poder fazer mais, de ter perdido os protagonistas deste drama, aqueles que, sem o saberem, eram possivelmente a chave dos crimes.

Estíbaliz foi mais prática do que eu. Não conseguia parar quieta, por isso enfiou a cabeça em todos os Registos Civis das localidades da zona e passou a manhã a procurar em todos os documentos sem que nada viesse à superfície.

– Tenho um Venancio Lopidana nascido em 1944, em Llodio, e falecido em 1989 em Izarra. O mais curioso é que era casado com Regina Muñoz, natural de Izarra, nascida e falecida nas mesmas datas, ou seja, com quarenta e cinco anos. Se morreram no mesmo dia, teve de ser uma morte accidental – disse, triunfante, assim que a sua cabeça ruiva assomou à porta do meu gabinete.

– De modo que temos um Venancio de dezoito anos que não aparece em qualquer registo, e um Venancio Lopidana com idade para ser seu pai, que morreu com a sua mulher nas mesmas datas em que Blanca Díaz de Antoñana

estava a tentar encontrar o seu filho e em que os gémeos deram uma sova a um rapaz ruivo que dizia ser irmão deles.

– Se a história da tua tia-avó for verdadeira...

– Da minha tia-avó, do coveiro de Aitana Garmendia. Os três testemunhos batem certo, complementam-se e coincidem no tempo, ou seja, pelo menos os factos que nos relataram aconteceram realmente. O que não quer dizer que tenham alguma coisa a ver com os crimes. Aquilo pode realmente ter acontecido, pode haver um trigémeo que foi adotado ilegalmente e que reclamou a sua herança, podem ter-lhe dado uma sova e a coisa ter ficado por ali. O rapaz estava morto de medo, pode ser que agora seja pastor em Gorbea, escondido desde então, e continue sem ter documentos.

– Achas que o jovem Venancio não tinha documentos?

– Talvez seja por isso que não encontramos nada sobre ele. A adoção foi ilegal, não houve qualquer documento oficial. Um bebé entregue a uns pais que nunca estiveram grávidos. Talvez não tenham sabido como legalizar essa situação e por isso criaram-no sem documentos.

– Que estupidez. Voltando ao tema da data da morte do casal Lopidana, podemos procurar na hemeroteca se houve algum acidente de viação em Izarra com vítimas mortais – sugeriu Estíbaliz.

– Sim, podemos. Na verdade, devíamos fazer isso, mas a minha sugestão é irmos a Izarra e perguntarmos aos vizinhos. É uma localidade pequena, de certeza que as pessoas os conheciam, de certeza que encontraremos alguém com vontade de falar.

Passeámos por Izarra durante algum tempo, familiarizando-nos com o sítio. A vila estava dividida em duas, por causa da linha do comboio. A margem direita parecia muito mais cosmopolita, com prédios de três andares e lojas modernas.

Optámos por atravessar a ponte sobre a linha do comboio e encontrámos uma zona muito mais rural com bonitas casas brancas e vermelhas recém-restauradas. Procurámos a igreja e pouco tempo depois demos com uma praça onde os vizinhos pareciam reunir-se para tomar conta dos netos e passar a tarde a apanhar ar fresco.

– Boa tarde, a senhora é de cá? – perguntou Estíbaliz a uma senhora com cerca de sessenta anos, que perseguia um menino num triciclo, segurando num pão de leite.

– Sim, sou de cá. Estão perdidos? – respondeu, parando para ganhar fôlego.

– Não propriamente. Estamos à procura de alguém da família Lopidana.

– Pois... Nisso não vos posso ajudar. Fui viver para Vitoria quando era jovem

para ir estudar, e só agora voltei e vim morar para cá porque me reformei e já era hora, mas o meu pai de certeza que os conhece. Chama-se Casto, vamos ver se ele vos consegue dizer alguma coisa. – Apontou para um dos idosos sentados num banco.

– Senhor Casto? – perguntei, aproximando-me dele.

– Apenas Casto, que não sou o presidente da Câmara – disse, a rir. Tinha o queixo com prognatismo, o que lhe dava um certo ar de natural das Astúrias.

– Viveu toda a sua vida em Izarra?

– Sim, toda. Só me fui embora quando me chamaram para lutar na batalha de Villarreal.

– Se calhar lutou no mesmo batalhão que o meu avô. – Sentei-me ao seu lado quando percebi que se afastava para me dar lugar. – Diga-me, conheceu os Lopidana?

– Os das colmeias?

– Sim, esses mesmos. Venancio Lopidana e a sua mulher.

– Caramba! E vens agora perguntar por eles! Estão a criar raízes no cemitério desde... nem sei...

– Sabe se há algum familiar que possamos localizar?

– Nada disso, morreram os quatro naquele incêndio.

Troquei um rápido olhar com Estíbaliz.

– Os quatro? – repeti.

– Sim, a Regina, o Venancio, que era um bruto, e as duas crianças que tiveram quando já eram mais velhos. Um menino e uma menina.

– Não fazia ideia que tinha havido um incêndio. Onde foi?

– Aqui mesmo, na casa deles – Virou-se e apontou para trás. – Não sobrou nada. Apenas ficou a quinta em ruínas durante muitos anos, depois foi restaurada e construíram o hotel de Doña Lola. Chamaram-lhe assim porque fica próximo do Teixo de Doña Lola, uma árvore que está ali desde sempre, e que agora é uma árvore protegida, ou algo assim. Há pessoas que vêm de longe para a fotografar e depois ainda tiram mais fotos. Quase nem entram na vila.

– Lembra-se de um rapaz ruivo que vivia com eles?

– O Nancho, o que tratava das colmeias.

– Sim, esse mesmo.

– Uma vez ajudou-me a ceifar o campo, dei-lhe umas calças para vestir, apesar de lhe ficarem pequenas pois ele era gordinho, mas na casa do Venancio não lhe compravam roupa nenhuma. Acho que esse se pispou antes do incêndio. O Venancio estava furioso com ele e ia contando à vila inteira. Também é normal... Mandava o rapaz trabalhar com qualquer um e depois ficava ele com o dinheiro.

– Sabe se... Sabe se investigaram o incêndio? Se foi provocado ou se a Polícia cá veio?

Encolheu os ombros.

– Eles vieram, sim. Fizeram milhares de perguntas a toda a gente... Mas depressa se foram embora e cá na terra dizia-se que tinha sido um curto-circuito, que tinham os cabos elétricos por arranjar e o Venancio era tão sovina que não queria gastar nem um tostão. Mas, pronto, acabou por pagar e bem.

– Muito obrigado, Casto. Gostei muito de falar consigo.

– Até à próxima – disse, rindo-se de novo da sua piada, como se tivesse assumido que, com a sua idade, qualquer encontro podia ser o último.

Naquela mesma tarde preenchemos a petição para termos acesso ao antigo relatório sobre o incêndio de Izarra em 1989. Já na época a esquadra de Vitoria estava encarregada daquela zona de Álava, e os antigos arquivos da província tinham sido transferidos para o piso térreo da sede de Lakua.

Passado pouco tempo recebemo-lo no gabinete de Estíbaliz e abrimo-lo com uma ansiedade só própria dos drogados ou dos ressuscitados.

O juiz tinha aberto uma investigação, por causa do relatório do corpo de bombeiros de Murguía, que encontrou alguns sinais suspeitos de que o incêndio podia ter sido provocado.

A Polícia Científica apresentou-se no local e tirou fotografias da casa e das vítimas.

Segundo o relatório, encontraram os corpos de um homem e de uma mulher de quarenta e cinco anos, parcialmente queimados e nus, deitados na cama do quarto no segundo andar do edifício. Foram identificados como sendo Venancio Lopidana e Regina Muñoz.

No primeiro andar encontraram os cadáveres de duas crianças de cinco anos deitadas na cama de outro dos quartos. Apesar de os seus corpos se encontrarem em piores condições, devido à proximidade com o piso térreo, lugar de origem do incêndio, determinou-se que se tratava de Idoia e de Andoni, os filhos do casal.

Colocaram-se duas hipóteses.

A primeira apontava Venancio Lopidana como suspeito de provocar intencionalmente o fogo, assassinar a sua família e suicidar-se de seguida.

Depois de perguntarem a vários vizinhos de Izarra, soube-se que tinha antecedentes de violência doméstica, embora a sua esposa nunca tivesse apresentado queixa, e ataques de mau génio depois de brigas com vários dos seus vizinhos, a maior parte delas por causa de disputas quanto à colocação dos

marcos nos limites das suas terras ou por pequenas dívidas no bar da vila. Ninguém gostava de fazer negócios com ele, mas os vizinhos disseram que o mel que produzia era excelente.

Segundo esta hipótese por confirmar, Venancio teria matado os filhos e a mulher por causa de problemas de dinheiro com vários credores, e de seguida ter-se-ia suicidado.

A segunda hipótese apontava para um curto-circuito num cabo elétrico em mau estado. Verificou-se que a origem do incêndio estava no piso térreo, na zona do depósito de combustível, que podia ter atuado como acelerador no caso de ter havido uma faísca. Segundo essa hipótese, as vítimas teriam inalado os gases de combustão enquanto dormiam, ficando inconscientes e acabando por morrer devido ao fogo.

Os corpos foram transferidos para o Instituto Basco de Medicina Legal, onde foi realizada a autópsia correspondente, mas devido ao estado deteriorado em que se encontravam devido às altas temperaturas do incêndio, mal puderam ser identificados.

Não apareceu nenhum familiar a reclamar os corpos, de modo que se arquivou o caso.

Respirei fundo antes de examinar as fotografias. As imagens de cadáveres queimados eram especialmente difíceis para mim. Mas pela primeira vez valeu a pena passar por aquele suplício, porque quando vi os corpos de Venancio e da sua esposa, ou o que sobrou deles, soube pela primeira vez que estávamos a ir na direção certa.

Era preciso seguir em frente, por uma vez.

– Esti, olha. – Apontei para as mãos negras. – Isto pode ser o início de uma série.

Ali estava de novo o famoso gesto das mãos nas faces um do outro. Tanto Venancio como a sua esposa tinham morrido com as mãos colocadas nessa posição. Fechei os olhos e pensei numa nova imagem, a floresta de faias na curva de Bajauri, algo que apagasse o que acabara de ver, para que naquela noite um Venancio chamuscado não me assombrasse em pesadelos.

– Procura as fotografias das crianças, para vermos se aparece o mesmo pormenor nas suas faces – ordenou-me a minha colega, contendo a respiração.

Não queria olhar para as fotos do menino e da menina, tinha preferido pensar que não ia ser necessário. Às vezes sou assim, muito ingénuo, eu sei.

Tentei proteger-me o melhor possível com várias capas de indiferença e remexi na pilha de fotografias.

Localizámos as que nos davam um ângulo melhor e ali estava de novo: as crianças, dormindo muito juntas, acariciavam as bochechas uma da outra com a

mão oposta.

– Se calhar começou assim – pensei em voz alta. – Talvez este tenha sido o seu primeiro crime e depois foi-se refinando até criar toda a parafernália que conhecemos hoje, mas os elementos básicos estão lá: os casais nus com aquele gesto em que se consolam com as mãos, as abelhas, o teixo... Pergunto-me se o jovem Nancho usou primeiro as abelhas para as colocar nas suas bocas e matá-los, ou se os envenenou com teixo... Os cadáveres estavam carbonizados, é normal que as autópsias não tenham detetado nada disso.

– Talvez não tenha sido preciso. Se calhar dessa primeira vez bastou-lhe provocar o incêndio no andar de baixo com um acelerador tão potente. Mas se calhar passou os anos seguintes a matutar naquele primeiro crime e usou os elementos que conhecia tão bem: o veneno de teixo e as abelhas – disse a minha colega.

– Já reparaste nas idades?

– Que idades?

– As crianças não nasceram ao mesmo tempo, mas tinham pouca diferença de idades, e no momento em que morreram ambas tinham cinco anos. Também Venancio e a mulher tinham a mesma idade: morreram ambos com quarenta e cinco anos. Soa-te familiar esta obsessão com as idades?

– Filho da mãe – murmurou Estíbaliz.

– De qualquer modo, gostava de falar com as testemunhas oculares do incêndio – disse.

Voltei a pegar no relatório e procurei o nome do chefe de equipa do corpo de bombeiros que apagou o incêndio: María Jesús Letona.

– Bem, que curioso e pouco comum. Uma mulher à frente do corpo de bombeiros há vinte e cinco anos – comentou Estíbaliz.

– Se reparares, foi esta mulher quem escreveu o relatório porque viu sinais de intenção criminosa. Depois a Polícia Científica mostrou muito pouco interesse em esclarecer o caso. Acho que, se ela estiver viva ou a conseguirmos localizar, será interessante conversar com ela.

– Vamos procurar na base de dados, a ver o que temos. – Estíbaliz saltou da cadeira e começou a procurar avidamente no computador. Estava tão aliviada como eu de deixar para trás as fotografias macabras que tínhamos em cima da mesa.

– Tcharam! Sessenta anos, continua a viver perto de Murguía, consta como ilustradora de livros infantis. Que grande mudança de atividade – comentou. – O que achas de lhe ligar para lhe fazermos uma visita?

....

A pequena casa de pedra de Maria Jesús ficava um pouco isolada da vila, em direção ao Parque Natural de Gorbea. Parecia ter sido um velho moinho de água, porque estava construído em cima do rio Ugala e ainda se podia ver a enorme hélice de madeira vertical e o disco de pedra de várias toneladas que em tempos deve ter girado sem descanso, dia e noite, com a força de uma corrente que agora era apenas uma gota de água.

María Jesús estava à nossa espera ao lado de um grande carvalho à entrada do seu terreno, junto de uma encantadora horta que parecia tão bem cuidada como a sua propriedade.

Era uma mulher de sessenta anos, com o cabelo fino, branco e curto como um rato do campo. Tinha o sorriso agradável daqueles que vivem sem pressa e que não passam a vida a olhar para o telemóvel, e usava uns óculos de uma marca cara com lentes antirreflexo que me diziam que não ganhava mal a vida com isso das histórias infantis.

– Boa tarde, María Jesús. Obrigada por nos receber tão depressa – disse Estíbaliz, estendendo a mão com um sorriso. – Este é o meu colega, o inspetor Ayala. Sou a inspetora Gauna.

– Chame-me Txusa, por favor. Querem beber um chá caseiro da serra? Apanhei-o eu mesma. Por pouco não me despenhei. – Riu-se. – Por isso não podem recusar, quase que me custou a vida.

– Venha de lá esse chá – disse a sorrir.

Nem sequer entrámos dentro de casa. No pátio traseiro estava-se tão bem, com a brisa que nos traziam os ramos dos carvalhos, que nos sentámos à volta da mesa de ferro verde.

Txusa serviu-nos um chá dourado com tanto aroma que parecia que estávamos a comer o pico de um monte à dentada.

– O que vos traz por cá, tanto tempo depois? Inspetora – dirigiu-se a Estíbaliz –, disse-me ao telefone que queria falar sobre o incêndio que houve na casa de Venancio Lopidana, em 1989, não é verdade?

– Sim, e tenho a dizer-lhe que fiquei muito surpreendida por encontrar o nome de uma mulher no relatório.

Pousou a chávena de chá na mesa, incomodada.

– Tal como os outros, também me vêm perguntar o que fazia uma mulher como chefe do corpo de bombeiros?

– Muito pelo contrário, Txusa – apressou-se a esclarecer a minha colega. – Ganhou todo o meu respeito assim que o li. Imagino que era preciso ser uma pessoa muito forte para mandar numa equipa de homens há vinte e cinco anos.

Ela encolheu os ombros.

– Gostava de o fazer, e queria ajudar a combater a praga dos incêndios. Durante aqueles anos os verões foram terríveis, era um fluxo constante de avisos de incêndios. Isso foi tudo. Mas depois do crime da família a dormir, todos acharam que eu estava maluca e as chefias deixaram de me respeitar. Houve insubordinações durante os incêndios seguintes, que nos colocaram em perigo a todos, por isso, sentindo-me completamente impotente, decidi deixar os bombeiros e esquecê-los. Agora ilustro histórias infantis. É muito mais agradável.

– Desculpe, disse “o crime da família a dormir”?

– Sim, comecei a chamá-lo assim. Eu tive a certeza de que se tratou de um crime assim que chegámos para apagar as últimas chamas que restavam. Foi um fogo muito rápido, devido ao tanque de combustível que agia como um acelerador. Mas eu vi tantos pormenores estranhos que fiz um relatório e avisei Vitoria para os enviar para a Polícia Científica. A eles não lhes pareceu tão claro como a mim, e simplesmente ignoraram-me até que eu me cansei. No corpo de bombeiros foi ainda pior, chamaram-me louca e conseguiram fazer-me renunciar ao meu cargo. Para uns, tinha sido um cabo em mau estado; para outros, Venancio Lopidana tinha-se suicidado, levando toda a família com ele. Mas havia coisas do senso comum que não encaixavam: tinha nevado, os pijamas das crianças e dos pais estavam do lado de fora da casa, debaixo das janelas, como se alguém os tivesse atirado de um dos quartos. Disseram que estava tudo sujo e desarrumado, que deviam ser roupas velhas, mas para mim alguém os despiu, pois quem é que dorme sem roupa em Izarra quando está a nevar?

– Não vimos esses pijamas a que se refere nas fotografias do relatório do caso – interrompeu Estíbaliz.

– Insisti para que os fotografassem como provas, assim que os técnicos chegaram, mas ignoraram-me, disseram-me que esse era o trabalho deles, que não me metesse. Para eles, era roupa suja. Mas estava mesmo por baixo das janelas de ambos os quartos. Sabem, eu não queria fazer o vosso trabalho, mas provocar o incêndio esvaziando o depósito de gasolina, subir ao primeiro andar, despir as crianças enquanto dormiam, atirar os seus pijamas pela janela, colocar as mãos delas naquela posição tão estranha, de seguida subir ao segundo andar, despir a camisa de noite à mulher, a seguir despir-se a si próprio, atirar a roupa pela janela, voltar a meter-se na cama e colocar-se naquela mesma posição e esperar pela morte... É o suicídio mais estranho que já vi na vida.

– Sim, sem dúvida – respondi.

– Sabem, o Venancio era um brutamontes, um homem muito simples, e essas pessoas normalmente têm inteligência apenas para pegar numa arma, dar quatro tiros na família e depois matarem-se a si próprias com um tiro na boca.

Habitualmente é assim que se faz, sem complicações nem muita imaginação. Para quê disfarçar que se trata de um incêndio, se uma pessoa vai com a família para o outro lado?

– Diga-me, Txusa, conhecia o Nancho, o rapaz ruivo que vivia com eles?

Encolheu os ombros.

– Não, só conhecia o Venancio das vezes em que vinha à feira de Murguía, às quintas-feiras, para vender mel, mas ele vinha sozinho ou com a mulher. Não sabia mais nada sobre a sua vida, nem sabia onde vivia em Izarra, nem sequer que tinha dois filhos pequenos. Era um comerciante de produtos naturais, nada mais. Porquê, é importante?

– Ainda não sabemos – disse Estíbaliz, levantando-se. – Temos de prosseguir com a investigação, mas muito obrigada por ter partilhado connosco a sua opinião. Se entretanto se lembrar de mais algum pormenor importante, tem o meu número de telefone, está bem?

Afastámo-nos com uma certa relutância daquele oásis verde, embora levássemos connosco alguns pacotes de chá, que ambientaram com o seu cheiro o caminho de regresso a Vitoria.

– A Txusa parece estar muito segura – disse Estíbaliz em voz alta enquanto conduzia. – Nem suicídio nem incêndio accidental.

– O que nos leva de novo a um Nancho Lopidana que não existe em qualquer registo.

– Já fiz todo o tipo de buscas de que me lembrei. A questão é: como é que procuramos um fantasma sem documentos?

“Talvez...”, pensei. “Talvez tenha chegado o momento de pedir ajuda à cavalaria.”

O Monumento à Batalha de Vitoria

Terça-feira, 16 de agosto

Levantei-me à mesma hora de sempre. Talvez tenha sonhado que o toque da campainha da porta me acordava e que Alba entrava para vir dormir comigo, para se aninhar ao meu lado, para o que fosse. Mas não deve ter passado de uma fantasia durante o sono, porque fiquei muito quieto, à espera do toque da campainha no terceiro andar, mas nada aconteceu.

“O que estás a fazer, Unai?”, pensei.

Como todas as coisas importantes na vida, aquilo não fazia muito sentido.

Liguei o telemóvel e enviei-lhe uma mensagem.

“Estás a correr?”

“Sim.”

“No passeio do Batán ao pé do riacho, daqui a vinte minutos.”

“Até já.”

Quando cheguei, Alba estava junto ao leito do pequeno rio, perto de uns choupos. Ainda estava escuro e não consegui ver a sua expressão.

– Precisamos de falar, não é verdade? – adiantei-me, apoiando-me de pé nas costas de um banco, ao lado dela.

– Sim, é muito difícil que possamos continuar assim, Unai. A encontrarmos de madrugada, procurando lugares pouco concorridos para nos vermos, como se fôssemos estudantes... A tua casa não é uma opção, é demasiado central, um dia destes alguém me pode ver a entrar e seremos descobertos. Estamos no meio de um caso mediático e uma infidelidade por parte de uma subcomissária com um inspetor colocar-nos-ia no olho do furacão... – Baixou a cabeça para continuar. – Já para não falar do custo pessoal e do meu casamento.

– O teu casamento... Diz-me, Alba. Nunca te perguntei, és feliz no teu casamento?

– Sou moderadamente feliz, sim.
– Moderadamente?
– Sim, tão moderadamente feliz como moderadamente infeliz. Tal como toda a gente, Unai.

“Muito bem”, pensei. Nas suas palavras não notei uma grande intenção de acabar com o seu casamento.

– Eu também não quero continuar com isto. – Fui sincero. – Não me quero esconder, não quero que nos escondamos como se fôssemos ladrões. Não quero ser a terceira pessoa de uma relação já estabelecida. Se continuares comigo, tens de terminar tudo com o teu marido. Nem tu nem eu, nem o que há ou pode haver entre nós merece que o transformemos em algo sujo, nem que tenhamos de mentir às pessoas à nossa volta. Eu sou assim, não quero isto.

– Nem eu, Unai.

Endireitei-me. Ia amanhecer em breve e o dia que tínhamos pela frente ia ser complicado.

– Creio que isto é uma despedida. Continuaremos a trabalhar juntos como se não tivesse acontecido nada, e vou mudar as minhas rotas das corridas, tentarei não me cruzar contigo, está bem?

Alba assentiu, olhando fixamente para o tronco de uma das árvores.

– De acordo, só que...

– O que foi?

– Não olhes para mim tão intensamente na esquadra.

“Não te olhar, não te tocar, não respirar as tuas feromonas quando estás presente”, pensei. “Muito bem.”

– Assim farei, subcomissária – respondi, olhando para os ténis.

Via-a a afastar-se na direção oposta à minha, com a trança a abanar. Quando a sua figura ficou tão pequena que deixei de a ver, descarreguei a minha frustração atirando pedras ao riacho com tanta força que fiquei com o ombro direito dorido.

....

Apesar de já terem passado vários dias, continuava a dar voltas à cabeça a pensar numa maneira de encontrar um rasto fiável de Nancho Lopidana. Custou-me tomar aquela decisão, mas finalmente acabei por marcar o número dourado da minha velha amiga. Já lhe devia vários favores graças a este caso, por isso estava tão reticente em voltar a recorrer a ela. Mais cedo ou mais tarde, Golden iria cobrá-los de volta, provavelmente alguma coisa ilegal relacionada com a sua pensão, com a sua casa, com a sua herança... Algo que comprometeria o meu

trabalho, tinha a certeza, mas estava bastante desesperado com a habilidade do fantasma ruivo para se esquivar sempre que nos aproximávamos de uma pista consistente.

“É o preço que deves pagar, Unai”, procurei convencer-me. “Não há almoços grátis.”

– Golden, preciso que me encontres qualquer registo que pareça ser de um tal de Nancho ou Venancio Lopidana, nascido nos anos setenta. Não aparece no Registo Civil. Foi fruto de uma adoção ilegal, por isso suspeitamos que não tem documentos, pelo menos até aos dezoito anos. Centra-te nas regiões de Pamplona e Navarra. Em Álava já procurámos e não encontramos qualquer sinal dele. Nem no registo eclesiástico nem nas escolas da zona.

– Vou ser criativa, Kraken. Deixa comigo. É urgente?

– Para ontem.

– Não vais chegar a velho, amigo.

“Não é a minha prioridade”, pensei.

– Estás a falar com quem? – interrompeu-me Estíbaliz, aparecendo à porta do meu gabinete.

– Com o meu irmão – menti.

– Manda-lhe cumprimentos meus, talvez passe um dia destes pelo escritório dele.

– Germán, a Esti está a mandar-te cumprimentos. Até logo.

Golden riu-se do outro lado da linha e desligou.

– O que se passa, Esti? Alguma novidade?

– Acho que sim. A hemeroteca do El Diario Alavés é uma mina de ouro. O Lutxo deixou-me procurar lá. Olha só tudo o que encontrei da pré-história familiar dos gémeos Ortiz de Zárate.

Aproximou-se da minha mesa com várias fotocópias e espalhou-as em cima da mesa como se fosse um jogador a distribuir as cartas.

– Javier Ortiz de Zárate foi internado na clínica Vitoria por causa da ingestão de algo tóxico em 1970, um ano antes do nascimento dos gémeos. Publicou-se apenas uma pequena nota, mas não é a única coisa estranha que aconteceu ao triângulo amoroso de Javier, Blanca e o doutor Urbina. Olha para esta notícia – disse, apontando para outra fotocópia com data de março de 1971, semanas depois de os gémeos terem nascido.

Tal como a minha tia-avó me contara, o doutor Urbina desaparecera sem deixar rasto e a sua esposa tinha comunicado o seu desaparecimento.

– Vês? As recordações da minha tia-avó estão intactas. Agora temos uma prova de que aquilo aconteceu mesmo. O médico desapareceu pelo seu próprio

pé, ou alguém fê-lo desaparecer, e isso teve a ver com o nascimento dos gémeos, ou melhor, dos trigémeos.

Esti sentou-se e ficou a olhar, pensativa, para o seu molho de notícias arcaicas.

– Kraken, estou a pensar numa hipótese que ainda não considerámos até agora, mas... e se for o doutor Urbina que se está a vingar e a assassinar toda a gente? E se foi ele próprio quem forjou o seu desaparecimento?

– Isso implicaria ter criado uma nova identidade, por isso imagina como seria difícil encontrá-lo tantos anos depois. De qualquer maneira, a minha tia-avó deu-me a entender que o industrial, o marido de Blanca, estava por detrás do seu desaparecimento.

– Tudo bem, mas, por momentos, imagina que era possível – insistiu. – Onde te leva essa hipótese?

Tentei imaginar por momentos, mas não me parecia nada claro.

– Acho que essa hipótese tem as pernas muito curtas. Se ele fosse o assassino, achas que permitiria que o Tasio, um dos seus filhos, arcasse com a culpa durante mais de duas décadas?

– É seu filho, mas os gémeos cresceram a adorar aquele que pensavam ser o seu pai, e não te esqueças de que, se ele era realmente o amante da sua esposa, o doutor Urbina podia estar por trás do envenenamento do industrial. Lembra-te também de que os gémeos espancaram o rapaz ruivo até à morte quando ele lhes contou quem era realmente o pai deles. Talvez se esteja a vingar por causa do seu filho.

Sim, podia ser. Podia ser, mas não me parecia fazer sentido.

– Esti, eu acho que esse homem ou está morto e enterrado, cortesia de Javier Ortiz de Zárate, ou leva mais de quarenta anos em fuga e com outra identidade. Agora teria setenta e cinco ou oitenta anos, tinha de ser um idoso muito vigoroso para conseguir levar a cabo o trabalho duro que tem tido ao matar casais com poucos dias de diferença.

Estíbaliz ainda demorou algum tempo a examinar os recortes antigos, mas rendeu-se finalmente.

– É demasiado rebuscado, eu sei. Mas continuamos às escuras. E tu, o que estavas a fazer? – perguntou-me, distraída.

– Houve alguns pontos que deixei em aberto quando o caso começou, e que ainda me parecem importantes: lembras-te da Dama de Pedra, a diretora do canal regional de que o Ignacio nos falou, quando fomos a casa dele no dia da apresentação do Slow Food?

Houve outro aspeto que ficou por solucionar: o assunto incómodo de quem passou a Lutxo as imagens da rapariga de quinze anos com os gémeos. Mas disse pensava ocupar-me depois, com calma e sabendo como abordar o meu

querido amigo.

– Sim, a tal Inés Ochoa. Tiveste tempo de falar com ela? – perguntou Estíbaliz.

– Não tive o prazer. Vou buscar os seus contactos e ligar-lhe. É outra das pessoas que conheceu e trabalhou com ambos os gémeos justamente quando os crimes aconteceram. Deve ter um ponto de vista interessante sobre o assunto.

Comecei a procurar no meu computador, e encontrei-a quase de imediato. Telefone, data de nascimento, número do bilhete de identidade, morada... Tive de ler algumas vezes a sua morada porque fiquei hirto: Inés Ochoa vivia na praça Nueva, no quarto andar da porta que dava para o bar do Desportivo Alavés, de modo que as janelas da sua casa davam literalmente para a zona da praça da Virgen Blanca em frente à minha casa.

Não disse nada a Estíbaliz, como lhe podia contar...?

“Sabes, talvez me tenha visto com a subcomissária, quando estávamos prestes a envolver-nos no telhado em frente, mas não te preocupes, não tem nada a ver com o caso, nem com o facto de terem matado a minha cunhada e o teu irmão no crime seguinte.”

– Já tens a morada? Queres que vamos juntos? – perguntou.

– Sabes, vou aproveitar para me encontrar com o Germán. Ele tem estado muito em baixo. Compreendes, não é verdade?

– Claro, eu almoço sozinha, não te preocupes.

Saí do gabinete sentindo-me pior do que o habitual, mas marquei o número de telefone da Dama de Pedra e localizei-a no seu apartamento, por isso não lhe dei a opção de escolher o lugar para nos encontrarmos. Queria perceber o que ela via das suas janelas brancas.

Quando cheguei à porta da sua casa, toquei à campainha, subi as escadas até ao quarto andar, mas pelo caminho cruzei-me com um ser estranho: uma espécie de gigante mal-humorado.

Não se deu ao trabalho de se afastar, quando nos cruzámos, perto do último andar. Olhou para mim com uma certa hostilidade, e respondeu ao meu cumprimento com um grunhido. Tinha o físico de um levantador de pedras: cerca de cento e oitenta quilos, pescoço de touro e uma cabeça chata não muito grande.

– Não lhe ligue – disse Inés Ochoa, à porta de casa, alguns metros acima da minha cabeça. – É o mais amável que consegue ser.

– É o seu...?

– Irmão. Sempre tomei conta dele. Não é propriamente licenciado em Física Quântica, mas é obediente.

– Certo... – murmurei, enquanto guardava aquela informação para mais tarde.

– Entre, inspetor. Eu estava prestes a sair, mas percebi que tinha pressa em falar comigo.

Entrei em casa dela sem conseguir evitar olhar à minha volta. A Dama de Pedra parecia ser uma cinéfila fervorosa. Tudo naquelas quatro paredes fazia lembrar os filmes a preto-e-branco. Havia pôsteres que ocupavam toda a extensão do corredor, manequins com vestidos semelhantes aos que Lauren Bacall ou Veronica Lake usaram nos seus tempos áureos.

– Vejo que gosta de cinema.

– Negro, muito negro – respondeu ela, sem dar demasiada importância, ao mesmo tempo que acendia um cigarro. – Vamos diretos ao assunto, se não se importar.

Inés Ochoa estava na casa dos sessenta, conservava o cabelo liso pelo queixo de um duvidoso cinzento alourado e os seus gestos eram nervosos, um rápido movimento de pulso para fumar, como se estivesse sempre com pressa de resolver alguma coisa.

– Quero que me fale tanto do Tasio como do Ignacio e da época em que os conheceu. O que me pode dizer a esse respeito? – disse, sem obedecer ao seu convite para me sentar no seu sofá cor de sangue.

Preferi manter-me de pé, e passear pela sala enquanto me tentava aproximar dissimuladamente da sua janela.

Enquanto isso, Inés embarcou num monólogo em que pronunciava três vezes por minuto a palavra share. Começou por explicar o contrato que assinou com Tasio, o crescimento da audiência dos programas, as cláusulas que rompeu quando se mudou para a televisão nacional...

Era uma daquelas pessoas monotemáticas, que via tudo do ponto de vista da sua profissão. Não me deu um único dado que não tivesse diretamente a ver com o funcionamento do seu canal de televisão.

– Acha que o Tasio era o gémeo dominante? – interrompi-a, forçando-a a falar de alguma coisa mais pessoal, ou pelo menos mais subjetiva.

– Sim, claro que sim. O Tasio era um alfa, avassalador. O Ignacio era completamente beta com ele, era como o executor. Um indicava, o outro agia. Um fazia planos, o Ignacio era bom a concretizá-los.

– Um era o cérebro, o outro o braço?

– Sim, isso mesmo. Havia uma submissão estranha entre eles, uma dependência excessiva.

– Mas toda a gente admirou o modo como sacrificou o irmão – acrescentei, apenas para dar um pouco mais de corda àquela conversa e ver até onde iria.

– Não se engane, as pessoas tinham uma curiosidade mórbida em vê-lo na televisão depois do que aconteceu. Era tão parecido com o Tasio...

- Também a criticaram por ter tirado partido da situação.
- Eu sabia que a imprensa ia crucificar o Ignacio, e essa era, na verdade, a principal razão por que ele se recusava a assinar contrato para ter um programa no canal.
- Mas sabia que a polémica lhe traria audiências.
- Só que nunca teria conseguido se ele não tivesse concordado. Ele queria mudar de profissão, tinha dinheiro, mas precisava de manter a cabeça ocupada. Eu mantive-o no ativo durante os primeiros tempos, quando tudo foi mais duro para ele.
- Queria mudar de profissão? Pensei que tinha entrado para a Polícia por vocação – repeti, sem compreender.
- Talvez no início, mas eu sabia que ele queria deixar a Polícia; confessou-mo no primeiro dia em que nos reunimos, depois da prisão do Tasio. Era um homem que estava muito afetado por tudo o que acabara de acontecer. Não queria saber mais nada de assassinios, detenções, não queria voltar à esquadra. Sofria uma espécie de stresse pós-traumático que disfarçou diante dos médicos, nunca se tratou. Era um daqueles homens típicos que acha que isso o fazia parecer fraco. Acordava a meio da noite a gritar o nome do irmão, a suar, e ficava na posição fetal, a tremer, como se esperasse levar uma sova. Nunca vi ninguém ter tanto medo como ele naquela época.
- Acaba de me confessar que eram amantes.
- Ela ficou hirta e deteve a sua baforada no ar.
- Não disse isso.
- Talvez não conscientemente, mas fez uma descrição pormenorizada do que passa o companheiro de cama de alguém com stresse pós-traumático.
- Não quero que se saiba. – Ficou nervosa pela primeira vez. – Não lhe dou autorização para falar disso.
- Então agora que entrámos num terreno mais pessoal, diga-me uma coisa: também foi para a cama com o Tasio? Foi isso que aconteceu? Era a estrela do canal e mudou-se para o canal nacional, abandonou-a, e a Inés trocou-o pelo seu duplicado?
- “Mas será que houve alguém que não tenha dormido com estes tipos em Vitoria?”, pensei.
- Claro, eu matei todas aquelas crianças para aumentar o share do meu programa, e quando o Tasio me abandonou e foi para o canal de televisão nacional, incriminei-o e envolvi-me com o seu irmão gémeo... É mesmo isso que acha?
- Isso foi uma confissão? – insisti.
- Devia procurar um advogado?

– Não, de momento não – disse, apesar de saber que era a primeira coisa que ia fazer assim que eu saísse de casa dela.

– Penso que está enganado em relação ao culpado. – Aproximou-se da janela e observou a praça da Virgen Blanca.

Onde é que ouvira aquilo antes? Não me lembrava.

– A que se refere? – perguntei, e aproveitei o momento para me aproximar das suas costas e olhar por cima do seu ombro.

Senti um calafrio na espinha. O que via mesmo à minha frente, a vinte metros, eram as telhas cor de laranja do meu telhado. Também não teria sido difícil ver dois encapuzados a fazer jogging e a enfiarem-se às seis da manhã na porta de entrada da minha casa, se é que estava acordada a essas horas e a olhar atentamente por aquela janela.

– Foram crimes mediáticos – continuou ela. – Mas talvez não se deva centrar em mim e no meu canal de televisão, mas sim noutros meios de comunicação.

– Continuo sem compreender.

– Falo da imprensa escrita desta cidade, da guerra que houve entre os dois diretores dos jornais, essas gralhas que há décadas que não se dão ao trabalho de sair dos seus gabinetes. Eles manipularam a opinião pública várias vezes ao longo de todo o caso, fizeram com que as pessoas acreditassem no que eles queriam que elas acreditassem. Vitoria pensava aquilo que eles queriam que pensasse, e suspeitava de quem eles apontavam nas suas páginas. Acredito que quem controla uma redação tem o poder para transformar um santo num infeliz e também para fazer cair quem eles quiserem, mesmo se fosse o homem mais honrado do mundo. E os diretores dos nossos veneráveis jornais não são propriamente uns aprendizes.

Inés Ochoa não era uma novata na arte de mentir ou de projetar cortinas de fumo, era uma manipuladora hábil e naquele momento sentia-se encurralada, mas a verdade é que saí de casa dela a pensar nalguns aspetos que até então tinha preferido ignorar. E não estava a pensar precisamente naqueles dois abutres velhos que estavam à frente dos dois jornais de Vitoria, mas sim em alguém muito mais próximo de mim.

Pensava em Lutxo, de novo, pela segunda vez naquela terça-feira. Pensava nele.

Talvez devesse voltar a falar com o meu amigo jornalista, mas desta vez cara a cara, e não por telefone, para que não pudesse voltar a fugir. Porque foi Lutxo quem me deu a pista de Eguzkiloire, foi ele quem me fez suspeitar do irmão de Estíbaliz desde o início do caso. Ele também sabia onde vivia a minha cunhada, ela confiava nele. Lutxo era bom a manipular as pessoas, talvez um jornalista com a sua habilidade tivesse a desculpa perfeita para se aproximar dos jovens,

abordando-os com o pretexto de lhes fazer uma entrevista. Talvez lhes pedisse que entrassem com ele na carrinha do jornal para os levar à sede, na General Álava, que toda a gente conhecia, para fazer uma suposta entrevista. Talvez Lutxo soubesse como usar a droga para a administrar, talvez o próprio Eguzkilore lha pudesse ter arranjado. Um jornalista como ele devia ter acedido milhares de vezes, graças à sua carteira profissional, à Catedral Velha, à Casa do Cordón, às arcadas da igreja de San Miguel durante as festas.

Desci até à praça da Virgen Blanca e dirigia-me para minha casa quando recebi o telefonema de Golden.

Olhei espantado para o ecrã.

– Sim? – disse.

– Disseste para ontem, de modo que estou dezasseis horas atrasada.

– Golden, tens de vir trabalhar connosco todos os dias.

– Não querias mais nada.

– Diz-me, a sério que o conseguiste localizar? – perguntei, sentando-me nos bancos de madeira que rodeavam o monumento da Batalha de Vitoria.

Uma menina de pedra com tranças, que perdera o nariz, e a sua mãe olhavam para mim lá do alto com cara de caso.

– Há um Nancho Lopidana que frequentou o secundário à noite, numa academia de Pamplona, no início dos anos noventa. Não há mais qualquer rasto dele. É curioso, porque procurei nas bases de dados do Ministério da Educação e é a única coisa que aparece. Teve a nota mais alta da escola, mas não continuou os estudos, nem fez nenhum curso, nem acabou o secundário, o que era o habitual quando um adulto estudava à noite.

– Sabes se essa escola ainda existe?

– Reinventou-se como colégio de preparação para a universidade, mas, da maneira como as coisas andam, não deve ter muito trabalho.

– Dás-me a morada?

– Fica na parte antiga, ao pé da Estafeta.

Golden disse-me a rua e o número da escola e procurei pela internet, onde comprovei que a Academia Hemingway estava aberta até em agosto para grupos de estudo.

Liguei para a minha colega, tinha de partilhar com ela a boa notícia. Estávamos ambos a precisar.

– Esti, vamos agora mesmo para Pamplona. Finalmente temos uma pista fiável do nosso Nancho Lopidana.

Academia Hemingway

Terça-feira, 16 de agosto

A escola ficava mesmo na zona antiga de Pamplona, e mantinha um certo charme vintage com as suas mesas idênticas de madeira dos anos cinquenta, inclinadas trinta graus e ainda com um buraco para o tinteiro anacrónico.

Assim que entrámos, uma senhora idosa pediu-nos silêncio, pondo o dedo na boca na vertical. Alguns estudantes distraídos fingiam preencher os seus simulacros de exames de acesso à administração pública. Na última fila, um menino com apenas doze anos estava a jogar Minecraft com o telemóvel em cima das pernas em modo silencioso. A avó não sabia ou fingia não saber.

– Venham ao meu escritório – sussurrou-nos. – Não desconcentremos os jovens.

Eu e Estíbaliz trocámos um breve olhar, e de seguida seguimos a diminuta senhora, que se movia com agilidade e rapidez por entre as mesas, habituada a contorná-las durante toda uma vida.

O escritório tinha toda uma coleção de arquivadores que iam desde os mais amarelados até aos modernos de plástico branco. Diria que se podia acompanhar a evolução de meio século de materiais de escritório dando apenas uma vista de olhos às estantes que a mulher idosa tinha atrás de si.

– Vêm trazer o vosso filho? Nesta altura já é um pouco tarde, o verão está quase a acabar, mas de certeza que podemos fazer alguma coisa. Pode sempre fazer-se alguma coisa com estes jovens. À maior parte deles, a única coisa que lhes falta é inculcar-lhes o hábito do estudo – disse-nos, enquanto se sentava numa cadeira demasiado grande para ela e deixava as pernas a dez centímetros de distância do chão.

Eu e a minha colega olhámos um para o outro, desconfortáveis, e apressámo-nos a esclarecer o equívoco.

– Não, pelo amor de Deus, não somos... Quero dizer que não viemos matricular o nosso filho, nem nada do género. Viemos de Vitoria e estamos a investigar um caso que nos trouxe até aqui. Sou a inspetora Ruiz de Gauna.

– Pois por essa não estava à espera. Algum dos meus alunos se meteu numa confusão, foi isso?

– Na verdade, estamos à procura de um estudante que aqui andou há bastantes anos, em 1989 ou no início dos anos noventa. Consta-nos que completou aqui o ensino recorrente para adultos. Eram um centro de exame oficial, não eram?

– Sim, é verdade. Agora fazemos vários cursos do ensino recorrente, outros de admissão à função pública, porque formar funcionários públicos vai levar-nos à ruína. – Levantou-se da sua cadeira enorme. – Podem dar-me algum dado mais concreto sobre o aluno?

– Chama-se Nancho ou Venancio Lopidana – respondeu Estíbaliz. – Compreendo que não se lembre dele, mas talvez possa consultar nos seus arquivos as matrículas...

– Nancho Lopidana... Claro que me lembro dele. Que inteligente, que bom aluno. Foi um orgulho, subiu-me a média da escola com a nota do seu exame – disse, olhando com uma expressão nostálgica para a parede repleta de títulos. – Deixem-me procurar o seu processo nos arquivos. Terei de ver ano a ano. Pode levar algum tempo.

A velha professora ficou a olhar por momentos para o muro de arquivos que tinha atrás de si e decidiu-se por uma estante que estava à altura das suas sobranceiras.

– Vejamos...

Colocou os óculos em forma de meia-lua que levava pendurados numa corrente de prata e começou a virar página a página, minuciosamente, molhando a ponta dos dedos de cada vez que passava a ficha de um aluno e abanava a cabeça.

Estiquei um pouco a cabeça e consegui ver que as fichas das matrículas tinham sido preenchidas à mão; todas tinham uma fotografia tipo passe de cada aluno.

– Podemos ajudá-la? – perguntou Estíbaliz.

– Nem pensar. São dados de carácter privado dos nossos alunos, não quero quebrar as regras – murmurou.

Olhei para a minha colega, indeciso se devia intervir ou não, mas ela pediu-me em silêncio que mantivesse a boca fechada. Era melhor ter a professora idosa recetiva e a colaborar connosco.

Uma hora e meia depois, quando as luzes amarelas dos candeeiros da zona antiga já entravam pelas janelas opacas da escola e eu estava prestes a morrer

devido à falta de atividade cerebral, o dedo da professora começou a tremer, preso na vertical sobre um ponto de papel como se fosse o centro de um alvo.

– Nancho Lopidana, aqui está ele! – exclamou, triunfante.

– Podemos ver a cara dele? – perguntei, levantando-me do meu torpor.

– Pois... Só que não há foto – disse a mulher, um pouco perturbada.

– Como é que não há foto? E quanto ao bilhete de identidade, pode dar-me o número?

A mulher pegou na ficha e corou.

– Muito bem, foi bom aluno e confirma-nos que estudou aqui e que completou o ensino recorrente para maiores de dezoito anos, mas por que razão não tem fotografia nem número de bilhete de identidade? – insisti com ela.

– Sabe, costumo cumprir sempre as regras, mas há casos que nos tocam o coração, precisamos de ser humanos e de abrir exceções, não acha? – disse, nervosa.

Sabia perfeitamente aonde aquilo ir dar e quais as suas preocupações.

– Não viemos aqui para lhe causar problemas, mas sim para obter informações importantes numa investigação em curso. Seja qual for o trâmite burocrático que violou há vinte e cinco anos, prometo-lhe, com a minha colega aqui presente, que não temos qualquer intenção de a denunciar ao Ministério da Educação ou a qualquer outra entidade competente na matéria.

“Felizmente o crime de falsificação de documentos em que incorreu já prescreveu, minha senhora”, pensei para mim mesmo.

– Dá-me a sua palavra? A escola agora está em nome do meu filho, embora como pode ver, ele não venha cá muito e continue a ser eu quem se encarrega de tudo...

“Apesar de estar mais do que reformada.”

– Mas não quis que a fechassem, é o único sustento que o meu filho tem.

– Não vai haver referência a qualquer irregularidade, mas precisamos que nos explique por que razão alguém tão cumpridor das regras como a senhora permitiu que um aluno fizesse um exame oficial sem identificação.

– Porque o pobre não tinha bilhete de identidade, não tinha documentos. Era a primeira vez na minha vida que via uma coisa dessas: um jovem com quase vinte anos, nascido aqui ao lado e sem papéis. Não lhe consegui arrancar a sua história familiar, mas bastou-me vê-lo naqueles primeiros dias, quando se mudou para Pamplona e se inscreveu na escola, para saber que vinha de uma família problemática e com falta de recursos. Ele queria apenas formar-se, ter a educação que ninguém lhe dera. Sabe, não ia ser eu a bruxa que o ia impedir disso. Suspeito que chegou à Academia Hemingway depois de ter visitado todas as escolas de Pamplona e de ter comprovado que em todas lhe pediam o bilhete

de identidade, mas eu não fui capaz de lhe dizer que não, e não me arrependo. – Engoliu em seco, baixou a cabeça, como uma criança apanhada em falta.

– Para termos a certeza de que falamos da mesma pessoa, pode descrever-nos Nancho Lopidana fisicamente?

– No início, quando cá chegou, era um jovem bastante forte, mas ao longo desses anos foi emagrecendo muito e, na verdade, isso foi muito bom para a sua autoestima, fez com que se abrisse mais um pouco. Não era muito alto, como o meu filho, devia medir um metro e setenta e pouco. Não era alto como o senhor, nem baixo como ela, não sei se me estou a explicar bem. Tinha o cabelo como o da sua colega, ruivo, falava com muitos regionalismos que lhe consegui corrigir ao longo do curso. Digamos que me empenhei em que não parecesse tão provinciano. Também trabalhámos muito a sua caligrafia, tinha a letra demasiado grande, como na primária. Era um leitor voraz, por causa de uma história engraçada que lhe contei sobre o relacionamento do meu avô com Ernest Hemingway, começou a ler todas as suas obras, ia para o Café Iruña... Lembro-me sempre dele com um exemplar de Por Quem os Sinos Dobram debaixo do braço; dizia que queria ser editor, para reescrever o que os outros faziam mal por impulso. Lembro-me daquela resposta, pareceu-me bastante curiosa. Ele era uma criança grande, mas muito maduro e responsável para a sua idade. Era impossível não gostar dele.

– Pode dar-nos mais dados sobre o Nancho? Onde vivia durante o tempo em que estudou na academia?

– Na pensão para estudantes na rua Amaya. Fica também na zona antiga, a umas quantas ruas daqui.

Passou-nos a ficha para podermos apontar a morada que constava como o seu domicílio habitual.

– Sabe o que fez depois de ter passado no exame, quais eram os seus planos? – perguntei.

– Os seus planos? Claro, queria continuar a estudar, fazer o exame de acesso à universidade e tirar um curso de letras. Gostava imenso de História. Mas não se chegou a matricular aqui para fazer o exame. Nunca compreendi porque não o fez, visto que lhe fiz o favor com... sabem, com a história do bilhete de identidade. Por vezes, uma pessoa apega-se aos seus alunos, na verdade magoou-me não saber mais nada dele. Não sei se acabou por se matricular noutra escola, ou se mudou de planos e não chegou a ir para a universidade.

A mulher olhou para o relógio e levantou-se para se despedir dos três alunos que ali estavam na escola. De seguida ajudámo-la a fechar a pesada persiana de metal oxidado. Não conseguia parar de perguntar a mim próprio como é que alguém, com uns meros trinta quilos, conseguira, ao longo de todos os dias da

sua já longa vida, subir e baixar aquelas grades que pesavam três vezes mais do que ela.

– Se encontrarem o Nancho, enviem-lhe cumprimentos da parte da Academia Hemingway. Espero que tenha conseguido estudar e tornar-se alguém importante na vida. Ele merecia.

Eu e Estíbaliz olhámos um para o outro, incomodados, e despedimo-nos da senhora idosa.

– Já é de noite, devíamos regressar a Vitoria – disse Estíbaliz, enquanto percorríamos as ruas empedradas da zona antiga.

– Se quiseses, volta tu e leva o carro. Quero aproveitar que estamos em Pamplona para ir à pensão de estudantes.

– Não, eu também fico. Vamos.

– Estíbaliz, estou a pensar em ficar a dormir na tal pensão de estudantes, se houver quartos livres nesta altura do mês. Será bom para mim afastar-me um pouco de Vitoria. Tens alguém à tua espera esta noite. Não sejas parva. Amanhã apanho um autocarro logo de manhã.

– Não me quero afastar da pista desse tal de Nancho. Agora sabemos que ele é real, por isso está decidido: ficamos. Onde disseste que ficava a tal residência? – Já estava a olhar para o Google Maps no telemóvel.

– Na rua Amaya, ao lado do mercado – respondi, revirando os olhos.

A pensão ocupava vários andares de um edifício neoclássico no centro. Tinha uma entrada estreita com escadas íngremes, que não eram próprias para muletas, e as paredes decoradas com fotos a preto-e-branco de concursos de duplos de Hemingway. Era difícil uma pessoa abstrair-se de certos tópicos naquela cidade. Demos com o balcão da receção, onde uma rapariga de franja com uma expressão triste nos recebeu com um sorriso forçado.

– Americans, australians...? – perguntou.

– Somos daqui do lado, de Vitoria – respondeu Estíbaliz. – Podemos falar com o dono ou com a dona?

– Na verdade, é o meu pai. Estará cá amanhã de manhã. Posso ajudar-vos nalguma coisa?

– Tem dois quartos individuais livres? – perguntei.

– Para esta noite só temos o “Dois de fevereiro”.

– É o nome do quarto?

– Sim, há muitos anos tínhamos mais quartos individuais, mas desde que a remodelámos só temos sete, mais comuns. A maior parte dos nossos clientes são estrangeiros que vêm em grupo, jovens que viajam de mochila às costas, pessoas de San Sebastián, Bilbao ou Vitoria que vêm para as Festas de São Firmino. Cada quarto tem o nome de uma estrofe da canção que não para de tocar nestas

ruas durante esses dias: “Um de janeiro, dois de fevereiro, três de março, quatro de abril...”

– E o quarto “Dois de fevereiro” tem quantas camas? – perguntou Estíbaliz.

– É um quarto duplo, o mais pequeno. Tem duas camas, com um metro e noventa. Acho que o teu amigo, o alto, cabe. É o que oferecemos aos noruegueses e aos suecos. Senão, não há maneira de conseguir que durmam. Começam na farra, e é pior para todos, acreditem em mim.

Afastei-me por momentos do balcão e agarrei Estíbaliz pelo cotovelo.

– Esti... Tens a certeza de que queres partilhar o quarto? Isto não é necessário, se te incomoda podemos procurar outro... – murmurei.

– Unai, às vezes és tão moderno e emancipado, e noutras, como agora, pareces mesmo tacanho. Não sejas um monge, que já não tens idade para isso. Dá-nos a chave? – disse, virando-se para a rapariga.

– Claro, preciso apenas do vosso bilhete de identidade e que preencham os vossos dados aqui e aqui, que paguem a noite e de seguida acompanho-vos até lá cima.

Uma vez cumpridos todos os trâmites, Saioa, assim se chamava a rececionista, acompanhou-nos até ao segundo andar e percorremos o corredor estreito com as paredes decoradas com uns cartazes um pouco chocantes: “Cuidado com o fantasma do estudante.”

Finalmente, Saioa deteve-se diante de uma das portas, que tinha pintada uma inscrição que dizia: “Fantasma do estudante. É aqui.”

– O que é exatamente isto do “Fantasma do estudante”? – perguntei, não muito convencido.

– Uma piada de muito mau gosto que acabou por se tornar uma imagem de marca desta casa. – Fez uma expressão de quem estava farta de explicar aquilo. – Não têm medo de fenómenos paranormais, pois não?

– Depende de quão reais sejam, na verdade. Porquê? – perguntou Estíbaliz.

– É um mito urbano. Pusemo-lo num guia turístico em tempos e tornou-se impossível desfazermo-nos dele. A mim cansa-me passar a vida a contar a mesma história. Amanhã conto-vos, está bem? É que quero voltar e fechar a caixa do dia.

– Claro – respondi. – Amanhã o teu pai está cá, não é verdade? Podes avisar-nos quando ele chegar? Gostava de falar com ele.

Saioa deixou-nos sozinhos num quarto pequeno com um beliche de madeira de pinho. A cama de cima tinha uma rede mosquiteira verde que pretendia fazer de dossel. Tudo muito prosaico, tudo muito à estudante. Sorri, aquilo era como voltar aos tempos da faculdade.

– Vamos, convido-te para jantar – disse, para quebrar o gelo.

– Feito. Não sabia como te dizer que estou a morrer de fome.

– Temos confiança um com o outro, Esti.

Escolhemos umas costeletas grelhadas, numa churrasqueira da Estafeta, e para acompanhar legumes cozidos, para equilibrar tanta proteína. Estávamos a tratar-nos bem. Nada de comida em miniatura nem de esquisitices para cobardes.

Duas horas mais tarde, às escuras no quarto do fantasma do estudante, decidimos que Esti dormiria na cama de cima. Despimo-nos em silêncio, e às escuras; fazia muito calor, apesar do ar condicionado. Imagino que ela tenha ficado em roupa interior, porque eu decidi dormir apenas de boxers.

Dei as boas-noites ao colchão de cima e fechei os olhos.

– Sei que estão juntos – disse uma voz vinda do nada.

– Como? – consegui responder, já meio a dormir, e sem perceber nada.

– Sei que tu e a subcomissária Salvatierra estão juntos, Unai.

– Esti, não sei o que viste ou achas que viste, mas garanto-te que...

– Para, nem penses em mentir-me. Já me sinto bastante ofendida por não teres achado que me podias contar, por isso não piores tudo ao mentir-me, por favor.

“Muito bem, como saio disto sem prejudicar a Alba?”

– Não te escondi por minha causa, mas sim pela situação. É casada, é minha superior. Como podes imaginar, quanto menos pessoas souberem, melhor.

– Mas eu sim, Kraken. Eu sim. – Subiu o tom de voz.

– É assim tão evidente? – perguntei, preocupado.

– Vocês libertam uma espécie de hormonas quando se encontram na esquadra, que faz com que seja quase impossível respirar. É algo químico, bastante primitivo. Na verdade, até mete um pouco de nojo.

Estaria a falar a sério ou a brincar?

– De qualquer maneira, já não estamos juntos. Achas que mais alguém reparou, no trabalho ou em Vitoria? É importante, Estíbaliz. Pensa bem. Achas que mais alguém sabe?

– Eu conheço-te bem, e convivo e trabalho contigo muitas horas. Alba Díaz de Salvatierra acaba de chegar, por isso duvido que alguém saiba como é o seu comportamento habitual. Não sei, Unai. Acho que mais ninguém sabe, mas não tenho forma de te garantir. E não mudes de assunto. Estava a mostrar como me sentia ofendida porque me escondeste a tua primeira história importante desde que estás viúvo. Isso é que é tratar bem uma amiga?

– Pensei em contar-te, reconheço, mas a seguir aconteceu aquilo com o teu irmão e achei que a nossa amizade tinha ido às urtigas. Neste momento, ainda não sei em que ponto estamos, tu e eu, Esti. Não sei.

– Estamos no ponto em que quero que voltes a ser o meu melhor amigo, o meu irmão, a minha família, o meu confidente, o meu tudo.

– Então é parecido com o ponto em que eu também me encontro. Mas também preciso que me fales de ti. O que se passa com o Iker, Esti? Há tempos que não falas dele nem fazes planos com ele. Como vão os preparativos do casamento? Não me contas nada. Para te ser sincero, tenho-me sentido excluído. Agora que o teu irmão já cá não está, e o teu pai não se encontra bem, gostaria de ser o padrinho que te vai levar ao altar.

– Acabei tudo com o Iker. Não vai haver casamento. Na verdade, odeio casamentos. Foi uma libertação.

Custou-me a acreditar no que acabava de me contar, eles eram um daqueles casais que formavam um todo sólido e indissolúvel desde o início dos tempos. Quando os conheci, já estavam juntos, tinha sido assim desde sempre.

– Como? – consegui dizer, como um tonto.

– Já não estamos juntos, Unai. Nunca devia ter concordado em casar-me, não combino com as flores, nem com os véus, nem com os padres, nem com os vestidos compridos, pareço uma anã quando os visto.

– Tudo bem, mas isso é algo que podes explicar facilmente ao Iker, e que ele vai compreender. A sério que acabaste tudo com ele? Estão juntos desde quando, desde finais do franquismo?

Ficou em silêncio durante muito tempo. Muito, muito tempo. Pensei que tinha adormecido, bati levemente no colchão dela para comprovar que continuava viva.

– Quando o meu irmão morreu, apercebi-me de que o Iker não tinha capacidade para me consolar. Estar com ele não me acalmava, nem me deixava menos triste, nem me salvava o dia. E não tinha por que o fazer. Estou melhor sozinha, Unai. Ao fim de tantos anos, o Iker é como um primo com quem às vezes tenho o mesmo sexo repetitivo, mais por obrigação e para nos convenceremos mutuamente de que ainda nos sentimos atraídos um pelo outro e de que somos um casal. Não quero ir viver com um amigo com benefícios. Não quero negociar o lugar da minha roupa no armário, nem as compras do supermercado, nem a que bares ir em cada fim de semana. Desde que o Eneko não está, custa-me imenso. É como se ele estivesse a mais. Há anos que vivia como uma zombie, deixando-me levar pelo hábito. O mais curioso é que com ele passava-se exatamente o mesmo, e nem sequer tinha pensado em mudar as coisas, achava que estava bem viver uma vida assim morna. Foi uma libertação para ambas as partes. Em setembro vai para o Paquistão, escalar a Nanga Parbat, a “montanha assassina”. Eu tinha pavor de que ele o fizesse, e sempre o dissuadi da ideia, mas agora ele já não tem quem o impeça. É estranho o modo como nos amordaçámos um ao outro.

– Então não estás a sofrer? Não tens de chorar no meu ombro, nem tenho de te

consolar?

- Pelo contrário, neste momento preciso de um companheiro de farra.
- Combinado. Assim que regressarmos a Vitoria e resolvermos este caso, vamos de gaupasa¹⁹ pelo centro.
- Assim que resolvermos este caso... se ele não acabar connosco primeiro – disse.
- Touché – respondi, quase rendido pelo sono. – Está a fazer-se tarde, e estou podre, Esti. Vamos dormir e amanhã continuamos a conversa.
- Não, Kraken. Espera, não adormeças, pois não sei se vou ter outra oportunidade como esta para te dar.
- Dar-me o quê?
- Sabes, tenho uma prenda que te queria dar no dia do teu aniversário, mas como estávamos tão... Bem, ainda não tinha surgido o momento certo.
- Uma prenda? Muito obrigada, Esti. De que se trata?
- Muito bem, aqui vai: é uma droga que pedi ao Eneko que preparasse para ti. Sabes, quando lidas com drogas, acabas por saber bastante de química.
- Qualquer pessoa que tenha visto o Breaking Bad sabe isso – comentei, um pouco inquieto. – Aonde queres chegar? Porque não gostei nada do começo.
- É um betabloqueador, à base de extrato de mandrágora e outras substâncias.
- Mandrágora? Mas isso não é tóxico?
- Depende de como se usa, como tudo.
- Diz a especialista em estupefacientes. – Estava a ficar aborrecido com aquela conversa tão surrealista.
- Deixa-me acabar, deves-me isso. A mistura que me preparou para ti bloqueia a absorção no corpo de outras drogas psicotrópicas como o Rohypnol.
- Outras? Isto também é uma droga psicotrópica?
- Não queria dizer isso. Não sei... não sei que efeitos secundários tem, o Eneko dizia que tinha nenhuns, que se usava para bloquear o Rohypnol, que era o segredo mais bem guardado dos anos noventa e que nem a Polícia chegou a saber da sua existência.
- E o que pretendes, que tome isso?
- Não sabemos quem é o assassino, mas ele sabe muito bem quem tu és. Se der mais um passo e for atrás de ti, as tuas aulas de autodefesa não te servirão de nada; nem a tua força ou a tua altura. Lembra-te da vítima da Casa do Cordón, o Thor. Era como tu, mas com vinte e cinco anos. Se pôde com ele, poderá contigo.
- Não a queria ouvir, não queria pensar nisso.
- Foi isso que foste fazer quando foste à loja do teu irmão?
- Sim, ia buscá-la quando te encontrei. Que me dizes, vais tomá-la por mim?

– Não confio muito nisso, Estíbaliz. Em toda a minha vida nunca consumi nada, e não vou começar agora, e por favor não te ofendas, mas muito menos algo que o teu irmão preparou.

– Tudo bem, então que to prepare alguém em quem tu confias. O Asier, o farmacêutico do teu grupo, por exemplo. Ele pode ter o preparado pronto daqui a dois dias.

– Não me estás a ouvir. Apesar de não estar adulterado, não vou meter um bloqueador de um psicotrópico no corpo. E depois, vou passar um ano inteiro a tomar isso, enquanto tiver quarenta anos, com medo do assassino?

– Sinto muito ser eu a dizer-te, mas temo que não tenhas assim tanto tempo. O assassino vai voltar a atacar assim que houver outra festa importante em Vitoria.

– Vais transformar-me num viciado. Não penso tomar isso. Ponto final. Vai dormir, Estíbaliz. Esta conversa terminou e amanhã vamos fingir que não aconteceu.

Na manhã seguinte, o toque de um telefone fixo acordou-me e levantei-me de um salto, mas a robusta tábua de madeira de pinho travou-me de imediato e caí de novo, com a cabeça a doer por causa da pancada.

– Ia dizer-te para teres cuidado por causa da altura. Magoaste-te? – disse Estíbaliz, espreitando da sua cama.

– Um pouco, não é nada – respondi, enquanto me lançava para o telefone que estava na mesa de cabeceira. – Estou?

– Estou a ligar-vos da receção. Pediram-me que vos avisasse quando o meu pai chegasse. Ele está com um pouco de pressa, podem descer agora?

– Sim, deem-nos cinco minutos. Já descemos.

Descemos as escadas tortuosas sem tempo de tomar um duche ou de nos olharmos ao espelho. À nossa espera na receção estava um homem com uma barriga generosa e uma pera grisalha. Mal cabia atrás do balcão e secava o suor do pescoço com um lenço de xadrez azul.

– Bom-dia, somos a inspetora Ruiz de Gauna e o inspetor López de Ayala, da esquadra de Vitoria. Estamos a investigar um hóspede que teve em 1989. O senhor trabalhava aqui naquela época?

– O meu pai e eu, na verdade. Foi nessa altura que comecei a ganhar o gosto pelo negócio. Mas como é que me vêm perguntar por algo tão antigo?

– Trata-se de uma investigação em curso, não lhe podemos dar mais pormenores. Estamos à procura de um rapaz com dezanove anos chamado Nancho Lopidana.

– Nancho Lopidana? – repetiu Saioa, empalidecendo. – Claro que aqui estive.

Na verdade, morreu no quarto onde passaram a noite. É o fantasma do estudante.

[19.](#) Saída que dura a noite toda, em basco. (N. da T.)

O Parque de Arriaga

Quarta-feira, 17 de agosto

– Estão a dizer-me que o Nancho Lopidana está morto? – repeti.

Era impossível.

Impossível.

Outro caminho que acabava num muro.

– Sim, foi nosso hóspede durante quase um ano. Estava no quarto que agora se chama “Dois de fevereiro”, partilhava-o com outro estudante – respondeu o pai de Saioa, com uma expressão aborrecida, como se não gostasse de ter de nos dar explicações. – Numa noite em que estava sozinho no quarto, adormeceu na cama enquanto lia à luz de um velho candeeiro que estava na mesa de cabeceira. Pelos vistos, o cabo estava em mau estado, lançou uma faísca e pegou fogo aos lençóis e à colcha. Era o turno do meu pai, mas ele já tinha alguma idade, penso que deve ter adormecido, e não deu por nada até que os outros rapazes desceram a correr pela escada, avisando-o do fumo que saía por baixo da porta do quarto. O meu pai chamou os Bombeiros, e conseguiram que o incêndio não se propagasse pelo resto da pensão, mas o pobre rapaz morreu queimado na sua própria cama.

Aquele homem não gostava de responder a tantas perguntas. Via-se que estava tenso e incomodado e com vontade de sair a correr pelas escadas abaixo.

– A Polícia veio? – perguntou Estíbaliz.

– Sim, claro, a Polícia Regional. Fizeram bastantes perguntas ao meu pai e a alguns dos hóspedes, mas determinaram que foi uma negligência do próprio Nancho, de modo que não houve qualquer queixa contra a direção da pensão. De qualquer forma, tivemos de fechar durante três semanas, pois não se podia dormir por causa do cheiro a fumo e a queimado. Aproveitámos para reformar tudo, mudar alguns dos quartos e pintar os corredores e as escadas. A seguir começou a parvoíce do mito do fantasma do estudante. Os nossos clientes são

muito jovens e vêm com vontade de farra, não são facilmente impressionáveis. Em qualquer outro estabelecimento hoteleiro, um acidente desta natureza teria espantado a clientela. Aqui toda a gente comentava que um estudante tinha morrido queimado num quarto do hotel, e começaram a contar que à noite viam o espírito do Nancho a sair do quarto e a descer as escadas. Multiplicaram-se os relatos de pessoas que o viram, creio que mais por causa do efeito de tudo o que metem no corpo muitos dos que vêm passar a noite a Pamplona, e o meu pai lembrou-se de contar a história do fantasma do estudante a um amigo que estava a escrever um guia turístico de Pamplona. Desde então que ficámos associados a esse episódio.

– Pode dar-nos o nome do estudante com quem ele partilhava o quarto?

“Seria uma testemunha muito valiosa”, pensei. Alguém que conviveu com o escorregadio Nancho.

– Ouçam, tudo isto aconteceu há décadas, e mal me lembro dos pormenores – replicou, cansado. – Já foi suficientemente desagradável ter de recordar tudo outra vez. Não me lembro do outro hóspede.

– Mas talvez o avô se lembre – interrompeu Saioa.

– Não vamos incomodar o avô, que já está muito senil.

– Não está assim tanto. – Penso que a rapariga murmurou isso.

– Sabem, o meu pai já é muito velho, não se vai lembrar de nada. Não vos podemos ajudar mais, já colaborámos com a Polícia Regional e com os peritos em tudo o que nos pediram. Não vejo que novos dados vos podemos dar, ao fim de tantos anos.

“Muito bem, é hora de nos retirarmos”, pensei.

De modo que subimos para o quarto, para tomarmos duche por turnos. Fui eu primeiro, ainda aborrecido por causa da conversa da noite anterior. Estíbaliz saiu para o corredor, mas passado algum tempo bateu à porta.

– Toma, um café. – Estendeu-me um copo de plástico a esquentar.

Estava tão quente que estive a ponto de não o beber.

– Vamos à esquadra de Pamplona, Kraken. Quero ver o relatório deste incêndio – disse Estíbaliz, mexendo o seu café com leite.

– Concordo plenamente – assenti. – São demasiados incêndios em torno da vida de Nancho.

E abandonámos a pensão sem trocar palavra com o dono.

Depois caminhámos em direção à fonte de la Teja, onde ficava a sede da Polícia da Região de Navarra.

– Bom-dia – disse, assim que entrei. – Somos o inspetor López de Ayala e a

inspetora Ruiz de Gauna, da esquadra de Vitoria. Gostaríamos de localizar o relatório da morte de Nancho Lopidana, ocorrida em 1990 na pensão da rua Amaya.

– Vai levar-nos algum tempo a encontrá-lo. Vou dar-vos a papelada para preencherem – disse-nos o agente que nos atendeu.

Uma hora mais tarde, num gabinete que nos emprestaram, tivemos acesso à pasta castanha que continha o caso.

As fotografias eram, de novo, absolutamente horríveis. O corpo não estava completamente calcinado, apenas na zona da cabeça e das mãos. Na verdade, conseguia distinguir-se parte da roupa, sobretudo as pernas das calças, apesar de estarem um pouco chamuscadas.

– Já te apercebeste, Estíbaliz? – perguntei-lhe, apontando para aquele pormenor com o dedo.

– Se não fosse a morte acidental de um estudante, diria que se trata do *modus operandi* de uma mafia qualquer, quando não querem que se identifique o cadáver: rosto e pontas dos dedos carbonizados.

– Quem é que o identificou? – perguntei enquanto procurava entre os poucos papéis do relatório.

– O antigo dono da pensão da rua Amaya, o pai daquele homem tão amável que nos deu os bons-dias. Aqui consta que Nancho Lopidana não tinha família.

– E o seu colega de quarto? Ou algum amigo ou conhecido?

– Aqui não aparece o nome de mais ninguém, Unai. É um relatório bastante...

– Sucinto, para dizer de forma simpática.

– Raquítico, diria eu. Sabemos que Nancho Lopidana vivia sem identificação, e aqui também assinalam esse facto. Realizaram uma busca nos Registos Cíveis de todo o país, mas ele não aparecia. Sabiam que tinham uma pessoa sem papéis, e não fizeram mais nada. Passaram um atestado de óbito sem certidão de nascimento. Fantástico. Encerraram o caso concluindo que o incêndio fora causado por uma faísca de um cabo em mau estado do candeeiro da mesa de cabeceira. Nada mais. Aqui termina a jornada do nosso trigêmeo. Que raio de vida teve, pobre homem.

– E que raio de morte. Sabes o que isto significa, não é verdade? – perguntei.

– Sim, que se o trigêmeo morreu em 1990, não pode ser o nosso assassino, nem destes nem dos primeiros crimes.

A mim nada me parecia assim tão claro. Não via nada claro.

– Quem assinou este relatório? – perguntei.

– O inspetor Legarra.

– Vamos falar com ele. Possivelmente está reformado, mas espero que se lembre do caso. Não me parece que haja incêndios que resultem em mortes todos

os dias.

Descemos para ir falar com o agente de uniforme que nos atendera, devolvemos-lhe o relatório e assinámos a entrega, com a hora e a data.

– Precisamos de mais um favor. Pode ajudar-nos a localizar o inspetor Legarra? Queríamos falar com ele sobre este caso.

– Infelizmente chegaram demasiado tarde. O Legarra reformou-se em janeiro, mas enterrámo-lo há poucos dias. Um cancro no pâncreas, fulminante. Foi uma pena, reformar-se e morrer em três meses. Mas era um bom polícia e fazia uns relatórios muito exaustivos. Se não encontrou nada, é porque não havia nada para encontrar, acredite em mim.

– Sim... – respondi.

Talvez tenha sido um bom investigador no final dos seus anos de serviço, mas não era de certeza na altura em que escreveu aquele relatório tão vago...

Ou talvez não houvesse mais nada por onde pegar. Um jovem adormece enquanto lê, o seu candeeiro faz curto-circuito e acaba morto.

Ponto final.

Estíbaliz conduziu de volta a Vitoria pela A-1 e cada um de nós meteu-se no seu gabinete assim que chegámos à sede em Lakua.

Foi então que recebi uma chamada de um número que não tinha registado na minha lista de contactos. Soltei um suspiro, mas resolvi atender.

– Bom-dia, inspetor Ayala. Daqui fala Garrido-Stoker, o advogado de Ignacio Ortiz de Zárate. Queria falar consigo... extraoficialmente – disse em voz baixa. – Posso confiar que nem este telefonema nem o seu conteúdo constarão em qualquer relatório?

– Temos oito mortos e dois gémeos desaparecidos. Acredite em mim, neste momento já passei há muito o extraoficial – respondi.

– Bem me parecia que falávamos a mesma língua. Estou a ligar-lhe porque há um assunto que pode ajudar a localizar o meu cliente, mas os... especialistas informáticos que trabalham para mim não conseguiram qualquer resultado. Pergunto-me se o senhor, como inspetor da Divisão de Investigação Criminal, também recorre de vez em quando a este tipo de pessoas, à margem das regras do Ministério.

– Sabe a resposta e tenho o melhor. De que se trata?

– O Ignacio foi polícia durante muitos anos, por isso, como pode imaginar, sabe proteger-se, em todos os sentidos. O seu telemóvel é um modelo muito exclusivo, ele pode pagá-lo. Instalou lá um dispositivo localizador e falou-me nele. Num dos meus computadores instalámos uma espécie de programa recetor, um servidor onde se vê em tempo real a sua localização com dois metros de margem de erro. O equipamento fica completo com um pequeno dispositivo, do

tamanho de uma pilha de bateria, que o Ignacio levava sempre com ele, normalmente no bolso das calças. Uma espécie de GPS, como o que usam nas operações especiais, mas num tamanho muito pequeno. Assim, mesmo que perca o telemóvel ou que lho tirem, em caso de rapto, ele continua a ser localizável, desde que não descubram o dispositivo.

– Sabia da existência desses dispositivos, se bem que no nosso país ainda não sejam muito habituais, pelo menos é o que dizem as estatísticas.

– Pergunte a algum multimilionário que conheça, ele pode falar-lhe nisso – respondeu, com a sua aguçada ironia de letrado. – O que acontece é que quando o Ignacio desapareceu, levou o telemóvel consigo, mas quando tentei localizar o seu paradeiro com o recetor que instaláramos, vi que tanto o telemóvel como o aparelho tinham sido desligados. Por isso assustei-me e dei conta do seu desaparecimento passadas vinte e quatro horas. Penso que foi sequestrado ou assassinado. Mas sei que estes sistemas têm uma entrada escondida, e mesmo que alguém os desligue, um especialista com os recursos necessários poderia usar o sinal de GPS que continua a emitir para o localizar, se bem que não com tanta precisão, infelizmente. Sei que o programa que o Ignacio comprou era mais avançado do que os sistemas da Polícia, mas pergunto-me se...

– Sim, já lhe disse antes: conheço a pessoa certa, não sei é se vai querer colaborar.

– Tenho a certeza de que o Ignacio a recompensará financeiramente, se o conseguir localizar.

– Não me parece que o dinheiro seja o leitmotiv do meu técnico. De qualquer maneira, vou tentar convencê-lo. Digo-lhe alguma coisa assim que o localizar. Compreendo que a discrição é um caminho de dois sentidos e que esta conversa não vai sair daqui, não é verdade?

– Eu não lhe liguei, e o inspetor não falou comigo. O telemóvel de onde lhe estou a ligar não pode ser relacionado comigo; ligar-lhe-ei sempre deste número, e assim que tudo isto terminar, não voltarei a usá-lo.

– Uma última questão: se o meu colaborador concordar, vai pedir-me dados do telemóvel do Ignacio, mas também acederá ao seu sistema informático. Está consciente disso? – perguntei-lhe.

– Sim, já contava com isso. Já o deixei limpo.

– Um conselho: limpe-o bem. Limpe-o muito bem.

Assim que desliguei, entrei na minha conta de email e enviei uma mensagem a pedir ajuda a MatuSalem:

Penso que sei como localizar o Tasio, mas preciso da tua ajuda. Já.

Respondeu-me passados dois segundos, sinal de que ainda me vigiava e de que não se tinha esquecido de Tasio e daquele assunto:

No Museu de Armería, no segundo andar. É muito antigo, não há câmaras e em agosto não há vivalma. Quando?

Já é “já”.

Saí a correr do meu gabinete, em direção ao passeio da Senda. O museu ficava na avenida de Fray Francisco, ao lado do Palácio de Ajuria Enea, a residência oficial do Lehendakari, o presidente do Governo Basco.

No segundo andar, junto de um manequim com um elmo e mosquete, encontrei um jovem com um capuz branco a esconder-lhe o rosto.

– Devo estar louco – disse-me, em modo de cumprimento, virando-se de costas para mim enquanto percorria calmamente a sala deserta. – Concordei em encontrar-me com um bófia ao lado do Ajuria Enea numa sala rodeada de armas.

– Não te preocupes, não te vou trincar com um florete.

– O que queres de mim, Kraken? – disse, sem deixar de olhar para as vitrinas com projéteis.

– Tenho um desafio para ti que vais adorar: um sistema de localização de pessoas que não é usado neste país e que o irmão gémeo do teu mentor adquiriu por um preço que não está ao alcance do teu bolso ou do meu. Tanto o telemóvel como o microchip GPS que o Ignacio tinha com ele no momento em que desapareceu foram desligados, mas acredito que tu, e só tu, podes encontrar maneira de aceder ao sinal e localizá-lo. Sei que sim.

– E que ganho eu com isso?

– Tenho uma infinidade de motivos para te dar: o meu respeito, a tua imunidade em relação à equipa de crimes informáticos, a exoneração do Tasio, talvez encontrá-lo ainda com vida... Não sei o que é que ele fez por ti na prisão. Mas pensa só se ele teria recusado localizar-te, se estivesses desaparecido. Por outro lado, o advogado do Tasio mencionou uma avultada quantia de dinheiro. Talvez isso te permita deixar as fraudes na internet por uns tempos. Vamos, Maturana. Passa para o lado branco, os hackers como tu não chegam a velhos a não ser que montem uma start-up. Isto faria com que te pudesses reformar. Não estás cansado de andar sempre com um capuz, a espreitar por cima do ombro?

– Está bem, Kraken. É suficiente. Há meia hora que me tinha decidido. Não tornes tudo ainda mais cor-de-rosa, senão vou ficar maldisposto.

Reprimi um sorriso de triunfo e vi que dava meia-volta, deixando para trás o século XVII.

– Pede-me os dados que precisares! – gritei-lhe, enquanto MatuSalem descia as escadas para abandonar o edifício. – E escreve qualquer coisa na conta do

Twitter do Tasio, vá lá, nem que seja um desses conselhos para guionistas, senão vais perder todos os seguidores.

Fiquei em silêncio durante algum tempo, contagiado pela paz daquele lugar parado no tempo, quando ouvi a respiração de alguém que subia as escadas a toda a pressa.

Olhei com curiosidade para a rapariga que entrou na sala, mas quando vi quem era, fiquei hirto e gelado. Literalmente gelado. Não se trata de uma expressão, a verdade é que, de repente, senti muito mais frio nas mãos e na cabeça. Como se alguém tivesse ligado o ar condicionado no máximo.

– Procurei-te por todo o lado, Unai. A tua colega disse-me que estavas aqui – disse Martina, a minha cunhada.

– Mas, que raio... – fui capaz de pronunciar.

Estava a vê-la, era a minha cunhada, mas não podia acreditar no que os meus olhos viam.

– Espera, Unai. – Deteve-me com a mão. – Deixa-me falar antes que tenhas um ataque de coração. Vim buscar-te para te explicar tudo. Já falei com o Germán. Como é que vos passou pela cabeça darem-me como morta? No dia 9 tinha uma viagem de trabalho a Santander, não te lembras de ter comentado contigo? Estive a fazer um curso de verão de mediação familiar no palácio da Magdalena.

– O que é que estás a dizer, Martina? Vi-te morta na sala de autópsias, eu mesmo reconheci o corpo.

– Unai, houve um engano, a pessoa que mataram foi a minha irmã. Deram-me como morta, raios partam, estão loucos ou quê? – disse, aproximando-se de mim.

Assim tão próximos, reconheci o seu cheiro e os seus olhos cor de kiwi.

– Dá-me um abraço, cunhado, por favor. Vou precisar da tua ajuda para acalmar o Germán, está a passar-se completamente...

Abraçou-me, colou-se a mim que nem uma lapa, e senti o calor do seu pequeno corpo. Ao fim de alguns segundos de completo estupor, atrevi-me a acariciar-lhe o cabelo preto recém-crescido e a beijar-lhe a cabeça.

“Estás a alucinar”, pensei.

Foi então que me apercebi.

“Maldição, Unai. Estás a alucinar.”

Afastei-me um pouco de Martina, que olhava para mim sem saber muito bem se devia sentir-se zangada pelo que acontecera ou aliviada por Germán estar a recuperar.

– Não tens nenhuma irmã, Martina – disse ao espírito da minha cunhada, ou fosse lá o que aquilo fosse.

– Sim, é claro que tenho uma irmã. Uma irmã gémea.

Fechei os olhos, à espera de que a minha alucinação desaparecesse, mas quando os voltei a abrir, Martina continuava ali, insistente.

À falta de experiência ou de outros recursos psicológicos, optei por agir de acordo com a terapia que conhecia para ajudar pacientes com alucinações visuais ou auditivas.

– Martina, não és real, por isso vou deixar de falar contigo agora mesmo. É-me indiferente que às vezes me apareças, não te voltarei a prestar atenção. Quero apenas que...

“Que se lixe a terapia.”

– ... visto termos uma segunda oportunidade para nos despedirmos, mesmo que seja apenas na minha cabeça doente... quero apenas agradecer-te. Obrigado pela lição de vida que me ensinaste. És família, Martina. Amei-te como se fosses minha irmã.

A Martina da minha cabeça não achou graça nenhuma à minha despedida, mas passei à frente dela, decidido a abandonar a sala, e comecei a descer as escadas.

Ainda assim, não consegui evitar olhar uma última vez para a sala, mas não estava lá ninguém. Só elmos e lanças.

Maldita Estíbaliz, peguei no telemóvel como se o fosse espremer e marquei o número dela:

– Onde estás, Esti?

– No meu gabinete, porquê?

– Estou de carro, espero por ti no parque de estacionamento. Temos de falar a sós.

Cheguei em fúria e ela estava à minha espera com uma expressão preocupada.

Estacionei no lugar vazio mais afastado de todos e abri a porta do lado do passageiro. Estíbaliz aproximou-se e entrou.

– O que se passa agora? Estás com uma cara que mais pareces um fantasma.

– Um fantasma? Um fantasma foi o que eu vi, por pouco não tive um ataque cardíaco! E não só vi, como estive a falar com o fantasma da Martina, Estíbaliz.

– Desculpa?

– Desculpa? – repeti, vermelho de fúria. – Não, não desculpo. Desta vez não desculpo, passaste-te da cabeça. Tens os esquemas éticos todos alterados. Foste demasiado longe, colega. Deste-me uma droga psicotrópica, no ponto alto desta investigação, quando temos de estar mais centrados e com os sentidos bem alerta. Enlouqueceste? Quando é que me deste a droga, hoje de manhã, no café em Pamplona?

Estíbaliz cerrou os dentes, cruzou os braços e olhou pela janela.

– Se já o sabes, não me faças perguntas retóricas.

Suspirei, para ver se me acalmava, mas estava a custar-me.

– Quanto tempo é que esta merda dura no organismo?

– Os efeitos secundários vão acabar por passar, acho, mas também a tua imunidade face ao Rohypnol.

– Quanto? – repeti, prestes a perder a paciência.

– Acho que doze horas...

– Achas?

– Sim, acho que à noite já não estará no teu organismo. Pelo menos foi isso que o Eneko disse.

Já não estava apenas zangado, também estava triste.

Aquilo era uma despedida. Chegados àquele ponto, não havia volta atrás.

– Esti, o que fizeste não é de todo normal. Não... não quero continuar a trabalhar contigo. Não vou denunciar o que fizeste, não te quero prejudicar, mas já não confio em ti, nem vou confiar da próxima vez que me ofereceres um café ou um croquete. Amanhã vou falar com a subcomissária. Ou deixas tu o caso, ou deixo eu. E quando este caso acabar, não quero continuar a ser o teu colega de equipa.

– Vou eu, inspetor Ayala. Não tem por que pagar as consequências do meu erro.

– É demasiado tarde, inspetora Gauna. Demasiado tarde. Por favor, saia do meu carro.

Estive muito tempo sentado no banco do meu carro. Bastante bloqueado, bastante preocupado por causa da droga que tinha ingerido.

Não queria saber de nada. De Estíbaliz, de Alba, de ninguém.

Quando aquele caso acabasse, se é que não acabava primeiro o caso comigo e com todas as minhas relações, ia fazer uma pausa. Talvez com Germán, afastá-lo dali, tomar conta dele. Tomar conta dele.

Fiquei com medo de que a minha cabeça também falhasse por causa do efeito da maldita droga, por isso obriguei-me a manter-me ativo e em circulação.

“O que tens pendente, Unai?”

Lutxo, continuava pendente falar com Lutxo.

Por isso marquei o seu número de telefone e esperei que não se escapulisse com palavras mansas.

– Lutxo, gostava que nos víssemos, e por favor, não me dê nenhuma nova desculpa esfarrapada, que até agora tens sido bastante criativo. Tens um momento?

Para minha surpresa, encontrei-o disposto a falar comigo, e combinei

encontrar-me com ele no parque de Arriaga, um lugar discreto e neutro onde podia falar em paz com aquele que tinha sido meu amigo desde os tempos de San Viator.

– Há quanto tempo, Kraken! – disse cabisbaixo, dando-me uma palmada nas costas. – Foram apenas algumas semanas, mas com tudo o que aconteceu, parece que já foi noutra vida. Como estás, com o que aconteceu à tua cunhada?

“A minha cunhada”, pensei entre dentes. “A minha cunhada veio do céu ter comigo, por estar preocupada. Farás tu o mesmo, meu amigo?”

– Para te ser sincero, o melhor que posso fazer pela Martina é prender o infeliz que a matou. E tu vais ajudar-me, quer queiras quer não. Temos uma conversa pendente, Lutxo.

– Pois fala claramente, porque não te estou a seguir – disse, sentando-se num banco diante de um dos lagos.

– Na nossa última conversa, quando te perguntei quem foi a fonte que te passou as imagens dos gémeos com a vítima de quinze anos, disseste qualquer coisa como esse ser o segredo mais bem guardado da redação. Começo a ter motivos para pensar que o papel da imprensa neste caso, e no caso de há vinte anos, foi determinante, e nem sempre obedeceu a interesses meramente informativos.

– Quem é que estás a acusar, exatamente?

– A ti, ao diretor do teu jornal...?

– A mim? De que falas?

– De que me encheste a cabeça com as tuas suspeitas do Eguzkilore, de que destruístes a imagem pública do Ignacio e minaste qualquer hipótese de o Tasio se reinserir socialmente. Talvez tenha de começar por te perguntar onde estavas nas datas dos assassínios.

– Estás a falar a sério, Kraken? – Olhava para mim, espantado. – Não posso acreditar que um amigo como tu desconfie de mim. Desde que idade nos conhecemos, desde os seis anos?

– Estás a fugir ao assunto, Lutxo... – relembrei-o. – E isso não te faz parecer mais inocente.

– Estás a passar-te? – gritou, ao mesmo tempo que se levantava de um salto do banco. – Estás a acusar-me a mim, a sério?

Eu também me levantei, não gostava que falassem comigo de cima.

– Pois colabora comigo de uma vez por todas, Lutxo. Porra! Facilita-me a vida, porque na verdade posso ir atrás de ti alegando obstrução à justiça, se te recusares a dizer-me quem é o raio da tua fonte. No entanto, não fiz nada disso até agora, e talvez por isso tanto a minha cunhada como o Eneko estejam mortos. Não sei como podes olhar o Germán nos olhos.

Sentou-se de novo, afagando a pera branca sem parar.

– O meu chefe mata-me, o meu chefe vai matar-me por causa disto... – disse para si mesmo.

– Vamos, Lutxo – insisti com ele. – Já tomaste uma decisão, por isso agora diz-me simplesmente quem é e acaba com isto.

– Está bem. O segredo mais bem guardado da redação do El Diario Alavés é que o material que publicámos relacionado com o caso nos chegou pelo correio, num envelope fechado sem remetente. Tem sido assim há vinte anos.

“O quê?”, pensei, atónito.

– Um envelope fechado?

– Sim, naquela época era bastante habitual enviar as coisas por correio. Ainda não havia Internet e muitos comunicados de imprensa chegavam em envelopes à receção dos escritórios. Havia quem os trouxesse pessoalmente, mas recebíamos muita informação por correio. E também era frequente chegarem-nos cartas anónimas. Tomávamos as precauções básicas para detetar se era uma carta-bomba, mas se não tivesse peso nem volume, abríamo-la o mais normalmente possível.

– Que material vos chegou através desses envelopes em concreto?

– As fotografias que publicámos e os artigos inteiros. Não tínhamos de escrever nada. Eram dados e mais dados que o El Correo Vitoriano não tinha e nós sim. Vinham em meu nome, eu tinha acabado de entrar e era um mero estagiário. Salário baixo, contrato à experiência... Era apenas um miúdo com vontade de conquistar o mundo, que deu de caras com a realidade de uma redação muito hierarquizada e com poucas possibilidades de renovar o contrato de seis meses que tinha assinado. Mas se não ficasse ali a trabalhar, teria de me ir embora de Vitoria. Nesta cidade não há muitas mais saídas profissionais para um jornalista.

– Chegou em teu nome? Porque não avisaste a Polícia? Podia ser que houvesse provas, o ADN da saliva para fechar o envelope.

– Acabei de te contar, não achas que é suficiente? Da primeira vez, entreguei-o ao diretor, mas não lhe disse como o tinha conseguido. Mas acho que não se importou muito com isso. Estava obcecado com o caso, só falava em dar mais e mais páginas àquela história. Batemos o recorde de vendas com aquela edição. Quando os envelopes seguintes chegaram, fui incapaz de pensar claramente e de comunicar à Polícia. O diretor tinha-me o dia inteiro com ele no seu gabinete, tornei-me o seu favorito, consegui que me pusesse nos quadros.

– Quero saber uma coisa: este último envelope, o que continha as fotografias roubadas dos gémeos e da rapariga, era igual aos anteriores? Dirias que foi enviado pela mesma pessoa?

Lutxo parou um minuto para pensar naquilo, a seguir olhou para mim, com uma expressão de culpa.

– Acho que sim... não tinha pensado nisso.

– És mesmo imbecil...! – gritei-lhe, fora de mim. – Isso quer dizer que a mesma pessoa está metida nisto há vinte anos. Tens remotamente consciência de como esse pormenor é revelador? Apercebes-te de que quem te enviou as fotos e os artigos não o fez para te oferecer um trabalho, mas sim para manipular a opinião pública? É alguém que sabe mais do que tu e do que eu, alguém que se adianta sempre, possivelmente é o assassino e, sem dúvida, é alguém que quis prejudicar o Tasio e o Ignacio desde o início. Ocultaste-nos pistas importantíssimas e não pudemos seguir uma linha de investigação que devia ter começado há vinte anos. Por causa disso morreram dezasseis pessoas. A todas elas saiu-lhes bem caro o teu trabalho.

– Caramba, Kraken! Não fiques assim. Nunca tinha pensado nisso dessa maneira.

– Sim, Lutxo. Tinhas pensado, sim, mas eras incapaz de ver mais além da tua maldita secretária da redação. Faz-me chegar esses envelopes antes que fale com o juiz e vos feche essa porcaria de jornal.

Voltei-lhe as costas e abandonei o parque junto à ermida de San Juan de Arriaga onde, séculos antes, a confraria de Arriaga se reunia para defender os seus interesses. O tempo não mudou muito os nossos costumes: vitorianos a lutar contra vitorianos, alaveses a matar alaveses.

O Centro Antigo

Quinta-feira, 18 de agosto

Na manhã seguinte, bem cedo, recebi um telefonema com que não contava. Ainda não tinha saído de casa, por isso atendi enquanto tomava o pequeno-almoço na cozinha, olhando para a praça.

– Estou sim?

– Inspetor Ayala, sou a Saioa, da pensão de Pamplona. Espero que se lembre de mim.

– Claro, Saioa. Há algum problema com o cartão de crédito?

– Não, claro que não. Não se trata disso. É que... – Hesitou por momentos. – É o Kraken, do caso do Tasio Ortiz de Zárate, não é?

Suspirei, pelos vistos aquilo era uma epidemia.

– Se me reconheceste, não são necessárias mais apresentações.

– É que sigo o caso dos duplos crimes de Vitoria no Twitter, como toda a gente. Ontem não o reconheci, nas fotografias parece mais baixo.

– Porque me estás a ligar, Saioa?

– Sabe, o meu pai não gosta da Polícia, como deve ter reparado. Não sabe a quantidade de buscas por causa de drogas que fizeram na pensão devido aos clientes que temos. É uma chatice, e ele não pode nem ver-vos, mas... Não sei se a história do Nancho Lopidana tem a ver com o caso do Tasio, mas disse que vinha por causa de um caso muito antigo e...

– Não te posso dar essa informação, Saioa, mas estou a ouvir-te.

– Se eu puder ajudar de alguma forma para que resolva o caso, quero fazê-lo. O meu avô tem em casa dele todas as fichas da receção dos hóspedes desde que abriu a pensão, e acabo de falar com ele e está mais do que disposto a falar consigo, diz que a Polícia de há vinte anos não lhe ligou nenhuma. Ele está com vontade de falar. Mas tem de vir a Pamplona, porque ele não tem muita

mobilidade, e é melhor que o meu pai não saiba de nada.

– Vou agora mesmo para Pamplona. Dá-me a morada do teu avô e diz-lhe que daqui a uma hora e meia estarei em casa dele. E outra coisa, Saioa...

– Sim?

– Muito obrigado. Quem me dera que toda a gente se importasse tanto como tu.

Depois de desligar, saí para a rua para ir buscar o carro e marquei o número da minha colega:

– Estíbaliz, vamos deixar a nossa conversa de ontem em suspenso durante esta manhã. Olha, vou voltar a Pamplona para falar com o antigo dono da pensão da rua Amaya. A neta dele acredita que ele nos pode dar mais informações e tem os registos dos hóspedes de há vinte anos. Mas antes tenho de te contar o que me aconteceu com o Lutxo.

– Com o Lutxo, o nosso Lutxo?

– Sim, o nosso Lutxo. Escuta...

Pu-la a par dos misteriosos envelopes fechados, deixei que soltasse uns quantos insultos e quando se acalmou combinámos que ela iria à redação do El Diario Alavés para garantir que Lutxo nos entregava os envelopes o mais depressa possível e que ela os mandava para analisar.

Toquei à campainha da porta de entrada na morada na zona antiga de Pamplona que Saioa me dera, e depois de subir umas escadas estreitas, um senhor idoso rechonchudo veio abrir-me a porta do primeiro andar. Tinha a mesma barriga que o seu filho e um nariz muito vermelho cheio de derrames. Caminhava com uma certa dificuldade, apoiado numa bengala que era um pouco pequena para a sua altura. Convidou-me a sentar-me na sua velha poltrona de couro verde, e eu obedeci. Serviu-me um licor de Pacharán que recusei amavelmente, mas não parou de me oferecer tudo e mais alguma coisa até que aceitei comer alguns bolinhos de supermercado que tirou do seu aparador com charme dos anos setenta.

– A minha neta explicou-me tudo. Não sabe a vontade que tinha de que reabrissem o caso de Nancho Lopidana.

– Sabe, não se reabriu o caso – esclareci, com a boca cheia de bolo. – Simplesmente há outra investigação em curso e o nome do jovem surgiu.

– Pois deviam reabri-lo, não fiquei convencido com o que aconteceu.

– Pode dizer-me a razão?

– Sabe, é que não foi apenas o Nancho que morreu. Naquela noite também desapareceu o seu colega de quarto, deixou tudo por pagar, e nunca mais voltei a

saber nada dele. Disse isso à Polícia, mas responderam-me que se não houvesse uma denúncia formal por parte dos familiares, eles não iam procurá-lo.

Fiquei sem fala durante alguns segundos. Não estava à espera daquilo.

– Está a dizer-me que o amigo do Nancho também desapareceu? Isso não consta no relatório do caso.

– Como não? – retorquiu, aborrecido, batendo no chão com a bengala. – Deviam tê-lo mencionado, com o que eu insisti com o inspetor...

– Mas não foi isso que aconteceu. De qualquer maneira, como souberam que foi o Nancho quem morreu naquela noite no quarto e não o seu colega?

O homem encolheu os ombros, como se fosse a coisa mais evidente do mundo.

– Porque estava na cama do Nancho, e a roupa que tinha vestida, apesar de estar toda chamuscada, era do Nancho.

“Não era suficiente, para um bom investigador aquilo não teria sido suficiente”, pensei, frustrado.

– Muito bem. Diga-me, lembra-se do nome do colega de quarto do Nancho?

– Na verdade não me lembro, mas se tiver paciência posso procurar a sua ficha de inscrição na pensão. Mas se calhar demoramos menos tempo se lhe mostrar os álbuns de fotografias. Costumava apontar por trás o nome dos hóspedes que ficavam o ano inteiro, para não me esquecer. É que foram tantos...

– Tem imagens do Nancho? – Engoli em seco.

Finalmente ia ficar a saber se tinha alguma coisa a ver com os gémeos.

– Claro, e do amigo dele também. Costumávamos fazer festas, celebrar o Natal e outras datas especiais com os estudantes que ficavam todo o ano escolar em Pamplona, se eles não fossem ter com as famílias. Eles eram inseparáveis. Na verdade, cada dia se pareciam mais, como se fossem irmãos.

– Como assim?

– Sim, veja por si. Se vir as fotos daquele ano vai perceber. Quando o Nancho chegou à pensão, vinha muito mal vestido e com um corte de cabelo horrível. Mas algum tempo depois de começar a dar-se com o seu amigo, foi ficando com melhor aspeto, emagreceu e passou a cortar o cabelo como o jornalista, no mesmo barbeiro e tudo. Só que um era moreno, e o Nancho tinha o cabelo ruivo. Ao Nancho só lhe faltou pintar o cabelo de preto para ficar igual ao amigo. Olhe, olhe... para ver que não estou a exagerar.

– Desculpe, disse “o jornalista”?

– Sim, não lhe tinha dito antes? O estudante, aquele que desapareceu, estava no primeiro ano do curso de Jornalismo. Os seus pais tinham morrido e era filho único, sem família, acho que era de Madrid, mas herdou algum dinheiro, e o pai mandou-o estudar jornalismo, como o seu avô, ou algo do género.

– Posso ver esses álbuns, por favor?

– Pode passar-me esse que começa em 1989, se não se importa, que com o meu pulso vão cair-me todos em cima. – Apontou para a sua velha boiserie.

Levantei-me e procurei, ano por ano, até encontrar aquele que exibía uma etiqueta de 1989-90. De seguida sentei-me ao lado dele, procurando disfarçar a minha impaciência. O senhor idoso começou a passar as páginas coloridas do grosso álbum.

– Aqui! – exclamou enquanto punha o dedo em cima de um rosto que não consegui ver.

– Pode... Pode afastar o dedo, para eu poder ver?

– Claro, claro. Veja, este era o Nancho Lopidana quando chegou à pensão. Foi nos primeiros dias, mas já se tinha tornado amigo do rapaz jornalista.

Aproximei-me da fotografia, que tinha as cores típicas das imagens dos anos noventa, como se lhe tivessem passado um filtro do Instagram.

Percebi que Nancho era o jovem com a cara redonda, em forma de lua cheia, nariz pequeno, olhos juntos. Um rosto grande e inchado para aqueles rasgos tão diminutos, como se fosse um número abaixo. O cabelo liso, franja comprida para o lado, um pouco fora de moda. Não olhava para a máquina fotográfica, tinha o queixo para baixo, como se fosse doentiamente tímido. Parecia ausente, quase assustado, perante a festa dos outros estudantes, que sopravam cornetas e atiravam serpentinas às cores.

– É este o estudante, veja, o que está à sua esquerda – apontou-me o ancião.

O outro rapaz era bonito, moreno, com o cabelo muito curto, magro e olhava para a máquina fotográfica com uma expressão decidida. Estava com o braço por cima dos ombros de Nancho, como se quisesse que ele participasse na festa.

– Tem o nome dele?

O dono da pensão levantou o plástico transparente que protegia a velha foto e voltou-a para ver.

– Oh, nesta não, deve ter-me escapado – disse, contrariado. – Mas não se preocupe que tenho muitas outras.

Fomos passando as páginas, e foi-me assinalando todas as fotos em que Nancho aparecia, sempre ao lado do amigo. Sempre a posarem juntos. Às vezes, a falarem entre si, trocando confidências. Outras vezes, fazendo caretas para a câmara, com o descaramento de quem ainda não tinha vinte anos.

– Vê? – Apontou-me uma foto. – O Nancho começou a fumar sem parar, o amigo jornalista não suportava isso. O jovem não fumava e não o deixava acender um cigarro no quarto que partilhavam. Na noite em que morreu, o Nancho estava sozinho e aproveitou para fumar. Acho que o pobre acabou por

adormecer.

Tinha razão. Nas últimas fotografias, Nancho aparecia sempre com um cigarro de enrolar nos lábios. Pude contar umas sete imagens em que estavam juntos, e a mudança de Nancho ia-se tornando cada vez mais evidente.

– Permite-me que tiremos do álbum todos as fotos em que o Nancho aparece? Prometo-lhe que depois as voltamos a colocar no seu lugar correspondente.

– Avance, avance... depois ordenamo-las – incentivou-me.

Pus as sete fotografias, lado a lado, em cima da mesa de centro da sala, depois de afastar o prato com os bolos.

A mudança de Nancho não só era evidente como era preocupante. Ao longo dos meses tinha emagrecido, rapado o cabelo, e usava o mesmo casaco de ganga da Levi's com a gola de pelo, como o seu amigo. Nas últimas imagens, a sua atitude mudara tanto que custava reconhecê-lo em relação à primeira. Ria-se com o resto dos jovens, conversava com algumas raparigas de minissaia com uma expressão de conquistador barato, noutras abraçava o amigo com umas cervejas e o sempre eterno cigarro na boca.

“Caramba, é um camaleão”, pensei, assustado.

Não se tratava apenas de mimetismo social, havia algo de muito patológico na transformação de Nancho. Não só se tinha adaptado ao que o rodeava. Imitara, escolhera um corpo, uma identidade e... talvez depois o tivesse substituído, transformando-se num hóspede daquele corpo queimado.

Virei todas as fotografias. Felizmente, algumas delas tinham vários nomes apontados na parte de trás. Passei-as ao homem mais velho.

– Consegue lembrar-se do nome do estudante de jornalismo?

– Vamos ver – disse, pondo os seus óculos grossos. – Mario, é esse. Aqui o tem: Mario Santos.

“Como?”

– Desculpe, disse Mario Santos? – repeti, incrédulo. – Acha que me consegue dar a sua ficha completa, com todos os dados pessoais e número de bilhete de identidade?

Mario Santos, como o jornalista do El Correo Vitoriano? Não podia ser, tinha de ser outro. Mario era o homem mais calmo e amável do...

“Tal como o Nancho”, pensei.

“Tal como o Nancho.”

Um especialista em perfis reconhece aquele momento sagrado: quando o perfil teórico encaixa numa pessoa concreta no mundo real, quando se adapta ao milímetro às costuras do fato que desenhou na sua cabeça depois de ter tirado várias notas ao analisar os seus crimes.

Tive o meu momento de epifania com sete fotografias que estavam à minha

frente numa mesa de centro dos anos setenta e a farinha de uns bolos indigestos ainda na garganta.

“Tal como o Nancho.”

Custou bastante ao dono da pensão encontrar os registos dos hóspedes daqueles anos. Gurdava-os em centenas de arquivos mais pequenos e tivemos de ver e rever milhares de fichas até encontrarmos a que correspondia a Mario. A Mario Santos Espinosa, nascido a 6 de abril de 1971. A foto da ficha não se parecia muito com o Mario Santos adulto que agora conhecia.

Contudo, quando olhei de novo para a última fotografia de Nancho na pensão, já mais magro e com o cabelo cortado a pente zero, o sangue gelou-me nas veias. Porque ali, sim, via o mesmo Mario Santos com quem tinha convivido tanto nos últimos anos. Um Mario de vinte anos, ainda ruivo. Menos homem, com os ombros mais estreitos e uma estrutura facial menos moldada, mas reconheci as sobrancelhas retas, a curta distância entre os olhos castanhos...

Era ele, tinha sido sempre ele. Nancho Lopidana desafiara as ordens de exílio dos seus irmãos e regressara a Vitoria com outra identidade. Há mais de vinte anos que dirigia, na sombra, os editoriais do jornal de cabeceira dos vitorianos e enviava as fotografias mais polémicas ao jornal rival.

O seu trabalho dava-lhe acesso a todos os edifícios históricos; a sua maneira calma e a sua aparência pouco ameaçadora permitiram que se aproximasse de todas as suas vítimas.

Pelo amor de Deus, até a mim me tinha utilizado, ganhando pacientemente a minha confiança, sem me pressionar nunca.

– Sabe, penso que tinha razão – disse por fim ao homem mais velho, fingindo uma calma que não sentia de todo. – Penso que tinha toda a razão em suspeitar do desaparecimento de Mario Santos. Vou tratar de corrigir esse erro policial, mas para isso preciso destas fotografias e da ficha de inscrição como provas. Tenho a sua permissão para as levar oficialmente?

– Claro, filho. Em troca, peço-lhe que assim que terminar a sua investigação se lembre de mim e me ligue a contar o que aconteceu exatamente. Há muitos anos que penso nisso e dou voltas à cabeça.

– Está combinado. – Dei-lhe um aperto de mão, como fazia com o avô. – Não faltarei à minha palavra.

Conduzi de regresso a Vitoria com a minha pilha de fotografias, nervoso, com a cabeça a mil.

Mario? Mario Santos?

Usando o sistema mãos livres, liguei para Estíbaliz e pu-la a par de tudo.

– É um camaleão, Esti. O Nancho Lopidana fingiu ser outra pessoa durante décadas, como raio é que íamos perceber que ele agora é o Mario? Podia ser

qualquer pessoa. Já tens os envelopes que enviava para a redação do El Diario Alavés?

– Sim, já os fui buscar e pus a subcomissária a par. Foram enviados para o laboratório de Bilbao para ver se algum deles contém vestígios de saliva ou se podemos identificar a sua impressão genética. Vai demorar alguns dias, mas neste momento seria perfeito para ligarmos Mario Santos ao caso, se encontrarmos alguma coincidência.

– Eu sei, Estíbaliz. Eu sei. Quero que entres na base de dados e confirmes se Mario Santos Espinosa, o jornalista que conhecemos, tem o seguinte número de bilhete de identidade. Aponta.

Ditei-lhe o número do documento que aparecia na ficha de registo amarelada da pensão e ouvi a minha colega a bater no teclado com fúria. Faltavam cerca de vinte minutos para chegar a Vitoria. Queria voar, acabar com aquilo de uma vez por todas, mas mantive-me prudente dentro dos limites de velocidade.

– Caramba, é ele mesmo, Kraken! – disse a minha colega. – O Mario Santos que conhecemos tem esse número de bilhete de identidade. Mas não compreendo, como conseguiu mudar a impressão digital na identificação do verdadeiro Mario Santos?

– O Nancho deve ter comprado um bilhete de identidade falso em nome de Mario Santos no mercado negro, com a sua foto e impressão digital. Depois, ao renová-lo, tornou-o legal – respondi-lhe.

Há vinte anos, os serviços públicos não tinham o sistema tão digitalizado como atualmente, era possível que ao renovarem o cartão tivessem substituído a antiga impressão digital do verdadeiro Mario pela nova de Nancho sem que o sistema informático detetasse qualquer irregularidade. Numa cidade como Pamplona, renovam-se tantos documentos de identificação por dia que os funcionários não teriam reparado em cada uma das impressões digitais na hora de as renovar. Só um especialista em dactiloscopia pode afirmar que duas impressões digitais são idênticas quando encontra pelo menos doze relevos ou altos iguais, as famosas minutias. Mas nenhum arquivo de identificação tinha, na época, um técnico para examinar todas as renovações do bilhete de identidade.

– Sim, mas arriscou-se – insistiu a minha colega.

– O Nancho vivera toda a sua vida sem documentos, sem poder fazer um único procedimento oficial ou participar na vida administrativa como qualquer um de nós. Para ele, usurpar a personalidade do verdadeiro Mario Santos trazia-lhe muitas vantagens: tinha cédula de nascimento, matrícula na universidade, contas correntes e o dinheiro do verdadeiro Mario... um passado com documentos. Por isso não voltou a usar a identidade de Nancho Lopidana depois de concluir o liceu. Ajudou-o a adquirir uma educação básica, mas já não

precisava disso. Muito menos tendo em conta que qualquer pessoa o podia ligar ao incêndio em que morreram todos os membros da família Lopidana. E de novo um incêndio na pensão... Demasiado fogo em seu redor, e ele a conseguir sobreviver sempre, não achas?

– Agora percebo por que razão o cadáver do estudante da pensão não tinha impressões digitais e o rosto estava todo queimado – disse Estíbaliz. – Se foi capaz de fazer isso a um amigo, imagina o que não seria capaz de fazer a desconhecidos.

– Temo que todos nós tenhamos sido testemunhas do que o Nancho é capaz de fazer – disse, reprimindo a aversão que senti ao pensar no Mario que conhecia a despir a minha cunhada e a colocar-lhe abelhas assassinas na boca. – Esti, vai montando todo o dispositivo policial para o prender. Procura-o na redação do El Correo Vitoriano ou em casa dele. Vai com uma patrulha, vão armados. Vou informar a subcomissária para que o juiz emita a ordem de prisão. Precisamos de uma confissão ou de uma prova física que o ligue a algum dos assassinios. Talvez se possam rever os casos antigos de Izarra e de Pamplona. Foram os seus primeiros crimes, não me parece que nessa altura usasse luvas ou fosse tão cuidadoso como agora. De qualquer maneira, se é assim tão frio e anda há vinte e sete anos a executar uma vingança, duvido muito que lhe consigamos arrancar uma confissão espontânea. Deve ter muitos mecanismos de controlo mentais.

“O covil da besta”, pensei. “Precisamos de encontrar o covil da besta.”

O lugar para onde os levava, onde os matava, e os preparava para a sua parafernália macabra. Não podia ser em Vitoria, Mario tinha de ter outras propriedades perto.

Olhei para o relógio do carro: já era meio-dia. Alba teria ido almoçar a casa, por isso liguei-lhe para o telemóvel. Estava desejoso de lhe contar tudo, e também de falar com ela e de lhe dar a notícia. Para que aquela tensão, aquele pesadelo, aquela nuvem escura a pairar sobre as nossas cabeças desde que nos conhecemos, finalmente se dissipasse, porque era um peso demasiado grande.

– Alba, já sabemos quem é! – exclamei, sem me conseguir controlar. – Sabemos quem é o assassino. Temos imagens do Nancho Lopidana de Pamplona, e da sua mudança de identidade. Ele não morreu, Alba. O tipo não morreu. E os envelopes que enviou à redação do El Diario Alavés podem dar-nos o ADN que o ligue definitivamente ao caso.

– Inspetor Ayala, acalme-se, por favor. Neste momento estou a almoçar em casa com a minha família. – Aquele “a minha família” caiu-me que nem uma bomba. Sabia que era um aviso de que não estava sozinha e de que não podia falar, mas a palavra “família” custou-me a engolir e desconcentrou-me do que lhe queria dizer.

– De acordo, mas trata-se de algo muito urgente – respondi, contrariado.

Nesse momento, recebi outro telefonema. Era o número que MatuSalem usava para me ligar.

Oxalá.

Oxalá me trouxesse boas notícias e tivesse localizado Ignacio.

– Vou ter de desligar, chefe, tenho outra chamada em espera que preciso mesmo de atender. Depois explico-lhe, depois explico-lhe tudo. Mas chego a Vitoria daqui a menos de vinte minutos e espero encontrá-la na esquadra, pois é preciso pôr em marcha um operativo policial para caçar o assassino.

Treviño

Quinta-feira, 18 de agosto

Pela primeira vez, a voz de MatuSalem deixava transparecer o seu nervosismo, o que não era habitual nele.

– Kraken! Tenho sinal, tanto o telemóvel como o chip do Ignacio indicam a mesma zona. Tentei delimitar a área, mas é demasiado ampla. Não sei se vais conseguir trabalhar com isto.

– Nesta altura do campeonato, posso trabalhar com qualquer coisa que me consigas arranjar. Quão ampla é a zona?

– Cerca de cinco quilómetros quadrados.

– Tens razão, é ampla, sobretudo se for uma zona urbanizada, mas o que se pode fazer? Diz-me que zona é e envia-me depois uma mensagem com as coordenadas.

– Fica a sul de Vitoria, em Treviño.

– Em Treviño?

– Sim, a seguir ao porto de Vitoria. Na verdade há poucas vilas naquela zona. Uzquiano, Ajarte, Aguillo, Imiruri, San Vicentejo...

– San Vicentejo? – repeti.

“A ermida. Tinha sequestrado o Tasio e o Ignacio e levava-os para a ermida de San Vicentejo.”

Fazia todo o sentido. Na vila estavam registados apenas quatro moradores muito mais velhos, só havia duas casas habitadas e nenhuma delas dava para a ermida. Mario podia muito bem ter chegado na carrinha do jornal com as vítimas já drogadas e tê-las levado para a ermida. Possivelmente tinha guardado uma chave desde a altura em que ajudou a restaurar a igreja, na sua juventude. Ali podia despir as vítimas, fazer com que bebessem o veneno de teixo e meter-lhes as abelhas na boca sem ninguém o incomodar.

– Envia-me essas coordenadas, MatuSalem. Quer-me parecer que acabas de devolver o favor ao Tasio.

Desta vez pisei a fundo no acelerador e cheguei à sede de Lakua antes daquilo que o senso comum e os semáforos permitiam. Corri escada acima desejando que Alba já tivesse chegado.

Abri a porta do seu gabinete sem bater.

– Subcomissária, já sei onde...

Mas estava a falar para um gabinete vazio, porque Alba ainda não tinha regressado à esquadra.

Fechei a porta, desiludido, e fiquei parado no corredor, tentando decidir se era conveniente ligar-lhe de novo.

Nesse momento, Pancorbo passou por mim e parou à minha frente.

– Estás à procura da subcomissária? Ainda está a almoçar. O Mario, o seu marido, veio cá buscá-la há duas horas.

– Desculpa, disseste Mario?

– Sim, Mario Santos, o do El Correo Vitoriano. Não sabias que é o marido da nossa subcomissária?

– Mario Santos? – consegui balbuciar.

“Então eras tu, o homem invisível”.

Então eras tu.

– Sim, ela é muito discreta em relação a isso, pois não quer que se saiba. É normal, muitas pessoas podem pensar que ela pode ter favoritismos na altura de informar os meios de comunicação social. Penso que faz bem em não dizer nada. Já sabes como as pessoas gostam de falar mal.

– E tu, como é que ficaste a saber? – perguntei. Tive de me apoiar na parede e respirar fundo.

– Há anos que eu e o Mario nos damos bastante bem. Também foi ele quem acompanhou o caso dos duplos crimes há vinte anos, era o meu homem na imprensa. Sempre foi bastante correto em todos os artigos que escreveu, nunca dizia nem uma palavra que não devesse. A verdade é que o considero um amigo – disse, preocupado ao ver a minha expressão alterada. – Estás bem, Ayala?

– Um amigo... tal como eu, Pancorbo. Eu também o considerava um amigo. Mas temos motivos para acreditar que o Mario Santos é o assassino.

Ficou a olhar para mim, incrédulo.

– Isso é impossível, ele não... – disse, ao mesmo tempo que dava um passo atrás.

– Não, tens a certeza? Olha, não temos tempo para isto. Vou continuar a tentar localizar a subcomissária. Avisa o juiz Olano e pede uma ordem de prisão para Mario Santos, e outra para fazermos uma busca em casa dele. Envia tudo para o

email da inspetora Ruiz de Gauna. Ela já lá vai estar com uma força policial.

Pancorbo reagiu mais depressa do que esperava.

– Feito! – disse, descendo escada abaixo assim que parei de falar.

Passei pelo meu gabinete, peguei na minha arma, num colete antibalas e saí apressado.

Dirigi-me para o Patrol que estava no parque de estacionamento da esquadra e voltei a marcar o número de Alba.

– Vá lá, atende. Não me faças isto... – murmurei para um telemóvel que me respondia apenas com o som da chamada.

Saí para sul, em direção à rua de Peñacerrada, evitando algumas rotundas e voando pelo porto de Vitoria.

– Vamos, Alba! Tens de atender.

Mas o telemóvel de Alba continuava a chamar até que me desligou.

“És tu ou é o Mario?”

Quem é que me desligou o telefone?

Não fazia sentido que tivesse sido Alba.

Pisei a fundo o acelerador e quase passei o pequeno desvio à esquerda que ia para San Vicentejo.

As rodas derraparam um pouco na gravilha cinzenta do asfalto, mas consegui controlar o veículo pesado. Acho que se estivesse simplesmente a dar um passeio, o carro teria derrapado e eu acabaria por me estampar contra os arbustos da direita.

“Calma, Unai. Não percas o controlo agora”, ordenei a mim próprio.

Mas não me sentia calmo ou relaxado. De todo.

Estacionei ao pé dos contentores amarelos e azuis que estavam no caminho e saltei por cima da frágil cerca de madeira, com a pistola na mão e o colete à prova de balas vestido.

Sabia que não era seguro ir sozinho, sabia que devia ter dado o alerta e esperar que Estíbaliz aparecesse com uma patrulha.

Cheguei à sólida porta de madeira, cravejada de quadrados de metal que já ali estavam há milhares de anos e que tinham sido colocados por algum vizinho dos meus antepassados.

Como diabo ia entrar ali?

Não levava comigo um aríete, e mesmo que o tivesse feito, precisava de um mandado que nenhum juiz assinaria para destruir um monumento histórico. Precisava de pedir uma chave, talvez ao senhor Tiburcio, se bem que estava com tanta pressa que nem me tinha lembrado disso.

Dei a volta ao edifício, a espumar de raiva, e reparei nas três janelas estreitas da abside. Estavam a mais de dois metros de altura, mas por elas entrava luz

suficiente para iluminar o pequeno interior. Se havia alguém lá dentro, tinha a certeza de que o veria.

Por isso voltei para o Patrol, subi com ele o pequeno monte onde se situava a ermida, estacionei-o paralelamente à abside e subi para o tejadilho do carro.

Olhei para cima e senti um calafrio. A poucos centímetros da minha cabeça encontrava-se o pequeno relevo do casal misterioso, o homem e a mulher deitados que se consolavam com a mão na face um do outro.

Foi ali que tudo começou na mente de Mario, ali ia acabar tudo para ele.

Mas quando finalmente consegui espreitar pelos vidros para o interior claro do templo, descobri que não havia lá ninguém.

Os quatro bancos da igreja e o pequeno altar de pedra, nada mais.

Fiz malabarismos para conseguir espreitar pelas outras duas janelas, mas sabia que ali não havia nada para ver. A ermida estava vazia.

Se o gps de Ignacio indicava aquela zona, onde é que estaria escondido exatamente?

Desci do tejadilho do carro e entrei, quando me apercebi de que não estava sozinho.

– Avô, pelo amor de Deus! Que susto me pregaste! O que fazes aqui?

O avô encolheu os ombros, sentado no banco do copiloto e apontou para a torre de Ochate.

– Trouxe-me o Feliciano, de Imiruri. Filho, acho que já sei onde fica o covil do lobo.

Ochate

Quinta-feira, 18 de agosto

“O covil do lobo”, repeti para mim próprio.

– Lembras-te de que os vizinhos de Imiruri andavam a ver luzes à noite em Ochate? – disse-me, e a sua voz tranquila acalmou-me naquele momento. – Estive a perguntar-lhes e também viram luzes há vinte anos, quando o lobo começou a matar. Não eram ovnis nem nada disso, Unai. Eram os faróis do carro desse desgraçado, a percorrer estas estradas. Tem de ser em Ochate.

– Em Ochate, avô? Não me parece. Lá não há nada. Aquele local ficou completamente abandonado em 1934. Olha só a torre da igreja, não há qualquer luz elétrica por perto. Não há luz. Não me parece que o assassino escolha um lugar sem luz e sem água.

– Para ter água há o rio Goveloste – retorquiu o avô – e muitas cabanas nesta zona têm um pequeno gerador de eletricidade. Anda, arranca de uma vez. Quando o alcatrão acabar, temos de seguir por um caminho de cabras que eu conheço.

– Avô, estou no meio de uma operação complicada. Não podes estar aqui, é perigoso.

– Já vi mais armas a serem disparadas do que tu vais ver em toda a tua vida, filho. Vou contigo até Ochate, ajudo-te a encontrá-lo e volto a Imiruri pelo caminho de terra batida. Sabes que conheço o monte melhor do que tu.

A verdade é que não punha os pés naquele local-fantasma desde criança e não tinha a certeza de como lá chegar; também sabia que o meu avô tinha mais bom senso do que toda a minha unidade junta, e só por isso deixei que continuasse no lugar de copiloto, e arranquei na direção para onde o seu dedo estendido indicava.

– Promete-me que depois saís dali a correr, avô. Promete-me.

– Quais promessas nem meias promessas, filho. Dei-te a minha palavra. Isso basta.

Nisso tinha razão. No seu tempo, os acordos firmavam-se com um aperto de mãos e ele nunca faltou à palavra dada.

Olhei em frente. O terreno que se estendia diante de mim era composto por pedaços de trigo já colhidos, fardos de palha nas margens do caminho e uma encosta que o veículo subiu sem dificuldade. Andámos cerca de trezentos metros até um armazém e vimos que a estrada de asfalto terminava ali. Havia uma bifurcação com um caminho de terra batida à direita e um trilho que praticamente desaparecera sob as ervas daninhas à esquerda.

– É pela direita – disse o avô.

Obedeci-lhe e optei por deixar o carro escondido atrás das últimas árvores que encontrei, umas aveleiras silvestres. Saímos e aproximámo-nos da torre de Ochate, um pequeno campanário sem sino, que era a única coisa que restava da antiga igreja de San Pedro de Chochat. Havia grafítis obscenos desenhados, bem como pentagramas satânicos pintados com spray e pouco mais. Diante da torre viam-se apenas as ruínas do que deviam ter sido duas casas da povoação. Restavam apenas parte das paredes da frente, sem telhado; eram pequenas e aproximei-me do retângulo interior de uma delas, mas estava cheio de urtigas já crescidas.

– Aqui não há nada, avô – disse, voltando-me para ele.

– E por trás daquele declive? Parece-me ver um telhado de alumínio – disse, apontando para este.

Aproximámo-nos em silêncio. Por trás de um promontório, vimos um edifício antigo praticamente em ruínas, com um pequeno muro feito de pedras, o telhado de alumínio que se via do caminho e o edifício principal, parcialmente em ruínas, mas suficientemente grande para abrigar vários quartos. Tinha dois andares e as janelas já não tinham vidros, mas a porta principal era de alumínio moderno, um pormenor que não batia certo numa povoação abandonada há oitenta anos.

– Agacha-te melhor, avô. Aquilo é uma carrinha?

Não tinha a certeza, mas por trás de uns álamos que bordejavam o rio, em direção a Aguillo, pareceu-me ver as formas retas de um veículo branco.

Aproximámo-nos da casa, andando agachados, e quando estávamos a cerca de dez metros de distância, o avô soltou uma imprecisão.

– Chiu... – mandei-o calar, virando-me para ele zangado.

– O raio da abelha. E não é que me picou, a filha da... – murmurou o avô, agarrando na palma da mão.

– Uma abelha?

Virei-me e vi o ferrão espetado na pele rugosa do avô. Que louca, se pensava que ia sobreviver.

– Parece que há mais, e que estão bastante zangadas – disse, enquanto fazia uns sons para afugentar as várias que esvoaçavam sobre as nossas cabeças.

“Abelhas zangadas, espero que não esteja a usá-las com a Alba neste preciso momento”, implorei à deusa Mari, a Urtzi e a todas as divindades bascas.

– Avô, acho que é esta a casa. Chegou o momento em que tens de ir embora. Vemo-nos de novo em Villaverde.

– Vou obedecer-te, não te preocupes. Também acho que este é o covil do lobo. Mas lembra-te de uma coisa, filho: uma vez lá dentro, tens de ser o animal mais inteligente do monte, está bem? – ouvi a sua voz dizer nas minhas costas.

– A que animal te referes, avô? – perguntei, enquanto dava meia-volta, sem compreender a que se referia.

Mas quando me virei para trás, o avô já lá não estava. Dei um salto, assustado, e procurei em todas as direções, mas não havia rasto dele.

Não podia ser, o avô não fazia ruído e há quase um século que caminhava por aqueles montes, mas não era humanamente possível que tivesse desaparecido tão depressa do meu campo de visão.

E se...? E se não fora o avô, mas sim outra partida do meu cérebro? E se aquilo tivesse sido outra alucinação provocada pela droga de Eguzkilore? Lembrei-me de todos os seus antepassados. Se não podia fiar-me no que via e com quem falava, parecia-me difícil sair vivo daquilo.

“Pelo menos ainda sou imune ao Rohypnol”, consolei-me. “Supostamente.”

Não, não me podia fiar naquilo.

O zumbido de outra abelha que me atacou, furiosa, obrigou-me a focar-me de novo.

Tirei a pistola do coldre lateral e aproximei-me mais um pouco, evitando a parede da frente da casa, onde estava a porta nova.

Contornei o edifício e olhei para os buracos das janelas. Podia tentar escalar pela fachada de pedra. A argamassa que antes as unia era quase arenosa, e a estrutura das janelas estava apenas a três metros e meio de altura, mas se Mario estivesse lá dentro e se inclinasse para fora, eu ficava indefeso numa posição tão baixa. Olhei para os meus pés e, a poucos metros de distância, vi uma pequena janela ao nível do solo, como as que havia nas caves e nos txokos, para dar um pouco de luz natural. Agachei-me e calculei que o meu corpo caberia naquele espaço estreito, de modo que me levantei e olhei à volta, mas como não vi ninguém, coloquei primeiro os pés e saí do lado de dentro.

Quando olhei à minha volta, estive prestes a desmaiar.

O quarto onde entrara estava fechado, havia um velho armário de madeira,

mas bem conservado. Uma secretária de escritório com muitas pastas forradas e uma cadeira que parecia bastante confortável. Ao seu lado, um saco grande de ráfia. Aproximei-me do saco e vi vários eguzkilores. Abri-o e contei-os: havia seis. Três para cada duplo crime, de modo que ele ainda tinha mais quatro assassinios planeados. O dos quarenta anos e o dos quarenta e cinco.

Abri o armário e lá dentro encontrei, pendurada em cabides, toda a roupa dos rapazes e raparigas que assassinou. Estava passada a ferro, ordenada como se fosse uma boutique com roupa que ia desde o tamanho de criança até ao XXL. Reconheci entre todas aquelas peças as calças de ganga e a t-shirt branca das festas e o lenço vermelho de Martina.

Ainda cheirava a ela.

Maldito.

Talvez aquela fosse a roupa que ele nunca teve, como se todos nós tivéssemos de pagar pela avareza do seu padrasto.

Dentro do armário encontrei também os telemóveis alinhados das últimas oito vítimas, todos eles desligados. Também estava ali o telemóvel de luxo de Ignacio. Isso fez-me lembrar dos gémeos. Era fácil uma pessoa abstrair-se com aquele festim de provas.

Aproximei-me da secretária e abri as pastas. Eram relatórios da Catedral Nova e do Atrium, o Museu de Arte Contemporânea na rua Francia. Eram os edifícios emblemáticos do século xx. Havia fotografias dos uniformes do pessoal, os seus horários, fotocópias das suas identificações e algumas entrevistas para o jornal onde trabalhava do diretor do museu e do pessoal do Museu de Arte Sacra, que se situava dentro da Catedral Nova.

De modo que aqueles eram os locais onde pensava abandonar os cadáveres. Provavelmente o meu.

Noutra pasta encontrei toda a documentação sobre o caso de Tasio Ortiz de Zárate, incluindo a mais recente. Há meses que Mario sabia que Tasio sairia no dia 8 de agosto de 2016.

Eu conhecia bem os altares dos assassinos em série, a necessidade do psicopata de guardar troféus das suas vítimas para recriar vezes sem conta o momento do crime, como um tique onanista. Mas nunca vira em toda a minha vida um planeador daquele calibre.

Quase me esqueci da situação que estava a viver, fui chamado de novo à realidade porque ouvi um barulho na parede. Alguém estava a bater com uma pedra do outro lado da barriga da baleia.

Segurei na minha arma com ambas as mãos antes de sair e abrir a porta rústica daquele quarto dos horrores. Do outro lado encontravam-se os restos de um pequeno corredor que terminava numas escadas estreitas. Subiam para o rés do

chão, mas o barulho vinha de um dos quartos do fundo. Aproximei-me e, na escuridão, vi uma porta de madeira trancada com um cadeado e uma pesada corrente de ferro. Havia outros quartos sem portas, mas quando passei por eles distingi apenas antigas ferramentas agrícolas abandonadas. Um arado oxidado virado ao contrário, vassouras de milho e pedaços partidos de uma máquina para triturar grãos e de outra para debulhar o milho.

Quando cheguei ao último quarto, vi que a porta tinha uma pequena janela. Puxei a maçaneta de metal com cuidado e o que vi lá dentro gelou-me as veias. Era um palheiro sujo, cheio de fardos de palha retangulares mal empilhados, mas o calor era tanto que o ar que inspirei quase me asfixiou.

No chão consegui distinguir Tasio, ou Ignacio, não sabia dizer: não tinha o bigode da prisão e o cabelo era curto. Parecia estar a respirar, mas encontrava-se num estado deplorável, quase esquelético e vestido apenas com roupa interior. A roupa com que me lembrava de o ter visto da última vez, quando saiu da prisão, estava mais à frente. A famosa Barbour com capuz estava num canto juntamente com outras peças de roupa empilhadas; calças, sapatos, uma camisa azul que adivinhei ser de Ignacio.

O outro gémeo continuava a bater na parede com uma pedra, como se ainda não tivesse dado pela minha presença.

– Shhh... – chamei-o em voz baixa. – Ignacio? És o Ignacio?

– Inspetor Ayala! – sussurrou, e deixou cair a pedra, como se não lhe restassem mais forças.

– O que aconteceu? O que se passa com o Tasio?

Aproximou-se da pequena janela da porta e os seus punhos ossudos aferraram-se às grades.

– Está subnutrido e desidratado – disse, com os lábios secos e gretados. – Está aqui trancado desde o dia 8. Aquele louco ainda não nos quer matar. Quando acho que o meu gémeo está prestes a morrer, vem e dá-nos um pouco de água. Mas isto é como um forno crematório. Chame uma ambulância, não me parece que o meu gémeo consiga sobreviver muito mais horas, e eu vou a seguir.

– Vou ligar à minha colega, está aí a chegar com uma patrulha – murmurei, e marquei o seu número de telefone. – Esti, estou em Ochate. Encontrei o Tasio e o Ignacio, pede uma ambulância imediatamente. Estão há mais de uma semana sem receber praticamente comida ou água. Há uma casa abandonada quando se vem da torre de Ochate para sul, ao lado dos álamos, ao pé do rio. Penso que vi um veículo, mas ainda não sei se o Mario e a subcomissária também cá estão.

– A subcomissária? Como assim? – repetiu, sem compreender.

– São casados, Esti. O Mario é o marido da subcomissária e penso que ouviu a minha conversa quando lhe liguei para a informar de que tínhamos descoberto a

sua identidade. Vem com uma patrulha, mas não deitem abaixo a porta principal, porque se ele estiver cá dentro vai ouvir-vos e pode ser perigoso para mim e para ela. Eu vou...

– Unai, sai já daí! – interrompeu-me. – Espera por nós lá fora, estamos aí daqui a vinte minutos.

– Nessa altura, a Alba já pode estar morta, ainda não inspecionei os outros andares. Vou continuar aqui dentro, a tentar libertar os gémeos. Estamos na cave, num palheiro ao fundo do corredor. Encontrei a roupa das vítimas, relatórios, eguzkilores e outras provas que o incriminam, sem sombra de dúvida. Agora vou desligar – murmurei, e desliguei.

– Tens água? – murmurou Ignacio, impaciente.

– Não, mas o rio está muito próximo, apenas a cento e cinquenta metros daqui. Vou tentar libertar-vos e tu podes sair e guiar-te pelos álamos. Tens força suficiente para arrastar o teu irmão?

– É o meu gémeo, achas mesmo que o vou deixar morrer aqui? Quando me ligou para o telemóvel, em San Sebastián, já sabia ao que vinha e entreguei-me. O Tasio já pagou o suficiente por algo que não fez.

– Muito bem, vou ver se encontro alguma coisa para abrir esta porta.

Entrei no quarto contíguo e saí com o cabo robusto de uma vassoura. Meti o pau no buraco da corrente e comecei a girá-lo, rezando para que a madeira não se partisse. Ignacio observava do outro lado, com o suor a escorrer pela testa.

– Sabes se ele está cá? Refiro-me a ele, ao assassino – perguntei-lhe.

– Acabou de chegar, talvez há meia hora. Ouvi o motor do seu carro, é o mesmo que tem trazido todos os dias. Diz-me, já matou o casal de quarenta anos?

– Não, ainda não, porquê?

– Porque nós somos o casal de quarenta e cinco anos, foi o que ele nos disse. Connosco termina os crimes. Depois de nos tirar tudo: a liberdade, a nossa imagem pública em Vitoria. Depois disso, ia tirar-nos a vida e parar de matar. Disse que pensa ficar a viver em Vitoria a vida toda, como se nada tivesse acontecido.

– É o Mario, não é? – perguntei, a suar, enquanto tentava soltar o cadeado.

– Sim, é o Mario Santos, o jornalista. Como é que íamos imaginar que era ele?

– Ainda não vos disse quem é realmente?

Olhou para mim, confuso.

– Não estou a compreender.

– É o vosso irmão, maldito seja, Ignacio. Tudo isto aconteceu por vossa causa e nem se aperceberam de nada em vinte anos – rosnei, com raiva, sem me conseguir controlar. – A história que o Nancho ou Venancio Lopidana vos

contou no funeral da vossa mãe é verdadeira: eram trigêmeos. O Mario é o rapaz ruivo que expulsaram de Vitoria depois de lhe terem dado uma sova de todo o tamanho.

– Como...? O ruivo? Nem imaginas como aquele dia me marcou, durante anos senti-me pessimamente pelo que fizemos àquele rapaz. Esse foi um dos motivos que me fez entrar para a Polícia, para expiar aquele pecado e não voltar a ser aquela pessoa que espancou outra. E agora estás a dizer-me que aquele pobre rapaz nos contou a verdade e que nós quase o matámos, ao nosso próprio trigêmeo...?

– Ignacio – interrompi-o –, preciso que agora ajas como um polícia. Esquece isso por agora e concentra-te. Diz-me, ouviste a voz de uma mulher? Deve ter vindo com a subcomissária Alba Díaz de Salvatierra. É a sua esposa, penso que a vai sacrificar e...

– Ayala, cuidado! – gritou Ignacio, mas era demasiado tarde.

Senti muito frio no pescoço, a injeção que Mario me deu era muito dolorosa, como gelo a romper as veias.

– Tal como a ti, meu amigo – ouvi a voz calma de Mario nas minhas costas. – Vou sacrificar a Alba e vou-te sacrificar a ti. Anda, sobe. Ela já está pronta.

Tentei alcançar a minha arma, ainda um pouco atordoado pela violência com que me espetara a agulha, mas ele já a tinha tirado do meu coldre e encostou-ma à nuca.

– Sobe, Unai – ordenou-me.

Senti a corrente gelada da droga a descer em catadupa por todo o meu corpo. Não sabia se a droga de Eguzkilore ainda estava no meu organismo e se podia bloquear os efeitos do que ele me acabara de injetar; de qualquer maneira, mais valia fingir. Que efeitos tinha o Rohypnol?

Frio e calor.

Tremi, a roupa sobrava, mas também queimava.

Desorientação.

Tropecei, escada acima. Mario teve de me segurar, como um bom amigo, preocupado para que não caísse.

Perda de força de vontade.

Apesar de obedecer manso como um cordeiro, estava estranhamente consciente de tudo, como se a minha concentração estivesse focada num ponto, como o Aleph no conto de Borges. Todo o Universo dentro de uma pequena bola.

Chegámos a um pátio parcialmente coberto, embora de me tivesse levado para uma zona sem telhado. Mario colocou-se à minha frente, sem deixar de me apontar a arma à cabeça. Estava vestido com um fato de apicultor, luvas e botas.

No pátio havia várias colmeias, mas ainda não tinha localizado Alba.

Até que Mario se afastou.

No chão, a meio do pátio, esmagando a erva silvestre, havia um plástico estendido que ocupava vários metros quadrados de superfície. Em cima do plástico havia dois sacos de cadáveres e em cima dele, o corpo nu de Alba, com uma fita adesiva a tapar-lhe a boca. Estava imóvel, talvez inconsciente, talvez morta.

Aquilo era consciência forense ao mais alto nível. Nem uma única folha, nem um único contacto com o chão. Em pleno monte, Mario tinha encontrado maneira de assassinar de forma tão assética que jamais encontraríamos o menor rasto orgânico relacionado com ele.

– Despe-te imediatamente – disse Mario, com uma voz desapaixonada. Não querias estar com a Alba? Pois ela é toda tua, jovem. Ganhaste-a.

Não queria obedecer-lhe, mas uma parte dos meus músculos, quase involuntariamente, fizeram-no. Despi docilmente o colete à prova de balas e comecei a despertar a camisa e as calças.

Era-me indiferente, era-me indiferente porque o corpo de Alba estava aos meus pés, inanimado, e eu queria deitar-me ao lado dela, ter abelhas na boca e consolá-la com a minha mão na sua face. Esperar que anoitecesse e procurar algum rasto das Perseidas. Talvez esperar assim até ao próximo dia 12 de agosto, até ao dia do meu aniversário que sabia que não iria celebrar.

Então, não sei porquê, lembrei-me do último conselho do avô: “Sê o animal mais inteligente do monte.” E a lembrança daquela cobra apareceu-me nitidamente na cabeça. Aquela cobra que fingira estar morta, enrolada, no meio do caminho das Três Cruzes. Mas eu não conseguia ficar parado e fingir estar morto. Só conseguia obedecer à voz de Mario.

O que tinha aquela droga para ser capaz de conquistar o meu organismo?

Dificuldade em falar e mover-me.

Queria continuar a despir-me e acabar com aquilo de uma vez por todas, mas os membros já não me obedeciam, mal pude despir os boxers pretos com a intenção de me deitar nu ao lado de Alba.

As paredes giravam, mas devia restar um pouco do meu senso comum ou instinto de sobrevivência, porque um Unai que chegou do meu subconsciente tentou, quando Mario se aproximou, tirar-lhe a arma.

Penso que o meu peso foi suficiente para o fazer cair para trás, mas ele disparou sobre mim. Disparou ao mesmo tempo que me pareceu ver o cabelo ruivo de Estíbaliz a disparar sobre ele a partir da janela partida do primeiro andar.

Foi aterrador ver um tipo tão normal, tão afável, tão educado e boa pessoa

apontar para a tua cabeça e disparar. Uma pessoa espera isso de um homem desagradável, com feições terríveis e um comportamento ameaçador, mas Mario, com a sua normalidade, nem sequer disparou sobre mim a sangue-frio. Disparou como respirava, como tomava um café, como devia fazer amor com Alba. Era mais um ato na sua natureza tranquila, serena e plácida. A mesma que seduzira a mulher que eu amava, a mesma que morria ao meu lado, olhando para um céu sem Perseidas.

Penso que me lembro do barulho da arma a disparar.

Depois, no meu cérebro ferido, tudo foi escuridão e silêncio.

Santiago

Sábado, 27 de agosto

Não houve gritos, não houve aplausos, não houve histeria.

Uma cidade com treze centros cívicos e duzentos e quarenta e cinco mil habitantes não ia perder a compostura.

Durante a manifestação que se organizou no dia antes de me desligarem das máquinas, o silêncio fez-se ouvir.

Os vitorianos deram as mãos e formaram uma cadeia humana que começou na Catedral Velha, continuou pela Casa do Cordón, subiu até às arcadas da igreja de San Miguel, atravessou a rua Dato, contornando o Caminhante e acabou aos pés da porta da minha casa, o número 2 da praça da Virgen Blanca, onde durante aquela semana cidadãos anónimos tinham deixado velas e ramos de flores.

Vários helicópteros de canais internacionais de televisão registaram no céu índigo vitoriano o rosário de pequenas velas que os meus vizinhos acenderam em uníssono. Devia ser uma visão incrível do céu, embora eu ainda não estivesse lá para ver.

Nem pouco mais ou menos.

Alguém que me conhecia muito bem, provavelmente Estíbaliz, falou mais do que devia e contou que a minha canção favorita era *Abrazado a la tristeza*, de *Extrechinato y tú*, e por isso nos altifalantes da minha praça começou a ouvir-se a primeira estrofe que eu repetira milhões de vezes:

Saí à rua abraçado à tristeza,
Vi o que ninguém vê e tive vergonha e pena.
Os prantos desconsolados que estrangulam as gargantas,
Os idosos encurvados, parece que a terra os chama.

Para o imaginário popular da cidade, o avô não se separou de mim nem por

um instante, não comeu, não dormiu, nem sequer bebeu água, tanto que os médicos achavam que aquele homem tinha criado raízes e que ninguém o conseguiria arrancar do hospital.

Deixem-se de tretas – limitava-se a dizer de cada vez que um alto representante da hierarquia do Hospital de Santiago tentava, sem sucesso, chamá-lo à razão.

Ele passava as noites a contar-me histórias que já me relatara milhares de vezes desde que eu era criança. A do padre que ia às prostitutas e que se esqueceu do guarda-chuva no bordel de Logroño, ou a dos primos de Teruel que reconheceram a voz um do outro enquanto disparavam nas trincheiras do grupo contrário durante a guerra civil, e proibiram o avô e os outros membros da sua companhia de dispararem sobre os seus parentes, sob ameaça de morte...

Mas eu estava a ir por um caminho muito mais negro, não vi uma luz branca a chamar por mim, estava tudo escuro e a anestesia protegia-me de não morrer puramente de dor. Não vi os meus pais, e como gostava de os ter visto, de me despedir deles, que me conhecessem em adulto. Contudo, no vazio da morte não havia ninguém. Apenas eu e uma sensação aterradora de solidão e de que aquilo era irreversível.

Se bem que o avô não estava assim tão convencido. Conhecia a Morte bastante bem, conviviam há um século e permitiu-se fazer-lhe uma última partida.

No dia em que Germán chegou a Villaverde e lhe contou, com a voz destrocada, que acabavam de me dar um tiro na cabeça e que eu estava em coma com uma bala incrustada no cérebro, que se acordasse seria um vegetal e que os danos seriam permanentes, o meu avô saiu a correr para a horta com um cesto para colher maçãs.

Chegaram ao Hospital de Santiago, e Germán teve de dar o melhor de si como advogado para que os deixassem entrar com a cesta cheia de maçãs, uma navalha e um cordel.

Quando o deixaram sozinho comigo, despiu-me, cortou as maçãs em quatro quartos e esfregou-as pelo meu corpo todo, deixando naquela sala assética com monitores e cabos um persistente cheiro a cidra.

Depois pediu a Estíbaliz que o levasse de novo para Villaverde. Já era de noite, mas a lua era suficiente. Nem lanternas nem nada disso. Voltou de novo à horta e começou a cavar uma campa com a forma e as medidas do meu corpo.

De seguida sentou-se e começou, pacientemente, a dar nós nos quartos das maçãs até elas ficarem de novo maçãs inteiras. Por fim, colocou-as no buraco da minha campa e tapou-as com terra.

Deu meia-volta e calculou que daí a dez dias já teriam apodrecido. Tinha

deitado terra muito húmida em cima delas.

– Podem apodrecer depressa, o meu neto não tem muito tempo – disse-lhes, e subiu para o carro de Estíbaliz de regresso a Santiago.

Passados dez dias vi um caminho aos meus pés, rodeado de macieiras da horta do avô, e segui-o. No nada sentia-me bem, calmo, sem pressões, sem pressa, penso que em paz, mas quando o caminho se desenhou a meus pés, soube que tinha de regressar.

Laguardia

Domingo, 28 de agosto

Quando acordei, o meu avô agarrava a minha mão com as suas mãos fortes de gigante. Germán dormia com a cabeça em cima dos lençóis. Estíbaliz estava aos pés da cama. Observei-a durante algum tempo, enquanto ela dava voltas como um felino e esperei que as imagens ficassem quietas e que a névoa clareasse diante dos meus olhos.

“Acho que estou vivo”, tentei anunciar-lhes, mas as palavras não me saíram da boca.

Por alguma razão, a minha boca não me obedeceu e não se abriu.

Não consegui pronunciá-las.

Tive um momento de pânico, que mais estaria mal, que mais não funcionava? Mexi as pernas, aterrado, temendo ter ficado paraplégico. Mas não, elas obedeceram, moveram-se. Deitei a cabeça para trás, aliviado.

Penso que chorei, de mansinho, sem fazer barulho. Penso que chorei, mas não posso ter a certeza, ainda não controlava o corpo pós-disparo. Mexi a mão que estava entrelaçada com a do avô, e isso despertou-o.

Quando se apercebeu de que tinha os olhos abertos, acordou por completo, ajeitou a boina e apertou-me a mão sem medir a força.

– Caramba, que demoraste a regressar, lobinho – limitou-se a dizer, e engoliu em seco. Olhei para os seus olhos quase centenários, e vi-os aliviados e felizes. – Trouxe-te o amuleto da serra, para o caso de o quiseres conservar.

Assenti e segurei-o na mão. Apesar de os seus pequenos picos me magoarem, apertei-o um pouco mais para medir a minha força.

Afrouxei quando senti demasiada dor, mas nunca fiquei tão feliz por senti-la.

Germán também acordou, trepou para a cama e abraçou-me sem se conter.

– Não me voltes a fazer isto – murmurou-me ao ouvido, molhando-me a orelha com as suas lágrimas.

Estíbaliz correu para a parte lateral da cama, tocou num botão em cima da minha cabeça e soou um alarme um pouco incómodo.

– Mesmo a tempo, Unai. Iam hoje desligar-te das máquinas.

“Não será preciso”, ia dizer, mas mais uma vez fui incapaz de pronunciar aquelas poucas palavras. Durante uns segundos entrei em pânico, olhámo-nos nos olhos, penso que ela percebeu.

– Calma, Unai. Não te esforces, os médicos achavam que não ias acordar, mas avisaram-nos de que se saíesses do coma, ias ter sequelas na fala. A bala ficou incrustada na área de Broca, mas conseguiram tirá-la. Cirurgia de ponta, mas ainda tens um longo caminho de recuperação a percorrer, meu amigo.

Olhei para ela, horrorizado. O avô e Germán apertaram-me a mão, era a sua maneira de me dizerem, uma vez mais: “vamos sair desta”.

– Trouxe-te isto – disse Esti, solícita, ao mesmo tempo que me estendia um tablet aberto na edição de texto. – Tenta escrever o que estás a pensar.

Agarrei no tablet e tentei escrever, preocupado. O que mais teria ficado defeituoso?

Felizmente, as ligações sinápticas entre o meu cérebro e os meus dedos estavam intactas.

O que aconteceu ao Mario, aos gémeos, à Alba, a todos?, escrevi, e mostrei o tablet à minha colega.

– Ao Mario, disparei-lhe na cabeça quando vi que estava a disparar sobre ti, morreu de imediato. O ADN da saliva que extraímos dos envelopes do El Diario Alavés correspondia ao seu. No santuário de provas que construiu em Ochate, também encontrámos vestígios biológicos dele. O juiz decretou a reabertura dos casos dos incêndios de Izarra e da pensão de Pamplona, bem como a revisão dos oito crimes pelos quais o Tasio foi preso.

E o Tasio, escrevi.

– O Tasio está mal, Kraken. O Mario raptou-o mesmo no dia 8 de agosto e a desidratação extrema a que o submeteu durante dez dias deixou-lhe mazelas. Em duas ocasiões os seus órgãos já estiveram à beira de falhar. O Ignacio trouxe os melhores especialistas do mundo, mas está em estado crítico. Ele recuperou primeiro e está fora de perigo.

Peguei no tablet, olhei para o teclado. Eram quatro letras, mas custava-me muito escrevê-las. Não sabia se estava demasiado frágil para confirmar a notícia da morte de Alba. Talvez por isso, Estíbaliz ainda não a tivesse mencionado.

– Filho, preciso de comer alguma coisa, posso deixar-vos sozinhos? – interrompeu-nos o avô.

Assenti com a cabeça, ainda não me tinha dado conta das suas olheiras. Germán beijou-me a testa de uma forma bastante humilhante para o fazer em

público e acompanhou o avô. Ambos tinham perdido vários quilos.

“Meu Deus, o que foi que lhes fiz”, pensei, sentindo-me culpado. De seguida, eu e Estíbaliz ficámos sozinhos.

Vem, preciso de um abraço, escrevi-lhe.

– Claro que sim. – Ela suspirou, subiu para a estreita cama de hospital, deitando-se a meu lado, e abraçou-me com o seu corpo pequeno. Era a mulher que me tinha salvado a vida, talvez em mais do que um sentido.

O que aconteceu à Alba?, atrevi-me a escrever passado algum tempo.

– A história da nossa chefe foi alucinante. Alucinante, Unai.

Olhei para ela, expectante, sem compreender.

– O cabrão do marido injetou-a com Rohypnol assim que chegaram a Ochate, a seguir meteu-lhe as abelhas na boca e tapou-a com fita adesiva. Foi então que ouviu barulho no andar de baixo e abandonou-a no pátio quando viu que já estava quieta, dando-a por morta, e foi à tua procura. Mas, Alba tinha-as mastigado, Kraken. Ela mastigou as abelhas assim que lhe entraram na boca, antes que o Rohypnol lhe anulasse a vontade. Uma delas picou-a na língua antes de morrer e a outra na parte de dentro dos lábios, mas nenhuma chegou a passar viva para a garganta e por isso não morreu asfixiada. Quando o Mario voltou contigo, a subcomissária continuou a fingir que estava morta.

“Então foste tu o animal mais inteligente do monte”, pensei.

Estava viva.

Alba estava viva.

Estíbaliz suspirou e levantou-se.

– Ela própria pôs o seu cargo à disposição dos seus superiores para apurarem responsabilidades, mas nem o juiz nem o comissário encontraram indícios de que era cúmplice do marido. Pensam que o Mario Santos, ou na verdade o Nancho Urbina, a utilizou para seguir de dentro as investigações e tê-las controladas. Pediu uma licença. Foi-se embora de Vitoria. A última coisa que sei é que se instalou de novo em Laguardia, apesar de não estar no ativo.

Veio visitar-me?, escrevi.

– Acho que não.

Tudo bem, não te preocupes. É melhor assim, escrevi, mas não o sentia.

– Dá-lhe tempo, Unai. Não só perdeu o marido como esteve casada com o pior assassino da nossa história, que esteve a ponto de a matar, e a ti também, já agora. Tem muito para digerir.

Não pude deixar de concordar com a minha colega.

Tínhamos muito para digerir.

De modo que assim que me deram alta do hospital, instalei-me em Villaverde, com o avô e Germán, e deixei que o tempo se encarregasse de ordenar a

desordem do meu cérebro avariado.

San Tirso

Segunda-feira, 24 de outubro

Passei o final do verão bastante aturdido, seguindo as rotinas da horta que o avô me mandava fazer e deixando-me levar.

Na Divisão de Investigação Criminal insistiram para que eu fosse diariamente a uma sessão com um terapeuta especializado na reabilitação da fala. Não podia regressar até voltar a falar, mas eu também não sabia se o desejava. Nem voltar a perseguir criminosos, nem voltar a falar.

A verdade é que tinha ficado sem desejos.

Não queria nada. Só queria, por uma vez, deixar-me levar.

Chegou o outono e entretive-me a apanhar amoras e abrunhos nas parcelas de terreno por onde os tratores não tinham passado com os seus herbicidas.

Fiz tanto doce de amora e tanto pacharán²⁰ caseiro, que até pensei em reorientar a minha vida profissional e transformar-me num fabricante e distribuidor de produtos locais para lojas gourmet. Germán, ansioso por que eu deixasse de lado as pistolas e as inspeções a locais do crime, ajudou-me a delinear um plano de negócios bastante otimista.

Foi numa segunda-feira de outubro que subi a San Tirso. Costumava fazê-lo todas as semanas: sentava-me com as costas apoiadas na rocha, dormitava um pouco e numa ou outra noite, apesar da esperada geada matinal, até fiquei lá a dormir.

Daquela cordilheira de montanhas podiam ver-se três províncias: olhando para norte, aos meus pés, destacavam-se Navarrete, Villafría, Villaverde, Bernedo, Urturi e o Parque Natural de Izki. Se me virasse para leste, podia ver terras de Navarra. Se me virasse para o sul, via-se a Rioja Alavesa e algumas das suas grandes vilas, como Elciego, Cripán, Yécora e Laguardia.

Laguardia, apenas a doze quilómetros em linha reta de Villaverde. Como me parecia próxima e distante naquela altura.

No meu paraíso no meio das montanhas estava-se muito bem, não queria voltar à realidade. Não queria que a minha vida avançasse em nenhuma direção.

Foi a chamada de Saioa, a neta do velho dono da pensão de Pamplona, que me lembrou de que me faltava cumprir uma promessa, e senti-me mal por isso. Senti-me pessimamente. Tinha dado a mão àquele homem e esquecera-me dele. O homem que me dera a chave para a resolução do caso.

Não tinha por hábito aceitar chamadas, não fazia sentido ficar mudo do outro lado da linha, sem poder responder, mas quando vi o seu nome no ecrã, premi o botão verde por hábito, sem me lembrar que dos meus lábios não ia sair qualquer som.

Levantei-me e afastei-me um pouco da rocha de San Tirso, olhando para a floresta de faias aos meus pés.

– Inspetor Ayala, sou a Saioa, espero que se lembre de mim.

Emiti um grunhido bastante débil como resposta, mas ela não desistiu e continuou a falar.

– Estou a ligar para dizer que o meu avô ficou a saber do que se passou com o Nancho Lopidana e o Mario Santos. Leu na imprensa, e para ele foi um enorme peso que lhe saiu de cima. O meu avô morreu ontem, mas antes pediu-me que lhe agradecesse por ter acreditado no que ele lhe contou. Bem, eu... já sei que ficou mudo devido às sequelas do disparo, por isso não o quero incomodar. Muito obrigada por me ouvir – disse e desligou.

Às vezes basta simplesmente parar e ouvir. Muitas pessoas à volta das circunstâncias de um crime têm muito para nos contar e nós, os investigadores, não lhes damos importância, acreditando que somos os especialistas, mas não os conhecemos, não conhecemos nem os agressores nem as vítimas, mas quem está próximo deles, sim.

“Às vezes é preciso apenas ouvir”, pensei.

“Talvez ela não se importe que eu agora seja mudo, talvez tenha apenas de ouvir.”

E liguei-lhe, penso que foi num dia de vento sul, hego haizea, o vento dos loucos, porque num dia normal eu não lhe teria ligado. Que sentido tinha, se eu não podia falar?

Marquei o número de Alba, sem deixar de olhar para o lado sul da montanha.

– Unai, és tu? – respondeu, um pouco abalada. – Podes falar?

Não abri a boca, nem sequer tentei. Em parte por vergonha, em parte por causa da impressão que me fez ouvir a sua voz passado tanto tempo.

– Unai?

Desliguei e passei para o WhatsApp antes que o meu silêncio a incomodasse. Lia as suas palavras, mas quase que conseguia ouvir a sua voz. Como se

estivesse ali à minha frente.

– Alba, é melhor falarmos por esta via. Quero ver-te, está bem? – Escrevi.

– Talvez não seja boa ideia. – Escreveu ela. – Ainda temos demasiadas coisas pendentes.

– Precisamente.

– Este é um meio tão bom ou tão mau como qualquer outro. Começa tu – respondeu.

– Como queiras. Ainda estou chateado contigo, Alba. Tinhas quarenta anos e escondeste-me isso, quando discutimos por causa do meu aniversário na Passagem do Duende... era ali que me devias ter dito que tu também tinhas quarenta anos, e que estavas na lista dos condenados tanto como eu.

– Sempre tratei da minha própria segurança. Como vês, consegui livrar-me das abelhas.

– Não é essa a questão, a questão é que não confiaste em mim. Nunca tivemos a confiança que deve existir num casal. – Escrevi.

– Porque nunca fomos isso. Eu era casada, Unai.

– Mas agora és viúva, como eu.

– Sabes que a mãe dele se chamava Blanca? Que irónico, não é verdade?

– Mais uma razão para não voltares a fingir que és outra pessoa. Agora já sabes como é conviver com uma dupla identidade.

Talvez tenha sido demasiado duro, mas estava com demasiada raiva dentro de mim, daquela raiva tóxica que inflama as entranhas.

– Ele pintava o cabelo. O Mario pintava o cabelo de preto e eu, que sou polícia, vivia com ele e não o vi. Dizes que um psicopata não tem sentimentos, que pode fingi-los. Ia ter um filho com ele. Estive casada com alguém que era incapaz de ter sentimentos e que os fingia.

– Eu não sou como ele. Sou o que vês. Eu sinto, talvez demasiado, e neste exato momento tenho os sentimentos em carne viva.

Mas Alba não estava a manter uma conversa comigo, tratava-se de um monólogo, uma confissão, um desabafo.

– Estudava os meus apontamentos à noite, toda a documentação que eu levava para casa durante a minha formação, e as minhas promoções no trabalho. Ele estudava-a, conhecia os nossos procedimentos, embebia cada conversa de trabalho. Os meus dias maus, quando desabafava, eram uma mina de informação para ele. Convenceu-me a pedir transferência para Vitoria simplesmente porque o Tasio ia sair da prisão e ele ia pôr em prática a segunda parte da sua vingança. Renunciei à minha vida, à minha família e aos meus amigos, fui-me embora da minha terra, simplesmente porque um assassino queria retomar os seus crimes. Tudo o que vivi nestes últimos anos foi uma mentira.

Li o longo parágrafo no ecrã do telemóvel e estive a ponto de o atirar pela serra abaixo.

– Nem tudo. Não admito que digas isso. O que aconteceu entre nós foi real. Continua a ser real.

– Ouve-nos, Unai. Ouve como soamos. Ainda estamos demasiado afetados por tudo isto. Agora tenho de organizar as ideias, percebes?

– Não, mas aceito.

– Não compreendes?

– Eu vi-te morta.

– E eu vi-te morrer, vi o meu marido a disparar sobre ti.

– Não sofremos já o suficiente, Alba? De que mais precisas?

– De tempo.

– Agora não há marido, não há nada. Eu estive morto, vejo as coisas de maneira diferente. Estou cansado de esperar que as circunstâncias sejam perfeitas, nunca são. Só mais uma coisa: não desistas da tua carreira profissional por causa do que aconteceu. Não lhe dêes esse presente. Nem desistas por minha causa, para não nos vermos. Se queres continuar a tua vida sem mim, segue em frente, mas podemos trabalhar no mesmo sítio sem nos magoarmos. Acostumar-nos-emos.

Que truque sujo para a ter por perto de novo.

– Agora preciso de tempo. – Escreveu, e temi que entrasse em loop e voltássemos sempre ao mesmo.

– Vais voltar a trabalhar em Vitoria? – perguntei-lhe.

– Ainda não sei.

– Posso ir visitar-te a Laguardia? – insisti. – Estou cá em cima em San Tirso, consigo ver a tua terra daqui. Se tivesse a capacidade de visão da águia que neste momento está a sobrevoar por cima da minha cabeça, agora mesmo estaria a verte.

– E tu, podes voltar a falar?

– Cuidado – travei-a. – Estás a tocar em material sensível.

– Não me respondeste.

– Porque perguntas isso? – Escrevi, irritado.

– Pergunto porque ainda estamos a recuperar. Tenho de me curar sozinha, e tu tens de te curar sozinho. Não quero ser um desses casais que estão juntos porque precisam um do outro. Se decidir estar contigo, será quando estiveres inteiro, curado, quando te tiveres ultrapassado a ti mesmo. Não quero que precisas de mim, nem quero precisar que me consoles. Nós os dois somos fortes, vamos sobreviver a isto.

Decidi jogar a última cartada.

– Combinado, quando estiver totalmente restabelecido, irei procurar-te.

Mas a dura verdade é que não podia. O outono continuou o seu curso. Colhi avelãs e tornei-me um virtuoso na técnica de fazer uma cobertura de açúcar para elas. Esperei, ansioso, pela chegada das castanhas, para as poder assar ao lume juntamente com o avô e Germán.

Mas o meu cérebro... tinha medo de o forçar. Via-o como algo frágil, estava sempre a reparar na ferida provocada pela bala, odiava ver-me ao espelho e deixei o cabelo crescer mais um pouco para disfarçar a cicatriz e não ser uma atração do circo.

Que irónico que tenham sido eles, os gémeos Ortiz de Zárate, quem se encarregou de remediar aquela situação.

[20](#). Licor típico do País Basco. (N. da T.)

A cidade de Kraken

Quinta-feira, 10 de novembro

Naquela tarde não chovia. Há uma semana que chovia sem parar, apesar de eu não me importar muito. A chuva não me incomodava, era apenas água limpa a molhar-me a roupa. Mas aproveitei a pausa para descer e ir trabalhar na horta, perto da enorme pereira.

– Veio uma pessoa ver-te – disse a voz do avô atrás de mim.

– Quem? – perguntei-lhe com a cabeça.

Com o meu avô não precisava de escrever. Tínhamos desenvolvido uma linguagem única entre neto e avô à base de cenhos franzidos e abanares de cabeça que apenas nós compreendíamos, e funcionava perfeitamente.

– Um dos dois lobos. Com o carro da sua mãe, ainda por cima – acrescentou.

– Não quero ver ninguém. – Abanei a cabeça.

– Isso sabe Álava inteira. Diz que não se vai embora. Vou buscar a espingarda?

Encolhi os ombros. Tanto me fazia, não podia dissuadi-lo.

De modo que o segui até casa e subi as escadas contrariado. Ele esperava na cozinha velha, a aquecer as mãos junto ao lume.

Podes ver o que três meses fora de combate curam, escrevi no tablet, em modo de cumprimento.

O Tasio que tinha à minha frente era idêntico ao Ignacio dos últimos tempos. Ganhara peso, tinha arranjado os dentes, vestia uma camisa azul que lhe dava um ar fresco e um fato da Barbour que custava o meu salário anual. Era de novo um homem atraente, se bem que não deve ter impressionado muito o meu avô, pois ouvi-o a carregar a espingarda com os cartuchos, caso fosse preciso.

– Calma, avô – disse-lhe com a cabeça.

– Conseguimos, Kraken. Caçámo-lo – disse-me, com uma voz vitoriosa.

Era outro, Tasio era outro. O riso limpo, os gestos abertos, o olhar em frente. Já não metia medo. Na verdade, se fosse mulher, a única coisa em que estaria a pensar naquele momento seria em ir para a cama com ele. Várias vezes, de preferência.

Nunca foste politoxicómano. Era apenas um camaleão, um disfarce brilhante, escrevi.

Tasio ignorou o meu comentário, como se tivesse realmente deixado para trás vinte anos na prisão.

– Vou para Los Angeles, preciso de me distanciar de tudo isto. Os tipos da HXO pediram-me um novo guião. Estamos a ver a possibilidade de ficcionar tudo o que aconteceu em Vitoria. Desde o início. O meu advogado, Garrido-Stoker, vai entrar em contacto contigo por causa da adaptação da tua personagem. Não te preocupes, Kraken. Não vou tomar liberdades criativas. Vou simplesmente contar o que aconteceu.

Como lhe vais chamar?

– O silêncio da cidade branca.

Como encaras o facto de ter sido o vosso trigémeo o culpado?, perguntei.

– Nós estragámos-lhe a vida, ele estragou a nossa. É justo. Estamos em paz. Para o Ignacio é pior, sente-se culpado pelo que lhe fizemos.

Vai ser bom para ti afastares-te, escrevi, e mostrei-lhe o ecrã.

– Sim, em Vitoria as pessoas tratam-me de uma maneira muito estranha. Os jovens pedem-me autógrafos, mas as mães deles dão-lhes um raspanete e levam-nos antes de eu acabar de assinar. É um pouco bizarro. Ainda têm medo de mim. Uma geração inteira de alaveses cresceu a pensar que eu sou o Estripador.

Não te dás por vencido, pois não?

– A que te referes?

A fazer as pazes com Vitoria, a continuar a cortejá-la até que te ligue de novo.

– Tudo voltará a ser como dantes, voltarei a percorrer a rua Dato e as pessoas cumprimentar-me-ão com um sorriso...

Assenti com a cabeça, para responder alguma coisa.

Queria o trono de novo. Foi essa a sua motivação, sempre. Recuperar o trono.

– Mas ainda tenho um longo caminho pela frente, e quanto mais cedo começar, mais depressa acabará o exílio. Vim despedir-me, Kraken.

E o teu gémeo?

– Vem comigo, claro. Termos estado separados durante vinte anos e cinco meses foi completamente contranatura. Não é algo que vá voltar a acontecer.

Claro? Resolveram as vossas diferenças?

– Diferenças? É o meu gémeo. Não há nada para resolver. Veio comigo, está a dar uma volta pela povoação. Queres que lhe ligue?

Não há problema, acedi.

Dois minutos depois, Ignacio apareceu à porta da cozinha.

– Já éramos poucos, querem ver? – pareceu-me ouvir o avô dizer o meu lado, sem deixar de empunhar a espingarda.

Ignacio abraçou-me efusivamente, todo ele era de novo puro charme e sorrisos. A verdade é que juntos eram encantadores, uma pessoa não conseguia deixar de olhar para eles.

Caramba, são iguais, escrevi.

Riram-se em uníssono, como uma hidra de duas cabeças, divertindo-se com o seu jogo de espelhos.

Foi então que me apercebi. Não sei porquê, talvez o especialista em perfis que havia no meu cérebro não tivesse o interruptor apagado.

Tentaram enganar-me. Tu és o Ignacio, e tu, maldito, és o Tasio, escrevi.

Olharam um para o outro, contrariados.

– És o primeiro que... – começou Ignacio.

– ... que se apercebe desde que saímos. Temos de praticar mais. Muito bem, Kraken – terminou Tasio.

– É verdade, trazemos-te um convite da Câmara Municipal de Vitoria... – acrescentou Ignacio.

– ... e não sei quantas associações mais, entre elas a Brigada da Brocha do velho MatuSalem – concluiu Tasio, piscando-me o olho.

Não quero atos oficiais, abanei a cabeça, enquanto escrevia.

– Conta-nos alguma coisa nova. Vá lá, deixa que as pessoas te admirem um pouco. A cidade viveu em estado de puro terror durante vinte anos... – disse Ignacio.

– ... agora precisa de uma festa para que as pessoas possam exteriorizar o medo que já passou e assumir que tudo terminou. Fá-lo pelos teus vizinhos, precisam de celebrar o facto de estares vivo – concluiu Tasio.

Compareci à cerimónia muito pouco convencido. Sentia-me desconfortável a apertar a mão a tantas pessoas, mas sem poder responder-lhes ou conversar normalmente. O meu avô tinha-me persuadido com métodos ligeiramente menos expeditos do que a sua espingarda. Fui à festa com Germán, Esti e o próprio avô. Sentimo-nos os três um pouco intimidados quando os altos cargos da cidade nos rodearam com a sua afabilidade institucional na praça da Virgen Blanca e nos fizeram caminhar ao longo da Correría, a rua dos grémios mesmo por trás da minha casa.

Soube que tínhamos chegado ao nosso destino no cantão da Soledad, uma encosta que há poucos meses, noutra vida, costumava subir de madrugada quando ainda ia correr na esperança de me encontrar com... que importância é que isso tinha? Que importância é que isso tinha para mim, agora?

Havia muita gente concentrada à volta do cantão. Vizinhos, os meus amigos, a imprensa, desconhecidos e desconhecidas que me cumprimentavam como se me conhecessem. Eu respondia com um sorriso, embora aquilo fosse demasiado para mim. A gravata que Germán me tinha comprado apertava-me demasiado e eu não me sentia seguro com o meu cabelo. Talvez se visse demasiado a minha cicatriz.

– Dá a volta, Unai – disse-me Estíbaliz. – Os cidadãos de Vitoria quiseram render-te uma homenagem.

Foi então que me virei e vi que a fachada do velho edifício estava pintada. Não conhecia aquele mural.

– Deram-lhe o nome de A cidade de Kraken.

E tinham realmente desenhado um imenso Kraken que abarcava tudo com os seus tentáculos: o dólmén de Chabola de la Hechicera, o local arqueológico celta de La Hoya, o Vale Salgado de Añana, a Muralha Medieval, a Catedral Velha, a Casa do Cordón, a praça da Virgen Blanca, o Caminhante...

Também tinham escrito algumas palavras, a última estrofe da música Abrazado a la tristeza:

Dá-me pena que se admire o valor da batalha.

Ainda bem que com as espingardas não se matam as palavras.

Voltei-me, completamente arrepiado e demasiado emocionado para suportar tantas pessoas pendentes da minha reação, e foi então que a vi.

Vi-a.

Entre o público.

A trança preta de Alba.

Olhou para mim com aquela intensidade tão sua, respondendo às perguntas que eu lhe fiz com o olhar. Tinha vindo, tinha cumprido a sua parte.

“Ainda bem que com as espingardas não se matam as palavras”, repeti para mim próprio.

Naquele dia decidi que chegara o momento de voltar a falar.

AGRADECIMENTOS

Steve Jobs dizia, no seu famoso discurso em Stanford, que às vezes olhamos para trás e vemos claramente que se podem unir os pontos que nos levaram até ao presente.

Eu quis unir os pontos que moldaram a minha vida ao longo destas quatro décadas e aplicar-lhes aquilo que tenho de mais valioso: a minha imaginação.

Izarra foi o sítio para onde a minha mãe foi dar aulas no início dos anos setenta, e a creche onde andei ficava numa casa típica; é de lá que tenho as primeiras memórias da minha vida, penso que com quatro anos.

A rua General Álava, onde exerci o meu primeiro trabalho como optometrista, com apenas vinte e um anos acabados de fazer, e um diploma universitário ainda por emoldurar.

As tortilhas do Naroki, o doce de leite merengado da Casa Quico e os cones de batatas fritas da Amairu fazem parte do acervo culinário e sentimental de que milhares de vitorianos de várias gerações ainda hoje têm saudades.

As luzes de Ochate, a enigmática ermida de San Vicentejo, o povoado celtibero de La Hoya... os cenários que visitei milhares de vezes, e que continuarei a fazer, tocando nas pedras, sentando-me e imaginando como viveram os meus tetravós na Idade Média, no ano zero, no primeiro milénio antes de Cristo, um exercício que me transformou em escritora.

Villaverde, com a minha tia-avó centenária, a pedra de San Tirso, as noites a observar as Perseidas deitada no caminho das Três Cruzes, a cruz de Gorbea a mover-se com a praga de joaninhas, o meu avô Amancio, escondido na personagem do senhor Tiburcio... muito do que vivi está nestas páginas.

Curiosamente, e apesar de a história não ter nada a ver com a minha vida, este foi até agora o meu romance mais autobiográfico. De qualquer forma, é preciso dizer que os nomes de algumas famílias, das lojas e dos meios de comunicação foram alterados. Tudo o que aqui se conta é ficção.

O meu agradecimento à Câmara Municipal de Vitoria-Gasteiz e ao pessoal do seu Posto de Turismo. Graças a eles e às visitas guiadas que oferecem, tive acesso a todos os locais históricos retratados no livro. Também estou muito agradecida pelo apoio da Fundação da Catedral Santa Maria e aos arqueólogos do Município do Condado de Treviño, por me decifrarem todos os mistérios dos relevos da ermida de San Vicentejo.

Aos professores que me formaram em Perfil Criminal e no nível Avançado de Técnico Policial e Inspeção Ocular. Foi muito duro ter de estudar casos reais, e reconheço que mais do que uma vez pus a hipótese de mudar o género do livro que estava a escrever. Apesar de preferirem que os seus nomes não apareçam por questões de confidencialidade, estou igualmente muito grata pela paciência e profissionalismo que mostraram sempre na resolução das minhas dúvidas no terreno forense e de criminologia.

À minha mãe, Marisol Sáenz de Urturi Ozaeta, e aos meus irmãos, Nuria e Raúl, por terem contribuído durante todo este tempo para me aliviarem de toda a carga da documentação que o livro requereu.

A todos os vizinhos de Villaverde e da Montanha Alavesa, por todo o apoio que me deram desde que iniciei a minha carreira literária: César, David, Garbiñe, Araceli, Óscar, Montse, Laura, Idoia... Vivemos uma infância mágica no nosso Macondo alavés, oxalá Villaverde continue a ser também um refúgio para os nossos filhos.

Este livro é uma homenagem ao meu avô, Rufino Sáenz de Urturi López. Emprestei a Unai López de Ayala a presença de espírito e o legado do senso comum de um homem calmo, sábio e único.

O meu agradecimento também ao colégio San Viator del 72, por aquele reencontro inesquecível no 25º aniversário, que me manteve motivada durante a dura tarefa que é terminar um romance. Por aquele Lau Teilatu que cantámos todos, emocionados, como se ainda tivéssemos quinze anos e o mundo todo pela frente. Estou convencida de que o mundo ainda é nosso e temos muito a dar.

Em especial, a Iraide Ibarretxe, Irune Sáez de Vicuña, Amaia Larrañaga, Mikel Landa, Iñigo Areta, Patricia Uh, Óscar Puellas, Patricia Martínez de Yuso, Lidia Ortueta, Ainhoa Larreina...

Para Fran, por ser marido, parceiro, cúmplice e o meu porto de abrigo. Mas o mais importante: por continuar a ser o meu melhor amigo ao fim de tanto tempo e de tanto caminho percorrido.

Aos meus filhos, Dani e Adrián, por me darem os melhores anos da minha vida.

A Emili Albi e a Raquel Gisbert. Por lutarem por mim e por este livro, nunca vos poderei agradecer o suficiente pelo que estão a fazer por mim.

Aos meus leitores, aos blogues, aos jornalistas de rádio, televisão e imprensa – em especial a Martín Sanz, tão bom profissional como amigo –, que me têm apoiado em cada lançamento, a todos os meus seguidores nas redes sociais e àqueles que aparecem nas sessões de autógrafos e nas feiras à procura de alguns minutos de conversa. Mudaram-me a vida, e isso é algo que devo a todos e a cada um de vós.

E por último, ao meu pai, Evelio García Castaños, porque enquanto eu continuar a escrever romances, ele nunca terá partido de todo. Ficou o seu legado, aquilo que é mais valioso para mim: o amor pela literatura que me incutiu.

Eva G. Sáenz de Urturi

O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA

O THRILLER REVELAÇÃO

— 300 mil exemplares vendidos —



Table of Contents

PRÓLOGO

1 - A Catedral Velha

2 - Os Arquillos

3 - Zaballa

4 - O Palácio de Villa Suso

5 - A Casa do Cordón

6 - Rua Dato, 2

7 - Villaverde

8 - O Matxete

9 - Armentia

10 - Pela Senda

11 - Santo António

12 - O Anel Verde

13 - A Clínica Vitoria

14 - San Vincentejo

15 - A Estrada dos Pinheiros

16 - O Anjo de Santa Isabel

17 - O Monte da Tortilla

18 - A Estátua da Rua Dato

19 - Txagorritxu

20 - O Mural do Campillo

21 - General Álava, 2

22 - O Parque Natural de Gorbea

23 - A Procissão dos Faroles

24 - O Rosário da Aurora

25 - As Arcadas de San Miguel

26 - O Passeio de Miraconcha

27 - As Torres de Honduras

28 - Zugarramurdi

29 - O Palácio dos Unzueta

30 - A Casa das Jaquecas

31 - A Torre de Doña Otxanda

32 - Izarra

33 - O Caminhante

34 - O Parque do Prado

[35 - A Cruz de Gorbea](#)
[36 - Salburua](#)
[37 - A Passagem do Duende](#)
[38 - O Caminho das Três Cruzes](#)
[39 - O Teixo de Doña Lola](#)
[40 - Rua Dato, 1](#)
[41 - O Porto de Aiurdin](#)
[42 - Murguía](#)
[43 - O Monumento à Batalha de Vitoria](#)
[44 - Academia Hemingway](#)
[45 - O Parque de Arriaga](#)
[46 - O Centro Antigo](#)
[47 - Treviño](#)
[48 - Ochate](#)
[49 - Santiago](#)
[50 - Laguardia](#)
[51 - San Tirso](#)
[52 - A cidade de Kraken](#)
[Agradecimentos](#)